Casa
Gab. R
Est.
Tab. 13
N.° 8

R
13
8

CAMPAÑA ESPIRITVAL

Este liuro he do Conu.to de S. M.a de Portalegre

Casa
Gab. R
Est.
Tab. 13
N.° 8

R
13
8

CAMPAÑA ESPIRITVAL

ORDENADA

CON PLVMAS DE SANTOS, Y DE interpretes Sagrados para conquistar el Alma.

DISPVESTA

DESDE EL PRIMER DOMINGO DE Aduiento hasta la Quinquagesima.

POR

EL P. FR. BERNARDO DE PAREDES
Predicador del Conuento de nuestra Señora del Carmen de antigua Obseruancia de Madrid.

Da livr.ª do Colleg.º de S. Ritta dos Ag.ºs Des.ºs de Coimbra

LIVRARIA DA UNIVERSIDADE

Com todas as licenças necessarias.

EM COIMBRA

Na Officina de MANOEL DIAS Impressor da Vniuersidade: anno 1655.

ESPERIANA.

ORDENADA

CON PLANAS DE SANTOS, Y DE

DISPUESTA

DESDE EL PRIMER DOMINGO DE

CUARESMA

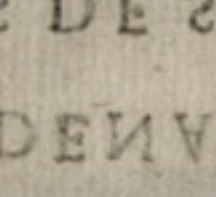
POR

EL P. FR. BERNARDO DE PAREDES

Predicador del Convento de nuestra Señora

del Carmen de nuestra Observ-

ancia de Madrid.



EN COIMBRA

Con todas las licencias necessarias.

En la Officina de MANOEL DIAS Impressor

de Vniuersidade: anno 1655.

O Padre M. Fr. Manoel *da* Visitação, qualificador do Santo Officio, veja o liuro de que o suplicante faz menção, & informe com seu parecér. Lisboa 16. de Setembro de 1653.

Pedro da Sylua de Faria. *Francisco Cardozo de*
Pantaleão Rodrigues *Torneo.*
Pacheco. *Frey Pedro de Magalhães.*

POr mandado do Conselho Geral do Santo Officio vi este liuro intitulado Campaña Espiritual *ordenada por o Padre* Frey Bernardo de Paredes, *& não tem cousa que offenda à pureza de nossa Santa Fee, ou bons custumes. Lisboa em São Francisco da Cidade, a 24. de Setembro de* 1653.

Fr. Manoel da Visitação.
Lente de Prima.

O Padre Mestre Frey Agostinho de Cordes, qualificador do Santo Officio, veja o liuro de que atras se faz menção, & informe com seu parecer. Lisboa 25. de Setembro 1653.

Pedro da Sylua de Faria. *Francisco Cardozo de*
Pantaleão Rodrigues *Torneo.*
Pacheco *Frey Pedro de Magalhães.*

VI *este liuro impresso, intitulado* Campaña Espiritual, *de que he autor o Padre* Frey Bernardo de Paredes. *Não tem cousa contra nossa Santa Fee, ou bons costumes. Em São Domingos de Lisboa 7. de Outubro de* 1653.

Fr. Agostinho de Cordes.

VIstas as informaçoẽs podese imprimir o liuro que tem por titulo *Campaña Espiritual* autor *Fr. Bernardo de Paredes*, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa 7. d' Outubro de 1653.

Pedro da Sylua de Fariz. *Francisco Cardozo de Pantaleão Rodrigues Pacheco.* *Torneo.* *Frey Pedro de Magalhaẽs.*

Podese imprimir. Lisboa 8. de Outubro 1653.

Cabral.

Licenças do Paço.

MAnda elRey noſſo ſenhor que o Doutor Frey Franciſco Brandão, ſeu Chroniſta mór veja eſte papel do liuro Campaña Eſpiritual, & informe com ſeu parecer. Lisboa 16. de Outubro de 1653.

D.P.P. *Andrade.* *Cazado.*

POr mandado de voſſa M. vi eſte liuro intitulado, Campanha Eſpiritual; & alem de ſer pella erudição de ſeu autor digno de ſer bem viſto, baſtaua pera voſſa Mageſtade dar ſeu beneplacito, vir padrinhado do Illuſtriſsimo Biſpo de Coſſerans miniſtro del Rey Chriſtianiſsimo em Cataluna, aquem foi dirigido: para que voſſa Mageſtade com toda a franqueſa o faça diuulgar neſte ſeu Reyno. Em noſſa Senhora do Deſterro 18. de Outubro de 1653.

O Doutor Frey Franciſco Brandão.
Chroniſta mór.

QVe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do ordinario, & Santo Officio, & não poderà correr ſem tornar a meza pera ſe taxar. Lisboa 20. de Outubro 653.

D.P.P. *Pacheco.*

Taxão eſte liuro em *reis em papel. Lisboa 24. de Julho de 1655:*

D.P.P. Pacheco.

Aprouo a Chronica do Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão.

O Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão, Chronista mor
que foy da Ordem de Christo, & natural destes Reynos
de Portugal, & Algarues, me enuiou hum liuro
com titulo de Quinto Quinto Emperador, & nelle
me pedio, & encommendou o reuisse, & aprouasse
para se imprimir, & conforme ao que Sua Alteza
manda, que nenhum liuro se imprima sem ser
visto, & aprouado por pessoa de letras, & consciencia,
& que não contenha cousa alguma contra a Fé,
& bons costumes, & que nisso se guarde a ordem
que se tem tomado, & mais particularmente
o Aluara de 31. de Março de 1624. Li o liuro
que o Autor compoz, & nelle não achei cousa
alguma contra a Fé, & bons costumes, antes
muito conforme a doutrina da Igreja Catholica,
& Romana. Em muita estimação tenho o Dezeyo
de dar noticia aos homens de tudo o que pode
seruir para a illustração da Historia, & Chronica
destes Reynos, & assi me parece que este liuro
merece ser impresso, & que se lhe deue dar a
licença que pede. Lisboa 12. de Outubro de 1623.

D. P. P. Pacheco.

Aprouo a Chronica do Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão.

O Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão, Chronista mor
que foy da Ordem de Christo, & natural destes Reynos
de Portugal, & Algarues, me enuiou hum liuro
com titulo de Quinto Quinto Emperador, & nelle
me pedio, & encommendou o reuisse, & aprouasse
para se imprimir, & conforme ao que Sua Alteza
manda, que nenhum liuro se imprima sem ser
visto, & aprouado por pessoa de letras, & consciencia,
& que não contenha cousa alguma contra a Fé,
& bons costumes, & que nisso se guarde a ordem
que se tem tomado, & mais particularmente
o Aluara de 31. de Março de 1624. Li o liuro
que o Autor compoz, & nelle não achei cousa
alguma contra a Fé, & bons costumes, antes
muito conforme a doutrina da Igreja Catholica,
& Romana. Em muita estimação tenho o Dezeyo
de dar noticia aos homens de tudo o que pode
seruir para a illustração da Historia, & Chronica
destes Reynos, & assi me parece que este liuro
merece ser impresso, & que se lhe deue dar a
licença que pede. Lisboa 12. de Outubro de 1623.

D. P. P. Pacheco.

Aprouo a Chronica do Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão.

O Doutor Fr.ᵉ Francisco Brandão, Chronista mor
que foy da Ordem de Christo, & natural destes Reynos
de Portugal, & Algarues, me enuiou hum liuro
com titulo de Quinto Quinto Emperador, & nelle
me pedio, & encommendou o reuisse, & aprouasse
para se imprimir, & conforme ao que Sua Alteza
manda, que nenhum liuro se imprima sem ser
visto, & aprouado por pessoa de letras, & consciencia,
& que não contenha cousa alguma contra a Fé,
& bons costumes, & que nisso se guarde a ordem
que se tem tomado, & mais particularmente
o Aluara de 31. de Março de 1624. Li o liuro
que o Autor compoz, & nelle não achei cousa
alguma contra a Fé, & bons costumes, antes
muito conforme a doutrina da Igreja Catholica,
& Romana. Em muita estimação tenho o Dezeyo
de dar noticia aos homens de tudo o que pode
seruir para a illustração da Historia, & Chronica
destes Reynos, & assi me parece que este liuro
merece ser impresso, & que se lhe deue dar a
licença que pede. Lisboa 12. de Outubro de 1623.

D. P. P. Pacheco.

ESTan los ingenios tan melindrosos, que intentar lisongearlos, es conocido riesgo. Temeridad parece cortar la pluma en siglos, donde por ajustados que tenga los puntos, no ha de faltar quien les quite vn pelo. Pero si el ingenio no se resuelue à conquistar con sus desuelos almas, quando el campo de la Militante Iglesia està tan bien pertrechado de plumas, que con vineza la enseñan, y de ingenios que con destreza la alumbran, quando se ha de conocer su caudal? Teman los passados siglos, quando este campo estaua esteril, que viendole tan fecundo, no atreuerle à ponerle vna flor, es cobardia. Esta es la primera que mi cuidado le pone, a quien intitula *Campaña Espiritual*; porque la Iglesia Militante no tiene otra mira que disponer exercitos contra vicios, y poner en puestos a quien sepa gouernar su espiritual milicia para que combatiendo almas con tiros de Euangelica dotrina, remita a la Triunfante Iglesia soldados vitoriosos, que auiendo sido exortados con doctrina sagrada, combatieron valientes, para que gozen allà el lauro de la victoria, y el triunfo de la conquista. Mi animo ha sido seruir à Dios, y dar a los Euangelicos Predicadores, que son los que gouiernan las armas deste campo, alguna luz sacada de los faroles de los Santos, y de los sagrados Interpretes, dispuesta con la cortedad de mi talento, para que se hallen mas faciles en las conquistas. Si este modo de escriuir te agradare, me hallaràs en otras ocasiones, sino mas tuyo, mas abundoso; sino, bastaràme por premio auer gastado el tiempo bien, y con deseos de hazer algun seruicio a Dios.

CAMPAÑA ESPIRITVAL,

ORDENADA CON PLVMAS DE SANTOS, Y DE *Interpretes Sagrados para conquistar el alma.*

CONQVISTA PRIMERA.

Para el Domingo primero de Aduiento.

Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellis. Luc.21.v.25.

EXORTACION.

IESVS Hijo de Dios, y Maestro del mundo, enseñaua la ruina de Gerusalen; ciudad, si la mas fauorecida de Dios, la mas ingrata: Suele ser tercero de la ingratitud el fauor. Tomaron los Apostoles motiuo para preguntar el tiempo en que se auia de assolar el mundo: Principe prudente, reserua Christo el conocimiento de lo importante: dioles, empero estas señales. Escurecerase el mas radiante lucero del mundo, desmayados sus rayos, serà profeta de la mas lamentable desdicha: ni la Luna vsarà de sus acostumbrados visages con sus lucimientos, y resplandores: antes resoluiendo el pomposo circulo de sus luces darà indicios de lamentos. Las estrellas dexaràn el ser diamantes de la noche, y el bordar esse pauellon açul de los cielos. O cielos, y que espectaculo! quando lo grande se acaba, y lo magestuoso fenece, que esperança tiene de no acabarse lo comun? Si los exes celestiales,

quando parecia eterna su duracion, se desploman; que esperança puede quedar en casas mouedizas, y de tierra? Hará titubear las Virtudes celestiales la caida de tanto poder, y la diminucion de tanto primor: O lo que despierta la caida de vn poderoso! y como desengaña mas vn poder en la menguante de sus rayos, que en la creciente de sus resplandores. El mar embraueceràsus crugidos; implacable confundirà sus rumbos; defusado multiplicarà sus estruendos. El hombre, admirado en tanta nouedad, romperà el coraçon a suspiros. Estupendo caso; disculpa facil de qualquier temor, ver que falsèa lo mas estable, y que haze oficio de caduco lo mas permanente. Concluido el vniuerso, verà toda la criatura a Dios hombre; toda nacion le verà: O con quanta magestad ha de ser esse espectaculo! Desabrido dia para ambiciosos, pues se hallarán sugetos a tanto poder, sin poder tener esperança de boluer a poder mas. Estos son los proemios del juyzio, dize Christo, no os acobarden, antes os alienten, que ya llega la seguridad de vuestra dicha. No aueis visto en lo mas principiante del Verano al campo vestido de flores, adornando prouida la naturaleza las mas incultos prados, sin perdonar su cuydado lo menos menesteroso? Y tambien, como la florecilla mas hermosa, en el mayor aliento de su belleza, es tan poco permanente, que quanto mas crece, tanto mas pronostica su ruina? Pues assi mesmo, quando vieredes estas señales, que os he propuesto, tened por cierto que son presagios claros de la fatal ruina del Orbe. Concluye Christo su platica assegurando la verdad de su doctrina, y nosotros concluyamos con lo literal del Euangelio: y para llegar a lo misterioso, digamos Aue Maria.

COMBATE I.

Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellis, *vers.* 25.

Mas pueden penas temidas, que glorias esperadas, para reducir almas.

Num. 1. MAramillosos son los encuentros de este dia, y casi imposible su satisficion. A Dios tenemos juez, quando le esperamos nacido. El nombre de Aduiento alegra, con la esperança de ver a Dios hecho Hombre: El de Juez, aflige por lo estrecho de la cuenta, y lo riguroso del dia: No ay coraçon que se alegre a vista de vn Dios Juez, ni que se aflija en la esperança de verle Hombre: y en esta oposicion de extremos, ni halla materia el gusto, ni la

pena, pues al sentimiento del juizio, se opone el gusto del nacimiento, y al gusto del nacimiento deshaze el sentimiento del juizio: *Musica in luctu importuna narratio*, dixo el Eclesiastico. Alegrias entre sentimientos, desazonan los sentimientos, y no dan lugar a las alegrias: Para que, pues, temores de vn juizio, y esperanças de vn nacimiento? No veis el caso? Dios hazese hombre para reduzir el hombre à si: su nacimiento es todo glorias; los cielos se parten, y deshechos en troços de crystales, le festejan, los Angeles le aclaman, estrellas le anuncian, Reyes le veneran, quanto ay en este nacimiento es glorioso. Assi, que viniendo Dios al mundo para reducir al hombre, es su nacimiento tan glorioso: Pues no sea lo primero, que se le proponga vn Dios que nace, sino vn Dios que juzga: pongasele delante de los ojos las señales de vn juizio, *Erunt signa in Sole, & Luna, & Stellis*, No las de vn nacimiento, porque en el nacimiento es todo gloria; en el juizio todo pena. Y si para reduzir almas a Dios, es poderosa vna gloria esperada en el nacimiento; mas lo es vna pena temida en el juizio: pongase primero vna pena, que se tema; que vna gloria que se espere; que si naciendo Dios pretende reducir almas, mas ha de reducir con el temor de la pena del juizio, que con la esperança de la gloria del nacimiento.

Eccl. 22. 6.

Embia Dios vn Paraninfo à Zachatias, assegurandole la possession de vn hijo. Empieza a turbarse el Sacerdote, y entre temores turbado, oye promessas tantas, que atropellando fauores el Archangel, ni dexa alegria que dezirle, ni felicidad que assegurarle. Siendo mensagero de Dios, no podia menos, que sus fauores son siempre muy cumplidos. Buenas nueuas Zacharias, dize Gabriel, que ya vuestros ruegos han sido admitidos de la Diuina mano, y en perdidas de esperança tendran logro en la possession del mayor hijo, que ha conocido el Orbe. Serà por lo alegre, gozo comun de muchos: por lo de hijo, regozijo de vuestras canas: por lo Santo, tan prestamente perfecto, que entre la gracia, y la naturaleza aurà poca distancia. Por lo Grande, tan superior, que aun en presencia de Dios lo parezca: Y entre tan alegres nueuas estaua tan indeciso el Sacerdote Grande, que dudaua lo mesmo, que oía, y no tenia por cierto lo mesmo que deseaua dudoso: *Vn-*

II.

de hoc sciam? Que señas traeis, Angel Santo, para la seguridad de esso, que tan magnifico prometeis? porque lo decrepito, y senil, no me dexa asseguraren la promessa. Res-
II. pondele: *Ego sum Gabriel: Ecce eris tacens & non poteris loqui* Yo soy Gabriel, tu serás mudo. Teneos soberano Archangel, que no os piden tantas señas: basta dezir que sois Angel glorioso. Señas de gloria a quien no asseguraràn? Si con ellas se asegura Zacharias, para que es anadir otras? Fue traza entendida: Estaua Gabriel empeñado en el buen successo de la embaxada. Llega à darla à Zacharias, y hallòle mas dudoso de lo que pedia la ocasion. Viose cuidadoso el Archangel, porque, o boluia a Dios, o se estaua con el Sacerdote: Si boluia, era con mal despacho; si se estaua, no cumplia con la obligacion. Todo era culpable; que remedio para abreuiarlo, y reducir a Zacharias al credito de la promessa de Dios? Discurrio Gabriel, como vn Angel, hallóse la ocasion en las manos, y quando le pide señas, le propone penas, y glorias: *Ego sum Gabriel: Ecce eris tacens.* Y llegando a la execucion, se quedan en esperança las glorias, y passan a posseision las penas; porque para reducir almas al conocimiento de la verdad, no ay gloria como vna pena. Cayetano dio esta luz: *Petisti signum, ecce signum pœnale.* Penal ha de ser la señal que me pides, no glorioſa. Tanto mas pueden las penas para reducir almas, que las glorias; que lo que no auia hecho vn Archangel glorioso, prometiendo tantas dichas, lo ha de conseguir vna pena sola: Quede mudo, que mas ha de poder vna lengua muda de vn hombre, para reducirle a la verdad, que la de vn Angel todo glorioso. *Caiet in 6. 1. Luc.*

III. No quedò satisfecho Dios en la creacion del Vniuerso, ni le parecio auia hecho algo, hasta que hizo al hombre, imagen viua suya; las demas criaturas fueron ensayo de su poder; esta resto de su Omnipotencia. Desde luego se mostrò con el magnifico; y aunque era poluo, le subio tanto, que casi luego que fue, pudo llamarse Principe del mundo: No es mucho subir assi, que siendo capaz el sujeto, sin censura se le puede dar la mano. Viose Adan, luego que se mirò, Imagen de Dios, hechura de su cuidado, Rey de la tierra, Señor del mar, su imperio tan estendido, que nadie podia combatirle, ni conquistarle, porque a toda

a toda la redondez del Orbe tenia cercada con murallas de obediencia; que son en vn Reino las armas mas fuertes, y las defensas mas seguras. Mirauase con esta Magestad, quando Dios, quiza porque no se desuaneciesse, le pone este precepto, notificandole su ruina en su inobediencia: *In quocumque enim die comederis ex eo, morte morieris.* Gen. 2. 17. No llegueis a comer del arbol de la ciencia, que os costarà la vida si llegais. Moses Barcepha reparò atento en la preuencion que tuuo Dios, pues quando pone precepto à Adan, le amenaza, sino le cumple; y no le premia si le obedece: *Morte morieris*, moriràs, veis aí la pena de la inobediencia, y no hallareis el premio del obedecer: Que es esto Señor, es menos el bien del obedecer, que de la inobediencia el mal? Si ay castigo para vn inobediente, aya para vn obediente premio. Tan presto amenazais à Adan? No le dexareis gozar lo que le aueis dado? Y ya que le amedrentais con el castigo, porque no le alentais con el premio? A penas ha salido de vuestras manos con vida, y ya le proponeis penas de muerte? Para que hizistes al hombre tan lucido, si desde luego auia de viuir peligroso? Vida con ɔoçobras, no tiene tanto de vida, como de prolixa muerte. Nacer para morir, antes es desgracia, que dicha pues quanto tiene de sazonado el viuir, le desabora con el desabrimiento de fenecer. Ya que poneis essa pena (por la culpa de la inobediencia) a la vida, assegurad su perpetuidad en remuneracion del obedecer, para que aliente lo vno, si atemoriza lo otro. Pero no, dize Barcepha, porque la pretension de Dios era reduzir a su obediencia el primer hombre; pues aunque vn alma se reduce a obedecer por la esperança del premio, no sea lo primero que se le proponga la gloria, con que se premia, sino la pena con que se castiga: Moriràs que Dios aunque premia puntual el obedecer, como castiga el pecar; para que no se peque, mas poderosa le parece la pena de vn castigo, con que amenazò, que la gloria de vn premio con que galardona: *Nam, & illud quoque intelligimus, vt pœnam minatus est peccanti Deus, ita, & præmium esse pollicitum obsequenti, quamuis hoc, neque dixerit, neque scripserit Diuus Moses, sed contentus pœnæ meminisse, de præmio tacuerit.* No culpeis la preuencion de Dios, ni os parezca descuido la aduertencia de Moises, en no dezir, q̃ propuso Dios à Adan el premio, como dixo, que le amenaço con el castigo; que siendo sus deseos tenerle siempre por suyo; razon de estado de su sabiduria fue escusar la gloria de lo vno, con-

Mos Barceph. cõment de Paradis. cap. 28.

tento solo con proponer (como medio mas eficaz) la pena de lo otro.

IV. Auiendo gastado Dauid grande rato en las alabanças de Dios, queda con nueuos deseos de alabar. No sè que se tiene este de empezar a gustar de Dios; vemos que satisface menos, quanto se conoce mas, pues el mayor conocimiento de sus grandezas, dà mas ansias de conocer. Conocia, que mucho alabàse: conocer a Dios y no aplaudirle, no puede ser, porque su grandeza, no es possible ser conocida, sin ser juntamente admirada. No cessarè, Señor, de alabaros (canta el Profeta:) Si deseo vida, no es tanto para viuir, quanto para hazerme coronista de vuestras proezas, *viuet anima mea, & laudabit te*: Viuirè, Señor, para aplaudiros: emplearè la vida en alabaros, y porque es contingente en la variedad del viuir, no estar siempre con pureza para alabar, me consuela vna ayuda de costa que tengo para el cumplimiento de mis deseos, que es la contemplacion de vuestros juizios, *iudicia tua adiuuabunt me*: Reparò Agustino en el modo de hablar: *Non dixit munera, vel præmia tua, sed iudicia tua.* No dize Dauid que le ayudarán à no oluidarse de Dios los premios, sino los castigos; no los dones, que dà como Señor, *munera*, sino los castigos que haze como juez, *iudicia tua*. O que estraño discurrir! ver el premio a los ojos, no facilita el empeño mas imposible? las dadiuas no lo allanan todo? Alomenos pareciole a Philipo, Rey de Macedonia, que no auia castillo fuerte, ni muro inexpunable, como pudiesse subir a él vn asnillo cargado de oro: Pues si es tan poderoso el recibir, y facilita tanto los empeños el premiar, como Dauid, para verse con las atenciones en Dios, no dize que le han de ayudar los premios, sino los castigos, no las dadiuas de Señor, sino las amenaças de juez, *iudicia tua adiuuabunt me*. Mucho es el poder que tiene en vna voluntad lo magnifico, y lo que predomina en ella el galardon; pero siendo verdad, que todo le sujeta à ello, es tanto mayor el dominio que tiene sobre la voluntad vn castigo, que puede afligir con penas; que auiendo de escoger Dauid ayuda, para tener el afecto siempre ajustado, por medio mas poderoso escoge las penas que se temen en el juizio, que los gustos que se esperan en el don, *iudicia tua adiuuabunt me*: Tus juizios, Señor, quiero que me ayuden, no tus premios; que si me dan aquellos motiuo para esperar en tu gloria, estos me obligan à temer

Psal. 118 175. Agust. q. 24. in Exodum.

temer siempre tu ira: y para asseguratte en la voluntad, mejor es temerte juez, que contemplarte glorioso; porque ailli es seguridad, lo que suele ser aqui contingencia.

V. Desde oy empieza nuestra Madre la Iglesia à conquistar almas: los capitanes que gouiernan esta conquista, son los Predicadores: las eminencias desde donde han de combatir, los pulpitos: los tiros se han de forjar de lugares de Escritura Sagrada: y la municion, de palabras dichas con espiritu. Los Combates han de ser de doctrina saludable. Este es el intento de la Iglesia Militante, tener Capitanes valerosos, q̃ incessablemente se fatiguen por rendirle almas para q̃ assi crezca el exercito de los fieles. Los primeros Combates con que quiere q̃ se enuista a las almas, son de glorias, y de penas: Estas representadas en el juizio, aquellas en el nacimiento de vn hombre Dios; entrambos son poderosos para combatir: pero el del juizio tiene mas valor; y assi le pone primero, para dezir al Orador Euangelico, Capitan desta Espiritual Milicia, que en esta campaña donde se conquistan almas, si quiere rendirlas, las ha de combatir con memorias de penas, antes que con representaciones de glorias.

COMBATE II.

Erunt signa in Sole, & Luna, & stellis, *vers.* 25.

La misericordia, por despreciada, se ausentò de la tierra, dexando por sustituta suya à la justicia.

VII.

VI. POnderemos de otra suerte estas palabras: *Erunt signa in Sole, & Luna, & stellis.* Señales de juizio nos ponen, antes que de nacimiento, y siendo necessario nacer Christo para venir juez, porque ha de juzgar hombre, no parece viene à proposito; pues primero es ser hombre, que juzgar hombre, ponganle luego antes nacido, que juez. Mas aduertida anda la Iglesia; el nacimiento es todo misericordia; el juizio todo justicia, pues truequense essos dos attributos, y en vez de dezir misericordia, diga primero justicia, juizio; que ya se haze tan poco caso de la misericordia de Dios, que parece viuia como corrida entre los hombres, viendose tan despreciada de los mesmos que la auian menester, y assi se ausenta del mundo, y dexa por sustituta a la justicia. Ya no se haze caso de la misericordia,

antes de ella hazen terceria para la ofensa, y motiuo para la culpa. Viendo á vn Dios sufrido se le atreuen, y le ofenden, fiados en que es misericordioso; no aya pues misericordia en el mundo, ausentese; y pues vsan tan mal della los hõbres, haga la justicia oficio de misericordia.

VII. Haziendo el Euangelico Propheta vna copiosa mencion del Verbo Eterno en humano trage, no dexa parte de sus perfecciones que no pondere; asegurale en todo grande; proponele beneuolo, y entre innumerables perfecciones de que le conoce copioso, dize, que ha de tener dos, con las quales se ha de hazer admirable, que son ser flor, y ser juntamente vara, Isaiæ 11. *Egredietur virga de radice Iesse, & flos de radice eius ascendet.* Serà el Verbo Eterno hecho hombre, pasmo del mundo, assombro del cielo, gloria de justos, castigo de peccadores, y para esto ha de menester ser juntamente flor, y vara, son dos propiedades que ha de tener el Verbo hombre, aduierte Geronimo, que son justicia, y misericordia, esta significada en la hermosura de la flor, aquella en la vara del poder: *Virgam, & florem de radice Iesse, ipsum Dominum interpretantur, quòd scilicet in virga regnantis potentia in flore pulchritudo monstretur.* Padece mucha dificultad esta exposicion. La flor, quanto tiene de hermosa, tiene de caduca, acabase luego que empieza, marchitase en empezando a florecer: como puede ser simbolo de la misericordia vna flor, que con tanta breuedad se acaba? no es tan eterna la misericordia, como la justicia? no tiene vnos mesmos limites su duracion? Pues porque vna flor que con tanta facilidad se marchita, ha de significar vna misericordia que tan eterna permanece? La justicia buen simbolo tiene en la vara, que denota permanencia, mas a la misericordia no parece le viene apropiada la similitud, pues vemos que siendo eterna, se le acaba à la flor en breue su duracion. A justada viene, sin embargo, la patidad. Atendiendo a esta propiedad que refiere de la flor Pedro Bercorio, *Flos ad fructum ordinatur naturaliter.* No hizo la naturaleza a la flor solo para el agrado de la vista, sino tambien para que fructificasse; y assi naturalmente se ordena al fruto, si la flor sigue su inclinacion natural, y sin hazer poco caso de lo que le diõ la naturaleza, antes estimandolo, corresponde puntual, y agradecida, tratando de lleuar el fruto a que se ordena: bien permanente es, no se acaba facil, dilatada es su duracion: pero si desprecia la vir-

Pet. Bercho. in Reducto. Moral. l. 12. c. 68. n. 3.

Vero sup hunc lo cum.

virtud que le dieron, y no corresponde con lleuar el fruto a que fue ordenada, luego se marchita, y dexa a la vara sola. O misterio! Misericordia es la flor, y la justicia es la vara, flor es la misericordia, y con tanta propiedad, que naturalmente se inclina al fruto de la compasion, pero los hombres mal mirados, hazen ya tan poco caso de esta flor, que se marchitò la flor y quedò la vara.

VIII. Ya se oya el estruendo de la Pasion de Christo, las caxas destempladas estauan ya casi en la campaña de Ierusalem puestas, el exercito se estaua jũtando para perseguirle, hasta quitarle la vida: los oficios se repartian entre los soldados, porque nada faltasse de preuẽcion para executar la maldad mas crecida que auian visto los siglos. En esta ocasion no estaua el Capitan Diuino descuidado, antes se preuiene cuerdo, viendo contra si tanto rumor furioso; y assi para entrar con valor, y animo en la batalla, pide al Padre Eterno le clarifique: Oyense vnos ecos del cielo, que en glorioſas melodias, y en acentos diuinos le clarifican. Atiende Christo à la certeza del morir, y viendo tan ineuitable su muerte, dize: *Nũc iudicium est mundi.* Aora si que està el juizio en el mundo; aora si que tengo de ser juez, y juzgar, con espada de rigor los hombres. Deteneos, Señor, no adelanteis esse dezir, que no parece a proposito; aora es ocasion de morir, no de juzgar: como dezis, que està el juizio en el mundo, quando quereis morir *Nunc?* Amplia la dificultad Ruperto, declarando assi este: *Cum enim max mè adificaretur misericordia per passionem Christi Nũc, inquit iudicium est mundi.* Quando està la misericordia pretendiente de sus mayores lucimientos, quando para subir al Solio de su mayor grandeza se dispone, entonces es quando dize Christo, aora està el juizio en el mũdo, *Nunc iudicium est mundi:* Como es esso? Que no lo puedo acabar de percibir; la misericordia està a pique de lucir, y la justicia le quiere quitar el lucimiento? La justicia su dia tiene particular en que ha de campear a vista de todo el mundo, en presencia del linage humano, con toda magestad, y grandeza, dexe aora vsar de su jurisdicion a la misericordia: El trono de la Cruz, aunque magestuoso, no admite memoriales de culpa, sino de perdon, no se despachan en aquel oficio cosas de justicia, sino de gracia: pues como en ocasion tan piadosa ha de tener tanto dominio el juizio? Que tiene que ver el cariño de Redentor, con lo riguroso de juez? Aora que

Rupert. l. 3. in Apocalips.

Ioan. 12. 13.

Chri-

Christo se muestra tan agradablemente paciente para perdonar culpas, dize que es quando se ostenta juez en castigarlas? Si, yo me lo entiendo desta suerte. Miraua Christo las entrañas de su misericordia abiertas, los coraçones de los hombres cerrados; atendia, que quanto mas multiplicaua piedades, tanto menos caso hazian de ellas, antes ocasionaua mayores desprecios su sufrimiento, y tenia en retorno descortesias su agrado; y viendo el desahogo con que se desestimaua su compassion, dize doloroso, y afligido, *Nunc iudicium est mundi.* Grande es la misericordia que en la ocasion de mi muerte se manifiesta, pero sino se haze caso de ella, que ha de hazer en el mundo? Ausentese à donde la tengan en mas veneracion, y quedese en el mundo la justicia, *Nunc.* Aora es el tiempo del ausencia, porque lo es del desprecio, y vna misericordia despreciada, que puede hazer sino ausentarse, para poner termino a su desestimacion.

IX. Tiernamente sentido se pone Dauid à hablar con Dios, y viendole al juizio de los ojos humanos, que de ordinario se engañan, descuidado en sus compassiones, le haze con sollozos esta pregunta. *Vbi sunt misericordiæ tuæ antiquæ Domine?* Señor, que se han hecho vuestras misericordias antiguas? Donde estan las piedades que vsauades en los siglos passados? Agotose ya el pielago inmenso de vuestro compassiuo pecho? Resfriose el bolcan que encendia vuestro amor, cõ que se destilaua en piedades? O como parece tan poco vuestra misericordia, que es necessario preguntar por ella? En los presentes siglos parece os disimulais misericordioso, y que solo para los passados quisistes vuestras misericordias. Mas ya sè, Dueño mio, donde las teneis: *Domine in cœlo misericordia tua.* Vuestra misericordia no està en el mundo? no, en el Cielo tiene su estancia. Dificultoso parece, si atendemos de Dauid à otro lugar. *Misericordia Domini plena est terra.* La tierra està llena de la misericordia de Dios. Si es assi, como dize que està en el Cielo: *Domine in cœlo misericordia tua* La tierra es el lugar propio de la misericordia, aqui tiene su solio; desde la tierra haze sus despachos, y exercita en ella sus jurisdiciones. El cielo, aunque es su assiento, no lo parece tanto, antes se puede presumir en algun modo ociosa, porque siendo efecto suyo compadecerse de las miserias, no hauiendolas en el cielo, parece no tiene alli que hazer. Si en la tierra ay materia para que la misericordia se ocupe gloriosa,

Psal. 88. 50.

Psal. 35. 6.

Psal. 32. 5.

riosa, y esta no la tiene en el cielo, porque carece de lo miserable, luego su asiento mas magestuoso serà en la tierra: como dize Dauid que està en el cielo, *Domine in cœlo misericordia tua?* Anduuo aduertido en lo vno, y en lo otro; la misericordia de Dios, por lo que tiene de inmensa, igualmente està en el cielo y en la tierra; pero en los siglos passados parecia q̃ estaua mas en la tierra: en los presentes, parece que està mas en el cielo; porque en aquellos tiempos, aunque auia miserias, solicitauanse con sumissiones misericordias, y en viendo que obrauan liberales, se veneranan, y hazian deuidas reuerencias à las entrañas que sabian ser tan piadosas. En estos quanto crece mas la misericordia, se aumenta el atreuimiento, y sobre no hazer aprecio de vn Dios que perdona, solo porque perdona, suele ser mas ofendido. Assi, pues, bien dize Dauid, la misericordia estaua en la tierra, mas ya se es subida al Cielo, porque los desprecios con que el mundo la trataua, eran tales, que no se resoluiò a quedarse en èl. En aquellos tiempos tenia su especial morada en la tierra, porque auia veneraciones, aunque tambem auia miserias, y la misericordia no se embaraza con la miseria, como sele guarde el fuero de su estimacion. Aora se han aumentado tanto sus desprecios, que se à ausentado de la tierra, y por no verse tan vltrajada, se à ido à viuir al cielo.

O catolicos, catolicos, que riguroso es el combate de la justicia, quando falta el amparo de la misericordia. Vn Dios juez à solas, quien le ha de poder resistir? à tanto poder, quiẽ le ha de poder esperar? Los montes se trastornan, los cielos se entristecen, los astros refulgentes se ocultan, las luzes mas resplandecientes se deshazen, los Angeles mas subidos tiemblan, los Santos mas amigos se estremecen. Si vn exercito que se compone de toda criatura no puede resistir el combate de vn Dios juez, sin demonstraciones temerosas, y sin medrosos afectos; que serà del pecador? como podrà resistir a Dios juez, sin estar defendido con esse Dios misericordioso? Trate el alma de estimar mucho a la misericordia, de no fiarse en ella para ofender, sino de tomar motiuo del beneficio, para mas seruir, que estimandola como merece, tendrà compassiones, como acostumbra. X.

(:!:)

COM-

COMBATE III.

Videbunt filium hominis venientem in nube, *vers.* 27.

En Dios todo es rigor, quando obra Dios, y no como Padre, y Señor.

XI. VEran al hijo del hombre venir mageſtuoſo en vna nube, auiendo precedido los aſſombros del cielo, y de la tierra, *videbunt filium hominis venientem in nube.* Tan mageſtuoſo vendrà, que nadie podrà dudar ſer verdadero Hijo de Dios. Pero entre aquella Mageſtad juzgarà riguroſo, y caſtigarà indubitablemente culpados, ſin que valga para hazer mas moderada la pena, interceſsion alguna; que es la cauſa de que alli ſe cierre la puerta a todo genero de compaſsion con los pecadores. Es el caſo, que haſta aqui no ſolo ha ſido Chriſto Dios, ſino Padre, y Señor; y aſsi lo que tenia de riguroſo, como Dios, diſsimulaua lo afectuoſo de Padre, y detenia a lo diuino, lo compaſsiuo de Señor; mas el dia del Iuizio ſerà todo rigor para los malos, porque procederà contra ellos, no como Señor, y Padre, ſino ſolo como omnipotente Dios.

XII. Crió à Adan, y dando reſabios de diuinidad a vn poco de poluo, le haze otro Dios en el mundo. Pero él poco ſatisfecho de ſu dicha, o deſeoſo de aumentarla, no obedece al primer precepto de ſu Hazedor: diſguſto deue de ſer obedecer, a quien tiene alientos de mandar. Echale Dios del Paraiſo, por inobediente, condenado a muerte, y deſdichas. *In ſudore vultus tui veſceris pane, donec reuertaris in terram, de qua ſumptus es.* Reparad en la mudança, ſi es que en Dios la puede auer. Adan, echura de Dios, mayor lucimiento de ſu poder, vltimo apoyo de ſu ſabiduria, credito de ſu buen guſto, en quien puſo tantos empleos de gracia, ya eſtà en ſu deſgracia; al primer tope le deſtierra de ſu preſencia, le echa del Paraiſo, ſin que el auer ſido vna la culpa, le ſirua de diſculpa; y ſin que tanta priuança le valga para diſsimulo de vn yerro. Alli ſe mira auſente, ſin auer penalidad que no padezca. No le baſtaua por caſtigo el auſencia del Paraiſo, a quien ſe auia viſto en tanto valimiento? Y ya que eſtà fuera del ſitio ameno, viua ſiempre, y no con tanta miſeria; como ſe ha conuertido en rigor, lo q̃ poco antes era manſedumbre? Anaſtaſio Sinaita dio para penſar la cauſa motiuo. *Quando enim exijt Adam ex Paradiſo, protinus ſcriptura, non compoſito nomine appellauit Dominum, ſed ſimplici. Hoc eſt Deus.* Quando eſtaua en el Paraiſo Adan, tratauale

Geneſ. 3. 19.

S. Anaſt. Sinait. l. Exam.

le Dios no solo como Dios, sino como Señor, y Padre; despues que cometio la culpa desobligole tanto, que solo le mataua como Dios. No estrañeis pues tanto padecer, trabaje Adan, y sude; cultiue la tierra, y despues criele espinas, y abrojos: muera despues de tan penosa vida; no buelua a entrar en el Paraiso, que si quando Dios obra como Señor, son todos beneficios, quando obra como Dios a solas, son todos castigos. Vn Dios que obra como Dios, siempre obra riguroso; que importa que Adan estuuiesse en puesto tan alto si despues de la culpa obra Dios con él; no tanto como Señor, quanto como solo Dios: Muera con dolores, y passe la vida con penas, sin tener siquiera vna esperança de que se le han de acabar, ni de boluer al Paraiso; que quando Dios toma la vara del castigo como Dios, castiga tan riguroso, q̃ no dando lugar à que entren en el Paraiso almas, añade penas, y dolores; siendo el mas crecido no tener esperança de que se ha de acabar el padecer.

XIII. Pendiente de aquel celestial leño estaua Christo (glorioso espectaculo del catolico, si horrendo del barbaro Iudio, lisonja era del viento vn cuerpo Dios) intercadentes passiones padecia como hombre: conocio el peligro de su vida. Medico soberano, y à vn las criaturas debian de conocerlo, pues el Sol cercenando resplandores con anticipadas tinieblas se preuiene para sentir la muerte de su Criador: Ya debia de empeçarse a desencaxar el alma de vn Dios hombre, del cuerpo de vn hombre Dios, quando boluiendose al Padre le dize: *Deus, Deus meus* Dios, Dios mio, palabras que dixo Christo en nombre del linage humano, como siente Agustino. *Quare dicitur, nisi quia nos ibi eramus?* A penas sus emulos, atentos a sus acciones, lo oyeron, quando añadiendo dolores a dolores, entre nueuos desprecios le vltrajan, dandole hiel, y vinagre, y haziendo burla de que implore el fauor de Elias, quien dize ser hijo de Dios: y Christo boluiendose, despues de estos desprecios al Padre, le entrega (con estas palabras) su espiritu: *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum.* Padre, en vuestras manos encomiendo mi espiritu. O que espiritu tiene la inteligencia desde lugar! Christo Señor nuestro, porq̃ no muere quando dize, *Dize, Deus?* No aueis menester viuir mas Señor, muriendo, os està aguardando el Padre abiertos los braços; viuiendo, os preuiene mas desprecios el mundo: pues para que quereis mas vida? Bueno

Mat.27. 46. *S Augus. in Ps.21.* *Luce 24. 46.*

es viuir, pero viuir para penas, que bueno puede ser? Vn poquito de mas vida os ha de hazer penar mucho; no gusteis de vida con tanta pension. Vida para penas, quien la quiere? Muerte para glorias, quien la desecha? Tan breue la distancia entre la muerte, y la vida, y muriendo para glorias suspendeis la muerte, y viuiendo para penas, dilatais la vida? Pero como no ha de suspender la muerte, si boluiendose al Padre para morir, no halla à Dios como Padre, sino como Dios, *Deus, Deus?* Estaua Christo Señor nuestro en lo vltimo de la vida en la Cruz, haziendo las vezes de todo hombre, como siente Agustino, que por si, ni tenia necessidad de padecer, ni de aquel genero de morir. Bueluese al Padre para entregarle su espiritu; y suspendiendo el entregarsele, dize, *Deus, Deus.* Aun toda via sois Dios, como Dios, pues ni tengo de entregaros el Espiritu, ni morir; que viuiendo, aunque se me han de aumentar mas los dolores, y crecer las afrentas, son penas causadas de los hombres: pero esto de poner el Esperitu en las manos de vn Dios, como Dios, si por lo que tengo de Hijo vuestro lo pudiera hazer por representar aqui a todo el linage humano, hago (al parecer) que me recelo, para enseñarle quan estupenda cosa es ponerse vn alma en acabando de morir, en presencia de vn Dios, como Dios: *Pater, in manus tuas commendo Spiritum meum.* Entregar el Espiritu à Dios como à Padre, es cosa sabrosa de executar; entregarsele como à Dios, el mas santo puede recelarse de hazerlo.

XIV. Aora acabo de entender el sucesso de la muerte de Moyses; Mandale Dios, que suba à vn monte, y que se muera, *Ascende in montem istum Abarim, & morere in monte.* Y auiendole dicho esto se pone muy de assiento a echar vna bendicion, tan elegante, como dilatada, à todos los hijos de Israel, sin exceptuar ninguno; antes tan atento à cada vno dellos, como sino tuuiera otro de quien tratar. Sube despues desde la campaña al monte, y muerese, en cumplimiento del mandato de Dios: *Mortuus est ibi Moyses seruus Domini, in terra Moab iubente Domino.* Deu. 34. 5. Hazeme nouedad ver à Moyses, siendo tan santo, tan remisso en la execucion del mandato de Dios que se vaya tan despacio al monte; subase luego à el, pues le manda Dios que suba: muerase, pues le dispone que muera: si ha de morir, para que es el suspenderlo; primero es la obediencia, que la bendicion, dilatar la execucion del mandato, es hazer sospechoso

pechoso el obedecer: vna obediencia sospechosa, pierde su lustre, porque la sospecha la desacredita, pues dá lugar a que se presuma que no se obedece por gusto, sino por temor. Detened el discurso, que mas misterio tiene el caso. Mandale Dios à Moysés que se muera, *morere in monte.* Repara con atencion en el mandato, y halla, no solo que es Dios, sino que en el mandar lo parece; porque esto de poner imperioso a la vida terminos, es accion tan propia de Dios, que solo él la puede hazer: assi dize Moysés, que Dios, como Dios, me manda que muera; pues si quiero entretener el morir, que si en la vida se puede obedecer sin repugnancia, en la muerte sino se puede repugnar el mandato, se puede poner en obedecerle atencion. Obedecer de improuiso a vn Dios que se muestra todo Dios, quando manda morir, si es a tanta grandeza deuido, no es el temor en essa obediencia escusado. Que remedio para que muera, quien no dexa el morir por inobediente, sino que lo suspende por temeroso? Muy conforme ha hecho Dios: assista à la muerte de Moysés; y al mandato de morir, en que se muestra todo Dios, *iubente Domino*, junte el cariño de amigo, poniendo al espirar sobre la boca de Moysés la suya, como quiso Varablo, *iuxta os Domini*, para beberle el espiritu, en demonstracion de vn agasajo amigable; costumbre que obseruaua la antiguedad, por testimonio de la amistad verdadera. *Vers Bat.*

Excipias hanc animam ore pio. *Ouid. in consolat. ad Liuiã.*

Dixo el otro Poeta, para que de essa suerte el que reusaua morir por temer à vn Dios, como Dios, lo solicite, por verle ya como amigo para que se entienda, que es tanto assombro ver a vn Dios, que todo se muestra diuino en acabando de morir, que los mas santos procuran escusarlo temerosos, y dilatarlo acobardados.

XV.

Si los varones perfectos, teniendo la vida ajustada, y la conciencia segura, se hallan medrosos à vista de vn Dios que se ve todo diuino; tema el pecador, y recele se el poco atento de verse en presencia de tanta Magestad el dia del Iuizio, procure aplacarla, antes de llegar a trance tan riguroso, porque aora le es facil solicitar piedades, y entonces necessariamente experimentarà rigores.

(*)

COM-

COMBATE IV.

Cum potestate magna, & maiestate, *vers.* 27.

Puede ocultar Dios sus glorias perdonando, pero no castigando.

XVI. CHristo se verà juez con poderosa magestad, *cum potestate magna, & maiestate*, Cayetano *superfluit magna*. Siendo magestad de Dios, cierto es ha de ser grande: para que se aduierte? Bien puesto està, dize el Cardenal, prosiguiendo la explicacion, porque el *magna*, no solo significa mas magestad, sino mas gloria, *& maiestate pro gloria*. Vn juez que viene a castigar, potestad magestuosa ha menester: pero gloria, para que? Antes parece implicacion, porque la potestad es de quien castiga; la gloria de quien perdona: y traer la gloria, y potestad, parece que es à vn mismo tiempo venir a castigar quiẽ perdona, y a perdonar quien castiga. Parecelo àsi; pero quien muestra mas el poder, quien perdona, o quien castiga? Quiẽ castiga, es llano; quien perdona vsa del poder moderado: y assi dixo Calpurnio Flaco, aconsejando el perdon: *Magna securitas est, potestas cum moderatione* El perdonar mas es moderacion del poder, que poder. Luego si Christo muestra mas el poder quando castiga, que quando perdona, y esse poder magestuoso, es lo mesmo que la gloria; si muestra en el castigar mas poder, y magestad, luego mostrarà mas gloria. No es mucho sea assi, que no sabe Dios ocultar su gloria en el castigo, aunque la dissimula en el perdon.

Caiet. in c. 21. Luc.

Calpurn. Flacc cõtrouer. 12

XVII. Iosue, Capitan del pueblo de Dios, donde se hallauan el valor, y la sangre, la resolucion, y la prudencia, siendo esmalte de todo la virtud, partes bien necessarias para los puestos de campaña, iba en los alcances de aquellos cinco Reyes al ahogar en el caliginoso sepulcro de la noche sus resplandores el Sol, y pareciendole que se le deslucia su victoria, animoso, y alentado le dize: *Sol, contra Gabaon ne mouearis.* Sol, Capitan de esse numeroso exercito de estrellas, deten tus centellas, no dexes esse luminoso cetro, que desluzes mi victoria sin tus luzes. Saliò Christo, dueño nuestro, a conquistar el mũdo, toma el estandarte de la Cruz, y aunque el Sol estaua en lo mas pomposo de sus rayos, al salir con la victoria el Capitan diuino, se la embuelue en sombras, y retirando resplandores, dexa sin ellos sus mayores lucimientos, *& obscuratus est Sol.* Este Iesus, dize el Abad Ruperto, y aquel Iosue, todo es vno; Este en la repre-

Iosue 10. 12.

Luc 23. 45.

repreſentacion; aquel en la verdad. En ambas partes ſale victorioſo: pero feſtejan reſplandores en la vna, ſu victoria; en otra eſcuridades. Detieneſe el Sol para que le vean victorioſo, y porque no le vean con victoria, anticipa ſus tinieblas. Eſtraño la diuerſidad, ſi es vn Ieſus, y ſiempre victorioſo, porque la victoria de vn Ieſus, en la repreſentacion, ha de ſer con lucimientos, y la de vn Ieſus en la verdad, en eſcuridades? Atended el miſterio. La victoria de Ieſus en Ioſue, es de caſtigo, la de Ieſus, en Ieſus, de perdon: alli ſe caſtiga derramando ſangre; aqui derramando ſangre ſe perdona. Detengaſe pues el Sol, para que campee vna victoria, y anticipe el eſconder ſus rayos, para que otra no ſe diuulgue: que ſino es menor vna victoria que otra, perdona entre eſcuridades, caſtigando con reſplandores, porque auiendo de ocultar Dios luzes de vna victoria en que caſtiga, o de vna victoria en que perdona, ſi las ocultarà quando perdona, pero no quãdo caſtiga: *Quid igitur*, dize Ruperto, *in omnibus his niſi futuri vniuerſalis iudicij iuſti figura, vel documentum eſt, quando is qui in multitudine miſericordiæ iudicandus aduenit, infortitudine iuſtitiæ gladium euaginatum tenens, iudicaturus aduenit? Tunc profecto Sole ſtante, & non feſtinante occumbere longus dies erit.* Al tiempo de juzgar, todo ſerà reſplandor, ſi jal de ſer juzgado fue todo lobreguez; al ſacar vibrando la eſpada, crecerà mas el dia, ſi tuuo en el tres horas de juriſdicion la noche, quando el Padre quedò ſatisfecho; porque ſi en vna parte ſe redimen culpas, ſe caſtigan en otra; y ſi Chriſto puede ſufrir ocultarſe Redentor, poniendo vn pauellon obſcuro a ſu grandeza, no podrà lleuar el no manifeſtarſe juez, dilatando el dia del juizio, y acrecentando en èl reſplandores.

Rupertus lib. 1. in Ioſue c. 22.

Lleuò conſigo Chriſto Señor nueſtro a tres Diſcipulos: ſubioſe en la cima de aquel monte, que Athlante de toda la gloria, fue mudo teſtigo de los fauores que les hizo, preuencion cuerda, hazer teſtigos del bien, porque no ſe pueda negar, y hazer los mudos, porque no lo puedan dezir. Transfiguròſe alli Chriſto; quedando la humanidad tan diuinizada, que à poder ſer viſto de los humanos ojos lo diuino en eſta mortal vida, ſe pudiera juzgar todo Dios. O Dios! Y quan tamaños beneficios ſabes hazer a los tuyos, pues aſsi hazes oſtentacion de tus glorias, para que ellos las puedan gozar. Quedò al fin reſplãdeciente como el Sol, el roſtro XVIII.

de Christo; blanco como nieue su vestido: Vieron los Discipulos aquella fragua de rayos, aparecense a los lados Moyses, y nuestro primer Patriarca Elias: Empiezan à hablar con Christo, y a poco rato escurecese la gloria, *Nubes lucida obumbrauit eos.* Ponderando el caso de la Transfiguracion San Basilio el de Seleucia, dize: Al viuo se representa el juizio en el Tabor: *At aspectu ipso rerum visarum vndequaque spectantes perstringens, venturum vniuersi iudicem sub obscure signat.* Repare la mas viua atencion, y hallarà vn espectaculo del juizio en el Tabor. Alli està Christo con magestad de Hijo de Dios; Moyses muerto assiste; nuestro Elias, y los Discipulos viuos, hallanse espantos, y assombros; *Timuerunt valdè*: Que en terminos, es ser Christo Iuez de viuos, y muertos, venir con magestad, y auer temores, y assombros aquel dia. Aora es mi ponderacion. En hablando Moyses, y Elias con Christo se escurece la gloria, se menguan los resplandores, y se moderan las luzes, *Nubes lucida obumbrauit eos.* Hizome esta mudança nouedad: Essa gloria, porque se escurece? Essa copia de luz, porque se apaga? Y si se ha de escurecer, porque no se escurece antes? Quando habla Christo se oculta el resplandor de su rostro? Sus palabras no le desdoran; pues porque falta el lucir, quando empieza a pronunciar? Diuulguense rayos, que siruan de aplauso a las razones, que dize vn Dios hombre; pero atended a la platica: *Dicebant excessum eius, quem completurus erat in Ierusalem.* Tratauan del exceso de su misericordia, que se auia de cumplir en su muerte, con la qual auia de quedar toda la dolencia del hombre sana. Assi, que era la platica: pues escurezcase la gloria, despues de la conuersacion de Christo, no antes, porque antes parecia Iuez, y despues misericordioso: *Venturum vniuersi iudicem sub obscure signat.* Eran representaciones de iuizio las de la Transfiguracion al principio, despues lo fueron del perdon: Que mucho se escurezca la gloria? Todo en Christo es lucimiento, assi el perdon, como el castigo; pero auiendo de escurecer la nuue en vna de dos glorias, no escurece la de parecer Christo Iuez, sino la de parecer Redentor; que Dios, quando perdona, si se puede ver sin lucimientos; quando castiga, no se podrà mirar sin resplandores.

Matt. 17 5.

S. Bas. Seleuc. Episc. orat. 40.

Vers. 7.

Luc. 9. 31

Pregunta el sumo Sacerdote a Christo Señor nuestro, si es Hijo de Dios, y respondele, *Ego sum*; fue dezirle, que era Dios verdadero, dizen aqui comunmente las plumas de In-

XIX.

terpre-

*Marc.*14 61.62. terpretes ſagrados: *Et videbitis*, proſigue Chriſto, *Filium hominis ſedentem à dextris virtutis Dei, & venientem in nubibus cœli.* De verdad os digo, que veis aora entre deſprecios, a quien aueis de ver venir juez. Raſgò las ve-
9.31 ſtiduras el Sacerdote, oyendo eſto, y tratô à Chriſto de blaſ-
*Verſ.*64. femo. *Auditis blaſphemiam?* Coſtumbre Iudaica, dize Theodoreto, quando les ſucedia algo no de ſu placer: y aſsi para dar a entender lo intolerable de la blasfemia, ſe raſga el ve-
Theod in cath hic. ſtido: *Vt ergo monſtraret, quod Chriſtus magnam, & intolerabilem blaſphemiam dixerit, veſtimenta ſcidit.* La diferencia de eſtas acciones eſtraño: Quando dize Chriſto, que es Hijo de Dios; *Ego ſum*, no habla palabra el Sacerdote; quando dize, que ha de venir juez, *venientem in nubibus cœli*, ſe raſga el veſtido, en deteſtacion de la blasfemia que preſume auer dicho, *auditis blaſphemiam?* Es mas venir juez, que ſer Hijo de Dios? Si es Hijo de Dios, luego ſera ju-
Ioan.5. 22. ez, porque *pater omne iudicium dedit filio.* Si es lo meſmo lo vno, que lo otro, porque quando dize que es Hijo de Dios, no le tiene por blasfemo, y le tiene quando ſe promete juez? La diuerſidad conſiſte en la diferencia, con que habla Chriſto; quando dize que es Hijo de Dios, habla de preſente, *Ego ſum*; quando, que vendrà Iuez, habla de futuro, *videbitis filium hominis*; y aunque el ſer Hijo de Dios, y el ſer Iuez, acreditan igualmente a Chriſto de diuino, calla el Sacerdote, quando dize que es Hijo de Dios, y no puede paſſar el oîr, que ha de venir juez. Porque Chriſto, de preſente, es Hijo de Dios, pero manſo; Chriſto juez es Hijo de Dios, pero riguroſo, y aunque ſiempre es Hijo de Dios, mas lo diſsimula en la manſedumbre, que en el rigor. *Auditis blaſphemiam?* Como diziendo. Quando dize que es Hijo de Dios, puede padecer achaques el conocimiento de ſu diuinidad, porque habla de ſi, como perdonador; mas quando habla de ſi, como juez, no puede auer duda en que es Dios; y aſsi por mayor blasfemia tiene que diga ha de ſer juez riguroſo, que no que es Dios manſo, porque ſi la manſedumbre ſe compadece con diſsimulos de ſu diuinidad, el rigor no dà lugar a que deje de ſer reconocido por Dios.

XX.

Aconſejaua Hildeberto Cenomatenſe a vn Principe, y deſpues de auerle introducido miſericordioſo, le dize: *Iniquitatis vltionem inter ſplendidiores triumphos enumeres.* No blaſones menos de juſto, quando, lo pide la neceſsidad, que de miſeri-
*Hildeb. Cenoma. Epiſcopus Epiſt.*59.

cordioso, quando lo permite la compassion; que si la conmiseracion no està fuera de lo glorioso, ni el vibrar a su tiempo la espada està fuera de su jurisdicion; antes oluides las glorias de la piedad, que las de la justicia. Iusto es que tus mayores triunfos los pongas en lo justo, antes que en lo misericordioso, porque la piedad, suele causar descuido en algunos, y el rigor haze auiuar a todos. Dize bien. Pues el castigo, que puede hazer buenos a todos, mayor empressa es, que la piedad que suele descuidar a algunos; siendo assi, que mucho es q̃ Christo Señor nuestro quando viene juez, venga con tanta Magestad, *Cum potestate magna, & maiestate?*

COMBATE V.

Cœlum, & terra transibunt; verba autem mea non transibunt, *vers.* 33.

Auiendo de oluidar el hombre a Dios, menos malo es oluidarle misericordioso, que justo.

XXI. COncluye Christo su platica, diziendo: De verdad os digo Discipulos mios, que ha de ser tan verdadera esta doctrina', que primero se han de trastocar montes', y desquiciar cielos, que dexe de sucedes lo que os he dicho: *Cœlum, & terra transibunt, verba autem mea non transibunt.* Que necessidad tiene Christo de assegurar tanto la verdad de lo que dize, siendo doctrina suya, su seguridad no tiene duda. Creo que el assegurarla', no es tanto por la necessidad que tiene de credito, quanto porque siempre esté en la memoria. Tanto importa que no se oluide essa doctrina? Si, porque es doctrina de juizio, *Amen dico vobis*, como si dixera: Ya sabeis, Discipulos, que soy misericordioso, y aora os he enseñado, que tengo de venir juez; no oluideis mis misericordias, ni tan poco mis justicias: pero caso que se os oluide algo *Amen dico vobis*, mirad que os encargo no me oluideis juez, aunque no os acordeis tanto que soy misericordioso.

Seneca empieça el capitulo onze del libro segundo de Ira, con estas palabras: *Vtilis est, inquit, ira.* La ira, el furor, si va regulado por la prudencia, es cosa muy conueniente. La piedad no tiene tambien conueniencia? Si, pero padece vn achaque de que suelen adolecer muchos, que es ser oluidadiza; descuida mucho vna mãsedumbre. La ira es vtil, y prouechosa, *Quia contemptum effugit, quia malos terret.* Atemoriza, y con el assombro, ni ay olui-

XXII. *Sen lib. 2. de Ira c. 11.*

oluido, ni desprecio, no se puede despreciar lo que se teme, y el miedo conserua en la memoria, á pesar del oluido, lo q̃ se temiò. Bien dize Seneca, *vtilis est ira*, prouechosa es la ira: pues atemorizando, aun a los mas perdidos haze que tengan memoria, y respeto. No dexe pues el hombre de tener à Dios en la memoria: pero si le oluidare de alguna manera, oluide su piedad, que mas vtil es tener en la memoria à vn Dios airado, que no piadoso.

XXIII. Saliò a cumplir con las obligaciones de Precursor el Bautista; era habitador de los desiertos; tan hallado en las soledades, que solo vna palabra de Dios le pudo obligar a dexarlas, y venir por las margenes del Iordan à predicar penitencia. No deuia de hazer el fruto a su satisfacion, y boluiendose a los oyentes les dize: *Genimina viperarum, quis ostendit vobis fugere à ventura ira?* Mala generacion, mala casta, viuoras, quien os enseñò a huir de la ira, que ha de venir? Que ira es esta? San Gregorio el Grande dize, que es la ira extrema, la ira de juez, *ventura ira est animaduersio vltionis extremæ.* Bueluome en fauor de la penitencia. Que fueron los primeros rudimentos que dio el Bautista a esta gente? que el manjar con que los empezò a desetar de sus culpas? la penitencia fue el primer antidoto que puso contra toda enfermedad espiritual, *Venit in omnem regionem Iordanis, prædicans Baptismum pœnitentiæ.* No es la penitencia juizio? en el no ay ira? claro està; el penitente la tiene contra si, y Dios la tiene contra el, mientras contra si no se enoxa: pues porque Iuan tan airado llama viuoras a los que vienen a bautizarse, porque oluidan la ira del iuizio que ha de venir, y no porque oluidan la del juizio de la penitencia? Sacóme Zacharias su padre de la controuersia: à que vino el Bautista? *Ad dandam scientiam salutis plebi eius.* Vino a enseñar la sabiduria de la sabiduria. Pues bien enseña. Aunque el juizio que ha de venir, es juizio, y el de la penitencia tambien, y en ambos juizios ay ira; hallase esta diferencia, que vno es juizio justo, otro misericordioso, y assi la ira del juizio de la penitencia, es ira compassiua: la otra es ira rigurosa. Ea pues, enojese Iuan, llame viuoras a los hombres, no porque oluidan la ira de la penitencia, sino porque pretẽden escaparse de la ira de la justicia, *à ventura ira vltionis extremæ*; que si viene a enseñar sabiduria de salud, aunque ha enseñado la penitencia, y en ella ay iuizio, y ay ira; solo llama

Luc. 3. 7. *S. Greg. in cat. ad c. 3. Luc.* *Luc.* 3. 3. *Luc.* 1. 79.

viuoras a los hombres, que huyen la ira del juizio extremo, porque aunque es saludable no huir ninguna de las dos iras, sino traerlas siempre delante de los ojos: auiendo de oluidar alguna, menos malo es oluidar vna ira misericordiosa, que oluidar, y procurarse escapar de vna ira justa.

XXIV. Auiendo cumplido Christo Señor nuestro con el diuinio q̃ le traxo al mundo, llegòse el tiempo de boluerse al Padre, y Principe soberano, repartiendo dones entre el Colegio Apostolico, que assistia en aquel espectaculo glorioso, se ausenta en el trono de vna nube, dexãdo a sus Discipulos tan llenos de preseas, por lo liberal, como de sentimientos, por lo ausente. Estaua diuertido todo el Colegio, viendo subir a su Maestro triunfante, y a penas le oculta el pauellon de la celestial nube, quando dos Angeles que estauan en compañia de los Apostoles, les dizen: *Hic Iesus, qui assumptus est à vobis in cœlum, sic veniet.* Este Iesus que veis subir entre triunfos al cielo, repartiendo dones, ha de baxar haziendo justicias a la tierra. Preuenid el cuidado, y hallareis como los Apostoles ven subir a Christo misericordioso, pues compadecido al sentimiento q̃ tienen de su ausencia, los llena de dones espirituales, assi para aliuiarlos la pena, como para librarlos de la culpa, fortificandolos en la gracia y esto lo ven con los ojos, *videntibus illis* Pero quando los Angeles tratan del juizio, ya no le ven, ya le ocultò la nube: solo le oyen juez, *sic veniet*, los oìdos le oyen juez, los ojos le ven misericordioso. Para que es esta preuencion? veanle juez los ojos, pues le ven misericordioso, y si ha de venir juez en vna nube *sic veniet* aduiertanselo a los Apostoles los Angeles, antes que le pierdan de vista, para que si ven que sube misericordioso, juntamente le vean juez, y assi à vn tiempo le miren en la nube, como juez, y como misericordioso. Para que es la diuision de estos attributos, repartiendo a los ojos la misericordia, y a los oìdos la justicia? Reparad en la diferencia destos dos sentidos; los ojos son diuertidos, y con facilidad se oluidan, como enseñò Santiago, en aquella comparacion que hizo del que se mira al espejo, *Considerauit enim se, & abijt & statim oblitus est qualis fuerit* Oluidan con facilidad lo que miraron los ojos. Los oydos no, antes entrando por ellos las palabras, se estampan en la memoria firmes. De donde vino Plinio, el mas moço, a reduzir a vn Philosopho, para que leyesse a sus discipulos en voz, porque entrando por el oydo,

Acto. 1. 11.

Iacob. 1. 12.

oydo, se queda la palabra mas fixa en la memoria: *Multo magis, vt vulgo dicitur; viua vox affícit.* Veis ahi el misterio, yà que se diuide el conocimiento de essos atributos, desele en essa diuision la parte de la misericordia à los ojos, y a los oydos la de la justicia, que si los ojos son oluidadizos, son buenos para la memoria los oydos; y auiendose de repartir la misericordia, y la justicia, no se ha de poner la justicia en vnos ojos, que la puedan oluidar, sino en vnos oydos, que la fixen en la memoria, *videntibus illis eleuatus est.* Podràseles oluidar a los ojos, si le ven juez, veanle solo misericordioso, porque si le huuieren de oluidar, no aya que oluidar de la justicia, aunque de la misericordia lo aya.

Plin Iunior. libr. 2. Epist. 2

XXV. El mundo engaña quando se muestra mas alagueño, quien ha de fiar en engaños? Yo Señor, no quiero mundo, dize Dauid, ni tengo de esperar sino en vos; à mi esperança tengo de juntar aplausos continuos a vuestro nombre, y alabanças incessables: pero entre lo infinito que teneis, digno de publicarle, lo mas conueniente es vuestra justicia, y assi no la puedo apartar de la memoria: *Domine, memorabor iustitiæ tuæ solius.* Repara Agustino con viueza, no en que diga Dauid, que se acuerda de la justicia, sino en que sea sola la justicia de quien se acuerde, *memorabor iustitiæ tuæ solius.* De sola la justicia ha de auer recuerdo? Y la misericordia no es tan buena? No se le deue el reparo vniuersal del hombre? Pues que razon ay para que aya quien sea mas dueño de la memoria? El beneficio ha de ser oluidado? El bien hechor mal correspondido? Las leyes del mundo no permiten ingratos; las de Dios porque los han de sufrir? Oluidarse del bien hechor, es no hazer caso del beneficio: vno, y otro ingratitud averiguada: Pues como Dauid quando està pronunciando finezas està proponiendo oluidos? Mas, ò que ingeniosissima diligencia. A la misericordia se deue todo el remedio del alma; oluidar tanta fineza, es delinquir; acordarse de ella solamente, tiene tanto de deuda, como de peligro; porque la memoria de vna piedad a solas, suele oluidar obligaciones, por assegurarse en piedades, pues bien trazado; no se pague la deuda con memorias de la misericordia, sino con acuerdos de sola la justicia; porque para asseghrarse vn alma bien correspõdiente à vn Dios misericordioso, el medio mas eficaz es no oluidarle justiciero. O *solius* (dize Agustino) *quid addit solius rogo vos? Sufficeret memorabor iustitiæ tuæ. Solius, inquit,*

Psal. 70. 16.

S. Aug. enarrat. in Psal. 70.

prorsus, vbi meam non cogito. Parece era suficiente dezir, que se acordasia de la justicia, porque dexaua con esso la puerta abierta para acordarse de la misericordia; pero dezir de sola la justicia, fue cerrar a otra memoria la puerta; empero quando à vn alma le falta su justicia propria, acordarse de sola la justicia de Dios, es conueniente; pues aunque en esse estado deue todo su ser a la misericordia: para mostrarse agradecida, mejor es acordarse de vna justicia, que haze siempre aduertidos, que de vna misericordia, que suele hazer descuidados.

XXVI. O Christo Señor nuestro, Maestro soberano, lee vna licion en voz, en que enseña ha de venir juez: Assombros puede causar su venida, pero como aya memoria de que ha de venir desde aora, no es dificil salir entonces con buen despacho. El mas santo se perficiona con la memoria del juizio, y el mas pecador se enmienda; y assi la memoria del juizio, para toda criatura es necessaria.

(:!:)

VICTORIA.

His autem fieri incipientibus, respicite, & leuate capita vestra, *vers.* 28.

Està tan librada la victoria del alma en la memoria del juizio, que en viendola con las atenciones en èl, la proponen como à victoriosa el premio.

XXVII PRimera vez sale victoriosa el alma, combatida tantas vezes con las memorias del juizio, que mucho? Rindese a la virtud, alcança victoria contra el vicio: esse poder tiene recuerdos del dia postrimero. Declara Christo Señor nuestro á sus dicipulos, las señales que han de preceder al mas tremẽdo dia, y auiendo hecho mencion espaciosa de todas, les dize: No os acobardeis con la narracion de tan lastimosos casos, ni os sugeteis tampoco con vista de tan tragicos sucessos, antes presumid de victoriosos, que de vencidos; porque en la vista de esse dia tan horrible, consiste vuestra victoria: *His autem fieri incipientibus, respicite, & leuate capita vestra.* Si el premio de la victoria del justo es el cielo, *leuate capita vestra*, bien podeis empezar a gozarle desde luego, y daros por premiados, y en consequencia suponeros victoriosos: *Capita itaque leuate,*

S. Greg. Mag in cat.

eſt mentes noſtras ad gaudia patriæ cœleſtis erigere, dixo aqui San Gregorio el Grande. Anticipada parece eſſa diligencia: A la victoria no precede en la campaña la conquiſta? Luego es primero el conquiſtar, que el premio, y el premio deſpues que la victoria; como Chriſto Señor nueſtro propone premios de victorioſos a los que aun no han acabado de ſer en la campaña de eſte mundo cõquiſtados? No veis el miſterio? Auiales declarado todas las ſeñales del juizio, y dizeles: Mirad que os empeño mi palabra, que ha de ſuceder el rigor, como he ſignificado; preuenid al esfuerço, alentad al valor, no corcobee nadie, quando tocare con la experiencia, lo que aora conoce con mi doctrina, antes lo mire de hito en hito, que buelua las elpaldas, *reſpicite*. Aſsi, que les manda tener pueſtos los ojos en las ſeñales del juizio, pues *leuate capita veſtra* deſde luego pueden tener por ſuya la victoria, y empeçar a gozar de la gloria, que es el premio: *Capita itaque leuare, eſt mentes noſtras ad gaudia patriæ cœleſtis erigere*. Porque eſtà tan librada la victoria de vn alma en las atenciones del juizio, que en viendo que le tiene delante de los ojos, le proponen el premio, como ſi fuera ya victorioſa.

XXIIX

Entre otras marauilloſas viſiones que tuuo el Euangeliſta San Iuan, fue vna la del capitulo quarto del libro de ſus reuelaciones: *Vidi, & ecce oſtium apertum in cœlo.* Lebantè los ojos, y vi vna puerta en el cielo abierta: cuidadoſo con la goloſina de la gloria, reparè mas atento, y lo primero que vi, fue vna ſilla, y en ella vno que eſtaua ſentado: *Et ecce ſedes poſita erat in cœlo, & ſupra ſedem ſedens.* Miſterioſa viſion, pero no facil de declarar, ſino ponemos primero eſta explicacion de la Gloſſa. *Ecce ſedes poſita erat, ſcilicet Chriſti iudicantis.* Eſta ſilla eſtà preparada para el juizio; y eſte que eſtà en ella ſentado, es Chriſto Iuez. O valgame Dios, y que de encuentros! En el Cielo ay juizio? La Gloria es lo primero que ſe ve allà, no el rigor; en abriendo ſus puertas, a Chriſto glorioſo ſe vè no juez, apacible, no riguroſo; alli no ay q̃ temer, ſino que gozar: Para ver en la Gloria coſas de aſſombro, y no de ſoſiego, cierrenſe ſus puertas; de que ſirue vna puerta abierta en la Gloria, ſi quando pronoſtica gozos, al primer encuentro atemoriza con juizios? O cierrefe eſſa puerta, o quitefe Chriſto juez; porque hallarſe en las manos del juizio los ojos, lleuando hecho el guſto a las ſazones de la Gloria, es demaſiado ſinſabor.

Apocal. 4 1.

Verſ. 2.

Gloſſ hic.

Lien

Bien discurrida está essa dolazon: pero penetrando el misterio, antes tiene essa junta de conueniencia, que de encuentro; no solo no se opone la vista de vn Christo Iuez con la de vna puerta del Cielo abierta, sino que se dan tanto las manos, que si está abierta essa puerta, es solo porque ay vn Christo Iuez. En el Cielo se ven aparatos de juizio? Pues abranse sus puertas, para que se entre a gozar de sus glorias; que si el gozarlas es premio de la victoria, y esta se alcança en la conquista, es tan cierto salir victoriosa vn alma que conquista el Cielo, puestas las atẽciones en el juizio, que como si ya lo fuera, en el mesmo ver a Christo Iuez, tiene la puerta abierta para entrarse a gozar del premio, que es la Gloria.

xxix. Parecioselo assi a Cessareo Atelatense, no gaste el alma (dize cuerdo) mas preuenciones de guerra contra los mayores esfuerços de su cabiloso enemigo, que recuerdos de vn dia en que se ha de ver el linage humano junto, para premiarle acertado, o para castigarle defectuoso. Sea esta consideracion la muralla con que se asegure, la fortificacion con que se defienda, la municion con q̃ combata, porque es su valor tan crecido, que a solo el está vinculado lo victorioso: *Qui enim istam lectionem diligenti mente attendit* (dize Cessareo despues de auer leido la de *discedite à me maledicti*) *etiam si reliquas scripturas minime intelligat; ista sola lectio sufficere potest ad omne opus bonum faciendum & ad omne opus malum fugiendum.* Cesse el cuidado de otra preuencion militar, quando se và a la campaña espiritual, para conquistar el cielo: Sea toda la mira no oluidarse del juizio, que teniendole à la vista, el trae consigo todas las demas virtudes: y vn alma que và a la campaña lleuando por General a la memoria del juizio, y por soldados a todas las Virtudes, puede entrarse en la conquista, segura de alcançar con la gracia la victoria, y con la gloria el premio.

Cæsareus Arelat. Hom. 39

Ad quam, &c.

(3?3)

CON-

CONQVISTA SEGVNDA.

Para el Domingo segundo de Aduiento.

Cum audisset Ioannes in vinculis opera Christi.
Matthæi 11. versí. 2.

EXORTACION.

RAuo rigor el de vna potestad empeñada. Que no haran vna potestad, y vn empeño? Lo imposible hazen facil, lo facil, como lo dispondran? En el Bautista tocamos la experiencia, pues siendo en la virtud tan estremado, y en la vida tan perfecto, no se libró de la tirania de vn empeño poderoso. Si ya no es, que fuessen efectos del miedo sus cadenas; que el temor quando se ve con el poder, suele preuenirse riguroso, porque se mira recelado: y assi temeroso Herodes de Iuan, pudo aprisionarle, mas que valiente. Al fin estaua preso el Precursor, pero no oluidado de sus Discipulos, pues solicita sus mejoras no haziendo caso de sus cuitas. Buen pastor, mira el bien de la ouejilla, antes que su comodidad. No le affligen los tormentos, aunque està tan de peligro en ellos, porque no faltando el valor, las desdichas solo son emulacion del animo. A Christo embia su rebaño porque se quede con Christo. Dudas pone en su conocimiento; quan acertadas, para que assi queden seguros de que es el Messias prometido. O lo que sabe vn superior, si trata de enseñar de veras al subdito, pues aun quando duda, sabe; pero si se oluida dèl, por acordarse demasiado de si, todo es precipicio su obrar, porque como falta a su obligacion, le falta en sus acciones el discurso. Breue es la embaxada, pero compendiosa; Eres tu el que has de venir?

Galan-

Galantería es de vn ingenio dezir mucho, y hablar poco. Responde Christo sin dilacion. Los ciegos ven, los sordos oyen, los cojos andan, los leprosos se purifican, los muertos recobran nueua vida, y los pobres admiten con agrado el Euangelio: que mucho siendo pobres, que se ajusten mas faciles al yugo de la ley? Sin dezirlo, dize Christo, que es Dios; pero que mas dezir, si dize, que hazen sin interes? Fueron con la respuesta los Dicipulos à Iuan, y quedòse Christo hecho Coronista de sus virtudes. Vltimo lucimiento de vn alma, quando Dios la califica. Lo primero, publica su constancia, piedra fundamental de la virtud, sin la qual se arruina con breuedad la mas bizarra determinacion de santidad. Dize, que no es debil caña, que oprimida con el viento, a la menor de sus fuerças se le rinde, confessandose poco constante; que vnas pieles eran su mayor adorno; que era Propheta, y mas que Propheta, que era Angel, que en suma es toda la letra del Sagrado Euangelio. Aue Maria.

COMBATE I.

Cum audisset Ioannes in vinculis opera Christi, *vers.* 2.

Quitara Dios el sabor a la gloria, si la diera sin padecer.

Num. I. PAdecer vn amigo, por defender a otro, es deuido a vna amistad verdadera: olvidarle en los aprietos, estilo del mundo, socorrerle en sus necesidades, costumbre de Dios. Pero esta vez parece q̃ và corriente Dios con el mundo, pues viendo que està el Bautista en vna carcel, dissimula, y sabiendo que por defender sus preceptos le tienen con cadenas, no haze diligencias para sacarle de tan penoso sitio: *Cum audisset Ioannes in vinculis opera Christi.* En cadenas ha de estar Iuan, y siendo Christo causa de su prision, ha de estar tan detenido? Si, que esse suspender las penas importa mucho al Bautista, pues si le permite en ellas, es porque se goze en glorias: No lo entiendo: Para esso no tiene harto Iuan con las virtudes que tiene? Reparad en lo vltimo del Euangelio, y vereis como dize el mismo Christo, que es Angel, Propheta, y constante en la virtud. Si es Angel, porque està en prisiones? Si virtuoso porque en cadenas? No tiene harto para tener la gloria? Seguro tiene el cielo quien tiene essas prerogatiuas, para que son necessarias prisiones? No para tener el cielo, sino para tenerle con mas gusto. No sè si lo he pensado bien. Tuuiera

Iuan

Iuan el cielo, con ser Angel en la pureza, pero no le tuuiera cõ tanto gusto por esso, como por auer sido aprisionado: mas le aumentan en la gloria las cadenas el gusto, que la pureza de sus virtudes; porque el sabor de la gloria, todo consiste en padecer.

II. Cria Dios el mundo, dibuxa la hermosura de essos cielos, compone el desaliño de la tierra, y forma al hombre. Contempla todo lo criado Iunilio el de Africa, y haze sazonado esta pregunta: *Si omnia, quæ in præsenti seculo gesta sunt, ad futurum respiciebant: quid opus erat, vt à Deo præsens seculum fieret?* Si este mundo no se hizo tanto por este mundo, como por el otro; para que le criò Dios? Si criò al hombre, no para este mundo, sino para el otro, porque le criò en este mundo, que parece ociosa essa creacion? Criarale en la gloria, y estuuierase allà desde el instante de su creacion: Si fue criado para el cielo, para que era menester criarle en la tierra? Y si la estancia de la gloria se auia de medir por eternidades, para que fue el poner al hombre en parte que su habitacion se acaba por momentos? Responde: *Quia decuit, vt rationales creaturæ prius discerent, & exercitarentur in dubijs: ac tunc æterni, postea frucrentur, & meritò data viderentur probatis, & gratiosa fierent reminiscentibus transacta certamina.* Anduuo Dios, dize el Africano aduertido, prouido en criar al hombre en la tierra, para auerle de lleuar al cielo. Es aluergue el cielo de dichas, harruta de felicidades, *satiabor cum apparuerit gloria tua*, dixo Dauid. La tierra, sitio de vniuersales miserias, dixo el Principe paciente, *militia est vita hominis super terram*, o como leyeron otros, *miseria*, en vez de *militia*. Esta es vida caduca, aquella eterna, aqui se viue padeciendo, alli gozando. Pues si aquella es vida eterna, y esta temporal; si alli se viue vida de gloria, y aqui de pena, crie Dios al hombre en vn mundo donde se viue penando, para auerle de trasladar a vn cielo, donde gozando se viue; porque acordandose en el cielo de la pena que tuuo en la tierra, essa pena acordada, dè nueua sazon a la gloria, *& gratiosa fierent reminiscentibus transacta certamina.* La gracia de la gloria, es el auer padecido, y quando se acuerda el justo, que padecio para merecerla, se le haze mas dulce, y sabroso, y viene a aumentarse mas la gloria por la pena, que por la gloria mesma; pues la gloria no aumenta a la gloria, y dà nueua sazon a la gloria la memoria de

Iunilius Episc. Africa. de partib. diuin. legis lib. 2. c. 26.

Psal. 16. 15.

Iob. 7. 1.

de la pena. Agrauio fuera, mas que fauor, criando Dios al hõbre para el cielo, criarle en el cielo; porque como allà falta el padecer, si le diera el cielo sin penas, le quitara la sazon en las glorias.

III. Hablando el Profeta Rey con la Mageſtad de Dios, en nombre de los Martires, le dize: *Lætati ſumus pro diebus, quibus nos humiliaſti: annis, quibus vidimus mala.* Alegramonos, Señor, por los dias en que nos humillaſte, por los años en que padecimos males. Esſa alegria donde fue? En en cielo, dize nueſtro Incognito, *Iſte verſus poteſt intelligi de lætitia habita in patria.* Agrauio parece conocido de la gloria. Que quiere ſer, q̃ eſtando los Santos en el cielo, digan, que ſe alegran por lo que padecieron en la tierra? No ay materia ſuficiente de gloria allà en la gloria? para que es meneſter acudir á buſcar motiuos de gloria en la tierra? aquel gozar de la viſta de Dios eternamente, de aquella fuente perenne de luz, aquella compañia de Angeles, y bien auenturados; todo eſte Occeano de dicha no la cauſa ſuficiente? pues, como quando ſe haze memoria de ſus felicidades, no ſe entran en cuenta los bienes que ſe gozan en la gloria, ſino los males que ſe paſſaron en la tierra? Es, dize nueſtro Incognito el miſterio, que los Santos no tanto hablan aqui de la gloria, quanto de los aumentos de ella. La gloria, gloria es, pero ſu aumento extrinſeco, no conſiſte tanto en la gloria, como en la pena; la pena es quien la haze crecer. Mas gloria tiene vn Santo por auer padecido, que por eſtar en la gloria; y aunq̃ es verdad, que es la vltima felicidad llegar a eſtar en la gloria, ſino ſe huuiera alcançado a poder de combates fatigoſos, ſe tuuiera menos guſto en gozarla. Oid a nueſtro Incognito: *Lætati ſumus, id eſt, lætabimur in patria. Pro diebus quibus nos humiliaſti, id eſt, humiliatio, & aduerſitas hic habita ibi maioris lætitiæ cauſa erit.* Aumentaſe la gloria, quanto mas ſe aumenta la pena, y dà nueua ſazon al cielo, lo que en la tierra ſe padeciò. Sazonada eſtà la gloria en el cielo, pero ſi ſe diera ſin penas, faltarale el ſainete de auer padecido: quando ay pena, para que aya gloria, entonces tiene ſu ſazon cumplida.

Pſal. 89. 15.

Incog hic

IV. Cria Dios el Paraiſo, edificio, ſi fabricado en la tierra, con preſunciones de cielo, pues el Artifice ſoberano ſe eſmerò tãto en ſu fabrica, que a no tener palacios celeſtiales, pudiera ſer habitacion de ſu grandeza. Puſo alli al hombre, y con eſtar en todo el edificio tan perfecto, le pone en êl, para que trabaje;

baje; como si tuuiera necessidad de mas solicitud, para darle la vltima mano, o como si el hombre pudiera perficionar lo que auia edificado Dios: *Vt operaretur.* Trabaje, dize Dios, en esse edificio, que para esso le pongo en él. Esso, Señor, es desacreditar vuestra liberalidad; poneis a Adan en el Paraiso, y poneisle para que trabaje? Si el gozar essas amenidades le ha de costar su trabajo, el gozarlas, diligencia serà de su cuidado, no de vuestra liberalidad. No pierde de dadiuosa la accion, dize mi Bernardo, porque esse trabajo ha de ser gustoso, y el gusto desmiente el trabajo: *Operaretur delectabiliter.* Deleyte ha de ser esse trabajo, no trabajo. No passo por esso, Santo mio, el trabajo, aunque deleitoso, al fin es trabajo: Esse *delectabiliter* viene bien al gozar la hermosura del Paraiso, en aquel gozo si, que ay deleyte; pero en el trabajo, como le puede auer? Quan bien! *Operaretur delectabiliter.* Goze Adan del Paraiso, y trabaje en el Paraiso Adan, que si estuuiera en èl sin trabajo, tuuiera el deleite del gusto, pero no tuuiera el del afan. Trabaje, que si quitandole el trabajo se le ahorraua de fatiga, tambien se le escusaua de deleite. Gustara de ver la hermosa florecilla, pero no de auerla hecho crecer, a costa de su cuidado. Deleitàrase entre la pompa del arbol mas ameno, pero no en auerle vestido tan vfano su sudor. Supierale bien el fruto mas fecundo, pero faltarale mucho de sabor, viendo no le auia costado nada: y assi no se le dè al primer hombre sin trabajo el sitio ameno, porque no se le limite el gusto de estar en èl.

Genes. 2. 15.

S. Bern. ser. in Feria 4. Hebd. pœnosæ.

Oid quan elegante discanta Seneca el gusto que causa el pesar: *Malo me fortuna in castris suis, quam in delicijs habebat. Torqueor, sed fortiter, bene est, occidor, sed fortiter, bene est. Audi Epicurum, diuet, & dulce est.* La pena al inconstante aflige, al valeroso diuierte. Si me dà a escoger la fortuna de sus bienes, o sus males, digo, que escojo sus males. Pongame en la campaña, donde los lances de padecer son mayores, y los riesgos mas euidentes, que aí tengo el desahogo, no en sus deleites: padezco los combates del padecer, pero gran cosa es padecer, porque alli parece mas la fortuna del animo. Empeñome en vna cõquista, de vna cosa de importancia, y pierdo en ella la vida: que importa que no pierda el valor, si se pierde con valor la vida. Luego el padecer, el morir, agradable es: para vn generoso pecho, si: pues assi muestra el valor, y fortaleza. Escojo, pues, dize el Filosofo, para mi gusto,

V. *Sen. lib. 1. Epist. Ep. 67.*

sto, no al gusto, sino al pesar; para el deleite de mi vida, no a la vida, sino a la muerte; muera yo padeciendo, pues padeciendo tanto viuo: Que mas? *Audi Epicurum dicet, & dulce est.* No solamente es aliuio del valor el padecer, sino del gusto, pues sazona a todos los gustos la dulçura del padecer.

COMBATE II.

Tu es qui venturus es, an alium expectamus? *Vers.* 3.

Si se tiene vn bien del espiritu, aunque se ignore, satisface tanto, que ni dà lugar a esperarle, ni a que se eche menos el tenerle.

VI. COrteses los discipulos de Iuan, llegan à Christo, y le proponen su embaxada: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* Eres el Mesias verdadero, o esperamos otro? Reparad en la quietud de Iuan, y en la pregunta. Estàse sosegado en la carcel, y pregunta por medio de sus discipulos à Christo, si es el Mesias verdadero: *Tu es qui venturus es?* El deseo es el desasosiego mismo; la possession es quietud, y la pregunta ignorancia. Si Iuan desea saber si Christo es el verdadero Mesias, procure salir de la carcel, y llegarse donde està, sabrálo de su misma boca: essa quietud mas parece de quien tiene, que de quien desea, porque la impaciencia, y el deseo, es todo vno. Y si tiene aires de quien tiene en el sosiego, como tiene aires de quien ignora en la pregunta? Pregunta como quien ignora, sosiegase, como quien tiene, y no espera tener lo mismo que ignora; pues si ha de esperar es a otro, y no a Christo: *An alium expectamus?* No ignora el Bautista que Christo es el verdadero Mesias, dize S. Gregorio el Grande; pero haze como que lo ignora: *Tanquam si ignoraret, quem ostenderat, & an ipse sit nesciat, quem ipse prophetizando, baptizando, ostendendo ipsum esse clamauerat.* Para que es esse ignorar lo que se sabe? Presumo que son diligencias para dar noticia de lo que causa vn bien de Dios, si se tiene, aunque se ignore: pues vemos en Iuan, que se quieta como quien tiene, y pregunta como quien ignora, y no se resuelue a esperar, como si supiera que tiene lo mismo de que no tiene (aunque lo goza) noticia. Braua hidalguia la de vn bien espiritual posseido, pues aunque no le conozca quien le tiene, le alienta tanto, que ni dà lugar a que le haga falta el esperarle, ni permite que eche menos la dicha de tenerle.

S. Greg. Mag. in Cat. hic.

Ioa 15

VII. Alentòme este pensar delgadamente Chrysostomo. Fatigado

gado del camino se sentò en el brocal de vn poço Christo, sino como lo merecia su grandeza, como su necessidad lo pedia: es muy facil contentarse vna necessidad precisa. Acertò a venir vna muger de Samaria en esta ocasion, y acertò en venir: depende mucho el buen sucesso de la ocasion. Vino en los aliños galante, en la hermosura bizarra, en la edad de pocos años, y de muchas desembolturas en la vida. Empeço a persuadirla Christo. Estrañò la platica, por ser cõ Iudio, la muger; pero Christo tã enamorado, como entendido, ya con agasajos, ya con promesas, la sazona de suerte, q̃ aficionada a su trato, y correspondencia deseaua tener lo que prometia: *Da mihi hanc aquam.* O q̃ gran muger, dize Chrisostomo, que herida ya del amor, no se ausenta, sino, q̃ *spectat, & sedet, dum quod quarit inueniat*, se sienta para esperar lo que busca. Gentil modo es esse de hablar! A quien busca esta muger? à Christo. No està junto à Christo? Pues quien busca lo que tiene? Ay mas gracioso donaire, buscar a Christo, estar con Christo, y para buscarle sentarse junto a Christo? No lo estrañeis, dize Chrysostomo, q̃ el estar con Christo, aunque sea sin conocerle, y sin saber q̃ lo es, influye vn no se què en el alma, que ni le dexa de gozar, porque le goza, ni dexa de esperar el gozarle, porq̃ no le conoce. Verdad es q̃ ignora que es Christo el que tiene presente, pero como es Dios tan infinito, el coraçon se paga tanto de tenerle, q̃ sin saberlo le goza, quando le espera, le espera quando le goza. Braua harmonia haze en el alma vn bien de los de Dios si le tiene, y no le conoce; pues a vn mismo tiempo suenan en ella, vn esperar sin esperar, vna alegria sin alegria, vna satisfacion de que se tiene lo que se busca sin satisfacion; y en fin vn alma entre tan opuestas dudas, sin esperar, sin desesperar, sin alegria, sin tristeza, sin satisfacion, sin descõsuelo, llega a estar tan contenta, q̃ como si supiera el bien q̃ tiene, sin saber q̃ le tiene, no quiere dexarle: *Samaritana* (dize Chrysostomo) *tantam adhibet diligentiam, vt aliquid vtilitatis consequatur, neque à Christo discedit, quamuis eum adhuc ignoret.* No conocia la Samaritana a Christo, pero como le tenia, le hazia poca falta el conocerle; q̃ vn bien del cielo, si se tiene, aunq̃ se ignore, tiene vna virtud tan oculta para quietar alma q̃ en el modo que puede le dà la dicha q̃ si le conociera.

Ioan. 4. 15.

Chrysost. homil. 30 in Ioan.

Llegose el tiempo en que conociesse el mundo el inefable misterio que excede todo conocimiento humano, que fue el VIII.

de la Encarnacion del Verbo: y para que la reputacion de su Madre no corriesse peligro, determinò que se desposasse con Ioseph. Hallóse turbado el Patriarca; porque hallò à su Esposa preñada sin saber de quien. Y no hallando remedio, quiso darle el de vna ausencia, para q̃ sin detrimento de Maria, se hallase libre de su rezelo: *Ioseph autem vir eius, cum esset iustus, & nollet eam traducere: voluit occultè dimittere eam.* Apretado lance, ver vn hombre preñada a su esposa, y conocerla por santa. Quien vio jamas tanta desigualdad, vna euidencia de vn preñado, y vna certeza de vna santidad? Dulcemente quiere a su Esposa Ioseph, mirala preñada sin saber de quien: ni se atreue a dexarla, ni se determina a tenerla. Ponese a ponderar el caso Chrysologo, y dize: *Sponsus, quid faceret ad ista? Accusaret de crimine? Sed erat ipse innocentiæ testis. Culpam diceret? Sed erat ipse custos pudoris: vrgeret adulterium? Sed erat ipse virginitatis assertor.* Que ay Patriarcha Santo; quereis acusar à Maria? Como puede ser, siendo testigo de su pureza. Dezir su culpa? Menos, que soys guarda de su innocencia. Publicar su adulterio? Tampoco, que os consta de su virginidad. Brauo caso, que la possession del mayor bien humano, le trae à Ioseph tan indeciso, que ni acierta à dexar à su esposa, ni a tenerla: Si determina ausentarse, no se lo concede el amor, para quedarse, el honor no le dá licencia. No puede sentir el dexar à Maria, porque la tiene; no puede alegrarse en tenerla, porque espera dexarla. Luego Ioseph se halla cõ alegria de tener à Maria preñada, porque la tiene: con tristeza de su preñado, porque no la conoce: cõ deseos de dexarla por su credito: con sentimientos de perderla con su amor. Assi es porque quien tiene vn bien tan grande como vna Esposa preñada de vn Dios, aunque no lo conozca, se halla tan dichoso, que ni echa menos la dicha, ni se resuelue à dexarla: Està Ioseph tan misteriosamente dichoso, que siendo dueño de toda la gloria, aunque lo duda, ni la echa menos, ni la solicita.

Matth. 1. 19.

Chrysol. ser. 145.

IX. Durmiò Adan (à diligencias diuinas) la vez primera, siendo Principe, no le admiro vigilante: conoce misterios en el sueño, speciales mercedes fueron tener fauores de quien vela en que tiene descuydos de quien duerme: Sacòle Dios vna costilla, y formando della vna muger, se la dà por compañera, para aliuio de sus males, ò para aumento de sus dichas. Despertò Adan, y viendose tan bien acompañado, sin poder dissimular el gozo, haziendo interpre-

te

te del a'mi à la lengua, dize: *Hoc nunc os ex ossibus meis, & caro de carne mea* O como leyò Barcepha: *Hac vice os de ossibus meis.* Esta vez si que se ha mostrado Dios liberal, hasta aora repartia conmigo su poder, reseruando para si el criar, y cometiendome el nombrar las criaturas; mas aora es lo grande con que me ha fauorecido, pues me dà vna muger, que es carne de mi carne, y hueso de mis huessos. Festejò tanto este allazgo dize Crisostomo, no solo por lo que tenia de propio, sino por lo que tuuo de impensado. *Quippe cùm nihil de his, quæ facta erant sciret, postquam Deus hanc illi adduxit, inquit, hoc nunc os ex ossibus meis, & caro ex carne mea.* Ignoraua su dicha, y assi quando la conoce, exclama amoroso. No me haze nouedad la exclamacion, sino el poco caso de su soledad: No se conoce singular entre tanta variedad de criaturas? no ve q̃ tiene cada vna otra semejante? Pues si mira de cada linage dos en amigable trato, porque no echa menos lo que le falta? Registra las criaturas, poneles nõbres; y viendolas vnidas en cõsorcio suaue, no le causa vn deseo de ver vna semejança suya? O que ambicion pudiera presumirse, á no estar Adan tan innocente; pues no falta quien escuse en el mando compañia! Haze razon de estado el no pedir, porque es poderoso? Aunque ya se derogò essa ley, para con Dios nunca fue de monta; pidale vna muger, y no se descuyde en la solicitud de lo que tanto necesita. No se si daré en el punto; pero esta me parece de su descuido la causa. Mirauase Adan sin compañia, quando via à las demas criaturas con ella: No podia siquiera hablar vna palabra, siendo entendido, y estando à solas, no era mucho; hallauase solo, pero no afligido; mirava en sociedad apacible à sus subditos, y no quedaua embidioso; tenia noticia de su soledad, pero no tenia sentimiento; porque aunque estaua sin conocimiento de que le auian de dar compañera, como siente Chrisostomo, teniala virtualmente en la costilla, y el lado era deposito de su esposa. Assi pues no se desasosiegue Adan, ni desee tener lo mismo de que vè abundosos sus vassallos; que algunos bienes tienen tal calidad, que si se posseen, aunque se ignoren, sazonan de tal suerte el gusto, que aun no le dan lugar à vn deseo. No pretenda la muger, que si tuuiera segura esperança su pretension, no ha menester ponerse en ocasion de esperar, quien llega (aunque sin saberlo) à tener; que es generosa condicion de algunos bienes poner los animos tan satisfechos,

Genes 2. 23. Barceph. Comm. de Paradis par. 1. c. 28.

Chrysost. Homi 15 in Gen.

chos, que ni dependa su satisfacion de la noticia, ni deshaga la quietud el desconocimiento.

X. No está la dicha de vn dichoso en serlo, sino en saber q̃ lo es, dixo Seneca: Poco importa que se tenga vn bien, sino se tiene noticia de que se tiene. El bien por sí no haze dichosos, sino su conocimiento; faltando este, la dicha falta; pues aunque se tiene, se ignora; y vn bien ignorado, no dà mas gusto, que no tenido. *Miser est, qui se non non beatissimum iudicat, licet imperet mundo.* Si no se juzga dicha la dicha, no lo es; lo imperioso diuierte, en quanto se sabe, no en quanto se tiene: Mas claro el Comico.

Sen. lib. 1 Epist. 9.

Non est beatus, esse se qui non putat. No ay bienauenturança ignorada, ni dicha para quien no la tiene por tal, aunque la tenga. Facilmente assentiré à esta verdad; pero en los bienes del mũdo solamente; su naturaleza es corta; y assi no llenan el coraçon humano: El conocimiento solo, los haze algo: aunque se tengan, mientras no se saben, no sabe à dicha el tenerlos. Los del cielo, como son tan grandes, si llegan à estar en el coraçon del hombre, aunque no lo sepa, saben alentarle tanto, y darle relieues de gusto con tal destreza, que se halla, si tal vez en opuestas dudas, siempre tan satisfecho, que ni le haze falta el esperarlos, ni echa menos la dicha de tenerlos. No resista el Catolico combate tan fuerte; alienteſe à buscar bienes de Dios, y à dexar los del mundo, pues los vnos alientan tanto el espiritu, y le desmayan tanto los otros.

Poet. Comic. apud Sen. ibid.

COMBATE III.

Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, surdi audiunt, *vers.* 3.

Es de grande estima el penar, y suele quitarlo Dios, porque no se desprecie.

XI. Dieron los Discipulos de Iuan à Christo la embaxada, à tiempo dize el Euangelista San Lucas, que estauan con su Magestad ciegos, sordos, y mudos; y sin responder al recaudo que le dauan, empieza à sanarlos: *In ipsa autem hora multos curauit à langoribus, & plagis*, que es lo mismo que auia dicho San Mateo: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, surdi audiunt.* Que hazeis Señor, os poneis a curar llagas, quando recibis el recaudo de Iuan? Responded primero, que lo cortés, y lo santo no se oponen; y ya que tratais de remediar desdichas, pudierase Iuan quexar, que remediais antes las agenas, que las propias;

Luca 7. 21.

priar; pues siendo tan de casa, no solicitais su libertad, quando quitais los grillos a los cojos, y las cataratas a los ciegos. Cuidado es de Christo sanar estos enfermos; y el no libertar à Iuan, aduertencia. Padecia Iuan, y estos enfermos padecian; pero en Iuan era precioso el padecer, en los enfermos despreciado; y quanto estaua el Bautista hallado con sus penas, estauan estos descontentos con sus dolores, haziendo mala cara al padecer. No padezcan, pues, dize Christo: *In ipsa hora multos curauit à languoribus, & plagis.* No quiero diuertirme en responder a Iuan, antes que a estos quite el padecer, que padece mucho el padecer en ellos. Estese en sus penas Iuan, pues las estima en lo que merecen; pero a estos quiteseles, porque como no las saben conocer, no las saben estimar.

XII. Tenia vn pie puesto en el camino de la muerte Esteuan, quando haziendo reseña de bienauenturado, blasona entre estas alentadas vozes de su dicha; *Ecce video cælos apertos, & filium hominis stantem à dextris Dei.* Tal es la grandeza de mi dicha, que aun estando en mis mayores penas, corrida la cortina del cielo, veo a Iesus. Solo vn dia de vida tenia Pedro, en la carcel estaua para morir el dia siguiente, quando entre lucientes esplendores baxa à conuersar con èl vn Angel: *Ecce Angelus Domini astitit: & lumen refulsit in habitaculo.* Ni admiro la assistencia del Angel, ni el rasgarse los cielos: solo reparo, que siendo Iesus, Iesus, y el Angel solamente Angel, estuuiesse mas compassiuo, que Iesus el Angel; pues estando para morir entrambos, libra el Angel de la muerte à Pedro, *Ceciderunt catenæ de manibus eius*, y no libra à Esteuan del morir Iesus: *Obdormiuit in Dño.* Que es esto Señor? Vn Angel ve en cadenas a Pedro, y se las quita, y podeis sufrir el estruendo de las piedras de Esteuan, dexandole en ellas? Vos Señor, èl Angel criado; vno compassiuo por naturaleza, otro por gracia, y se ha de hallar mas gracia en vna compassion por gracia, que en vna por naturaleza? Que quiere ser quitar vn Angel las cadenas à Pedro, y dexar en las piedras à Esteuan vn Dios? Reparad en el modo de tratar el vno a las piedras, y a las cadenas el otro. Que acogida hizo a las piedras Esteuan? De agasajo, y cariño: *Lapides torrentis illi dulces fuerunt.* Amargas eran, y desabridas, pero agradòse dellas, como no si fueran gustos. Y Pedro, como tratò a las cadenas? Descortès, pues estando en medio dellas, se duerme: *Erat Petrus dormiens inter*

Actor. 7. 55.

Actor. 12 7.

Vers. 8.

Actor. 7.

Ecclesia in eius Offic.

Actor. 12 6.

inter duos milites, vinctus catenis duabus. Quitele, pues el Angel a Pedro las cadenas, y dexe entre las piedras a Esteuan Dios, que esto del padecer es cosa tan preciosa, que solo quien lo estima lo tiene; y lo pierde, quien no lo aprecia. Priuen de la gloria de estar en vnas cadenas a quien se duerme en ellas, y dexen en las piedras a quien las venera cortès, para que se entienda, que si se haze aprecio del padecer, se padece, y sino, se quita el padecer.

XIII. Animoso Pedro, y valiente, viendo la descompuesta osadia con que atreuido el Iudaismo llegaua a prender a su Maestro, prouocado de su amor, que es impaciente en sufrir desacatos a quien ama; probó la destreza de su braço en el soldado, a su parecer, mas atreuido; quitòle la oreja. Vio Christo el caso, ya sangre caliente le remedia, *Cùm tetigisset auriculam eius sanauit eum.* Luc. 22. 51. Pondera Ambrosio la resolucion valiente de Pedro, y dando la razon de su osadia, dize: *Eruditus enim in lege Petrus promptus affectu: qui sciret Phinees reputatum ad iustitiam, quod sacrilegos peremisset percussit Principis seruum.* Ambr. in caten D. Tho. hic. Era Pedro docto en la ley, y afectuoso, diole la sabiduria noticia de la estimacion, que se hizo del zelo con que Phinees quitó tanta vida sacrilega: el afecto le obligò a tener valor para imitarle. Pero Christo Señor nuestro deshaze lo que haze, y sano con toda puntualidad al que hiriò, *sanauit eum.* Que es esso Señor, vna accion tan lucida deslucis, sepultando en perpetuo silencio atreuimiento tan loable? Desea Pedro defenderos, y ofenderos Malco, y como ofendido de quien os defiende, defendeis solo a quien pretende ofenderos? No os espanteis de la diligencia: Era tiempo en que Christo empezaua à tomar posesion de las penas de su pasion: auia dado ya el primer passo en el padecer; estaua resuelto con biçarra determinacion a penar; assi, pues no permita que padezca Malco, sanele, que en ocasion que vn Dios padece, no ha de padecer vn desalmado: Que caso se auia de hazer del padecer, si a vn mismo tiempo padecian vn Dios sumamente bueno, y vn hombre porfiadamente malo? Si el vno por voluntad, por fuerça el otro; todo era padecer, y assi venia a desestimar el hombre, lo que estimaua Dios, y con esso se descreditaua su gusto, pues hazia caso de lo que vn sacrilego despreciaua. Sanele, que no ha de estar el padecer, siendo cosa tan del gusto de Dios, en vn hombre sacrilego, y desalmado. Quitesele el padecer, aunque pierda Pedro el lucimien-

to

to de su faccion, padezca sepultado en el oluido hecho tan memorable; no aya señas del, porque no assista el padecer en Malco. Tanto estima Dios, que se estimen las penas, que quiere mas se pierda la bizarria de vn Apostol, que la estimacion del padecer.

XIV. Pareciole a Seneca, y bien, que el padecer no era cosa de monta, sino se padecia con fortaleza; *Non enim pati tormenta optabile est, sed pati fortiter.* La fortaleza dà valor al penar, que ello por si no es loable; tambien pena vn bruto, y tiene sus lances de sentir, y no se le imputa a gallardia de animo, sino a pusilanimidad, y flaqueza; pues si padece, es porque padece, no porque quiere padecer. Si falta en las penas el gusto, con que valor pueden lleuarse? Vn coraçon q̃ padece violento, harto haze en padecer, sin padecer fuerte; el aliento nace del gusto, y el cariño de vna obra grãde, facilita lo mas impossible en su execucion. El padecer, como es obra generosa, es dificil; nunca fue facil lo mucho, y siendolo, ha menester executarla el coraçon gustoso, para que el gusto facilite lo desaçonado del penar.

Senec. lib. 1. Epist. 67.

XV. Rindase a este combate el alma, y si se hallare rodeada de miserias, y combatida de males, padezca valerosa; porque no pierda el padecer: no se desaçone en las desdichas, porque no le quiten el penar; tengale por dichosa, quando se viere afligida, para assegurarla la dicha de las penas, y en ellas el merecer.

COMBATE IV.

Renunciate Ioanni, quæ audistis, & vidistis, cæci vident, *vers.* 4.

La liberalidad es vna con lo diuino.

XVI. Responde a los Discipulos de Iuan Christo, pero no a lo que preguntan, pues preguntandole si era el Messias, responde, que ven los ciegos, y que los sordos oyen, *renunciate Ioanni quæ audistis & vidistis; cæci vident.* No os preguntan esso Señor, responded a proposito: No està muy fuera de Christo, dize San Basilio el de Seleucia, porque Iuan no necessita de saber, que es el Mesias, los Discipulos si, y para enseñarles que es el Mesias prometido, y hombre Dios, no se lo dize diziendolo, sino haziendo acciones tan de Dios, que viendolas, no sele pueda negar el serlo, *Euntes renunciate, aut potius docti estote virtutis meæ notas. Visis vestris credite.* Pues bien, que haze Christo, q̃ solo con verlo, se conoce por

S. Basil. Seleuciæ Orat. 34.

Dios? No lo veis? el ser liberal, *caci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, surdi audiunt.* Pues no ha menester dar mas luz de su diuinidad, que luce tanto lo liberal a vista de lo diuino, que si fuera suficiente para conocer a Christo la vista de lo diuino, no lo es menos la de lo liberal.

XVII. Prouemos esta verdad con vn juguete del ingenio. He reparado en la procesion de las diuinas Personas, y hallo que el Padre Eterno tiene vna potencia generatiua, respecto del Verbo diuino, que es el entendimiento fecundissimo suyo, con el qual mirandose a si mismo, y en viendo todas las criaturas le engendra. El hijo engendrado, junto con el Padre generante, siendo vn principio, tienen vna potencia espirativa, respecto del Espiritu Santo, que es la voluntad, con la qual amandose entre si infinitamente el Padre, y el Hijo, espiran al Espiritu Santo; y el Espiritu Santo espirado deste modo, no tiene potencia activa, y quanto tiene es potencia passiua; esto es, que recibe el ser Dios, pero que no lo puede dar; y assi ni engendra, ni espira otra persona diuina, sino que en el se cierra todo genero de proceder. Como es esto? El Padre es mas Dios, que el Espiritu Santo? Es mas Dios que el Espiritu Santo el Hijo? No. La Essencia diuina no es la mesma en el Padre, en el Hijo, y en el Espiritu Santo? Si: Pues si el Padre no es mas Dios que el Espiritu Santo, y el Hijo tampoco, si la Essencia diuina es la mesma en el Padre, en el Hijo, y en el Espiritu Santo, porque el Padre ha de engendrar vn Hijo, el Hijo con el Padre espirar vn Espiritu Santo, y el Espiritu Santo siendo tan Dios como entrambos, no ha de engendrar, ni espirar ninguna Persona diuina? En que se ha de conocer, que el Espiritu Santo es Dios? Dexo su lugar a la escuela, yo he pensado esto. Este Espiritu soberano, es la liberalidad mesma, todos quantos beneficios, y mercedes haze Dios *ad extra*, los haze mediante este Espiritu diuino; y assi le llama la Iglesia Don de Dios por eminencia.

Qui paraclytus diceris,
Donum Dei Altissimi.

Pues no ha menester mas para ser conocido por Persona diuina. El Padre eterno para que se conozca por Dios, engendre a vna Persona Dios: el Verbo con el Padre espire otra Persona Dios, para ser tenido por tal: pero el Espiritu Santo, que es el Don, y dadiua de toda la santissima Trinidad.

Donum Dei Altissimi.

No ha menester mas para ser tenido por Dios: Tan vno es el ser

Eccles. in huius festiu. Offic.

ser liberal, y el ser Dios, que lo que se conoce de Dios por engendrar a vn Dios, esso se conoce de Dios, por ser liberal.

XVIII. Confirmalo el ingenio del Doctor Angel. Escriuiendo S. Pablo a los Corintios, les dize: *Gratia vobis & pax à Deo Patre nostro, & Domino Iesu Christo.* Repara aqui Thomas, en q̃ haziendo mencion el Apostol del Padre y del Hijo, no la haze del Espiritu Santo; siendo assi, q̃ parece ser necessario, por q̃ la gracia, y la paz, son dones especiales suyos, y haziendo mencion de ellos, parecia cõsiguiente hazerla de su dueño. Y aun essa es la causa de no hazerla, dize el Angel Doctor; nombrense el Padre, y el Hijo, q̃ el Espiritu Santo, aunq̃ no se nombre en si, en sus dones se nombra: y pues el ser Don, y el ser Espiritu Santo, es todo vna misma cosa, para nombrarle, no se diga Espiritu Santo, si se dize liberal: *Persona autem Spiritus Sancti non ponitur, quia intelligitur in donis eius, quæ sũt gratia, & pax*, dize el Thomas: No se ponga la Persona del Espiritu Santo por su propio nõbre, que si se pone con nombre de liberal, no dexarà de ser tenido por Dios; *intelligitur in donis eius.*

1. Cor. 1. 3.

S. Thom. ad hunc locum.

XIX. Sacramentòse Christo la vltima de las tres cenas que tuuo la vispera de su muerte: no mira Dios a desacatos para fauorecer alos hõbres. Era el pan, y el vino donde se quedò Sacramentado, o para significar la vnion, como dixo Agustino, o para dar indicios de la caridad, o lo que mas es para todo junto; que nunca conociò de diuisiones el amor. *Hoc est corpus meum: Hic Calix nouum Testamentum est in meo sanguine.* Con vna vida, y vna muerte parece que me hallo embaraçado, pues si atiendo a vn Christo Sacramentado en vna Hostia, le hallo todo de vida, *Ego sum panis viuus* Pero si adelanto la consideracion de tanta vida, y me voy al Caliz, hallo la sangre de esse cuerpo, con que parece està todo muerto: pues vna sangre diuidida de su cuerpo, dexa à vn cuerpo sin sangre; y vn cuerpo apartado de su sangre, necessariamente queda muerto: porque la sangre es el sustento de la vida. Que es esto? Vn cuerpo viuo en vna Hostia, y la sangre de esse cuerpo, como diuidida de el, Sacramentada en vn Caliz? Si. Hallòse Christo, aunque en la vltima Cena, en compañia de sus Discipulos, en la primera que pudo elegir su deseo: Auia publicado, que su Padre era Dios, y q̃ el, y el Padre eran vna misma cosa: *Ego, & Pater vnum sumus.* Sintiose el pie en el estriuo, para caminar a su Reyno, y quiso que sus Discipulos conociessen

Augustin.

1. Cor. 11. 24. 25.

Ioan. 6. 41.

Ioan. 10. 30.

cieſſen que era verdadero en la muerte, lo que en vida les auia enſeñado. Aſsi, pues, quando quiere acreditarſe de Dios, y aſſegurarſe Hijo del Eterno Padre; mueſtreſe tan generoſo, q̃ dandoſe todo Sacramentado, ſe dé juntamente diuidido: *Hoc eſt corpus meum: Hic Calix nouum Teſtamentum eſt in meo ſanguine*; no para negar algo de ſu cuerpo con eſſa diuiſion, ſino para que diuidiendoſe, ſe dè mas vezes, que ſi eſtuuiera vnido. Dè ſu cuerpo todo viuo en vna Hoſtia; y para ſer mas liberal, padezca rieſgos de muerto; y como apartando de ſu carne ſu ſangre, dè ſu ſangre toda en vn Caliz. Quedeſe Sacramentado con apariencias de muerto, para que le tengan por diuino; parezca muerto vna vez, para darſe dos vezes viuo, y venga a ſer tan liberal, que dandoſe a ſi miſmo, ſe dè a ſi miſmo dos vezes. Deſe todo vn Chriſto viuo en vna Hoſtia, y deſe todo vn Chriſto viuo en vn Caliz, que ſiendo la liberalidad tan vna con lo diuino, en quien ay de diuino tanto, no es mucho aya tanto de liberal.

XX. Viene vn Angel de parte de Dios a Zacharias, y haziendo deſcripcion de vn hijo que le ofrece, propone ſele grande, aſſegura ſele perfecto: y llegando a tratar del miniſterio de ſu predicacion, dize: Que tendrà tanta eficacia en ſus palabras, y en ſu doctrina tanto poder, que conuertirà muchos de los hijos de Iſrael a ſu verdadero Dios, y Señor: *Multos filiorum Iſrael conuertet ad Dominum Deum ipſorum.* Reparò con elegancia Tito Boſtrenſe en aquel *multos*, muchos ha de conuertir Iuan; porque no dixo *omnes?* ha de conuertir a todos. Vn Bautiſta, Precurſor diuino, mayor de los nacidos, eſcogido para diſpoſicion de todo el edificio de la Ley de Gracia, ha de conuertir a muchos, y no a todos? Faltòle alguna ſolicitud en el ſeruicio de ſu Dios? No cumplio la obligacion de Precurſor? Pues ſino faltò el cuidado, porque ſe ha de negar el lucimiento; Nada dexò de hazer, todo lo hizo: deſele la gloria de auerlo conuertido todo, a quiẽ ſupo cumplir tan puntual con ſu obligacion. Deſaliento es para vn Capitan, que ha conquiſtado con aliento en la campaña, quitarle lo glorioſo del triunfo, y dexarle lo penoſo del empeño. La gloria hizoſe para el esfuerço, el premio para el valor. Si Iuan conquiſtò con esfuerço valeroſo el mundo, digaſe q̃ conuirtio a todo hombre, no que fue mucho lo que conuirtiò. Pero no, dize Tito Boſtrenſe, no ſe diga que lo cõuirtio todo *omnes*, ſino q̃ conuirtio mucho, *multos*; porque la con-

Luc. 1. 16.

Tit. Epiſ 6, 1.

conuersion es acto de toda liberalidad: tal dexa a vn alma la culpa; que de parte del culpado, todas las obras son muertas: y assi aun el quererse cõuertir no merece de condigno, segun el Teologo. De suerte, que el reparo es todo accion graciosa, y liberal: el cooperar a él tambien. Si el Bautista conuirtiera a todos, fuera con todos liberal; porque graciosamente los ayudara a conuertir. Ea pues, no los conuierta a todos, basta que conuierta a muchos, *multos*; porque la liberalidad es accion tan propia de Dios, q̃ tuuieran a Iuan por Dios, si le vieran con todos liberal: *Ioannes quidem multos filiorum Israel ad Dominum Deum ipsorum conuertit: Dominus autem noster Iesus Christus, omnibus veritatis lucem proposuit, hoc enim proprium illius munus erat.* Para la conuersion es menester q̃ precedan inspiraciones, y luz: el hazer esso, aunque sea con sola la doctrina, es liberalidad pura. Pues Christo Señor nuestro conuiertalos a todos, y Iuan solamente a muchos; que si para conuertir a todos es forçoso ser con todos liberal; el serlo es tan vno con Dios, q̃ solo quien es hombre, y Dios, puede ser con todos, en este genero liberal.

Tit. Bost. Epist. ad c. 1. Luc.

XXI. No se desahoga vn pecho magnifico con dar, antes, le obliga a ser liberal, el auerlo sido; y siendo satisfacion de vn generoso animo el desperdicio, se empeña con lo que satisface, y viene a satisfacerse solo, para ponerse en nueua obligacion. Marauilloso encuentro; ser obseruancia de la ley, lo mismo q̃ obliga a guardarla: y estar enteramente cumplida, sin quedar desobligado el que la cumple. Assi se desahoga la magnificencia, despues de auer comunicado sus bienes, como si no la huuiera hecho: con que viene a tener aires de Dios, pues nunca se cansa de dar. Sea assi el Catolico, y atendiendo a lo que esta accion diuiniza, no pierda tesoro tanto, sino grangee con liberalidades creditos honorosos. El pobre no salga de su casa sin aliuio, ni el afligido sin consuelo; para que imitando a Dios en su condicion, le tengan por suyo en su necesidad.

COMBATE V.

Illis autem abeuntibus; cæpit Iesus dicere ad turbas de Ioanne, *vers.* 7.

Gran cosa es padecer, porque se ama y no porque se merece.

XXII. COn la respuesta fueron los discipulos, y a penas se ausentan, quando haziendose Chri-

Christo Coronista del Bautista, empieza a publicar sus virtudes: *Illis autem abeuntibus capit Iesus dicere ad turbas de Ioanne.* Iuan en cadenas, y Christo publicando sus hazañas? Salga, Señor, primero de la carcel, que desdicen a vn Angel prisiones; y quien os oye dezir que Iuan lo es, y luego le mira preso, juzgará que ha sido passion de primo el darle esse titulo; pues vn Angel no padece corporalmẽte: quien lo es por naturaleza, es assi, que ni padece, ni puede padecer corporalmente: quien lo es por gracia, por el mismo caso padece, pero es solo porque ama, no porq̃ merece padecer. Es gran cosa padecer porque se ama: padecer assi es padecer de Angeles, que siendolo en la pureza de vida, y estando por esso libres del dolor, el amor no les consiente esta libertad, sino que les solicita las penas. Diga Christo q̃ es Angel quien està en la carcel; que Angel es, quien estando libre de padecer por el merito, no dexa por el amor de padecer.

XXIII. Treinta y ocho años tenia de enfermedad aquel enfermo de la piscina, y con ser sus aguas remedio de toda dolencia, y medicina vniuersal de achaques, en tanto tiempo no cobrò salud; y el estar alli, era como sino estuuiera, pues estaua solo para la dolencia, y no para la medicina: *Erat autem quidam homo, ibi triginta, & octo annos habens in infirmitate sua.* Que le faltaua a este hombre para sanar, que teniendo tan cerca el remedio, y siẽdo el tiempo tan dilatado, tenia tan poco de salud? Pensòlo San Eligio Noiomense con viueza. El numero de quarenta siempre fue misterioso en las diuinas letras, significa el termino de nuestra vida. Aora llega la ponderacion. Si de el numero de quarenta, que denota la vida humana, padece este hombre los treinta y ocho, porque no queda sano? Lo menos de la vida es lo que le falta, lo mas ha padecido; no ha de viuir algo sin padecer? Atended, dize el Santo, que el no tener logro el padecer en este hombre, no es por lo que tiene de poco, sino porque en ello le faltan dos numeros, o dos cosas, para llegar a quarenta, que son las que Christo le dize que haga. La primera es *Surge*, leuantate. La segunda, *Tolle grauatum tuum*, lleua essa camilla encima de los ombros, para que sea testigo de tu salud, quiẽ lo fue de tu enfermedad. Tanto importan essas dos cosas, q̃ se pierde lo que se padece en la enfermedad sin ellas? Si dize Eligio, porque en el *surge* se representa el amor de Dios; en el *Tolle grauatum tuum* el del proximo. Ioan. 5. 5.

ximo. Vno, y otro le faltaua a este paciente: faltar estos dos amores a vn alma, tal vez es culpa: padecer con ella, y sin amor, es padecer por culpa, no poner afectuosa. Padezca pues, pero no sane, no se aumente la salud, ni se disminuya la enfermedad, que los lucimientos del padecer, no consisten en padecer, por merecer, sino en padecer por amar. Oid a Eligio: *Ista duo Languidus ille minus habebat. Quid enim est surge, nisi Dominum dilige? Omnis enim qui Dominum diligit, cor habet sursum. Et quid est, tolle grabatum?* Si padecia este hombre, pero no le obligaua a tanto padecer lo que amaua, sino lo que merecia: por culpas eran sus penas, no eran por amor sus achaques, pues si falta el amor, falte la salud, que lo grande en el merecer, quanto se aumenta con el amor, se deshaze con el merecimiento.

S. Eli Noviom. Ep. hom. 8.

XXIV. Despues que entre recíprocas caricias auian desahogado el pecho, sumergido en pielagos de amor los esposos mas castamente enamorados, blasona de muy enamorada la Esposa; no es mucho: la ciencia del amor de Dios, si vn alma le comunica, de la noche a la mañana la aprende. Es mi pecho epilogo de todo amor, dize, y tanto, q̃ en el ha hecho plaça de armas de caridad el Esposo: *Ordinauit in me charitatem.* Fue hiperbole para significar lo mucho, q̃ amaua, pero a la verdad, sino es guerra el amor, q̃ es? Poco le duraron las caricias, luego empeçò a sentir, q̃ no es tan saboroso el amor, como le pintan, pues enferma se quexa, y pide antidotos amantes: *Fulcite me floribus, stipate me malis; quia amore langueo.* Enfermedad es de muerte la mia, bien podeis cõtarme cõ los muertos, y buscarme sepultura entre los justos, leyò Filon Carpacio: *Sepelite me in numero iustorum.* Como fue essa enfermedad, q̃ assi aflige? Serian calenturas, que es achaque comun de amantes. Mas es dize la Esposa: *Vulnerata.* Heridas son, leyeron los Setenta. S. Ambrosio siguiendo esta version. *Non mediocris mansionis iste processus.* O que puesto tiene la Esposa!! que lebantada està. Como lebantada? Vna muger q̃ a penas blasona de amante, quando se tiene por muerta, y que entre los cariños de esposa, se halla tan descaecida; en q̃ valimiento puede estar? que puesto puede tener quien se imagina puesta en la sepultura? *Sepelite me.* No haze al caso su flaqueza (dize Ambrosio) para su valimiento. No disminuyen las heridas sus puestos, antes si por la falta de sangre no puede subir, sube por falta de sangre; que la herida que se lleua con amor, si enflaque-

Cant. 2. 4.

Vers. 5.

Phil. Carpat hic.

Septuag.

flaquece por la sangre que derrama, enfalza por el gusto con que vierte: *Non mediocris mansionis iste processus* (dize Ambrosio *non omnes possunt dicere; quia vulnerati sunt dilectione.* Que importan las heridas para crecer, si son de amor las heridas. No todos suben quando heridos, porque no todos son heridos de amor; pero quando la herida es de caridad, en ella se asegura el crecimiento.

S. Ambr. in Psal 118. Oct on. 5.

XXV. Tan valeroso es este descaecimiento, y tan grande este caer, que el aliuio de los enfermos de amor; es la misma enfermedad; y assi tienen en ello tanto gusto, que no quieren mas gloria que padecer.

XXVI. Afectos de madre obligaron a la de los hijos del Cebedo à solicitar sus medras, pidiendo à Christo les diesse sillas en su Reyno: *Dic vt sedeant hi duo filij mei, vnus ad dexteram tuam, & vnus ad sinistram in Regno tuo.* O q̃ entendida muger? dize San Basilio el de Seleucia, disculpese le si tiene algun ayre de ambicion su pedir, pues aunque parece que pide, no pide lo que parece. Oyò (prosigue el Santo) con los oydos de la Fé las vozes de vn ladron, que estando en vna Cruz, era pretendiente de la gloria: *Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* Oyò que se dio tan buena maña, que a la primera palabra la alcança: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Vè que prouen al ladron en vna plaza de gloria, y que queda vaca la Cruz, y oponese a la plaza de la Cruz: *Dic vt sedeant.* Que es esto? Lo que vn ladron dexa, pide vna madre, que tiene con Christo tanta mano, para sus hijos? Si mira con la Fè que pretendiendo esse ladron la gloria se la dan, porque no tendrà alientos de pretender para vn Apostol, lo que a vn ladron se concede? Que vn ladron tenga mas maña que vn Apostol, no lo estraño, que tenga mas meritos, lo dificulto. La gloria, aunque tiene para alcançarse mucho de industria, lo mas toca al merecer, siendo en esto los Apostoles mayores que el ladron; porque no se podia pretender para ellos, lo que el pretende para si? No veis el caso? Estos pretenden la Cruz para padecer; aquel pretende la gloria, porque se vè en la Cruz: en ella padece, porque merece padecer: *Et nos quidem iustè, nam digna factis recipimus*, y estos quieren padecer en ella, porq̃ quieren. Pretenda, pues aquel la gloria, y la madre pretenda para sus hijos la Cruz; q̃ lo grande del que padece amando, es tener la Cruz por gloria. El ladron pretendela, porque como padece por demeritos, para que no descaezca en el padecer, ni se desaliente en el penar, es ne-

Matt. 20 21.

Luc. 23. 42.

Vers. 41.

cessario

cessario sazonarle con glorias las penas: pero quien padece, porque ama, no ha menester mas gloria que padecer. Oid à Basilio: *Anteuertit, vt apparet, latronis voces mulier. Ille in Cruce orationes offerebat. Memento mei in Regno tuo. Hac ante Crucem pro Regno supplicat.* Aquel pide la gloria en la gloria: esta pide la gloria en la Cruz, teniendo por mayor gloria las resultas de vn ladron, que la plaza que le dan, como quien dize: El ladron padece porque lo merece, mis hijos quieren padecer, porque aman; y assi el ha menester otra gloria fuera del padecer: Ellos en el padecer tienen su gloria; tomese èl la gloria de la gloria que mis hijos no han menester mas gloria que la Cruz.

S Bas. Seleuc orat. 20.

XXVII Deue de ser esta la causa de que el Bautista no pida a Christo, que le libre de las cadenas, aunque en ellas se mira tan peligroso; porque como padece por amor, tiene la gloria en el padecer: y vn padecer glorioso, antes se apetece, que se siente. Nosotros, fieles, para tener gusto en las penas, y constancia en las aduersidades, procuremos lleuarlas con amor, pues tiene tanto poder para dulcorar dolores.

VICTORIA.

Ioannes in vinculis, *vers.* 2.

En la conquista espiritual el vencer, y el quedar vencido, todo es victoria.

XXIIX APenas Iuan, primer Capitan de la ley de Gracia, enarbola la vandera, quando le vemos tendido, y aprisionado: *Ioannes in vinculis.* Al primer encuentro vemos el Capitan mas valeroso vencido. Desaliento fuera de toda la milicia Christiana, sino tuuiera tanto de misterio. Dixo vn Poeta.

Si vis vincere disce pati.

Quieres vencer? Pues enseñate a penar. Gran dezir? Padeciendo se vence? Quando el padecer fue de la jurisdicion de la victoria? Aun si dixera, enseñarse a despreciar las penas, y resoluerse con valor a sufrirlas, està bien que se salga de vn cõbate, siempre cuesta mucho: Pero enseñarse a penar, antes es señal de vencido, que de vencedor. En las conquistas del mundo, es assi: pero en las del cielo, tanto se vence quando se vence, como quando se queda vencido.

XXIX. O valeroso Bautista, Capitan General de todo el exercito de Christo? que traza de cõquista es esta, aprisionado con cadenas? Pero reparad, que no es

es conquista, sino victoria. Estaua enseñado a padecer en los desiertos, que mucho saliesse tan presto victorioso. Victorioso está, y está cautiuo, siendo no menor lucimiento de su victoria el cautiuerio, que la libertad. Despojos del triunfo son las cadenas; y testigo de la victoria la carcel; porque en las conquistas del espiritu, los Capitanes del exercito de Dios no menos vencen con el mirarse vencidos, que con el verse victoriosos.

XXX. Desafiado el Profeta Dauid de Saul su antiguo enemigo, salió con èl a campaña, deuia de ser mas por cumplir con la obligacion de bien nacido, que de enojado; pues escondido en vna cueua, dissimulaua el enojo, sino escusaua el empeño. Vinosele a las manos Saul, en ocasion que pudo quitarle la vida, pero haziendo gala del perdon, sirue de guarda a Saul, y le concede la vida, quando el pretende quitarsela: *Propitius sit mihi Dominus, ne faciam hanc rem Domino meo.* Llega San Basilio el de Seleucia a ponderar el caso, y dize: *Quis bello lacessitum, custodem lacessentis intellexit euasisse?* Brauo valor! Desafiado vn hombre, y ofendido, pudiendo quitar a su enemigo la vida se la dà? Teneos Profeta Rey, que es demasiada confiança la vuestra; vn enemigo tan poderoso perdonais: y como si fueran los agrauios beneficios, correspondeis con beneficios a agrauios? Ha sido diligencia vuestra el que Saul se entre en la cueua? Orden superior ha sido; para que escusays la victoria, quando el cielo os la solicita? Como escusar; antes pueden aclamarme victorioso (dize Dauid) que notarme de remiso. La victoria que pretendo, ni ha menester sangre, ni se alcança con aliento: mas la suele perder vn coraçon por demasiadamente esforçado, que por compuestamente comedido. No tengo de quitar la vida a Saul, aunque se quede en peligro la mia. Bien se puede huir vn enemigo, quando añade al poco cariño el enojo. El boluer el rostro, indicio es euidente de vencidos: el poder quitar la vida a su voluntad, de vencedores. Pero en las conquistas que tocan al espiritu como son de orden tan subida, en el huirse sale con victoria; en el poder quitar la vida tambien *Me rursum conquirat; & persequatur occisione; conducibilior est pacientia. Esto, rursus insequatur. fugere didicimus* Basta por gloria de mi vencimiento, el auer estado en mi mano el vencer; y si no se diere Saul por obligado a esta fineza, persigame, que el huir no puede faltarme, *fugere didicimus*: Vendrè con

Reg. 24. 17.

S. Basil. Sel. orat. 16.

con esso a tener dos victorias, vna teniendole sugeto a mi disposicion en la cueua, otra en la fuga a que me obliga su ingratitud, no siendo menor credito para mi la vna que la otra; porque en las batallas donde el espiritu interuiene, si es el venecimiento victoria, el ser vencido lo es.

XXXI. Mandale Dios a Moyses, q̃ le haga vn propiciatorio, y que ponga en él dos Cherubines de oro. Llegando a determinar el sitio donde los ha de collocar, dize: *Cherub vnus sit in latere vno, & alter in altero.* A los lados del Propiciatorio has de poner los Cherubines, de tal suerte, que vno estè a la mano derecha, a la izquierda otro. Explicando Pedro Gelense este mandato, declara, que en estos Cherubines se representa la distribuciõ de los espiritus soberanos; en dos partes se diuiden, vnos assisten a seruir a Dios en Dios, otros a seruir a Dios en el hombre; Dios està en el cielo, el hombre en la tierra; y assi vnos espiritus assisten en la tierra cõ el hombre, otros en el cielo con Dios: *Ex hoc innuitur, illa desistentium, & ministrantium distributio, qua inuisibili Deo alij semper assistunt, alij ad exteriora ministeria obedientes exeunt.* La dificultad que esta exposicion padece, es esta. Los espiritus de la tierra, y los del cielo no son todos vnos? No son ciudadanos de la celestial ciudad, criados, y nacidos en ella? Pues si tienen alli sus solares, y casas conocidas; porque han de desterrar a los vnos de su patria, y a los otros dexarlos en ella? En aquella guerra que se mouio en el cielo, a quien dà titulo de grande San Iuan, por lo numeroso de soldados que en aquella celestial campaña se vieron: *Factum est prælium magnum in cælo*, quedò el otro Angel desterrado; pero esso fue porque en la conquista quedò vencido; tales fueron los combates que dieron a su altiuez, que quedò assi castigada su resolucion. Pero porque ha de tener la pena del destierro quien no tuuo el precipicio de la culpa? Siendo estos espiritus de paz, porque han de estar en la tierra, como si huuieran sido vencidos en campaña? Reparad en que no son tan de paz como parecen. Que hazen en la tierra los Angeles? San Pablo dixo: Que acompañar a los hombres: *Omnes sunt administratorij spiritus, in ministerium missi propter eos, qui hereditatem capiunt salutis.* Este es su ministerio fauorecer a los hombres: y en que? En la conquista del Reyno de Dios, que se alcança con vna guerra continua: *Militia est vita hominis.* Los que pretenden la herencia del cielo, siempre estan peleando, y

Exod. 25. 19.

Pet. Abb. Celen. lib. 1. de Tab. Mosayc. expositio.

Apoc. 12. 7.

Ad Heb. 1. 14.

Iob 7. 1.

a essi pelea les ayudan, y acompañan los Angeles. Ea pues no importa que vnos parezcan victoriosos, otros vencidos; que assistan a Dios vnos, y a los hombres otros; y al fin, que estèn aquellos en el cielo, y estos en la tierra, que si su oficio es ayudar a los hombres en la campaña deste mundo a conquistar el Reyno de Dios, en essa conquista, el cielo, y la tierra todo es cielo. Assistir al hombre, y assistir a Dios, todo es assistir a Dios. Parecer vencido, y ser victorioso todo es ser victorioso. Los otros espiritus peleauan contra esse Reyno, y assi quedaron con el vencimiento vencidos; porque en refriegas semejantes, quien vẽce es solo el que vence: pero en la conquista de alcançarle, no solo vence quien vence, sino quien parece vencido.

XXXII Misteriosa es la vision que vuo el Euangelista S. Iuan en su Apocalipsi. Vn caualio blanco vio, venia vn cauallero en èl, trái en la mano vn arco; dioscle vna corona, y salio con este aparato Militar a la campaña veneedor, para vencer: *Ecce equus albus, & qui sedebat super illum habebat arcum, & data est ei corona, & exiuit vincens, vt vinceret.* Andres Cesariense esplicãdo esto, dize: Este Cauallero es Christo, este caualio los Apostoles, este arco la palabra diuina, estas victorias vna la que alcançaron con ella en la conuersion de las gentes, otra que tuuieron en el martirio, la corona fue premio de las dos victorias. San Ambrosio lo entendio de Christo todo. Este Cauallero es Christo, que salio a conquistar el mundo en el caualio de su humanidad, es blanco por la pureza de vida: el arco fueron, o sus milagros, o su doctrina: Esta es doctrina de Ambrosio; y este es aora mi reparo. Que saliesse Christo a conquistar el mundo, no lo estraño, que a esso vino del cielo: que se ualiesse de su doctrina, y milagros tampoco, que son armas eficazes: que saliesse vencedor, para vencer, es lo que admirò; que ha de vencer si sale para vencer vencedor? Esso o es vencer antes de vencer, o vencer sin conquistar: y si es assi, de que es la victoria, siendo verdad, que no se alcança sin lo penoso de conquistar, lo glorioso de vencer? Solo el que pelea merece nombre de vencedor, que sin pelear, de quien se ha de alcançar victoria? Pero tened que sale a la batalla, y en ella misma està vencedor, para vencer. Que batalla es esta? La de la Cruz, en esta pelea Christo. Y como quedò? Vencido, y muerto. Pues veis aî la victoria con que vence: *Crux vincit* (dixo Augustino),

Apoc. 6. Andr. Cesar. ser. 5. in cap. 6. Apoc.

S. Ambr. in Ps. 40 ad illa verba amplificauit.

August.

no) *& mors victa est.* La Cruz vence, la muerte queda vencida, dando muerte a Christo en la Cruz. Morir tan ignominioso es vencer? Si. Vencido parece, pero no dexa de estar victorioso? porque esse vencimiento, es pelando debaxo de la vandera de la Cruz, a cuya sõbra solo se conquista el cielo. Siendo assi no es mucho salga para vencer, vencedor; pues para vencer queda vencido: *Exiuit vincens. ut vinceret.* Que si debaxo del Estandarte de la Cruz solo se alistan soldados para conquistar el cielo; en conquista tan misteriosa, todo es vencer, el vencer, y el ser vencido.

XXXIII Nadie dexe de conquistar el cielo, que todo es bueno para ir allà; vnos van por el camino del padecer, otros por el del gozar, y todo es ir. Nadie flaquee, assiente sse todo Catolico por soldado debaxo del estandarte de la Cruz, que es la insignia del Capitan Iesu Christo, Rey de Reyes, y Señor de Señores, que a la sombra de tanto Principe, el soldado que pelea valeroso no puede dexar de salir premiado. Vno de dos sucessos en este empeño es inevitable, ò vence en la campaña, ò queda vencido. Si vence con aliento, si resiste con gallardia, los combates del enemigo, Rey justo es que premia victorias esforçadas. Si queda vencido, aunque sea en cruz, y en desprecios, premia tambien; porque quien pelea con Cruz, sino le falta el valor, siempre vence: todo es victoria, quando con estas armas se fortifica vn alma para pelear. Dichosa la que se resuelue a conquistar el Reyno celestial, con Cruz, que como de todas maneras tiene seguro el vencer, assi tiene siempre la corona de la gloria indubitable:

Ad quam, &c.

CONQVISTA TERCERA.

Para el Domingo tercero de Aduiento.

Tu quis es? Ioannis cap. 1. 19.

EXORTACION.

Ván vano es en sus intentos el mundo, quan engañoso en sus pretensiones, y quan pretendiente de sus engaños. Los Iudios, ò mal intencionados, ò no bien entendidos, pretenden oy, que el Aurora sea Sol, y que el Precursor sea Mesias; engaño sobre todas maneras engañoso, quando lo mas se tiene por lo menos. La gente de mas autoridad, y saber embian al Bautista; si fue yerro la embaxada, el modo nunca mas acertado; que lo grande no se ha de fiar de gente comun. Eres el Mesias prometido en la ley? Proponenle esto a la primera palabra. Valiente combate para vn ambicioso. Si a peſar de todos pretende; lo que le ofrecen, como lo rehusarà? No soy Christo, responde, resistiendo a fortaleza tanta. Gran dezir! Como se conoce lo que es, en esso que dize no ser. Solo Dios sabe resistir combates de Magestad; y saber resistirlos, es tener mucho de Dios. Segunda vez preguntan: Eres Elias, ó Profeta? Responde, que no. No pudo hazer mas el Bautista, ni menos; pues confessò ser solo Voz, que es casi lo mismo que no ser. Que acento tan del gusto de Dios, quando siendo vn alma grande en la verdad, es nada en la propria estimacion. Ya se hazen fiscales del Bautista los que le presumieron Señor. Con que autoridad bautizas, le dizen, examinando su vida, sino eres Christo, Elias, ni Profeta? Quan cier-

ta

ta profecia es, no estimar el mundo a los Señores mas de quando presume que lo son. Mi bautismo, (prosigue Iuan) es solamente de agua, no os engañeis con el, que es tirania quitar la autoridad a quien la merece. Andais poco acertados, pues teniendo en medio de vosotros lo que buscais, no teneis ojos para verlo. Que poco vè el poco afecto! El mucho que Iuan tenia a Christo, fue parte para que dandole a conocer, dixesse, que siendo, al parecer de ellos su grandeza tal, que le juzgauan Messias; aun no merecia quitarle la cinta del çapato. Gran cosa pero poco vsada, disminuirse vn vassallo, para engrandecer a su Señor. En Betania sucedio este caso, donde el Bautista bautizaua. Para el buen sucesso desta conquista inuoquemos el fauor diuino. Aue Maria.

COMBATE I.

Tu quis es? *Vers.* 19.

Confunde Dios tanto la virtud con la Deidad, que es facil tener a vno por otro.

Num. I. NO ay precio para la virtud: quien la aprecia, parece la desprecia; pues ha de quedar corto. Alargose Seneca a darle su cabal, y no erro mucho; pero passóla de los terminos de la naturaleza; y como si entendiera que auia limites de gracia, llegandose a lo mayor dellos, *Inter bonos viros & Deum amicitia est conciliante virtute amicitiam Dei: Imò, & necessitudo, & similitudo.* Nadie busque premio a la virtud, menos que en Dios, y aun ay se ha de entrar en lo que pudiere de la Deidad: no tema emparentandola con lo diuino, que para todo tiene virtud la virtud. No es mucho, siendo entre iguales la amistad, que vn varon virtuoso, y Dios (como si lo fueran) la tengan. Mas tiene que esso la virtud de grande; pues aunque ay tanta distancia entre lo humano, y lo diuino, sabe emparentar lo diuino con lo humano, con vn tan cercano parentesco, y tan parecido, que es facil tener a vn varon virtuoso por Dios, ò a Dios por vn varon virtuoso.

Senec. li. cur. bon. vir mala fiant c. 1.

II. Oy embian los Iudios de Gerusalen Sacerdotes, y Leuitas a Iuan, para q̃ en su nombre le reconozcan por Dios *Tu quis es?* Y Iuan reconoce por Dios a Christo: *Non sum dignus corrigiam calceamenti soluere.* Veis aqui el efeto de la virtud; pues siẽdo Christo Dio, y Iuan solamente hõbre, estan tan parecidos, q̃ lo q̃ Iuan dize de Christo, dizen los Iudios de Iuan. El Mesias es Iuã, dizẽ los Iudios. El Mesias es Christo, dize Iuan: tanto se cõfunde la virtud de Iuan con la deidad

de Christo, que Christo parece Iuan, y Iuan parece q̃ es Christo.

III. Magestuoso era el trono donde estaua Dios, quando le vio el Profeta Isaias: *Vidi Dominum sedentem super solium excelsum, & eleuatum.* Serafines assisten a tãta Magestad; con alas assisten, con alas cubren: *Duabus velabant.* Que mucho se cubra el Serafin, si se abrasa: pero que cubre? San Geronimo dize, el rostro de Dios es el que cubre: *duabus velabant faciem Dei.* Deuida veneracion a tanta Magestad, no desprecie por comun. Dize Chrysostomo: No cubre el rostro de Dios el Serafin, el suyo propio si: *Duabus velabant faciem suam.* Que Dios trae consigo el respeto, y assi no padece riesgos en la comunicacion, antes sobrara la demasia en el Serafin, menos que confessandose insuficiente, para percibir tanto resplandor. Esta explicacion no es contra el Hebreo; antes, segun él, se puede leer, *eius*, y *suam.* Pero entre los sagrados Doctores es encuentro. Lo fuera por lo menos, a no tener tanto de misterioso. Donde està Dios? En el Trono, dize Isaias: *Super solium excelsum, & eleuatum.* Y los Serafines? Tambien: *Seraphim stabat super illud.* Pues ya no me marauillo, que estando los Serafines en el mismo trono de Dios, siendo Dios Dios, y tan virtuoso el Serafin; estèn tan parecidos, q̃ lleguen los Santos a dudar, qual es Serafin, y qual es Dios; y que viendo los rostros de entrambos, quando llegan a cubrir el vno con sus alas los Serafines, estèn los Santos indecisos, è indeterminados en conocer, si el que cubren es rostro de Dios, *Faciem Dei*, ò rostro de Serafin, *Faciem suam*; que Dios quando fauorece a los suyos por virtuosos, suele ponerlos en puestos tan lebantados, que sino pueden competirle en lo diuino: llegan en el parecer, a ser vna emulacion tan propia de su grandeza, que es facil, equiuocandose quien los mira, dezir: Este Dios es Serafin, este Serafin es Dios.

Isai. 6. 2.

Vers. 2.

Chrysost.

Hebr.

Vers. 2.

IV. El Euangelista San Iuan tuuo vna admirable vision en el libro de sus Reuelaciones, en la qual vio dentro del Cielo vn assiento, y en el vno que estaua sentado: Y aduierte; que cercaua todo el assiento vn hermoso arco Iris: *Et iris erat in circuitu sedis.* Y bien, el arco Iris, q̃ colores tiene? San Gregorio el Grande lo dixo: Estaua texido este arco con colores de agua, y fuego; el esmalte, tan ingeniosamente dado, que confusa la color de los dos elementos, tan vnidamente se mezclauan, que no podia la vista percibir, si era fuego, ó si era agua: *In arcu eodem color aqua, & ignis simul*

Ap. 4. 3.

S. Gre. l. 1. in Ezech. ho. 6. ad fin.

ostendi-

ostenditur. Ni podia dudar quien miraua el arco, que tenia visos de cristal, y fuego, ni determinar, si era fuego, ò cristal lo que miraua; y entre lo inefable que vía, dudaua lo que estaua viendo, y entre essas dudas, era lo cierto, que todo parecia cristal, y todo parecia fuego: *Simul ostenditur*. Estraña junta! El fuego es elemento sutil, pesado el agua, el fuego vezino del cielo, el agua habitadora de la tierra; tanta distancia pues, como tan junta, que parezca el fuego agua, y el agua parezca fuego? Atended el misterio. Este arco quien es? El Abad Ioachimo dize, que el Espiritu Santo. Y el agua quien se representa? El justo que renace en ella a la gracia: *Nisi quis renatus fuerit ex aqua*. Confundase, pues, el agua con el fuego, el Espiritu Santo increado con el santo criado! La virtud con la deidad, y veasse tan misteriosamente confusa, que toda el agua parezca fuego, todo el fuego parezca agua, *simul ostenditur*; que aunque no se puede dudar ser el Espiritu Santo Dios, y el Santo ser solamente hombre, por lo que tiene de virtud se suele mezclar con Dios, con tal indiferencia, que en las dudas de si es Dios, ò si es hombre, si es agua, ò si es fuego, se conoce, que está Dios escondido en vn virtuoso, ò que vn virtuoso está todo engastado en Dios.

Abb. Ioach. ad hunc loc. Ioan. 3. 5

Anegado en aquel pielago de gloria del Tabor Pedro, que mucho deseasse su duracion? Pagado de su dulçura, que intentasse su permanencia, no es admirable: diuertido con su vista, que no la quisiesse perder, disculpa admite; y alfin, q̃ mucho tuuiesse por fin al principio de sus dichas, si fue tan grande el principio? Oluidose de si en la gloria por estar en ella: y no pidiendo para si Tabernaculo le pide para Christo, para Moyses, y para Elias: *Facia mus hic tria Tabernacula, tibi vnum, Moisi vnum, & Elie vnum*. Fue ignorancia essa diligencia, dize otro Euangelista: *Nesciens quid diceret*. Gran dezir! Vnos deseos de gloria, vnas ansias de no perder a Dios, vn no querer mas que su compañia, es ignorancia? No es dize San Basilio el de Seleucia, la ambicion es deuida a la gloria, tanto que no lo fuera, si no causara ansiosos deseos de si. Luego si es deuda, cumplir con la obligacion, no es culpable? No lo es, ni el Euangelista lo culpa. Pues porque le llama ignorante? *Nesciens*. Pidiò tres Tabernaculos, dize Basilio, y sin hazer distincion entre el Señor, y el vassallo, le haze igual a èl en las hóras; pues pide para el vno, lo mismo que solicita para el otro:

Mat. 17. 4.

Luc. 9. 33

S Basil. Sel orat. 40. *Suam ipse socordiam arguit cum Dominum seruis annumerat, subiectos pari honore cum Domino putauit esse.* De vna misma suerte tratò a Moyses, a Elias, y a Christo. Pues si essa es la ignorancia, no es culpable; porque tal vez premiando la virtud, llega Dios a diuinizar tanto a vn alma, a llenarla de sus mismos resplandores, que mirados a vnas mismas luzes, estan tan parecidos, que llega quien los mira a ignorar qual es Dios, y qual es alma. Vio Pedro a Christo transfigurado en variedad de luzes, Moyses, y a Elias a sus lados, bañados de resplandores; ciegase entre aquellos reflexos, y assi llega a ignorar lo mismo que mira: y como si viera tres Christos, para todos pide, iguales honras: *Subiectos pari honore cum Domino putauit esse* Ignorancia fue pedir para el sieruo la honra que es deuida al Señor; pero la virtud los haze tan parecidos, que el sieruo suele parecer lo mismo que el Señor, y el Señor lo mismo q̃ el sieruo.

VI. El Emperador Marco Aurelio tratando de la virtud, dize: Al parecer de todos los mas Filosofos, vna es la primera causa, y vno es solo el Dios inmortal: y si ay muchos Dioses en los cielos, es porque huuo muchos virtuosos en la tierra. Dixo bien, aunque a lo Gentil, porque la virtud sola, es la que haze semejantes a Dios. Pudo ser esta la causa de tener los Iudios al Bautista por Christo. Pero no ay razon para que no tuuiessen a Christo por verdadero Dios, pues le vian en sus acciones mas virtuoso: pero no querian confessar sus virtudes, ni darse por entendidos de sus aciertos: y assi por huir de Christo, presumo se vinieron a Iuan.

COMBATE II.

Miserunt Iudæi, *vers.* 19.

Sino es con perseuerancia, poco estima Dios que el alma le busque.

EL buscar a Dios bueno es, mas sino se busca para tenerle de assiento, es menos perfeccion. No escusan los Iudios el buscar al Messias, pero pudieran; pues el buscarle es de ningun prouecho, dexan al Messias verdadero, y van a buscar a Iuan, ofreciendole el ser Dios, como si estuuiera en su mano. Pero que no hara vna embidia? No le buscan con intento de tenerle: Buscanle sino les està bien, para dexarle. Messias quieren, pero a su gusto, sino es a su sabor, aunque le buscan, no le quieren. Para que quieren buscarle? no le busquen, ni embien de Gerusalen gente en su seguimiento, *miserunt.* VII.

runt. Que no es loable, ni Dios estima que le busquen, ni en si, ni en otra persona, sino es para tenerle con perseuerancia.

VIII. Isai. 21. 12. *Si quæritis quærite, conuertimini, venite*, dize Dios por su Profeta Isaias: O almas las que me buscais! no me dexeis de buscar, por auerme hallado: buscadme mas, y mas conuertios, llegaos a mi. San Geronimo explicando en su mismo lugar estas palabras, dize: *Nec semel tibi quæsisse sufficiat, sed quem inueneris semper inquire.* No te parezca, alma tienes harto con auer buscado a Dios vna vez, aunque le ayays hallado, nunca dexes de buscarle. Dificultoso parece de executar el consejo. Si vn alma tiene a Dios, como le ha de buscar? Lo que se tiene se goza, no se busca; lo que se busca ni se tiene, ni se goza. Luego busca a Dios teniendole; es imposible, gozarle si: Y si le busca, luego no se tiene. No lo entendeis, dize Geronimo: *Quem inueneris semper inquire.* No se dexa de tener a Dios, porque se busca; antes se asegura el tenerle mas; que tener a Dios sin buscarle, es ponerse en contingencias de perderle. Buscarle despues de auerle hallado, es el medio eficaz de asegurarle. Buscad, pues dize Dios: *Si quæritis quærite*: buscad, que con esso asegurais el tener; que el tenerme, parado-

S. Hier. ad hunc loc.

xarme, antes es perder que ganar, pero tenerme con perseuerancia, es lo vltimo de la perfeccion.

IX. Todo consuelo afligia a Madalena ausente de su Maestro, ni Angeles la consuelan. Como puede consolarse en las ausencias de Dios vn alma, que viue solo de mirarle? Diuertia sus pesares con referirlos; eran de las perdidas de vn Dios amado, q̃ mucho las diuirtiesse la lengua? digalas, que en el desahogo de los sentimientos de amor, si la memoria se aflige, la voluntad se consuela. Oyò los sinsabores Christo, y para diuertir sus pesares, ó para pagar sus finezas, la llama por su propio nombre, *Maria.* Conociò luego la voz. Quan facilmente serà a conocer Dios, si ay ansias de conocerle. Queria llegar a Christo quando preuenido la detiene, *Noli me tangere.* En otra ocasion saliendo del sepulcro gozosa *cũ gaudio magno* (dize San Mateo) encontrò a Christo, y no solo se llega a su Magestad, sino le tiene. *Accesserunt, & tenuerunt pedes eius.* Que nouedad es esta? A Madalena llorosa no se le permite tocar a Christo, y le tiene el con ansias? Malogradas parecen estas lagrimas, mal pagados estos suspiros, poco correspondidos estos deseos. Que haze is cõ Madalena, Señor, aqui afligida no la cõsolais, y alli contenta la fauoreceis?

Joan. 20. 17. Matt. 28. Vers. 9.

uoreceis? mas necessario es aora el consuelo, que entonces el fauor; que alli puede passar sin el fauor, aqui muere sin el consuelo. XI. Como no pagais la afliccion, si satisfaceis al gusto? Las lagrimas se quedan sin premio, y el alborozo se galardona? El modo de llegar a Christo dà la solucion del caso. Quando llorosa, llegò para tocarle; quando contenta llegò para tenerle. Ay esta diferencia entre el tener, y el tocar: que el tocar es de passo. Aquel *tangere*, es lo mismo, que *obiter attingere*. Essa es la significacion del verbo *tango*. *Hæc modice me tangunt, id est mediocriter*. Dixo Ciceron. El tener es de asiento; retener, conseruar, posseer todo lo significa el verbo *teneo*, *Vrbem non tenuerunt, id est non posiderunt*. Dixo Liuio: Ya se trasluce mas el pensamiento: porque no se permite tocar Christo de vn alma llorosa, y se consiente tener de vn alma humilde? Porque no le tiene, no quiere que le toque, dize Ambrosio: No llega a tenerle; assi no quiere que llegue a tocarle: *Noli me tangere*. Gran dezir? si breue del Santo: *Et si dicat noli me tangere, tu tene*. No fue despedirla, sino enseñarla: Queria llegar à Christo a la ligera, *obiter*, y no se lo permite: *noli me tangere*, como diziendo: Atiende a la licion Madalena. Quien huuiere de llegar a mi, no me ha de llegar solo a tocar, sino a tener. Si las lagrimas se emplean en tenerme de asiento, las estimo; sino, no las quiero. Mas gusto de vn alma, que con su comodidad me busca, y perseuera en mi gracia, q̃ de vn alma que me busca llorosa, y triste; y en hallandome, luego me dexa. Mucho quiero las lagrimas, pero mucho mas si duran. De mi gusto es vn coraçon afligido, y triste, pero mas le quiero permanente. Las penitencias me alegran, la perseuerancia me cautiua: *Noli me tangere*. No quiero que me toques no: tenme, que esso es lo que quiero: No me toques, para dexarme, sino para tenerme: No despreeio tus lagrimas, tu permanencia solicito.

Cicer. 4. academ.

Liu. 10. lib Vrbe.

S. Amb. lib de Isaac, & anima, c. 5.

X. O que buena licion? presumir, fieles, que con vna confession que se haze de año a año, ha de quedar vn alma llena de Dios, siendo cada dia el pecar, es engaño. La penitencia es el camino para llegarse vn pecador a Dios; pero si anda tan de passo, no se llegarà jamas a tener. Parece imposible tener vn alma a Dios, solo con llegar a tocarle.

XI. En consequencia de lo dicho me parecio admirable la pregunta que hizo Christo Señor nuestro a sus Discipulos quando sanò a aquella muger de enfermedad tan prolija: *Tetigit*

Luc. 8. 46.

Luc. 8. 46. *tigit me aliquis? Nam ego noui virtutem de me exisse.* Llegò la muger a Christo entre la gente que le seguia, tocole como pudo, quedo sana luego que le tocò, y pregunta, si le ha tocado alguien *Tetigit me aliquis?* No me desagrada essa pregunta, Señor: escrupulo poneis en vuestro saber, sentis el efecto, y no conoceis la causa? Assi se oponen essas dos acciones, saber que salio de vos virtud, porque os tocaron, y no saber si os tocaron. Dudais porque sabeis, ò sabeis porque dudais? Todo puede ser, que saber dudar, esse es el mayor saber. Pero en esta ocasion, Christo Señor nuestro, no sabe porque duda, sino duda porque sabe que llegar vn alma a tocar a Dios, para dexarle, y salir de Dios virtud, es cosa tan agena de Dios, que si en èl cupiera ignorancia, solo llegara a ignorar, como tocandole tan de passo, salia del virtud tan de assiento. Tocòle esta muger, dexòle luego; quedò sana, sintio la virtud con q̃ la sanò; y pregunta si le han tocado, *Tetigit me aliquis?* Aun Dios parece que duda tocandole vna alma sin perseuerancia, perseuere en ella la virtud de auerle tocado. Llegarse a Dios solo para tocarle, y sanar, muchos es, dize Ambrosio: No os fieis en esse llegar, que no es para muchas vezes; llegad para tener a Dios de assiento, que esto es llegar al gusto de Dios: *Tange ergo* (dize el Santo) *& si de tene eum, & constringe fideliter pedes eius, vt virtus de eo exeat, vt sanet animam tuam.* Mas es para admirar, que para imitar, el ver que vna muger solo con tocar a Christo, sin tenerle, saque dèl virtud. Admirad esso, dize Ambrosio, no lo imiteis; sea vuestro llegar a Christo con perseuerancia, con fe, sin dexarle vn punto, que de essa suerte sacareis virtud de su Magestad, y hallareis salud en vuestras almas. *S. Amb. libro de Isaac, & anima c.*

Combate es este de harta importancia para el alma, ojala se rindiera a la fuerça de su verdad, y executara puntual lo que enseña, que presto experimentarà ganancias en el rendimiento. No se fie en acercarse a Dios, que si es bueno llegarse a su bondad, no es seguro, quando es acaso el llegarse. Solo gana quien perseuera: mientras no es con permanencia, no ay en llegar ganancia de eterna gloria. XII. XIX

COMBATE III.

Elias es tu? Et dixit: Non sum. Propheta es tu? Et respondit: Non. *vers.* 21.

SEr vn alma entendida, para ser perfecta, es necessario; XIII.

sion; porque la ignorancia no puede ser conueniente en actiones tan importantes; pero ser santa, entendiendo que lo es, es solo con riesgo casi euidente, porque la virtud es tan maranillosa prenda, que conocida, suele perderse, por ser facil el desuanecimiento en quien se vè con tal hermosura. No conocer la perfeccion, es defecto para estimarla. Como se puede dar deuido culto a lo q̃ se tiene, sino se conoce? No conocer, es causa de no estimar. Todo es digno de ponderacion. Veamos que modo se puede hallar, para ajustarlo todo.

XIII.

DIFICVLTAD I.

El alma ha de ser santa, sin saber que lo es.

XIV. Confessa Iuan no ser Christo, y los sacerdotes, y Leuitas, ò maliciosos, para calumniar su bautismo, ò preuenidos, para llenar a los Iudios razon de su legacia, le preguntan si es Elias, ò Profeta, a que responde, ni ser lo vno, ni lo otro: *Elias es tu? Et dixit: Non sum. Propheta es tu? Et respondit: Non.* No entiendo esta repulsa: porque se opone a vna confession que hizo Christo de Iuan en otra ocasion, diziendo, que era Profeta, y Elias: *Quid existis in desertum videre? Etiam dico vobis.* Y vn poco mas abaxo: *Ipse est Elias qui venturus est.* Si Christo dize, que Iuan es Elias, y Profeta, como Iuan dize, que no lo es? esso parece negar lo que confiessa Christo? No es negar, sino no saber. Reparad en otro caso semejante.

Si fuere perfecto, dize el Principe paciente, lo tengo de ser a solas, y tanto, que aun a mi alma no tengo de dar parte de mi virtud, antes se lo tengo de ocultar, de suerte, que lo mismo que soy, no ha de saber: *Etiam si simplex fuero, hoc ipsum ignorauit anima mea.* Como nò? La virtud no se ha de saber? pues como se tiene, si se ignora? Essos son dos riesgos que padece la virtud, dize S. Gregorio el Grande sobre este lugar, porque igualmente peligra, quando se sabe, y quando se ignora: *Plerumque si scimus bona, quæ agimus, ad elationem ducimur si nescimus, minimè seruamus.* Si sabemos nuestras virtudes, nos desuanecemos con ellas: si las ignoramos, no podemos conseruarlas. *Quis enim, aut de virtutis suæ conscientia non quantumcumque superbiat? Aut quis earum bonum in se custodiat, quod ignorat?* Quien ay, que conociendose perfecto, no peligre en la soberuia? ò que ignorando los bienes que posee, puede conseruarlos? Luego Iob, si conoce su inocencia, y està a pique de per-

XV. Iob. 9. 21

S. Greg. lib. 6. Moral. c. 17.

Matt. 11. 9.

perderla? Sino la conoce, no puede conseruarla: *Sed contra vtraque quid superest?* El peligro es inuitable. Pues si Iob dà noticia de sus virtudes al alma, se pierde ella: y sino se la dà, pierde las virtudes que goza. No puede entre el ignorarlas, ò saberlas, arbitrar la mas vigilante prudencia, porque es forçoso, ò conocerlas, ò ignorarlas, y no puede la mas prouida atencion euitar vno destos dos riesgos; pues sabiendolas, se pierde el alma, y no sabiendolas, no se pueden conseruar las virtudes: *Sed contra vtraque, quid superest?* Que remedio, para que Iob las conserue? *Vt recta, quæ agimus* (concluye Gregorio) *sciendo nesciamus.* No ay otro arbitrio, sino que Iob ignore lo q̃ sabe, y que tenga noticia de lo mismo que ignora. Como ha de ser esso? que el saber es cosa que toca al entendimiento, y este, como no puede saber lo que ignora, no puede ignorar lo que sabe, y assi no podrà Iob desconocer lo q̃ conoce. Con vna traza misteriosa si podra. El entendimiento es potencia cognoscitiua, todo su oficio es ver, y saber; la voluntad es potencia ciega, no tiene mas luz que la que el entendimiento le comunica; pues truequense el entendimiento, y la voluntad en Iob; el entendimiento haga oficio de voluntad, la voluntad, de entendimiento; para q̃ de essa suerte, quando el alma llegue a conocer su virtud, no la conozca tanto con el entendimiento, como con la voluntad: si la conoce con el entendimiento, estè templado su saber, con el ignorar de la voluntad: *Hoc ipsum ignorabit anima mea*, para que conocida la virtud cõ essa templança, la conosca Iob, para la conseruacion, y no para la soberuia.

XVI. No sabe Iuan que es Profeta, ignora que es Elias, y lo es todo. Pues como, sino lo sabe? Porque no lo sabe con el entendimiento, sino con la voluntad. San Gregorio dixo, como era Elias el Bautista: *Ioannes igitur in spiritu Elias erat.* El espiritu de Elias como era? Mas era espiritu de voluntad, que de entendimiento, porque era espiritu ardiente, y fogoso: *Surrexit Elias Propheta, quasi ignis, & verbum ipsius quasi facula ardebat.* Era espiritu abrasado; assi era Iuan, Elias en el espiritu: espiritu todo de voluntad; y assi aunque conoce tener este espiritu, conocelo con vn entendimiento hecho voluntad, con que assegura el espiritu, y quita el peligro de la soberuia. *S. Greg. hom 7.* *Eccl 48. 1.*

Haze la Esposa vna larga descripcion de su querido Esposo; y despues de auer dado a todas sus prendas deuidos elogios, llegando a tratar de los ojos,

jas, dize: *Oculi eius sicut columbæ super riuulos aquarum.* Son los ojos de mi Esposo como los de las simples palomillas, que ansiosas de desahogar el pecho, estan reboleteando sobre las cristalinas aguas de los arroyuelos. Y añade: *Quæ lacte sunt lotæ, & residentiuxta fluenta plenissima.* Que se labaron en leche, aunq̃ su asiento es entre caudalosos raudales de agua. Diuersidad notable! si estan junto a las aguas las palomas, porque no dize, que son los ojos del Esposo como de paloma, que se laban en agua; sino como de palomas, que se laban en leche? Porque los ojos del Esposo, son los Santos (dize Ambrosio) y por esso no se han de labar en agua, sino en leche? Si. Reparad en la diuersidad de sus propriedades. Tratando del agua Pedro Bercorio, escriue estas palabras: *Est autem aqua naturæ specularis, quia rerum sibi obiectarum, radios recipit, & per actionem reflexi luminis earum imagines representat & facies intuentium manifestat.* El agua es de naturaleza diafana: como viene por debaxo la tierra, haze vn espejo, si fluido, cristalino, que representa la imagen, y el rostro del que se mira en ella. De donde le vino al otro mancebo, mirandose en vna fuentecilla de ruidosos cristales, enamorarse de si mismo; y enamorado, sentir no poderse gozar, siendo tan pequeño el impedimento.

S. Ambr. hic.

Petr Ber. in reduct. mor li 8. c. 1. n. 1.

Exigua prohibemur aqua. Ouid lib. 3. Met. fab. 6.

La leche no tiene essa propiedad, porque aunque si se laban con ella limpia, no es representatiua como el agua; y assi por mas que se mire quien se purifica en ella, aunque queda con limpieza, no puede tener conocimiento de que la tiene: *In lacte nullius rei simulachrum, ac similitudo conspicitur*, dixo aqui San Gregorio Niseno. Sean pues los ojos del Esposo como de palomas, que se laban en leche, no en agua, que si los ojos son los Santos, si es assi, que han de ser puros, y limpios, no lo han de saber, por mas que lo sean, ni conocer, por cuidadosos, que lo miren. Purifiquese el alma, limpiese; pero essa purificacion no sea en agua, no sea que Narciso de su dicha, se enamore de si, y la pierda. Sea en leche essa limpieza, para que estando limpia no se pueda ver, aunque se mire; y si se viere, no se vea en el cristal que representa, sino en leche, que desconoce: para que viendose a los visos de la moderacion se conserue en la limpieza.

S. Greg. Nis. hom. 13. in Cantic.

XVII.

Desuelanse los Santos en apartar la virtud de la soberuia, por ser lo que mas facilmente la derriba, y destruye, y assi les parece menor inconueniente, que vn alma ignore su perfeccion,

cion, que no que la sepa con esse peligro. S. Agustin dixo al intento esta admirable sentencia: *Vitia quippe catera in peccatis superbia verò in rectè factis timenda est.* Los demas vicios, en los vicios se han de temer: pero la soberuia, mas se ha de temer en la virtud, que en el vicio. La auaricia se ha de temer en la auaricia, porque solo los auarientos la tienen. La deshonestidad, en el lasciuo es en quien deue rezelarse; porque solo en quien es dado a deleites se halla. La gula està en el desreglado, no en el penitente; pero la soberuia es vicio tan pernicioso, que hasta en los varones mas ajustados, quiere poner su asiento. Dixo bien el Santo, y la experiencia lo enseña. Quantos varones muy virtuosos, por saber su virtud, se desuanecieron? Quantas virtudes tiene arruinadas la soberuia? y quantos fundamentos de perfeccion no tiene la vanagloria destroncados? Temase pues en la virtud la noticia, que es quié la derriba mas. Pues si en ella se ha de temer la soberuia, y esta se origina del conocimiento, justo es que se tema el saber si se ha de temer la soberuia.

S. Aug. Epist ad Discorũ

DIFICVLTAD II.

Elias es tu? Et dixit: Non sum. *Vers.* 21.

Si a la virtud es deuida estimacion; como se ha de estimar, si no se conoce?

XVIII. CHristo dize, que Iuan es Elias: *ipse est Elias.* Y Iuan dize, que no lo es: *Elias es tu? & dixit: Non sum.* Pues, Señor, si gustais que Iuan ignore las mismas virtudes que tiene: para q̃ las publicais? que podran llegar a su noticia. Dizelas, no con esse fin, sino para que las sepa el mundo, y las venere; que quando la virtud no se ha de saber para conseruarse, es menester que se sepa, para que se estime. Y porque pudiera quexarse la virtud, que no la estimaua quien la tenia, por no conocerla, lo dispone Dios de suerte, que al passo que no se conoce vn Santo, le conozca el mundo, y le estime; para que por esse camino grangee la virtud, lo que parece pierde por essotro.

Matt. 11 14.

XIX. Conocieron aquellas virgines ignorantes, que la luz de sus lamparas se iba apagando, y piden ansiosas azeite a las prudentes, para que no se acaben de morir. Ellas aunque oyen la necessidad, se lo niegan: *Ne forte non sufficiat nobis, & vobis.* Azeite, de ninguna manera le hemos de dar. Poca caridad parece negar el azeyte a quien tan necessitado le pide. Quien son estas virgines prudentes? los justos. Y las ignorantes? Los peca-

Matt. 25 8.

S. Greg. in Cath.

pecadores, dize San Gregorio. Y él azeite que piden? Las buenas obras dize S. Hilario. Mas estraño aora el caso, porque los Santos de suyo son caritatiuos, y en materia de comunicar a los pecadores sus buenas obras, para que salgan de las malas, son muy liberales; como aqui tan escasos, y poco caritatiuos? No es poca caridad, a lo que entiendo, sino poco conocimiento, de que tienen el azeite, ò las buenas obras que les piden. Tenian este azeite, ò estas buenas obras (dize S. Hilario) dẽtro de las mismas entrañas, y en lo mas intimo del coraçon: *Oleum, boni operis fructus est: vasa, humana sunt corpora, intra quorum viscera thesaurus bona conscientiæ recondendus est.* No estrañeis que no comuniquen las buenas obras los Santos; ni lo atribuyais a poca caridad, que poco conocimiento de sus virtudes es; porsi las tienen tan dentro del alma, que mucho aunque las tengan, estando cubiertas con el velo del cuerpo, que no las conozcan? Pues como las conocen las virgines ignorantes, y conocidas, las solicitan, librando su buena dicha en ellas? Han de conocer mas las virgines ignorantes de las prudentes, que las prudentes de si mismas? Esse es el misterio, q̃ la virtud que las virgines prudentes contienen, solo por no

S. Hilar. ad hunc loc. in Cath.

saber que la tienen, la estiman las ignorantes, porque la conocen: y con esso en la ignorancia de si mismas, vienen a grangear la veneracion de las otras.

XX. Estad siempre preuenidos, dize Christo a los suyos, no sirua de confiança mi amistad, antes cause cuidado la priuança, que descuido: no sea el mas estrecho trato, mas atteuido q̃ la comun correspondencia. Estad en centinela, con luzes encendidas en las manos: *Lucernæ ardentes in manibus vestris.* No estrañeis la doctrina, que ignorais quando la aureis menester: y en materia de preuencion, todo es necessario. Confiessa q̃ es cuerda siempre, y mas en los casos arduos. Pero que necessidad tienen de tener luzes en las manos los vuestros. Estas luzes no dezis que son las buenas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, vt videant opera vestra bona?* Pues no esten en las manos, que estan cerca los ojos; y si las ven, corren peligro. Bien estais en el caso; antes porque estàn cerca los ojos, han de estar en las manos las luzes, (dize Chrysologo) porque siendo ellas las buenas obras, lo que la luz haze con los ojos del cuerpo haga la virtud con el entendimiento, que es vno de los ojos del alma: *Vt lucerna ante oculos, opus bonum in mentibus*

Luc. 12. 35.

Matt. 5. 6.

Chrysol. ser. 22.

sic

sic refulget. Que haze la luz quãdo se lleua en las manos? Deslumbra, y para ver, es necessario que se ponga entre ella, y los ojos algo; porque estando inmediata, los ofusca, y no los dexa ver; y assi el lleuarla, mas es para otros, que para si: porque como la miran mas lexos, pueden uer de la luz, lo que no vè por estar cerca quien la lleua. O misterio! Lleuen las luzes encendidas en las manos los Santos; *Lucernæ ardentes in manibus vestris*, para que de la suerte que la luz material puesta delante de los ojos, ciega a quien la lleua, y alumbra a quien la mira; assi los resplandores refulgentes de la virtud, deslumbrẽ el ingenio de vn Santo, para que no los pueda ver, y alumbren a los demas, para que la vean. Lleuen la luz, pues si es causa de que no diuise sus rayos quien la lleua, con que assegura el lleuarla: tambiẽ lo es para que la vean los demas, con que no perderà su estimacion. Bueno fuera, que porq̃ vn Santo no vé su virtud, no la vieran los otros; y como se le auia de pagar la deuda de la ueneracion, deuida tan dignamente: luzga para lucir a otros, si luce, para deslumbrarse à si; q̃ de esta suerte se cumple con la obligacion de lo venerable, y con el intento de lo seguro.

XXI. En propios terminos sucedió el caso al gran Caudillo de Dios Moyses. Baxaua del monte, despues de auer estado con la Magestad Diuina; nunca dexa de humillarse mas, quien està en tanto valimiento con Dios. Baxaua, pero con tan subidos resplandores, que eran afrentas del Sol, y diminuicion de sus luzes. Que luzes no coronan las sienes del q̃ con imperio sabe dexar el mundo, y subirse a comunicar con Dios? No admito essa refulgente diadema; venero si esse fulgor; pero estraño ser desconocido de Moyses, siendo de todos conocido: *Ignorabat quod cornuta esset facies sua. Videntes autem Aaron & filij Israel cornutam Moysi faciem.* Exod 34. 29. 30.

Resplandecia el rostro de Moyses, y con ser en el rostro el resplandor, de ningun modo le veía, y veîanle Aaron, y los hijos de Israel. Que ceguedad es esta? El resplandor tan lucido, el lucimiento tan grande, y quando el idolatra le conoce, Moyses no le ha de conocer? Goze Moyses de lo que goza, y no le den essas luzes, sino las ha de gozar; que dar dichas, sin dar licencia para gozarlas, no es dar, ni se siente con mas dicha quien la ignora, aunque la tenga, que quien no la tiene, aunque lo conozca. Pero tened (dize el sapientissimo Lira) que no va por esse lado el misterio. Tenga Moyses resplandores, y no los conozca; porque los ten-

ga: *Ignorabat.* Mas porque no dexen de tener ellos el aprecio q̃ merecen, aunque no lo merecen los hijos de Israel, vean q̃ los tiene: *Videntes.* Que si como deslumbran los resplandores de Moyses a Moyses, deslumbraran a los demas, fueran como sino fuessen; pues no venian a ser para nadie era para ellos. Perdiasele la reuerencia a essas luzes, si ninguno gozára dellas; pues bien trazado: para que no se pierdan, no las vea Moyses; y para que a ellas no se les pierda la reuerencia, veanlas los Israelitas: y con esso, si en el no ver se assegura la perpetuidad, en el ver queda satisfecha la obligacion del aprecio. Oid a Lira: *Hoc factum est, vt populus, qui per idolatriam peccauerat, magis eum timeret, & haberet in reuerentia.* Faltana a las luzes la reuerencia, faltando el conocimiento; pues no falte en los Israelitas, ya que en Moyses falta. Porque la reuerencia no les falte, vean essos, porque aquel no vè, que si las luzes han menester a Moyses ciego, para su seguridad, han menester a los Israelitas con vista, para su reuerencia.

Lira hic.

XXII. No ay virtud oculta (dixo Seneca) y si la ay, el estarlo, no es daño para su autoridad, sino medio para su lucimiento: *Nulla virtus latet, & latuisse non ipsius est damnum.* No ay tiempo que la pueda quitar su tiempo, ni se oluida cõ los siglos su resplandor: No està expuesta a las injurias de lo temporal, que todo se acaba, ni la puede sepultar en oluido su duracion; q̃ por mas que su conocimiento se dilate, alfin no ha de faltar quien la diuulgue: *Veniet qui conditam, & saculi sui malignitate compressam dies publicet.* Pensòlo bien, porque la virtud no es para oluidada, ni el tiempo es tan atreuido, q̃ se resuelua a deslucir lo grande. Lo que por si es digno de memoria, no cae en la jurisdicion de su caduquez; sea subdito del tiempo lo no tal; y consumase todo con èl; que la virtud, a pesar de su condicion, ha de durar con estimacion, y lucimiento.

Sen. lib. 1. Epist. 79

XXIII. Alentaos fieles a la virtud, no dexeis perder vn punto el camino de la perfeccion; que si la oposicion que tiene con todas las cosas el tiempo, es tan poderosa, que a todo lo consume, poniendolo en perpetuo silencio: la virtud se le opone, y resiste con tal valentia, que atropellandole, huella su poder: y passandose de los limites del tiempo, pone su assiento en la misma eternidad: y assi, aunque os parezca aueis de caminar a solas la senda de lo santo: no la dexeis, que luzes tiene, que siendo eternas, se den a conocer por si mismas, y assi

soli-

solicitan su estimacion.

COMBATE IV.

Quid ergo baptizas, si tu non est Christus, neque Elias, neque Profeta? *Vers.*25.

Suele sentir mucho màs el pecador, no cometer la culpa a su gusto, que cometerla.

XXIV. ENfurecese el agasajo de los Sacerdotes, y Leuitas; truecase en atreuimiento la veneracion, y la promesa en calumnia: *Quid ergo baptizas, si tu non est Christus, neque Elias, neque Prophetа?* Hazense fiscales de las acciones del q̃ poco ha querian por Mesias. Que no harà vn hombre, sino le sale a gusto su pretension? No repareis en la causa del sentimiento? Hazen estos estremos, porq̃ no quiere Iuan admitir el ser Dios. Quan bien sabe el mal al hõbre! quan gustoso le es el errar! pues no disgusta del yerro; y no cometerle a gusto, le disgusta. Qual fue la culpa de esta gente? El quitarle a Dios la diuinidad, y querersela dar al hombre. Y el disgusto? Que no quiera admitirlo Iuan. Brauo caso! q̃ siendo tal el delito, no se sienta tanto, como q̃ Iuan no quiera ser Dios. No les disgusta solo su culpa, sino q̃ no la cometen: a toda su satisfacion. No queda satisfecho el Pecador con pecar, mientras no queda satisfecho con la culpa.

XXV. Temeroso se hallò el Rey Herodes quando quiso resoluerse barbaro, a quitar la vida, por lo que se la auia de conceder, al Bautista. Era este temor (dize el Euangelista San Mateo) nacido de la veneracion, que del hazia el pueblo, ò de la que se deuia a su virtud: tal es su poder, que hazе temerse, aun del barbaro mas poderoso. Quitòle la vida, y pudo mas cõ èl, para quitarsela, vna muger sola, que para concedersela, todo el pueblo junto. Que temeridades no resueluen los illiciros lazos! Entristecese, viendose obligado a dar muerte al Bautista. Aú aflige a quien la desea, vna muerte inocente: *Contristatus est Rex, propter iuramentum.* No creais en essa tristeza, (dize San Basilio el de Seleucia) que de todo tiene: no es solo tristeza; tambien se alegra, como se aflige: *Saltat habitu tristis, dejecto vultu: lætus quidem quod inimici personam vlciscatur.* Triste està Herodes: y alegre por la vengança; triste por el juramento. O que mezcla tan impertinente! Si el juramento le aflige, porque cumple el juramento? Diuierta essa tristeza con diuertir su palabra. No cumpla el gusto de vna muger, tan a costa de su gusto: no muera el Bautista si

se entristece de que muera. Pero muera para que se alegre, que en su muerte está su vengança, y en la vengança su gusto. De que se aflige, pues, porque a de morir el Bautista, quien se alegra porque muere? Oid a Basilio: *Latus quidem quod inimici persona vlciscatur, verum fortasse tristis cadis tarditate.* Alegre está Herodes, y triste; alegre porque se venga; triste, porque no se vengò: lo que tardò en vengarse, le aflige, no el vengarse. Afligese, y alegrase: alegrase por la muerte; afligese por la tardança; y siendo la tristeza en la culpa diminucion de su grauedad, y remedio de su malicia, no le entristece tanto la culpa por lo que tiene de graue, quanto por no auerla hecho a su gusto: *Fortasse tristis cadis tarditate.* No auer quitado la vida antes a Iuan es su dolor, no el verse obligado con vn iuramento a quitarsela: ni le quitara el gusto el verse con essa obligacion, si se la huuiera quitado a su gusto, porque ay pecadores tan bien hallados con sus culpas, que siendo ellas lo mas que ay en ellas que sentir, solo sienten no cometerlas a su satisfacion.

S Basil Sel. orat. 18.

XXVI. Mouido de las industrias de Satanas, oluidado de sus obligaciones, ciego a la correspondencia que deuia a Maestro tan bienhechor, se resuelue Iudas a entregarle a su enemiga canalla: resuelto le entrega, entregado se reconoce culpado, y conocido se castiga: Diligencias todas de Satanas, cegar al principio, para obligar a delinquir, y dar conocimiento despues, para solicitar la desesperacion. Desesperòse, mirando su culpa, que fue la mayor que cometiò: Tal es la bondad de Dios, que desconocerle misericordioso en las mayores miserias, es lo que mas llega a sentir. Entre todas las circunstancias deste caso, solo reparo, en que hizo las diligencias de penitente: *Peccaui, tradens sanguinem iustum.* Pequè, conocida tengo mi culpa. Diligencia es de penitente, confessarse por pecador. La primera diligencia que hizo Dauid, siendo pecador, para ser penitente, fue dezir; *Peccaui:* y aun la vltima, pues con ella quedò libre del pecado. Si habla Iudas despues de pecador, como hablò despues de pecador Dauid: Este porque se perdona? aquel porque se condenò! La duda bien comun deue de ser. Veamos la solucion. Por la penitencia, que es menester? Dolor. Tuuole Iudas? Si. Y Dauid? Tambien tuuo dolor; pero huuo esta diferencia, q̃ Dauid le tuuo de auer cometido la culpa; Iudas de no auerla cometido a su satisfaciõ.

Matt. 27. 4.

Qui-

Quisiera ser pecador Iudas (dize Drogon Hostiense) pero cõ honra: Quisiera ser traidor, sin perder la reputacion: Viose sin reputacion, y sin honra, quando se miraua pecador, y afligese, y condolido, dize: *Peccaui*, pequè pero no pequé a mi gusto; esse es mi disgusto, esse es mi dolor. Pequè, dize Dauid, *peccaui*, pero pequè contra Dios; esse es mi sentimiento, essa mi afliccion. Pierdase, pues, el *peccaui* de Iudas, y ganese el de Dauid; porque Iudas hizo por no auer cometido la culpa a su gusto, lo que hizo Dauid, por auerla cometido: *Plus erubuit infamiam, quam conscientiam*, dize Drogon: Condenese quien se disgusta de lo q̃ le falta de gusto en la culpa, y no disgusta de lo que le sobra de malicia; oluidando el estrago que haze en la conciencia; y atendiendo solo al q̃ haze en la opinion.

Drog. Hostien. de sacr. Domin. Passion.

XXVII No ay culpa sin deleyte (dixo Seneca) pero que se sienta mas la falta del deleyte, que la sobra de la culpa, esta es la culpa mayor. Alegrase el adultero; diuiertese con la deshonestidad el deshonesto. No es esto su delito mas crecido, sino que si en él tiene algo menos de gusto, si no le halla tan sazonado como le pide su deseo, se irrita con la misma dificultad; y no duda tener el gusto cumplido, a costa de los mayores imposibles; teniendo por mas facil, dexar de cometer la culpa, que dexar de cometerla a su labor. Alegrase el ladron, y por cumplir hurtando su gusto, no rezela peligros, antes a mas inconuenientes, mas se atreue; y las dificultades le hazen mas faciles los empeños. Pero no es esso lo mas; sino q̃ siendo menos q̃ la culpa, tener alguna siniestra fortuna, en trato donde todo es peligro, siente solo el sucesso desastrado, y no siente el estrago que haze la culpa en él. *Omnibus crimen suum voluptati est. Latatur ille adulterio, in quod irritatus est ipsa difficultate. Latatur ille circunscriptione furtoque: nec anteilli culpa, quam culpæ fortuna displicuit.* Sino ay afecto en la culpa, no la ay, porq̃ la voluntad la haze; de la voluntad, nace el deleyte: deleytase quien peca, y peca deleytãdose, y gusta de esse deleyte; y aunq̃ es gusto tan estragado, gustan tanto del algunos pecadores, q̃ su disgusto solo en perder esse gusto cõsiste.

Sen lib. 1 Epist. 97

XXIIX Perdida và el alma que se carea tanto cõ el gusto de la culpa, que siente mas el perderle, que el tenerla. Reparaos, fieles, y en resistir cõbate tan pernicioso poned todo cuydado, pór que os hago saber, que esté es vn combate muy casero; y aũque lo es, muy poco conocido. Quantos aura que no cuyden de la culpa, y cuyden de co-

mo la han de cometer, para tener mas deleyte en cometerla? No pequeis; pero si pecaredes, doleos: y porque vuestro dolor no se malogre, mirad que os aviso, que sea dolor de la culpa, afliccion de auer ofendido a vn Dios de tantas maneras digno de ser amado, y no del gusto, que en el pecado perdeis.

VICTORIA.

Ego vox. *Vers.* 23.

Las victorias del espiritu, se alcançan con debilidades de carne.

XXIX. VIendo los Sacerdotes, y Leuitas, que Iuan no respondia a su sabor, hazen informacion de su vida, y tomandole su dicho, solo confiessa ser voz: *Ego vox*, yo soy voz. Estraña respuesta; antes parece esso no ser, que ser: la voz es casi nada, es vn sonido delicadissimo. Que ser puede tener vna cosa tan sutil? respondiò con todo muy entendido el Bautista: era el primer soldado de la Ley de Gracia, el primer Capitan que puso vandera, para alistar soldados, que peleassen en la campaña del espiritu: y assi entendido, dize ser voz. La voz que es? Vn ayre herido con la espada de la lengua: *Vox est aeris per linguam percussio*, dixo Boecio. Y el ayre? Significa la voluntad humana, dize Pedro Bercorio, no espiritualizada, sino carnal, mudable, inconstante, y facil como el ayre lo es tambien. Pues bien trazado, quando Iuan siendo Capitan de la espiritual Milicia, pretende peleando vencer, lleue por armas debilidades de carne; vaya tan mortificado, que solo le quede el aliento, y la voz: *Ego vox*, que si esta no es otra cosa mas de vna herida, q̃ se haze al ayre, siendo este, y la carne todo vno; dezir Iuan que es voz, fue dezir, que para salir victorioso el espiritu, no ay otro modo, sino pelear hiriendo, y enflaqueciendo a la carne.

Boetius.

Pet Berc. in Reduct. mor. lib. 6. c. 10. n. 8.

XXX. Aquel assombro del Israelitico pueblo, soberuiamente arrogante, intentò reducir toda la campaña Israelitica, y Filistea a solo vn combate, desafiando presumido vno por vno a todos los del exercito de Saul, para que saliendo en campaña, quedasse el campo por quien quedasse la victoria de vn soldado particular. Desacertada determinacion, echar a la primera mano todo el resto de vn exercito. Dauid menos arrogante, pero en las ayudas de Dios mas confiado se determinò a tomar por su cuenta la defensa de su pueblo, saliendo, con el Filisteo a batalla. Su edad era tierna, no disciplinado su aliento, su valor nunca experimentado en semejantes facciones.

Moti-

Motiuos para que Saul, Principe de aquella milicia, dudasse el buen sucesso de la empressa. Pero viendole determinado, le presumio victorioso, q̃ las mas victorias consisten en no bolver al enemigo la cara. Pusole sus armas Saul, y uiendose armado Dauid, quiso hazer experiencia de su valor: hallose mas desflaquecido, quando se vio mas fortificado: y quitase para ir a pelear las armas: *Et deposuit ea*: Indubitablemente error parece a los ojos de qualquier soldado, quitarse las armas para pelear. Por vizarro que sea el aliento, ha menester quien le defienda. Bien podrà vn valor empeñarse; pero, sino và armado, và peligroso. Si el enemigo peleàra sin armas, era gallardia del animo, y denuedo del coraçon, desecharlas, porque las fuerças ventajosas no son en la valentia credito: antes se corre vn esfuerço de verse auentajado, quãdo no vé al contrario defendido. Los alientos suelen enflaquecer con la confiança: y vn valor està apique de perderse por seguro. No se assegure Dauid, antes rezele, que vn prudente temer es valentia; y no hazer caso de vn enemigo, es temeridad. Si el Filisteo sale fortificado al campo, salga Dauid preuenido, que no deshará esta preuencion la victoria; no lleuarla, quiza la deshará. Esse discurso es corriente, pero Dauid no sale desarmado, antes se remira en armarse; como es possible, si el mismo se quita las armas: *& deposuit ea?* No lo veis, dize el de Seleucia, las armas q̃ tenia puestas Dauid, eran para ayudar a la naturaleza; la conquista era cosa de la gracia: el se ponia armas para defender la carne, y la pretension era q̃ saliesse uictorioso el espiritu. En esta batalla consistia ser Dauid Rey, auia de ser muy espiritual su Reyno, ya porque èl auia de ser muy Santo, ya porque en espiritu auia de representar a Christo, Rey tan espiritual, que nunca tratò de carne. Assi que tan espiritual ha de ser esse Reyno? pues para salir con la uictoria de una Monarquia dessa calidad, quitese las armas, q̃ pueden hazer mas ualerosa a la carne: dexela sin ellas, para q̃ teniendo menos fuerça, cobre mas aliento el espiritu: y estando ualeroso por estar la carne flaca, uendrà a salir con la uictoria q̃ pretende. Basilio assi: *Arma tanquam victoriæ impedimenta Dauid exuit recusat thoracem, galeam abijcit scutum deponit, manum hasta liberat, bellicam stolam exuit stola pastoritia, & virga, ac pera obarmatur quibus enim rebus ad regnũ promouit gratia, &c.* Desnudese del habito militar, que si pudiera ajudar a la carne, era impedimento para el espiritu, porque

Reg. 39.

S. Bas. Seleuc. ora.

los alientos de aquella, son desfaecimientos de este; y assi mientras està mas fortificada, està el espiritu mas batido. Esse genero de armas, son impedimẽto, para que David salga con victoria. Pongase el vestido de vn pastor, que significa penitencia: el surron, donde se denota el ayuno: la cayada, que sirue para descansar la carne mortificada; q̃ essas son armas, para que el espiritu alcance victorias.

XXXI. Diuertia la diuina Esposa las imaginaciones de su gloria, con hazer descripciones de su Esposo; sino le vian los ojos, le gozaua la memoria con ellas, siendo instrumento la lengua de su dicha, en tanto que tenia mas presente la causa principal. Mucho se siente de quien se estima el ausẽcia: pero lo mismo que la haze lastimosa, la haze tolerable. Los combates con q̃ affige a la imaginacion la memoria, diuierten al gusto, pues se entretiene quien ama, en acordarse de su prenda. Assi la Esposa santa, acordandose de su diuino Esposo, se affligia, y se consolaua, que si la memoria se le representaua ausente, al fin le representaua. Holgauase haziendo periodos de sus prẽdas: y entre otras partes que auia pintado de su gallardia, llegò a pintar los cabellos: y dibuxa desta suerte su hermosura:

Coma eius sicut elatæ palmarum, nigra quasi coruus. Las palmas crian vnas cortezas vistosas, y delicadas, con que cubren hermosamente su fruto. Mi Esposo assi tiene vnos cabellos, con quien, en vez de palma, se cubre la cabeça, y juntamente la hermosea, aunque estos cabellos son negros como de cueruos. Estos cabellos, que dize la Esposa, son los Santos: la cabeça en quien estan, es Christo, dize Iusto Orgelitano, son negros, porque para estar alli, es menester que se juzguen pecadores: *Hi equidem sancti capiti suo, id est, Christo, adhærere noscuntur, qui in similitudinem corui, se peccatores agnoscunt.* Dame ocasion al reparo, que estando los Santos en Christo como palmas, ayan de conocerse pecadores, para estarlo. La palma, es simbolo de la victoria: del vencimiento, la culpa: Si los Santos estàn en Christo con señas de victoriosos, como es posible que ellos se conozcan por vencidos? Alli no llegan vencimientos, si victorias. Como puede quien es victorioso, estar vencido? ò quien es vencido, estar con señas de vencedor? Ser vencido, y victorioso, es implicacion. Si los Santos auiendo cõquistado en la campaña espiritual, han vencido, y en la palma tienen escrito el testimonio de vencedores, como se han de conocer en Cant. 5. 11. Iust. Or. hic.

en lo negro de la culpa por vẽcidos? Bueno parece el discurso; pero en este genero de conquista, no implica el conocerse vẽcidos de la culpa, para tener de la victoria la palma. Antes ayuda tanto, q̃ sino huuiera este vẽcimiento, no huuiera aquella victoria. Que efectos haze ẽ vn Santo la culpa reconocida? Muchos; pero entre ellos los mas principales, son, penitencias cõtinuas, mortificaciones ordinarias, lagrimas, suspiros, sollozos, abstinencias. Y q̃ pretende vn varon perfecto con estas solicitudes? Sugetar el rebelion de la carne, vencerla, y rendirla, para tenerla assi sugeta. De suerte, q̃ essos son los efectos q̃ haze el conocerse por pecador vn Santo? Si. Pues Iusto glosa Orgelitano diziendo: Que para estar los Santos cõ palmas de victoriosos, han de estar cõ reconocimientos de vencidos: Que si este conocimiento les obliga a quitar sus fuerças a la carne: para q̃ el espiritu vença, esse es el medio mas eficaz, y el modo de combatir mas seguro; estè la carne vencida, q̃ assi estará el espiritu con palma de vẽcedor. Procurese sugetar la vna, para q̃ el otro se aliente; q̃ auiendo de pelear los Santos por cosas espirituales, menos que fortificandose con mortificaciones de carne, no podran llegar a tener triunfos de victoriosos.

XXXII

Era Saulo Capitan General del vando cõtrario de Christo, valiase de todo su esfuerço, para destruir su exercito. No se cegaua miẽtras no le perseguia: y en faltandole a su valor en q̃ mostrarse presumia q̃ le faltaua; buena condicion para la campaña, despagarse el esfuerço de si, mientras no vè que destroza; y no juzgarse suficientemente valeroso, solo con assistir en el puesto. Iba vn dia marchando, àzia Damasco, donde lleuaua distinio de alojarse, para hazer nueuas preuenciones de guerra, con que pudiesse hazer mas estrago en todo el Christiano exercito, quando sintio q̃ Christo (que venia en defensa de su gente) le acometio con exercitos de glorias, con tiros de resplandecientes luzes, y con rayos de refulgentes candores. Cayò desde el caualio al suelo, al primer combate Saulo: reconociose al primer encuentro rendido. Y viendose Christo sugeto, no se contenta, sino que le dexa tan destrozado, que fue necessario lleuarle en agenas fuerças a Damasco, en donde continuandose el desacaecimiẽto, en tres dias, ni pudo abrir los ojos, ni recibir algon sustento: *Ad manus autem illum trahentes, introduxerunt Damascum: Et erat ibi tribus diebus non videns & nõ manducauit neq; bibit.* Ya es tiempo q̃ hagamos la ponderacion.

Act. 9. 9.

Darse

Darse por uencido Saulo a tan ualeroso combate, antes fue, q̃ cobardia, prudẽcia. Verle Christo rendido, y ẽtinuar el cõbatirle, quitandole las fuerças, la uista, y la comida, causa admiracion. Vn animo ualeroso, en uiendo al enemigo uencido, no quiere apretarle mas; alli cessa la conquista, donde empieza la uictoria. Si Christo Señor nuestro se mira uictorioso; si Saulo se confiessa rendido, para q̃ es proseguir la batalla? Cessen los nueuos combates quando el enemigo confiessa, humilde, rendimientos; que no es gallardia de un ualor, maltratar al q̃ se rinde. Lustroso queda un uẽcedor; pero sino se contenta cõ uencer, se escureee toda la gloria de su triunfo; pues no parece que tiene pensamientos bien nacidos, quien no se aplaca uiendo al enemigo sugeto. El perdonar es obligacion del uencedor: tratar con cariño al uencido, tambiẽ; como el poner termino a la ira. Assi lo cantò el otro Poeta.

Si decidit hostis,
Ira super satis est, vitamque relinquere victo.

Stat. 8. lib. Theb.

Si el cõceder la uida, y poner a la uenganza termino, es obligacion del uictorioso: parece que no cumple Christo con ella; pues uiendose uencedor, quita la uista al uencido, y no le permite el sustento. Ea, que no entẽdeis las estratagemas de Dios. Queria Christo Señor nuestro hazer de su uando a Saulo, de soldado de las leyes de la carne, le queria hazer Capitan de las del espiritu: gustaua, q̃ mejorando de intento, peleasse cõ esforçado ualor, y con inuencibles fuerças. Assi, que essa es la resolucion de Christo? pues entendido procede: quitele las armas de la carne, para que assi pueda quedar el espiritu ualeroso: y si quien haze al cuerpo mas esforçado, es la comida, y la beuida, dispongalo de suerte, que ni pueda hazer lo uno, ni lo otro; porque hallandose la carne flaca, y descaecida, essa flaqueza sirua al espiritu de armas, con que armandose quando salga en la espiritual campaña, pueda salir con la uictoria: no coma, ni beua Saulo, porq̃ sepa que en esse nueuo campo, siempre se ha de armar con ayunos, y abstinencias, para pelear en él con uentajas; que si en la otra campaña el uigor de la carne, y su lozania son quien suele alcançar uencimientos, en esta, mientras mas descaecida, y pusilanime, està mas a proposito dispuesta, para que el espiritu pueda uencer.

Los uerdores de la carne nunca fueron a proposito para ajudar en sus empresas al alma, antes la estragan, que la animan; la hazen cobarde, no ualerosa,

no

no uencedora, aunque si uencida. Si el Catholico quiere salir con uictoria de los combates que en la campaña espiritual se le ofrecieren, no busque mas armas, que ayunos, y mortificaciones; sugete la carne cõ penitencias; anassalle sus uerdores con delabrimientos; tiela el freno, quando le pareciere que ua desbecada, porque quanto mas cobra de brio, tanto mas se le quita al espiritu. Armense los soldados de la milicia de Christo, con desarmarse; fortifiquense con enflaquecerse, que peleando con essas fortificaciones, los combates seran tan acertados, que llegarán con seguridad a la dicha de uencedores, y a gozar el premio de triunfantes, que es en esta uida gracia, y en la otra gloria. *Ad quam, &c.*

CONQVISTA QVARTA.

Para el Domingo quarto de Aduiento.

Anno quintodecimo Imperij Tiberij Cæsaris procurante Pontio Pilato Iudæam. Lucæ 3. vers. 1.

EXORTACION.

DEuño del mundo deuia de ser Tiberio Cesar, Emperador Romano, el año quintodecimo de su Imperio. En las naciones mas remotas del Orbe estaua introducida su jurisdicion: ni los limites de Iudea eran essentos, antes tan sugetos a su Imperial Gouierno, que tenia a todo el Reyno diuidido en Prouincias, vassallos, para gretos. Refiere el Euangelista S. Lucas, quien tenia los gouiernos, No es mala razon de estado quitar la vnion a los que siendo las fuerças mas flacas, esten siempre sugetos.

assi

assi Sacerdotales, como del siglo, para hazer mencion de la eleccion que hizo Dios de Predicador en el Bautista: fue querer asseguras la verdad, y no dexar en opiniones el tiẽpo de la eleccion. En este siglo, pues auiendo de dar Dios principio a la fabrica vniuersal de su Iglesia, empieza poniendo vn precepto a Iuan q̃ sirua a tamaño edificio de fundamento: *Factum est Verbum Dñi super Ioannem* Buen principio, que la obediencia es fundamento seguro; y fundandose la Iglesia en obedecer, se assegura su duracion. Obedece luego que oye. Assi ha de ser el obedecer, ni ojos ha de tener, vn obediente oydos solos ha de tener, q̃ tener aliento para examinar lo q̃ se manda, es perder el merito de obedecer. A las regiones del Iordan se parte, y dexa a los desiertos. Sino es, q̃ como insinuò Isayas, vaya de desiertos a desiertos. Tan desierto de virtudes està el mundo, que es lo mismo el mundo, que el desierto. Viene alfin, y viene al Iordan, q̃ quiere dezir: *Fluuius iudicij*, rio de juyzio. Viniendo a predicar penitencia, para obligar a su execucion, no ay medio mas eficaz, q̃ poner delante de los ojos el juyzio. Viene, y haziendo pulpito de las murallas de flores, que a beneficios de los cristales liquidos del Iordan se edificauan empieza a predicar penitencia. Esso auia de ser siempre el Sermon, porq̃ el mundo està tan lleno de vicios, q̃ solo se la auia de enseñar como auia de hazer penitencia, para librarse de ellos. Hazed penitencia (dize) no la dilateis. Quan bien! Si la penitencia es dolor, y el Bautista enseña camino del cielo, por el dolor se và allà. Aderezad el camino, enderezad las sendas; de la virtud trata: efecto de la penitencia verdadera es dexar el camino tortuoso del vicio, y entrar en el derecho de la perfeccion. Engaño euidente de algunas almas, que pretenden llegar a la senda de la virtud, sin dexar primero todo el camino del vicio. No auràcosa vacia, que no se llene, ni grande q̃ no se humille, ni breña que no se allane. Assi ha de ser para ver a Dios, que no es amigo de altiuezes, que en suma es todo lo literal del Sagrado Euangelio. Pidamos aora la gracia. Aue Maria.

COMBATE I.

No ay culpa con que mas se provoque Dios al castigo, que con la de vn virtuoso.

Anno quinto decimo Imperij Tiberij Cæsaris procurante Pontio Pilato Iudæam, *Vers.* 1.

Diuidido està el Reyno de Iudea, y vnido el pueblo Ro- Num.

Romano. Mala sospecha me dà essa diuision: *Anno quintodecimo Imperij Tiberij Cæsaris procurante Pontio Pilato Iudæam.* Vnos gouiernan a Iudea, a Galilea otros: y todos estàn diuididos, y separados. Que indicia essa diuision? Su destruicion total, dize aduertido S. Gregorio el Grande: *Quia etiam Iudæa erat pro culpa perfidiæ dispergenda, in Iudæa Regno per partem, & partem plurimi principabantur secundum illud. Omne Regnum in se ipsum diuisum desolabitur.* Auia muchos mandones en Iudea, presto se acabarà, que Republica donde mandan muchos, no puede ser permanente. Eran estos principios de la desolacion de aquella Monarquia: Vibraua Dios ya la espada contra Iudea: juntaua gente, q̃ la combatiesse, y combatida, la assolasse. Ya brotaua su enojo, y no pudiendo detener su ira, empieza a castigarla. Teneos, Señor, q̃ os adelantais mucho en el castigo. Iudea no es vuestro pueblo? Roma no es la idolatra? como os oluidais de castigar a vn Imperio donde os quitan la veneracion, por darsela a fingidos Dioses, y castigais a Iudea, deposito de vuestra aficion? Iudea ha de ser primero castigada, q̃ Roma? Si. Era Iudea el pueblo escogido de Dios, en quiẽ tenia puestos los ojos: alli auia establecido la virtud, y tenido sus especiales amigos: castiguese, pues, el descuido de Iudea, por tierra santa, antes q̃ él de Roma, por idolatra; y no se le descuente el auer tenido en ella tantos amigos Dios, para dilatar el castigo: antes se castigue mas, quanto ha tenido mas de virtuosos, que la virtud q̃ se desliza, es la que mas prouoca a Dios, a que execute su rigor.

II. Viose Christo reconocido por Dios de todo el Colegio Apostolico, quando Pedro, Discipulo del Padre Eterno, declara publicamente su diuinidad: y como si fueran obligaciones de lo diuino, morir por el hombre, en viendose publicado por Dios viuo, trata luego de morir. Pocas glorias tuuo Christo, q̃ no las mezclasse cõ su muerte, deuia de ser el morir su mayor gloria. Oyò Pedro la platica, y viendola, a su parecer, tan opuesta a lo q̃ el Eterno Padre le auia reuelado, juzgando a vn Dios incapaz de morir, y de padecer dolores, para disuadirle de su muerte, y de sus penas, le dize: *Absit à te Dñe. non erit tibi hoc.* Fue afecto de amor, y veneracion a la persona de Christo, el persuadirle, q̃ no muriesse, dize Geronimo: *Capit illum increpare amantis affectu.* Dase Christo, sin embargo, por tan ofendido, q̃ desdeñando afectos de amor, y no reparando en veneraciones, a vn mismo tiempo le castiga, y el

S. Hier. in Cath. hic.

Vers. 23. y le reprehendeis *Vade post me Satana, scandalum es mihi.* Como Señor, Satanas a Pedro? Que culpa os obliga a semejante rigor? Es delito el amar? O como castigais el amor? Quando fuera yerro esso que Pedro os dize, el amor le disculpa; que no ay culpa con amor: y los descuidos que comete la voluntad, se perdonan facilmente.

II. Casi se trocaran las razones: si no os conociera por diuino: Y como os escandalizais de lo q̃ dize Pedro, *Scandalum es mihi*, me escandalizára de lo que dezis vos. Allá en el desierto, bien me acuerdo que tratastes al demonio como a Pedro, *Vade Satana*; mas fue porque se atreuió a vuestra diuinidad, y quiso burlar de vuestra soberania. No ha de auer diferencia de vn Pedro a vn demonio? de vn amor à vn aborrecimiẽto? Que quiere ser, que Pedro por Santo oyga de vuestra boca las mismas afrentas, q̃ vn demonio por atreuido? Quereis saber la causa? pues atended: Auia calificado a Pedro Christo por Santo poco antes: *Beatus es Simon*, y despues cometió vn defecto: *Absit à te Dñe:* y aunq̃ fue defecto de amor, *Amantis affectu*; por juntarse con vna santidad calificada, se aumenta tanto, q̃ a los ojos de Dios parece delito de vn demonio: No disculpa a Pedro su amor, porque le arguye su santidad. Y en vna virtud grande, para juzgar sus delitos, no se mira a lo amoroso, quando se descuyda, sino à lo Santo. Si Pedro no fuera tan Santo, pudiera ser que disimulara Dios algo su delito: pero delito que se origina de vna grande virtud, aunque no sea muy crecido, no le quiere Dios disimular.

Matt. 4. 10.

Vers. 17.

III. Atreuido fue el primer Angel, y atreuido fue el primer hombre. Este solicitado de los alagos de vna muger, casi se presume diuino, librando su dicha en la transgresion de vn mandato de Dios: *Eritis sicut dij:* como si el obedecer a quien tanto deuia, no fuera el camino mas seguro de sus aumentos. Aquel atreuido considerando la grandeza de su santidad, intentó darla mayor solio, pareciendole pequeño para tanta virtud el que tenia: *In cælum conscendam.* Y para hazerlo con presunciones de diuino, se atreuió a su Dios, intentando abatir su soberuia, como si el sugetarse a tanto poder, no fuera la mayor gloria. Grande es la desuerguẽça del hombre, y del Angel, entrambos se oponen a Dios, y pretenden ser diuinos; pero el castigo es diuerso: El Angel cayó de su cumbre, y el hombre cayó de la suya: pero el Angel cayó para no boluer a subir; para siempre eternamente su osadia. El hombre cayó, pero con poder,

Gen. 3. 5.

Isai. 14. 13.

der, para recuperar lo perdido. Que es esto, dize S. Gregorio el Grande: tanta desigualdad en el castigo, siendo los delitos tan parecidos? Como no ay remedio para la vna culpa, auiendo tanto para la otra? No es malo lo comun del Theologo, que el Angel tan aprehensiuo es en sus intentos, que si intenta vna cosa, jamas se puede persuadir a lo contrario, y assi està oy en el infierno, y estarà siempre diziendo: *In cælum conscendam.* Y es muy justo que se castigue siempre, quien jamas se enmienda. Pero no (dize Gregorio) no hizo irremediable su culpa su aprehension, sino su virtud. Era el Angel en el primer instante de su creacion, en la naturaleza, el mas grande, en la virtud, el mas crecido, en la santidad, el mayor. Era el hombre, menor en la naturaleza, mas pequeño en la gracia, mas limitado en la virtud: Assi, pues castiguese el hombre, y castiguese el Angel: este sin remedio, aquel con èl; que quando vna naturaleza perfecta, y vna virtud grande se juntan, para cometer vna culpa, crece tanto, en virtud de tanta santidad, que no dà lugar a su reparo Oid a Gregorio: *Qui id ireo peccans, sine venia damnatus est; quia magnus sine comparatione fuerat creatus.* Lo grande de su naturaleza, lo excelso de su perfeccion, hizo crecer assi a la culpa, que llegando Dios a castigarla, la castigasse sin dilacion, y sin reparo.

S. Greg. l. 22. Moral. c. 24.

IV. A vista de vn Dios Magestuoso se hallò el Euangelico Profeta Isaias, gozoso por la vista de tanta gloria, afligido por hallarse indigno de gozarla: accion propia de humilde, juzgarse indigno de la dicha, por mas merecida que la tenga. Veo al Dios de los exercitos, exclama sentido, poderoso le veo; glorioso le miro: Pero ay de mi! q̃ indigno gozo tanto bien; pues aunque le miro con ojos sin mancilla, le assisto con labios sin pureza: *Vir pollutus labijs ego sum.* Oyòse el estruendo de la voz, y atendiendole con ecos de impureza, dexa vn Serafin el lado de la Magestad diuina. Baxase diligente del Trono al Altar, toma con vnas tenazas vn asqua abrasando, y abrasa los labios al Profeta: *Volauit ad me vnus de Seraphim, & in manu eius calculus, quem forcipe tulerat de altari, & tetigit os meum.* O valgame Dios, y que escusada diligencia! A la Magestad de Dios le ha de faltar la assistencia del Serafin al Profeta? A tanta Magestad no es justo le falte el decoro. Los criados siẽpre han de assistir al Señor: el dexarle solo, ò parece poco afecto, ò demasiado descuido. Descuydarse vn Serafin es dificil, impossible faltarle el afecto, siendo espiritu encen-

Isai. 6. 5.

Vers. 6.

encendido. Pues como parece que falta a todo, dexando solo en el Trono a Dios? Y quando essa accion tuuiera disculpa, como la podra tener, abrasar los labios a vn Profeta? bien q̃ les falta de pureza algo, pero tolerable es essa falta: pues fuera de suyo, quando mucho venial, sino es q̃ solo sea imperfeccion: Tan desapiadado ha de ser el castigo, en culpa tan delicada? Y q̃ se dexa para la ofensa mayor, si en la pequeña se muestra tanto vn ministro, q̃ abrasara a quien no es casi delinquente? Es tema esse castigar, ó siniestra informacion del delito? Con tales incendios se purifican vnos labios tan moderadamente culpados? Faltaua otro mas tolerable castigo? No, pero no podia dexar de ser tanto el rigor, siendo tan santa la persona que cometio el defecto. Poca es la culpa, pero la santidad de Isaias mucha. En mucha virtud no ay culpa pequeña, porque el delinquir se aumenta al passo q̃ se aumenta la santidad. No se castiga la culpa en vn Profeta, tanto por lo q̃ tiene de grauedad, quanto por lo q̃ el Profeta tiene de perfeccion. Dexe el Serafin solo en el trono a Dios, y baxe a castigar con fuego à Isaias; para que entienda el alma ajustada, q̃ no ha de tener descuidos, porque lo es; porque lo siente Dios tanto, aunque sean pequeños, que no solo los haze castigar como graues, sino q̃ si fuera posible quedarse tanta Magestad a solas; lo sufriera, viendo a sus criados ministros fieles de su justicia, por no poder sufrir sin castigo, defectos que han llegado al estado de la perfeccion.

V. De importancia es este combate, pues enseña con su doctrina al alma, que si se viere combatida de sus enemigos, tenga constancia en resistir sus combates; atendiendo a q̃ si se viere santa no por esso confie en si, ni se descuide pareciendole facil tolerar sus defectos, a titulo de sus perfecciones. No es malo para vn espiritu presumido esto. Que de licencia suele tomarse, para ser pecador, juzgãdo, q̃ no desdora vn dia de culpa, à quien tiene muchos de virtud. Que peligrosa està la santidad que assi se trata: Poco tiene andado para con Dios la santidad passada, para la culpa presente. Dios no mira lo q̃ fue, sino lo q̃ es: si huuo santidad, y ay culpa, mira la culpa, no la santidad. Si huuo pecado, y ay virtud, la virtud mira, no el pecado. Si el pecado fue primero, suele con èl crecer la virtud; porq̃ mirando a su culpa vn virtuoso, se obliga a ser mas perfecto. Si fue primero la virtud, suele crecer con ella la culpa; no porq̃ ponga en ella algo la virtud,

virtud, sino porque de vn amigo se sienten mas las ofensas: y vna virtud como se halla en mayores obligaciones, el no cumplirlas es tan de el sentimiento de Dios, que suele no dilatar el castigo, viendo que vn alma beneficiada, falta a las obligaciones de santa, y a los empeños de amiga.

COMBATE II.

Factum est verbum Domini super Ioannem. *Vers.* 2.

Ni ay gloria para el hombre sin Dios, ni Dios la quiere sin el hombre.

VI. AViendo de empezar el edificio de la Iglesia Euangelica, no solo dà parte al Bautista en essa empressa, sino le manda que salga de el desierto, y vaya a buscar con su doctrina obreros, para vna fabrica en dõde ha de ser glorificado Dios, para que si en el mandato se dà a entender, q̃ esse edificio empieza de vn Dios, se entienda tambien, que en essa empressa toma Dios por compañero al hombre. Assi lo insinuò Ambrosio: *Congregaturus autem Ecclesiam Dei filius ante operatur in seruulo, & ideo bene dicitur factum est Verbum Domini super Ioannem Zachariæ filium, vt Ecclesia non ab homine cœperit, sed à Verbo.* No disgusta Dios q̃ empeño tan glorioso se diga, que entra en partes con su Magestad vn hombre, siẽdo el el todo, aunq̃ gusta que se sepa ser el la parte principal. Empiecese de la palabra de vn Dios la Iglesia; pero no dexe de entrar en ello el hõbre. La Iglesia no es Espoſa de Christo? pues quedese para èl solo la gloria de lucirla; pero no, q̃ son lucimientos de gloria. Tenia Dios puesta la suya en el edificio de su Iglesia; pues para q̃ le sea a Dios cumplida essa gloria, no la tenga sin el hombre. Empiece Dios esse edificio, y empiecele el hombre tambien; q̃ si es para q̃ tenga el hombre gloria con tener a Dios en èl; es para q̃ Dios tenga gloria con tener en el al hõbre. Y assi entren en esse edificio entrãbos, para q̃ se entienda, q̃ en las acciones glorioſas, gusta Dios tãto de la cõpañia del hõbre, q̃ en ellas no quisiera gloria sin é', como èl no tuuiera gloria sin Dios.

S. Amb. in Cat.

VII. Afligido se hallò Christo nuestro bien, quando para ir a cõsolarse con su Padre, lleuò cõsigo a tres de sus Dicipulos: *Et assumpto Petro, & duobus filijs Zebedæi.* Mando le esperassen, apartòse, empieza a hablar cõ el Padre. Acabò la oracion, y buelueſe a ellos: *Et venit ad Discipulos suos.* Buelueſe al Padre, y tornase a los Dicipulos: *Et venit iterũ.* Vase tercera vez al Padre, y tercera vez buelue a ellos. Que es

Matt. 26 37.

Vers. 40.

esto, Señor, del Padre a los Discipulos, y de los Discipulos al Padre sõ vuestras jornadas? Parece que Christo ni se halla sin Dios, ni sin el hombre: Pues si està con Dios, se và al hombre, y si cõ el hombre a Dios. Que necesidad tiene Christo del hõbre? sino le ha menester, porq̃ le busca? Y si se ha de boluer a èl, porque le dexa? S. Lucas refiriendo el mismo caso, declara mi intento mas. Apartose (dize S. Mateo) con los tres Discipulos, y antes q̃ se fuesse a orar, les dize: *Triſtis eſt anima mea.* Discipulos mios afligida tengo el alma. Vase luego a orar, y estando en la oracion, apareceselo vn Angel confortandole: *Apparuit autem illi Angelus de cælo, confortans eum.* Teodoreto declarando el modo de confortar a Christo el Angel, dize q̃ fue glorificandole: *Apparuit ei Angelus glorificans eũ.* Aora es la põderacion. Christo es gloria del hombre, y afligese, porq̃ vé que se le ausenta: *Auulsus eſt ab eis:* que como el hombre no tiene gloria sin Dios, ausente no puede tenerla: *Dormientes præ triſtitia:* Ponese Christo en la oracion glorificale vn Angel, *glorificans eum*, y vienese luego al hombre. Que es esto Señor, quando triste os ausentais del hombre, y quando gloriosa os venis con él? Que el hombre se aflija sin vos, no es mucho, que sois toda su gloria: Pero que siendo él tan poco, y tan mucho vos, en viendoos con alientos glorioſos, tan desaſoſſegado le busqueis, es mucho de reparar. Necesitais a caso del hombre? ò como tan ansioso os vais tras èl? No es essa diligencia, necesidad, sino gusto. Entristecese el hõbre sin Christo, que es toda su gloria; Christo en sintiendose con alientos glorioſos, no se halla sin él, y assi le busca; porq̃ le estima Dios tanto, que como si fueran iguales, sino ay gloria para el hombre sin Dios, parece no ay gloria para Dios sin el hombre. Christo triste, se estara sin el hõbre, pero no glorioso: *Auulſus eſt ab eis.* Ausentose de su compañia; que mucho, estaua afligido: *Triſtis eſt anima mea*, parece que dezia: Aora no estoy para estar con el hombre. Con todo, si iba al Padre, no se hallaua sin èl, y boluia luego. Alfin, ya que vio que la pena se confortaua con aliento de gloria, con èl se viene; de suerte, que ni el hombre puede passar sin Dios, ni Dios. parece puede passar sin el hombre. Pues si el hombre no tiene gloria sin Dios, Dios no quiere tener gloria, que no se la comunique al hombre.

Verſ. 34. Luc. 22. 43. Theod. in Catth. Verſ. 41. Verſ. 45.

Transfiguróse Christo delante de sus Discipulos en aquel monte, dignamente aplaudido de todos, por este misterio: *Trãſfiguratus eſt ante eos.* Resplandece como

VIII. Matt. 17. 2.

como Sol su rostro; y aun goza de la gloria el vestido. Assiste el Espiritu Santo en el disfraz de vna nube, oyese la voz del Padre, que dize ser Christo su verdadero Hijo: atemorizandose los Dicipulos de tanto golpe de gloria. Y no pudiendo sufrirla, caen assombrados de tanto resplandor en el suelo: Llega Christo a lebantar los ojos, y hallanse sin gloria: *Neminem viderunt, nisi solum Iesum.* Que es esto? Esta gloria es por los Dicipulos, ò por Christo? Si por los Dicipulos, como no la pueden gozar? Si por Christo, como tã presto se acaba? Que importa q̃ los Dicipulos se atemorizen, para q̃ Christo estè glorioso? Estè Christo en su gloria, aunq̃ permanezcan en su temor los Apostoles: dure mas la gloria para Christo. Pero como puede ser, sino dura para el hombre? Acredita el Padre a Christo de hijo suyo en el Tabor; y para hazerlo, vistese el mõte todo de luzes, puebla se de gloria todo: baxase a la tierra el cielo, glorificase toda la humanidad de Christo. Quiẽ estaua mas en esse espectaculo? El hõbre, q̃ estando glorioso Dios, no careciera del. Que le sucede a Christo? Aumẽtos de gloria, nacidos de la voz del Padre: y al hõbre, diminuciones; pues temeroso no puede gozarla. Acabese pues la gloria, q̃ si el hõbre no puede tener gloria sin Dios, Dios no quiere tener gloria sin el hombre. Mientras pudo el hõbre gozar de la gloria, huuo gloria, en no pudiendola gozar, se acaba: *Neminem viderũt nisi solum Iesum.* No aya mas gloria para Dios, sino ay para el hombre mas gloria; que Dios se halla tan solo en las glorias sin el hõbre, que en no auiendo gloria para el hombre, tampoco ay gloria para Dios.

Vers. 8.

Que vtilitas in sanguine meo, dum descendo in corruptionem. Que importa mi Pasion, dize Christo, (q̃ dèl entiende estas palabras Agustino) q̃ mi muerte? que la efusion tan lastimosa de mi sangre, si mi carne se queda sola en el sepulchro? *Quid ergo orat?* dize Agustino: Que oracion es esta de Christo? q̃ pide en ella? *vt resurgat*, su resurreccion solicita; y essa gloria de resucitar, pidela para si solo? Si, *Vt resurgat.* Pues como no se acuerda de los hombres? O Señor, y como pareceis hõbre en el pedir; pues quando pedis glorias propias, no os acordais de las agenas. Pedid essa gloria tambien para el hombre, q̃ no se hará menor con esso la vuestra. Yo me acuerdo, q̃ estando en el golfo de vuestras penas, pediades por el hombre al Padre: *Pater dimitte illis.* Porque no pedis en las glorias de vuestra Resurreccion? En las penas pedis por el hombre,

IX. Psal. 29. 20.

X. Luc. 23.

bre, y en las glorias os oluidais dèl? Si. En las penas pide Christo por el hombre, q̃ en las glorias pedido se està. Para quien pide Christo las glorias de resucitar? Para si, dize Agustino: *Orat vt resurgat.* Pues si ay gloria de resurreccion para Christo, tambien la aurà para el hõbre; y assi no pida para èl, si pide para si; q̃ si el no resucitar el hõbre, fuera argumento de q̃ no auia resucitado Christo; en auer de resucitar, se conoce, q̃ ha de passar lo mismo por el hombre; porq̃ las glorias del hombre aunq̃ es verdad q̃ dependen todas de Dios; y las glorias de Dios, aunq̃ son independentes del hombre, parece q̃ entre si estàn con tal dependencia, q̃ vna de dos, ò no ha de tener gloria Dios, ò la ha de tener el hõbre. Oid a Agustino: *Exurgat caro mea, nõ eat in corruptionem. Nam si ierit, quomodo cæterorum hominũ.* No pide gloria de resucitar para el hombre, porq̃ la pide para si. Esté Christo glorioso, que el hombre no lo dexarà de estar, porque Dios no gusta de tener glorias sin el hõbre, como ni el hõbre las puede tener sin Dios.

Augus. in Ps. 29 ad hac verb.

X. Este combate es en fauor del alma, pero ha menester estar siempre en centinela, para salir aprouechada dèl; porq̃ si no està petrechada con murallas de gracia, no podran ser estos cõbates de gloria en su fauor. Si està en culpa, està en conocida enemistad de Dios; siendo enemiga sua, los combates q̃ le hiziere, serán de pena, no de gloria; porq̃ estos son combates amigables; y menos q̃ con laços estrechos de amor, no los comunica. Sus glorias son con los hõbres, pero esso es quando ellos està̃ en su gracia, y amistad: si esta falta, falta todo. No quiera el hombre por sus pecados, quitar tanto gusto a Dios, ni priuarse à si de gloria tanta, preuengase siempre, para recibirla: fortiquese con buenas obras, para q̃ assi tenga segura la buena correspondencia de Dios.

COMBATE III.

Et venit in omnem Regionem Iordanis, prædicans. *Vers.* 3.

Para llegar vn alma alfin del amar, no ha de oluidar el principio del amor.

XI. VIno Iuan obediente, no es mucho, sabiendo que era gusto de Dios. La obediencia nace del amor, dixo Isidoro: el mostrarse obediente, es mostrarse amante; porque aborrecer las Leyes, y amar al legislador, no puede ser: *Qui Dei præcepta contemnit, Deum non diligit. Neque enim Regem diligimus, si odio eius leges habemus.* Ama quien lo prueua con obediencia, y obedece quien ama. Luego Iuan

S. Isidor.

aman-

amante es, pues le vemos obediente: *Et venit in omnem regionem Iordanis predicans.* No reparo en la obediencia, sino en la presteza con q̃ obedece; aunq̃ ya no reparo, q̃ si obedece, porq̃ ama; porq̃ ama es diligente: diligencia pone en obedecer, porq̃ es feruoroso en amar. Mas reparo, en q̃ siendo su amor tan antiguo, se muestre tan feruoroso. Los feruores son de quien empieza, y aora los tiene en tantas antiguedades de amor. Quã facil se le haze el salir del desierto! quan pequeños imposibles halla en venir al ministerio de la predicacion! Quien es en la soledad tan antiguo, se halla en el bullicio; y empieza en esse nueuo ministerio a exercer amante las cosas del gusto de Dios, como si no tuuiera en la soledad experiencias de quererle. Pero como auia de mostrar su amor, sino en los feruores del bullicio, y en las quietudes de la soledad? Iunte lo vno con lo otro, que si el amor se acaba en la quietud, en el bullicio se empieza. Y assi quien le viere bullicioso, y quieto, conocerà, q̃ ha llegado al fin del amar; quien estando en la quietud, que es lo vltimo del amor, obedece por amante tan feruoroso, como si estuuiera en los primeros rudimentos de la voluntad.

XII. En vn trono magestuoso vio a Dios Isaias; dos Serafines assistian, acompañando tanta magestad; seis alas tenia cada vno, con las dos cubrian el rostro de Dios, cõ las dos los pies, y bolauan con las dos. Assi pinta el Euangelico Profeta este espectaculo: *Seraphim stabãt super illud: sex alæ vni & sex alæ alteri: duabus velabant faciem eius, & duabus velabant pedes eius, & duabus volabant.* Isai 6. 2

Cubrir a Dios, estar con Dios, y bolar, no puede ser (dize con dulçura mi Bernardõ.) Estar cõ Dios, no es estar en el lugar mas alto q̃ puede presumirse? Seruir a su diuino rostro de cortina, no es el mayor fauor q̃ puede desearse? pues como buela, quiẽ no puede remontarse? Como pretende quien no puede alcançar mas? El Serafin està con Dios, y sin embargo buela. Esse buelo, ò es ignorante, ò entendido: Si ignorante, para q̃ es? Si entẽdido, con q̃ fin? ò buela para subir, ó buela para baxar. Si para baxar, es ignorancia, porq̃ es desacierto conocido, estando con Dios, bolar para dexar a Dios. Si es para subir esse buelo, es indubitable soberuia, q̃ estando en compañia de Dios, querer subir mas, es intẽtar arrogante, como la culpa del otro Angel, su precipicio tambien. Luego estando en presencia de Dios, es el bolar escusado. Esso fuera (dize mi Bernardo) si *Seraphim*, no fuera, *ardens, vel incẽdens*, abrasado, y encendido en amor de

Dios; pero como es el Serafin todo vn fuego ardiente, de voluntad, no se quieta con llegar a Dios: antes bien, quanto mas llega, tanto mas inquieto mueue las alas para boluer a llegar. *S. Bern. ser 4. de verb. Isa.* *Quo enim Seraphim volant, nisi in eum cuius ardent amore? Vide flammam quasi volantem, & flantem simul, nec miraberis iam Seraphim flantes volare, flare volantes.* Es el Serafin vn amor puro, pues digo que exercita las alas ingenioso; quando está en compañia de Dios, cubrale con vnas el rostro, y los pies con otras: y las alas del coraçon, que son las de enmedio, dõde el amor tiene su assiento, estèn inquietas, y como si no huuieran llegado a Dios, buelen para llegar a él; que fuera descredito de vn amor tan fino, que por auer llegado a Dios, se perdiera lo fernoroso del amor que le tenia al principio: y assi quando está en su compañia, tengan alas que buelen, y alas que esten quietas para que en lo inquieto, y ardiente, con que las alas del coraçon se mouean, se conozca, que está tan feruoroso su amor, como si empezára a serlo: y en la quietud con q̃ cubre, y sossiego con q̃ assiste, se entienda, que ha crecido tanto, que mereciò assistir en su compañia, a titulo de grande. Admirable junta! alas para ir a Dios, como quien empieza a amar: alas para cubrirle, como quien le amò: assistencia de Dios, como quien ha querido muchos años: buelo para Dios, como quié ha amado pocos dias: no se quiete el Serafin ardiente, porq̃ ha llegado a Dios; antes junte la quietud de vn amor grande, cõ los desasossiegos de vn pequeño, para q̃ hallandose juntos, el fin del amor con su principio, tenga feruores de principiante, con los sossiegos de perfecto.

XIII. Inquieto el coraçon de Madalena, seguia las huellas de sus ojos, que desasossegados viuian, por hallar a Christo. Para buscar a Dios, no ha de auer potẽcia que no trabaje. Supo que estaua combidado en casa de vn Fariseo, y deuia de entrarse dõde estaua sin reparar en el combite. Mas q̃ ciego es amor a los principios! Echòse a sus pies sin hablar palabra: derramò lagrimas de amor sobre ellos; distilase vn coraçon, q̃ ha ofendido assi, para significar su sentimiento. Besòlos amorosamẽte. Mal contentadizo es el amor, y quiere mas, quanto mas tiene. Murio Christo, y resucitò casi a vn mismo tiempo; mas aunque tan breue, se le hizo largo a Madalena. Para estar sin Dios vn alma, no ay tiempo corto. Impaciente Madalena cõ los ojos, desasossegada con el coraçon estaua: este inquieto, y cuidadoso buscaua a Christo, quando a-

quellos

quellos tributauan afligidas la grimas en credito del sentim ẽto de su perdida: *Mulier, quid ploras? Quia tulerunt Dominum meũ.* Hablola Christo, conociole, y dize mi Cirilo el de Alexandria. Que a penas le conociò, quando se fue à arrojar a sus pies, para besarlos: *Accurrebat mulier Domino, & pedes eius tangere festinabat.* Entra aora S. Chrysostomo, y penetrando lo mas viuo de este hecho, dize: *Magnus amor, & beneuolentia mulieris.* Grãde fineza! amor grande de muger: grande? Antes le llamàra yo pequeño. Que tiene de grande, q̃ no tenga de pequeño? Busca cuydadosa a Christo? tambien le buscò al principio. Derrama lagrimas? tambien las derramò en sus niñezes. Quiere besar los pies callando? aun no huuo biẽ nacido en Madalena el amor, quando lo hizo. Pues como ha crecido tanto vn amor, q̃ merezca titulo de grande, sin auer passado de las acciones de niño? Por esso dize Chrysostomo: *Magnus amor.* Amor q̃ auiendo crecido tanto a poder de mortificaciones, a solicitud de penitencias, y a fuerça de virtudes; en lo feruoroso de sus acciones esta tã a los principios, q̃ parece no ha dado passo; este es grande amor. O q̃ ingenioso modo de ser los Santos grandes! andar mucho en la virtud, sin oluidar las niñezes de la amor: la voluntad, q̃ esté siempre como a los principios; las obras, que caminen siempre cuidadosas, para llegar a los fines.

Ioan. 20. 13.

S. Cir. Alex. lib. 12 in Ioan. c. 50.

Chrysost. hom. 85. in Ioan.

Fue agudo el reparo del mayor discipulo de Bernardo. Biẽ dormia la Esposa, aunque velaua; bien velaua, aunque dormia. Ingenioso modo para gozar de Dios, sin faltar a las acciones necessarias del cuerpo: para acudir a la naturaleza, dormir: para no faltar a las acciones de la gracia, velar: el coraçon aduertido sin pestañear vn punto, velaua siempre: *Cor meum vigilat*: Los ojos quietos, sin cessar dormian: *Ego dormio.* Que quietud es essa de los ojos? (dize Giliberto) que inquietud la del coraçon? que desuelo el del coraçon? que sossiego el de los ojos? Los ojos dormidos, y quietos; el coraçõ inquieto, y velando? Si dize Gilberto, q̃ de esta suerte acredita la esposa la fineza: *Cor meum vigilat, cum tuus amor in eo amplius viget.* Sentiase la Esposa con muchos siglos de amante; conociò que auia llegado ya a lo sumo su amor. Si duerme sin velar, en la quietud de el sueño conocese lo grande de su amor; que este nunca es mayor, que quãdo llega a quietarse en Dios: Pero aunque en el sueño se conoce su amor por grãde; no se conoce por feruoroso. Si vela sin dormir, en la inquietud

XIV.

Cant. 5. 2

Gilib ser. 42. in Cãtic.

tud de su desuelo, conoce lo feruoroso de su amor, pero no lo grande; porq̃ la inquietud, y desuelos en el amor, es muy propio de principiantes. Pues industria aduertida: para dar a entender la Esposa, q̃ no porq̃ su amor ha llegado por grande a la quietud, y sossiego; falta a los feruores de niño: duerma para q̃ se entienda su grandeza; vele, para q̃ se conozca su feruor.

XV. Es admirable entre todas las aues la Fenix: de quien dize San Ambrosio, q̃ viue mucho tiẽpo, y quando conoce q̃ llega el fin de su vida, junta muchas ramas de arboles aromaticos, ponelas a los rayos del Sol, y con su calor, y el viento se encienden, y encendida aquella hoguera de aromas, se arroja en el fuego denodada el auecilla: y auiendose quemado, de sus cenizas se engendra vn gusanillo, q̃ al terceto dia se le hazen vnas alas, y queda hecho aue Fenix. Deten el passo auecilla, no camines a tu ruina tan veloz: q̃ hazes? empiezas a viuir, o acabas? Si acabas, como estas en essos incendios tan feruorosa? Si empiezas, como te echas a morir? Essos feruores, de quien empieza a viuir son, no de quien acaba. Esse precipicio, despecho es del mucho viuir. Precipicios, y feruores, para q̃ los juntas? q̃ si pareces joven en el aliento del ardor, no puede dissimularse tu decrepitud en la diligencia del fuego. Pues si te abrasas, es porq̃ conoces, q̃ de senectud te mueres. Detente pues q̃ parece que te acabas quando empiezas; ò dissimulas q̃ empiezas quando acabas. No mireis esse geroglifico a los vitos de la naturaleza, sino a los de la gracia, y conocereys el misterio. El aue Fenix representa el justo, dize Pedro Bercorio: *Per Phœnicem intelligo hominem perfectum.* El fuego, por ardiente, denota el amor: *Lampades eius, lampades ignis atque flammarum.* Es fuego, y fuego ardiente el amor: pues juntese en vna hoguera de aromas lo fogoso de quien empieza a viuir, y de quien llega alfin de la vida: Lo decrepito acabese, quando parece q̃ empieza el Fenix; y tenga feruores de quien empieza, quando acaba: q̃ si el Fenix significa el Santo, en quien de veras lo es, entonces acaba el amor de ser en èl perfecto, quãdo con el fin de lo perfecto, jũta el principio de lo feruoroso. No parece camina en el viuir el Fenix, siẽdo la jornada de su vida tan larga; pues las mismas diligencias con q̃ acaba, empieza, y con las q̃ empieza, acaba. En ardores tiene sus principios: y aun q̃ camina tan dilatado tiempo, no se oluida de lo q̃ fue, sino q̃ acaba en los ardores que empezò. Assi el Santo: Por mucho q̃ ande en el camino del amar,

S. Ambr. apud Pet. Berch. in reduct. mor lib. 7. c. 33. n. 2.

Ibid. n. 1.

Can. 8. 6

mar ha de estar alfin del amor tan en los ardores, q̃ parezca q̃ empieza a amar quando acaba.

XVI. Tratando Christo S. N. de la venida del Espiritu Santo, dize: Que serà para clarificacion mayor de su doctrina, y llegando a declarar la causa de clarificarle este espiritu diuino, dize: q̃ serà porq̃ recibirà todo su ser dé: *Ille me clarificabit: quia de meo accipiet.* Ha de recibir el ser de mi, por esso me ha de clarificar. No es el inconueniente q̃ se sigue a esse dezir, pequeño, pues del parece q̃ se sigue, no ser el Espiritu Santo Dios. Pues auer de recibir la diuinidad, parece supone no auerla recibido: Y Dios, q̃ no ha recibido el serlo, sino que lo ha de recibir, no lo es; porq̃ el Dios verdadero no tiene principio de tiempo. Assi es, (dize el grande Agustino) y tambien la Fè lo enseña: Pero no porq̃ le ha de recibir el Espiritu Santo, dexa de auerle recibido, y recibirle. Y consiguientemente, ni dexa de ser Eterno, ni Dios, antes le recibe, le recibiò, y le recibirà; q̃ en lo eterno qualquier tiempo q̃ se ponga es verdadero: *In eo quod sempiternum est cuiuslibet temporis verbum ponatur siue præsentis, siue futuri; non mendaciter ponitur.* De suerte, q̃ sin riesgo de ser el Espiritu Santo Dios Eterno, se puede dezir, q̃ recibirà el serlo, *Accipiet* q̃ le recibe: *Accipit*, q̃ le recibio, *Accepit*. Aora ago la ponderacion. El Espiritu Santo recibe el ser Dios por amor, porq̃ le recibe por la voluntad. Pues q̃ quiere ser auer de ser amor, auerlo sido, y juntamente serlo? Yo lo pienso desta suerte. El amor a los principios es muy fino, y està mas feruoroso, quãto mas principiante, quando llega a mucho tiẽpo, suele resfriarse con la misma continuacion, y suele dexar de ser cõ lo mismo que se auia de aumentar. Dize, pues, Agustino: El Espiritu Santo es amor sin principio: *Accepit*, serà lo sin, *Accipiet*, y es amor presente, *Accipit*. Mas aun q̃ ha de ser amor sin fin, como lo ha sido sin principio, en materia de feruor, y vehemencia, tan al principio se està, *Accipit*, como si estuuiera en el principio. Gran fineza de volũtad! disponer lo grãde de vn amor eterno, con tantos feruores, y vehemencias, q̃ aya materia para poder dezir, q̃ empieza à amar, a lo q̃ parece en lo entẽdido de las obras, quien nunca pudo tener principios de amor.

Loan. 16. 14.

S. Aug. tract. 99 in Ioan.

XVII. O combate! y quan entendido eres, aunq̃ eres todo voluntad nunca el entendimiento aprenda otra doctrina mas de la q̃ aqui se propone, ni haga resistencia a la flecha encendida, quando sintiere, q̃ la voluntad la dispara: Este es el modo de amar a Dios, q̃ ay almas q̃ empiezan

piezan a seruirle seruorosas, y se quedan luego. La continuacion suele quitarles el amor: Cõ el tiempo se les suele enfriar la voluntad, siendo causa de su diminucion, lo q̃ auia de ser lo del aumento. Sirua la doctrina desta cõbate, para enseñar, q̃ por mucho q̃ se ande en el amor, no se oluide vn alma de las ansias que tuuo quando empezò el amor.

COMBATE IV.

Prædicans Baptismum Pœnitentiæ. *Vers.* 3.

Es cosa tan diuina el padecer, que para llegar a las penas con la veneracion que merecen, es menester passar primero por glorias.

XVIII. PEnitencia es por dõde empieza a predicar el Bautista. Victor Antiocheno reparò en la diferencia con q̃ empezaron a predicar Christo, y Iuan; Christo empieza por la gloria: *Impletum est tẽpus, & apropinquauit Regnum Dei: Pœnitemini* Iuan empieza por la pena: *Prædicans Baptismum pœnitẽtiæ. Observandum est hoc loco* (dize Antiocheno) *Ioannem quidem dum prædicandi initium in deserto Iudeæ facit, cælesti Regno pœnitentiam præmittere: ait enim pœnitentiam agite; Christum verò nõ quidem statim: pœnitentiam agite, prædicare, & dicere cœpisse; verum impletum est tempus, appropinquauit Regnum Dei.* Christo pone primero la gloria de el Reyno de Dios, luego la penitencia: Iuan lo pone al contrario. A qnien hemos de seguir, a Iuan, ò a Christo? Siguiendo a Iuan por la pena de la penitencia, hemos de ir a la gloria del Reyno de Dios: si a Christo, por la gloria del Reyno de Dios, hemos de caminar a la pena de la penitencia. Sigamos los a entrambos, por no dexar quexoso a ninguno: pero sigamos a Christo primero, luego a Iuan. Empezado a seguir a Christo, hemos de caminar por el camino de la gloria: *appropinquauit Regnum Dei*; caminando por la gloria, y siguiendo luego a Iuan: el termino desse camino, es la pena: *Prædicans baptismũ pœnitentiæ.* Por gloria se vá a la pena, que es cosa tan diuina el padecer, q̃ para llegar a las penas con la veneracion que merecen, es necessario ir por el camino de las glorias, para llegar glorioſos a padecer.

Marc. 1. 15.

Vict. Antioch in c. 1. Mar.

XIX. Transfigurose Christo en la cumbre de vn monte, resplandecio su rostro como el Sol, y quedo su vesti lo candido como nieue: *Transfiguratus est ante eos. Et resplenduit facies eius sicut Sol: vestimenta autem eius facta sunt alba, sicut nix.* Apenas se vio en esse golfo de glorias, quando con Moyses, y Elias, empezò a tratar de sus penas. *Loquebantur Pa-*

Matt. 17. 2.

ra

ra q̃ Señor essos extremos? quereis que os gozen glorioso, ò q̃ os admiten passible? Si passible, escusad essas glorias, que se cõfunden tan misteriosamente essas dos acciones, que la misma ocasion de lagrimas las limita; pues apenas nace el plazer dessa gloria, quando las penas que en ella se platican la siruen de occaso: sea la platica de vno, o sea de otro. Pero q̃ delicadissimo pensar de Chrysostomo. De glorias se viste en el Tabor; porq̃ en èl ha de tratar de penas, hase de juntar en esse mõte con Moyses, y Elias, a tratar de Cruz, y de Passion: *Vt Crucis gloriam ostendat.* Pues bien trazado: esse monte adornese cõ resplandores, y Christo transfigurado, haziendo reseña de gloria, pongase vn rostro lucido, y vn vestido candido, q̃ quien ha de entrar en consulta, para tratar de Cruz, ha de llegar muy glorioso; porq̃ es el padecer cosa tan diuina, q̃ auiendo passado por la gloria, no se puede llegar cõ veneracio a ello. Y assi Christo para auer de entrar en junta de Cruz, primero se dà vn baño de gloria a los labios, q̃ los que han de tratar de padecer, es menester q̃ vayan muy gloriosos.

Chrysost. homil. 67 in Matt.

XX. Para yr Christo Señor nuestro a orar cercano de su muerte, lleuò consigo tres de sus Discipulos: *Assumpto Petro & duobus filijs Zebedæi.* En verdad Señor, que parece esse agrauio conocido: porque no llenays a los demas? Esse acompañaros de vuestros Discipulos en ocasion tan afligida, es para vuestro consuelo, o para su fauor? Si por auer de ser tan en breue vuestras aflicciones tan crecidas, no lo estraño, que la compañia de vn amigo verdadero diuierte los mayores males; y no ay daño que no se acobarde, a vista de vna amistad acompañada: pero si es assi, porque no los lleuais a todos? mas os podrá diuertir la compañia de muchos amigos, que la de solos tres. Si es fauor, como no rezelais el peligro? siendo assi, que el fauor del Superior, quando es singular, nunca suele librarse de embidia. Lleuadlos a todos, que con esso quitais las ocasiones de embidia, y assegurais mas vuestro alivio. Pero no, dize Remigio, no los lleue a todos, lleuo solos a los tres: *Illos videlicet assumpsit, quibus in monte claritatem suæ maiestatis ostenderat.* Auian sido solos estos tres Discipulos los que auian visto a Christo glorioso en el Tabor; pues sean solos estos tres los q̃ le veã passible en el huerto, sean solos los q̃ vean los desprecios, y afrentas q̃ ha de padecer, quando se entregue a sus enemigos vn Discipulo, que solos los ojos q̃ han visto glorias, pueden merecer ver las penas: vayan solos tres

Matt. 26 37.

S. Rem in Cat ad c. 26. Mat.

a lu

a la pena, pues solos tres fueró a la gloria, q̃ solos ojos gloriosos pueden assistir a espectaculos de padecer: *Illos videlicet assumpsit, quibus in monte claritatem suæ maiestatis ostenderat.* Vayan los q̃ fueron al monte, al huerto; ò por mejor dezir, para ir al huerto, vayan primero al monte, q̃ ojos que han de ver tantas penas, es menester que primero passen por las glorias.

XXI. Instituyò Christo S. N. el Soberano Sacramento del Altar; y anduuo el Apostol S. Pablo tan menudo en significar las circunstancias q̃ entonces cõcurrieron, q̃ hasta el tiempo, y quãdo se instituyò, no se le oluidar: *Dñs Iesus in qua nocte tradebatur accepit panem.* En la misma noche q̃ le auian de entregar a sus enemigos, le instituyò. Y el Sacramento de la Penitencia, quãdo le instituyò Christo? Despues de resucitado, apareciendose a sus Dicipulos, quando les dixo: *Accipite Spiritum Sanctum: quorum remiseritis peccata remittũtur eis: & quorum retinueritis, retẽta sunt.* De suerte, que el Sacramento de la Penitencia, en parte, se instituyò despues de la Resurrecciõ: El del Altar todo, antes de la muerte. No me parece Señor, a proposito esta ocasion para instituir esse diuinissimo Sacramẽto: no os deis aora Sacramẽtado, que aunque es gracia todo esse Sacramento, empezará con del-

1 Cor. 11 23.

Ioan. 20. 22.

gracia; porq̃ no ha de faltar de los q̃ le recibieren, vno q̃ le desprecie. Trocad las instituciones; instituid aora el Sacramento de la Penitencia, y despues de vuestra Resurreccion podeis instituir el del Altar. Esso no, por q̃ Christo S. N. pretendia disponerse para padecer el dia siguiente. El Sacramento del Altar es todo gloria, estaua alli como gloriosa la Humanidad: El de la Penitencia, es Sacramento de pena, no ay en èl sino lagrimas, contricion, dolor, pesar, suspiros: Si instituyera el Sacramento de la Penitencia antes de morir, como es todo pena, dispusierase con vna pena, para otra pena. Instituyendo el Sacramento del Altar, como es prenda de gloria, disponese cõ gloria, para su muerte. Pues instituya el Sacramento del Altar, q̃ es todo gloria, antes de morir, no el de la Penitencia q̃ es todo pena; porq̃ auiendo de ser su muerte tan afrentosa, no se auia de ir por vna pena a otra, sino por la gloria se ha de ir al padecer. Sea gloria la disposicion, si es muerte penosa la q̃ se ha de recibir, q̃ penas padecidas por el gusto de Dios, bien merecen disposiciones de glorias.

Iba Saulo contra el gremio Christiano enfurecido, quando XXII. desplegandose los cielos, le detienen con sus resplandores; para que reconocido a tu benigni-

dad,

dad, se muestre agradecido, el q̃ Act. 9. 4. se auia mirado opuesto: *Circumfulsit eum lux de cælo.* ¿Que luz es essa, Señor en los mayores lances de la culpa acudir con essos resplandores? que mas hizierades, si fuera virtud? Ay para vn virtuoso mas premio, q̃ el que dais a vn pecador? q̃ cosa es adelantar de essa suerte el premio? no fuera mejor reseruarle para despues? No, dize Dacriano; porq̃ aunq̃ es verdad, q̃ es aora pecador, ha de padecer des Psal. 16. pues. Escogele Dios con esse disinio de q̃ padezca: *Ego ostendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati.* Assi, q̃ ha de padecer por Christo? Pues aunq̃ sea tan grande peeador, no empiece su conuersion por penas, sino por glorias; q̃ aunq̃ la gloria es premio de la pena, suele ser castigo de la culpa; estima Dios tanto la q̃ se padece en su nombre, q̃ darà antes a gustar a vn pecador la gloria, sin q̃ aya passado por la pena, q̃ la pena padecida por su nombre, sin q̃ aya passado por la gloria, y assi sea la primera jornada q̃ haga Saulo de gloria: *Circumfulsit eum lux de cælo*: y la segunda de pena: *Pro nomine meo pati.* Para q̃ se entienda, q̃ se ha de hazer tanto aprecio de lo q̃ se padece en nombre de Dios: q̃ si fuera posible, auia de llegar vn cuerpo glorioso a padecer. Oid a Dacriano: *In initijs noui propositi indicibiliter visitat, confortat, illustrat, & suauissimo sui odore recreatam, atque illectam post se trahit, eique gratenter fere vbique occurrit, hoc veluti lacte potans nouellam amicam, postea solidum cibum afflictionum præbere incipit: illique plane ostendit quanta oporteat ipsam pro nomine suo pati.* Dacrian. Abb. in spec. Monac.

No es lo primero q̃ Dios haze en vn alma, q̃ padezca, sino q̃ se disponga para padecer. Es gran cosa el sufrir dolores por Dios, es lo acendrado de la virtud, y lo solido de la perfeccion. No tiene a q̃ aspirar vn alma q̃ ha llegado a ello. Siendo assi, si padeciera en el principio de su cõuersion, llegàra sin zafon a padecer; y pudiera ser se marchitàra el fruto de las penas, por no llegar a ellas con disposicion: y assi dispongase vn alma primero con aliento de gloria, para q̃ lleue fruto el padecer.

XXII. Ya que el alma no puede disponerse con gloria, para sufrir el combate de la pena: dispongase alomenos con gracia; porq̃ sino està fortificada con ella, el combate de las penas và con riesgo, pues quedarà vencida a ellas, teniendo lo penoso del q̃ padece, y no adquiriẽdo lo meritorio. Poco importa el ayuno, la mortificacion, el sufrir los casos siniestros, el lleuarlos cõ tolerancia, si a todos estos cõbates està el alma desapercibida, y la cogen con la miseria de la culpa, y no con la defensa de la

gracia.

gracia. No es malo estando en pecado mortificarse; pero no es meritorio de gloria. Para q̃ no se pierda el padecer, no falte la buena disposicion, q̃ si son tan diuinas las penas, que merecen disposiciones de gloria, no es mucho se disponga el alma, para llegar a ellas con gracia.

COMBATE V.

Prædicans Baptismum Pœnitentiæ, *Vers.* 3.

Huir el agrauio es prudencia; porque la ofensa, mejor es para presumida, que para vista.

XXIV. PRimero sale Iuan a predicar que Christo, y predica penitencia: *Prædicans Baptismum Pœnitentiæ.* Dos diligencias bien dignas de notar: predicar Iuan antes que Christo, y predicar penitencia. Que se predique penitencia; auiendo culpa, está bien; pero que Iuan la predique antes que Christo, parece escusado. Porque se ha de lleuar essa gloria Iuan, auiendo vn Christo q̃ se la lleue? Disponga Christo las almas, pues las ha de atraher à si. No es mas la pena del morir, q̃ el cuidado del disponer? pues si está resuelto a dar por ellas la vida, no escuse el trabajo de disponerlas, para q̃ le reciban por diuino. No es por escusar el trabajo essa preuencion, sino por no ver la ofensa. Estaua Dios ofendido del hõbre, la penitencia es la q̃ quita esse agrauio: si Christo saliera a predicar antes q̃ Iuan, como el mundo no estaua industriado para ser penitente, era forçoso q̃ estuuiesse Dios claramente agrauiado. El agrauio q̃ se haze a su Magestad, si se mira sin la penitẽcia, con toda claridad se vè. Viera Christo saliendo a predicar antes q̃ Iuan, su ofensa a las claras: pues huya de salir, escuselo; porq̃ saliendo Iuan primero, preuenga los animos, para q̃ cubran con la penitencia el agrauio: y con esso saliẽdo despues Christo, si pueda presumirse a fuer de agrauiado, no tenga tanta ocasion de verse ofendido; q̃ huir los agrauios, es conocida prudencia; porq̃ assi, aunq̃ se pueden presumir, escusasse el agrauio de ver: y vna ofensa, mejor es para presumida, que para vista.

XXV. Sabida es la hermosura de aquella muger que estaua en el Apocalipsi; vestida del Sol, calçada de la Luna, y coronada de Estrellas. Estaua preñada (prosigue el sagrado Texto) apareciosse vn dragon de estraña fiereza en su pretẽcia: pario esta misteriosa muger, y apenas vn niño empezo a ser despojo de su pureza, quãdo quitandosele de su presencia, se le lleuaró al trono de Dios: vioso sola, y ausentose luego

Apoc. 12. 6. luego al desierto: *Et mulier fugit in solitudinem* Aora entra mi dificultad De que huye quiẽ está tan defendida? Si que el dragon nunca se atreuio a sus luzes, no que solo su intento era esperar q̃ pariesse el niño, para despedazarle entre sus vñas: *Draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura, vt cum peperisset filium eius deuoraret.* Pues de que huye? de prudente, de entendida. No veis la furia que traia el dragon, para destruir su hijo? pues toda quedò burlada; porque quitandosele de la vista de su fiereza, le lleuaron al trono de Dios: Rezelase, pues, la madre de que ha de pagar por su hijo; y que viendose el dragon con el desayre de vna burla, no ha de venerar sus luzes, sino que atropellando rayos, ha de executar furores en ella; y assi presumiẽdo su agrauio, huye, y se ausenta: *Fugit in solitudinem*, que en esto de los agrauios, lo menos es lo mejor, y lo menos es huir, porque huyẽdo, se queda solo presumida vna ofensa, quando pudo temerse executada.

Vers. 4.

XXVI. Huyò el casto Ioseph de los lasciuos braços de su señora, quãto tan cariñosa, como desmesurada le dezia: *Dormi mecum*: palabras que passò en silencio, por no despertar colores al rostro de vnas orejas castas. Huyò al fin el alentado ioven de los alagueños agasajos de su señora; y para huir con mas dezembarazo, dexole la capa en las manos. Fuga que con la tal circunstancia se sintiera poco en estos siglos. De que huyes? (dize diuinamente Chrysostomo) de que te muestras tan cobarde, que aun no tienes aliento, para lleuar contigo la capa? Assi se acobarda la lozania de vna juuentud? Resistase cara a cara el enemigo, que si es probable el peligro, el triunfo será mas grande. Ausencias donde se pierde al valor el lucimiẽto, son desdoro de vna bizarria. Luego escusarlas, será autoridad, pues queda con mas gloria quien vence en la campaña, que quien rehusa la conquista; porque alli dexa noticia de esfuerço, aqui de pusalinimidad. Es assi: Empero Ioseph escusa lucimientos a su valor, por no dexar en opiniones su prudencia: *Sciebat enim* (dize Chrysostomo) *hinc sibi magnam perniciem enasci* Las obligaciones que Ioseph tenia a Putifar, eran grandes: auiale fiado toda su casa, hechole dueño de su hazienda. En vna sangre noble, el verse obligada desta suerte, es su empeño mayor. Si entrara en aquella ocasion viendole con su muger de aquella suerte, aunq̃ es verdad q̃ no le ofendia, se auia de dar por ofendido. De donde se originauan dos agrauios: vno que se le hazia a Ioseph, presumiendole

Gen. 39. 7.

Chrysost. ad hunc locum.

miendo'e ofensor; otro a Putitar, juzgandole ofendido. Dos ofensas tan considerables, necessario es euitarlas: como se hã de componer dos agrauios que se rezelan? Cõ esta traza. En viendose Ioseph en los braços de su señora, aunq̃ pudiera vencerlos de otra suerte, huya tan veloz, q̃ no repare en la capa, que se le queda; q̃ si esta puede ser testigo de su ofensa, es vna ofẽsa no vista, sino sospechada: y si pudo temer afrentosa muerte, siẽdo visto en tan apretado lance, con q̃ estando libre se le seguia a su reputacion agrauio; valgase de la prudencia, y ausentese, q̃ los agrauios, mejores son para sospechados, q̃ para vistos. Ausentese pues, y con su ausencia, quedarà la ofensa de su señor em presumpcion, sus agrauios en rezelo.

XXVII. Oid otra vez a Chrysostomo. De la muerte del Bautista estaua Christo desazonado, quãdo se fue por las riberas del mar de Galilea, dõde hizo aquel tan prodigioso milagro, sustentando tanto numero de gente con solo dos pezes, y cinco panes: Ioan. 6. 1 *Abijt Iesus trans mare Galilææ.* No faltò quien dixo, q̃ fue de sentido essa ausencia: y no fuera mucho, a no ser tã sufrido Dios, q̃ vna muerte sin culpa hasta el mismo la siente. Pero no dize el gran padre de la eloquencia Chrysostomo, otro fue su motiuo: *Cùm audissent Pharisæi Christũ plures, quam Ioannes, discipulos habere, & baptizare, abijt in Galilæam.* Sabia Christo q̃ tenian los Fariseos noticia, q̃ se llegaua a su Magestad todo el comun de la gente; y q̃ mouidos de la dulçura de sus palabras, se bautizauan con èl, mas q̃ con Iuan; y ausentòse. En verdad, Señor, q̃ no es essa causa para ausentaros, para quedaros, si; puesto q̃ se lograua tanto vuestra presencia. No fuera mejor estaros quieto entre gente que tanto fruto sacaua de vuestra doctrina? que motiuo teneis para ausentaros? Yo os lo diré, dize Chrysostomo. *Vt eorum inuidiam, & furorem quem ex se ortum credibile erat, extingueret.* Presumiase Christo ofẽdido de los mismos q̃ hazia biẽ, sospechauase agrauiado de aq̃llos a quien hazia beneficios: miraua, alfin, q̃ si dieron a Iuan la muerte, se quedò viua su enbidia; y q̃ viendole hazer mayores marauillas, era creible q̃ se boluiessen cõtra èl, y q̃ aquellos aplausos se conuertiessen en desprecios; y assi por no ver executado lo q̃ vè presumido, se ausenta. Ausentese Christo quando rezela sus ofensas; que vn agrauio, aũq̃ es verdad q̃ siẽpre agrauia; pero presumido es menos, y si es declarado, es mas. *Chrysost. hom. 41. in Ioan.*

Combare es este bien ordinario en el mundo: no ay cosa mas comun, q̃ ofender; y el mi-

rarse sin ofensa, es lo q̃ menos sucede. Tan inclinado es el hõbre al mal, q̃ mientras no le haze, no se halla. Censura las acciones agenas, y no solo se desmesura contra lo q̃ le parece indecente, sino que se opone a la misma uirtud: y dandole uisos de uicio, la ofende calumniandola. Quan lastimoso caso! que aun lo bueno no se pueda mirar, sin uerse ofendido. El combate es ineuitable, pues lo mas ajustado le padece. Remediar tanto daño es conueniente; el remedio està declarado. Verse las ofensas es peligroso, porque irritan demasiadamẽte. La prudencia cõsiste en euitar essa uista; porque si irrita una ofensa mirada; huida sea solamente sospechosa; y de essa suerte se templarà el animo: que es facil la templança, en quien no mira la ofensa.

VICTORIA.

In remissionem peccatorum.
Vers. 3.

Vence el pecador a la culpa, reconociendo ser vencido de ella.

XXIX. SAliò del desierto Iuan, y uino a predicar penitẽcia por las regiones q̃ el Iordan bañaua. Penitencia predica, que es el medio para quitar la culpa: Y empieza por el Iordan a predicar. Hize reparo, en q̃ el Bautista auiẽdo de predicar penitẽcia, uiniesse a predicarla por las regiones del Iordan, y no por otra parte: dudoso estuue en la causa, hasta q̃ mi Bernardo me la enseñò de aquesta suerte.

Ansioso Naaman de su salud, uino a Israel lleno de lepra: llegò a la puerta de nuestro Eliseo, y quando presumio muy oficioso al Profeta en su seruicio, y en inuocar a su Dios, para q̃ le sanasse, le embia un recaudo, en q̃ le manda ir al Iordan; *Vade, & lauare septies in Iordane.* Si quieres alcançar la salud q̃ deseas, uè al Iordan, y labate en sus cristales siete uezes. Que hazeis Profeta Santo? un priuado de un Rey os deue tampoco, q̃ estando en los vmbrales de vuestra celda, aun no le salis a recibir? Que poco se verà esso en nuestros tiempos, donde la lisonja està tan en su punto. Salid, q̃ la virtud, y la cortesia no se oponen: y si viene tan necessitado de salud, para q̃ le remitis al Iordan? Sanadle, q̃ quien puede resuscitar vn difunto, mejor podrà dar salud a vn enfermo. Quexarse puede de vuestro desuio, y sentirse de vuestra dilacion, pues pudiendo sanarle con diligencias propias, le remitis a las agenas, y estando en vuestra casa, ni le veis, ni le sanais: y si se quexa desta suerte, su quexa tiene disculpa. No tiene

4. Reg. 5. 10.

dize mi Padre, y Doctor S. Bernardo, porq̃ en la enfermedad q̃ trae, q̃ es lepra, està representada la culpa; y assi menos que en el Iordan no puede sanarse. Pues q̃ tiene esse rio, q̃ solo en el se puede entrar vn achaque, en quiẽ la culpa està representada? Mi Bernardo lo dixo: *Interpretatur descensus* El Iordan es lo mismo q̃ el descendimiento. Este nombre, *descensus*, se deriua del verbo *descendo*, q̃ no solo significa baxar, sino baxar a la pelea: *Descendo in prælium, descendo in campum*, dixo Gelio. El Iordan, pues, no solo se interpreta el q̃ baxa, sino el q̃ baxa a la guerra; el q̃ baxa a la campaña: Assi q̃ esso significa el Iordan? pues no vaya a esse rio Naaman, que si el ir es para q̃ peleen entre si la salud, y la enfermedad, puede ser que la enfermedad vença, q̃ parece presagio de vencimiento, baxando a la guerra, baxar. Es assi: y aũ por esso, vaya Naaman al Iordan, que *interpretatur descensus*: Que si es lepra su enfermedad, y en ella està representada, la culpa, quando se llega a entrar en conquista con ella, si se quiere alcançar la victoria, el medio es el baxar, y el rendirse, confessandose pecador. Vaya al Iordan, si trae enfermedad de lepra, que la lepra de la culpa entonces se vence, quando el que la tiene se humilla, y humilde se reconoce vencido della.

S. Bern. ser. 2. de Resurrec.

Gel. lib. 7 c. 9.

Preuenido anda Iuan quando empieza, pregonero de la diuinidad, a echar vandos de discordia entre la culpa, y la virtud: para enseñar las armas con que el vicio se ha de rendir, predica penitencia: *In remissionem peccatorum*, à cuyo poder se rinde toda culpa. Y para assegurar la victoria, empieza por las regiones del Iordan, que *interpretatur descensus*, a predicarla, como diziendo: El que quisiere entrar en campaña con el pecado, la primera diligencia que ha de hazer para rendirle, ha de ser rendirse al pecado èl, confessandose pecador, humillandose penitente. No valen fuerças solas, para resistir a la culpa: lo que vale es, confessarse sin alientos: quien mas facilita la victoria, es, hazer penitencia de lo que hizo, y no boluer a ser lo que fue. XXXI.

Oid otra vez a mi Bernardo: Peca Pedro, sin embargo de la preuencion de Christo. Que poco cuydadoso es el pecador, pues preuenido de vn Dios, no dexa de pecar. Pecò, y lo que mas admira, no es que pecasse, sino que se arrepintiesse de la culpa al fin della, y no al principio. Tres vezes niega, y despues se arrepiente: *Et egressus foras Petrus fleuit amare.* Que es esto grande Apostol, tanto pecar, y tan poco arrepentir? Para un XXXII.

Luc. 22. 26.

Pedro

Pedro sobraua una negacion; arrepintierase a la primera culpa, no fuera con esso tanta. Porque un Apostol ha de negar tres uezes? negar una pudierase disimular mas facilmente, pues auia motiuo para juzgarlo a flaqueza; pero adelantarse a mas, parece sobra de malicia. No ueys la causa de que se dilaten las lagrimas tanto? Vence la culpa a Pedro, sugetale: porque Pedro es ualiente con la culpa. Era culpado, y mostrauase ualeroso; no conocia en medio de la culpa, q̃ era menester uencerse, para uencerla, y assi no la uence. Tardo arrepentirse es para un Principe de la Iglesia: pero como se ha de arrepẽtir quien es ualiẽte? quando ha de arrepentirse? Que remedio para salir uictorioso de la culpa, despues de auer quedado uencido della? en llegando a desnudar con ella la espada, en llegando a probar el braço, no se muestre Pedro ualiẽte, sino flaco; no esforçado, sino compungido; no alboraçado, sino lloroso; y el q̃ por brauo estaua sugeto a la culpa, por sugetarse reconocido a ella, uendrà a salir uictorioso. *Attende* (dize mi Doctor) *quod tunc primum recordatus est verbi quod dixerat Iesus: Tunc primum cordi fuit verbum, quo prædicta fuerat eius infirmitas, cum euanuit præsumpta temeritas, Va tibi qui post lapsum fortiorem te nobis exhibes. Ad quid tam rigidus es in tuam ipsius perniciem? Inclinare potius, vt melius, & erigaris.* Es temeridad ser presumidos, para ser uẽcedores de pecados: *Inclinare potius, vt melius erigaris.* El camino de la uictoria, no es la presuncion, sino el abatimiento; humillese a la culpa, dese por sugeto a su poder, que assi saldra della uictorioso:

S. Bern. ser. 3. in die Ss Apost. Pet. & Paul.

No os agais cõmigo Iuez seuero, sino apacible, dize a Dios Dauid, q̃ yo os empeño mi Real palabra de llorar tanto la culpa q̃ cometí, q̃ no necesite mi Real solio de mas agua de la q̃ mis ojos uieren, para estar siẽpre corriendo agua: *Lachrymis meis stratum meum rigabo.* Mucho desdiecen, solio de Rey, y lagrimas (dize S. Basilio el de Seleucia) porq̃ Rey dize ualor, lagrimas, flaqueza: Flaqueza, y ualor no pueden estar juntos; aunq̃ si, q̃ no dexa el Rey de ser hombre, por serlo; y siẽdolo, ha menester tener algo de Rey, y tener algo de hombre: Las lagrimas, son de hombre, el valor propio de Rey. Tenga, pues lagrimas, y ualor, para que lo uno diga que es Rey, y lo otro, diga q̃ es hombre. Bien! Pero quando parece hombre un Rey? Quando se haze esclauo de la culpa, que la dignidad Regia està exẽpta de miserias, aunque la naturaleza no lo està. Luego Dauid si llora no parece Rey? No, porque si Rey dize ualor, y quiẽ llora no

XXXIII. *Isa 6. 7.*

le tiene, luego no parece Rey quando llora. Pues porq̃ derrama essas lagrimas? y si las derrama, porq̃ en el solio Real? No veis el caso. Era Rey, y fue pecador: ponese en campaña con su culpa; la campaña es el solio Real. No llore, pues, quien pelea; q̃ parece vencido en el llorar. Pero llore, q̃ si en essa campaña pretende defenderse de la culpa, la mayor defensa es no defenderse, sino rendirse llorando. No se defienda quien ofendio, si quiere verse libre de la ofensa, mi muestre esfuerço vn Rey pecador, sino reconocer la culpa cometida; q̃ entonces vn Rey llega a salir victorioso del pecado, quando si parece hombre en la culpa, no parece Rey en el valor: *Pugnat* (dize S. Basilio) *vt lachrymis ab offensione se vindicet, lamentando victoriam acquirit, & gemitibus gratiam trahit.* Los Reyes traen la denominació de la rectitud de sus obras. *A rectè agendo.* Si obran mal: pierden el nombre de Reyes. Como ha de recuperar este nombre, quien por no obrar bien le perdio? *Lamentando victoriam acquirit.* Pelee contra el mal que cometio, *pugnat*, no como Rey valeroso: sino como hombre muy flaco; no muestre en essa refriega el valor de la dignidad, sino lo debil de la naturaleza; y con esso saldrà con la victoria, que la de la culpa de essa suerte se ha de alcançar.

S. Basil. Sel or. 17

Inobediente el Profeta Ionas a vn precepto diuino, procurò huir de Dios, quando le honraua con hazerle su Legado. Suele faltar el valor en sugetos humildes para recibir las honras, *Surrexit Ionas, vt fugeret in Tharsis à facie Domini* Embarcase para Tarsis, y embrauecese el mar: no deuia de tener de orden natural el furor; pues los marineros atendiendo a las circunstancias del tiempo, les parecio impropia la borrasca; y achacandosela al Profeta, aconsejados dèl, resueluen echarle en el mar, dandole verde sepulcro entre sus olas, para assegurar a costa de su vida, la de tantos q̃ estauan en el vltimo peligro. Admite la sentencia, y el propio solicita la execucion; y no se contenta hasta q̃ le echan en el mar: *Tollite me & mittite in mare; & cessabit mare à vobis.* En mi ruyna consiste vuestra seguridad, y en mi muerte vuestra vida. Ay solicitud mas estraña, q̃ sea vn hombre pretendiente de su muerte, y q̃ guste de dar a costa de la suya, a otros vida. No lo estrañeis, dize Chrisostomo, que si obrò como pecador en la culpa, obrò como Profeta en la diligencia: *Illud vt homo protulit, hoc vt Propheta monstrauit.* No se oponen la profecia, y el pecado; y assi pudo ser Ionas inobediente, y Profeta: como inobedi-

xxxiv.

Ion. 1.

Vers. 12.

Chrys. homil. de. na.

obediente, fue pecador; como Profeta, solicitò que le echassen en el mar. Para que tiene essa solicitud: No lo veis? Peca Ionas, disculpemosle, que el mas santo tal vez se descuida. Conocio su yerro, quiso enmendarle, vè cõtra si las fuerças de vn mar, lo embrauecido de sus olas, la determinacion de vnos marineros. Mucho poder es este para cõtrastarle: Queremedio para rendir a vna culpa, quando tiene en su fauor tanto exercito? *Hoc vt Propheta monstrauit.* Determina (profeta de su dicha) rendirse a tanto poder, sugetarse a tanto estruendo de guerra, fiando en su rendimiento, lo q̃ no en su voluntad: solicita q̃ le arrogen en el mar; no para morir, sino para assegurar su vida: q̃ pudo fiar auia de salir con mucho lucimiento de aquella humillacion. Arrogenle en las olas, q̃ si por ser su poder tan grãde, assegurau mas su ruina: por ponerle como abatido en medio de tanto poder, vendra a salir tan trocado el Profeta, q̃ el mar se quiete, las olas se aplaquen, los marineros se assegu-ren; y saliendo al tercero dia libre de la borrasca, y de la culpa, publique q̃ su victoria consistio en su rendimiento; q̃ en su cautiuerio estuuo su libertad; y que se hallò con vida, y sin culpa, quando reconocido se puso mas sugeto a ella.

Pequeños fueran los trabajos de Iob, sino fuera poderoso; pero el serlo, le aumentò tanto sentimiento, que solo su animo pudiera leuarle: hallarse vn hõbre tan fuertemente combatido, que aun tiempo le faltan hijos, hazienda, salud, y amigos, es la vltima de las desdichas; porque el auer tenido, en quien no tiene, solo es para que tenga mas viuos los dolores de no tener: En vn instante le faltò todo: tan facil es la naturaleza de las cosas deste mundo, que ni en la prosperidad se detiene, ni en la aduersidad se sossiega. Atropelladas vinieron las nueuas de sus desdichas; no se que condicion se tienen, que no saben hallarse solas. Vio la multitud de sus desuenturas Iob, y saliendoles al encuentro, se quitò los vestidos se quedò desnudo, se arrojò en la tierra, y aun los cabellos se quitò, porque ninguna desdicha tuuiesse por donde asirle; *Scidit vestimenta sua, & tonso capite corruens in terram adorauit.* Para que es tan anticipada preuencion? fue aliento, dize Chrysostomo: *Declarans, & robur suum, & quod promptus, & paratus aduersus furẽtem esset.* Muestra fue de su valor. No lo entiendo. Que valor ha de tener vn hombre, desnudo en combates tan poderosos? Que es fuerço vn hombre echado en la tierra? Esso mas

Iob. 1. 20

Chry. ser. de Iob & Abrah.

parece mengua de animo, que alientos de valētia. Esso no, valor fue: *Declarans robur suum.* Viose Iob combatido de males, y hallòse poderoso: empezaron a embestirle, y hallaron en su poder resistencia: crecierō las desdichas, disminuyeronse sus fuerças. Quando los males se cōjuran, el poder mas presumido abaten. Via por instātes el menoscabo de su lucimiento, y el buen parage de sus desdichas. Brauo mal, quando tan porfiado se repite. Que fuerça puede hallarse para contrastar a quien ha tenido alientos para destruir tanto poder? Bien pensado del talento de Iob. Amayne sus alientos, humille su poder, muestre su flaqueza, y el que por grande no pudo resistir la furia del contrario, por darse por rēdido a sus fuerças, vendrà a mostrar tanto las suyas, que en el mismo rendirse dè indicios de la victoria. Esta si que es industria de Capitan versado en campaña, este si que tiene ya ayres de victorioso; que ay males de tal calidad, que siendo combatidos dellos, para rendirlos la industria, ha de ser reconocerse rendido a ellos.

xxxvj. Para resistir vn poder grande, no ay poder: exercitos copiosos en limitadas fuerças, no es facil esperarlos, antes va en conocido peligro, quien se resuelue a enuestirlos: la culpa junta vn exercito de miserias tan grande contra el alma, q̄ la destruye: sin q̄ para ello pueda auer oposiciō sin la gracia. Vencida el alma por la culpa, q̄ poder puede tener contra ella, quando le falta el socorro q̄ le daua la gracia, el ayuda de los Sātos, y la amistad de los escogidos? sin estas fortificaciones, por todas partes està falida no se fie en su poder, si quiere sin embargo de las preuenciones q̄ trae la culpa, vencerla: salga con ella a campaña, pero imite a Iob, Principe prudente, y combatido, que viendo los alientos del enemigo, no se le opuso con alientos; antes dexando lo q̄ podia darselos, mostrò mayor esfuerço en mas flaqueza: *Scidit vestimenta sua.* Desnudòse como verdadero penitente, arrojose en el suelo como culpado, besò la tierra como humilde. O por hablar como pecador mas propiamente, en vez de vestidos, rasgue el coraçon a lagrimas, deshagale à suspiros, prouoquele à sollozos, q̄ es lo que pide Dios à vn delinquente: *Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra.* Ioel. 21. Que con essa traza, quando le parece q̄ tiene menos fuerça, entonces està mas valiente, para vencer culpas, porque està con mas disposicion para ser ayudado de la gracia, q̄ es prendas de la gloria.

Ad quam, &c.

(:-:)

CON-

CONQVISTA QVINTA.

Para el Domingo infra octaua de la Natiuidad.

Erat pater eius, & mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo. Luc. 2. 33.

EXORTACION.

ERa el niño Dios, aunque niño por lo hombre, grande en sus marauillas, y admirable en sus demonstraciones: desde luego dà indicios de si lo excelente, era mas de lo que parecia; entendido ser, que siendo mucho, lo sabe dissimular. Aunque escondido en vn pesebre, no tan escondido, como manifiesto: esso tiene lo marauilloso, q̃ donde menos parece q̃ puede lucir, alli campea mas su excelencia. Lucia Christo, y aun en su niñez no se ocultaua su lucimiento, sino q̃ Angeles le festejan, pastores le aplauden, Simeon pregona sus luzes, sin oluidarse en dezir sus glorias. Indubitable es lo lucido, quando lo mejor lo califica. Gloriauanse los padres de Iesus, y se admirauan juntamente de ver los aplausos tan comunes, q̃ sin excepcion todos le hazian. El gusto es deudo en la veneracion de tanto hijo, y prudente la admiracion; porq̃ aunque nada falta de perfecto a quien se lleua la atencion comun, el lleuarsela con veneraciones, es de admirar, porq̃ el mundo no tiene cariño con lo virtuoso, y antes suele despreciar lo perfecto, q̃ venerarlo. Echòlos la bendicion Simeon. Marauilloso espectaculo! ver echar vn hombre la bendicion à quien la echò a todo lo criado. Boluiò con espiritu profetico a Maria; y atendiendo al cuydado q̃ le auia de costar su Hijo, resume en breues periodos, dilatados sentimientos q̃ le auia de causar en los venideros siglos, sin escluir

dessos dolores al alma; antes assegurandole serian alli mas crecidos. El amor de Maria, y Iesus ha de causar essa pena, q̃ siendo armonia de dos almas, si está destemplada la vna, no puede no sentir la otra. Ana hija de Fanuel, aunque viuda, era Profeta, no aya estado que no tenga el don de la profecia: profetice Simeon profetice vna virgen, vna casada, y profetice vna viuda. No ay que echar la culpa de nuestras culpas a los estados que tenemos; pues en todos se puede hallar a Dios. Era su habitacion ordinaria en el Templo; sus ayunos como su habitacion; sus seruicios inceſſables: assi ha de ser vn alma, y no tomar por cumplimiento la perfeccion, y si será si empieza a gustar de veras de la virtud, que su saber, no dà lugar a contentarse con poco. Estaua en el Templo en ocasion que Simeon profetizò à Maria las penas q̃ del gusto de tener à vn Dios por hijo se le auian de seguir: al gusto sigue la pena, à la dicha, la desazon; siendo preambulo de lo infeliz, la ventura. Con essa pension se dan en este mundo los bienes. Ana con espiritu profetico, imitando á Simeon en la profecia, se haze coronista del Redentor. Quan poderoso es el buen exemplo! Concluyeron los padres de Iesus con la obligacion de la ley, y con la ceremonia de la Circunciſsion; boluieronse a Nazaret, y Iesus crecia lleno de sabiduria, y de gracia, desta tenemos necesidad. Aue Maria.

COMBATE I.

Erat pater eius, & mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo. *Vers.* 33.

La perfeccion quando mira en otros lo que tiene en si, con mas eminencia la admira, porque solo tiene ojos para ver la perfecion agena.

Num. 1. SEr la admiracion hija de la ignorancia, no padece duda. Admirarse Maria, y Ioseph, tampoco; pues el Euangelista lo declara. Luego ignorantes se admiran? es consequencia forçosa; No tiene duda el silogismo. En lo que puede auerla, no es en esso, sino en que consista la ignorancia que causa esta admiracion; porque Maria bien tenia conocimiento, de que su hijo era como hombre Dios. A Ioseph reuelò el Angel el misterio de la Encarnacion de Christo: *Quod enim in ea natum est de Spiritu Sancto est.* Matt. 1. 20. No cabe admiracion en oyr publicar marauillas de vn niño Dios. De que puede ser la admiracion de los padres de Iesus que tan admirados los pinta el Euangelista? *Erat Pater eius, & Mater mirantes.* No tanto se

se admiran, dize Orígenes, de lo que dizen del niño, quanto de quien lo dize: *Erant mirantes super his quæ dicebantur de illo, tam ab Angelo, quam à multitudine cælestis exercitus, nec non à pastoribus, & ipso Simeone.* Mucho dezian los Angeles del niño Dios; los pastores, y Simeon dezian mucho, y aunque era tanto su dezir, como tienen los padres conocimiento de su diuinidad, no se admiran de oyrlo, sino de ver quien lo dize: ver que vn Angel merece tener conocimiento de vn hõbre Dios, que le festeja por grãde: que vnos pastores desdizen de su rustico trage, quando dizen del recien nacido marauillas; que Simeon en viendole no quiere ver mas en esta vida, porque en èl lo ha visto todo; y admiranse de ver en ellos tãta virtud, que merezcan conocer tales grandezas de Christo. Escusada parece essa admiracion: esso mismo que miran, no lo tienen en si los padres? no conocen Maria, y Ioseph de Iesus mas de lo que ven que conocen los demas? pues como se admiran de lo que ven, y no se admiran de lo que tienen? tienen tanta perfeccion algunas almas, y con tales circũstancias la tienen, que solo admiran la virtud de los otros; y assi quando miran su misma virtud en ellos, la admiran, aunque la tengan; porque solo tienen ojos para ver la perfecciõ agena.

Orig. in Cath.

Ponese Dios à hablar con Iob en medio de aquellas tan venturosas desdichas, y dizele: *Vbi eras quando ponebam fundamenta terræ?* Donde estauas quando mi Omnipotente diestra empezò a poner los fundamentos a esse hermoso edificio del mundo? quando de vn caos lobrego saquè essa luz resplandeciente? quãdo vestì de diuersos diamãtes a los cielos? quando pulì lo mas desaliñado de la tierra? quãdo al menor aliento de mi boca fabriqué al hombre? *Cũ me laudarent simul astra matutina, & iubilarent omnes filij Dei?* Quando los Angeles, que fueron el primer ensayo de mi poder, a vn mismo tiẽpo alabauan mi buen gusto, y se regozijauan interiormẽte de ver exercitada mi Omnipotencia, en tanta diuersid d de criaturas? Assi explica Seueriano este lugar: y no tuuiera dificultad su inteligencia, si en vez de aquel *iubilarent omnes filij Dei*, no leyera: *Admirabantur omnes filij Dei*, se admiraban en la creacion todos los Angeles. Dificultoso parece de entender a la primera vista, que se admirassen los Angeles, viendo que Dios diua resplandores al Sol, lucimiẽtos a la Luna, hermosura a las Estrellas, adorno a la tierra, y alma a vn poco de barro. No es dificil presumir, que en

Iob. 38. 4

II.

Vers. 7.

los

los Angeles cabe admiracion; pero esso es respeto de Dios en las cosas, q̃ ven obra su Magestad, mas grandes q̃ ellas; como fue la Encarnacion del Verbo Eterno en las purissimas entrañas de vna Virgen, sin obra de varon; la vnion hipostatica, con la qual con vn modo admirable se vnieron dos naturalezas tan distantes, como la humana, y la diuina en la vnidad de la persona. Pero siendo ellos en lo natural, y sobrenatural mucho mas perfectos q̃ las criaturas q̃ Dios criaua, como se admiran de ver las perfecciones q̃ les dà quando las cria? Nò lo veis, dize Seueriano, es verdad que los lucimientos q̃ Dios ponia en todas las criaturas del mundo, aunq̃ tantos, eran sin comparacion mas pequeños q̃ los de los Angeles. Empero, como no se vieron criar à si mismos, aunq̃ los tenian, no tenian noticia dellos; y assi por ignorantes, vienẽ a admirar en las demas criaturas las mismas perfecciones, q̃ con mayor eminencia tienen en si. Oid a Seueriano: *Aderant igitur rerum creationi Angeli: stabiliebatur celum, Angeli laudabant, nam quoniam se ipsos nascentes non viderant, celum creatum admirati sunt, intuebantur Solem rutilantem, videbant Lunam radiantem, item nata sidera, attonitique stupebant.* Dichosa ignorancia! pues quanto menos sabe de si vn alma, tanto mas ocasiones tiene de ser sãta, y de proceder al gusto de Dios.

Seuer. in Iob, interprete Steucho.

III. Ponese el Esposo a hazer gala de las prendas de la Esposa: *Quàm pulchra es amica mea; quam pulchra es.* Y dibuxando en dilatados espacios de hermosura, prendas q̃ tenia tan viuas en el alma; a cada parte de su belleza dio nueuo blazon de grande; y admirando perfecciones, ni dexa prẽda sin admiracion, ni hermosura sin encarecimiento: Y assegurãdo el agrado del alma santa en lo ingenioso de sus cõceptos. y en las promesas de sus aduertidas palabras: *Veni de Libano*, le dize, *Sponsa mea, veni de Libano, veni coronaberis de capite Aman, de vertice Sanir, & Hermon.* Ven Esposa mia, ven; para que ciña tus hermosas sienes la corona de Laureles Imperiales: y si esto no te satisface, en rehenes te doy vn coraçon rendido a lo mas humilde de tu beldad, a lo mas minimo de tu hermosura: *Vulnerasti cor meũ, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in vno oculorum tuorum.* Braua fineza! ingenioso es el amor, aunq̃ no està en el ingenio: no ha menester para saber mas de lo que le enseña la voluntad. Solo vna quexa pudiera quedar a la Esposa en medio de tantos fauores, y es, q̃ es solo vn ojo el fauorecido: *In vno oculorum tuorum.* Siendo los ojos lo mas ayroso de la Esposa, pudieran sentir esse

Cant. 4.

Vers. 8.

Vers. 9.

se disfauor, por ser sustitutos del alma, y hermosura mayor del cuerpo. Pero fuera mala inteligencia; y tomar lo q̃ era mas fineza por desaire. Pues nõbrar vno de los ojos, y no entrambos, fue dezir, q̃ eran tan hermosos, q̃ solo vno era suficiẽte para robar almas. Y assi leyò S. Gregorio Niseno: *In vno ex oculis tuis* El reparo no està en esso, sino en q̃ siendo la Esposa toda belleza, sean los ojos quien mas robe el coraçon del Esposo: *In vno oculorum tuorum.* Los ojos han de tener esse poder mas q̃ la demas belleza? Si. Aduirtio Pedro Bercorio, q̃ siendo la naturaleza de los ojos ver, son estraños para si, pues no se vèn à si mismos, quando pueden ver a todos los demas: *Oculus cum omnia videat, se ipsum non videt.* No se ven los ojos à si, y si quieren verse, ha de ser mirandose en otra parte: mirandose al espejo se ven; no porq̃ ellos se vean à si, sino porq̃ se miran en el espejo. Sean, pues, los ojos los que roben el coraçon, *In vno oculorũ tuorum*: Porq̃ no ay cosa en vn alma que assi robe el coraçon a Dios, como ver q̃ teniendo ojos para mirar las virtudes en otros Santos, no los tenga, para ver las virtudes en si: *Se ipsum nõ videt.* No tienen los ojos ojos para verse, y si ven algo de si, lo han de ver en los demas. Esso le lleua a Dios el afecto; ver vn alma, q̃ para ver algo de virtud, en si, aunq̃ ella lo tenga, no lo ha de ver hasta q̃ lo mire en otra alma. Todas las prendas de vn alma santa son grandes; pero siendo los ojos para ver, y teniẽdolos tan cerca, no verse à si cõ ellos, y ver a los demas, esto es lo q̃ le robá mas el coraçon.

S. Greg. Nis. ad hunc loc.

IV. Acertado serà cerrar los ojos en el combate del conocimiẽto de las virtudes propias. Buscar essa noticia en las agenas, es prudẽcia; y para no errar el empeño virtuoso, la traza mas entendida, es presumir q̃ los otros van acertados, y nunca assegurarse vn alma de q̃ camina bien. Buena traza es, y segura, para salir con lucimiento de cõbate dõde và tanto, no ver vn alma como và, y atender solo al modo como la otra camina: tener ojos para ver las virtudes estrañas, y no tenerlos para mirar las propias, aunq̃ las tenga mas crecidas. Este combate, y su doctrina padece solo esta duda.

DIFICVLTAD VNICA.

Erat pater eius, & mater, *vers. 33.*

Si los Santos solo ven las virtudes agenas; como han de aumentar las propias?

V. ASsi es que los Santos tienen los ojos ciegos, pero tambien los tien de lince; ciegos

gos para el conocimiento de sus propias virtudes, de lince para el de las agenas. Marauillosa antiloquia, ver, y no ver: no verse pudiendo verse; y auer de mirar a otros pudiendo mirarse a si, viene a ser esta la causa de essa dificultad. Toda el ansia de vn alma justa es, aumẽtar mas, y mas su virtud: no viendose a si, no es facil esse aumento. Empero, porq̃ lo sea, es traza de Dios poner a los Santos jũtos, como estan oy Maria, y Ioseph: *Erat Pater eius, & Mater*, en compañia, a vista Ioseph de Maria, y Maria de Ioseph; para que mirando los vnos las virtudes de los otros, ya que las suyas, por desconocidas no les empeña en mayor santidad, les obligue la emulacion santa de ver el vno en el otro tanta diuersidad de perfeccion.

VI. Reparó profundamente San Gregorio el Grande, en qual pudo ser la causa de q̃ le pareciesse al Apostol S. Pablo, q̃ Dios aduertido, nunca adornaua a vn alma de todo el lustre virtuoso, sino q̃ diuidia las virtudes, repartia entre todas las almas, las gracias, dando vnas a unas, y otras, a otras. *Diuisiones vero gratiarum sunt.* Y un poco mas abaxo: *Alij quidem per spiritum datur sermo sapientiæ alij autem sermo scientiæ secundum eundem spiritum: alteri fides in eodem spiritu, &c.* Mas prouido parece q̃ fuera el gouierno, y mas atenta razon de estado, si Dios quanto poderoso, adornara liberal a un alma de todas las uirtudes, desuerte, q̃ a un mismo tiempo fuera sabia, amorosa, fiel, penitente, casta, y todas las demas uirtudes, q̃ ya en lo necessario de la santidad, ya en el adorno son conuenientes. Mas prudente parece fuera esta disposicion, que no diuidir las uirtudes, desuerte que el alma, que es casta, le falte lo profundo de penitente; y la que es penitente, no tenga tanto de casta. Buen pensar, dize Gregorio; porq̃ no se puede negar la conueniencia q̃ ay, en q̃ un alma sea de todas maneras santa: pero yerra quien presume, q̃ el diuidir Dios las perfecciones en las almas, no es medio eficaz, para q̃ se hallen juntas en cada una dellas: Antes bien, quanto mas las diuide, tanto mas motiuo tiene un Santo para juntarlas en si, porq̃ siendo condicion de los Santos, desconocer las uirtudes, aunque las tuuieran todas juntas, perdieran por no conocidas: Y el no aspirar a mas, fuera por ignorancia, pareciendoles, q̃ auian menester pretender las mismas uirtudes q̃ tenian, con q̃ uenian a perder, solo porque se tenian sus creces. Que remedio para hazer crecer a un Sãto q̃ por serlo, pretende lo mismo que tiene; y por humilde, soli-

1. Cor. 12 48.

solicita alcançar las mismas virtudes de q̃ goza: Bien pensado (dize Gregorio) de la prouida atencion de Dios: *Diuisiones gratiarum sunt.* Diuidense las perfecciones entre los Santos, con tal q̃ se puedan ver los vnos a los otros: el penitente vea al casto, el casto al mortificado, el mortificado al obediente, el Doctor al Euangelista; y assi todos los demas; q̃ de essa suerte, mirando vnos las virtudes de otros, si las suyas, como propias no se aumentan por desconocidas, no auràn menester, mas, q̃ ver las agenas, para empeñarse en aumentarlas: *Mira dispensatione* (dize Gregorio) *Omnipotens Deus sic in electis suis mira dispensat, vt & ipsis det quod alteri negat, & alteri maius, quod alteri minus tribuat, quatenus dona Dei alter in altero vicissim omnes admirentur, atq; ex hac ipsa admiratione humiliter alter alteri, & vnus per alium ad melius excitetur.* Excitarse vn alma a mas virtud, viendo la virtud en otros; y quando desconoce la q̃ tiene, la aumenta, por q̃ la desconoce, siẽdo el desconocimiento propio causa de la atencion agena, y essa atencion del aumento. Iuntese pues, el Santo cõ el Sãto; comuniquese, para q̃ assi crezca en la sãtidad.

S. Greg. Lib. 14. mor. c. 6.

VII. Aquellos animales tan misterioſos de Ezechiel, tenian alas: y despues de las platicas q̃ tuuo Dios con el Profeta, fue segunda vez lleuado en espiritu; y oyendo vn estruendo muy grande, reparò mas atento, en q̃ se oía entre él vn rumor, ò vnas vozes, que los animales hazian con el mouimiento de las alas, y con el encuentro de las plumas, donde tan igualmente se mostrauan valiẽtes, q̃ se herian las vnas a las otras: *Et vocem alarum animalium percutientium alteram ad alteram.* Que quiere ser, herirse vnos a otros con las alas? Son soldados, q̃ en campañas encontradas, entre alientos diferentes se hieren con las picas: ò interpretes sagrados, que cõ variedad de plumas, nacidas de las alas de la consideracion, salen a la campaña del espiritu, para conquistar con sus consejos, y aduertẽcias al alma, oponiendose con su doctrina al vicio; y perluadiẽdo con razones fuertes a la virtud? Biẽ pudiera ser, sino lo primero, porque los Sãtos representados en estos animales, no emplean en pretẽsiones humanas tus facciones: a lo menos pudiera ser lo segũdo, por emplear todas sus fuerças, y saber solo en la salud espiritual de las almas. Pero mas profũda es essa herida (dize Hugo Cardenal.) No veis q̃ essos animales son los Santos, y q̃ estan jũtos; pues no estrañarias q̃ se hieran, q̃ como los Santos son ambiciosos de santidad, y quando se miran, ven vnos en otros diuersidad

Ezech. 3. 13.

uerſidad de virtudes, como no conocen las ſuyas, toda ſu anſia es, aſpirar los vnos a las de los otros; y aſsi heridos de vna embidia ſanta, oluidados de lo q̃ ſon, ſolo atienden a tener, aunque a coſta de ſu ſangre, y fatigas, las virtudes q̃ ven reſplandecer en los q̃ miran: *Vna ala animalis, alam alterius animalis percutit; quia omnes Sancti ſe inuicem ſuis virtutibus tangunt, & ſe ſe ad proiectum excitant ex conſideratione virtutis aliene.* No ſe ſabe ver vn Santo, ni tiene ojos para mirarſe, quando vé preſentes otros Santos; y aſsi, aunque èl por ſi tenga virtudes, ſu humildad ſe las diſfraça de tal ſuerte, q̃ ſolo admira las q̃ mira; y la conſideracion de ver las agenas le inquieta, y le mueue, para que las procure con todas anſias hazer propias.

Hug. Cardin. hic.

VIII. Con ſer la virtud toda reſplandor, Sol, cuyas rutilantes luzes, ni el mas ciego puede deſconocerlas, ni el mas barbaro negarlas, tiene propiedades de ſombra. Entre otras q̃ ſe pudieran ponderar, ſolo atiendo, a q̃ ſigue ſiempre a quien la haze: empero ſegun la diſpoſicion con q̃ eſtá el cuerpo; porque vnas vezes và detras dèl otras delante. Aſsi la virtud es ſombra del alma, y la ſigue, ſegun la diſpoſicion q̃ tiene. Si el alma vé ſu virtud, ſi mira a ſu ſantidad, luego quiſiera el premio. Guſta de la eſtimacion, no deſdeña al aplauſo, admire la honra. Eſto es ir la ſombra delante, es mirar la perfeccion, y tener ſu premio en eſta vida. Sino vè ſu ſantidad, no qniſiera verſe honrado; la eſtimacion la canſa, la veneracion la fatiga; en nada ſe deſazona tanto, como en verſe con reputacion. Eſſo es ir la ſombra detras; la virtud ſin conocerla, no querer en eſte mundo premio, y reſeruarle para la Eternidad. Deſuerte, q̃ la virtud es ſombra del alma, que la ſigue, como la halla diſpueſta. Si mira a la eternidad, và la ſombra bien, la virtud tan ajuſtada; Porque no quiere acà el alma mas de lo penoſo con q̃ ſe alcança. Si mira al mundo, va adelante la ſombra, la virtud perdida; porque quiere èl premio de los hombres. No ſe niegue eſto al ingenio mayor de Cordoua, q̃ fue quien me lo enſeñò, deſpues de auer pueſto la ſimilitud de la virtud, y ſombra proſigue: *Ita gloria aliquando ante nos eſt, viſendamque ſe præbet, aliquando in aduerſo eſt, maiorque quo ſerior.* Quando la virtud ſe vè, lleua el alma la gloria de tenerla a rieſgo, y perdida; porque la lleua delante de los ojos, quando no ſe mira es mas crecida la gloria, *Maiorque quo ſerior*; porq̃ la lleua detras, y no quiere gozarla aqui, ni ſolicita los aplauſos humanos.

Sen. lib. 1 Epiſt. 79.

IX.

Diſi-

IX. Dificultad es esta, Catolicos, en donde va no menos que el saluarse. Ver, y no ver es la oposicion. Hase de tomar desta dificultad, el no ver; y el ver es lo que se ha de dexar. Siempre està el alma combatida, quando tiene vicio; porque lo oculte, para que sea mas permanente, quando la virtud, porque la manifieste, para que se acabe. No fuera malo tomar del vicio las ansias de ocultarse, las solicitudes de no verse. Parezca en esse vicio la virtud, en que procure ocultarse de los ojos de los hombres; que con esse cuidado, añadiendo el no verse à si: siempre estarà segura el riesgo de no aumentarse. Ya està dispuesto como se ha de remediar, acompañandose de Santos, y teniendo los ojos tan abiertos para ver sus virtudes, como cerrados para mirar las suyas Este es mirar seguro, porque en el consiste el aumento de las virtudes en vn alma.

COMBATE II.

Mirantes super his quæ dicebantur de illo.
Vers. 33.

El amor ha de ser callado.

X. REmirauanse Ioseph, y Maria en Iesus viendole tan aplaudido: *Mirantes super his quæ dicebantur de illo.* Creciales mas el afecto, y amor que le tenian, viendole tan alabado. Mirauanle mas afectuosos, y amantes, quanto mas le mirauan. Todo lo significa el *mirantes*; porque *mirari*, no solo es admiracion, sino *cum voluptate intueri*. Como vna persona que quiere bien a otra, y la oye alabar, se le aumenta el cariño que la tiene, y la mira con mas voluntad; assi Maria, y Ioseph, creciales el amor quando miran a su Hijo, y le vian tan alabado de Angeles, y de hombres. Bien està. Pero si ven q̃ le alaban todos; porque ellos no le alaban tambien? Solo han de mirar cõ los ojos, quando Angeles, y hombres se deshazen en palabras? Porq̃ no hablan tambien? todo se ha de remitir a la vista? No veis q̃ es vista de amor? Pues callen, que quien mira cõ ojos amantes, no ha de hablar, que el amor ha de ser callado.

XI. Nace el Hijo del entendimiento del Padre; y el Padre para engendrar al Hijo, dixo: *Verbum*; y con esso el Padre quedò hecho Padre, y quedò hecho Hijo el Hijo. Dixolo en vna palabra Dauid: *Semel locutus est Deus.* Vna vez sola hablò Dios, y a la primera palabra engendro vn Hijo Dios, tan bueno, y tan grande como el. Assi lo explica el ingenio de Agustino: *Apud se semel Deus locutus est; quia vnum*

Ps. 61. 12

Aug enarrat in Ps. 61.

vnum Verbum genuit Deus Hablò Dios para engendrar, y engendra, y engendrò Dios vna palabra. El Espiritu Santo procede del Padre, y del Hijo. Y siendo assi q̃ entrambos juntos le comunican todo el ser de Dios: pues en razon de la Deidad, nada reseruaron para si, sino que todo se lo dieron en la espiracion al Espiritu Santo. Con todo esso, esto de ser palabra, y de hablar, no se lo comunican; por q̃ el hablar Dios dentro de si mismo, solo fue vna vez: *Apud se semel Deus locutus est*: La palabra q̃ hablò solo fue vna: *Vnum Verbum genuit Deus.* Sino habla mas de vna vez, y pronuncia solo vna palabra; la palabra es el Hijo, quien la dize es el Padre; el Espiritu Santo quedase sin lo vno, y sin lo otro; y siendo todo lo q̃ son el Padre, y el Hijo, solo le falta el habla del vno, y la palabra del otro: O misterio tan incomprehẽsible como tu mismo! El Padre dà al Espiritu Santo el ser de Dios, y solo se queda cõ el hablar nocional. El Hijo dà al Espiritu Santo el ser de Dios, y solo se queda cõ ser palabra personal. El Espiritu Santo procediendo de vn Padre q̃ habla, y de vn Hijo q̃ es palabra procede a lo mudo, y se diferencia del Padre, y del Hijo, en q̃ no es palabra, ni habla. Por que no ha de hablar el Espiritu Santo, procediẽdo de vna palabra, y de vna lengua? Si procede de el Padre, y del Hijo, tẽga algun resabio dellos, imitandolos en essa perfeccion, q̃ parece dexenera de su principio, y q̃ no saca todo lo q̃ tiene su origen; pues quando en èl ay quiẽ hable, y quien sea palabra, nada se le pega dello. Es assi, pero reparad en el misterio. El Espiritu Santo procede por la volũtad, recibiendo todo su ser por el q̃rer: es el amor del Padre, y del Hijo: pues ni sea palabra, ni diga; q̃ vn espiritu q̃ es todo volũtad no ha de hablar palabra. Hable el Padre, y sea palabra el Hijo; porq̃ quanto passa entre los dos es cosa del entendimiento; pero el Espiritu Santo, q̃ todo su ser le recibe de la volũtad, calle, q̃ donde es todo volũtad, todo ha de ser silencio.

XII. Muere Christo en vna Cruz, y viendole muerto sus enemigos, aun no perdio la vida su enojo, sino q̃ barbaros ponen la vltima mano a la inhumanidad, abriendo con vna lança el costado de vn cuerpo sin uida: *Vt viderunt eum iam mortuum non fregerunt eius crura sed vnus militum lancea latus eius aperuit* Ioan. 19. 33. Resoluerse a herir a quien no se puede defender, es cobardia. O lastima! O malogro! Vna herida tan misteriosa como esta se ha de dar en vn cuerpo muerto? mucho fruto salio della, pero fue para nosotros, no para Christo,

que

que estaua ya fuera de merecer, por estar sin vida. Viua Christo en la Cruz, y con essa herida muera: abra esta lança la puerta, para que por ella salga el alma; pero estè con alma el cuerpo para que dandole la lançada cõ vida, pueda merecer en recebirla: porq̃ ha de perder Christo por vn rato de mas vida, tãta ocasion de merecer? Fue fineza de enamorado. Que herida es essa? De amor, porque es en el coraçon la herida. Y heridas de coraçon (dize mi Bernardo) no hã menester testigos, para q̃ se entienda q̃ tõ de mucho amor, ellas mismas lo estan diziendo: *Cordis vulnus vehementiã designat amoris?* Pues si es herida de amor, digalo Christo; y para dezirlo, viua; pero no, q̃ pudiera dezir viuiendo: Hõbres veis ahi la puerta del coraçõ abierta, miradle atentos, y vereis quan abrasado de amores està de vosotros. Assi q̃ estando Christo viuo, pudiera tratar de su amor? Pues muera antes de darle la lançada, y despues de muerto densela q̃ aunque hizo la lança essa boca al coraçon, era boca sin lengua, y si por ella pudo el amor conocerse; no pudo dezirse: No se diga, aunque se conozca, q̃ si el no poder estar oculto, nace de su feruor, el no dezirse, es credito de su fineza.

S. Bern. ser. 20. in Cant.

XIII. Glorias del Carmelo celebradas en sus primeros Padres, se representan en vna carroza de fuego, admirado espectaculo de Eliseo, si lucido sepulcro de su primer Padre Elias, mariposa de sus llamas se hazen los ardores del zeloso Padre: No ofende el Sol al Sol, ni el fuego al fuego, todo lo es Elias, y todo la carroça, dize Chrisostomo, y aun de ay tomaron los antiguos motiuo para pintar al Sol en carroza de fuego, como al primer Monarca de la luz, como vieron a Elias, mayor Monarca de la vida Religiosa, y primera luz, que dio luz a todo el estado Monastico: *Hinc poetas, atque pictores in figuranda solis imagine exempla credo sumpsisse.* No ponderemos aora esto, remitome a lo que en juizio contradictorio ha dado licencia para imprimir el santo Tribunal de la Inquisicion, ni ponderémos lo misterioso del subir, ni lo ardiente del caminar, que no le faltarà su ocasion. Pondero solo, como auiendo de echar la capa a su Discipulo Eliseo desde aquella fragua de rayos, ni le habla con claridad quãdo se la dà, ni se lo dize quando se la pide. Pidele Eliseo su espiritu doblado: y responde: *Rem difficilem postulasti.* Dificultosa es tu peticion. Que es esto g. ã Padre? en el ausencia andais escaso? no le basta a Eliseo q̃ darse sin vos, sino tambiẽ sin cõsuelo? sepa cõ claridad,

Chry ho. de ascens. Elia.

4. Reg. 2. 10.

ridad, que vuestro espiritu se ha de quedar con su espiritu para q̃ se dilate su espiritu mas; q̃ la congoja del ausencia de tanto Padre, que espiritu no afligirà? Dezidle, q̃ si, q̃ no tenga pena, q̃ os quedareis en su compañia, aunq̃ parece os ausentais, que le dareis vuestra capa, y en ella vinculado el espiritu. Pero no lo diga, porq̃ el darsele fue hazerle heredero de la mejor parte de su hazienda: *Tanquam maximam hæreditatem Eliseus melotem suscepit*, dixo Chrysostomo. El hazer a vno su heredero, nace de amor, y assi vereis en los testamentos. Mando a fulano mi hazienda, y se la mando, por el amor q̃ le tengo. Pues si es acto de amor el dexarle heredero de su espiritu, ni se lo declare quãdo se lo promete, ni se lo diga quando se lo dà; dèsele sin hablar palabra; arrogele la capa arrebujada en el espiritu, ò el espiritu embuelto en la capa; pero no le diga nada, que vna herencia tan grande, si se haze por amor, por mas amor ha de hazerse sin dezirse.

Chry ho. 2 ad pop.

XIV. Retirò se Christo cercano a su muerte a orar aũ huerto. No se q̃ se tiene la soledad para premeditar executiones de cosas dificiles. Estando en oracion combatido de las memorias de el morir: empezò a temblar, y tener miedo; esto del morir, al mas valiente acobarda: *Capit pauere, & tædere.* Poco es esso añade S. Lucas, cõ vn temor pauoroso mezclò arroyos de sãgre, q̃ diuididos a trechos, dauan indicios claros de la grandeza del sentimiento: *Factus est sudor eius, sicut gutta sanguinis decurrentis in terram.* Que occurrencia tan encõtrada es esta? vna sangre vertida, y vn miedo temeroso? el temor, antes priua de la sangre al rostro, y queda palido cõ vn miedo el q̃ sin el gozaua de hermosura; porq̃ en ocasiones temerosas, el coraçon padece violencia; y el que arrogante pudo blazonar de principio de vida, à fuerça del temor, y à opresion del miedo, se halla tan debil, y menoscabado en fuerças, que necesita de agenas ayudas; y assi la sangre, como tan interessada, se va toda a fauorecer al coraçon, como à principio mas principal de la vida, y dexa sin color al rostro, y palido el semblante. Como pues en Christo se pudieron hallar dos cosas tan encontradas? vn cuerpo a trechos bordado de ricos granates, y vn rostro por lo temeroso descolorido, à fuerça de la fuga de la sangre: fue accion misteriosissima en Christo el sudar en aquella ocasiõ gotas de sangre; porq̃ quando fue al huerto, se auia passado tan poco tiempo, q̃ se auia dado Sacramẽtado à si mismo, y a los Discipulos, q̃ las especies Sacramentales se

Marc. 14. 33. *Luc. 22. 44.*

se estauã incorruptas en todos. Este soberano misterio, no solo es Sacramento de coraçon, sino antidoto de sus achaques, es Sacramento de coraçon, porq̃ es Sacramento de Fè, *Mysterium fidei*; y la Fè està en el coraçon, *corde creditur*. Siendo Sacramẽto de Fé, Sacramento de coraçon es, y alegria de sus tristezas: *Vinum latificat cor*. Pues como este Sacramento es Sacramento de coraçon, y juntamente alegria de sus tristezas, y las especies Sacramentales, aun se permanecian en los Dicipulos. Quando en la oracion està oprimido de temores, el coraçon triste, afligido, perdidas las fuerças, y necesitado de ayuda, sale cõ presteza la sangre al rostro, precipitase por el cuerpo, y cõ pies de grana và corriendo por la tierra à buscar al coraçon, q̃ està en los Dicipulos, para fauorecerle, y alegrarle. Bien pensado! pero en vn Sacramento tan grande, no ha de auer mas de coraçon? No mirad lo q̃ dize del el Cõcilio Tridentino, q̃ quedandose Christo Sacramentado, *Diuitias sui amoris effudit*, hizo alarde de toda la grandeza de su amor. Es este Sacramento epilogo de todo el amor de vn Dios: Pues no sea mas de coraçõ; porq̃ el coraçon no tiene mas palabras q̃ las obras; y su dezir es hazer: haze sin dezir, y si algo dize, es haziẽdo no hablando: y Sacramẽto donde echò el resto de su amor vn Dios, si le sobraua el hazer, no le auia de faltar el callar.

Ad Rom. 11. 10. *Ecc.* 40. 20.

Cõc. Trident. sess. 13.

XV. *Marc. Aurel. c.* 37.

Acuerdome auer visto el origen de los Scipiones Romanos, tan dignamẽte celebrado en la antiguedad, por lo inuencible de su fortaleza. Etrasco alẽtado jouen Romano, era mudo, pero tan bizarramẽte dispuesto, y tan dispuestamente gallardo, q̃ sin faltarle lo entẽdido, era la emulaciõ de aq̃llos siglos. Verona era Latina, Dama en quiẽ cõpetiã igualmẽte la bizarria cõ el ingenio, y el ingenio cõ la hermosura (no se hizo solo para las feas el ingenio) siẽdo en todas, y en cada vna de sus perfecciones vna poderosa ostentacion de la naturaleza, pues le dio sin cõpetencia lo hermoso, y sin emulacion lo entẽdido. Esta dama era muda, y siendo mudos entrãbos, de verse en vnas fiestas en el monte Celio, se enamoraron, y les hizo tan poca falta la lengua, para explicar su amor, q̃ por espacio de treinta años venia la muda desde Salon à Roma; y el mudo iba desde Roma à Salon, solo por verse; hasta q̃ muriẽdo el marido de Verona, y la muger de Etrasco, se casaron, y tuuierõ vn hijo, q̃ fue Scipion, q̃ fue mas expedito en armas, q̃ sus padres en lẽguas. No veis q̃ poca falta les hizo a estos el callar para su amor; antes se aumẽtò mas, sin dezirse; q̃ quan-

do se desahoga mucho vn amãte por la boca, es señal cierta, q̃ tiene muy tibia la voluntad.

XVI. Este amor humano q̃ se ha propuesto en este cõbate, enseña como ha de ser el diuino: cõbatido es vn amante: cõ deseos de publicar su amor, con ansias de dezirle: pero q̃ necessidad tiene vn alma de palabras, para amar a Dios, quando aun para amar en el mundo, vemos q̃ no hazen falta; antes diuertida en las palabras, suele faltar en las obras? Por esso deuia Dios de mandar q̃ le amassen de todo coraçon, de toda alma, y de todo entendimiento: *Ex toto corde tuo, & ex tota mente tua.* Todos actos interiores. No quiere que se diga lo q̃ se ama, sino que se ame sin dezir. El amor todo ha de ser oculto, y solo a Dios manifiesto, q̃ es à quien nada puede ocultarsele: q̃ importa q̃ aya combates de dezir? no se diga, si Dios lo conoce estando en el coraçon, y en lo interior del alma, para q̃ ha menester dezirse, sino para ponerse en contingencias de perderse?

Marc. 12 30.

COMBATE III.

Et hæc vidua vsq; ad annos octoginta quatuor. *Vers. 37.*

Siempre ay obligacion a ser Santos: pero mas en la senectud.

XVII. NO ay edad en el hombre, q̃ no sea a proposito para el exercicio de la virtud, dixo el Petrarca: *Virtutis studium nulla ætas respuit.* El estudio de la virtud en todo tiẽpo se puede hazer: no ay escusa para no estudiar como ser virtuosos, pues todos lo pueden ser en qualquier tiẽpo: el jouen, en medio del verdor de sus años: el anciano, en lo decrepito de sus dias: tienen dias a proposito para estudiar ẽ la escuela de la virtud: siempre se puede aprender lo q̃ siempre se puede estudiar. Empero aunq̃ es verdad, q̃ en toda edad se ha de estudiar la virtud; en la senectud es quando mas se ha de tratar de ser virtuosos.

Petrar. dia. de se nect.

XVIII. Buen exemplo nos ofrece el Euangelista en vna muger, si siempre santa, nunca tanto como aora; pues sus ayunos, y oraciones erã incessables, el seruir a Dios cõtinuo, no salia del Tẽplo, en èl gastaua su vida: *Non discedebat de Templo, ieiunijs, & obsecrationibus seruiens nocte, ac die.* O que vida, que viue solo para Dios! Que es esto? Esta muger està en este mundo? Tan olvidada de el està como sino viuiera en el. La solicitud de las cosas de esta vida, como sea moderada, no desagrada a Dios; licita es, que ya la dexò con essa pension; y es necessaria para q̃ se cõserue. Es assi; pero Ana era de ochenta y quatro años: *Et hæc vidua vsque ad annos octoginta*

ginta-quatuor. Y una persona de ochenta y quatro años, solo ha de tratar de seruir a Dios, y del Tẽplo; no ha de auer solicitud, para cosas de la tierra en una edad tan larga, q̃ es impropio tratar deste mundo, quien està casi fuera de el: bien haze en ser tan Santa, siendo de tanta edad, q̃ si en todos años ay obligacion à serlo, en los ultimos de la uida se aumenta essa obligacion.

XIX. Ponese Dauid à hablar con Dios, y dizele: *Deus docuisti me à iuuentute mea: & vsq; nunc pronunciabo mirabilia tua: & vsq; in senectam, & senium: Deus ne derelinquas me.* Señor, ya sé q̃ fuisteis mi Maestro desde mis tiernos años; ò ya fuesse, q̃ lo atento de mi vida, y lo religioso de mi proceder, aun en mis niñezes solicitasse vuestra elemencia, para tamaños fauores: ò lo que mas es, q̃ el ser quien soys os obligasse à vsar conmigo essas liberalidades: hasta aora aficionado à vuestra doctrina estoy, y me va tã bien, q̃ la tengo de predicar al mundo, para q̃ conozca la grãdeza de vuestras marauillas. Lo q̃ os pido quan encarecido puedo, es, q̃ pues he conseruado hasta oy las liciones q̃ me distes en mi mocedad; no me desampareis hasta q̃ llegue a la senectud: *Vsque in senectam, & senium: Deus ne derelinquas me* Santes Pagnino: *Vsque ad senium, & caniciem: tu Deus ne derelinquas me.* No me dexeis Señor, ni vuestra proteccion me falte, hasta q̃ faltandome totalmente la mocedad, llegue a la senectud: no me dexeis hasta q̃ estè lleno de canas, *Vsq; ad senium & caniciem.* O valeroso Profeta! q̃ dezis? Basta tener a Dios en la mocedad, ò como no pedis Dios para la vejes? hasta tener canas pedis su ayuda, *vsque caniciem?* hasta la senectud solicitais su amparo, *vsque ad senium?* y despues no aueis menester a Dios? No depende vuestra virtud en todo tiempo de su proteccion? luego sin su ayuda, ni en la senectud podreis ser virtuoso, ni perfecto en la mocedad. Como, pues, os oluidais de pedir el auxilio de Dios para la vejez, cuidando assi de tenerle en la juuentud? No es oluido (dize Agustino) biẽ sabe q̃ en todo tiempo es nada sin Dios: *Vsque in senectam, & senium id est, vsque ad vltimum meũ, nisi mecum fueris, non erit aliquid meriti mei.* Ni ay vejez, ni mocedad que tenga vn solo aliento virtuoso sin Dios. Pues conociendo esso, como no pide auxilio para ser virtuoso en la vejez, y le pide para serlo en la mocedad? Empero, reparad, q̃ si le pide; aquel *vsque*, todo lo comprehende: pero aunque le pide, no tanto le pide, quanto le supone; porque en llegando vn hombre à la senectud, la virtud ha de ser tal, q̃ mas trate de

Psal. 70. 71. 18.

Sant. Pagnin.

S. Augus. enarr. in Ps. 70.

esperar el dia en q̃ con la muerte ha de empeçar a gozar de Dios, q̃ tener temores de que le ha de perder, *Vsque ad senium, & canitiem.* Hasta entonces, Señor ha de ser la mayor ayuda, aunq̃ siempre necesito de la vuestra, en la mocedad necesito mas, porq̃ lo natural està mas peligroso, por estar con mas vigor: pero en llegando las canas, ya que lo natural està casi difunto, en virtud de vuestro fauor he de tener tanto de virtud, q̃ mas necesite de la perseuerancia en ella, que de la nouedad.

XX. Prende Herodes al Bautista, porque con ossadia santa reprehendia sus illicitos gustos. Gustaua de ser Rey, para cumplir los antojos al deseo: valiendose de la dignidad, no para ser Rey en virtudes, sino para ser esclauo de vicios, culpa comun de los puestos. Iuan le reprehende, y èl pone en la carcel a Iuan. Apenas se vio preso, quando cõ toda diligencia embia sus Discipulos a Christo: *Mittens duos de discipulis suis.* Que diligencia es esta tan apresurada? ahora embia los dicipulos a Christo? Porque no los ha embiado antes? no tuuo tiempo para hazerlo? Si (dize Chrysostomo) siempre tratò de encaminar à Christo sus Dicipulos, de q̃ le reconociessen por su Dios, en esso no, nunca tuuo descuido; aunque solo ahora es quando los embia: pues

Matt. 11 2.

por q̃ no los embia antes? Dixolo el Santo: *Donec igitur Ioannes erat cum ipsis, suadebat eis continue de Christo; quia autem iam erat obiturus amplius studium facit.* Antes estaua en lo florido de su vida; ahora aunq̃ no ha llegado à lo mas decrepito, ni a lo mas anciano, pues siente, q̃ ya se acaba el viuir, multiplique pues las acciones de el seruicio de Dios, y si el embiar a Christo sus Dicipulos, para q̃ le reconozcan por su Mesias, tiene tanto de perfeccion, no pierda punto en hazerla; q̃ si antes cumplia con la obligacion de Santo, en disponer a sus Dicipulos para el conocimiento de Christo, ya que llega lo vltimo de la vida, para cumplir con ella, ha menester hazer mas demostraciones de virtud; y assi embielos, que si el embiarlos à Christo, es acciõ de perfeccion suma, ahora es el tiempo de hazerla; q̃ aunque en todo tiempo ay obligacion a ser Santos, en lo vltimo de la vida crece mas essa obligacion.

Chryf. in Cat. hic.

XXI. El Profeta Ioel empieza de esta suerte el libro de sus Profecias: *Audite hoc senes, & auribus percipite omnes habitatores terræ.* Oidme ancianos, oidme los demas habitadores de la tierra. La distincion me dá cuydado. Los ancianos no son habitadores de la tierra? pues como los distingue el Profeta de los q̃ habitan en ella? Si es assi q̃ viuen

Ioel. 1. 2.

en ella, diga solo: *Auribus percipite omnes habitatores terræ*; q̃ diziendo a todos los que viuen en la tierra, y los ancianos viuen en ella, con esso lo entenderàn. Pero hazer distincion de los q̃ viuen en ella a los ancianos, viuiendo todos juntos, para que es? Es verdad dize Ruperto, q̃ viuen todos juntos, pero aun q̃ viuen los ancianos en la tierra, dales el Profeta nombre de cielo: *Senes, & habitatores terræ, hoc differunt, quo cæli, & terra apud Isaiam dicentem. Audite cæli, & auribus percipe terra.* Cielo son, aunque viuen en la tierra. Y assi el Profeta preuenido anduuo, quando quiere que le oygan, en no llamarlos con la demas gente comun. No lo entiendo: Vn viejo le ha de llamar cielo; comunmente para dezir, que vn hombre es muy viejo, dezimos, que està hecho tierra: porq̃ Ruperto dize, que es cielo? por el mismo caso q̃ està hecho tierra, por esso se ha de llamar cielo, porq̃ las obligaciones de la virtud, aunque son siempre grandes, en vn anciano crecen tanto, que para cumplir con ellas, menos q̃ siendo cielo de santidad no cumple. Cielo deue ser el que es anciano. El tener algo de tierra, quedese para el niño, que si obligado à ser cielo, no tanto: pero quando la tierra quiere ya conuertirse en tierra, ha de estar tan putificada, que toda parezca cielo.

Rup. Abb. con. in Io. el ad c. 1.

XXII. Aduierte Christo Señor nuestro a sus Dicipulos estèn siempre preuenidos, porque no saben la hora en que los ha de llamar su Señor, y para obligarlos a preuencion tan necessaria, les dize: *Si venerit in secunda Vigilia, & si in tertia Vigilia venerit, & ita invenerit, beati sunt servi illi.* No os và menos que ser bienauenturados el estar preuenidos, estaldo, que si en la segunda Vigilia, y en la tercera os halla apercebidos, os podeis tener por bienauenturados: *Beati sunt servi illi.* Reparò con agudeza Drogon Hostiense, que nombrando Christo à la segũda, y tercera Vigilia, passa en silencio la primera, y la quarta: *Prima, & quarta Vigiliæ nulla mentio fit*: Si en la primera Vigilia, y en la quarta hallàra Dios preuenida vn alma, no fuera bienauenturada? Claro està? pues porque no las nombra? esso parece agrauio, pues se puede presumir, que no causarà bienauenturança el cuydado de estas Vigilias. No estrais en el caso. Que representan? Las edades del hombre. La primera Vigilia significa la infancia, que es la primera edad: La quarta, la senectud, que es la vltima. Veis aí, porque no las nombra, no porque la preuencion en essas edades no causa bienauenturança, como en las

Luc. 12. 37.

otras, sino porque la primera, q̃ es la infancia, no es capas de preuencion: La quarta, que es la senectud, no da lugar a dormir, sino a estar siempre velãdo: *Nec prima ætas* (dize Drogon) *sensum recipit vigilandi, nec vltima spem prolixius dormiendi.* No las nombre Christo, q̃ si el nombrarlas auia de ser para dezir, que en ellas auia de auer preuencion de virtudes, no las nombre; porq̃ la vltima edad, no es edad de descuydos: la primera no los puede tener, esta por muy dormida, aun no conoce la culpa; aquella por muy despierta deue ser toda virtud. Pues si la senectud tiene obligacion à ser toda santidad, y la infancia no puede dexar de serlo: dexe Christo el nombrar la primera, y quarta Vigilia, en donde estan estas dos edades representadas, para q̃ se entienda, q̃ si vn niño se supone bienauenturado, porq̃ en aquella edad es impossible q̃ peque, vn anciano ha de ser tan essento de culpas, que pueda passar plaça de bienauẽturado.

Drog Hostiens. de Sacram. Dom. Pa.

XXIII. El empeño en que està la senectud en resistir combates de mocedad, enseñan con toda lisura los periodos deste cõbate. Ordinariamente vn anciano es combatido con las memorias de lo que le passò en las lozanias de su juuentud: y viendose tal vez impossibilitado de hazer lo que hizo, suele llegar a sentir el verse tan decrepito; como si el tiempo guardàra cortesias, o no hiziera su oficio, consumiendo lo mas fuerte, y arruynando lo mas constante. En esta edad, los verdores han de ser para la virtud, los alientos, para la santidad, las bizarrias, para los desprecios del mũdo, y los desasosiegos, para seruir continuamente a Dios.

COMBATE IV.

Non discedebat de Templo, ieiunijs, & obsecrationibus seruiens nocte, ac die. *Vers.* 37.

La vida publica suele ser credito de la vida.

XXIV. NO se apartaua del Templo esta muger, de dia, y de noche estaua en oraciones, y ayunos, siruiendo continuamente a Dios. Demasiada parece essa assistencia. No se ha de apartar del Templo vn alma, alli han de ser las penitencias, alli las deprecaciones: *Non discedebat de Templo, ieiunijs, & obsecrationibus seruiens nocte, ac die.* Fineza es, pero tambien tiene riesgo, porque el templo es lugar comun, y podran todos ver su vida, y ser testigos de sus acciones. Empero, no pierde por esso vn alma, sino es que lo haga

por

por esso: mas si trata solo de agradar a Dios, y seruirle, aunq̃ viua publicamente, no se desacredita, ni pone en pel gros, q̃ suele la publicidad tener; antes cobra nueuo credito: q̃ quien viue sin escusarse de lo publico, señal es que no tiene culpa en lo secreto.

XXV. Muere Lazaro sin embargo del auiso que tuuo Christo Señor nuestro de su achaque, dõde se conoce, que no le ay mayor para la muerte, que la vida. Viuia Lazaro, q̃ mas enfermedad quiere para morir? ausente Christo, muere, pero no descuidado de su remedio, q̃ es amigo verdadero, y suele dissimular el serlo, para mostrar serlo mas. Llega despues de diuersos sucessos a resucitarle. Estos son los descuydos de Dios. Llora viendole en el sepulcro assi, ama, gime, y solloza, para auerle de dar vida; assi siente boluerle a las miserias q̃ se passan en esta. Dà vozes: *Lazare veni foras*; assi muestra su poder: y assi repara S. Eligio Nouiomẽse en la voz imperiosa de Christo. Que traza es essa de resucitar? Lo imperioso de la voz viene ajustado, para poner a la muerte preceptos de soltura en vn subdito suyo: q̃ tiene tanto cuidado cõ la cõseruacion de sus vassallos, que menos q̃ en obediencias de mandatos diuinos, no se desharà de solo vno. Buen exemplo para los que viuen con imperio en el mundo. Pero si la voz es necessaria, las palabras q̃ pronuncia no parecen al proposito. Para vna resurreccion, no era mas propio dezir: *Reuiuisce*, q̃ no, *Veni foras?* Parecelo assi por lo menos: porq̃ *Reuiuisce*, es lo mismo, que *Ad vitam reddere*, boluer a la vida: y parece mas concerniente a la resurreccion, dezir: Buelue a la vida, q̃ no, sal fuera del sepulcro. Con todo esso (dize Eligio) no diga, *Reuiuisce*, sino, *Veni foras*, Porq̃ Lazaro era obediente, y sino le dexara, q̃ saliera del sepulcro, aũque le mandara boluer à la vida, estuuiera viuo, pero q̃dara; se dentro de la sepultura, y estando metido en el sepulcro, su vida no tuuiera el credito que merecia, antes se desacreditàra, pues pareciera pecador en el viuir, viuiendo escondido de los demas. Assi pues para resucitarle, aunq̃ era suficiente dezir, q̃ boluiesse a la vida; mandale q̃ salga fuera del sepulcro viuo: *Veni foras*. Mandale salir en presencia de todos; para que viendole viuo, y obediente, se acredite la nueua vida, que recibe, viendo q̃ es vida tal, q̃ sin empacho puede viuir en comun: *Vnde* (dize Eligio) *& huic ipsi mortuo Lazaro, nequaquam dicitur, reuiuisce; sed veni foras. Omnis quippe peccator, intra conscientiam abscondit se, introrsus latet, in suis penetralibus*

Roam. 11. 43.

S. Elig. Nouiom. Ep. ho. 11.

libus occultatur. El uiuir en oculto: es uiuir de pecadores, que siempre buscan lo retirado, para ocultar lo malicioso, y siendo su uida sin conciencia, uiuen dentro della, para que se manifieste menos su uida. Pero la uida que es publica, y que no rezela de ser uista de nadie: esse uiuir a lo manifiesto, esse es el uiuir mejor.

XXVI.

Las primeras criaturas que salieron de la mano de Dios, fueron el cielo, y la tierra, y aũque fueron primicias de su poder, no las califica por buenas. Passa en silencio esse apoyo, y solo refiere el Texto Sagrado, q̃ las criò Dios: *In principio creauit Deus cælum, & terram*. Genſ. 1. 1 Prosigue el Opifice Diuino con la obra de la creacion: Llega à formar la luz, y apenas la vè fuera de sus manos, quando pagado de su hermosura, ò satisfecho de su acierto, la califica por buena: *Vidit Deus lucem quod esset bona*. Verſ. 4. No entiendo, Señor, lo que hazeis, criais el cielo, y siẽdo el primer lustre de vuestra Omnipotẽcia, no dize el Texto Sagrado, q̃ os parece bien la luz? No es mas antiguo q̃ ella? Essa antiguedad no es indicio de su nobleza? Pues porq̃ le negais el apoyo q̃ puede tener con vuestra aprobacion? Parezcaos luego q̃ le criais q̃ es bueno, como os parece q̃ es buena la luz; *Quod esset bona*. No es esso lo profundo del misterio. Parecele bien à Dios la luz recien criada, fue acreditarla: *Vidit mihi probauit mihi*, dixo en nombre de la luz Ambrosio. Pues esse credito, porque no se podia dar al cielo? No veis la diferencia. La luz publica su ser al mismo instante que le recibe; no tiene cosa en si, que no manifieste; porq̃ como es luz, no puede estar oculta. El cielo luego q̃ se criò estaua junto con las tinieblas, y hermanado con las obscuridades, cõ ellas tiene su habitaciõ: *Tenebræ erant super faciem abyssi*. Y assi estaua, aunq̃ criado, sobrego. Miròle Dios, y vio, que no podia ser visto de nadie, que a sus ojos, por no ser diuinos, a quien nada se le oculta, estaua solo manifiesto. Mirò à la luz, y vio, que no solo la podian ver sus ojos, sino que era para todos visible. Vio q̃ la luz viuia à lo publico, pues en recibiendo el ser, al punto le hizo manifiesto. Vio que viuia a lo escondido el cielo, pues no se dexaua ver. Diga pues el Texto Sagrado: Pareciòle à Dios buena luz, y no diga: Pareciòle bien el cielo; q̃ si en esso consiste el aprobar Dios, y essa aprobacion es credito; aprueue à la luz, y no al cielo; porq̃ solo se puede acreditar por buena vna criatura q̃ tiene su ser desuerte, q̃ no teniendo q̃ ocultar, le pueden ver todos lucido.

S. Amb. l. 2. Exã. c. 5.

Viua-

XXVII Viuamos como de dia, exortaua a los de Roma Pablo, no busquemos la obscuridad para viuir, q̃ viue muy a lo sospechoso quien procura eximir sus acciones de la jurisdicio̅ de la claridad: *Sicut in die honeste ambulemus.* Con este modo de viuir, viuiremos a lo honesto. Porq̃ no dize: *Sicut in nocte honeste ambulemus?* Andemos honestos como de noche. La noche tiene mucho de honestidad, pues cubre qualquier defecto, y por lo menos no se parece, si se haze. Es assi, pero con todo es ocasionada para la deshonestidad. En aquellos tiempos deuia de ser assi, en estos, por nuestra desdicha, no tiene mas el dia, que la noche. Viuamos, pues, como de dia; y por q̃ no como de noche? q̃ importa q̃ esta sea ocasionada a culpas, si en ella halla su mayor aliuio la virtud? El sossiego de la noche es sazonado para la contemplacion: la quietud de vn alma es mayor por estar todo en silencio: el desahogo de las cosas del mundo, de los cuydados de la tierra, de noche es, q̃ el dia todo se gasta en esta solicitud, y se consume en esse cuydado: y assi en el dia tambien se viue cõ peligros como de noche; y esta sus seguridades tiene como aquel: luego de noche bien se puede viuir bien. Y siendo assi, por q̃ Pablo no dize, q̃ se viua como de noche, dizie̅do, q̃ se viua como de dia; *Sicut in die?* pues en el dia ay peligros, si ay peligros en la noche? Es assi, pero el dia tiene vna propiedad opuesta à otra de la noche; y es, q̃ el dia haze publicas las acciones, y la noche las oculta. Ea pues, entendido anda Pablo en la doctrina que enseña: *Sicut in die honeste ambulemus*, viuamos como de dia, no como de noche, por q̃ solo viue el q̃ viue con reputacion: y no es viuir lo demas. Pues si la noche oculta la vida, y el dia la manifiesta, viuamos como de dia para viuir con opinion, que vna vida manifiesta, es el mayor credito de vna vida.

Ad Rom. 13. 13.

Dichoso el que viue de suerte, que sin empacho se pueda manifestar. Essa es la dicha mayor que puede el hombre acaudalar. Dize Seneca: Viuir tan ajustado en todas sus acciones, que si fuera conueniente sacarlas en publico todas, no fuera necessario cubrir el rostro, para sacarlas: *Tum felicem te esse iudica, cum poteris in publico viuere.* La publicidad no dissimula faltas, ni ay quien repare en ellas, como el comun, todo lo quiere perfecto; y pocas vezes esta a sus ojos cabal; porque lo mira con atencion de cuydado; y assi nunca le falta, por ajustado que sea lo que mira, alguna cosa que tachar, quien se pone a la censura publica á mucho se-

XXIIX

Sen. lib. 1 Epist. 43.

se pone. Quien sale de ella biẽ, con seguridad se puede alabar. Luego bien dize el Filosofo: Poder viuir en publico, es la vltima dicha; porque para esso es menester muy ajustada la vida.

XXIX. Ajustaos, fieles, en el viuir, conforme este combate os enseña; sea vuestra vida tal, q̃ pueda salir en publico, sin sacar colores al rostro: Y si el mundo es de tal calidad, que combate siempre à lo perfecto, q̃ lo persigue, queriendo, q̃ luego q̃ empieza vn alma a estrecharse, desasiendose de el, sea en toda virtud consumada: Poned vuestra vida tan à lo perfecto, q̃ os pueda ver el mundo consumados. Mirad vuestra vida, ajustad uuestras acciones; para q̃ uiuiẽdo con essa justificacion, podais tener el credito de quien uiue en publicidad.

VICTORIA.

Ecce positus est hic in ruinam, & in resurrectionem multorum. *Vers.* 34.

Sino se pelea sin la ocasion de la culpa, no se puede salir con la victoria de la gracia.

XXX. SImeon fue Profeta, y declarando à Maria algunas propiedades q̃ auia de tener su Hijo, le dize de esta suerte: *Ecce positus est hic in ruinem, & in resurrectionem multorum.* Palabras dificultosas parecen pues ser ruina, y resurreccion, no se auienẽ bien; porque la ruina destruye, la resurreccion edifica. Edificar, y destruir, se oponen, y assi no podra ser ruina, quien ha de ser resurreccion. Antes si (dize Tito Bostr.) y no pudiera ser lo uno, sino fuera juntamente lo otro. Que resurreccion, y q̃ ruina ha de causar con su uenida Christo? Ruina de la culpa, resurreccion de la gracia, peleando contra aquella, y saliendo con esta uictorioso. Pues bien dize Simeon, primero ha de ser ruina, q̃ llegue a ser resurrecciõ; porque la oposicion que ay entre la culpa, y la gracia es tanta, q̃ auiendo de entrar en campaña contra el pecado, menos q̃ dexando arruynado, y uencido hasta la misma ocasion de pecar, el salir con la uictoria de la gracia, es imposible: *Vt enim* (dize Tito) *meliora exurgant, peiora ruant oportet. Nisi enim scortatio, & impudicitia cadant, pudicitia, & castitas nunquam exurgent.* La ocasion es la mortificacion que tiene la culpa, para estar siempre defendida: esta es quien la conserua en su ser; y assi el alma que quisiere uencerla, primero ha de pelear contra las ocasiones, que contra las culpas; porque uencida la ocasion de pecar, con facilidad se uence el pecado; y estando el pecado uẽcido,

Tit. Bost. in c. 2. Luc.

cido, y arruinado, luego, luego se sale cõ la victoria de la gracia, q̃ consiste en la resurrecciõ: *Hoc igitur sensu* (cõcluye Bostrense) *in ruinam, & resurrectionem multorum positus intelligitur.* Esto es lo que profetiza Simeon, que para salir con victorias de gracia, es necessario arruinar ocasiones de culpa.

XXXI. Resoluiose Dios à fabricar este hermoso edificio del mundo, lisonja de la vista, y diuertido agrado de la vida miserable del hombre; para acreditar su buen gusto, Artifice soberano, entre tanta variedad de criaturas, con que le hizo galanamente lucido: en donde primero pone la mano es en el cielo, y la tierra. Llega a dar noticia del sucesso Moyses, y aduiertelo con vnas palabras misteriosas: *In principio creauit Deus* Gen. 1. 1. *calum & terram.* Lo primero que Dios hizo quando criò este mundo fue el cielo, y la tierra. No puede dexar de ser grande lo demas, que si el primer lustre del poder es tan lucido, puesto en mayores empeños, que serà? No me haze nouedad el buen gusto de Dios; el dar indicios de su Omnipotencia en dos tan lucidas criaturas. Solo me puso en cuydado vna Version de Oleastro, que en vez de aquel verbo *Creauit*, puso *Separauit*, de suerte que se lea: *In principio separauit Deus calum, & terram.* Lo primero que Dios hizo fue criar el cielo, y la tierra; y lo primero que hizo fue, separarlos: todo fue primero; porque aunq̃ precediò la creacion à la separacion, apartò Dios tan presto el cielo de la tierra, q̃ à vn mismo tiempo se dize, que los criò, y que los separò: *In principio creauit. In principio separauit.* Estraño modo de obrar. Si nacieron de vn parto el cielo, y la tierra, como tan presto los aparta? Y ya q̃ essa diuision es tan precisa, como van tan deslucidos? Si el cielo, y la tierra, siendo hermanos, se diuiden tanto, que el cielo se sube al cielo, y la tierra se baxa à la tierra: basteles por dolor, el gozarse tan poco juntos. Para q̃ se aliuie essa pena, lleuesse cada vno cõsigo su hazienda, el cielo lleue sus Estrellas, su Sol, y su Luna; la tierra lleue sus flores, sus arboles, y sus frutos; bastales el sentimiẽto de vna ausencia tan larga, sin aumentarle con vna pobreza: q̃ el tener disimula mucho el penar. Reparad en el motiuo de todo. Hermanos de vn parto erã el cielo, y la tierra: criaronse deslucidos, y apenas nacen, quãdo se hazen pretendientes de sus lucimiẽtos propios. No es deslouoro de la vniõ amigable de la hermandad, solicitar cada vno lo que le toca; pero pretẽder lo q̃ no es suyo, es conocida impiedad; estauan juntos, auiendo

Oleastr. hic.

de

de ser solo cielo el cielo, y solo tierra la tierra, para pretender hermosuras, y eran en la pretẽsion opuestos; porq̃ vno pretẽdia pureza de luzes, otro de flores: si de alguna hermosura de mas tosca naturaleza. Apartẽse, pues, y no salga ninguno cõ la hermosura q̃ pretende, hasta q̃ se miren ausentes, entonces cõquisten bellezas, q̃ facilmente saldran con la victoria de tenerlas: porq̃ auiẽdo de estar el cielo con la pureza de cielo, y la tierra cõ la naturaleza pegajosa de tierra, para salir con sus intentos, estando juntos, era facil pegarse el vno al otro sus resabios; con q̃ el cielo quedaua inficionado cõ los sabores de tierra, y la tierra violenta cõ las razones del cielo. Pues biẽ trazado, para alcançar el lucimiento q̃ pretenden, apartense luego q̃ se crian: *creauit separauit*, y no se vean en su pretension victoriosos, hasta q̃ se vean separados, q̃ si en essa junta ay peligro, menos q̃ quitando con la ausencia la ocasion à esse riesgo, aunque sea vn cielo, no ha de salir con la victoria de las hermosas luzes, q̃ pretende, hasta q̃ salga de la ocasion en q̃ puede inficionarse. Apartẽle el cielo, y la tierra, si quieren quedar, vno coronado de flores, en señal de su victoria, otro adornado de resplandecientes luzeros, q̃ le aclamen vencedor; q̃ si en esta junta ay ocasion de inficionarse, menos que assegurando esse peligro con vn *separauit*, no podrán llegar al estado feliz de la victoria que pretenden.

XXX. Pues si vn cielo quando pretende la pureza de vnas luzes, no se las dan hasta q̃ se aparta de vna tierra en cuya cõpañia està en ocasion de vltrajarse vn hombre q̃ es tierra, y mas facil de caer con el tropiezo de vna ocasion continua, como quiere llegar à la pureza de vna penitencia, estandose de assiento en la ocasion de la culpa? Salga de la ocasion de pecador, que assi tendrà la victoria de penitente.

XXXI. Passa Dios adelante con la creacio del vniuerso, y pone fin a ella dando principio al hombre, q̃ siendo antes vn poco de poluo, animado con su vital aliento quedò cõ él, y con alma. Diole el señorio de todo lo criado, reserua para si solo vn arbol; porq̃ Adan fuesse reconocido. No ay quien en vna Dignidad grande no se oluide: porq̃ es cõdicion del hõbre, ò porq̃ le parece no ha menester. Passò el precepto Adan, traspassóle el coraçon a Dios: cõ todo aficionado a su hechura, aunq̃ deslucida, la viene à buscar para reparala. Huye de Dios Adã quãdo le siente. Preguntale con mansedũbre donde està, *Vbi es?* Encuentrale llega a tomarle quenta de su desacierto; y antes

que

q̃ se aparte de su presencia, si le declara por culpado, le dà la enuestidura de penitẽte. *Fecit quoq; Dñs Deus Adæ & vxori eius tunicas pelliceas & induit eos.* Que es esto? Tan presto está penitente Adã, como culpado. Esse vestido que le pone Dios, si denota infamia de la culpa, es señal de verdadera penitencia; penitente es el q̃ poco ha era pecador; como salio tan presto con la victoria de penitente? No veis las armas con q̃ conquistò essa victoria? Huìa de Dios Adan (dize Moses Barcefa) algo reconocido, pero del todo temeroso: huìa, es verdad, pero quãto huìa mas de Dios, tanto se ausentaua del Arbol donde cometio la culpa: antes que viniera Dios estauase con el arbol, q̃ fue ocasion de su delito: despues q̃ le oyò, saliose del, y huìa de Dios, lo mismo q̃ huya del arbol: apartauase de Dios temeroso, y apartauase del arbol rezelado; tanto se ausenta de Dios, por ver q̃ se ha ofendido, como del arbol, atẽdiendo a q̃ fue ocasion de que ofendiò: *Fugiebant igitur* (dize Barcefa) *tum à Deo, qui vocem incessus sui ipsorum auribus ingesserat; tum ab arbore de qua improbe ederant.* Aun mismo tiẽpo huyan de Dios, y huyan del arbol; de Dios temerosos del castigo viendole Iuez; del arbol temerosos de no boluer a pecar, viendo q̃ en el auian pecado. No se dilate pues la victoria de la penitencia à quiẽ assi sabe armarse de fugas donde pecò, para cõquistarla q̃ si el no salir de la ocasion de la culpa, es causa de no llegar por la penitencia à la victoria de la gracia, el apartar essas ocasiones, es arma tan eficaz para cõbatir vna penitencia, q̃ solo por q̃ Adan se ausenta del arbol donde pecò, el mismo Dios le viste de penitente, dandole en el vestido q̃ le pone insignias de victorioso: *Induit eos.* Vistalos de pieles de animales despues de auerse apartado del arbol donde pecaron á vn mismo tiempo denote esse vestido, q̃ son penitentes victoriosos, y que fueron pecadores vẽcidos, para que el pecador q̃ los mirare, sepa, q̃ si quiere llegar presto a la victoria de la penitencia, el camino es huir de la ocasion de la culpa.

Genes. 3. 21.

Mos. Barcẽ de Tarad. c. 28.

A todos oye Dios (dize Dauid) à todos remedia sus necessidades, y leuanta de sus cuytas; cerca està para socorrer toda dolencia: *Prope est Dñs omnibus inuocantibus eum.* Ya parece se alegra el alma en tener à Dios tan cerca, que solo con llamarle, le halle: Pero aduertid, q̃ es menester mas, es necessario llamarle en verdad: *Omnibus inuocantibus eum in veritate.* Por q̃ sino aun q̃ se llame, no respõde. Buena aduertencia es essa; puede llamarse Dios con mentira? vn alma q̃ neces-

xxxiv.

Psal. 144. 18.

necesitada se resuelue a llamarle, como su ansia es salir de su miseria, y conoce que el salir depende de Dios, de verdad le inuoca. No es posible aya mentira en quien de veras desea a quien llama para su remedio. Para que es essa aduertencia en còsa tan clara? No lo es tanto como parece; porque ay quien aunque llame a Dios necesitado, no haze las diligencias para llarmarle, segun su necesidad. Y assi aduierte el Profeta bien, que si le llaman con necesidad, sea conforme a la necesidad la diligencia de llamarle: y que se ha de hazer para llamarle de essa suerte? Dixolo Isaias: *Derelinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas.* Y hecha esta diligencia, *Reuertatur ad Dñm, & miserebitur eius.* Dexe el pecador el camino de la culpa, y trate luego de llamar a Dios para alcançar la victoria de la gracia, seguro de que la alcançarà, porque dexa la ocasiõ del mal, para conquistarla: llame a Dios, que con essa diligencia en verdad le llama, y llamandole en verdad, cierto tiene la victoria de tenerle; porque, *prope est omnibus inuocantibus eum in veritate.* Aquel busca à Dios con verdad, que dexa la ocasion de ofenderle, para buscarle; porque estar metido en ella, y buscarle con mentira: miente quien dize que tiene ansias de hallar à Dios, y no dexa la ocasion de sus culpas: impertinentemente desea dexar el ser pecador, quiẽ no sale de donde peca; porque menos que dexando la ocasion, no es posible dexar la culpa.

Isai. 55. 7

Impide la ocasion de pecar tanto la victoria de la gracia; porq̃ siempre està en desgracia, quien està en ella: quien cõquiste con armas de desgracia, no puede salir con victorias de penitẽcia. Nadie se fie en buenos deseos, si està en malas ocasiones, q̃ son trazas del demonio, para q̃ nunca salga de pecar. No pecar estando en la ocasion, parece imposible. El mismo nõbre lo dize, porq̃ *occasio*, sale de *occido* breue, q̃ significa caer de suerte, q̃ lo mismo es caer, que ocasion. Si es todo vno, como podrà estar en pie como victorioso, quien està siẽpre caido como rendido? La ocasiõ todo lo contiene debaxo de si, todo le està sugeto, dixo Procopio: *Occasio reliqua omnia intra se continet.* No fieis de quien està en ocasion, q̃ qualquiera cosa harà; todo se le haze facil: assi adelanta culpas, como si obràra virtudes; porq̃ todo genero de mal està sugeto al poder de vna ocasiõ. Dios nos libre de guerra tã poderosa contra nuestra alma: Dios nos defienda de quien tãto nos puede destruir; procurad, fieles, disponeros có Dios, desuerte, que merezcais su ayuda,

Proc. lib. 1. de Bell. Persic.

da, para no estar en ocasion de ofenderle, que saliẽdo della llegareis a la victoria de la penitẽcia, q̃ es por dõde se alcança la de la gracia, y por dõde se viene à gozar la gloria. *Ad quam, &c.*

CONQVISTA SEXTA.

Para el Domingo infra octaua de la Epiphania.

Remansit puer Iesus in Ierusalem, & non cognouerunt parentes eius. Luc. c. 2. 43.

EXORTACION.

YA tenemos de doze años à Iesus; Iesus, y que marauilla! Por años se le cuenta la edad a quien viue por eternidades: tales trueques haze su amor. Subiò à Ierusalen en compañia de sus Padres, como tenian de costumbre. Era su costumbre subir; que mucho lo tuuiesse por costumbre Acabaronse los dias de fiesta, que era quando iban à Ierusalen. Si las fiestas se acaban, los trabajos como no se han de acabar? Boluieronse à Nazareth los Padres, y quedòse en Ierusalen el Hijo. Desde niño le pareciò bien esta Ciudad, quizà porq̃ en ella auia de padecer. No tuuieron sus Padres noticia del caso: no seria poco cuidado, sino disposicion diuina; q̃ es gloria de Dios obrar sus marauillas, quando menos las entienden los hombres. Echaron menos al niño; como podia ser menos? Presumieronle combidado, y vinieron a buscarle luego: hallaranle sin duda, q̃ si el perder a Dios es desdicha, buscarle luego q̃ se pierde es para hallarle cõ seguridad. Entre los parientes, y conocidos le buscan, y no le hallan. Antes suele Dios perderse entre los parientes, q̃ hallarse. No dexan de hazer diligencias en buscarle, porq̃ no le hallan, antes las aumentan, señal q̃ le tienen en el alma; q̃ buscar a Dios sin Dios, no puede ser. A Ierusalen suben, y al tercero dia le hallan, siendo Maestro de Dotores, y leyendo de oposicion entre Maestros. Siempre q̃ leyô

Christo en Ierusalen, leyò de oposicion, porq̃ siempre estuuo opuesta aquella Ciudad en su Doctrina. Admiraronse de verle en aquel puesto: De no verle en mayor se podian admirar; q̃ vn docto no ay puesto q̃ no merezca. Amorosamente sentida se quexa la Madre de su ausencia: Vuestro Padre, y yo, le dize, os buscamos afligidos. No pudo oluidar la cortezia, con el alborozo de auer hallado a su Hijo: *Quid est quod me quærebatis.* No sabeis q̃ no me puedo perder? y q̃ quando os parece q̃ me pierdo, gano el obedecer a mi Eterno Padre? Para q̃ me buscais por perdido, quando yo estoy tan ganado? No entendieron la respuesta, ni entienda nadie hà de conocer los secretos de Dios, quando a tu Madre estan ocultos. Baxaronse otra vez à Nazareth su patria, trayendose consigo a Iesus. Y aduierte el Euangelista, que estaua sugeto á ellos. No te si es grandeza de Maria, tener tan sugeto a Iesus, ò si lo es de Iesus, estar sugeto a Maria, tampoco pierde Iesus. Guardaua las acciones del Hijo en su coraçon la Madre, y Iesus, como crecia en la edad, crecia para con Dios, y para con los hombres en la sabiduria, & gracia. Aue Maria.

COMBATE I.

Remansit puer Iesus in Ierusalem, & non cognouerunt parentes eius. *Vers.* 43.

Asegura Dios la memoria de vn fauor, dexando en el que desear.

Num. I. DE dos maneras se oluidan los fauores grandes, ò porq̃ los hombres se enfadan de tenerlos, o porq̃ se cansan de desearlos. Fatiga mucho vn deseo, sino se alcança, dixo el Sabio: *Spes quæ differtur, affligit animam.* Prou. 13. 12. Y assi con facilidad se oluida, ya porq̃ nuestra naturaleza se cansa de cansarse siempre, ya porq̃ es tan interesada, q̃ no puede ver lo imposible; ni mira con catiño lo dificil: ni lo muy posible le satisface (dixo Nazianzeno) antes desprecia lo facil: *Facile vilescit, quidquid facile percipitur.* S. Greg. Naz. de Pa. Braua miseria la de nuestra naturaleza, si ya no es, que sea ambicion; pues ni lo q̃ tiene, ni lo que no tiene le satisface. Penetra Dios su condicion, y assi anda por rodeos para fauorecerla, y parece se halla como dudoso en el modo de hazer los fauores, para assegurar su memoria, pues siendo todos fauores, los pone en contingencias de desprecio; sino fauorece, no cumple con su inclinacion: mas para satisfacer a entrambas cosas en los fauores grandes, quita algo, porq̃ el alma tenga que desear, para que con esso la fatiga del deseo sea

menor,

menor, a vista de lo q̃ le goza, y lo q̃ goza no enfade à vista de lo q̃ le desea; y cõ essa industria, ya en la impaciencia de lo q̃ se desea, ya en el alegria de lo que se goza, se eternice la memoria de los fauores que haze.

II. Este es el Euãgelio. Era Christo de doze años quãdo subiò à Ierusalẽ en cõpañia de sus Padres a la celebracio de la fiesta, duraua esta siete dias. Al boluerse a sus lugares era costũbre ir apartados de las mugeres los hõbres: Quedose el niño en Ierusalen; fue facil no ser conocida su perdida, porq̃ yendo por diferentes caminos no era dificil presumir Ioseph, q̃ iba Iesus con Maria, ò juzgar Maria, que iba Iesus cõ Ioseph: Esta es la razon porq̃ no echaron menos a Iesus, aunq̃ se quedò en Ierusalen: *Remãsit puer Iesus in Ierusalem, & non cognouerunt parẽtes eius.* No culpo el descuido porq̃ tiene esta disculpa, empero reparo en el cuidado q̃ tuuo Christo, de q̃ no conociessen sus padres, q̃ se quedaua: *Non cognouerũt parentes eius.* Que importaua q̃ lo conociesen, si q̃ no le auian de impedir su intento? conozcanlo, y escusarà con esso los dolores de perderle, y los deseos de hallarle. Bueno es esso, quando si se pierde sin que le conozcá, es porq̃ tengan essos deseos. El tener siempre à Dios en su compañia, es el vltimo fauor; puede ser que por ordinario se oluide: pues dexesse de tener tal vez; porq̃ se aprecie el tenerle: Pierdase de la vista Dios, porque se assegure en la memoria; que si teniendole, se goza, y perdiendole, se desea, la memoria de tenerle, si en el gozo es contingente, es segura en el deseo.

III. Dissimulos fueron de Christo tratar como si fuera peregrino, con dos Dicipulos de su muerte, despues de auer resucitado: harto fue poder encubrir tanta gloria, no la vieron, aunque la tenian tan cerca, no consiste el no gozarla en los lejos, sino en no merecer gozarla. Estauan en el camino del castillo de Emaus tratando de la muerte de Christo, quando èl se les apareciòten platicas de su muerte, no se puede contener. Empieça à tratar muy de espacio con ellos el sucesso de su Passion. Arde el coraçon de los Dicipulos, abrasado de sus palabras: aficionãse à su doctrina, y proceder, y aficionados, haze q̃ se quiere ausentar: *Et ipse se finxit longius ire.* Repàro en el modo cõ q̃ el Euangelista lo dize. No dize q̃ se ausenta Christo, sino q̃ finge quererse ausentar, *finxit longius ire.* Para q̃ haze essa diligencia Christo? ò quiere ausentarse, ò no; si quiere, porq̃ no se ausẽta? sino para q̃ lo finge? Por q̃ ni se ausenta quiẽ finge quererse ausẽtar, ni se està quiẽ fin- *Luc. 24. 28.*

ge q̃ se ausenta. Y aun por esso juzgo q̃ finge el ausentarse. Pretendia Christo, que no se les ausentasse à los Dicipulos de la memoria vn beneficio tan grande, como verle resucitado, despues de no auerle creido, y por esso lo haze: quiere estarse en la memoria; por esso quiere irse de la vista. Estaua ardiendo el fuego de su amor en el coraçon de los Dicipulos, y quiere q̃ no se oluide, para que no se apague: consumar quiere esse ardor en la memoria, no consumirle en el oluido. Pues haga que se pierde, dize Filon Carpacio: *Finxit se, longius ire, vt rogetur impensius, studiosius inquiratur, diligentius conseruetur.* Que si el ausencia no puede cõseruar, porq̃ no tiene, tiene ocasion de desear con q̃ conserua; haga q̃ se ausenta, pero esteste: lo vno, para engẽdrar deseos: para no quitar possessiones, lo otro; q̃ si el intento es, q̃ esse fauor no se oluide, afiançada queda su memoria, ó en el sabor de quien goza, ò en el poco sufrir de quien desea.

Phi. Car. ad c. 5. Cant.

IV. Durmiendo estaua la Esposa, pero como amaua, era el sueño en los ojos y velaua el coraçon: oyò las vozes de su Esposo, no fue dificil conocerlas, teniendole dentro del alma: *Vox dilecti mei.* Douian de despertarla los deseos de verle; quando ¿Pquiza por no despertarla, no solamẽte mandò, q̃ la guardassen el sueño, sino q̃ el mismo estaua mirandola desde vnas ventanas, ò diuertido en su belleza, que suele aumentarse cõ el sueño, ò aguardando à que despertasse, para hablarla, efectos todos de vna fineza: *Respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos.* Los Setenta en vez de aquel *cancellos*, leyeron *retia.* Las ventanas por donde tan atento miraua el Esposo, tenian vnas redes, ó vnas celosias: y por alli miraua tan cuydadoso, como amante à la Esposa. De que sirven celosias para el cuerpo, quando ay tanta vnion en el alma? Si huuiera diuorcio entre Esposos tan castamente enamorados, està bien essa diligencia; pero siendo tan mantes, para q̃ son celosias? Iusto Orgelitano lo dixo: *Cùm quiddam sui occuluit, quiddam autem manifestauit; quasi per fenestras, & cancellos prospexit.* No aueis visto a vna persona por vna celosia, q̃ ni està manifiesta, ni de todo punto oculta; antes se mira de tal suerte, q̃ se ve algo de lo que no se vè, y si con atenciõ se repara, se mira algo de lo q̃ se mira, y algo de lo q̃ se mira, y algo se dexà de ver? Pues assi, dize Orgelitano, assi haze los fauores al alma el Esposo como por celosia, para q̃ ni los goze, ni los dexe de gozar. Vea el alma à su querido Esposo, q̃ siendo amante, no podrà viuir sin verle; y por

Cant. 2.9

Septuag.

Iust. Org. ad cap. 2. Cant.

que

que no se canse de essa vista, veale por celosía, para que à vn mismo tiempo vea, y no le vea; y viendole, alegrese en lo que vé; y no viendole, desee verle mas, para q̃ en lo que no vè, se asegure el g̃usto de verle: q̃ el deseo es tan impaciente, q̃ lo q̃ oluida la memoria por posseido, eterniza en ella la voluntad, por deseado; y assi en vn fauor grande, como ver al Esposo, jũtense el verle, y el no verle, para que nunca se oluide.

V. Al partirse nuestro Padre Elias desta vida, aunque no de la suya, le pidiò su espiritu doblado Eliseo. Valor grande atreuerse à tener vn espiritu tan ardiente. No desdeña su peticion el gran Padre, si la fauorece, ni es digno de reprehẽsion vn deseo grande, antes de aplauso. Ponele con todo señas para el cũplimiento de su peticion: *Si videris me, quando tollar à te, erit tibi quod petisti. Si autem non videris, non.* 4. Reg. 2. 1. si me vieres quando me ausente de ti, ten por cierta tu peticion, sino me vieres, no la aguardes: En verme consiste tu dicha; tus ojos han de ser terceros de tu buena suerte. Desuerte, que en el verà Elias consiste el tener el espiritu doblado suyo. Pues si està en esso toda la dicha de Eliseo; porque no le dize, q̃ le verà? Si el fauor crece, si le da esperanças del, si queda con señas suficientes, por q̃ las dexa deciſas? *Si videris me.* Sabe Elias, que Eliseo le ha de ver, ò no? Sino lo sabe, como se lo insinua? Si lo sabe, como no se lo declara? O valgame Dios, y que modo de hazer bien! Pues quãdo se haze sin duda, duda quien le recibe, si se haze. Bueno es esso, para lo que dize Seneca: *Proprium est libenter facientis, cito facere.* La presteza en el hazer biẽ, es el mayor testigo del gusto con que se haze, que hazerle con dilacion, es hazerle con azedia; q̃ serà hazerle en contingencia donde el fauor no se haze. Pero reparad en el discurso de Elias: Yo me ausento, dize el Profeta: el ausencia es poco segura, y mucho lo que Eliseo me pide. Negarlo es faltar a mi obligacion, pues me empeñè quando le dixe, pidiesse a su voluntad. Concederlo sin dilacion, es poner en duda la memoria del concederlo: pues quierolo conceder: pero cõcedolo en duda: *Si videris me:* porque estando contingente el fauor, aurà lugar para desearle; y andando de por medio el deseo, despertarà tanto la memoria, que no darà lugar a que lo oluide: *Si videris me.* Fuera mucho a la primera vista verse Eliseo con vn espiritu doblado de Elias, y como auia de tener memoria de lo que aun no le auia costado vn deseo? desele q̃ desear, aunque se le aya de dar q̃ *Sen. lib. 1 de benef. c. 1.*

tener; q̃ en vn fauor como esse, no ha tener parte el oluido; y si el deseo asségura tanto la memoria, desee porq̃ no oluide.

VI. Estraña condicion la del Aguila, que siendo Emperatriz de las aues, para enseñar à bolar sus hijos, buela sobre el nido; y si viendola bolar, no buelan, los quita la comida; y siendo remisos, añade penas, hiriendolos con el pico, y con las vñas, hasta que salen à bolar del nido. Que modo de magisterio es esse? Como ha de bolar quien no sabe, solo con ver como se buela? Y si acrecienta las heridas, y la hambre, como puede bolar quien sobre ignorante està herido, y hambriento? Otros pajarillos, siendo padres, sacan à los hijos encima de sus alas, para enseñarles à batir las suyas. Tambien algunas vezes olvidados del beneficio que reciben, caen en el suelo, y pierdẽ la vida. Esta es la resolucion de mi argumento. O pajarillo! no te precipites en los fauores, no aceleres tus finezas, vete poco à poco no muestres tanto amor à tus hijos, que los despeñas, q̃ los ocasiona oluido tu cuydado. O Aguila ingeniosamente enamorada de tus hijos! q̃ hazes como que te descuydas, q̃ castigas como sino quisieras, q̃ te ausentas veloz como sino amaras; con que dexando q̃ desean en los fauores, asségaras la vida de tus hijos; pues el deseo de tener el mismo fauor q̃ tienen, les despierta la memoria, para q̃ no se oluiden del beneficio q̃ estan recibiendo. Llamese tu escasez liberalidad, tu rigor apacible, tu amor, discreto; pues desdeñas como quien aborrece, por assegurar memorias à quien amas.

Pet. Berc. in reduct. mor. lib. 7 c. 1. n. 1.

VII. Christo, Aguila Real, se ausenta oy, y dexa à sus padres cõbatidos de dolor. A donde te ausentas, Aguila Diuina, que afliges a tus padres? No te detengas, buela con ellos veloz: para apartarse de su compañia si buela: *Sicut Aquila prouocans ad volandum pullos suos, & super eos volitans.* Pero es buelo de Aguila el suyo, q̃ antes buela para prouocar à sus hijos, que para desamparar los. Prouocalos al deseo del bien, para que nunca le oluiden. O fieles! y que combate haze Dios al hombre, afligiendole con su ausencia, para assegurarse presente en su memoria: haze del que desampara en la pelea, para que el alma se acuerde mas de pedirle socorro. El hombre es oluidadizo, de lo que menos tiene, se acuerda mejor; no estrañe que Dios le combata cõ ausencias, que como ellas solicitan deseos, y estos assegunan memorias, por no verse oluidado, suele hazer que le miren ausente.

Deut. 32. 11.

COM-

COMBATE II.

Et non inuenientes, regressi sunt in Ierusalem, requirentes eum. *Vers.* 45.

No se contenta la voluntad con lo que ha de gozar, en las perdidas de lo que ama.

VIII. EL amor es vida del alma (dixo el Sapiẽtissimo Idiota:) *Amor vita est anima, & qui nõ amat, mortuus est.* Està muerto el q̃ no està amante, porq̃ siendo el amor quien dà vida al alma, no la podrà tener sin èl. Luego el alma viue de amar, y viue con quien ama: sin él muere; porq̃ en èl està su vida. Bien està: pero si es el ausencia breue, podrase consolar quien ama, con q̃ bolueràpresto a viuir. Empero si muere ausente, a vna muerte quien la podrà consolar? pues aun q̃ aya de viuir despues, no dexa por esso de morir aora, ni le quita la muerte q̃ se padece, con la vida que se espera gozar.

Idio. lib. 1. de amor. Diu. c. 1.

IX. Que cuydadosos buscauan a Iesus, Maria, y Ioseph, ni se hallan sin buscarle, ni buscandole se hallan, mientras no hallan â Iesus; entre los parientes, y conocidos le buscan: *Et non inuenientes regressi sunt in Ierusalem requirentes eum* Acuden à Ierusalen, aumentase mas la diligencia de el buscarle, quanto menos le hallan. Que desasosiego es este: *Nesciebatis, quia in his, quæ patris mei sunt, oportet me esse?* No sabe Maria, q̃ Iesus es Dios? Iustamente està ocupado: no le aflija su perdida, que en hallarse seguro està. Pero si està ausẽte, y le ama, como se ha de diuertir, con q̃ se tà seguro verle despues? El auerle de ver no escusa el no verle; y assi, no se alibia vna voluntad inflamada, con que ha de gozar, en las perdidas de lo que ama: ama, y no goza: esso siente, auer de gozar no le quita el sentimiento de lo que no goza; tan impaciente es como esto la voluntad.

X. Estauan en presencia de nuestro Dios aquellos Serafines de Isaias; atentos le assistẽ, cuydadosos le cubren el rostro, y desasosegados buelan: Assi diuidian la variedad de alas cõ q̃ estauan adornados: *Duabus velabant faciem eius: & duabus volabant.* Estrañar la diuersidad de afectos que el Serafin tiene quando està assistiendo a tanta Magestad en el trono, en otras ocasiones lo aueis visto, Aora procura èl, a lo mistico, hazer nueua admiracion, con nouedad. En quien està en presencia de Dios alas que cubran, y alas que buelen? Si, dize dulcissimamente mi Bernardo, estan en presencia de Dios los Serafines; y porq̃ le cubrẽ el rostro, buelan deseosos de verlo; y esta es la ocasion, de q̃ â vn mismo tiempo estèn, buelen, y cubran: *Stant* (dize el Mistico

Isai. 6. 2.

S. Bern. ser. 3. de verb. Isai.

Doctor) *extendentes se, & intendentes in eum in quem prospicere concupiscunt.* Estan en presencia de la Magestad de Dios, pero cubrẽle el rostro; y assi como poco satisfechos en tanta dicha, deseando tenerla mayor, estendianse bolando, y considerauan en aquella grandeza en quien deseauan ver altissimos misterios. Deseo puede auer de ver à Dios estado en su presencia? Si, q̃ el Serafin es encendida llama de amor: *Ardens vel incendens*, dixo Bernardo; y assi aunque està con Dios, como le ama, no està satisfecho en su presencia, quãdo carece de su vista. Ama entrañablemẽte el Serafin à Dios, no le goza, aunque està ausente de sus ojos; y aunq̃ la distancia es tan breue como dos alas, q̃ son las q̃ le ocultan, se le haze larga a su amor; y assi impaciente, buela para ver à Dios, porq̃ quando le quiere mirar, le vè cubierto; y aunque sabe q̃ le ha de ver, mientras no le vè, no se contenta, y assi buela inquieto. Desean ver los ojos lo q̃ tienen oculto las alas; y assi buela, para ver lo que ama, porque sino buela, como cubre, no vè, y assi desea: desea ver lo mismo que tiene, porq̃ si lo tiene en la presencia, no lo goza con la vista: gozoso assiste, pero impaciente buela: es todo amor: *Ardens, vel incendens*: Y amor ausente, q̃ mucho buele para ver à quien ama, no consolado, con q̃ el no ver es, para poco, q̃ no le aliuia vn Serafin amante con auer de ver à Dios; en las perdidas de no verle es su inquietud, aunq̃ sepa q̃ le ha de ver. Mientras no le vè no se satisface. Buele el Serafin, si el Serafin cubre; busque desasosegado lo que oculta obediente, que no es posible la quietud, en la careftia del bien que se estima.

Ser. 4. vn de supra.

S. Bas. Sel. O 32.

XI.

Ponese Christo a orar cercano a su muerte, y diuertido con la imaginacion de sus males: tales efectos causan los q̃ se padecen por amor; no por escusar sus dolores, si por mostrarse mas obediente en ellos, pide, subordinado al Padre, si es posible, le escuse del morir: *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* Contempla S. Basilio el de Seleucia à Christo Señor nuestro en este passo, y viendole entre aquellas ansias pedir al Padre su vida, tiniendo tan seguros los lucimiẽtos en la muerte, se admira de q̃ se escuse de padecer, teniendo toda su gloria en morir. Antes auia de solicitar Christo su muerte, q̃ escusarla. En la muerte ay afrentas, pero no peligros: en la dicha del morir, ni ay peligros, ni ay afrentas: La muerte es breue, la dicha larga, la gloria segura, el padecer no peligroso. De q̃ se escusa, pues? de q̃ se aflige? No es la muerte quien la ocasiona essa afflicciõ

Matt. 26 39.

(dize

(dize Basilio) la gloria q̃ se ha de seguir a la muerte si: no siente el padecer por padecer, que por lo q̃ toca al padecer, bien padeciera, sino porq̃ padeciẽdo, es forçoso morir; muriendo, no se escusa el resucitar, resucitando, el subir al cielo es inevitable, el subir a gozar aquella gloria sin dilaciõ es lo que siente; desto pide al Padre, q̃ si es posible le escuse: *Pater mi si possibile est.* Aora Basilio: *An vt ascensum præpediat Christus passionem subit illubens?* Desganado padece, porq̃ padeciendo, es forçoso subir a gozar al cielo. Iamas vi quien escusasse sus dichas, a quien afligiessen sus glorias; y Christo teniẽdo en su muerte la pena del morir, y la gloria del gozar, no escusa la muerte, por lo q̃ toca a la pena; y la escusa por impedir la gloria q̃ le ocasiona: *Vt ascensum præpediat.* Nueuo modo de dicha, tener por dicha la pena, y tener por pena a la gloria. Pero de q̃ os admirais, si son disfraces de la voluntad aquestos? Representòsele à Christo en la oraciõ su muerte, por vna parte la mirana gloriosa, por otra triste; vè q̃ ha de passar cõ sus Dicipulos, à quien amaua tiernamente, lo afligido, y q̃ es necessaria su ausencia, para gozar lo glorioso; y aunq̃ sabe que los ha de gozar despues en la gloria, dize la voluntad: Glorias buenas son, pero sin los q̃ amo, si es posible las escuso. Penas es assi q̃ afligen, pero con los q̃ quiero, si es posible, las admito: *Pater mi, si possibile est: An vt ascensum præpediat?* Morir quiero Padre mio, pero si es posible, no aora: Lo glorioso de la muerte dilato, no me escuso de lo afligido. Dispongansse primero los mios, para q̃ vayan en mi compañia, q̃ si los he de gozar despues en la gloria, la gloria q̃ tengo de gozar sin ellos, la rehuso: no se satisface mi voluntad con la certeza de q̃ los ha de tener en el cielo, quando en el se ha de mirar sin ellos: màs le parece ha de padecer en la cercania de la gloria, q̃ en la dilacion de la pena; porq̃ ésta la padece cõ quiẽ ama, aquella ausente, y no ay gloria como la presencia de lo q̃ se estima, aunq̃ cueste penas; ni pena como su ausencia, aunq̃ sea entre glorias; *Pater mi, si possibile est.* Si es posible satisfagase la voluntad, que se mira impaciente, mientras no se mira con los suyos.

S. Basil. Sel. Orat. 32.

Iba Christo nuestro bien en compañia de sus Dicipulos à resucitar a Lazaro, Tuuo noticia de su venida Madalena, y deseosa del consuelo q̃ en ocasiones tan afligidas pide la necessidad, le salio al encuentro, juzgando el aliuio de sus penas, y aliento de sus dolores; parece q̃ culpa su tardança, presumiendo, q̃ de su presencia dependia toda su dicha, XII.

dicha, y la vida de su hermano? Estaua ya muerto de quatro dias, y cō todo no cessa de llorar, pues en presencia del mismo Ioann.11 Christo llora: *Iesus ergo, vt vidit eam plorantem.* Lagrimas por 33. la muerte de vn hermano Santo, sabiendo que ha de resucitar? Si faltàra la fe de la resurreccion, està bien que se llorara; porque se podia presumir, q̄ se perdia; pero si se mejora, para que son las lagrimas? Lo que se haze de mejor calidad, no se pierde; lo que se assegura mas durable, no es digno de lamentos. Lazaro viue en mejor vida, en mas indubitable estancia, en mas cierta seguridad: El camino por donde se haze mas durable la vida, es la muerte: el modo de eternizarse, es acabar; sin que es principio de siglos, q̄ no le tienen, es ventura: muerte que dà vida, sin miedos de que se acabe su duracion, es felicidad: Llorar felicidades, es impropio: sentir venturas, desacordada demonstracion. Luego el llanto en muerte tan venturosa, es escusado. Esso fuera (dize Chrysologo) si solo se mirara en essa muerte la muerte: pero como juntamente se mira la ausencia de vn hermano, digno empleo de toda voluntad; si està segura la dicha del tenerle; no se escusa la diligencia de llorarle. Auia de resucitar Lazaro, pero estaua muerto: Auia de boluer a viuir, pero estaua sin vida: La muerte priuaua à Madalena de su vista: la falta de la vida de su comunicacion. Esse es el dolor que tanto la aflige; ni basta à diuertir vn coraçon afligido desta suerte, la seguridad de que ha de boluer a comunicar lo que no puede ver: que à la voluntad, quando ama de veras, solo lo que mira la diuierte: *Licet* (dize Chrysologo) *esset de resurrectione secura, destitutione tamen solatij præsentis, mora absentiæ tam longæ, tristitia diutinæ separationis non potuit, non deflere.* Chrysol. ser. 64. Seguridad tenia de su resurreccion; pero no tenia consuelo en essa seguridad, que como el ausencia estaua tan presente, ni se pudo consolar con la esperança, ni dexar de tributar sentimientos à su amorosa dolencia.

XI

XIII. La doctrina q̄ trae este combate es esta Alma q̄ tiene quietud sin Dios, no quiere à Dios. Alma q̄ dize tener amor a Dios, y estando en este mundo sin el, se sosiega, no le ama. Si la gloria es pena sin lo que se quiere; la pena eterna, sin la gloria que serà? Si la ausencia breue de Dios aflige tanto à vn Serafin, sabiendo que no le puede dexar de ver; la eterna ausencia de Dios, sin esperanças de verle, que no afligirà? Muchos parecen estos combates, aunq̄ es solo vno el modo de combatir: combates de ausencia son

insu-

insufribles para quien ama: si el alma puede estar sosegada sin Dios, es señal cierta, que no es combatida de amores por èl. Si està impaciente quando no le goza, aunque tenga esperanças ciertas de que le ha de gozar, es señal q̃ le tiene verdadera voluntad. Por aqui conocerà el alma quando ama à Dios, en la quietud, ò desasosiego que le causare el estar sin él, aunque tenga seguras esperanças de auerle de gozar despues.

COMBATE III.

Requirentes eum. *Vers.* 45.

Buscar a Dios nace de tenerle.

XIV. MAs parece encuentro este, que combate. Buscan Ioseph, y Maria a Iesus, *Requirentes eum.* Y si le buscan porq̃ no le tienen, se conoce que le tienen en el alma, solo en q̃ le buscan. Buscar lo q̃ se tiene, y tener lo q̃ se busca, encuentro euidente es: pero tambien es combate, y tan industrioso, que no sabe vn alma como librarse dél, sino es dexandole lleuar de lo q̃ el mismo le incita, q̃ es buscar, teniendo. No es combate verse vn alma con ansiosos deseos de hallar lo mismo, q̃ con gozosos halagos puede possee? Que perplexo se hallarà vn animo combatido con esta cõtrariedad: pues si acude à gozar lo que possee, se diuierte tanto en gozarlo, q̃ no puede resistir el golpe q̃ le obliga á q̃ busque aquello mismo de q̃ se vé abundãte. Marauillosos efectos causa en el alma vn Dios tenido en el afecto: pues no se tiene tanto para tener, quãto para ser motiuo de buscar en el efecto. De tal suerte ocasiona estas ansias, q̃ es legitima consequencia: busca vn alma a Dios, luego le tiene.

Mas si fuesse esto aquello de XV.
la Esposa, en la quietud, y regalos de su cama buscaua à Dios, y con hartos deseos de hallarle. Perdida diligencia, en opinion de algunos, por ser hecha con tanta comodidad, como si atendiera Dios mas q̃ a los feruores de quien le busca. Quexase de poco fauorecida, pues no halla despues de todas sus amorosas diligencias. Como el amor diuino es tan impaciente, no pudiendo sufrir tanta dilaciõ, dexa las comodidades de casa; priuase del sossiego, quiere negarse, solo porq̃ quiere, al descanso; y saliendo de casa, mas como la obligaua el amor, que como lo podia pedir la curiosidad, iba por las calles a buscarle, preguntado a todos los que encontraua por èl: *Num quem diligit anima mea, vidistis?* Cant 3. 3
Braua fineza! dexar vn alma sus comodidades, y sossiegos, solo por buscar a Dios. Bien està; pero no se a quien me lo atribuya, a los deseos de hallarle, ò a los efectos de tenerle. Conocido

encu-

encuentro es, tener, y desear; quien busca lo que tiene, es desconocido; quien busca lo que dèsea, puede ser amante. La Esposa busca à su querido dueño; si porque le tiene, desaire, desconocimiento: si porque le desea, fineza, pero algo interesada; pues pretende hallar todo su gusto, aunque à costa de su diligencia. Euidente es el argumento, dize misteriosamẽte Ambrosio, pero es en las cosas del mundo, donde el desear, es solo para tener; pero no en las de Dios, donde el tener, solo se dirige al dessear: *Quærebat, vt inueniret, quem sua dilectione retinebat, nec vnquam sentiebat absentem.* Buscaua la esposa, porque tenia, deseaua con ansias, porque gozaua, que el tener vn alma a Dios en este mundo, no es para satisfacerse con él, sino para solicitarle mas. No busca la Esposa, porque no tiene, antes porque tiene busca, que los mayores testigos de que vn alma tiene a Dios, son las diligẽcias de buscarle.

S. Amb. enarr. in Ps. 35.

XVI. Predicaua Christo Señor nuestro aquellas ocho bienauenturanças, tan dignamẽte aplaudidas de todos, y ẽtre ellas propone vna, que tiene conocida dificultad: *Beati qui esuriunt, & sitiunt iustitiam; quoniam ipsi saturabuntur.* Bienauenturados los que tienen ambre, y sed de justicia, porque llegarà tiempo en que se vean hartos, y satisfechos. No lo entiendo Señor, esse *Beati*, es de presente, el *esuriunt* tambien: pues como puede vno, que es bienauenturado tener hambre, y sed de lo mismo que causa su bienauenturança? Si dixerades, *Beati erunt*, como dezis, *saturabuntur*, de forma que todo fuera de futuro, està bien, que no se compadecen mal, hambre de gloria en esta vida, y hartura de gloria en la otra: pero hambre de bienauenturança, quando dais por bienauenturado á quien tiene hambre de ella, *Beati qui esuriũt, & sitiunt*: Parece desapropositado dezir; que importa que lo parezca, si es porque no se sabe entender, dize entendido mi Bernardo, los Santos no solo son bienauenturados en el otro mundo, sino en este, aunque imperfectamente; porque la bienauenturança en tener à Dios consiste, y tambien le tienen los Santos que estan en la tierra, como los que estan en el cielo, perfecta, o imperfectamente en la raiz de la gracia; pero tienenle con esta diferencia, que allà el tener à Dios, es para tenerle, acá el tenerle es para desearle; allà el tener a Dios, es para hartarse de aquella Magestad; aca el tenerle, es solo para tener mas hambre dèl; y quando allà el tener, es solamente para gozos, es acà para deseos:

Mat. 5. 6.

deseos: y finalmente, en la bienauenturança del cielo, es para quietudes, y sossiegos, el posseer a Dios, en la de la tierra, para desasossiegos, y inquietudes: *Quoniam donec perfectè habeat* (dize mi Bernardo) *perfectè desiderare non poterit; sed nec, & perfectè habere, donec perfectè desideret.* No ay alma q̃ desee à Dios, sin q̃ primero le tenga. El tenerle, no es mas q̃ para desearle: y assi dize acertado Christo: Bienauenturado el q̃ tiene hambre, y sed de justicia, porq̃ si en la hartura consiste la bienauenturança *saturabuntur*; La hambre supone la hartura, y assi es bienauenturança tener hambre.

S. Ber se. 1. in fest. Om. Sãctor.

XVII. Es el amor gran tercero de la obediencia; el cariño facilita las Leyes del Principe; y no ay mãdato dificultoso, quando se admite con afecto. De donde viene a ser; q̃ la obediencia a las Leyes sea afecto del amor q̃ se tiene al Principe, como por el contrario, su poca obseruancia despègo conocido. Mas entẽdido, y breue lo dixo Christo Principe soberano: *Si quis diligit me sermonem meum seruabit, & Pater meus diliget eum.* Amasse al Principe quando se guarda su mandato: y el ver vn Señor obediẽte à su vassallo, le obliga à que tenle bien. Desuerte, q̃ la causa de la obseruancia de la Ley es el amor q̃ tiene al Señor el vassallo; y essa obediencia engendra en el Principe volũtad. Puedese conocer, segun esto, de lo q̃ es vn Señor obedecido, lo que viene à ser amado. Lleguemonos àzia el punto: *Et ad eum veniemus, & mansionem apud eum faciemus.* El q̃ obserua las Leyes amante, no solo ha de ser amado del Padre, sino assistido del, y de mi. Sera su alma trono impireo, assiento soberano de dos personas diuinas de vn Dios Padre, y de vn Dios Hijo: *Pater meus diliget eum, & ad eum veniemus.* Dadme Señor licencia, sino para q̃ culpe en vos descuydos, para q̃ pondere atenciones. El Padre, y el Hijo han de venir en vn alma justa? y el Espiritu Santo no hà de venir tambien? Essa Trinidad no es indiuisa? Pues como parece se mira diuidido lo indiuiso, y apartado lo inseparable? El Espiritu Santo donde se queda, q̃ no viene cõ el Padre, y con el Hijo? Pueden estar juntas estas dos personas sin estar amantes? Lazo de vniõ sin amor, no es posible, siendo quien le causa èl. Compañia sin amor, es desabrida. El Padre, y el Hijo quando vienen al alma, estan en cõpañia cariñosa: Luego estan en amor, y cõsiguientemente el Espiritu Santo està alli, por ser el amor de estas dos personas. Es assi (dize Pascasio Corueyense) pero con todo esso, no dize Christo, q̃ el Espiritu Santo ha de venir en vn alma

Ioan. 14. 23.

obser-

obseruante, sino el Padre, y el Hijo; porque la obseruancia de los preceptos diuinos, es el medio mas eficaz, q̃ vna alma tiene para buscar à Dios. Si dixera, que venian todas tres personas en quien obseruaua los mandatos; pudierase dezir, que le buscaua quien no le tenia, pues venian las tres personas a vn alma en donde assistia ninguna. El Espiritu Santo es quié preuiene, y dispone las almas, para que hagan las diligencias de buscar a Dios, santificandoles, y dandoles alientos, para guardar sus preceptos. Pues biẽ trazado; para que se entienda q̃ no pueda vn alma hazer diligencias de buscar a Dios, sin tener à Dios; y que el tenerle, solo es para buscarle: aunque el Espiritu Santo, por ser inseparable amor del Padre, y del Hijo viene en su compañia, no diga Christo que viene, sino suponga que està, que si la guarda de los preceptos es camino por donde mas seguramente se busca à Dios, es cierto que no se pudiera andar sin vn Dios esse camino; pues del tenerle, nace el andarle; porque quien viere al Padre, y al Hijo, que vienen, solicitados de vn alma obediente, entienda, que essa solicitud nace de tener consigo al Espiritu Santo. Oid aora a Pascasio: *Non quasi prætermisso Spiritu Sancto, sed signanter insinuans, quod ad eos tantum Pater, & ipse veniat, quos idem sua præuentu aspirationis sanctificauerit spiritus, licet in omnibus, sibi semper cooperatrix sit tota Trinitas* No dexa el Espiritu Sãto de venir con el Padre, y con el Hijo, porque nunca dexa de assistir con ellos, mas para dar a entender, q̃ esse venir es buscados, y que esse buscar se origina del tener, se dissimula el q̃ venga, para dezir, que si el alma pone su esfuerço en la obseruancia de sus mandatos, que es el modo de buscarle, es porque tiene al Espiritu Santo, q̃ la prouoca a buscar.

Pasc. Ab. Corbeiẽs. lib de cor. & sang. Dom. 6. 21.

Quan opuestos son Dios, y el mundo; este obliga a buscar solo por carestia de el bien, aquel por la abundancia: busca vn alma apassionada del mando, lo que no tiene: la q̃ lo es de Dios, lo mismo q̃ tiene busca, y no puede resoluerse à buscar, sin q̃ primero llegue a tener. Enseñòme S. Hilario esta doctrina: *Non potest Deus, nisi per Deũ intelligi, sicut nec honorem à nobis Deus, nisi per Deum accipit.* Si Dios se busca, es porque se conoce; si se conoce, es porq̃ se tiene, porq̃ sin Dios no se puede conocer a Dios: luego si se busca, es porque se tiene. No se si puede ser esta la ocasion desta diuersidad de condiciones entre Dios, y el mundo. Los bienes del mũdo conocense quando se tienen, y como son de tan poca monta, XVIII.

S. Hil. Pict. Epis. lib. 5. de Trin.

monta, el mismo conocimiento desengaña de su poquedad, y assi no se codicia à ellos, antes suele dexarlos desganado, quien por tenerlos, los conoce aduertido. Pero Dios como bien tan infinitamente bueno, como no se puede conocer sin tenerle; vna vez posseido, como llega a ser conocido, no puede llegar a ser dexado: antes pudiendose tener mas, y mas en vez de quedar con él satisfecha el alma, se incita à buscar mas lo q̃ tiene, y a procurar hazer diligencias, para alcançar mas de lo que tan gustosamente goza.

XIX. Ser combate del alma buscar, y tener, ya lo decidimos al principio; ser vtil padecer este combate, en el discurso del lo hemos visto, pues vn alma cõbatida con ansias de buscar à Dios, dà indicios euidentes de tenerle. O Catolicos! no se a q̃ me eche tanto descuido en buscar a Dios, tanta frialdad en las cosas de su seruicio, tanta desganа en la frequencia de los Tẽplos, tanta sequedad en oyr la palabra de Dios, pues andando su Magestad tan puntual en sustentar en su Iglesia, se haze tan poco fruto con ella. Si teneis a Dios, como teneis tanta frialdad en las cosas q̃ os pueden obligar a buscarle? Sino le buscais, luego no le teneis: dichosa el alma que le busca, pues se puede assegurar de q̃ le tiene.

COMBATE V.

Inuenerunt illum in Templo sedentem in medio Doctorum. *Vers.* 46.

Como ha menester vn alma a Dios, assi le halla.

XX. PAssaronse tres dias, quando en logros de su deseo hallaron a Iesus sus padres, hecho ya Cathedratico de leyes, y leyendo licion a los Doctores: *Inuenerunt illum in Templo sedentem in medio doctorum.* Esta era la licion (dize Tito Bostrense) como se auian de obseruar las leyes de Dios, y executar sus sanciones: *Quæ erant legis, faciebantq; ad legales sanctiones, & ritus.* Por fuerça huuo de ser el hablarle en ocasion q̃ enseñaua. Auianle menester maestro, q̃ mucho le hallassen leyendo. Tenian necesidad de q̃ les enseñasse como lo hizo, q̃ su ausencia auia sido solo para acudir solo a la obligacion de Hijo: *Nesciebatis quia in his quæ Patris mei sunt oportet me esse?* Estauan ignorantes, y auian menester por Maestro à Christo, pues hallenle enseñãdo, que essa es condicion de Dios, dexarse hallar, como el alma le ha menester. *Tit. Bost. ad cap. 2. Luc.*

XXI. Al acto de mas humiliacion que pudo hazer Christo baxando heroe diuino la cerviz, y sugetandola al primer jugo de la ley de gracia, que fue el bautis-

mo

mo en el Iordan: quãdo el Bautista se vio en tanta magestad, y Christo en humildad tanta, en aplauso de lo humilde, sino en desden de lo grande, se abrẽ los cielos, para festejar cõ sus glorias espectaculo tan admirable. No queda gloria, q̃ no pretẽda baxarse a la tierra, ni tierra q̃ no presuma de glori; q̃ mucho, si en ella assiste Christo? El Padre se oye, el Espiritu Santo se mira, q̃ en forma de Paloma se pone sobre la cabeça del Hijo: *Vidit spiritum Dei descendentem sicut columbam, & venientem super se.* Matt. 3. 16. No se vio el cielo tan patẽte, ni tan regozijada la tierra, pero poco menos, quando el Colegio Apostolico en prendas del amor de vn Dios, recibio a vn Dios amor, repentino por liberal, ardiente por amante, si hecho lẽguas por entendido. Empero, siendo amor, como podia ser necio? *Aparuerunt illis dispertitæ linguæ tanquam ignis, seditq; supra singulos eorum.* Act. 2. 3. La diuersidad de afectos, siendo el espiritu vno, a quien no haze nouedad? En Christo paloma: en los Discipulos, lenguas; vno el espiritu: que espiritu no lo repara? q̃ lengua no lo ponderara? Paloma, y lenguas, antes se oponen, q̃ se acatician: la lengua es para hablar, la paloma muda; ser muda la lengua, es defecto, ser para hablar, es no ser muda. Ruperto leyò el espiritu a la diuersidad. Que es Dios? Fuego q̃ consume: *Deus noster ignis consumens est.* Ad. Hebr. 12. Y el hombre? Hizole yelo por la culpa: *Quoniam abundauit iniquitas refrigescet charitas multorum.* Matt. 24. 12. De suerte q̃ Dios es fuego, que consume, el hombre frio q̃ yela. Que sobra en Dios? la actiuidad de fuego. Y en el hõbre q̃ falta? lo q̃ sobra en Dios. Ũtadmelo aora todo. Dios fuego, yelo el hombre, el Espiritu Santo Dios. Dios se dà al hombre como le ha menester; el Espiritu Santo es Dios, y se dà; luego serà como le ha menester el hombre. El hombre ha menester en Christo piedad, ardor en si; porq̃ Christo cõsume por lo q̃ tiene de Dios, el hombre yela, por lo q̃ tiene de culpa; y assi ha menester piedad, y ardor; piedad, q̃ tiene el rigor de Christo: ardor, q̃ quite el yelo de si. El fuego es ardor, la paloma piedad: pues bien trazado. En Christo, q̃ es rigor, por lo q̃ tiene de deidad, baxe el Espiritu Santo como paloma, que es piedad toda: y en el hombre, q̃ es frio, por lo q̃ tiene de culpa, baxe como fuego, que es ardor: para q̃ quitando el ardor la frialdad, y la piedad el rigor, se conozca, q̃ el Espiritu Santo, por lo q̃ tiene de Dios, para darse al hombre, atiende à su necessidad; y assi en Christo se dà piedad, y en el hõbre se dà fuego. Aora dize Ruperto: *Diuina natura,*

Sup. Ab. lib. 3. de glo. & ho filij hom. *tura, quæ vel cuius plenitudo in isto filio hominis Iesu Christo corporaliter in habitat, satis per semetipsam feruida est iuxta illud etenim Deus noster ignis consumens est, & idcirco nobis expediebat, vt fortitudinem eius pietas temperaret, & hæc congrue per speciem columbæ significata est. Porro nostra, id est, humana natura, per semetipsam tepida, immo, & nimis frigida est, iuxta illud, & quia superabundauit iniquitas refrigescet charitas multorum, & idcirco expediebat homines Dei zelo bono calefieri, qui videlicet zelus congrue significatus est, per speciem ignis.* Larga es la autoridad, pero necessaria para explicacion del intento.

XXII. Nace el Verbo diuino por el entendimiento de el Padre, y lleuase todas las atẽciones del entendimiento, espira al Espiritu Santo por la voluntad, y lleuase consigo la ocupacion de toda ella. Todo el entendimiẽto del Padre es solo para el Hijo; y toda la voluntad solo para el Espiritu Santo? Y en lo q̃ toca al modo de proceder de essas dos Personas, ni tiene que ver la vna con la voluntad, ni con el entendimiento la otra. Que entendimiento podra apear dificultad tanta? Dios no es amor? Si: *Deus charitas est*, dixo S. Iuan. Todo quanto haze no es con sabiduria infinita? Assi lo dixo Dauid: *Omnia in sapientia fecisti.* Pues lleuandose el Hijo en su generacion todo el entendimiento del Padre, y el Espiritu Santo en la espiracion toda la voluntad, parece falta en ello sabiduria, y amor; porq̃ entrando en la generacion solo el entendimiento, parece engendra el Padre sin voluntad; y siendo sola la voluntad à la espiracion del Espiritu Santo, parece espira sin entendimiento; espirar sin entendimiẽto, es espirar sin sabiduria, esso es impropio, porq̃ *omnia in sapientia fecisti.* Engẽdrar sin voluntad, es engendrar sin amor, y esso es impossible, porque *Deus charitas est.* Comuniquense essas dos processiones, en la del entẽdimiento entre algo la voluntad, y en la de la voluntad aya algo de entendimiẽto: no se diga en cosas tan mayores, o q̃ espira el Padre sin sabiduria, o q̃ no engendra con amor. Pero no entre, ni aya essa comunicacion, porq̃ el Verbo Diuino ha menester el entẽdimiento del Padre desocupado, para q̃ solo atienda a su generacion. El Espiritu Santo, para su espiracion necessita de toda la voluntad, no diuertida, sino atenta. Si el Padre entrara algo de voluntad en la generacion, faltara a la necessidad del Espiritu Santo, q̃ la ha menester toda atenta. Si entrara algo de entendimiento en la espiracion, faltara al menester de el Hijo, q̃ necessita de todo el desocupado. Lleuese, pues el Hijo toda

1. Ioan 4. 8.

Ps. 103. 24.

la atencion del entendimiento, en lo expresso, y formal, y toda la de la volũtad el Espiritu Santo, de la misma suerte, para que con esso se entienda, que es tan propio de Dios el comunicarse, à cada vno segun le ha menester, q̃ aunq̃ sea à vn Verbo Diuino, no le darà vn indiuisible de voluntad, para su generació, porq̃ la ha menester para su espiracion el Espiritu Santo: y aunq̃ sea a vn Espiritu Santo no le darà vn indiuisible de entẽdimiento, para su espiracion, porq̃ le ha menester para su generacion el Hijo.

XXIII. Muere Moyses; quien tendrà esperança de viuir, quando vn Moyses muere? Elige Dios en su lugar a Iosue, hazele Capitã General de su Exercito; y dizele: No temas, q̃ siempre estaré à tu lado. Cobra alientos el valeroso caudillo, dexando à la proteccion diuina el sucesso de sus conquistas, y solicitandolas, poniendo en ello tanto cuidado, como si de solo la suya dependiera: Assi ha de ser, ni ha de causar descuido en nuestra diligẽcia el sentir a Dios propicio. Cõ lo q̃ mas asegura sus promesas a Iosue, es diziendole: *Sicut fui cum Moyſi, ita ero tecum.* Yo empeño mi Imperial palabra de assistirte como assisti à Moyses, y estar contigo como con el estuue. Ya aueis oido la promesa, atended aora al cumplimiẽto q̃ fue en el capitulo quinto, quando lebantando los ojos al cielo, vio vn jouen con vn azero desnudo en la mano: *Vidit virum ſtantem contra ſe, euaginatum tenentem gladiũ* Assi estuuo Dios con Iosue, con vna espada desnuda: bien està. Y con Moyses como estuuo? En vna zarza, cuyo resplandor se diuisaua tan lucido, que mirando como se ardia, se via como no se quemaua: *Apparuitque ei Dñs in flamma ignis de medio rubi.* No es vno segun esto, el modo de estar Dios con Moyses, y Iosue. Dõde està el cumplimiento de lo q̃ prometio? *Sicut fui cum Moyſe, ita ero tecum.* Estarè contigo Iosue como con Moyses estuue. Si estuuo en resplandores con el vno, y en tajante cuchilla con el otro, otro fue el modo de estar, no vno: pues es diferente el resplandor de la luz, de lo agudo del azero. Vno es el modo, aunq̃ parece diuerso (dize Rupeito) si segunda vez, no menos q̃ la primera entendido; porq̃ Dios solo tiene vn modo para assistir con el hombre que es el modo de su necessidad. Moyses auia de obrar milagroso, y guerrero Iosue; pues sea para aquel luz, y sea azero para este, q̃ assi lo ha menester su ocupacion: Lucimiento ha menester vn milagro; de azero necessita el valor, en la campaña con sangre se negocia; en lo milagroso el luci-

Iosue. 5. 13.

Exod. 3.

Iosue. 1. 5.

lucimiento negociò. No haze falta la luz al esfuerço; ni echa menos vn prodigio el azero, ni el valor. Sea, pues, azero en la campaña, y en el milagro, farol, para q̃ se conozca, q̃ en tal diferencia de comunicarse, como es segũ la necesidad de cada vno es el modo de la comunicacion: *Vnicuique iuxta rerum sequentium proprietatem figuras, vel formas, competentes præostendens, illi videlicet splendida facturo miracula, igni apparuit Huic mox cruenta bella facturo, euaginatum tenens gladium apparuit.* Moyses auia de hazer milagros, Iosue derramar sangre; Vn soldado, de armas necesita, vn milagro ha menester resplandor: pues comuniquese, ya azero, ya luz, para que dè luz la luz, y saque sangre el azero.

Rup lib. 1 in Ios. c. 17.

XXIV. Trata el Profeta Rey de la liberalidad con que se dâ Dios, en metafora de vna fuentecilla, q̃ deshecha à pedazos en liquidos cristales se dà toda, no siendo diligencia el deshazerse, para negarse; antes cuydado preuenido, pues diuidida serâ mas facil atreuerse sin riesgo à beberle sus alientos. Disponiendo el penitente Rey en este dibuxo el despidiente que tiene Dios de sus bienes, pues nadie llega sediento à aquella perenne fuente, q̃ no la ga satisfecha su fatiga, ingenioso, y agradecido, dize assi: *Qui emittis fontes in conuallibus: inter medium montium pertransibunt aquæ? Potabunt omnes bestiæ agri.* O Dios, cuya largueza se estiende a lo montes menos poblados, y a los valles mas vmbrosos, entre lo inculto de sus sombras resplandece tu beneficencia, sin q̃ al Scita mas remoto pueda hazer tu prouidencia falta, *potabunt omnes* Todos beben dessi pielago disfraçado en fuentecilla. Estraño caso, quando Dauid haze reseña de la franqueza de Dios, entonces se vale de vna fuentecilla, y no del mar, parece es deshazer el caudal à Dios, y hazerle menos de lo que es; pues siendo pielago inmenso, mas propia era la similitud en el mar, cuyas honduras parecen eternas, pues si tienen fin, no se halla; es verdad, pero aunque se parece tanto a Dios en lo profundo, no en lo comunicable: en esto mas parece fuentecilla aquella inmensidad q̃ inmensidad. Nace puro de la tierra vna fuentecilla, tan golosa, como facil de gozarse, antes combidada, q̃ atemoriza su cristal lisonjea, no assombra, cada qual a su sabor la puede golosear. El mar pielago vndoso cruel, seuero intolerable, desabrido, pocos si algunos, le han hallado, de suerte que puedan dezir con Plauto.

Psal. 103. 10, 11.

Atque ego Neptune tibi ante alios Deos gratias ago Atque habeo summas. Nam te omnes sauum seuerumq̃ atq; asperum

Plau. trinũmo. 4.

auidis moribus commemorant,
Spurcisicum immanem, intolerandum vesanum,
Contra opera expertus.

Esta es aora la diferencia. La fuentecilla se dexa hallar como la ha menester el sediento: el mar por su aspereza no puede. Dauid, pues ingenioso, quando intenta hazer noticioso al mũdo de la liberalidad de Dios, comparala a vna fuentecilla, no al mar, q̃ si es menos, explica mas su condicion pues quando el mar se ecabrosea, ella se haze a la necesidad de quien la quiere gozar.

XXV. Ha Catolicos! Catolicos, y que engañados viuimos, pues nos andamos tras vn mundo, q̃ nos engaña, combatiendonos siempre cõ trabajos, y dexamos a vn Dios, q̃ le hallamos siempre en cintinela, para combatir nuestros males, preuenido con los tiros que hemos menester, para destruir, y aniquilar nuestros dolores, para remediar nuestras cuytas. Ajustese todo fiel al conocimiẽto de esta verdad, y alistese por soldado en la campaña de Iesu Christo, q̃ buẽ protector tiene, si està siempre debaxo de su amparo, pues le hallarà siempre, como le huuiere menester, en todo genero de necessidad. O fuente diuina! q̃ assi te hazes a la necessidad de quien te ha de beber, bebante todos, por tu clemencia, dulcissimo licor; prueuente, para que gustando tu suauidad, no te dexen: No cessen tus corrientes de comunicarse assi, para que remedies necessidades.

COMBATE V.

Nesciebatis quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse? *Vers.* 49.

Quita Dios las ocasiones de pecar.

QVexase amorosamente Maria de el desamparo de Iesus: proponele dolores de su ausencia: El ansia de quien ama essa es, dezir el dolor q̃ le ha ocasionado el querer, desahoga sentimientos, refiere penas que passò, entre glorias q̃ goza: Tan saboroso es en vn amãte el dolor para referido, como el gusto para gozado: Dolores de amor esso tienen: *Pater tuus, & ego dolentes.* Si aumenta la dicha el dolor de buscarla, digalo el no oluidarse del, con el gusto de tenerla. Responde Christo: La obediencia à mi Eterno Padre es el primer empeño: *Nesciebatis quia in his, quæ patris mei sunt, oportet me esse?* El cuidado de traer a la memoria en esta ocasion a su Eterno Padre me le dio no pequeño, Porq̃ nombra aqui à su Padre? parece disculpa de la ausencia. No, dize el Angel Doctor, q̃ no es necessaria, quando

XXVI.

es imposible el yerro, otro fue el intẽto. Pudo presumir el mũdo, q̃ Ioseph era verdadero padre de Iesus oyendo dezir à Maria, q̃ lo era, *pater tuus & ego*: de donde se podia seguir no tener a Christo por Dios, ni al Eterno Padre por su Padre. Pues bien trazado, no le quite a oseph esse titulo, pero declare, q̃ tiene otro Padre natural, y que Ioseph lo es solo por dispensacion: *Nesciebatis quia in his, quæ patris mei sunt oportet me esse?* Para q̃ con esta declaracion quite la ocasion de las culpas q̃ se podiã seguir, presumiendo q̃ Christo no era Dios, o q̃ oseph era su padre natural: *Ipse Dñs respondet ad omnia, & corrigens quodammodo dictum eius de eo q̃ putabatur pater, verum patrem manifestat.* Estas son las armas de Dios, quitar las ocasiones de pecar.

S. Thom. in Cath. ad c. 2. Luc.

XXVII A todos combida el Rey Profeta para alabar a Dios: *Venite exultemus Dño iubilemus Deo salutari nostro.* Ansia de quien conoce a Dios ocasiona esse cuidado. La razõ de tamaña alabança dà desta suerte el Profeta: *Quoniam Deus magnus Dñs & Rex magnus super omnes Deos.* Es Dios de dioses nuestro Dios, alabese su grandeza, y sin cessar se alabe: Que dioses son estos de quiẽ es Dios nuestro Dios? No los de la Gentilidad (dize Agustino) q̃ son como si no fuessen, sino los hombres a quien el propio Dios dio titulo de dioses: *Ego dixi: Dij estis.* Matauilloso caso, dize el Santo, q̃ siendo los hõbres tan inferiores a los Angeles, tengan titulos mas superiores q̃ ellos. No ay Angel por subido q̃ sea, ni Serafin, aunq̃ mas ardiente a quien se le aya dado nombre de Dios, como se le ha dado al hombre. El Angel es mas puro parecido à Dios, que el hombre; mas siempre en la naturaleza, el espiritu puro: Vn epilogo de toda miseria es el hombre, ni puede el talẽto menos leido dexar de conocer su desigualdad. Que es mas parecido â Dios el Angel, q̃ el hõbre, no es materia de duda, porq̃ es notoria su similitud: Empero parad en el misterio, y hallareis como lo mucho de llegarse a Dios, le imposibilita al Angel el titulo de diuino; esta vez pierde lo grande, y la similitud con Dios, antes impide, q̃ obliga. Es la causa, dize Agustino, q̃ como ay tampoco desde el Angel hasta Dios, pues fuera de la diuina la inmediata naturaleza es la Angelica, si se le diera nombre de Dios al Angel, se le ponia al hombre en ocasion de q̃ fuesse idolatra; pues viendole con nombre de Dios, y tã parecido a èl, era facil presumirle diuino, y ofrecerle cultos, como si lo fuera. En el hõbre no ay esse peligro, porq̃ el nombre, aunq̃ es tan soberano, el sugeto

Psal. 81. 6.

Psal. 94. 1.

Vers. 3.

que le tiene es tan humilde, q̃ no dà lugar à presumir, que es tenerle por naturaleza, sino por participacion. No se le dè, pues, el nombre de Dios al Angel, y desele al hombre, grangee en esta ocasion lo humilde, y pierda vna vez lo grande. Quitesele al Angel el nombre de Dios, no porque no lo merece, sino por no poner al hombre en ocasion de que idolatre, que en esto de quitar las ocasiones de la culpa al hombre, anda Dios tan preuenido, que á vn Angel le quitarà el nombre, que le es tan apropiado, por no dar al hombre el menor motiuo de cometer vna culpa: *Ne scilicet,* dize Agustino, *propter illorum excellentiam aliquem eorum nobis constituere Deum infidelis auderet infirmitas, quod in homine facile est euitare.* Es facil conocer que el hombre no es diuino, aunque le oygan apellidar como â tal, y dificil desconocer al Angel, viendole con el propio nombre de Dios. Pierda, pues, el Angel, porque al hombre no se le ponga en ocasion de que pierda.

S. Aug li. 9. de Ciu. Dei c. vlt.

XXIIX Despues que el Verbo diuino, en humano trage, recibió aquellos aplausos en el Iordan, en ocasion que la humildad del hijo pudo competir con la grandeza del Padre, se fue al desierto, ò fuesse diligencia de su espiritu, que le inclinaua à penas, ò del diuino, que solicita mortificaciones despues de vn fauor, para que se asegure, ô para que se aumente. Ayunò alli quarenta dias, y quarenta noches, con tanto aliento, como sino ayunara: *Cùm ieiunasset quadraginta diebus, & quadraginta noctibus.* Mat. 4. Tuuo hambre despues, como quien auia ayunado *postea esurijt.* Comiò luego, en alivio de su necessidad. *Ecce Angeli accesserunt, & ministrabant ei.* Vers. 11. Aora reparadlo todo. Ayuna quarenta dias, y quarenta noches, tiene hambre, y come. Quien se puede passar quarenta dias, y quarenta noches sin comer, passasse siempre. Quien tiene hambre, para que ayuna tan prolijo? Lo grande de vna accion, no es empezarla, en el fin està su gloria; quedarse en el medio, es deslucir la bizarria de vn empeño. No se atreua confiado, quien no ha de salir valiente, que lo ayroso de vna resolucion, el fin lo aclama. Ayunar quarenta noches con sus dias, bizarria fue de lo diuino: Tener hambre despues, achaque humano, comer seruido de Angeles, lo tiene todo: si hombre come, como Dios se sirue: si quiere parecer Dios, no coma, si hombre, ayune menos. Bien aduertida està essa diferencia (dize Teofilo Antiocheno) ayune, y coma, que industria soberana es. Dos errores huuo

acer-

a cerca de Christo. Vnos deziã: No tiene cuerpo verdadero, sino imaginario, y fantastico. Otros. Si tiene, pero no diuinidad. Desuerte, que vnos dezian, no es Dios, otros, solo es hombre fantastico, y aparente. Brauo yerro, siendo Christo hombre, y Dios juntamente, ò q̃ no es Dios, o q̃ no es hombre verdadero! Que remedio para poner limite a estos dos males, y quitar la ocasion destos dos insultos? Ayune Christo Señor nuestro, tenga hambre, y coma, y con esso quedará sin ocasiõ todo esse mal: porq̃ ayunar tanto, es accion propia de Dios; comer es de verdadero hõbre. Si ayunara siempre, quitara la ocasion de el error a los que no le tenian por diuino. Si siempre comiera, no tuuieran motiuo los q̃ le juzgauan fantastico, de verificar su opinió, antes de dexarla, porq̃ no come verdaderamente lo q̃ solo es en la apariencia: y estar tanto tiempo no comiendo, sustentandose cõ su virtud propia, sin ser Dios, es imposible. Ayune, pues, y coma, para quitar con esso la ocasion de essos dos errores. Dize Teofilo assi: *Hoc propter eos dictum est, qui imaginario corpore dicunt eum fuisse, & phantasma, vel propter eos, qui hominem eum tantum fuisse putant, nam quadraginta diebus, & quadraginta noctibus ieiunare nõ potuisset.* Ayune, y coma, y cõ esso quitarà la ocasion de pecar a los q̃ pecan, ò por no juzgarle hõbre, ò por no creer q̃ es Dios; porq̃ ayunando, parece Dios, y comiendo se muestra hombre.

Theophi. Ant lib. 2 in Euan.

Hizo Dios a Adan de vn poco de poluo, animòle con su aliento; miròle, y viendole solo, determinóse â darle compañia, porque sin ella no se malograssen tantas dichas, que gozadas à solas, antes sirueran de ansias, que de quietudes. Diole vna muger por compañera, sacòsela de vn lado, y para hazerlo diole vn sueño, y dormido, sacóle vna costilla, de que la hizo: *Immisit ergo Dominus Deus soporem in Adam cumque obdormisset, tulit vnam de costis eius, & repleuit carnem pro ea.* Dormido, Señor ha de estar Adan en cosa tan grande? No serà mejor que despierto sea testigo de vuestra Omnipotencia, y aclame vuestra sabiduria? Mucha confiança es essa; pues q̃ando ay quien duerme para el agradecimiento, auiendo estado despierto para admitir el fauor; quereis que recibiendole dormido Adan, estè en la correspondencia dispierto. Dispierte, y sepa, que le dais essa muger, vealo cõ los ojos, no niegue por dormido, lo q̃ deue a vuestro cuydado, buen correspondiente. Duerme, empero Adan, porque Dios le quita *tulit*: y esto del quitar, le sabe tan mal al hom- XXIX. Gen. 2. 21

bre, q̃ la duerme quando le quita, porq̃ no lo sepa Adan. Iuguete es. Mas viuo lo pensò Moses Barcefa. Si estuuiera Adan despierto en la formacion de Eua, vno de dos peligros era ineuitable, porq̃ ò tenia dolor al sacarle la costilla, o no; si le tenia, era ocasion para q̃ aborreciesse a su esposa; pues aun en los primeros passos del matrimonio, donde el gusto suele ser mas creeido, le ocasionaua tanto dolor. Sino le tenia, era para que la despreciasse, presumiendo no era verdad lo q̃ miraua, y q̃ solo la imaginacion se lo ofrecia: *Iam vero si doluisset, odium aduersus coniugem suam Euam concepisset: Sin nullo tactus fuisset dolore existimasset falsam dumtaxat imaginationẽ fuisse.* El dolor era causa de odio; el no doler de incredulidad, vno le hazia incredulo, otro vẽgatiuo. Duerma pues, y dormido, saquẽle la costilla, para formar a Eua, q̃ si despierto no estaua lexos el incurrir en vn odio, ò en desprecio, estãdo dormido, se le quita la ocasion dessos defectos: pues si tiene dolor, no le siente con el sueño, y viendo q̃ le falta la costilla, no dirà, q̃ es imaginacion, sino verdad, el ser Eua carne de su carne, y huesso de sus huessos.

Mos. Bar. commen. de Par. c. 2º.

XXX. O fieles! y que dolor es ver la facilidad con q̃ se rinde vn alma al menor combate de vn delito, y quando es el pecar sobra de malicia, se lo achacamos a nuestra flaqueza, juzgando que no tenemos armas defensiuas, para bateria tan poderosa: Engaño es manifiesto, presumirnos tan destituidos de fuerças, que no nos pareza tenerlas para resistir estos assaltos. Ayudas tenemos para salir libres de essos combates, penitẽcia ay, auisos tambien, Predicadores no faltan, que con su espiritual doctrina, cada Sérmon es vn tiro, cada palabra vn presidio, y vn muro cada razon. Dios mayor protector del alma, cuidadoso le quita los tropiezos. Si pecamos, porq̃ queremos pecamos, q̃ para no caer, no falta quien nos detenga.

VICTORIA.

Et Iesus proficiebat sapientia, & ætate, & gratia apud Deũ, & homines. *Vers.* 52.

Entonces se puede tener por victoriosa la virtud, quando Dios, y hombres juzgan en su fauor.

XXXI. ACaba con vnas palabras misteriosas el Euangelio: Crecia Iesus como en la edad en la sabiduria, y gracia en las demonstraciones experimentales. Y es de notar, q̃ essos aumẽtos, no solo los conocia Dios, sino los hombres; y la fama de esse crecer en gracias, y sabiduria,

ria, no solo la tenia con los hõbres, sino tambien con Dios: *Et Iesus proficiebat sapientia, & ætate, & gratia apud Deum, & homines.* Que los hombres vean las creces de la edad, no es mucho; pero las de la gracia, y virtudes, para q̃ las han de ver, auiendo Dios q̃ las vea? vealas sin embargo; y es esta de verlas la ocasion. La virtud no tiene sus encuentros? no padece sus sobresalto? quãdo es alentada en esquadrones de perfeccion, no se opone a la enemiga canalla? Luego si valerosa tinde, queda por suya la victoria. Pues ay esta diferencia entre las victorias del siglo, y las de la virtud, que aquellas tienen todo su ser en la aprobacion de los hombres; pero estas, las de los hombres, y Dios han menester: y assi quando la virtud sale victoriosa, para que esse vencer no se le ofusque, vealo Dios y hombres, *Apud Deum, & homines*, que vna virtud vencedora, en tanto se asegura lucida, en quanto, si la vé Dios, la vè juntamente el mundo. El hombre, tambien tiene voto en la calificacion de la virtud; y si Dios es el Presidente en esta junta], menos que con entrambos votos no quedarà por buena la victoria que alcança la virtud

XXXII No hiziera mucho repàro Pedro en dar muestras de su amor, en ocasion que gustaua Christo de que las diesse; aliuio fres para quien ama dezirlo, y satisfacer vna voluntad querida, antes es desahogo que pena. Empero multiplicar preguntas, quando ay satisfaciones, es poner en duda el amor, y assi ocasionar sentimiento en la voluntad. Sientese Pedro, y se aflige, *contristatus est Petrus*, de ver que Christo en platicas de amor pregunte tanto: *Simon Ioannis diligis me?* Tres vezes le pregunta si le ama: la primera puede se lleuar; mas si Pedro satisface a la voluntad, *Etiam Domine, tu scis quia amo te*, para que es reiterar la pregunta? Si fuera Christo solamente hombre, no estrañara essas diligencias, porque poco noticiosos de lo oculto, no es mucho rezelen lo que experimentan, ni ay que estrañar, quiera vn hombre assegurarse de vna amistad verdadera, quando vè la experiencia, que ay personas que saben tener amor en la boca, y agrauios en el coraçon: Pero siendo Dios, juntamente con ser hombre, para que pregunta lo que sabe? Queriale dar el baston de General de toda la Militante Iglesia, dandole poder para que sin aguardar ordenes especiales, q̃ impiden toda buena dicha, pues suelen no lograrse las facciones por la falta de ocasion, pudiesse disponer exercitos, repartir oficios, criar Capitanes, q̃ en *Ioan. 21. 16.*

en la milicia Eclesiastica escalassen vicios, desbaratassen desaciertos, plantãsse fortificaciones de virtudes, y perdonansse culpados, que de voluntad se mostrassẽ rẽdidos: y para oficio de tanta confiança era necessario mucha virtud, y mucho amor, en este cõsiste la santidad, y assi quiso q̃ hiziesse demonstracion del amor, para que siendo conocido por santo, pudiesse entregarle con seguridad las armas de toda la Iglesia militante. Asi lo sintio Chrysostomo. *Si diligis me? præfiste fratribus, & feruentem amorem quem per omnia demonstrasti, nunc ostende.* No lo entiendo. Aora es quando Pedro ha de hazer publico su amor, *nunc ostende?* Si porq̃ aora està el Colegio junto, y le quiere entregar Christo las llaues de la fortaleza de su Iglesia, haziendole Alcaide de esse Presidio. Assi pues preuenido anda en hazer essas preguntas, no para saber lo que no puede ignorar, sino para dar ocasion à que el amor de Pedro se haga notorio a los Dicipulos; porq̃ en ocasion de hazerle su caudillo, sepan que lleuan vn General afortunado, pues empieza la milicia Catolica con victorias de virtud. No basta para este efecto q̃ sepa Christo esse amor, sepale el mundo, que la virtud es cosa tan delicada, q̃ si dexa de satisfacer a Dios, no se puede aclamar victoriosa, como si dexa de satisfacer al hombre tampoco, *nunc ostende* Bien haze Christo, en q̃ Pedro confiesse virtud à vista de los Apostoles, porq̃ auiẽdo de ser santo, para ser Cabeça, no lo fuera, aunq̃ lo fuera para Dios, sino lo fuera para ellos; y assi diga su virtud en su amor: *Tu scis quia amo te*; para que calificada con la aprobaciõ de Dios, y del mundo, pueda libre de toda sospecha entregarse las llaues del presidio de la Iglesia, à vna virtud, q̃ siendo victoriosa en opinion de Dios, en la de los hombres lo es tambien.

Chrys. in Cath.

Dexò el primer capitan de toda la milicia Religiosa. N. P. Elias à su dicipulo Eliseo su capa, q̃ siruiesse de vandera, debaxo de quien se alistasse todo hombre, q̃ dexando las huellas del mũdo quisiesse lleuar el sueldo de seguir a Christo en la diciplina militar de la Religion: diole este estandarte, y en el puso por armas los tres votos sustanciales de ella, para q̃ obseruãdolas puntuales, saliessen victoriosos de todo genero de virtud: fue este fauor al subir victorioso Elias en el golfo de aq̃llos rayos tan misteriosamente ardiẽtes, q̃ si le abrasauan, era solo en mayores incẽdios de amor, por ir menos embaraçado gozando sus luzes lo deuia de hazer, hasta vna capa suele ser embaraçosa a quiẽ empieza à experimẽtar ardores diui-

xxxiij.

Nostert. Maria in Apoc. hos. Proph. p. 2. §. 8. n. 60. & de inceps.

4 Reg. 2. 13. diuinos: *Et leuauit palliũ Elia, quod ceciderat ei* Toma la en prẽdas de amor el dicipulo mas leal, & *leuauit palliũ Elia* Tan presto como Eliseo llegò a tomar la capa de su gran P. Llega Lira à põderar el dexarsela: *Non casu cecidit, sed ex diuina ordinatione.* Nadie presuma descuido en el caerse la capa de tanto Patriarca, preuẽcion fue de Dios, y disposicion suya; y para q̃? Auiale dado el espiritu, por esso le dà la capa dize Lira; por esso se la dà? Escusarlo pudiera por esso: si estuuiera sin el espiritu, venia la capa biẽ, porq̃ en el ausẽcia de lo q̃ se estima, todo diuierte. Empero, si Eliseo es otro Elias, si el espiritu ardiente ya le anima, si viue de aq̃llos fuegos, y salamãdra misteriosa se cõserua mas ẽ sus llamas q̃ en su vida misma, reserue para si la capa, q̃ dese Elias cõ algo de vn Elias: pero si es Elias el q̃ dà, aun cõ la capa no se quede, q̃ tiene el nõbre de dar, porq̃ Elias se interpreta *Deus*, y Dios se dize dessdar, y assi dela, no digan se q̃da cõ vna capa, quiẽ hasta el nõbre tiene de liberal. Bien dicho, pero si es mas el espiritu q̃ la capa; para q̃ es? *Vt Eliseus* (dize doctissimo Lyra) *ipso operiretur, in signum quod spiritus Elie requiescebat super eum.* El espiritu de Elias subia al cielo victorioso en la carroza, a titulo de Santo, y quilo dexarse a Eliseo cõ la misma victoria q̃ subia: Pues aduertido anda en dexarle la capa. ya q̃ le ha dado el espiritu; porq̃ el espiritu es inuisible, la capa le puede ver; està el espiritu oculto, la capa està manifiesta; ni el conocimiento del vno se puede escapar à Dios, q̃ penetra lo mas intimo, ni el otro se le puede ocultar a los hõbres, q̃ conocen lo manifiesto: Aya pues capa en vn Eliseo, en quien ay espiritu, este para q̃ vea lo perfecto del espiritu Dios, aquella, para q̃ la vean los hõbres, para q̃ cõ estas dos calificaciones se quede à titulo de bueno vn espiritu en la tierra con la misma victoria, con que sube al cielo, q̃ son tan necessarios, para aprobar victorias de espiritus perfectos, estos dos votos, que siendo el espiritu q̃ tiene Eliseo espiritu de vn Elias, sino le dexara vna capa, en quiẽ el mundo le mirara vencedor, no se pudiera acreditar de victorioso.

Promete Christo nuestro Señor à sus Dicipulos, en perdidas de su presencia, la del Espiritu Santo, que los aliente, y anime, para poder sufrir ausencias de vn Dios amado: para conseruarlos el aliuio, era forçoso, q̃ viuir, y amar à Dios sin verle, no puede ser sin mucho sentimiẽto. Entre los efectos q̃ ha de causar el Espiritu soberano declara, q̃ serà vno, dar testimonio de la victoria q̃ alcançó en xxxjv.

la conquista que tuuo contra la culpa, peleando Capitan tan diuino como esforçado: *Ille testimonium perhibebit de me: & vos testimonium perhibebitis.* Dará el espiritu diuino testimonio de mi victoria: dirá como mis sienes Imperiales estan ceñidas con resplandecientes diademas, y con eternos laureles. Vosotros compañeros en mis fatigas, testigos de mis combates, assistêtes a mis baterias, hareis lo mismo juntamente con èl, publicando el aliento con que siempre resistì el exercito del mundo, que tan poderoso contra mi se conjuraua, procurando con emboscadas diuersas aniquilar mi opinion, y contradecir mi verdad. Que dezis Señor? con el espiritu diuino se ha de juntar el Apostolico Colegio, para dar testimonio de vn Christo victorioso? El discurso oprimido gime, buscando razon para saluar tal dezir. El Espiritu Santo Dios es, Dios tambien es Iesu Christo, vn Dios de vn Dios victorioso no puede dar testimonio por si solo? vna persona diuina no puede acreditar la victoria de otra? Para que es menester donde interuiene vn Espiritu Santo, en testificacion de que vn Verbo diuino ha peleado inuencible, que aya mas testigos de esse valor? si es el mayor de toda excepcion este, y son aquellos menores, bastarà el apoyo de quien es tan fidedigno, por ser la misma verdad. Entren sin embargo los Apostoles en parte cõ el Espiritu Santo en el testimonio de la victoria de Christo, q̃ si no lo ha menester, por lo q̃ tiene de Dios, por ser hombre es conueniente q̃ se haga su calificacion assi, q̃ estos dos testigos humano, y diuino, se den tan igualmente la mano para la seguridad de vna virtud victoriosa, q̃ en faltãdo qualquiera, es como si huuiera ninguno. No fie su credito Christo solo del Espiritu Sãto, ni solo se fie de los hombres, q̃ si el Espiritu Santo es suficiẽte abono para el credito de la virtud de vn Dios hombre, por lo que tiene de hombre, de tal suerte ha menester cumplir cõ los hombres, q̃ en faltando la calificacion dellos, para cõ ellos sera como sino fuera santo.

Ioan. 15. 26.

XXV. Criò Dios la tierra en los primeros ensayos de su poder, no pudo poco mostrandose quando la criaua tan omnipotẽte en criarla tan desaseada: *Erat inanis & vacua.* Siendo las obras q̃ salẽ de su mano tã perfectas en todo, mucho fue salir la tierra deslucida, deuia de ser, porque no se aficionasse a ella mucho el hombre: *Erat inuisibilis & incomposita*, leyo San Gregorio Niseno: Estaua tal que no se podia ver. era inuisible, *erat inuisibilis.* Dificil parece la version, ser la tierra,

Gen. 1.1.

tierra, y no ser visible, pudiendo ser vista por ser tierra. O tiene ser, ò no, sino le tiene, como dize el Texto que *erat*? Si le tiene porque no visible siendo cuerpo que se puede ver? Responde diuinamente Gregorio. Verdad es que la tierra tiene ser, pero es como sino le tuuiera, porque le tiene para si, y no le tiene para que le vea el mundo: *Erat, & non erat, si quidem ad eam non dum concurrerant qualitates.* Faltauanle a la tierra las calidades de tierra, aquel lleuar frutos y plantas, aquel producir arboles, de cuyos troncos se auia de fabricar la Cruz, estandarte mayor de todo el exercito del Emperador Christo, de cuyas ramas se auian de forjar las hastas para las picas de la Milicia Catolica, de cuyas ojas, y flores se auian de coronar sienes inuictas, y cabeças victoriosas; pues aunque tenia virtud para criar estos instrumentos belicos, no tenia licencia para manifestarla, ni para formar verdes tropas de arboles, ni esquadras ordenadas de pulidas flores, con q̃ podia hazerle hermosamente visible à los mundanos ojos. Assi, que tenia virtud, pero en lo interior, y retirado: y lo exterior, que es lo que ve el mundo, se manifestaua desnudo, y vacio, desuerte que no lo podia ver? Pues hazed cuenta (dize Gregorio) que no tiene esa virtud, que carece desse ser; que si la virtud no tiene las calidades necessarias para serlo, q̃ son ser vista del mundo, para q̃ la pueda calificar, bien puede tener ser, pero serà como sino le tuuiesse.

S. Greg. Niss. lib. de oper. sex. dier.

O que dotrina fieles la desta victoria, para los que Capitanes del vicio hazen gala de parecer victoriosos, sobresaliendo con la cara descubierta en demasias licenciosas: quando la virtud no lo es, sino lo parece al mundo, ni se puede dezir, q̃ ha salido con la victoria de serlo, sin esta calidad: el vicio, que se dexa ver como vicio, sin reboço alguno, que pareceran? Desengañado puede estar vn vicioso, si poniẽdo los ojos en la virtud, aduierte q̃ està en tales contingencias su ser; pues ò no es perfectamente victoriosa, si dexa de ser para el mundo, ò sinò lo es para Dios; y si lo fuere, serà como sino lo fuesse; *Erat, & non erat.* No alcança victoria la virtud, sin esta plena informacion: testigos que aprueuen han de ser todos los que digàn en ella. Procure, pues, el Catolico ajustarse perfecto en lo interior para Dios, en el exterior exemplo para los hombres, porq̃ con esso alcance el premio de vna virtud victoriosa; que es gracia en esta vida, prenda declarada de la gloria. *Ad quam, &c.* xxxvj.

CON-

CONQVISTA SEPTIMA.

Para el Domingo segundo despues de la Epiphania.

Nondum venit hora mea. Ioan. 2. 4.

EXORTACION.

EL regozijo con que el sagrado Himeneo se ha celebrado siempre, humanas, y diuinas letras lo testifican. Los estraños festejan como propios; los forasteros se regozijan como conocidos. Iusto aplauso, mejor diré deuda; que todos ayudan a festejar lo q̃ conserua el ser de todos. Por estar Maria en vnas bodas, combidaron a Iesus, y a sus Discipulos. Que de cosas le vienen a Maria por Iesus; y que dellas le vienen a Iesus por Maria. Llamaron a Iesus, no dize el Euangelista q̃ vino, lo supone. Venir Dios, y llamarle, todo es vno, si se llama con deseo de q̃ venga. Pusieronse a comer, y faltó el vino; por esso deuia de venir tan presto; en remediar necesidades, antes es preuenido, q̃ tardo. Aduierte Maria la falta, quando Christo la reprehende; pudo ser corrido de que huuiesse quien intentasse remediar cuitas, antes q̃ su beneficencia. No ha llegado la hora de manifestarme, responde: quando Maria entre alientos de Fé manda a los ministros preuenir en q̃ recebir el milagro. Sabia q̃ no se puede contentar Dios en hazer bienes, y que a todas horas los haze. Era costũbre entre los Iudios, labarse muchas vezes las manos, y Palestina tierra de poca agua, por esso tenian preuenciõ de basijas para tenerla, por no faltar a la obseruancia de las leyes de sus mayores. Que bien! quando aora se haze tan poco caso de las que ponen, las antiguas como se guardaran? Manda Christo llenar las basijas de agua: y llenanlas hasta no poder mas; ni podia menos Christo de hazer manifestacion de su

gloria

gloria con gente q̃ assi le obedece. Conuiertalas en vino, estando primero llenas de agua. Assi haze Dios sus fauores, à llenos, que el fauorecer à vacios, es mengua de quien haze el fauor, y descredito de quien le recibe. Preuencion de Christo deuia de ser, q̃ assistiesse a este combite su Madre, porq̃ auiendo de hazer el primer milagro q̃ vio el mundo, quiso hazerle solicitado de los ruegos de Maria, para q̃ se le atribuyesse, sino lo principal alomenos lo piadoso. Sacad el licor de essas tinajas, dize a los criados, y llenad al Maestresala, para que lo prueue. Aprueua da Dios de sus fauores, mirad si tiene gana de q̃ nos dexemos fauorecer. Gustòlo, conociô q̃ era vino, no sabia el sucesso del agua: y si le sabian los ministros, de los misterios de Dios, algo saben vnos, y algo otros, mas saberlo todo, a solo Dios se permite. Llama el Maestresala al desposado, y dizele: *Omnis homo primum bonum vinum ponit.* En las comidas de importancia, siempre se empieza por lo mejor, para q̃ lo no tal se dissimule. Tu te has apartado del comun, poniendo lo mejor alfin. El gouierno del mundo assi es, parece algo al principio, y siempre tiene desastrados fines. El de Dios siempre acaba en lo mejor. Esta fue la primera señal q̃ hizo Christo, esta la primera manifestacion de su gloria, con esto creyeron en él sus Dicipulos, y con esto pidamos la gracia. Aue Maria.

COMBATE I.

Nondum venit hora mea, *Vers.* 4.

Dilata Dios la peticion, para que se conozca el merito de quien pide.

Num. I. DAr a quien pide no es la mayor grandeza; negar a quien solicita, es nimiedad; aguardar à q̃ se pida, descredito; dar sin pedir, suma liberalidad. Dio este dezir Ildeberto Cenomatense a mi pluma: *Hac enim celeritate præstanda sunt beneficia, vt ea potius accipiat improuidus, quam importunus extorqueat. Vnde expectatas preces anteuenire decreui, ne si rogatus subuenirem, serò subuenisse iudicarer.* La dilacion disminuye el beneficio; la breuedad aumenta el fauor: tan veloz ha de beneficiar vn pecho magnanimo; que antes se admire el beneficio por impensado, que se reciba por solicitarle importuno. Lo generoso, busca en quien emplear beneficencias, que beneficiar en la necessidad, mas es que liberalidad, compassion: tarde fauotece quiẽ hazer mercedes pedido. Anticipar el beneficio, es obligacion de lo señor, lo demas es degenerar de magnifico.

Ildeb. Cenom. Epis. Epist. 87.

Oy despliega sus luzes el Sol II.

diui-

diuino de justicia: oy haze estrena de sus rayos, y empieza a comunicar sus resplandores; ya se diuulga su fama, y pregonera de tanto dominio, admira la execucion de tan desusados sucessos. Combidaron à Christo à vnas bodas en donde su madre estaua, faltò el vino en lo mas sazonado del cõbite; pide Maria a su Hijo remedie aq̃lla necessidad; y auiendo de remediarla Christo milagrosamente, haze, al parecer, dificultosa la peticion, con la necessidad del tiempo determinado: *Nondum venit hora mea.* ¿No es tiempo de hazer milagros este: q̃ es esto Señor, quando Maria os pone en ocasiones de q̃ os deis a conocer por Dios, poneis escusas? assi perdeis la opinion de liberal? depende de tiempo vuestro poder? lo eterno no padece esse achaque: en la cõcession de vna cosa tan facil halla motiuos para escusarse vuestro poder? no admite la ocasion escusas, q̃ en necessidades precisas gana el beneficio por breue, el credito q̃ pierde por dilatado: hazed sin dilacion el beneficio, pues alfin le aueis de hazer, basta q̃ le haueis pedido: pero no ay escusas con q̃ se dilate el milagro, no siendo motiuo de dilatar la dilacion, sino la perfeccion de Maria. Si obrara luego el milagro, no huuiera tiempo para q̃ el merito de su Madre se conociesse, y no hallando dificultad en la peticion, no se conociera tanta virtud en quien rogaua. Al pedir pues de Maria, sigase el milagro, pero no sea luego qnando se siga, aya dilacion, y escusa: *Nondum venit hora mea.* Para que en esso se conozca el merito de quien alcança.

III. Hallòse Iacob gallardamente esforçado en los braços de vn Dios, q̃ en disfraces de Angel le embestia, cõbatiendo su fortaleza, tan humano en la disposicion del combate, q̃ pudo ser desconocido; porq̃ cometer a vn hombre solo, desapercebido, y de noche, lances son q̃ acostumbran los hombres. Empero Dios de preuenido lo acostumbra, el hombre de temeroso. Fue toda la noche el cõbate de la lucha, y cõ ser espacio tan dilatado, no desfaece Iacob, antes animoso pelea. O animo! bien te llamaron los antiguos Dios del cuerpo, pues estando cuerpo a cuerpo con Dios, si lucha Dios sin fatiga lucha vn hõbre. Siente q̃ quiere amanecer Dios, y viendo q̃ no rinde cõ fuerças a Iacob, le pide con ruegos q̃ le dexe: *Dimitte me, iam enim ascendit aurora* Dexemos en este estado el cõbate, y vamos a buscar el misterio. Luchar Iacob cõ Dios, bizarria fue de su esfuerço, no q̃dar vencido, dispẽsacion de la bõdad de Dios, no poq̃dad de su aliento: pedir con

Gen. 32. 26.

con ruegos q̃ le dexe, por sentir ya en dudosos resplandores, el Aurora, e dificultad muy vẽtilada: veamos si podemos hallar alguna singularidad, fundados en estas palabras, q̃ el Eminentissimo Cardenal Tomas Anglico insinua: *Loquitur Angelus mora alicuius Dñi grauis, & honesti viri, qui erubescit videri ab alijs agere quæ parum condigna sunt, vti erat lucta.* Empachauase el Angel (ò fuesse Dios el que en esse disfraz hazia como que se empachaua) de que le viesse luchar con vn hombre, pareciendole q̃ era puerilidad la lucha, y assi como sentia venir las luzes del Aurora, porq̃ no le vean, pide q̃ le dexe. Bien dicho, si es verdad q̃ el pudonor es quien mas autoriza à vna persona; mas el remedio no es dificil. Iacob no niega lo que Dios le pide, solo espera que le dexe su bendiciõ, para dexarle: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.* Tan facil remedio, para que se dilata? si el empacho solicita su ausencia, con la bendicion la consigue. No es dificil empeñarse en ser liberal, por escusar lances de vergonçoso: si gusta que le vean cubierta la cara de sangre, como quien haze cosas desatentas, no despache a Iacob. Empero si desea no ser visto en accion q̃ puede tener visos de desmesura, porq̃ no le dà luego lo que pide? O que delicadissimo encuentro!

Carden. Thom. III. Angl ad hæc verba

Tener empacho de q̃ le vean luchar, y estando en su mano, no escusar la lucha. Escusad la ocasion de tan peregrino sucesso. Pide Dios à Iacob q̃ le dexe, quando el pide q̃ le heche su bendicion. Facil le era a Dios el hazerlo, pero aun era de noche quando lo pedia: Hallase empachoso Dios si el dia le halla luchando, y hallase empeñado en dar a Iacob la bendicion, quando la està pidiendo. Si se la dà antes de amanecer, luego le dexa: mas si Dios queda sin ocasiones de verguença, la virtud de Iacob queda sin conocimiento, porq̃ la luz, quanto es necessaria para q̃ Iacob se vea, tanto es de inconueniente, para q̃ se mire Dios. Como se ha de disponer esto? Porq̃ si ay luz, se ve a vn Dios luchando, sino Iacob no se vè quando recibe la bendicion. Pero no importa, dilate Dios lo q̃ Iacob le pide, para que amanezca en essa dilacion, que si a la luz se puede ver vn Dios en sus braços, tambiẽ se puede ver la bẽdicion q̃ le dà: si en la lucha padece Dios empacho, en la bendicion cobra la virtud de Iacob credito, y en ocasion de q̃ se vea sonrosear el rostro de Dios, no hiziẽdo luego lo que le pide, ò que se vea la virtud de Iacob, dilatandolo, dilata Dios la bendicion, y se dexa ver con empacho, porq̃ no se dexe de ver la

virtud de Iacob con opinion.

IV. Sintiò Moyses a Dios enojado quando atreuido su pueblo, despagandose de la tardança q̃ hazia quando se hallò en el mõte se determinó à adorar vn bezerro, y darle cultos de diuino, quitãdoselos al verdadero Dios. Barbara determinacion, y error ciego, presumir diuinidad en vn poco de metal, que poco antes auia sido lisonja del gusto, ò incentiuo de lasciuia. Siẽtese Dios por el agrauio q̃ se hazia à lo diuino, y determina castigar sin remedio a gente tan indomita. Comunica con Moyses el caso, y oponese à su determinacion. Sientese Dios obligado de Moyses, y assi pide, que le dexe executar su ira: *Dimitte me vt irascatur furor meus contra eos:* Dexame Moyses, que no pide disimulacion este delito: mi iusticia ha de executar rigores, que culpas tocantes en lo diuino no es justo se passen en blanco. Entra Oleastro, y explicando este lugar: *Considera Dei misericordiam, qui ex his verbis ostendit Moysi se velle eum pro populo precari.* Grande misericordia de Dios! que en el mismo pedir le dexen castigar solicita à Moyses, para que le pida perdon. Que se entiende grande misericordia? no fuera mayor, si luego perdonara? Parece llano, q̃ el repetirlos ruegos, como haze mayor el merito del q̃ pide haze mas pequeña la misericordia del que à, y llega casi a ser justicia lo que se pide, quando se merece. Y aun por essa razon se dà mas ocasion a pedir: *Dimitte me. Considera Dei misericordiam.* Dos oraciones tenia la misericordia diuina de lucir, vna perdonando al pueblo el delito de la idolatria, otra haziendo que se conociesse a Moyses, por quien le perdonaua. Si perdona luego, conoce tu misericordia en la remission de la culpa, pero en la manifestacion de la santidad de Moyses. Pues bien trazado. Dele Dios motiuo, para q̃ pida por su pueblo; pero dilatese lo q̃ pide, no se lo conceda luego, obliguele à pedir hasta tanto q̃ se resuelua a perder su amistad en caso q̃ no concedan su peticion, ò perder la vida, como dizen otros: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut si non facis dele me de libro tuo quem scripsisti.* Y agrauando la culpa, en la dificultad del perdon, y dilacion de el pedir, se conocerà el mucho merecer de quien pide: y tendrà el mundo tiempo para ver que Moyses es tal, que pueden para con Dios mas sus ruegos, que la malicia de tantas ofensas: y assi vendrà a ser grande misericordia, negar para conceder, pues se muestra Dios misericordioso en la manifestacion de vnas virtudes, y en el perdon de vnas culpas.

Exod. 32 10.

Oleast. hic.

Versic.

V.

Auien-

V. Auiendo enseñado Christo nuestro Maestro a sus Discipulos el modo que auian de tener en orar, para q̃ la oracion fuesse fructuosa, en consequencia los enseña a pedir como parte de la oracion: y para asegurar la perseuerancia en orar, ò para no entibiar su confiança, les dize: *Petite, & dabitur vobis, quærite, & inuenietis pulsate, & aperietur vobis.* Pedid seguros, q̃ ganoso està Dios de dar, y el dar consiste en pedir: buscad confiados, que el hallar, seguro le teneis, llamad sin rezelos, q̃ el responder no tiene duda. Hazeme la grande lo q̃ dize Christo: Pedid, buscad, llamad. Para q̃ son tantas diligencias? Si ha de dar en pidiendo, para que ha de buscar quien pide? Y si ha de hallar en buscando; para q̃ ha de llamar quien busca? O busque, ò llame, ò pida. Pero hazer essas tres diligencias, siendo suficiente la vna sola escusado cuydado parece. Antes, dize Chrysostomo, es diligencia necessaria; pues aunque no es forçoso tanto llamar, para ser oidos, es diligencia de Dios, cerrar la puerta, por el gusto q̃ tiene en ser llamado: *Ob hoc reclusum est ostium vt faciat te pulsare: ideo non mox annuit vt exposcas.* O Chrysostomo! y como parece, os oponeis a lo que dize Christo: Christo dize: no es menester mas de llamar, para abrir, pedir para alcançar: *Petite, & dabitur pulsate, & aperietur.* Dize Chrisostomo: Llamando se suele cerrar la puerta; pidiendo, suele no concederse. Dar, y no dar, oposicion es manifiesta, es verdad, pero atended a la viueza con que esse encuentro se concuerda. Quien pide luego alcança, dize Christo, pero alcança lo que no pide; Que es lo que no pide? La manifestacion de su virtud: pues esso alcança, porque el tiempo que gasta en pedir, y en llamar, gasta Dios en dar noticia da la virtud, de quien tan afectuoso le pide. Lo que se pide suele Dios dilatar (dize Chrysostomo) y dize bié; pero hazelo. *Vt faciat te pulsare, vt exposcas.* No es cuidado de su escasez, sino prouidencia de su bondad, para que aya mas tiempo de hazer sabidor al mundo de la virtud, que tiene quien llama. Dilata Dios lo q̃ piden (dize Chrisostomo,) es assi: pero ay liberalidad en esta dilacion, dize Christo pues en el mismo no dar, dà ocasion para el conocimiento de la santidad de quien lo pide: de donde viene à ser que vn alma muchas vezes pide lo que no alcança, y alcança lo que no pide, con que vienen a estar concordes Christo, y Christoft. pues el cerrar Dios la puerta a la suplica, es para abrir camino al conocimiento de la virtud de quien la haze.

Luca 11. 9.

Chrys. in Cath. ad c. 11. *Luca.*

VI. Gran consuelo es de vn alma,

saber que no cansa aunque pida mucho; y estar cierta, que si no le dan, antes es por su virtud, que por su culpa. Esse era el consuelo que tenia el Rey David, en medio de no ser oido,

Psal. 21.3 *Deus meus clamabo per diem & non exaudies & nocte, & non ad insipientiam mihi.* Que se hizo vuestra clemencia? donde se retirò vuestra piedad? que mis ruegos no cessan, mis oraciones no se oluidan, *& non exaudies*; y parece malogro el de mis suspiros, pues tan poco pueden, que de dia, ni de noche tienen efecto mis peticiones; pero lo que me alegra, dulce dueño, es, que aunque reitere mis ruegos, no se me imputa à ignorancia, *& non ad insipientiam mihi.* Consuela Agustino al alma, exponiendo desta suerte este lugar: *Multi enim clamant in tribulatione, & non exaudiuntur, sed ad salutem, non ad insipientiam.* No es defecto de vn alma no tener efecto lo que pide, antes es salud, que enfermedad, no se aflija, que su negocio haze Dios en esso, pues no suele dar menos quando niega, que quando cuidadoso dà: y assi no cesse en el pedir, que el buen despacho seguro le tiene.

S. Aug. enarra in hunc Psal.

VII. Este combate antes sirue de consuelo al alma, que de aflicion. Combates de desdenes no suelen ser muy lleuaderos. Negar a vn necesitado pedir, combate es desdeñoso, q̃ prueua la paciencia mas sufrida, y acrisola el sufrimiento mas acreeentado. En Dios cessen essas sospechas, pues en su negar ay dicha, no desden; en su dilacion, aliuio, no desabrimiento: pues si niega, dà en el negar; y si dà en esso dà, tambien; con que viene siempre a ser liberal; pues dà quando concede; y cõcede quando dilata. Alienteese, pues, el alma, quando le parece està despegado en sus peticiones Dios: pues como dize Agustino: El no conceder al enfermo lo que pide, es cariño, pues se haze solo para asegurar mas su salud.

COMBATE II.

Quodcumque dixerit vobis, facite. *Vers.* 5.

Si ay oidos en la Fè, los demas sentidos sobran.

VIII. PArece escusa Christo la peticion de su Madre, pues al no darle esse titulo, donde tanto lucimiento, añade la escusa, de q̃ aun no es tiempo de manifestarse. No sè que quiso ser esse dezir, solo sè que para Maria fue como promessa, pues segura, y confiada, manda hazer preuenciones, y solicita en los Ministros obediencias, como quiẽ tiene seguridad en lo q̃ ha pedido: *Quodcũq; dixerit vobis facite*

No

No lo entiendo. Està Christo escusando el milagro, y Maria estale disponiendo. Que no es tiempo de milagros, dize Christo. Y que le obedezcan, porq̃ los ha de hazer, dize Maria. Que ha visto en su Hijo, que tan segura està de ver sus marauillas? Antes vè desganas en su Magestad, q̃ deseos. Pero q̃ importa, que vea, o q̃ no vea, si auia oido muchas cosas de su infinita misericordia, y tenia Fè viua de su piedad, creyendo, q̃ no tiene sufrimiento, para ver miserias sin remediarlas? Dize el venerable Beda: *Nouerat enim Mater eum* Bed. in Carb. hic *pium, & misericordem.* Creyò que auia de soccorrer la falta, por lo q̃ auia oydo dezir de su piedad. Pues si la Fè interuiene en ello, poco importa q̃ no vea en Christo señales de milagroso; porque la Fé no ha menester señales, que alleguren los sentidos, ni necesita de ojos, quando los oidos le sobran.

IX. Estaua Madalena afligida por la muerte de su dulce Maestro, y como amor es fuego, y quando arde mucho, echa el alma agua por los ojos, para aplacarle: hechos dos copiosas fuentes los suyos, fue en vano intentar la abũdancia de sus corrientes, aplacar el bolcan de tan amoroso fuego; quando la vista del candor de dos hermosos Angeles no pudieron atajarle; porq̃ siendo la causa de su sentimiento el ignorar donde estuuiesse su querido Dueño: *Quia tulerunt* Ioan. 26. *Dñm meum, & nescio vbi posuerunt* 13. *eum.* Solo el hallazgo de tan admirable prenda podia quietarla, q̃ como padece el coraçon violencia sin lo q̃ desea, solo le quieta su possession. Buelue el rostro, *& vidit Iesum stantem, &* Vers. 24. *nõ sciebat, quia Iesus est.* Vio a Christo resucitado, tan gustoso de verla tan finamente enamorada, q̃ se transforma en Hortelano, para gozar, sin ser conocido, la dulçura de vna voz, que tan enamorada le busca: lo afligido de vnas lagrimas tan amantes, q̃ no fueron suficientes dos Angeles para su consuelo. Habla Christo, y apenas conociò la voz, quando la oyò Maria. Aunq̃ fueron dos cosas diferentes, ni tuuo mas oirla, q̃ conocerla, ni conocerla q̃ oirla; tan estampada la tenia en la memoria. Deuia de querer llegar despauorida a gozar tanta gloria, y besar los pies, q̃ en otro tiempo fueron aliento de sus esperanças, quando sin consentirlo Christo, la detiene: *Noli me tange-* Vers. 17. *re.* Deteneos Señor (dize con dulçura mi Bernardo) q̃ parece ingratitud vuestro desuio. Tan poco alcançan con vos vnas lagrimas vertidas? vnos ojos llorosos? vn coraçon triste? El buẽ despacho del q̃ se llega cõ essas circunstancias a vos, ya se sabe està seguro: Como aora corres-

pondeis tan despegado? No es despego esse (dize el Santo.) Ya me lo entiendo, fineza es para engrandecer la Fè de Madalena: Fue como si dixera Christo: *S. Bern. ser. 28. in Cant.* *Dissuesce huic seducibili sensui inniteri verbo, Fidei assuesce: Fides nescia falli, Fides inuisibilia comprehendens sensus penuriam non sentit.* Quan laboroso discurrir. De donde se originò la Fè de Madalena? De vna palabra de Christo, *Maria*; Huuo informe de los ojos? No, que lo mismo fue oirla, q̃ creerla. Y el q̃rer tocar â Christo, que es? Indicio de incredulidad. Pues como? Porque parece satisfacion. Y satisfacerse es malo? Si, porque parece no auer enteramente creido. Y el poner en contingencia la Fè? Esso es poca fineza: Pues, *Noli me tangere*. Fè q̃ tuuo tanto de viua, que en oyendola los oidos, la admitiesse el coraçon, y admitida del coraçon, la publica luego la boca: *Rabboni*, no ha menester mas testigos para su credito. No lleguen desde cerca los ojos; no se dé licencia à las manos, que la diligencia de la informacion de los sentidos sobre, quãdo no falta en el coraçon la Fè: *Fides inuisibilia cõprehendens, sensus penuriam non sentit.*

X. Murio Lazaro; para la muerte no ay remedio. Dilatò Christo su venida, para su mayor gloria; vino a resucitarle. No puede vn pecho noble sufrir en vn amigo verdadero miserias, sin poner luego limite a ellas. Sueño le parecio su muerte, por que lo es la de los justos, o porque le era el resucitarle tan facil como si le despertasse de el sueño. Llegò al sepulcro, y para resucitarle llora, porque le auia de boluer a esta vida deuia de ser, que ya el mundo està tal, q̃ a quien nace se ha de llorar, y a quien muere se ha de reir. Dio vna imperiosa voz: *Lazare veni foras.* Apenas la oyò el difunto, quando sin reparar en que estaua atado de pies, y manos, y cubierto el rostro con la mortaja, empezò a andar, y salir fuera del sepulcro: *Statim prodijt, qui fuerat mortuus, ligatus pedes & manus institis, & facies illius sudario erat ligata.* Tan grande milagro le pareciò à Chrysostomo andar sin pies, y ver sin ojos, como resucitar: y no muy fuera de ocasion, q̃ si la resurreccion supone infinito poder, porq̃ el sugeto a quien se ha de resucitar està totalmẽte destruido de modo, q̃ por si no puede valerse. Auer quien à vn hombre q̃ està, aunq̃ viuo, sin pies para poder andar, y sin ojos para poder ver, le dè alientos para lo vno, y para lo otro, cosa diuina parece; porque el mundo està ya con tan poca posibilidad, y con tan mucha pobreza, que haze mucho quien se conserua moderado; quanto mas remediar

Ioan. 11. 43. *Vers. 44.* *Chrysost.*

neces-

necessidades, que piden tanto socorro. Ambrosio lleuò por otro camino el discurso. No es milagro esse, dize ingeniosamẽte entendido; andar aprisionado, y ver los ojos cubierto, bien pudiera ser del orden milagroso, pero no lo es, sino filosofia llana de vna Fè muy viua: *Audiuit ergo defunctus, & exiuit foras de monumento.* Llegò Christo Señor nuestro al sepulchro, mandò quitar por vltima ceremonia la piedra, lebãtò los ojos al cielo, para orar a su Eterno Padre, baxò luego la voz àzia la tierra, llamò al difunto. Oyó Lazaro la voz de Christo, y creyòla sin repugnancia el coraçon, q̃ falta le auian de hazer ojos? que necessidad tenia de los pies, quien assi cree con tanta presteza? no descubra los ojos: *Facies illius sudario erat ligata*: no desate los pies, ni las manos, *ligatus pedes & manus institis*, q̃ quien tiene orejas para oir, y coraçon para creer, sin pies anda, y sin ojos mira. No ha menester ojos la Fè, que tiene oidos: No ha menester pies, ni manos la Fè que tiene coraçon. Atense las manos, y cubranse los ojos en coraçon que es todo ojos, y todo manos, para creer.

S. Amb. l. de fide resurrect.

XI. Dormia en los cantares la Esposa, quando las ansias del pecho le dauan para el descanso licencia. Aunq̃ està el amor tan encõtrado con el sueño, se descuida algunas vezes: *Ego dormio* Velaua el coraçon entre el descuido de los ojos; no es posible dormir bien, quien tiene mal q̃ sentir: *Cor meum vigilat.* Dormir los ojos, y velar el coraçon, no me admira, como es tan soberano, q̃ se puede dezir el Dios humano del cuerpo, no es mucho obre alguna vez independente de sus sentidos, q̃ vna Magestad, si es bien q̃ obre acõpañada de consejeros prudentes, tal vez conuiene que obre por si, no parezca lo demas, ò sugecion, ó ignorancia. Lo q̃ admira es, q̃ entre los diuertimientos del sueño, estuuiesse la atencion de la Esposa tan atenta, q̃ oyese la voz de su Esposo, sin que para ello le sirviesse de embarazo los descuydos q̃ padece, quien sin obligacion de atẽder, descuyda quando se echa a dormir. Solo por lo que tiene esse sueño de amante, me puede [illegible]ar satisfecho, quãdo se sabe [illegible] desaseosiegos cuydadosos todo el dormir enamorado, y ausente: *Vox dilecti mei.* Que misterio es este? Vno ojos dormidos, vn coraçon que vela, vnos oidos que oyen, y vna boca que confiessa? Contrariedad es digna de atencion, pues habla lo que duerme, siendo el sueño para tener vigilia, y la vigilia para guardar el sueño. Notable competencia, donde con acciones opuestas a su o-

Cant. 5. 2

bra, vemos que exercen sus operaciones las potencias. No estrañeis esse modo de obrar (dize el Apostol) q̃ assi se han de disponer los sentidos, para la seguridad de vna Fè verdadera: *Corde enim creditur ad iustitiam, ore autem confessio fit ad salutem* La Fé entra por el oìdo, con el coraçon se cree, y confiessa por la boca, los ojos no tienen en essa Teologica virtud jurisdicion, es grosseria de vna Fé perfecta, pedir à los ojos informació, testificació a la vista; duermã: *Ego dormio* Cierrẽse à la Esposa essas dos vẽtanas del alma, y no quiera valerse de essos dos testigos de el cuerpo, para la aueriguacion de lo que tan firme cree; porq̃ su Esposo quando la llame, aunq̃ la halle dormida, atribuya el sueño, no à descuydo, si no à fineza, viendo que independente de los ojos, a quiẽ tiene preso el sueño, halla vna Fé despierta en vn alma, q̃ sin ojos, tiene vnos oydos que oyen, vn coraçon, que cree, y vna boca, que a vozes le confiesse, diziendo: *Vox dilecti mei.*

XII. En este combate no se como dar motiuo à la moralidad. Pues auer de creer el Catolico las verdades reueladas por el Espiritu Santo, sin esperar para creerlas à mas combates de los q̃ herido con el sonido de la voz, puede padecer el oido, es cosa constante: Antes juzgo se peca por demasiado creer, que por omission, pues no falta quien assegurandose en que Dios le darà vida para arrepentirse, peca: Presumiendole sufrido le ofende; y se le atreue juzgandole callado. Demasiado es esse creer, valiera mas no creer assi. Agustino declarò con ingenio la etimologia de este nombre Fé: *Fides enim appellata est in Latina lingua ex eo, quia fit quod dicitur.* La Fè se dize de aquello que se haze; si se haze bien, se cree bien; se cree mal, si se haze mal. Hazes penitencia, creyendo, que Dios te ha de perdonar tu culpa, buena Fè tienes, pues crees en Dios, misericordia, y poder: Misericordia, con que se compadece de tu miseria; poder para perdonarla. Pecas, creyendo te darà Dios auxilios para hazer penitencia, mala Fè tienes; pues crees ay en Dios bien, que te pueda ocasionar al alma; bien es creer que le puede remediar Dios; y acudir a èl como a Padre poderoso. Pero antes de hazerle, creer que le ha de perdonar; para tomar licencia de ofender, Fè muy peligrosa es. Segun esto el que obra bien, cree bien; y cree mal el que obra mal: Por sus obras podrà cada vno conocer si su Fè es buena, ò mala.

S. Aug. l. de mendac.

(;?;)

COM-

COMBATE III.

Implete hydrias aqua. *Vers.* 7.

No dexa duda en sus beneficios Dios.

XIII. NO se nos passe este milagro sin censura. Mandò Christo para hazerle llenar de agua vnas tinagillas que tenian los Iudios, costumbre de aquella tierra, por ser esteril de aguas: *Implete hydrias aqua.* Pareciole à Chrisostomo esta diligencia escusada, quando el poder de Christo no estaua sugeto a essos accidentes: mayor grandeza de su poder era hazer el vino de nada, que conuertir el agua en vino, siẽdo lo vno creacion, y educcion lo otro; mayor grandeza es criar, que deducir: conuertir vn sugeto en otro, el tiempo lo suele hazer; pero hazer de nada vn sugeto, es acciõ de vn solo Dios. Es assi. (dize el Santo) pero fuera tan creible: y quando Christo no solo pretendia dar a entender, que era poderoso, sino beneficio. Si sobràra el credito à lo admirable, faltara seguridad en lo beneficio; tuuiera de dudoso el beneficio, quanto tuuiera de grande. Hagase, pues, el milagro, pero de menos credito, porq̃ no falte credito en el milagro, que no le parece à Dios haze bien, hasta que no dexa en el bien que haze que dudar. Chrysostomo assi: *Hoc profecto mirabilius non tamen ita credibile, & quod tam facile potuisset multitudini persuadere, hac gratia miraculorum nõnumquam magnitudinem consulto imminuit, vt facilius crederetur.* *Chry. ho. 21. in Ioan.*

Lo primero que Dios hizo por el hombre, fue, criar el cielo, y la tierra: *In principio creauit Deus cælum, & terram.* O lo que hizo para adornarlos! no dexò lugar al mas pequeño escrupulo, de q̃ no era obra de su mano: *Initio tu Dñe terram fundasti & opera manuum tuarum sunt cæli,* dixo Dauid: Con todo los criacõ vnas circunstancias, que no parecen de menos poder, q̃ criarlos; pues siendo tan pesada la tierra, y de tamaño espacio el cielo, la tierra se està en la tierra, y se està el cielo, en el cielo. Mirad el dilatadissimo espacio de esse celeste toldo, no os detengais en la contemplacion de su belleza, si en que siendo tan innumerable su assiento, no tiene assiento en que estriue, piramide en que descanse, ni obelisco donde assiente, que si los antiguos dixeron, que Atlante en el otro monte sustentaua sobre los ombros el cielo, esso fue solo en la ficcion, no en la verdad del sucesso. Por arriba pues, no està pendiente, que espacio imaginario es lo q̃ tiene sobre si. La tierra, vniuersal refugio de viuientes, siendo su peso tan inmenso, ni tiene quien la tenga, ni se XIV. *Gen.* 1. 1. *Ps.* 101. 26.

ni se detiene mas q̃ en ella misma. O milagro sobre milagro! (dize S. Basilio el de Seleucia) criar Dios el cielo, y la tierra, milagro: Hazer que se sustentan sobre su palabra, sin que el cielo se caiga en la tierra, ni la tierra se suma en el abismo, milagro. Hagamos la ponderacion aora. Para que sõ dos milagros? El primero, que es el de la creacion, estando Dios resuelto à criar necessario es. El segundo, que es tenerse el cielo, y la tierra en si, escusado parece. El hõbre, criatura es mas perfecta; y con todo esso, de dos partes q̃ tiene, que son cuerpo, y alma, el cuerpo està sobre la tierra, y el alma se sustenta en el cuerpo: fueran assi el cielo, y la tierra, tuuieran donde sustentarse, q̃ parece ocioso vn milagro tan continuado. Porque (dize Basilio) siendo de orden tan subido, auia de carecer de ocupacion? Su ministerio tiene, no se hizo sin estudio particular. Auia criado Dios el cielo, y la tierra, milagro tan sobre todas maneras grande, que podia escaparsele su verdad a la capacidad del ingenio humano. Pues bien trazado, haga otro milagro Dios, para que siendo dos los milagros, el vno con el otro se acrediten de verdaderos. No se canse Dios en obrar prodigioso, sino a la primera marauilla de la creacion, junte la segunda del sustento de cielo y tierra en si mismos, siẽdo mas este segundo milagro, por no dexar duda en el primero, q̃ por hazer el milagro. Aya dos milagros, para que quando llegue el hombre a meditar, q̃ Dios hizo el cielo, y la tierra por hazerle bien, no tenga lugar para poner duda en que Dios es el autor de aquella beneficẽcia. Oid à Basilio, q̃ despues de auer tratado del cielo, dize: *Terræ vero pondus, cum interminata sint eius spatia, vbi appensum est? Verum, & si subiectum fundamentum inueneris; originem eius iterum quaris. & postea aliud. atq; aliud subiectius; donec scrutinij profundo mens edocta exclamet, digitus Dei est hic: & profectò miraculum miraculo excipitur.* No ha de quedar duda en los beneficios que Dios haze; porque despues que el hombre aya puesto cuidadoso escrutinio en ellos, para inuestigar su Autor, estan vnos con otros tan assegurados, que al fin ha de dezir: *Digitus Dei est hic*, esto no se puede negar ser beneficio de Dios. S. Bas. Seleuc. Epis. orat. 1.

XV.

Và prosiguiendo con la creacion el supremo Artifice. Llega à criar la luz, y en vez de hazerla cõ las manos, como dize Dauid, hizo los cielos, remite a la lengua esse cuidado; y auiendo estado mudo hasta entõces, para auerla de criar, habla, y dize: Hagase la luz: *Dixitque Deus Fiat lux.* Que es esto, dize otra vez Basi- Gen 1.3

Basilio? Dios dize, que se haga la luz, y no dize que se haga el cielo, la tierra, ni las aguas: *Cælum profectò productum est, & terra cum aquis, cum vox anteverteret nulla. Lux vero cum produceb atur, Deus voce præivit.* La luz ha de traer consigo el testimonio de quien la haze, y no le ha de traer el cielo, ni la tierra? Desacreditase Dios en la creació de essas criaturas? ò como no dize que las cria? Si son de hechura de su mano, como la luz, digalo, y sepa el mundo de boca del mismo Dios, q̃ fue èl quien las criò q̃ si es suficiente fundamento, para creerlo el dezirlo Moyses mas seguridad aurà si el mismo Dios lo dize. Diga Dios hagase el cielo, y la tierra, como dixo, hagase la luz. Que cosa es, que no siendo menor lucimiẽto de Dios ser criador del cielo, y de la tierra, q̃ de la luz, diga el mismo, q̃ es criador de la luz, y no diga q̃ es criador del cielo, y de la tierra? No veis el caso? Quando Dios hizo el cielo, y la tierra, no auia criado la luz, y assi aunq̃ eran criaturas fabricadas para beneficio del hombre, como no auia luz, no se podian ver, y como estaua a escuras, no se podia conocer si auia cielo, o si auia tierra; porque las tinieblas q̃ estauan sobre el abysso, lo ocultauan todo. Assi, pues preuenido anda Dios en no dezir, q̃ hizo el cielo, y la tierra, q̃ si es verdad fue en beneficio del hombre el hazerlo, no le podia conocer, por ser hecho à escuras, y beneficio sin conocimiento, nunca dize Dios que le haze. Quãdo haze la luz, entonces despliega sus labios, y dize sin rezelo: Hagase la luz. *Dixitque Deus: Fiat lux:* como quien dize: El criar la luz es beneficio indubitable, y patente, no puede su conocimiento padecer achaque. Bien trazado, pues beneficio que se haze tan à las claras, que todos le puedan ver, diga Dios, que es suyo: *Dixitque Deus.* Pero beneficio que està en duda, si lo es, porq̃ no ay luz con que se conozca, escuse Dios el dezir es de su mano, porq̃ no parece q̃ es beneficio de Dios, beneficio q̃ no parece.

S. Bas. Seleuc. ora. 1.

En el mayor furor de su enojo estaua Saulo contra todo el gremio Christiano, quãdo Christo, como desentendido de sus furores, ò por mejor dezir, como mas entendido de ellos, le haze el fauor mas indecible. Es gloria de Dios no fauorecer cõ achaques de hombre, y hazer bien à vn enemigo declarado; el hõbre no lo sabe hazer. Hizieronse los cielos luzes flamantes, y baxando desechos en resplandores à la tierra, cercarõ cariñosos al q̃ desapacible los perseguia: *Circumfulsit eum lux de cælo.* Caydo à vista de tanto rayo, oyò la voz de Christo, q̃ amorosamente

XVI.

Act. 9. 3.

mente sentido se quexaua: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Deten el intento Saulo, le dize, no executes tu resolucion, que no te lo merece mi agrado, ni desmerece tu correspondencia este fauor. Mi Bernardo se pone a contemplar en esta ocasion à Christo, y admirarse de ver quã sin mirar agrauios, multiplica mercedes. Los cielos desquadernan, sus luzes le hazen patentes, sus resplandores cercan à Saulo, sus ojos los ven, y sus oidos oyen la voz de Christo. Tanto desplegays, Señor, vuestra beneficẽcia con vn enemigo, con amigo vuestro, q̃ será? Sea norabuena vuestra magnificencia tanta; pero sea con quiẽ la merece: No gasteis resplãdores con vn enemigo, ni deis lugar, para que oiga, quien assi os persigue, los ecos de vuestra diuina voz, que poneis en duda essos fauores. Bien lo entendeis (dize mi Doctor) antes lo haze por sacarlos de duda. Si fuera amigo à quien se hiziera el beneficio; si correspondiente à quien se comunicàra el fauor, no era necessario fuesse tan cũplido, porq̃ era mas creible, que aun amigo de Dios se le comunicassen fauores del cielo; pero como es tan sospechoso el hazerlos à vn enemigo, para quitar la sospecha, no solo fue menester, q̃ viessen los ojos, sino q̃ oyessen los oidos. Aya luz, y aya voz porq̃ siendo sola la luz, si los ojos llegaran a dudar el mismo beneficio q̃ estauan viendo, no seria quien los verificasse; y assi oygan los oidos la voz, para q̃ con esso puedan assegurar a los ojos, si acaso llegaren a tener duda en el bien q̃ reciben. Ya llega el Melifluo dezir: *Lucis, & vocis testimonia credibilia facta sunt nimis; nec dubitare est de veritate, quæ se se ingerit per vtrasque, oculorum scilicet auriumque fenestras.* Enemigo es Saulo es verdad, pero si auia de ser por esso el bien disminuido, se le aumenta por esso, porq̃ en lances que beneficià Dios, no atiẽde tanto al merito de quien recibe el beneficio, quanto à que se conozca con seguridad ser su Magestad quien le haze.

Vers. 4.

S. Ber. ser. 1. in Cõuers. San Paul.

XVII

Si del beneficio que se haze, no sienre alguna vtilidad quien le recibe, que importa se haga? Sino se conoce menos podrà sentirse su prouecho. La gracia del Principe (dize Casiodoro) sino trae algo consigo de comodidad, no es gracia: y si la trae, y se ignora, para q̃ es el traerla? No menos se siente el dexar de hazer vn beneficio, q̃ el hazerle desconocido, porq̃ mientras no sabe lo que se tiene, aunque se tenga, es de ningun prouecho; y no siendo de vtilidad vn beneficio no es porque su ser consiste en la vtilidad de quien le recibe: *Gratiam Princi-*

pis

pis voluntas nuda non asserit. Nec beneficium dici potest, quod nulla vtilitate sentitur, dize el Senador. No perderà oy nombre de beneficio el que haze Christo, pues tan à las claras le haze, y con tanto prouecho de quien le recibe. Claridad tiene pues a vista de todos se obra; vtilidad tambien, pues es en remedio de la falta del vino. Enseñese escuchando atento la licion que lee este combate, à beneficiar el q̃ se precia de Señor; y haga el bien desuerte, que conocido, aproueche; y no haziendole cõ estas circunstancias, no diga es bienhechor; porq̃ antes desacredita quien haziendo el bien, no le haze de este modo.

COMBATE IV.

Implete hydrias aqua. *Vers. 7.*

Quiere Dios que se descubra lo miserable, para que campee lo misericordioso.

XVIII. PONderemos segunda vez estas palabras. No atiendo oy la liberalidad de Christo: solicitado de su Madre haze vn milagro, de su solicitud le propone la ocasion, y antes se desazona, que se obliga, y resoluiendose a hazer el milagro, pudiendole hazer estando las bazijas vacias, las manda llenar, quiza para que no se pudiesse dudar de que lo estauan: *Implete hydrias aqua.* Que es esto? Combatido està de dudas el ingenio sin saber que titulo poderle dar a esta accion. Confessar la beneficencia de quien la haze assi, parece sin tiempo: dar titulo de magnificamente liberal à quien dexa pedir, es sin razon: no obligarse de vna sumission, es desabrimiento: ver la cuita para remediarla, remission: Tras esso, negar que es magnifico Señor tan grande, es injuria, Como se ha de componer combate de tanta oposicion? Veamoslo en otra ocasion primero.

Cuidadosos se hallaron los ojos de Christo, viendo la necessidad de la gente que le seguia (si es que puede padecer Dios este achaque) ingeniosamente se muestra ignorante; y pregunta a Felipe el medio para remediar necessidad tanta: *Vnde ememus panes, vt manducent hi?* Sabia sin embargo, como lo auia de remediar, y sin esso lo pregunta: todo es saber las preguntas que haze Dios: *Ipse enim sciebat, quid esset facturus.* Saber el modo del remedio, y preguntarle, o tiene mucho de misterio, o es no quererlo remediar. Misterio es (dize Chrysostomo) que el ser magnifico le es natural a Dios, y assi no puede no querer serlo, mas gusta que se aumente el lucimiento a su misericordiosa beneficencia, pues

XIX. Ioan. 6. 5 Vers. 6.

es

es la traza ingeniosa para el intento: pregunte como ha de acudir al remedio de aquella necessidad, aunq̃ lo sepa: *Vnde ememus panes, vt manducent hi?* Para q̃ manifestandose con ocasion de esta pregunta la penuria de la gente, la misma miseria q̃ se manifiesta, haga mas lustrosa la magnificencia de quien los suporemediar: *Propterea* (dize Chrisostomo) *eum rogauit, vt magis appareret miraculum, & coactus confiteri penuriam melius intelligeretur miraculi magnitudo, quam si simpliciter id fecisset.*

Chrysost. hom. 41. in Ioan.

XX. Ya estareis en el caso. Manda Christo llenar las basijas: *Implete hydrias aqua*, para q̃ viendolas vacias antes de hazer el milagro, essa misma falta vista de todos, le haga mayor, q̃ sino es estilo de quien desea ser liberal dar ocasion à q̃ hagan patente la cuita, haze q̃ se haga manifiesta, no para su desdoro, sino para mayor lucimiento de la misericordia, que la remedia.

XXI. Dos lugares con vn reparo de Geronimo han de ser primer apoyo desta verdad. Sientese amorosamẽte humilde Ieremias de Dios, poco escaso en hazerle beneficios: correle de que siendo tan grande, se ponga tan igual con èl en platicas; y no pudiendo sufrir tanta beneficencia su humildad, se le propone insuficiente: *Ecce nesio loqui* Señor balbuciente es mi lengua para el ministerio en q̃ me quereis ocupar. Tocale Dios con su misma mano los labios, y dale en ellos palabras q̃ dezir: *Misit Dominus manum suam, & tetigit os meum.* Quexase Isaias en medio de las glorias de ver à Dios, y dize, que se quexa, porque tiene labios inmundos: *Vir pollutus labijs ego sum.* Tocale vn Serafin los labios, y purificaselos: *Volauit ad me vnus de Seraphim: & tetigit os meum.* Notad la diferencia. Quando le han de tocar à Isaias los labios, se los toca vn Serafin embiado de Dios: *Vnus de Seraphim tetigit os meum*, quando à Ieremias el mismo Dios los toca por si. *Misit Dñs manum suam, & tetigit os meum.* Que diuersidad es esta? Con Ieremias tan solo Dios, y con Isaias tan acompanhado? Aqui seruido de Serafines como Señor, alli si tan Señor, no tan seruido? No auia vn Serafin que tocasse a Ieremias los labios? Las manos de vn Dios han de tocar la boca de vn hombre? En que se ha de conocer que es Señor, si està tan solo, que aun no tiene vn Angel a quien remitir essa diligencia? Con Isaias Dios parece Dios, pero juntamente grande en lo aparatoso de el trono dõde alsiste; y en los Serafines de quien se sirue para tocar los labios del Profeta, Señor; Con Ieremias solo parece Dios en lo demas, tan solo parece que ha-

Ier. 1. 6.

Vers. 9.

Isa. 6. 5.

Vers. 6.

ze

ze con diligencias propias, lo que hizieta (à mostrarse mas Señor) con las de sus vassallos. Que quiere ser, que siendo igualmente magestuoso, se conozca lo magnifico, mas en tocar los labios de vn Profeta, que en tocar los de el otro? Ya es tiempo que llegue el ingenio de Geronimo. Dios igualmente es grande, pero en Ieremias parece menor, porque en los labios que le toca, no falta la pureza; empero los de Isaias tenian mancha. Veasse, pues, Dios mas magnifico, y como mas Señor mande à vn Serafin toque á Isaias, que si se descubre vna miseria tan grande, como tener vn Profeta labios impuros: *Vir pollutus labijs ego sum*, à vista de essa falta descubierta à de lucir tanto lo misericordioso de quien assi sabe remediarla, q̃ en la misma accion con que la remedia, ha de parecer todo Magestad, todo grandeza. Acà no ay miseria, si se tocan labios, no es para quitar impureza q̃ tengan, sino para dar palabras q̃ digan. Aqui pues q̃ no ay falta descubierta, no es mucho falte en el tocar lucimientos de poderoso; pero alli q̃ si se toca, es para purificar vna mancha q̃ se vè, que mucho se vea tan grande, quien manda se purifique? Oid à Geronimo: *Ad Ieremiam quia labia non habebat immunda sed tantum dixerat, nescio loqui, extendit ipse Dominus manum suam, & tetigit os eius. Porro ad Isaiam qui dixerat: Vir pollutus labijs ego sum: non Dei manus porrigitur sed Seraphim mittitur à Deo.* No tiene defecto que descubrir Ieremias, quando Isaias le tiene. Alli es todo virtud, aqui ay imperfeccion; pues essa imperfeccion descubierta, es la que dà mas lucimiento à Dios, que entonces luce mas el poder de su misericordia, quando mas se descubre la miseria.

Hier. ad cap. Isaiæ.

En el Sacrosanto Misterio de la Missa, pielago immenso de amor, cifra de gloria, y seguro puerto de gracia: Aqui donde los misterios sobrepujan a las palabras, hallé vnas, que me hizieron nouedad; vsalas la Iglesia despues de la consagracion, acabado el segundo Memento, donde se pide a Dios, que dè à las almas de los fieles que estan en el purgatorio la gloria, ò que les remita algo de la pena. Dizen pues: *Nobis quoque peccatoribus*, y tambien, Señor à nosotros pecadores, que esperamos en la multitud de vuestra misericordia, nos dad parte en la gloria, en compañia de vuestros escogidos. Remigio Altiodorense, reparando en aquella palabra, *peccatoribus*, dize: *Licet omni tempore peccatores nos esse ex corde debeamus cognoscere, tum quam maximè confitendum est.* Siempre hemos de conocernos

XXII.

Eccles. in Can. Miss.

pe-

pecadores; no ha de auer tiempo en que se nos oluide la culpa, ni diuersion q̃ la pueda borrar de la memoria. Mas en el sacrificio de la Missa, despues que està alli Christo glorioso, entõces quanto mas a gritos lo hemos de confessar: *Tunc quã maximè confitendum est.* Brauo dezir! En la gloria puede auer remission de culpas? alli olgança eternaes la que ay: y se trae a la memoria el pecado, no es para confessarle, sino para rendir immortales gracias a Dios, porque le perdonô. El Sacrosanto Misterio de la Missa, en llegando a la Consagracion, todo es gloria; porq̃ alli ha de auer confession de culpa? culpa, y gloria en combate perpetuo estan: si son pecadores los q̃ llegan à aquel misterio, porq̃ llegan? y si no lo son, porque se han de confessar culpados? Brauo caso! auerse de confessar pecadores, donde por lo menos han de estar verdaderamente penitentes. Bien dispuesto està assi dize Remigio; aunq̃ alli ayan de llegar verdaderos penitentes, confiessense pecadores: *Tunc quam maximè confitendum est.* Porq̃ este Sacramento, aunque tiene tanto de gloria, se celebra en él de segunda institucion la gracia con q̃ se remite la culpa, y indulgẽcia con q̃ se perdona el pecado: *In illo sacro mysterio celebratur remissionis gratia, indulgentia peccatorum.* En sacramento, pues dõde se perdonan culpas, confiessense culpas: misterio donde ay indulgencia de pecados; para que manifestando miserias de culpas, se dé mas gloria a la gracia con que se perdona, y mas gracia a la indulgencia con que se remite: *In illo celebratur indulgentia peccatorum* No fuera tanta gloria deste Sacramento, si solo fuera Sacramento de justos, como siendolo juntamente de pecadores; porq̃ el justo, como no pudiera dezir culpas, no le pudiera añadir nueuos lucimientos; mas el pecador cõfessando pecados, haze q̃ crezca mas la gracia de la remission, quanto mas crece la remission de la culpa.

Rem. Antis Episc. de celeb. Miss. ad hac verba

XXIII

Pusose Dios a fabricar el vniuerso, y empieza su fabrica por el cielo, y la tierra, dos polos sobre quien estriua todo lo criado: pasa Moyses a dezir, como salio de las manos de Dios la tierra: y no se si oluidado, ò preuenido, dize, que saliò vacia, y vana: *Terra autem erat inanis, & vacua* que es esto Moyses, auiendo dicho, que criò Dios la tierra, *creauit Deus terram?* dezis, que es vana, y vacia, *inanis, & vacua?* Sino ha hecho esta criatura mas de salir de la diuina mano, los achaques con que sale atribuiranse al Criador, nadie tiene en sus defectos culpa, quando el tenerlos, ò no, està en su mano.

Gen. 1.2

Vers. 1.1

De-

Deteneos en la narracion de este sucesso; disimule esse poco tener vuestra cordura; no corteis la pluma para escriuir lo q̃ dexa de tener vna criatura tan reciẽte: digo solo, q̃ ha salido de la mano de Dios, no passe a mas; no pierda el credito el Criador, por la criatura. Empero Historiador diuino, atiende a la verdad, no al agasajo: los humanos suelẽ faltar a la verdad de la historia, por no descubrir la falta de quien escriuen. No està mal dicho, mas es a tanta duda, corta satisfacion. Guiemoslo por otro camino. Vana es la tierra; y bien dicho està q̃ es vana, fuera vano no dezirlo, porq̃ en ocasion q̃ Moyses pretende acreditar a Dios de Poderoso, no se mengua su poder, con dezir saliò de su mano vna criatura cõ mengua, porq̃ auiendo de dezir en breue, q̃ Dios dio lucimiento a esta deformidad, fecũdidad à esso esteril, forma a esta materia, dezir, q̃ era materia informe, tierra esteril, y vacia, si fue descubrir faltas de la tierra, fue manifestar mas el imperioso poder de quien la criò: pues por el mismo caso q̃ podia achacarse al Criador essa falta, porq̃ lo fue; el dia q̃ la remediò, redũdò en mas lucimiento suyo: *Erat inanis, & vacua.* Muestre primero la deformidad, para q̃ se le aumente el lucimiento al poder de quiẽ la hermosea. Mas lucimiẽto parece tuuo Dios con criar esteril à la tierra que con criarla; porq̃ en la creacion no huuo materia, que informar, ni deformidad, que pulir. La creacion no admite sugeto; de nada se haze, pero viendo tan luego llena á vna tierra tan vacia, la manifestacion de essa vacuidad no escusaua, sino era esculãdo la manifestacion del poder del q̃ despues de tan vacia la supo llenar de lucimientos tan bien.

No quite este lucimiento ningun Catolico a la misericordia de Dios, combate bien ordinario es el q̃ ay entre lo misericordioso, y lo miserable, cada dia lo experimentamos. Esto procurando resistirle, aq̃llo haziendo diligencias para destruirlo. Deshazer la miseria de la culpa, al pecador le està bien; dar à quiẽ le haze tanto fauor, lucimiento es deuido. Si la misericordia campea mas à vista de la miseria, pues estamos llenos de miserias siempre, no las ocultemos manifestemoslas, en especial en la confesion; confessemos culpas, descubramos pecados, sin q̃ el ser muchos nos acobarde, antes nos anime; porq̃ puesto ser mayor lucimiento de la misericordia, la manifestacion de nuestra miseria; quanto ella fuere mayor, mas ocasion tendrà del lucir vn Dios misericordioso. XXIV.

COMBATE V.

Dicit Iesus: Haurite nunc, & ferte Architriclino. *Vers.* 8.

El oficio se ha de dar a la capacidad, no a la persona.

XXV. A Los criados manda Christo saquen del agua hecha ya vino; que lo prueue el Maestresala dispone: *Dicit eis Iesus Haurite nunc, & ferte Architriclino.* Acertada disposicion, buē gouierno, reparad en él: Maria pide, Christo haze el milagro, los ministros obedecē, las tinagillas se llenan, el Maestresala prueua el vino. No fuera acertado q̄ pidiesse el que no tenia meritos, ni que obedeciesse el Superior, como ni que hiziesse el oficio de señor el criado. Obedesca el que no tiene capacidad para mandar; mande el que tiene caudal para disponer; pida el q̄ se halla con meritos para alcançar, y no se disponga la ocupacion de essos ministerios en personas, sino en caudales, y experimentareis con esse modo milagros en el gouernar.

XXVI. Muere Moyses, elige Dios en su lugar a Iosue por Caudillo de su Pueblo, assegurale su compañia; alienta el animo con seguridad tanta, empieza à disponer las ordenes para la defensa del pueblo de Dios: Iunta exercitos, paga soldados, lleua sustento, y plantase en campaña con el grueso del exercito, à vista de la Ciudad de Iericò. No fiò de tanta prouidencia su dicha; al cielo leuanta los ojos. y antes de llegar à èl cō ellos, vé vn Angel, que con aliento gallardo tenia vn azero desnudo en la mano: *Cum autem esset Iosue in agro Vrbis Iericho, leuauit oculos, & vidit virum stantem contra se euaginatum tenentem gladium.* Fue ponerle la espada en la mano, notificando en ella la desolacion de Iericò. Dize la glosa interlineal: *Promptam sententiam qua puniretur Iericho.* Bien està, pero con Moyses, porque no se hizo essa diligencia, siendo tan amigo de Dios, y Caudillo de su Pueblo? Dierasele la espada en la mano, como se le dio à Iosue? Para que Señor este desdē? vuestro priuado es Moyses, y amigo verdadero sobre priuado, que no suele ser todo vno. Iusto es se premie su desuelo; su fidelidad no es de menos estimacion. De quien fiais vuestros secretos; cō quien comunicais cara à cara vuestras resoluciones; à quien entregais vuestras leyes, para q̄ las promulgue, y establezca en el Pueblo, bien podeis darle la espada, para q̄ le defienda. Dadsela, no le negueis esse fauor, veanse vna vez la espada, y la pluma jūtas; para que cōquistando con prudencia, y con valor, tenga lucimiento

Ioſ. 5. 13

Glo. Interl. hic.

miẽto en todo. Pero no se la dè, amigo es de verdad, y jũtamente es priuado, ni se le puede negar la fidelidad de su correspõdencia. Pero si es bueno para la priuança, y para la campaña no es bueno, ponerle la espada en la mano, es echarlo a perder todo. Moyses es muy apacible, es el hõbre mas manso de el mũdo: *Erat enim Moyses vir mitissimus super omnes homines, qui morabantur in terra.* Ponerle a vn hombre mansissimo la espada en la mano, y embiarle a la guerra, es querer q̃ se pierdan todas las facciones de lucimiento. Que valor ha de tener vna mansedũbre? Que esfuerço vna apacibilidad? quãdo es casi temeridad, y denodada resolucion, si regulado por la prudencia, lo que es en aquel ministerio necessario. Como ha de exercer el furor lo manso? Ni resoluerse al denuedo lo cariñoso? Que puede hazer vna espada sin esfuerço, sino es perder a quien la tiene, y desacreditar a quien la dio? No le den la espada en la mano à Moyses, ni tampoco le quiten de la priuança: esta, porq̃ no la quiten a la capacidad; aquella, porq̃ no se la den a la persona; q̃ poco importa sea priuado, si en el no ay caudal a proposito para derramar sangre.

Num. 12. 3.

XXVII No ha mucho que visteis à Dios é los braços de Iacob, disfimulado en Angelico trage. Pudiera muy bien el Patriarca rẽdirse á tãto esfuerço; y animale eso, antes q̃ le enflaquece: quãto mas crecido el riesgo, es resolucion mas glorioſa de quien le emprende: descaecer de medroso, es dar a conocer achaqs de cobarde. En breue sintio tã to poder sugeto a su braço, y Dios apenas le vè victorioso, quando sabiẽdo q̃ se llama Iacob, le muda el nõbre: *Nequaquam inquit Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israel.* Israel a de ser de oy mas tu nõbre, no Iacob, y da la razõ de esta mudãça: *Quoniam si contra Deũ fortis fuisti, quanto magis cõtra homines prævalebis?* Porq̃ si para rendir a vn Dios tuuiste animo, para sugetar hõbres mejor le tendràs. Buena cõsequencia, pero no razõ ajustada, para quitar al nõbre de Iacob essa gloria. Si vence a Dios cõ el nõbre de Iacob, a vassalle con esse nombre hõbres, q̃ no desmerece el titulo de vẽcedor de hombres, vn nombre q̃ tuuo alientos para sugetar a vn Dios. Sea Iacob quien venee hõbres, si fue quien vencio à Dios Iacob. Assi auia de ser, sino tuuiera este incõueniente. Queria Dios declarar a Iacob por Principe; y assi leyò del Hebreo Oleastro: *Quoniam Princeps fuisti cũ Deo, vel in Deum, & cum hominibus aut in homines, scilicet Princeps eris.* Iacob es nombre de sangre significa prosapia, dizese en èl,

Gen. 32. 18.

Oleast ad c. 32. Genes. in annot. ad lit.

que Iacob es hijo de Isaac, valido grãde de Dios. Assi, pues mudele el nõbre antes de darle el Oficio de Principe; porq̃ si le diera cõ el de Iacob, se pudiera presumir auia dado el Oficio al valimiento de la sangre, no a la capacidad del sugeto; y assi digale Israel: *Israel erit nomen tuum*, y luego declarele por Principe: *Princeps fuisti cum Deo, & cum hominibus Princeps eris.* Como quien dize: Esse nombre de Iacob es sospechoso para poner en puestos, porq̃ es nõbre de sangre, y proueer vn Oficio de importancia en vn sugeto, à titulo de sangre, sin atender à q̃ tenga capacidad para su administracion, no es estilo q̃ le vsa Dios. Quitesele el nombre de Iacob, que denota su ascendencia, y pongasele el de Israel, q̃ significa la capacidad, porq̃ quiere dezir, *Princeps*; para q̃ se entienda, q̃ es Gouierno politico de Dios, para poner en puestos, quitar las atenciones de la sangre, y ponerlas en el caudal del sugeto.

XXIIX Declarando el Texto Sagrado de la creacion del mundo, dize: Que fue el cielo lo primero q̃ hizo Dios, y despues crio la tierra: *In principio creauit Deus cælum & terram.* De aqui se originò (dize Hugo de S. Victore) q̃ algunos dixessen, q̃ criò Dios al cielo debaxo de la tierra, y la tierra encima el cielo. O q̃ desatento pensar! El cielo criatura tan noble auia de estar debaxo de la tierra? Escogiole Dios entre todas, para habitacion suya, para estancia de sus escogidos, y para assiento de su Monarquia; luego necessariamente auia de estar encima de la tierra, porque siendo assiento de Dios, deposito de su gloria, no auia de estar sugeto a la tierra. No es la razon essa, dize Hugo, impugnando esta sentẽcia, sino que la naturaleza dispuso, que lo graue estuuiesse abaxo, y lo leue tuuiesse su puesto encima. El cielo es eminente, la tierra infima, luego segun las leyes de la naturaleza, el cielo ha de estar arriba, y ha de estar la tierra abaxo: *Sed neque ipsa conditorum naturalium positionis, aut locationis ordinem pateretur, quam vt ponderosa deorsum & sursum leuia deponerentur. Ergo terra deorsum, & cælum sursum.* Bien dicho! Mas el cielo, aunq̃ de naturaleza tan perfecta, no es lo q̃ ella le dà quien mas le ilustra, sino lo q̃ tiene por gracia, pues esta le haze palacio glorioso de Dios quando le dà aquella solo la eminencia. Mas concluyente razon parece para probar que està encima de la tierra, dezir que es alcaçar de Dios, quo no dezir es eminente. Esso no porque quando Dios criò esta republica del mundo, repartiò los oficios entre las criaturas; en el cielo puso el gouierno principal del

Gen. 1. 1.

Hug. de S. Vict. lib. 1. p. 1. c. 6.

Pet Berc. in reduct. mor. l 54 c. 2. n. 6.

del vniuerso: *Cælum mouet secum inferiores orbes, omniaque inferiora per sui influentiam gubernãtur*, dize Pedro Bercorio. Todo el mundo se gouierna por el cielo, el distribuye los tiempos, los dias, las noches, los meses, y los años; para este genero de gouierno, era forçoso estar encima de la tierra, porque desde lo alto pudiesse gouernarla. Pues no se diga, que el estar el cielo encima de la tierra, es disposicion graciosa, sino eleccion atenta, y ajustada, que si el estar en esse lugar es, para q̃ gouierne el mũdo, aunque en la consulta que se haze a Dios de criaturas, tenga primer lugar el cielo, no se ha de proueer en el la plaça del gouierno vniuersal, atendiendo a las prendas que tiene de gracia, sino à que tiene natural capaz para el gouierno. Es eminẽte el cielo por naturaleza, y es corte de Dios por gracia. Pues siendo el puesto superior para gouernar el mundo, no se atienda en essa prouision à que es el cielo Palacio de Dios, sino à que siendo eminente, es sugeto capaz para estar en el puesto q̃ requiere aquel oficio; porq̃ en lo que toca à gouierno comũ, donde el q̃ le tiene, como puede aprouechar à muchos, puede hazer daño à todos. Nunca haze Dios prouisiones de gracia, siempre atiende a la capacidad del sugeto.

XXIX.

Passaràn las aguas por en medio de los montes, dize Dauid, tratando de la prouidencia de Dios; beueran dellas todos los animales, que en rusticas juntas pueblan la republica agreste, sin que mendigue algo de Prouincias estrañas, para su conseruacion su inculto Reyno, antes siendo tan prouido, que siempre abunde en lo necessario, sin q̃ al animal mayor le falte, ni le falte al mas pequeño: *Inter medium montium pertransibunt aquæ. Potabunt omnes bestiæ agri, expectabunt Onagri in siti sua.* Dexo lo mas misterioso, que explican en este lugar los Padres. Ajustemos al intento estas palabras. El cãpo significa la Republica: los montes por dõde passa el agua, los Superiores, por cuya cuenta està la distribucion de essa agua, en quien se representa el gouierno: los que beuen della, los hombres. Aora reparo en que beben todos, *potabũt omnes* Tan prouido està este gouierno, que à nadie falta. Quan necessario era en estos tiempos; digaso la penuria comun. Como està tan abundante? Entended el misterio (dize con viueza Agustino) aunque no en sentido tan humilde: Todos beuen, sin que à nadie falte, porque los pretendientes por fauorecidos q̃ sean, reciben de los montes, que son los superiores, el agua del gouierno en su sed propia, no en la

Psal. 103 10. 11.

S Aug. enarr in Ps. 103.

sed agena: *Bibunt ergo minores bestiæ, & maiores, sed capatius maiores; quia suscipiunt Onagri in sitim suam.* Repareſe en que no dixo, *in sitim alienam*, ſino, *in sitim suam.* A ſu ſed ſe mira, para darle ſegun ella, eſſa agua. Pues no es mucho que ſea tan abundoſo eſſe Reyno, que Republica donde ſe atiende à la ſed del ſugeto, para darle à beber del Gouierno, y que no ſe le dâ mas agua de la que pide ſu ſed, y puede ſu calor digerir, es forçoſo que eſtè bien gouernada; eſtandolo, no puede dexar de ſer abundante: Pero ay de la Republica donde llega vn pretendiente a ſolicitar vna Plaça que eſta vaca. Es la plaça de Armas, y el no ha ſalido de la Vniuerſidad; requiere mucha madurez el puesto, y el es muy niño: para ſuplir eſtos defectos, preſenta los ſeruicios de ſu padre. Danſela, y dexan al pretendiente experimentado, y maduro. Eſto es proueer los Oficios. *In sitim alienam*, no *in sitim suam.* Ay de eſſa Republica! peligroſa eſtà, perderàſe con facilidad, concluirà eſſa Monarquia en breue; porque aunque premian, no dan el premio conforme à la capacidad propia, ſino ſegun la fatiga agena, *ſuſcipiunt in ſitim alienam*, Poner el oficio en la capacidad, es quien haze bien afortunada, y abundante à vna Republica porque ſe diſpone con capacidad ſu gouierno, y cada vno entiende lo que manda, y ſabe lo que ha de mandar; que ſi el premiar es juſto, es injuſto modo, y nocibo a la Republica dar a vn deſentendido el pueſto que ſe auia de dar a vn docto, porque ſu padre lo mereciò, ſin atenciones à que no es capaz èl para ello.

XX

XXX. Ad Rom. 12. 5.

Vnum corpus ſumus in Chriſto, ſinguli autem alter alterius membra, dixo Pablo: Toda Republica, ò ſea Eclefiaſtica, ò Secular, es vn cuerpo. Reparad en la diſpoſicion del cuerpo humano. La cabeça le gouierna todo, porque tiene para ello capacidad; los pies andan: porque ſon para andar a propoſito: las manos ſe ocupan en ſu miniſterio; y aſsi de los demas miembros. Si quiſieramos que anduuieſſe la cabeça, ò que gouernaſſen las manos, era deſtruir todo el cuerpo; porque ſe dauan oficios a incapaces. Pues aſsi paſſa en la Republica, y aſsi ſe deſtruye; por querer hazer pies de la cabeça; y cabeça de los pies. Oid en San Doroteo Abad eſta Doctrina: *Caput igitur es? Adminiſtra. Oculus es? Aduerte animum, & cogita. Os es? Loquere, adiuua. Auris es? Pareas. Manus es? Operare. Pedes? Guberna. Vnumquodque membrum ſubminiſtret corpori pro viribus ſuis.* Bien claro eſta de entender: aſsi lo eſtè de executar.

S. Dor. Abb. in Ser. 6.

O que

XXXI. O que de combates deue de auer entre los que proueen los oficios! vnos son combatidos por aficion, otros por interes, otros, por no perder el respeto al interessor; y pocos, y muy pocos deuen de ser los que son combatidos con zelo del bien comun de la Republica. Si es que assi son combatidos los Prouisores, como han de ser bien despachados los pretendientes, ni puestos los oficios en sus puestos; quando auiendo de mirar todos, si el que pretende es sugeto capaz para su pretension, van al interes vnos, y al fauor otros? Esso es destruir los oficios, y aniquilar las Republicas. Oficio propiamente se dize assi: *Officium est, quod quisque efficere debet pro suæ personæ conditione.* Oficio es vn exercicio en que se ha de exercitar la persona, segun su caudal. Sino se dà el Oficio de esta suerte, es destruir su essencia, y aun destruir la Republica. Rogad, fieles a Dios por el buen acierto de los que gouiernan: para que gouernando a vso de Dios, salgan las consultas atentas para su seruicio, y para el bien de todos.

(:!:)

VICTORIA.

Hoc fecit initium signorum Iesus in Cana Galilææ: & manifestauit gloriam suam. *Vers.* 11.

En la conquista que es para el hombre, tiene su mayor victoria Dios.

XXXII. LA guerra que entre el vino, y agua ay no es dudable, en viendose juntos estan en continua pelea, hasta que el vno salga victorioso. Ser Christo quien esta vez gouierna essos combates, y saliendo el vino victorioso, por el socorro de tanto Principe, dezir el Euangelista que en essa victoria queda glorioso, siendo la primera que su poder alcança se puede dignamente ponderar. *Hoc fecit initium signorum Iesus in Cana Galilæa & manifestauit gloriam suam.* La primera vez es esta que entre visos de gloria se ostenta victorioso Christo, yo juzgaua, que a otras mas antiguas se les auia de dar la primicia; al nacer distilando el cielo glorias, no le aclamò vencedor los Angeles soldados de aquellas campañas celestiales, en viendo nacido à su capitan, no apellidan victoria, poniendo en essa vandera celestial por señas en vez de media luna, vna estrella? No vinieron sabidos à reconocerle por Señor de todo el Orbe tres Reyes?

Si aqui no solo se muestra victorioso, sino que es reconocido por tal, y tiene à sus pies los rendidos, mas antiguo es este q̃ aquel vence: como puede ser este el primero? *Hoc fecit initium signorum Iesus.* No se le niega tanto poder la victoria, quando la publica el cielo, y confiessan monarcas en la tierra; pero dize el Euangelista ser aquesta la primera; q̃ si fue aquella victoria, no tenia en ella tanta parte el hombre como Christo: si el cielo se abre, es por Christo: si Angeles aclaman, el se lleua la gloria: si Reyes adoran se lleua la adoracion. El milagro de oy es al contrario, no es tanto para Christo, como para los conbidados, ellos se lleuan el prouecho: pues lleuese Christo la gloria de auer vencido al agua, contra las fuerças de su naturaleza, conuirtiendola en vino, y dexandola rendida à su disposicion, y orden; que si pudiera tener en aquellas primeras victorias lucimiento, solo dize el Euangelista tenerle en esta, dandole titulo de primera; porque Dios solo en la conquista q̃ es para nosotros, tiene puesta su victoria.

xxxiij. Despues que Christo Señor nuestro vencida la muerte, en trofeos de su victoria, reducia inmortal al cielo la mortalidad que auia admitido a la vniõ de su Deidad, para hazernos diuinos, impossible q̃ facilitò su caridad, y caridad q̃ se puede dezir, sino impossible, infinita; para ostentar lo omnipotente de su ser, y lo dueño q̃ era del cielo, llegó a sus puertas, y mandò imperioso à los Angeles, porteros del celestial palacio entonces, q̃ abriessen a su natural Señor: *Attollite portas principes vestras, & eleuamini portæ æternales, & introibit Rex gloriæ.* Abrid Principes: Gran señor! que se sirue de sangre tan ilustre: dicha grande seruir a señor q̃ en los oficios de menos calidad honra à sus criados tanto; q̃ serà en los de mas importancia? Abrid Principes esse palacio agradablemẽte entretenido, y hermosamente ilustrado: abrid, para q̃ entre à gozarse en essa gloria el mismo Rey q̃ la criô. Hizo fuerça à los soldados q̃ guardauan la celestial monarquia, el oir q̃ su Principe queria entrar en ella: desconociãle en la voz, por los disfraces de la humanidad. No se les auia reuelado el misterio de la Encarnacion, dize Iul. Firmico: *Hoc Angelis nescientibus imperatur, neque enim scire potuerũt quãdo Verbum Dei descendit ad terram.* Y como no teniã noticia de lo q̃ tenia Dios de hombre, desconocieron la voz, hallanse, oyendola, dudosos. Despedirle, era negarle su patrimonio, y consiguientemente temeridad enojar aun Rey natural, y quitarle el

Ps. 23. 7.

Iul. Firmic. de erro prophi. Rel. c. 24.

el Reino q̃ le viene de derecho. Admitirle sin mas informació q̃ su voz, no conociendola, era resolució desacordada, entregar vn Reino á vn señor desconocido. Que remedio? Informanse del mismo, quiza porq̃ dize ser Rey, presumiendo q̃ en la Real sangre ni cabe dolo, ni falacia: *Quis est iste Rex gloriæ?* Quien es el q̃ cõ titulo de Rey quiere apoderarse de aquestas murallas de gloria? Responde Christo: *Dñs fortis & potens Dñs potens in prælio.* Soy vn Rey, q̃ por aumẽtar mi Imperio, sin necesitar de aumẽtarle, quise cõquistar lo mismo q̃era mio, valiendome solo de mi aliento. Soy el q̃ en la opinion de los hõbres dexè de ser, haziendo con esso mas estendido mi Imperio: el q̃ pelee cõ el estandarte de la Cruz, y muriendo en èl, venci à la muerte. El poderoso en las batallas, el omnipotente en las cõquistas, y el glorioso ẽ las victorias: *Dñs potens in prælio.* Notable Relponder; Christo ha menester esso para entrar en su Reino? no es poderoso para rendir las fuerças de esse castillo? para batir las puertas de aquel muro? nada le es inexpugnable: quando halla resistencia, ya está enseñado à desbaratar compañas de Angeles. Si tiene franca la entrada à titulo de Dios, para q̃ es proponer razones, q̃ tienen menos eficacia? Es esta la ocasion. Quiẽ es el q̃ responde? Vn hombre Dios. Por quien es Dios? Por si: Y hõbre? Por el hõbre. Para q̃ tomò las armas de la humanidad? Para poder pelear; q̃ como se padece en la batalla, y es imposible por si, fue necessario tomar armas posibles para pelear por èl. Salio de essos encuẽtros victorioso, ò vencido? Victorioso, y con tanto lucimiento, que cielo, y tierra le aclaman. Pues no estrañeis la respuesta, q̃ estima Dios tanto al hõbre, q̃ pudiendo cõquistar la gloria cõ alientos de diuino, se vale de los esfuerços de humano; y aunq̃ para empressa de tanta importãcia, pudiera valerse de lo Dios, solo quiso pretenderla à titulo de q̃ auia peleado por el hõbre, porq̃ este Capitan tiene tãto de glorioso en las victorias, q̃ alcãça por lo hõbre, q̃ solo à titulo de ellas, como si fueran sus mayores glorias, pretende Reinos y solicita Estados celestiales.

Vers 8.

Vencido el pueblo de Dios, q̃dò en poder de los Egipcios, miseria vltima, sobre vencido, cautiuado. Vengauanse de Ifrael los Egipcios: desaforado furor. Enfurecerse el soldado cõtra su enemigo en la batalla, es loable: no cõpadecerse viẽdole rẽdido vituperio. Crecia el mal tratamiẽto; y el Israelitico pueblo boluiẽdo à su Dios, afectuoso le pedia fauor, para miseria tanta enternecido. Vn sucesso tragico,

xxxiv.

tragico, solo por ser motiuo para llamar de veras a Dios vn alma, se puede lleuar cõ tolerancia. Oyó sus vozes; si eran de afligidos, q̃ mucho. Determina embiar socorro para poner limite à tanta desuẽtura, y concluir cõ cautiuerio tan prolixo: y para cõquistar vn Reyno tan poderoso, y sacar de su esclauitud a Israel, elige a Moyses por Capitan General, y dando señas de q̃ auia de vencer aquel Reyno, y sacar à todo su pueblo libre, le dize: *Ego sum qui sum.* Diras à los de Israel, q̃ yo soy el q̃ soy, y q̃ te embia el q̃ es a librarlos. Acaba de pronunciarlo, y prosigue: *Dñs Deus patrum vestrorum, Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Iacob misit me ad vos.* El Dios de Abrahan: el de Isaac, el de Iacob me embia, dandome estas señas, en seguridad de vuestra libertad: *Hoc nomen mihi est in eternum & hoc memoriale meum in generationem, & generationem.* Esto de ser Dios destos Patriarcas, es mi nõbre eterno, timbre de mi grandeza, y lustre de mi gloria. Detened Señor esse dezir, q̃ no le acabamos de entender. Dos nombres proponeis à Moyses, en señal de q̃ en el aueis de salir victorioso de la Egipsiaca Monarquia. Vno dize: Soy el q̃ soy; otro soy Dios de Abrahan. No parece hazeis caso del primero; y al segũ lo poneis por eterno lustre de essa faccion, assegurando en èl por las eternidades, el recuerdo de essa victoria. Tan mal estaua, ocupado é esse ministerio, el primero? repartase la gloria entre essos dos nõbres, pues los dais por seguro del vẽcimiento: Que quiere ser, q̃ siendo juntos a la conquista, sea vno solo el q̃ se lleue la victoria? quereis q̃ siendo igual el empeño, sea vno solo el que se lleue el premio del cuidado? ò q̃ siendo el primero el q̃ se opone con bizarria en la campaña, sea el segundo quien se lleue el aplauso de la victoria? Bien sucede esso en el mundo, pues sin salir de palacio ay quien suele lleuarse las honras de victorioso, auiendo sido otro el dueño de la fatiga. No està ẽ esso (dize Ruperto.) sino en la diuersa significacion de los nõbres. *Duo inquam nomina sua de prompsit quorum alterum scilicet, ego sum qui sum, naturæ est. Alterum verò gratiæ, vel dignationis, videlicet Deus Abraham.* Dos son los nombres q̃ vinculò Dios al seguro de essa victoria: vno q̃ es, *Ego sũ qui sum*, dize su ser infinito, su independencia, su soberania, y la gloria de su deidad, todo esso le toca à Dios. Otro, q̃ es *Deus Abraham*, dize su misericordia, su prouidencia, su amor, su piedad, q̃ es lo q̃ es para los hombres. El primero, dize su naturaleza; y dize el segundo, su gracia. Assi pues, el segundo lleue-

Exod. 3. 14.

Vers. 15.

Rup. de lib. 1. in Exod. 14.

se

se el lustre de la victoria, aunq̃ esté el primero vinculado tambien, a ella, q̃ esto de ser para los hombres, es lustre tan glorioso de Dios, q̃ hallandose en cõpetencia, para alçarse con vna victoria, q̃ se ha de alcançar en fauor dellos, essos dos nõbres: ha de salir cõ ella el q̃ dize lo q̃ es para el hõbre, quedandose no cõ tanto lucimiento, el q̃ significa lo q̃ es para Dios: *Hoc nomẽ mihi est in æternum.* El nombre q̃ dize ser Dios de Dios, no ha de ser à quien por eternidades se ha de dar el timbre de victorioso, sino al q̃ dize ser Dios de Abrahan, q̃ si vno es dignacion; y gracia, y otro essencia, y naturaleza, estima tanto este de gracia, porque se emplea en los hombres, que le dâ la gloria de victorioso.

xxv. En la campaña de Ierusalen estaua Christo Señor nuestro cõ la vandera de la Cruz; y auiendo ganado la eminencia de vn monte, si depositò del primer hombre q̃ perdio el mundo, sitio donde con mayores ventajas se recuperò. Enarbola el Capitan diuino el Estandarte, y tã esforçado pelea, q̃ siendo solo entre tan numerosa canalla, q̃ en tropas diferentes se oponia à sus dissinios, anduuo tan valeroso, q̃ tenia mas segura la vandera en la mano quanto mas crecian los enemigos cõbates. Con estas señas de victoria, gime en la Cruz; se aflige, y viendo q̃ en exercitos tã desiguales dilata su Padre el socorro, sẽtido de la dilacion, q̃ no ay sufrimiento, q̃ pueda lleuar, ver q̃ se pierde vna plaça, por no llegar a tiẽpo el ayuda, aunq̃ en el Padre no cabia esse descuido, como si cupiera, se q̃xa de verse desamparado en conquista tan importante: *vt quid dereliquisti me?* Que es esto, Eterno Padre, aora me dexais solo, ẽ lo mas vino de vna guerra de mas cõsideracion q̃ han visto los passados siglos, ni veran los venideros? Quãdo vio la Fama pregonera, de varones ilustres, q̃ vn hõbre solo, haziẽdo exercito aparte, cõ solos doze soldados, q̃ le dexaron en la ocasiõ, hiziesse guerra à tãtas naciones? vn mundo, vna culpa, y vn infierno. Pues q̃ razon ay para q̃ me desempare vuestro poder, quando juzgué tener en èl seguras las espaldas? assi me dexais en la ocasion? q̃ fuerças no desfaecerà la vista de tanto enemigo? Veis essa quexa de Christo (dize Arnold. Carnotense) pues no es porq̃ se mira desamparado en la verdad, sino en la opinion del mundo, que en el hecho, nunca se vio mas victorioso: *Extensis igitur brachijs Christus in Cruce totum corpus suum infra se positum complexus est & sub alis Crucis agregato genere nostro, ibi & protexit, & fouit vbi nihil posse dubitabatur, & in quo victus* *Mart. 15 43.*

Arnold. Carn. tr. 1. de Verb. Dom.

æstimatus est maximè victoriæ vexilla erexit Estiẽdia los braços Christo en el estandarte de la Cruz, y hazia cõ ellos cuerpo de guarda à todo el humano genero: alli cõforta, alli los viuifica, y alienta; y quãdo parece q̃ el Maesse de Cãpo tiene menos poder, entõces cria Capitanes mas valiẽtes: *Et in quo victus æstimatus est maxima victoria vexilla erexit.* Y no es lo mas admirable esso, sino q̃ tiene su victoria en lo q̃ parece mas vẽcido. Palabras en dõde cõsiste nuestra põderacion. Lo q̃ parece vẽcido, es lo q̃ alcança la victoria. En q̃ parece vẽcido? en la humanidad. Y assi salio victorioso ẽ ella? Si. Brauo dezir! Quien dio aliẽtos a lo humano, para la victoria? Lo diuino, porq̃ ello estaua tan vltrajado, q̃ sino fuera por el socorro q̃ le dio la cõpañia de la diuinidad, no fuera mucho q̃dar à la fuerça de tantos combates rẽdido. Pues si la deidad es quiẽ ocasiona la victoria, lleuese las glorias del triunfo. Pero no se las lleue, porq̃ la diuinidad aũq̃ es la q̃ dà el aliento, no es la q̃ pelea, la q̃ resiste el golpe, ni la q̃ aguarda el encuentro: Lo humano es la frente del Exercito, en dõde llegan todas las picas, y descarga la municiõ de todos los tiros, y aunq̃ no es tãto recebirlos con esfuerço como dar esfuerço, para poderlos recibir: por recibirlos la humanidad por nosotros, se le dá a ella victoria. Grãde exceso de voluntad, ser victorioso lo mismo q̃ parece vẽcido, no siendo suyo el aliento de vẽcer solo, porq̃ el ponerse en la cõquista ha sido para sacar al hõbre cõ victoria.

Si con esto no cobra el hombre alientos para ser à tamaños fauores agradecido, q̃ aguarda? Puede auer fineza igual? tener Christo lo menos que ay en él por tan lucido, solo porq̃ en su bien ha hecho sus empleos. Cõquistas para librarle de la esclauitud de la culpa, son su gloria, Victorias q̃ alcança de sus enemigos, con q̃ le dexa libre dellos, son todo su pundonor. Siẽdo el beneficio tã cabal, la correspõdencia no es posible; pero serà obligacion precisa, corresponder con toda la posibilidad. Emplee el Catolico todos sus aliẽtos en alabar a Dios, en festejarle poderoso, en aplaudirle inuencible: gaste toda la vida en corresponderle agradecido cõ la obediencia a sus ordenes, y execucion de sus mandatos: Sea todo su ser estar siẽpre alistado debaxo de la vãdera de vn Capitan, q̃ assi se ocupa en defender a sus soldados, q̃ estando a la sõbra de tanto valor, se hallarâ defendido de los encuentros de sus enemigos, cõ q̃ tendrà segura la gracia, que es prendas de la gloria

Ad quam, &c.

CON-

CONQVISTA
OCTAVA.

Para el Domingo tercero despues de la Epiphania.

Domine, si vis, potes me mandare. Matthæi 8. 2.

EXORTACION.

Orto termino el de pedir, para vn pecho, que libra su dicha en el dar. Menos recibe de gloria, quanto es menos solicitada vna magnificẽcia: y ser vno solo el q̃ pide siendo los q̃ acompañan muchos, antes sirue de embaraço a vn pecho generoso, q̃ de aliuio, pues se siente de singularizar el fauor, quien tiene ansias de ser liberal. Baxaua Christo de vn monte, y seguiale mucha gente; nueua marauilla, seguir aun hombre que baxa. Entre todos, vno solo es el que pide, y adora. Seguir a un caido, aunque marauilla, ya se ha visto: Empero, venerarle como à priuado, y pedirle como a señor, pocos lo saben hazer. De los muchos q̃ seguian a Christo, vno solo pide, y esse alcança. No dar a los demas, culpa es de su descuido, no cortedad de quien dà, pues dar aprecio solo de pedir, no es mucho pedir, para dar. Si quieres, le dize confiado, bien puedes sanarme; y quiere, y puede, porq̃ no quiere mas de ser reconocido por poderoso, y no puede negar su póder a quien assi le solicita. La mano estiende. Medico soberano, ni se le pega de enfermedad tan contagiosa algo, antes le sana. El primer Medico es q̃ sana sin recibir. Al secreto le obliga, hasta q̃ cumpla con las ceremonias de la Ley. Al Sacerdote le embia el Sacerdote Sumo: assi executa lo q̃ manda: No ha de eximirse vn Superior de la obseruancia de la Ley, por serlo: antes ha de guardarla mejor, q̃ si el Superior la quebranta, el subdito como la ha de guardar. No es esta la vltima marauilla, ni se cansa de ver miserias, quien tiene su aliuio en remediarlas, antes las desea; pues solicitado para la salud de vn paralitico, el mismo se prefiere a ir a darsela a su casa, ò desentendido de su autoridad, ò pretendiente de q̃ le busquen, para dar salud: *Ego veniam, & curabo eũ.* No es mucho sanar viniẽdo Dios (dize el Centurion) pero venir Dios a sanar, es mucho. No os pido tan-

tanto, Señor, detened vuestro caudal; no se precipite assi vuestra beneficencia, menos de lo que promete vuestra bondad, es mi merito â menos costa la podeis remediar; no multipliqueis cuydados, quando vna sola palabra le sobra a mi necessidad. Ingenioso discurso. Sabia, sin duda, que el empeño de vna palabra es el mayor en vn pecho bien nacido: y preciandose Christo de Hijo de Dios, juzgò prudente, que su palabra era su mayor obligacion. Admirase Christo de su Fè, dize no la ha visto en Israel mayor. Pedir con Fè à Dios, no tiene mucho que admirar. Empero à aun hombre pedirle con ella, tiene mucho de admiracion. De verdad os digo (dize Christo) que los propios han de lleuar el castigo de los estraños, y los estraños se han de lleuar el Reyno de los propios. Ni es mucho este trueque, quando ay quien suele tratar mal al bien, siendo solo el tener mucho de bien la causa de tratarla mal. Sanò al enfermo, despidio al Centurion, y nosotros despidamonos de lo literal del Euangelio, pidiendo la gracia. Ave Maria.

COMBATE I.

Dñe, si vis, potes me mũdare. *v.2.*

En la escuela de Dios mas aprende quien estudia con la voluntad, que con el entendimiento.

Num. I. Dilatado pielago del saber, corta la vida para estudiar; la sciencia infinita, breue el tiẽpo, muchas las ocupaciones del viuir: con estas circunstancias, como es posible q̃ pueda auer sabios? En el saber de Dios es mas eficaz esta doctrina; porque el objeto es mas incomprehensible. Solo el ingenio de Agustino pudo dar motiuo para sulcar pielago tanto. Filosofo, dize, es el amador de la Sabiduria: *Amator sapientiæ*, la sabiduria es Dios, *Sapientia Deus est*. Luego el verdadero Filosofo es el amador de Dios: *Verus Philosophus est amator Dei*. Legitimo es el silogismo, sino padeciera esta dificultad. Vna cosa es amar la sabiduria, otra saber: el verdadero Filosofo, no solo ama la sabiduria, sino sabe; y aunq̃ el amarla es gran parte para saberla, el saber consiste en entender, no en amar, y assi no serà verdadero Filosofo quien ama, porq̃ ama, sino porq̃ entiende: pues si ama la sabiduria, no es porq̃ la sabe amando, sino porq̃ la adquirio entendiendo. Bien lo entẽdeis, dize Agustino, pero es en la Filosofia del mundo a quien si se ama, es porq̃ se entiende: y assi, lo primero se estudia con el entendimiento, y como assi se conoce, despues se ama. Pero en la escuela de Dios, si se ama, no es porq̃ se entiende, sino al contrario, se entiende, porq̃ se ama.

S. Aug. l. 8. de ciu. c. 1.

Enton-

II. Entóces llega vn alma a saber mas de Dios, q̃ ãdo le ama mas: Quien mas la enseña es el estudio de la volũtad, no el del entendimiẽto: No sabe tãto en esta escuela vn entendido como vn amante. La voluntad, quanto mas ama, mas entiẽde: El entendimiento, quanto mas quiere entẽder, mas ignora. Trate de amar el alma, q̃ quisiere saber, q̃ en esta escuela, el saber consiste en amar. Adoraua vn leproso à Christo, y entre sumissiones de humilde, le engrãdece assi: *Dñe, si vis potes me mũdare.* Señor, si quieres, bien puedes limpiarme de la lepra. Todo es grande quãto confiessa de Christo este hõbre. Señor le llama; en su poder, dize està su salnd, y su poder en su volũtad. Brauo conocimiẽto! No fue mayor el q̃ tuuo el Profeta Rey, quando dixo: *Omnia quæcumq; voluit fecit.* Lo mismo ha de saber de Dios vn hõbre comun, q̃ vn Profeta? Dauid, versado en letras sagradas, no ha de saber mas q̃ quien no las ha visto? Reparad en el modo del estudio, y sacareis el misterio. Por dõde estudia Dauid por el amor, *voluit.* Y este hõbre? Tambien, *si vis.* Pues no estrañeis q̃ si Dauid docto sabe de Dios, q̃ puede todo lo q̃ quiere *Omnia quæcumque voluit fecit.* Sepa vn hõbre ignorante lo mismo q̃ sabe Dauid: *Si vis potes me mũdare.* Por q̃ en la escuela de Dios, para saber no se echa menos el estudio del ingenio, como le aya de la volũtad. Estudiò por el camino del amor este hõbre, q̃ mucho se igualasse à vn Profeta en el saber, *voluit, si vis.* Todos los q̃ estudian con este estilo, saben por q̃ en esta escuela, el saber consiste en este modo de estudiar.

Psal. 133. 3

III. Pecò Adã, quierele echar Dios del Paraiso; y para hazerlo, viste le de pieles de animales: Miròle antes de promulgar cõtra èl sẽtẽcia de destierro, y pareciòle tã trocado, q̃ deshecho ẽ alabãças suyas, menos q̃ diziẽdo, q̃ ya es como Dios, y q̃ sabe como diuino, no se cõtenta: *Ecce Adam quasi vnus ex nobis factus est, sciens bonũ, & malũ* Ya Adan sabe como Dios. Que mudança es esta? Ya sabe como diuino, el q̃ poco ha no supo conocer el engaño de vna serpiẽte? A Dios nada se le oculta, y el ignorar la diuinidad, es no serlo. Si quãdo tenia mas de Dios, ignorò como hombre: Aora q̃ la culpa le ha dexado solo en los aliẽtos de hõbre; como ha de tener sabiduria de Dios? Reparad ẽ Adã reconocido, vereis quã obediẽte le halla vuestro cuidado. Mãdale Dios, q̃ cultiue la tierra, q̃ sazone sus frutos a costa de su diligẽcia, y no repugna: q̃ se vista de pieles de animales, y obedece. Cõdenale a muerte, y no apela. Tãto obedecer, en algũ misterio grãde ha de parar. Bien assi. Obediẽcia q̃

Gen. 3. 22.

es? La-

S. Anſel. La que el hombre tiene a Dios, dize S. Anſelmo: *Eſt affectio voluntatis cõuncta Deo.* La obediencia que el hombre tiene al hombre, es vna deuida reuerencia de menor à mayor; pero la que el hõbre tenia a Dios, ſobre eſſa reuerencia añade afecto, y voluntad. Veis aî el miſterio. Si eſtudia Adan en papeles de voluntad, y en cartapacios de afecto, no es mucho llegue à ſaber tanto, q̃ el miſmo Dios diga, q̃ ſabe como diuino: *Quaſi vnus ex nobis factus eſt ſciens.* Vio el primer Padre deſtroncada ſu pretencio̅; pretẽdiò ſaber como Dios, y ſaliole en vano. Ea pues, dize reconocido, no ceſſe la pretencion, q̃ deſear ſaber como Dios, para ſaber mejor ſeruirle, no es malo. Ceſſen los medios, vamos por otro rumbo a la ſciencia de la diuinidad; eſcojamosle mas licito, ſolicitèmosle mas ſuaue; no blaſone de auerme rendido el demonio; como Dios tengo de ſaber, pero no como èl lo dezia. Mal me fue en aquel eſtudio, aunq̃ le tomè de memoria: Vamos por el de la obediencia, q̃ ſi para tenerla, es neceſſario eſtudiar; para ſaber ſugetar el q̃rer, andando la voluntad de por medio, facilmente llegaré a ſaber como Dios.

IV. Echa dèl Paraiſo a Adan, y pone en ſus delicioſas puertas por guarda vn Cherubin cõ vna eſpada en la mano, porq̃ cẽtinela vigilante no dexe entrar a nadie en el lugar ameno: *Col. locauit ante Paradiſum voluptatis Cherubim & flameum gladium atq; verſatilem ad cuſtodiẽdam viam ligni vitæ.* Bien guardado eſtarà eſſe lugar, ſi tiene por guarda vn Cherubin. Reparad, con todo, en el primer Padre de toda la vida Religioſa, en N. P. Elias digo en deſuſadas preuenciones le vereis lucido caminante, repentino aparato, fabrica luſtroſa, ligero cometa, le ofrece Dios en vna carroça, flamante ſepulcro del Profeta, dõde viuo, quãdo ſe pudo llorar difunto, camina ſin ceſſar haſta ẽtrarſe por las puertas del Paraiſo, aereo, celeſte, ò terreſtre, q̃ es el cielo dõde el Gran Padre aſsiſte, como ſienten las plumas de los ſagrados Interpretes, explicando aquel *Aſcendit Elias per turbinem in cælum.* O gran Padre! detened el curſo veloz del animal ligero; tirad la tienda, no ſea tan acelerado ſu curſo, q̃ ſi es al Paraiſo el viage, no eſtà la puerta tan franca, vn Cherubin le guarda; no llege a precipicio vueſtro buelo, ni ſe ponga en contingẽcia vueſtra grandeza de vn deſaire. Nada eſtorua al Profeta, ni el Cherubin le impide; luego q̃ ſe apea de aquellos faroles animados, ſe entra en el Paraiſo, donde aſsiſte viuo. La dificultad ya eſtà patente. Si guarda el Cherubin el Paraiſo, como no impi-

Gen. 24.

4. Reg. 2. 11.

impide a Elias la entrada? Y si el Profeta le vio por Alcayde de aquella muralla de flores, como no le pide para entrar licencia? O q̃ accion tan peligrosa! dõde ó el Cherubin anda remisso, ò Elias adelantado. Reparad con todo en el caso. Quiso entrar en el Paraiso Elias, y estaua a su puerta el Cherubin, para guardarle, pero mas supo Elias, para enttarse dentro, que para q̃ no entrasse el Cherubin. Pues como es esso? si es sabio Elias, ¿no lo es el Cherubin mas? Claro està. Donde ay mas sabiduria, como puede ser q̃ aya menos saber? De aqueste modo. Sabios son entrambos, y mas Sabio el Cherubin, pero ay esta diferẽcia; q̃ el vno es Sabio de volũtad, el otro de entendimiento. Es Elias vn Profeta enamorado, es vn bolcan de amoroso fuego: *Surrexit Elias Propheta, quasi ignis, & verbum ipsius quasi facula ardebat.* El Cherubin es sabio entendido, *plenitudo scientiæ*, es todo entendimiento. Ya cessa toda admiracion; pues se conoce, q̃ no es mucho, q̃ Elias supiesse mas, para entrar en el Paraiso, q̃ para impedirle la entrada el Cherubin; porq̃ para entrar en el Paraiso, mas sabe amando, q̃ no quien sabe entẽdiendo. Deslumbròse el Cherubin entendido, a vista del Profeta enamorado, y no supo el q̃ es todo entendimiento, impedir la resolucion de vna voluntad. Entrese en el Paraiso vn Profeta, de puro amante zeloso, sin embaraços de vn Cherubin entẽdido, q̃ vn alma abrasada en amor, para saberse entrar en el Paraiso de la gloria, bien sabrà lleuar vẽtajas a vn Cherubin inteligente. V.

Eccl. 48. 1.

Dificulta el Teologo, si el entendimiento del bienauenturado vè à Dios por si, ó no. Lo verdadero enseña q̃ el entendimiento criado no puede ver a Dios, menos, q̃ eleuado con alguna cosa sobrenatural, auxilio, ò habito, a quien llama el Teologo *Lumen gloriæ*, lũbre de gloria. Es vna qualidad sobrenatural, criada de orden mas subida, q̃ el entendimiento, q̃ le eleua, y fortifica para q̃ pueda ver claramente à Dios. Aora llega la põderacion. Para q̃ es lumbre en el ingenio? Si el obiecto estuviera escuro, en la potencia era necessaria luz; pero siendo lucido, ella no necesita de claridad El objecto q̃ es claro, cõbia a la potencia especies claras de si mismo, para q̃ le pueda ver. La experiencia enseña todo. De noche se ve vna luz, aunq̃ estén obscuros los ojos, porq̃ es objecto lucido; y assi por mas en obscuro q̃ estè la potencia visiua, no le impide la obscuridad la vision. Dios es objecto del entendimiẽto en la vision Beatifica, y es luz por eminentissimo modo: *Lucem inhabitat inaccessibilem.* 2. *Ad Tim.* 6. 16.

sibilem. Luego siendo el objecto de tanta claridad, poco importa q̃ el entendimiento estè obscuro; y assi no sea lumbre quiẽ le eleue, q̃ poca falta le haze la claridad, nẽdo tan lucido Dios. Bien dicho! Pero reparad en q̃ el ver à Dios no solo es acto de vision, sino de sciencia, y sabiduria; y assi el entendimiento con vna misma accion vẽ, y entiende, sabe, y mira, contempla, y conoce; porque el ver à Dios, es conocer à Dios, y el mirar à Dios, es saber de Dios, de modo, que el entendimiento, en esta vision, lo mismo que vè, esso entiende, y lo q̃ entiende, esso mira. Sea pues lumbre quien le enseñe, quien le eleue, y fortifique; para q̃ pueda hazer vna accion en donde se vè, y se sabe: porq̃ auiendo de entender cosas de Dios vn alma, menos, q̃ con vn entendimiento, que passa plaça de voluntad, à titulo de abrasado, no es possible que llegue à poderlos entender.

VI. Christo Señor nuestro, Catedratico Diuino de letras Sagradas, leyendo à sus Discipulos vna licion, en que les enseña delicadissimamente, como està todo en el Padre, y todo el Padre està en èl. Auiendoles explicado el modo con que toda la Santissima Trinidad està en vn alma justa. Concluye la licion, diziendo: *Paraclitus autem Spiritus Sanctus quem mittet* Ioan. 14. 26. *Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia & suggeret vobis omnia, quæcumque dixero vobis.* El Espiritu Santo, que es à quien mi Padre os ha de embiar en mi nõbre, ha de ser vuestro Maestro, os ha de enseñar todas las cosas, y traer a la memoria lo que yo os enseñare. Detened Señor el discurso, no passeis adelante en la licion, que no ay Discipulo que no os arguya. Siendo vos el Catedratico en propriedad, ¿ha de sustituir el Espiritu Santo la Catedra; y leyendo vos la licion, ha de ser otro el q̃ enseñe? Aunque es el espiritu Santo Dios, no os lleua en esso la ventaja: porque le confessais en el Magisterio ventajoso, librando en su solicitud el logro de vuestra Doctrina? Tan poco docto la enseñais, ò tan descuidados la oyen vuestros Discipulos, que no solo han menester quien los enseñe, sino quiẽ les acuerde la licion que aueis leido: *Ille vos docebit omnia & suggeret vobis omnia quæcumque dixero vobis.* No es el caso esse (dize San Gregorio el Grande) con suma erudicion enseña Christo, con Magisterio mas q̃ humano, mas aunque su genio es tan diuino, no se le atribuye tanta gracia para enseñar, como al Espiritu Santo. Christo es Maestro entendido, el Espiritu Santo, amoroso; Christo enseña como Sabio, el Espiritu San-

to

to como Amante. Ea pues (dize Gregorio) aunque sea el Catedratico Christo, si quiere sacar Discipulos que sepan, remita al Espiritu Santo su enseñança; que en la Catedra de Prima de la Vniuersidad de Dios, no saca el Catedratico buenos discipulos, leyendo como muy entendido, sino enseñando como muy amante: *Ni autem idem Spiritus cordi adsit audientis, ociosus est sermo Doctoris nemo ergo docenti homini tribuat quod ex ore docentis intelligit quia nisi intus sit qui doceat: Doctoris lingua exterius in vacuum laborat. Sed & ipse conditor non ad eruditionem hominis loquitur: si eidem homini per vnctionem Spiritus non loquatur.* Si en algo dio a entender Christo ser Maestro, fue en remitir al Espiritu Santo sus Discipulos, para que los enseñasse, porque siendo todo Amor, en la escuela de Dios, sin èl no puede auer sabiduria.

S. Greg. Magn in Cath ad cap. 14. Luæ.

VII. Este combate apunta sus tiros a todos los Maestros espirituales, procurandolos reducir, aunque sea por fuerça, à que estudien con el entendimiento, para tener que dezir; pero que enseñen con la voluntad, para saber enseñar. La caridad, es la principal prenda de vn Maestro de espiritu: sin ella no puede aprouechar al alma, sino van las palabras encendidas, y deshechas en amor de Dios, no pueden derretir el yelo de la culpa, que estan en el penitente: que será, si (lo q̄ no sea) fuessen embueltas en comodidad, ò en interès? Desengañese el docto, y enseñese à enseñar el Maestro de la Escuela de Dios, y entienda, que si quiere enseñar como entendido, ha de aprouechar poco su doctrina, porque aunq̄ sea todo entendimiento, sino le vale para enseñar de la voluntad, por mas q̄ enseñe, no ha de sacar discipulo que sepa.

COMBATE II.

Ostende te Sacerdoti, & offer munus, quod præcepit Moyses. *Vers.* 4.

El beneficio alcançado, ¿ha de ser el mismo que pretendido.

VIII. Humilde solicita su salud este hombre. Alcançala, y mandale Christo, en cumplimiento de la Ley, que vaya al Sacerdote, y le ofrezca el donatiuo de su salud: *Ostende te Sacerdoti, & offer munus, quod præcepit Moyses.* Escusada diligencia. Dispensara en esta Ley Christo, como dispensò en su salud. Quita la fuerça a la enfermedad, y dexa en su vigor a la Ley. Para que es esso? Aviale hecho el beneficio de quitarle la lepra; y viole en la pretension de su salud humilde, reconociole abatido; pues vaya al

Sacerdote, humilde, y obediẽte, y ofrezca dones, reconocido por vn beneficio alcançado; q̃ quien supo estar humilde, y abatido, quando era pretẽdiẽte, quando se mire beneficiado, lo ha de estar.

IX. Mucho parece el beneficio al pedir; al alcançar, parece poco. Lo q̃ estima la pretension suele despreciar el tener: y alcançar lo q̃ se pretende, es vn genero de despreciarlo; pues suele alcançarse solo para sepultar en perpetuo oluido lo que se alcãçò. Todo lo dixo en estas palabras el ingenio Cordoues: *Nil carius æstimamus quam beneficium, quandiu petimus: nihil vilius cum accepimus.* Dixo bien, y con verdad dixo lo que comunmẽte se haze, no lo q̃ se deue hazer. No se ha de disminuir el beneficio quando se aumẽta: si crece quãdo se haze; porq̃ se ha de hazer menos caso delo mas? Mas tiene del biẽ quien le recibe, q̃ quien le pretẽde, porq̃ el vno, solo tiene la esperança, y el otro, la possion: si pretendido se estima, lo q̃ aun no se tiene possehido, porq̃ no se ha de estimar? Estimese vn beneficio como pretẽdido, aun q̃ sea verdaderamente alcançado, q̃ alcançarlo q̃ se pretende, no ha de ser para disminuir su estimacion.

Senec. Ep. 31.

Rara vision la del Euangelista S. Iuan en su Apocalipsi, todaes misterios, solo empero repara, que en el solio Magestuoso que vio en el cielo, entre la diferencia de su adorno, era, no lo menos admirable, quatro animales, aunq̃ de diuersos rostros, en el trage tan parecidos, que parecia q̃ eran vnos, pues igualmente le tenian bordado por todas partes de ojos: *Et in medio sedis, & in circuitu sedis, quatuor animalia plena oculis ante, & retro.* Diferencian los sagrados Interpretes en la significacion destos animales, y no es mucho, siendo tan misteriosos, ni lo fueran, à ser facil su explicaciõ. Lo mucho se acredita, no siẽdo facil de interpretar. Ga fiido, à quien en esta parte sigo, dixo: Que en ellos se significan, y representan todos los Prelados de la Iglesia. Ojos pues, y tantos ojos, bien los han menester. Direis, q̃ para mirar por el bien de los subditos, obligacion q̃ nace con la misma Dignidad; y dezis bien. Mas tambien es la vida del Superior blanco donde todos se remiran, y por dõde todos se rigẽ, y assi ha menester muchos ojos para ver como la ha de ajustar, para q̃ los subditos la ajusten por el Pensaua yo, empero otra cosa; ojos los Prelados por delante, y por las espaldas: *Plena oculis ante, & retro*; los vnos parecẽ tan necessarios como esculados los otros. Ojos por delãte pide-los la necessidad, y el adorno; ponerlos por las espaldas, es

Apoc. 4.

Galfrid.

quie-

quitarles el sitio q̃ le les deue: y consiguientemẽte desdotarlos, porque lo mas lucido, pierde su lustre, en faltando el puesto q̃ merece. Es assi; pero reparad en el misterio, y hallareis, que son vnos, como otros necessarios, y assi de ningun modo desluci-dos. Desear la Prelacia, es perfec cion, si se desea con licito fin. Pretender lo q̃ es perfecto, es 1. Tim. 3 virtud, assi lo dixo el Apostol: 1. *Si quis Episcopatum desiderat, bonum opus desiderat.* Poner Dios à vn pretendiente en la Prelacia, es de los mayores beneficios q̃ le puede hazer, pues le haze sustituto, y Vice-Dios suyo. Hazer à vn hombre Dios de la tierra, es incomparable merced, y digna de toda estimacion; pues la disposicio̅ de los ojos, vnos antes, y despues otros, le viene ajustada a vn Prelado: *Plena oculis ante, & retro.* Que tener ojos antes de recibir el beneficio, y no mas, es tenerlos solo para pretẽderle; y vn Prelado no solo ha de tener ojos al recibir la dignidad, sino despues de auerla alcançado. Ay ojos para vn puesto possehido, si los huuo para el solicitado, q̃ estar ciego en recibiendo vn beneficio, auiendo estado cõ vista al solicitarle, no se sufre en vn pecho agradecido. Téga el Prelado ojos antes, y despues; porque el beneficio del puesto sea igual en todo tiempo, pues se possee con ojos lo que se pretendio con ellos.

Aquel joven desdichadamẽte vẽturoso, si la desdicha puede ocasionar ventura, en puesto mas grande, q̃ donde sus hermanos le dexaron, estaua quando noticioso de la muerte de su padre Iacob le fue a ver, lleuando consigo dos hijos, q̃ le auia dado el cielo, en despojos de su juuentud, ò lo q̃ mas es, en logros de su santidad, para q̃ antes de morir su padre, les echásse su bendicion: costumbre tan loable, como antigua, y q̃ en nuestros tiempos se vsa. Llamauase el primogenito, ò el mayorazgo, como dezis comunmente, Manases; el hijo segundo tenia por nõbre Ephrain. Llegò Ioseph cõ sus dos hijos, y para q̃ su padre Iacob le echasse la bẽdicion segũ la antiguedad del nacimiento puso a su mano derecha à Manases, q̃ era el mayor, y à Ephrain, q̃ era menor, à la izquierda mano. Reparò Iacob en la disposicio̅, y sin darse por entendido, al echar la bendicio̅ a sus nietos, trueca las manos, y pone la derecha sobre Ephrain, q̃ era el menor, y la izquierda sobre Manases, q̃ era el mayorazgo, trocando las bẽdiciones de essa suerte: *Qui extendens manus dexteram, posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput manasse, qui maior natu erat, commutans manus.* Detenedos, Santo viejo, que Gen. 48. 14.

los horrores de la vezina muerte parece os embargan las acciones, y el discurso dà indicios de rendido a su poder, pues obra, à lo q̃ se vè, sin discurso. Manasses està a la mano derecha, y es el mayor; porq̃ razõ se la quitais, q̃ en esto le priuais del mayorazgo, y desposeeis de la primogenitura? Poned esta mano sobre Manasses, y lleueseè lo q̃ le toca q̃ poner en puestos sin atender mas q̃ al afecto: si se estima en el mundo, no se q̃ sea gusto de Dios. Bien assi, mas reparad cõ cuidado en Manasses, y hallareis quan disculpado està Iacob. Quien es Manasses? A quiẽ la naturaleza prodiga solo en la antiguedad de pocos dias dio el beneficio de la primogenitura, y le hizo el mayorazgo de vna casa tan ilustre como la de Ioseph. Y *Manasses* q̃ significa? *Obliuiscitur, Obliuio.* Oluido significa, oluidarse; de suerte, q̃ estuuo tan cerca de oluidado el beneficio recibido; q̃ el recebirle, fue lo mismo q̃ oluidarle? pues el nõbre q̃ dà noticia del fauor, q̃ es *Manasses*, esse mismo està diziendo, oluidar. Disculpado està ya Iacob, quitele la bendicion primera à Manasses, y quitele en ella el mayorazgo, pues auiendo de estar siempre en la memoria, por lo q̃ tenia de beneficio recibido, solo por q̃ le tenia, le supo oluidar tan presto, *Manasses obliuiscitur, obliuio.* Oluidar vn beneficio, porq̃ se recibe essa pena merece. Priuese del bien, a quien solo porq̃ le tiene, le oluida; q̃ no es accion ajustada, antes razon descomedida, que vn beneficio desmerezca por alcançado, y que descaezca vn fauor por posseido.

XII. Pretendiente el Profeta Rey de los fauores de Dios, en aquel Psalmo, tan lleno de reales suspiros, amorosamente cõpungido por el delito passado, dando al cielo los ojos, a Dios los pensamientos, los acẽtos de su voz al aire, assi remedãdolos el eco, procuraua repetirlos: *Libera me de sanguinibus Deus Deus salutis mea.* Psal. 50. 16. Mi Dios sois Señor, y Dios en quien està depositado el remedio de mi enfermedad, y la seguridad de mi salud, pues no puedo librarme de los achaq̃s de la culpa sin vos, os pido humilde me libreis de los pecados de carne, y sangre. Assi lo explica Agustino. Hablò como experimentado, q̃ si a Dios se ha de pedir auxilio para todo genero de culpa; para esta principalmẽte se ha de pedir: *Et exultabit lingua mea iustitiam tuam*, prosigue el Real Profeta: Si me librais Señor, como humilde os lo pido, os empeño mi Real palabra de hazerme gozoso lenguas en vuestra alabãça. No me desagrada, dize Teodoreto, q̃ modo es esse de alabança, q̃ supone la obligaciõ? si os concede lo q̃ pedis, Augustin. hic.

dis,

dis os hareis lenguas en alabarle? Gentil modo de virtud, q̃ aũ no dà indicios de correspondiente, sino los tiene de interesada. Si dixerades: Aunq̃ no oygais mis peticiones, aunq̃ os hagais sordo a mis ruegos, tengo de dar en vuestra alabança vozes; algo de fineza tiene; pero aguardar al beneficio para publicar alabanças de quien le haze, mas parece diligencia de interesado, q̃ seña de agradecido. Ea (dize Teodoreto) q̃ Dauid ingeniosamẽte preuenido, no escusa la humiliacion agradecida, por verse ya con la merced solicitada. Fauores me hareis, Señor, dize, en librarme de boluer a caer en culpas, q̃ tãto afligen; pero si humilde solicitè vuestra clemencia, en viẽdome cõ el fauor, aclamaré vuestra misericordia humilde, para que sepa el mundo, q̃ como la solicitè assi la tengo, y q̃ entre reconocida humiliaciones, trato al beneficio alcançado, como le tratè pretendido. Oid à Teodoreto: *Hoc Symmachus sic interpretatus est, loquetur lingua mea misericordiam tuam. Non enim silebo, misericordiã consecutus, verum te laudabo, tuasque gratias narrabo.* La solicitud con q̃ pretendo este fauor, es testigo de mi humildad; porq̃ el pretẽder trae consigo la sumission. Despues es quando tengo de blasonar de agradecido. Veame obligado con el beneficio q̃ no se me olvidarà, porq̃ le tengo, antes tengo de solicitar nueuos modos de agradecido, quanto mas esté beneficiado, sin q̃ el beneficio recibido me situe de oluido, de q̃ le recibi, antes de espuela, q̃ auiue a la memoria, para que estando siempre en ella, no pueda escusarme de agradecerle.

Theod. in Psal 50.

Imite el Catolico al Profeta Dauid, estime lo que recibió, acuerdese de los agrados q̃ gastaua pretendiẽte, y no los dexe quando se mire obligado. Núca q̃ tenga combates de desagradecido, se rinda, que es villania, despues de auer combatido a vn bienhechor con sumissiones, dexarle rendir de tiros de ingratitud. Si pide a Dios humilde, pues su Magestad tiene las manos francas para quien le pide con humildad, no se oluide, quando alcance su peticion del modo con que la pidio, sino sepa estimar vn fauor humilde, si estaua assi quando le pretendia.

COMBATE III.

Ego veniam, & curabo eũ, *v.* 7.

Promete Dios para dar, por dar dos gustos al alma.

XIV. LLega el Centurion a Christo S. N. proponele la enfermedad de vn criado suyo, y dizele: *Ego veniam, & curabo eum.* No te aflija esse achaque, q̃ yo irè

iré a tu casa, y le sanaré. No es lo primero q̃ haze Christo dar la salud a este ẽfermo, sino prometerla al Centurion, que se la ha de dar: *Ego veniam, & curabo eum.* Quien duda, no solo que es poca fineza el prometer para dar, sino poca liberalidad. Quié pudiendo dar promete, no parece liberal, pues no dà lo que puede luego, pues dilatando lo q̃ pide, dà grande sentimiento al alma, q̃ siente demasiadamente la dilacion. Luego Christo, a la ley de liberal, y de fino, auia de dar luego la salud, no prometerla. *Curabo eum.* Parecelo assi; pero es estilo de Dios, para aumentar el gusto a los suyos, prometerles primero el bien, despues darsele, para q̃ con esta industria tengan dos ocasiones de gusto, vna al prometer, otra al recibir, porque las promesas de Dios, como son tan infalibles, tanto goza vn alma del bien quando se le prometen, como quando se le dan.

XV. No estrañeis q̃ multiplique memorias de mis primeros Patriarcas, que dignos son de toda veneracion, y hazer recuerdo de tantos Padres es lustrosa honorificencia de sus hijos: pues quãdo no por si, alcançan por ellos qualquiera reputacion. Pretendiente de los fauores de nuestro grande Elias, su mayor discipulo se hizo inobediente aduertido a sus aumentos. El ausencia nunca fue desazon para vn cariño, y aunq̃ la obediencia mas perfecta suele originarse del demasiado querer, no puede passar por obedecer el que ama, quando pierde lo q̃ estima en la obediencia: *Viuit Dominus, quia non derelinquam te.* Aqui se vè trocado el orden de pretender, pues grangea vna inobediencia, y vn no querer merece. Llegase el tiempo de hazerse mi Elias en aquella carroça de fuego, mariposa de sus llamas, y aguila de su candor, que bebiẽdoles a los rayos sus alientos, que de mas q̃ consumido, enamorado. Y boluiendose à Eliseo, tan abrasado en su amistad, como en los incendios cõ quien espera caminar, le dize fino, y amigable: *Postula quod vis.* Pide à tu satisfacciõ, no leas escaso, q̃ de tu parte tienes a mi afecto; y lo q̃ soy, es para ti solo. Alentado cõ la promesa, mas q̃ por ambicion, por quedar con prendas tan viuas de su Padre, le pide su espiritu doblado Eliseo: *Fiat in me duplex spiritus tuus.* Mucho pedir es esto, dize el Grã Padre, pero si me vieres quando me aure de ti, harè lo que me pides: *Rem difficilem postulasti: attamen si videris me, quando tollar à te, erit tibi quod petisti.* Hagamos el reparo ya. Que es esto Gran Padre? parece que os arrepentis de la promesa? ya pedis termino para cumplir; auiendo sido tan liberal en el ofrecer? 4. Reg. 2. 10.

ofrecer? mirad que padeceis riesgos de corto, que es desaire en quien promete, pedir termino para dar: bien assi, pero tambien es desaire, dar sin prometer. Bruno cõbate para vna magnificencia, pues no sabe por dõde regirse para vencer, porq̃ el prometer, para dar, y el dar sin prometer, tienen igual peligro; pues quié promete, dilata el fauor; y quié no promete, quita el gusto del desear. Assi dize el gran Patriarca, q̃ si prometo a mi Eliseo el fauor, padece riesgos mi liberalidad, y a el se le aumẽta el gusto, y sino se le prometo, si me acredito de magnifico, es cõ perdida de su alegria, pues no me puedo sufrir liberal: *Si videris me quãdo tollar à te erit tibi quod petisti* Padezca mi credito porq̃ no falte su gusto: estè en duda mi magnificencia, porq̃ esté en seguridad su alegria: que en lance dõde và ò el parecer yo corto, ò el que su gozo se acorte, elijo, que mi liberalidad se quede en opiniones, por no faltar a las diligencias de su gusto: *Si videris me.* Gozese Eliseo con la esperança del fauor, y despues con el tenerle.

XVI. El Apostol S. Pablo escriuiendo con atencion cuidado à los Filipenses, procura alentarlos al gozo, con este genero de discurrir: *Gaudete in Dño semper: iterum dico gaudete.* Alegraos siempre en el Señor: Otra vez digo, q̃ os alegreis. Dos alegrias en este mundo, demasiadas alegrias son. Y que se queda para el cielo, si assi se reiteran los gustos en la tierra? Vna alegria, y otra sospechoso regozijo parece. Vna sola suele ser tragicos fines, que es inconstante el gusto desta vida, y no sabe ser continuado. Si vna tiene esse peligro, como dos se librarán del? Pero si harán, porque el motiuo de esse gozo, no es deste mũdo; aunque està en èl, mira cosa mas soberana: *Dominus prope est.* Lo que me obliga a enseñaros multiplicaciones de alegria, es que Dios està cerca de nacer. Assi lo entiende dulcissimamẽte mi Bernardo, pero yo no lo acabo de entender. Porque està cerca de nacer Dios se ha de alegrar vn alma? antes parece esso materia de pena, que de gusto, y mas para quien tiene deshecha el alma de aficion, porq̃ el deseo no tiene quietud, es mal sufrido, y mientras no vè, como no goza, se aflige; bié que estè cerca Dios, pero no està: estar cerca de lo que se quiere, y no gozarlo, antes aflige, que alienta, y la misma cercania aumenta dolores en quien carece de lo que le parece tan posible: luego mientras nace Dios, no ay gusto para quien espera con ansias verle nacido. Como puede auer dos materias de gusto, donde el alma està de

ad Phil. 4. 4.

tanto

tanto dolor combatida? y pendiente de tanto pesar? No entẽdeis el caso, dize melifluo mi Bernardo. El q̃ està cerca quien es? Dios, *Dñs prope est.* Quien le espera? El alma. Y quien espera, porq̃ espera? Es facil de conocer; por dos cosas. La primera, porq̃ le prometen. La segunda, porque le han de dar: sin estos dos motiuos, no ay esperança, pues entendido enseña el Apostol: Alegraos en el Señor: otra vez digo q̃ os alegreis: *Gaudete in Dño semper: iterũ dico gaudete.* Que si estais con tanta impaciencia esperando, ya està cerca de nacer, *Dñs prope est.* Y si el q̃ espera, espera porq̃ le prometen, y porq̃ le dan, siendo Dios quien causa el esperar, y estando tan cerca, quando parece quita el gusto al alma, se le aumẽta, pues dà gusto al prometer, y dà alegria en el dar: *Gaudete, inquit, de exhibitione, iterũ gaudete de promissione quoniam, & res plena gaudio, & spes plena gaudio est.* Alegrese el alma, alegrese siempre, y torne se à alegrar. Alegrese en las promesas, y alegrese en recibirlas, q̃ todo està lleno de gusto, el prometer, y el recibir; y assi tengale, sin que le diuierta la dilacion, que puede auer de la promesa al cũplimiento; que Dios, por aumentarle gozos, le diuide las dichas, dandole vna vez el bien, q̃ otra vez le prometiò.

S Bern. ser 4. in vig. Nat. Dom.

XVII. Estaua el Patriarca Iacob temeroso de su hermano Esau, en el desierto, y solo, conueniẽtes lugares, para aumẽtar el temor. Cõbatiale, sino la memoria de la ofensa, el enojo de vn poderoso, que se presumia ofendido. Deseaua su amistad, y no sabia como conseguirla; es dificil tener la de vn poder enojado. Afligiase, juzgandole furioso; consolauase, imaginandole hermano: y si era prudente el discurso, no era seguro el consuelo, pues suele embrauecido vn hermano, passar plaça de enemigo, y el parentesco tan cercano, antes suele enfurecer, que obligar. Entre tan imaginados cõbates se ballaua en el cãpo Iacob, quãdo sintio q̃ vn jouẽ, con apariencias de humano, si con alientos de diuino, a bra o abierto le embestia, midiendo con èl sus fuerças, y probando su valor: *Et luctabatur cum eo.* A poco rato de la lucha, tuuo presagios el Patriarca de la victoria; ò fuesse bizarria de su braço, o preuencion fauorecida de Dios, q̃ era en aquellos disfraces el que parecia contrario. Al fin se quedó rendido, quedãdo Iacob victorioso. Brauo caso! q̃ lleguen las fuerças de vn hombre, ò por valientes, ò por fauorecidas, a poder dezir, q̃ vn Dios ha estado sugeto à la flaqueza de sus braços. Que desaire, Señor, es esse? (dize Oleastro) Vos vencido a tan limitado poder? Y que

Gen. 32. 24.

Y q̃ se hizo vuestro valor? Vos fugeso al corto caudal de vn hõbre? Y vuestra Omnipotencia en que està ocupada, q̃ parece no ayuda en conquista dõde le vá tanta opinion? Pero ya entiẽdo la destreza de vuestra caida. Iacob estaua en el desierto afligido, era su hermano la causa de su afliccion; el motiuo de perseguirle, el caso del mayorazgo hecho por disposiciõ de Dios hallòse empeñado en sacarle de este aprieto, por auer sido en que diessen primero la bendicion a Iacob, de donde se originò el encuentro de su hermano, y assi se puso a luchar cõ èl, para asegurarle en su vencimiento victorioso. Assi q̃ Dios quiere sacar victorioso a Iacob de vn hermano, q̃ tan sangriento le persigue? Pues liberal anda, en que se ensaye ẽ él essa victoria primero, para que asegurandola en esse ensayo, se alegre con los presagios de tenerla, y se goze quando la aya alcançado despues: *Solet Dñs* (dize Oleastro) *suos reddere certiores bonorum suorum vt bis lætentur, semel in spe, & iterum in re.* Si Dios ha de hazer a Iacob victorioso de su hermano Esau, prometale primero la victoria entre los disfraces de vn vencimiẽto suyo, y con esso Dios quedarà acreditado de liberal en el fauor, y de fino en la promesa; pues alegra quando ofrece, y diuierte quando cũple. Iacob quedarà satisfecho, pues vendrà a tener dos gustos, vno quando alcãce la victoria de su hermano; otro quando se la diuulguẽ en el vencimiento de vn Dios.

Oleast ad c. 32. Genes. in com. ad mar.

Las diligencias q̃ haze Dios para aumentar al alma gustos, la doctrina de este combate lo enseña, pues con medios opuestos al alegria, haze que la tenga mayor. El tener vn biẽ, causa gusto, el esperarle prometido, sinsabor: Pero sazona Dios de suerte essos dos cõbates, tan opuestos, como sin sabor, y gusto, q̃ todo se buelue gusto, lo q̃ pudiera ser dolor: y es q̃ promete con tanta seguridad sus bienes, que siendo la promesa indubitable, lo sea el gusto de tenerla tambien. O Catolicos y como escusamos tanto bien, resistiendo à las inspiraciones diuinas, y no haziendo caso de q̃ nos llame vna, y otra vez! procuremos corresponder a sus vocaciones. Solicitemos con virtudes merecer sus promesas, para que assi se nos multiplique el gusto de tener sus dones. XVIII.

COMBATE IV.

Dñe non sum dignus, vt intres sub tectum meum: sed tantũ dic verbo, & sanabitur puer meus, *vers.* 8.

La esperança, quando se junta cõ la fe, mas parece posesion q̃ esperança.

Viendo

XIX. Viendo el Centurion la resolucion de Christo le dize: Dñe *non sum dignus, vt intres sub tectum meum, sed tantum dic verbo, & sanabitur puer meus.* Señor, a menos costa podeis sanar al enfermo; no multipliqueis beneficios, q̃ si es grandeza vuestra hazerlos sin medida; no es capaz mi pequeñez de admitir tanto fauor, solo vna palabra basta para que alcance la salud, no es necessaria vuestra presencia. Gran dezir! ya parece que tiene por hecho el caso, y con la seguridad, que si tuuiera el enfermo salud, assi habla: *Tãtum dic verbo, & sanabitur.* Ya no tengo miedo a la enfermedad, ni solicito, como al principio, que le restituyais la salud, q̃ esso ya lo tengo por alcançado; solo pretendo, que sea a menos cuidado vuestro el quitarle la enfermedad. Que es esto, aun no ha alcançado lo que pide, y ya lo tiene por alcãçado? No lo estrañeis, era grande la fe del Cẽturion, el mismo Christo lo dize: *Non inueni tantum fidem in Israel.* Y siendo la fe tan crecida, juntose con la esperança que le dio Christo, quando dixo: *Ego veniam, & curabo eum.* No es mucho haga cuenta, que ha alcançado la salud; que pretende; y que gozoso, como si la tuuiera, solo diligẽcie el escusar a Christo el trabajo de ir a su casa, q̃ en jũtandose con vna esperança, la fe, no admite dilacion en el gozar; y assi mas parece posseision, que esperança.

XX. No ay esperança, q̃ no reciba su ser de la fé dixo Pablo: *Est autem fides sperandarum substantia rerum.* La fè es sustancia de la esperança, porq̃ siẽdo esta el mouimiento mas veloz, que la volũtad tiene, para caminar al biẽ q̃ desea, si la fé no la auiua contra el tiempo, y sus dilaciones, a cada passo faltàra; porq̃ la esperança en tanto viue, en quanto la fe la sustenta, y dale tan a su sabor el sustento, q̃ si su ansia es gozar lo que espera, aun esperãdolo, se lo dispone de tal suerte, q̃ como si lo tuuiera, lo goza.

Ad Hebr. 11. 1.

XXI. Aquel suceso de Abrahan es admirable para el punto. Hallòse sin hijos el Patriarca, quexauase amorosamente a Dios, como no tenia heredero. Era entonces descredito la esterilidad, agora suele ser ventura. Prometesele su Magestad como de su mano, tal, que de lustre a su prosapia, y la estiẽda, y haga lucida por todas las naciones del mundo. Apenas le dà Dios esperanças de su posteridad quãdo dize la sagrada Escritura, q̃ creyò Abrahan à Dios: *Credidit Abraham Deo.* Yo dixera, que el Patriarca auia errado el camino, porque Dios mas le pone en ocasiones de esperar, que no de creer. Lo que haze Dios, q̃ es? Prometerle vn Hijo. A vna promes,

mesa, q̃ es lo inmediato que se sigue? Esperar q̃ se cũpla lo prometido. De suerte, q̃ a vn prometer, se sigue esperar el cũplimiento de la promesa. Luego Abrahan parece que và errado, supuesto q̃ quando Dios le promete, no espera, sino que cree: *Credidit Abraham Deo.* Dio vida desta suerte a este punto S. Basilio el de Seleucia. Estaua deseosissimo Abrahan de tener vn hijo, en quien assegurar su descendencia. Conoce sus deseos, y prometesele Dios, pero de tal suerte, q̃ no determina el quando: con q̃ viene el Patriarca à hallarse alegre, y afligido; alegre, porq̃ se assegura Dios vn hijo; afligido, porq̃ el tiempo en q̃ le ha de suceder tanto fauor està indeterminado, ni sabe como consolar las ansias del esperar, ni como satisfazer los deseos de tener. Que remedio, para q̃ goze esperando, quien esperando se aflige? Yo os lo diré (dize Basilio) en poniẽdo Dios al Patriarcha en ocasiones de esperar trate principalmente de creer *Credidit Abraham*; y siendo essa fe viua, dará tanta vida a la esperança, q̃ no aya menester esperar, para tener a Isaac, sino q̃ desde luego le goze, como si ya verdaderamente le tuuiera: *Natu adhuc spe renouatur, senectæ obliuiscitur: accepta promissione habuit filium ante filij partum, & spes ipsa prius Isaacum peperit, quã aluus.*

S. Ansel.

S. Basil. Sel. orat. 7.

Haze milagros vna esperança, si tiene los aliẽtos de la fe. Quãdo se mira sola, suele gemir, y ahogarse con el peso de vna dilacion; pero auiuada con la fe, es tan misteriosa, q̃ anticipando posseſsiones dà hijos, antes que la misma posseſsion. No dexe de esperar en la promesa de Dios Abrahan, si quiere tener el hijo: Pero si le quiere gozar luego, junte el creer, al esperar, q̃ con esso vendrà luego a gozar el hijo que tanto desea, porque vna esperança hermanada cõ la fè, en el nombre es esperança, en el ser es posseſsion.

Oid otra vez a Basilio, q̃ fue estremada su agudeza, reparando en aquella respuesta que dio Christo Señor nuestro à los Iudios, quando tanto blasonauan de hijos de Abrahan: *Abraham pater vester exultauit, vt videret diem meum. vidit, & gauisus est.* Basilio en vez de aquel *exultauit*, leyò *desiderauit.* Vuestro padre Abrahan, de quien os preciais de tan hijos, otro modo de proceder tuuo. Deseò verme, cõ toda ansia lo deseò; cumpliosele su deseo: Viome, y alegròse. En verdad, Señor, que parece no dexan de tener los Iudios alguna razon en el argumento con q̃ le parece à su ignorancia, q̃ os convencen: *Quinquaginta annos nondum habes & Abraham vidisti?* Despues de la muerte de Abrahan han corrido edades, y se han

XXII.

Ioan. 8. 56.

Vers. 57.

han passado siglos: vuestra edad es muy jouen; como es posible os alcançasse a conocer? si lo dezis, porq̃ lo deseò, corre la misma razon en los Iudios, q̃ tambien lo desean, tambien esperan; como esperò: Pues como esperando Abrahan, y esperando los Iudios, teniendo estos a Christo presente, y no auiendole tenido aquel, solo con esperar puede Abrahan posseer lo q̃ no tiene, y los Iudios esperando, y teniendo, no posseen lo mismo que tienen, ni alcançan lo proprio que esperan; pues siendo los que tiené à Christo, y los que esperan tambien; teniédole, no le posseen, y esperandole, no le gozan? Milagros son de vna fe, y de vna esperança (dize Basilio.) Es assi que esperan todos, y que no todos posseen; pues Abrahan tiene solo esperança, y los Iudios esperança, y possession. Pero ay en esse esperar esta diferencia, q̃ la esperança de Abrahan se alimenta con la fe; la de los Iudios era esperança muerta, porq̃ como viue solo de la fé, y ellos no la tenian, de que Christo era verdadero Messias; tenian esperança, pero como sin fè, sin vida. Que mucho que no tengan lo q̃ tienen, y q̃ no gozen lo que gozan, q̃ vna esperança sin fè, tan lexos està de cũplirse, que aun teniendo lo q̃ espera, no lo ha de tener, y gozando lo q̃ desea, no lo ha de gozar. Goze Abrahan pues sabe esperar, creyendo, q̃ no necessita de ver, para ver, ni de gozar, para gozar, quien al esperar le junta cõ el creer. Esto se deue al ingenio de Basilio: *O fidei vim! quæ natura non docuit, ea Fides sub obscure delineauit. At qui Iudæi, cuius fidem non habent, eius temere possessionem sperant.* O fuerça del que quando espera cree! Que posseer, como este modo tan virtuoso de esperar? Que gozo como este lazo tan vnido de esperar, y jũtamente creer? Goze Abrahan solo con esperar, lo que pierde el perfido Iudio, solo por llegarlo a tener; que quando no tiene a la fè la esperança, aun lo q̃ tiene, no goza; pero estando juntas, y hermanadas estas dos virtudes, el esperar es tener. S Bas. Sel. in 19.

Subia Christo S.N. a vn monte: En subir gastò toda su vida. Sentòse en llegando a su cima, fatigado del camino, ò dando alientos al alma, para llenar el cansancio del subir. pues en subiendo tiene el sossiego seguro, haziendo Vniuersidad de aquel escollo, donde todo genero de letras diuinas se leyessen; gozo vnico de los estudiantes de espiritu, para consuelo de toda alma juña, y aliento de toda perseguida. Haziendo en el picacho del monte Catedra, docto, y entendido, leyò vna licion, q̃ a todo genero de almas pudiesse XXIII.

diesse aprouechar. En el discurso de la licion, leyò esta clausula: *Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, quoniam ipsorum est Regnum celorum.* Bienauenturados los que padecen persecucion por la justicia, porque dellos es el Reyno de los cielos. Entendido periodo, y justificada sentencia, prometer tanto premio a quien se resuelue a padecer por èl. Assi se alienta el alma a penar segura de que la pena es principio que tiene su indubitable fin en la gloria. Pero en las palabras con que Christo S. N. promete esse cielo, mas parece q̃ le dà, q̃ no que le promete: *Ipsorum est Regnũ celorum.* Suyo es el Reyno de los cielos: Aquel *est*, es de presente; ò promete Christo a los Martires, de quien la letra entiende este lugar Chromacio Aquileyense, el Reyno de los cielos, ò se le dà. Si le promete, para que dize, que ya es suyo, *est?* siendo assi, q̃ es en vano prometer lo que se tiene. Si se le dà, para que se le promete? No se le dà (dize diuinamente Chromacio) pero en los Martires dos son las virtudes que con mas eminencia resplandecen. La primera, es la fè, que sin ella, aunque sera el padecer possible, no lo era el padecer por Dios. La segunda la caridad, pues el fuego de amor arde en ellos tanto, que menos, que vertiendo sangre, no se alimat. 5. 10.

uia; y aunque la caridad es virtud mas perfecta, q̃ la fè, la supone, y se origina de ella; porq̃ no es possible tener amor a Dios, si primero no se cree en él. Assi que la fè es la primera virtud que en los Martires se halla: Pues bien trazado: para que quien à fuerça de tanto amor, derrama raudales de sangre, pareciendole todo poco, tẽga antes q̃ la acabe de vaciar su premio; donde ay vna fè tan viua, añadase, para q̃ espere vna promesa, que con esso tendrà tanta fuerça la esperança, para darle en medio de essas penas el cielo, q̃ antes de acabar de padecerlas, sienta que ya tiene en possession la promesa: *Quibus spes magna promittitur, id est possessio Regni celorum*, dize, tratando de los Martires Chromacio. Prometese les a los que en defensa de la fè derraman sangre, padecen dolores, y sufren tormẽtos, la esperança del cielo, y con solo esso le poseen, que la esperança que se junta con la fè, es tan vna con la possession, q̃ el poseer, y el esperar, viene a ser todo poseer. *Chromat. Aquil. de octo beatitud.*

XXIV.

Paresciole a Seneca q̃ el temer, y el esperar anduuan siẽpre jũtos, y no muy fuera de razon, porq̃ la esperança, como à vezes sale tan incierta, no puede dexar de temer quiẽ espera, la duda en q̃ pone vna esperança, ni dexa allegurar en el biẽ, ni quie-

tar

ta el rezelo del mal; y assi es forçoso temer el mal, quien tiene esperança del bien. No ay otro remedio para no temer, dize el Filosofo, sino dexar de esperar; *Sen Ep. 55.* *Desines timere, si sperare desieris.* No esperes, porque si esperas, no te puedes librar de temores. Bueno es esto para vn pecho cobarde, que aun le atemoriza el tener, por no saber como le puede conseruar. No habló aqui Seneca como santo, pero si como Filosofo, declarando lo que en el mũdo passa; ya la verdad, esperar en èl, y en sus cosas, es condenarse a vn perpetuo temer; porque son tan inciertas las esperanças desta vida, que no se diuierte quien las tiene, por mas que el mundo le combata con ellas, para traerle à si, y tenerle sugeto a su dominio: antes se aflige vn animo combatido con ellas, que se diuierte, son todas engaño: combates de mentira que han de hazer, sino afligir a lo menos con temores. Bien aya la esperança que auiuada con la fe, se procura emplear toda en Dios. Combatid Señor al alma cõ tal genero de esperar, aunque en esta vida de miseria no le hagais otro fauor. Vencelda con essos combates; reducilda à que espere siempre creyendo, y à que crea confiando, que essa es la mayor dicha que puede en esta vida tener.

COMBATE V.

Vade, & sicut credidisti, fiat tibi, & sanatus est puer in illa hora. *Vers.* 13.

Si haze Dios ostentacion de su poder, no es porque le teman, sino para que le amen.

SAnò Christo al criado del Centurion, pero sin ir a su casa: *Vade, & sicut credidisti fiat tibi, & sanatus est puer in illa hora.* Reparo en la Magestad imperiosa de Christo, no hizo mas al criar el mundo, q̃ al sanar este enfermo. *Fiat lux*, dixo para criar la luz: *fiat tibi* dize, para sanar este enfermo; tan poderoso se muestra en vna, como en otra ocasion. Entonces necessario era el darse a conocer tã poderoso, mas aora, para q̃? Podrà el mundo huir de tanto poder, y atemorizarse, viendo tanta Magestad. Si viera sola a la Magestad, es assi: pero en q̃ la muestra? En hazer bien: *Sanatus est puer in illa hora.* El hazer bien, nace de voluntad, y de afecto, quien lo ignora? pues quando Christo muestra su poder en vn *fiat*, le junta con muestras euidẽtes de afecto, y de voluntad; haziendo bien, *sanatus est puer*; para q̃ sepa el mundo, q̃ si hace ostẽtacion de su poder, no es para que le teman poderoso, sino para que le amen bienhechor.

Es-

XXVI. Escriuiendo a los de Roma el Apostol, dize estas palabras, q̃ no parece encierran poca dificultad: *Commendat autem charitatem suam Deus: quoniam cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est.* En lo q̃ mas dà a conocer Dios su caridad es, en q̃ siẽdo pecadores, murio por nosotros Christo. S. Pag. *Christus pro nobis mortuus fuit.* Fue Christo muerto por nosotros. La dificultad consiste, en q̃ no dize el Apostol, q̃ Dios dà a conocer su caridad quãdo muere, sino despues de muerto, no dize se muestra el amor quãdo *Christus pro nobis moritur*, sino quando *Christus pro nobis mortuus est*; y S. Pag. quando *Christus pro nobis mortuus fuit.* Despues de muerto Christo, fue quando dio a conocer lo ardiente de su amor. Bien. Y el morir, no fue caridad? Si, y la mayor q̃ puede auer: *Maiorem hac dilectionẽ nemo habet, vt animã suam ponat quis pro amicis suis.* Aquel poner la vida por el amado, es el mayor credito del amor: despues de puesta, no tanto se dà a entender que se ama, como q̃ se amò: luego al morir, q̃es quando se dà la vida, es quando se muestra la caridad: despues de muerto, muestrase q̃ se tuuo amor no que se tiene, pprque vn muerto ni puede amar, ni aborrecer, que esto nace de vna potencia del alma, q̃ es la voluntad, y vn muerto no la tiene. Luego si Dios dà a conocer su amor, y caridad, es quando muere en vn leño, no despues q̃ ya murio. La dificultad es euidente, veamos la solucio. Que haze Christo despues de muerto? Derramar sangre, viendose abrir la puerta del coraçõ. Y al morir q̃ hizo? Estremecer à todo el orbe. La muerte se murio de ver morir a Christo, el Sol, oluidando su lucido traxe, enluta sus resplandores; las piedras vnas con otras crugen; el velo del templo se desgaja; la tierra obediente, o temerosa, restituye los cuerpos, q̃ como a madre comun se le entregaron. La sangre, pues, q̃ denota? Voluntad, y afecto, porq̃ es vn humor caliente, q̃ se engendra en el coraçon: *Sanguis est humor calidus in corde generatus*, dize Pedro Bercorio: El hazer estremecer el orbe, q̃ indica? Poder. Assi q̃ la muerte de Christo fue toda de poder q̃ alli mostrò su valẽtia: q̃ muriendo, dio muerte a la muerte; que hizo estremecer el orbe? Pues haga reseña de su amor, escrita cõ letras de sangre salida del coraçon despues de muerto, no al morir, porque el morir Christo, no parece tanto amante, como poderoso: y siendo toda essa muerte de omnipotencia, sino huuiera quiẽ moderara su poder, huyera el hõbre temeroso de vn Dios muerto. Que remedio para q̃ ha-

Ad Rom. 5. 8.

Sãct Pagnin.

Ioan. 15. 13.

Pe. Ber. in redu. mor. l. 1. cap. 20.

ga amar vn Dios, q̃ aunq̃ muere de enamorado, solo porque muere como poderoso, se pone en contingencias de perder al hombre, por ser temido, deseando atraherle à si, por ser amado? Derrame despues de muerto, amores, embueltos en calidos granates, abra puerta para que pueda étrar el hõbre a registrar las llamas amorosamente encẽdidas en su coraçon, para q̃ entienda, q̃ el morir como poderoso, no es para hazerse mas temido, sino para verse mas amado. No se mire à vn Dios morir, sin mirar à vn Dios ya muerto, q̃ si al morir ostenta poderes, despues de muerto desperdicia amores; y si pudo morir como poderoso, no pudo escusar el mostrarse despues de muerto, amante; porq̃ el poder, no tanto le muestra Dios, por ser temido, como por el gusto que siente en ser amado.

xxxvij. Vn trono con diuersos adornos lucido vio el Profeta Isaias, en èl à Dios, q̃ estaua sentado, y Serafines. q̃ estauã en pie: *Isa.6.1. 2.* *Vidi Dñm sedentẽ super solitũ excelsũ, & eleuatũ, Seraphim stabãt super illud* No estraño ver à Dios sentado, ni verle assistido de Serafines, verles en el mismo trono q̃ à Dios, es lo q̃ admirò: *Seraphim stabãt super illud.* En el mismo trono ha de estar el Serafin, que Dios? Que Dios es el Serafin q̃ està en essa igualdad con Dios? no ha de auer mas distincion entre el Señor, y el vassallo? No estè el Serafin en esse trono, que parece priuado del mundo, q̃ en viendose fauorecido del Principe, hasta el trono quiere quitarle: Quitesele el Serafin de esse puesto, humillese, y baxese mas: mas como puede humillarse, estãdo en tan lebãtado puesto Dios. Que trono es esse dõde està la Magestad diuina? De Magestad, y Grandeza. Y el estar sentado en èl, que denota? Potestad, poder, y dominio: *Sedere enim* (dize mi Bernardo) *præsidentis est, sedere dominantis est & regnantis Maximè verò sedere super solium dominationẽ notat.* Todo es el estar sentado poder. El Serafin ya se sabe q̃ es encẽdida llama de amor: *Ardẽs, vel incendens* le llama Bernardo. Estè pues, el Serafin en el mismo trono de Dios, *Seraphim stabãt super illud*; q̃ siendo trono de poder, y de señorio, no le ha de entender, q̃ puede Dios cõsigo dar a entender q̃ puede, sin dar a entender que ama, *super illud:* Passarà Dios porq̃ estè el Serafin en su mismo solio, aunq̃ en el se muestra tan magestuoso, siẽdo el Serafin trono dõde reside Dios; porq̃ el hõbre quando le vea cõ aparato de poder, no pueda presumir, que es poder que atemoriza, sino poder que enamora.

S. Bern. ser. 5. de verb. Isa.

Luc 35.

xxxviij. El inefable misterio de la Encarna-

carnacion de el diuino Verbo ha de dar vida à este ꝓpũto. Viene el Serafin Gabriel à prometer à la Donzella mas casta, el ser Madre de Dios. Duda la Emperatriz soberana, no biẽ capaz del Misterio; y asseguralа el Angel assi: *Spiritus Sanctus superueniet in te.* No es negocio de diligencias humanas el misterio q̃ propongo. El Espiritu S. ha de ser Autor de las dichas q̃ prometo, por obra suya ha de ser en vuestra pureza la Concepcion del Verbo Eterno. Llega el caso, sucede todo como el Angel lo anuncia; y auiendo sido concebido por obra del Espiritu S. el Verbo en la pureza de Maria, no se llama hijo suyo, sino del Padre, como enseña comunmẽte el Teologo, y lo dize la Fè. Esta es aora la questiõ q̃ mueuo. Si el Padre Eterno es Padre de Christo, no solo en quanto Dios, sino en quanto hombre, porq̃ Christo Señor nuestro no se dize fue concebido por obra del Padre, sino por obra del Espiritu S. Para q̃ era menester q̃ entrasse en esta obra, auiẽdo Padre q̃ lo pudiesse hazer? La Cõcepcion del Hijo totalmente es obra propia del Padre, no ha de ser el Padre vno, y otro por cuya obra se conciba el Hijo, q̃ esso es hazer sospechosa la filiacion; ò parece ser Padre solamente en el nombre, y serlo otro en la verdad. Dexo para la Catedra la solucion mas rigurosa, q̃ las obras ad extra son indiuisamente de todos, aunq̃ en la attribucion se apropien à vna. En el pulpito digo: q̃ el Padre es todo poder: *Patrem omnipotentem*, le llama la Iglesia. El Espiritu S. es todo amor. *Fons viuus, ignis, charitas.* Si el Verbo fuera concebido por obra del Padre en la attribucion, como es todo poderoso, fuera la obra de la Encarnacion toda poder; y haziendose Dios hombre, para reducir los hõbres à si, mostrãdose en su Encarnaciõ tan poderoso, antes se oponia a su disinio, q̃ le ayudaua; pues el poder no suele ser buen camino para rendir volũtades, antes las suele alterar. Como ha de ser esto de sugetar aluedrios, y auassallar almas? Bien dispuesto. Ya q̃ muestra Dios tanto poder en hazerse hombre, vniendo tan amigablemente naturalezas tan distintas, como son diuina, y humana, no se conciba en la attribucion hombre por obra de vn Padre poderoso, sino por la de vn Espiritu Santo amante: *Conceptus est de Spiritu Sancto.* Y con essa diligencia, viendo el hombre, q̃ siendo el Padre Eterno Padre de Christo, en quanto hombre, no es concebido en attribucion por obra de vn Padre que puede, sino por la de vn Espiritu Santo, que ama, conocerà, q̃ si en la Encarnacion

Luc. 1. 35.

Eccles. in Symb. Apost. Eccles. in Hym. Pẽtec.

Eccles in Symb. Apostol.

del Verbo se muestra tanto poder; es con fin de hazer amantes, no por hazer temerosos.

Desta suerte pide el Apostol S. Pablo gracia, y paz para los Romanos: *Gratia vobis, & pax à Deo patre nostro.* Dios q̃ es nuestro padre, y lo será por todas las eternas edades os dè gracia, y paz. Hugo Card. notò cõ cuidado, q̃ para hazer essa petició el Apostol, hizo jũta del nõbre de Dios, y del Padre, *à Deo patre nostro.* Que vnion de nõbres es essa? no tiene, otro apellido Dios sino el de Padre? faltaua ũ omnipotente, vn misericordioso, vn imenso? y quando no quisiera valerse de esse dezir, en ocasion q̃ se pide, mas propio parece el nombre de liberal, y magnifico, q̃ otro alguno. No ay cõ q̃ mas vn señor se lisongee, que con ser aplaudido cõ titulo de liberal, quando llegan a pedir: y aun q̃ el dar no està ageno del q̃ es padre, està en el q̃ es liberal mas propio. Pidiera Pablo a vn Dios con titulo de liberal, y no con titulo de padre, *A Deo patre nostro.* Fue ingenio del Apostol, dize el Eminentissimo Cardenal, y prevenida diligencia, para facilitar su petició Pretendiò alcançar gracia para los Romanos, y quiso lisonjearle a Dios el gusto, por esso junta al nõbre de Dios, el de padre. Que nombre, pues es el de padre q̃ tanto se agasaja Dios con èl, q̃ solo en esse agrado fia Pablo su buena suerte? Es todo nombre de amor. Y el de Dios? Nõbre de poder: *Pater est nomen affectus, Deus autem sonat potentiam proprie,* dize Hugo; pues entendido fue el discurso. Quando Pablo pide a Dios, deseoso de alcançar, si quiere hazer su petició segura, no le dè nombre de liberal, auiendosele de dar de Dios; sino dele titulo de padre; q̃ si el agasajo suele ser la mejor terceria para alcançar lo q̃ se pide, para agasajar a Dios, no ay cosa como entender q̃ nunca pone el poder, sin carearle al amor. *Hug Ca di Posti in Ep ad Rom hic.*

XXX. Grande modo de aumentar Reynos, y de estẽder Señorios, poder, y amor, no diuididos, sino jũtos. El poder solo, a quien no causa desabrimiẽto? A quiẽ no descuida el amor? Tan poco cõserua vn Principe su Monarquia, por muy amado, como por muy temido. Si en el agrado ay demasia, perder el respeto es forçoso: en perdiẽdo el decoro a vn Principe, no hagais caso de lo demas. Si en el dominio se esmera, la cõjuracion se levanta, la traiciõ se executa, por verse libres de vn poder, q̃ presumiẽdo de tirano, a todo lo quiere sugeto. O quanta prudencia es menester en vn Principe; pues es por poco que desiguale sus acciones, pone a peligro conocido su Reyno. Bueno es hazerse temer vn Señor, y el hazerse

amar

amar es bueno, pero cõ su medida, y sazon, no sea q̃ el amor destruya al poder, o q̃ el poder aniquile al amor. Oid a Seneca, y vereis como aplaude en el Cesar este modo de gouierno:

Seneca. *Decet timeri Cæsarem, ac plus diligi.*

Cesar tan atento andas en tu gouierno, q̃ el dexarte temer, antes ayuda, q̃ cõtradize al hazerte amar: Poderoso cõquistas, y enamorado cõseruas: desuerte se dan la mano para la conseruacion de tu Imperio estos dos atributos, q̃ el amarte es solo para temerte, y el temerte, solo para amarte: tan entẽdido te hazes temer, q̃ antes se transforma en amor el temor, q̃ en miedo. Mucho es q̃ te teman, siendo tan amante; pero no lo es q̃ te amen, haziendote amar tan prudente. Tu poder causa solo temor; tu agrado haze que te amen, y dà ocasion à q̃ te teman: mas eres amado, q̃ temido, porq̃ el temor, del temor solo se ocasiona; pero el amor, del amor, y del miedo. Dichoso te hallas con tu Imperio, porque eres temido sin peligro, y eres amado sin riesgo. Venturosa es tu Monarquia, pues tiene vn dueño, q̃ el poder le emplea en defenderla, y el amor en cõseruarla. Si al Cesar le fue bien cõ este modo de gouierno, digalo la fama, y ponderelo quien se

XXXI. mira en el puesto que se vio.

Este es el gouierno politico de Dios, ni dar al alma combates de poder, ni de amor, porq̃ todos destruyẽ: y vn Principe tã soberano, solo pretende la cõseruacion de sus vassallos: No enseña lo vno, sino lo otro; porq̃ quien desea la seguridad de vn Reino, no ha de batirle cõ tiros de peligro. No se mire en Dios el poder a solas no cause demasiado temor; ni el amor, no sea q̃ se peligre en el descuido. Pues Dios se ostenta poderoso, y amante, mirale de essa suerte, para q̃ el temor, y el amor conseruen a su Magestad en el alma.

VICTORIA.

Sicut credidisti fiat tibi. *Vers.* 13.

Quien pelea con armas de Fè, no ha menester las de el poder, para salir victorioso.

EN sieñado el Cẽturion a salir en campaña, no rehusa conquistar la enfermedad de su siervo, sin dexar el combatirla hasta dexarla vencida. Las fuerças de la enfermedad eran muchas, estaua dẽtro de vn cuerpo, q̃ le seruia de castillo: y juzgãdo corto su poder, para desapossessionarla de aquella fortaleza, se valio del socorro de Christo, Capitã General del cielo, y tierra, creyendo que tanto aliento solo con el tiro de vna palabra podia rẽdir la enfermedad, destruir el achaque, dexar a èl vi-

XXXII

storioso de su pretencion, y su criado con salud. Las armas cõ que la conquistò han dado a nuestro dezir ocasion: *Sicut credidisti fiat tibi* Capitan era de ciẽ soldados, y con estar enseñado à conquistar con ellos, en esta ocasion los dexa, valiendose de los alientos de la Fè: *Sicut credidisti fiat tibi* Que es esto? quando ay tanta gente se dexa para pelear? Si que donde intervienen alientos de fe, los del poder hazen poca falta. Procure el infiel valerse del poder para pelear, que el Catolico conforme tuuiere la fe, assi ha de tener la victoria: *Sicut credidisti fiat tibi.*

xxxiij. Despues de auer significado el Profeta Ieremias lastimas, y pronosticado destrozos, notifica de parte de Dios vencimientos en desoladas ciudades, y aniquiladas Prouincias por inobedientes à diuinas ordenes. Las palabras con q̃ significa tanta ruina, son tan agenas del rigor q̃ pide vna destruicio vniuersal, q̃ parece implicacion q̃ lo sea, à diligencias del poder q̃ propone: *Facta est terra eorũ in desolationem à facie iræ colũbæ* O Reyes del mũdo, ò Principes de la tierra, ora sean del Imperio dilatado de Egipto, ò de la estẽdida Prouincia de Idumea, del opulẽto Reino de Tyro, del magnifico Reyno de Sidonia, de lo odorifero Señorio de Arabia, y de otros Reinos, y Señorios, q̃ por escrito en este carcel van señalados: cõ todos hablo. Yo el Profeta Ieremias, trõpeta del Dios de los exercitos, os vẽgo à desafiar en su nõbre para cãpaña publica, por inobedientes a sus mãdatos, por ladrones de sus cultos, quitãdoselos cõ ignominia, y dandoselos a dioses agenos: por tanto os propõgo esta batalla; jũtad vuestro poder, lebãtad vanderas, hazed gẽte, crezca como el puma en el campo vuestro exercito, q̃ os hago saber, q̃ la preuẽciõ de Dios ha de ser solo vna paloma, y à vista de su furor aueis de q̃dar todos rẽdidos: *A facie iræ colũbæ* Que paloma es esta, q̃ assi puede auassallar Reinos, y rendir Prouincias? El Espiritu Santo es essa paloma. No es lo mas põderable esso, sino q̃ parece impropio, porq̃ el Espiritu S. es todo agrado, e la cãpaña se requiere ira de poder: mas propia le venia essa victoria al Padre, á quiẽ la Omnipotẽcia se adjudica. Vn Rey Omnipotẽte puede rendir; vn Rey mãso, no es a proposito para vẽcer. La mãe dũbre suele ser buena para cõseruar, pero no para adquirir, porq̃ alli, como se derrama sãgre, es necessario ira poderosa. La piedad como puede tomar armas? lo apacible si puede jũtar exercitos, como los puede gouernar? esso es perder la batalla, ponerla en manos de vna ira, q̃ si por ser loes a propo-

Ierem. 25 38.

sito

sito para vẽcer, por mansa pone a riesgo conocido la facciõ. Ira de poderoso ha de ser la q̃ vença, q̃ si por la ira cõuiene, por el poder facilita: pero q̃ ha de poder vn agrado, quando su ira lo mas q̃ se suele enfurecer es para castigar cõ amor, ó para corregir cõ cariño? No se le quite al Padre esse rẽdir, pues està sugeta essa victoria al poder: por essa razõ no se le ha de quitar al Espiritu S. Dezis, vn poder airado es el q̃ vence, el agrado no es bueno para vencer. Es assi: pues teparad, ya tiene el Espiritu S. la ira: *A facie iræ colũbæ.* Veamos como tiene el poder. Entre otras cosas q̃ al Espiritu S. se le aproprian, vna es, ser Autor de la fè, la qual se difine assi: *Est assensus eorũ, quæ per Spiritũ Sanctum Ecclesiæ reuelata sunt, quatenus à Spiritu Sancto sunt.* Todo acto de fé es accion del Espiritu Santo.

Car Tol. in sum l. 4 c. 1.

Eccles. in Hym. Pẽtec.

Per te sciamus da Patrem
Noscamus atque Filium,
Te vtriusque Spiritum
Credamus omni tempore,

Assi, q̃ el hazer fieles es propiedad deste Espiritu diuino: pues quando sale toda la Santissima Trinidad à campaña en defensa de su hõra, y en castigo de Reinòs inobediẽtes, no se diga que vence vn Padre Omnipotente, sino vn Spiritu S. mãso, q̃ si para rẽdir es ne. essario la ira y poder; aũq̃ la ira del Espiritu S. sea mansa, por ser Autor de la fè, es en la batalla tan poderosa, q̃ a su sombra puede assolar toda la tierra: *Facta est terra in desolationẽ à facie iræ colũbæ.* No ay poder como el de la fe, ni vn mũdo entero le puede cõtrastar. Iuntẽse todos los Reynos q̃ cobija desde su cielo cõ su mãto resplandeciẽte el Sol, q̃ a todos los ha de destruir, y vẽcer; es inexpugnable su valor, su fortaleza, inuẽcible. Si ay vn Espiritu S. Autor de la fe, y vn Padre Eterno del poder, aunq̃ en todo sean iguales, para darnos a conocer el esfuerço de la fe, se le dà al Espiritu S. la palma de victorioso, y no se le dà al Padre; porq̃ para vẽcer cõquistas de importancia, no ay armas como la fe.

xxxjv.

En la Cruz estaua el Capitan Iesu Christo, y viendole tan lastimoso, no dexa de perseguirle el Iudaismo, armã las saetas mas fuertes, las mas agudas lanças, los mas afilados estoques, por vltimo cõbate, embistẽle furiosos con ello reducen à la lẽgua toda esta diuersidad de armas, porq̃ es el deposito de las mas ofensiuas; y desembaynando estoques de lenguas, le dan desta suerte golpes de palabras: *Christus Rex Israel descendat nũc de Cruce, vt videamus, & credamus.* El poder se ha de emplear en necessidades propias, y en fatigas personales: poco importa vẽcer demonios, sino ay esfuerço para librarse de vn poder tirano. No

Marc. 15 32.

ay quien mas acredite a vn Señor, q̃ la potencia: Todos se llegan a vn Rey poderoso, y si cõ esso es bien afortunado, con solo el nõbre vẽce. Rey de Israel, vencido en vna Cruz, quien lo puede creer? pues quando no tuuiera mas de lo abatido, era configuiẽte ser de sus soldados de ado. Baxe de esse Leño, que assi le desacredita: cõquiste esse Reyno con solo baxar de la Cruz a la campaña; pongase en el cãpo desde essa eminencia, y creerémos todos q̃ es Rey. Principe q̃ estandose en su Trono, quiere grangear Reynos sin ir a campaña para conquistarlos, mas cerca està de perderlos, q̃ de grangearlos. Salir el Principe a la conquista, es assegurar la victoria; baxe, y verà q̃ presto es Rey. Ay tal persuadir! A quiẽ no obligarà tã eficaz proponer? yn Reyno le prometen; obedecerle assegura, ser fieles vassallos declaran. Esso es diligencia del demonio (dize mi Bernardo) essa promesa mas nace de Satanas q̃ de los Iudios. Como de Satanas? Pues tambien le està q̃ crean en èl, q̃ assi lo solicita: No pierde cõ esso sus vassallos? i en la conquista q̃ mouiò contra Christo, le han fauorecido tan valientes, porq̃ los quiere repudiar aora? Que traza es essa de pelear, dar al enemigo fuerças, quitandoselas a si? No lo entendeis (dize mi Doctor), cabiloso ardides de guerra. Conociò el enemigo comun, que Christo era Capitan mas q̃ humano, q̃ la Cruz era su vandera, q̃ en aquel monte estaua jũtando gente, q̃ sus soldados auian de ser hombres, y sus armas todas cortadas de la fe de vn Christo muerto en vna Cruz. Como ha de ser esto, dize el demonio, hallarme con poder contra tãto Capitan, aũq̃ es dificultoso, no imposible, pues le he puesto en vn palo. Si se queda en la Cruz, ha de criar muchos fieles, y si me combaten armados de fidelidad, he de quedar siempte vẽcido: Si baxa, nadie ha de creer en èl; los Iudios no, porq̃ quien no ha creido en tantas marauillas, como ha obrado admirable, menos creerà en verle baxar de la Cruz: Las gentes tampoco; porq̃ siendo la perseuerancia el lustre de vna accion grande dexar la obra de la redencion estando para concluirla, es perder el credito de Redentor. Ea pues, dize Satanas, toquese al arma, embistasele al crucificado con promesas de Reynos, y cõ seguridad de vassallos; y porq̃ dexe el Estandarte de la Cruz q̃ posse, desele el Reyno de Israel, para ver si por esse camino podemos destruir de los coraçones de sus soldados las armas de la fe, q̃ estando en la Cruz ocasiona; q̃ ellas son tan poderosas, quando ay en el

infierno

infierno industria, para poner a vn Ilios hombre en vna Cruz, es la fe arma tan poderosa, que solo el desarmar à los soldados es la resistencia: porque en perdiendo con ella, es forçoso salir con victoria: *Eo quippe tendebat malitiosa suasio nem vt ipsi crederent sed nostra quoque si qua erat fides in eum, omnimode deperiret.* Solicitaua Satanas, q̃ vnos, ni otros creyessen, vnos por demasiadamente perfidos, otros por poco obligados; para esso persuade por medio de los Iudios à Christo que desampare la Cruz, para que no estando en ella sus soldados no pudiessen estar armados de fe; y no estandolo, los pudiesse rendir, que estando con sus armas, no juzgò posible dexar de quedar rendido.

S. Bern. ser 1 de Pasc.

XXV. Sentido Dios de las demasias del Rey Ieroboan, Principe tan desleal, como poderoso, pues presumiendose con alientos, hazia nueuos dioses, emulos de su poder, y dueños de su albedrio, determinò castigar su soberuia: y quando estaua en el altar ofreciendo incienso a sus idolos, le embia vn Profeta, que le declare quan opuesto está a sus sacrificios, y quan desdeñoso con sus cultos. Profetizale la destruicion de su Reino, y como le ha de suceder Iosias, Principe mas leal, y no tan diuertido en falsas deidades, antes reconocido a su Hazedor, le rendirá immortales cultos, quanto leales verdaderos, y seguros. Dasse ñs de lo que profetiza, y no pudiendo sufrirlas Ieroboan, resueltamẽte atreuido, quita la mano del ministerio q̃ exerce ẽ el altar, lebantala para prender al Profeta, y quedò tan presto su osadia castigada, q̃ le quedò la mano inmoble, sin poderla menear: *Et exaruit manus eius quã extenderat contra eum: nec valuit retrahere eam ad se.* Pidiò ayuda para prender al Profeta, lebantò la mano contra él, y quedó seca sin poderla menear. O que desapropositado sucesso! vn Rey se pone en quistiones con vn Profeta, vn poderose con vn desualido, vn señor con vn hõbre comun; y quando tiene gẽte a quien pedir ayuda, siendo èl el primero que se empeña en la refriega, es el primero que se mira rendido? las fuerças se le acaban, sin diligencias de el Profeta, y le vence sin tener armas con que pelear. Como sin armas? (dize San Nilo) quien peleaua sin ellas era el Rey, que el Profeta armado peleaua. Como puede ser esso? Ieroboan no es Rey? no está en publico? los soldados de guarda no le assisten? Señores no le acompañan? los vassallos no le siguen? Que vassallo ay, que viendo a su Señor en batalla, se esté quedo? Que Señor q̃ viendo en vn empeño a su Rey, no saque primero

3. Reg. 13. 4.

mero la espada? El Profeta que exercitos tiene q̃ le defiendan? q̃ soldados q̃ e animẽ? no está solo? Luego si de vna parte ay tanto poder, y de otra tan limitado, quien pelea cõ armas vẽtajosas es el Rey, q̃ el Profeta sin ellas cõquista. Que siniestro discurrir, dize Nilo, mirad si aqueste es el mejor. Opusose el Rey al Profeta, entró en batalla con èl, las armas eran desiguales, el Rey ajudado cõ soldados, fauorecido con amigos, defẽdido con señores; el Profeta solo sin aliento para resistirle, sin poder para contrastarle; pero si estas eran tan desiguales preuenciones, erã al Rey de poco prouecho, y de poco daño al Profeta; porq̃ el Rey, aunq̃ tan armado de poder, era idolatra; el Profeta, aunq̃ tan destituydo, iba armado de la fe, faltauale al Rey la lealtad q̃ deuia a Dios, el Profeta la tenia; pues no estrañeis la victoria, q̃ el alcançarla está tan librado en quien pelea con armas de fe; y tã destituida de quien conquista sin ellas, q̃ solo con ir armado de fidelidad, vence vn Profeta a vn Rey, q̃ está sin ella, aunq̃ armado todo de poder. Ya podeis oir a Nilo: *Erat inter virtutem, atq; potentiam Regiam certamen, & victoria virtutis fuit. Non pugnabat Propheta, & virtus repulit bellum. Cessabat pugnator, & fides opus perficiebat.* Poco daño haze el poder a quien pelea armado de fè: La fè es muro incontrastable, es cõquista segura la q̃ se haze cõ ella: venga el poder mas copioso, q̃ sin las armas de la fe ha de quedar forçosamente rendido; pero donde la fe interuiene, aunq̃ sea con menos fuerças, ha de quedar el campo por suyo.

XXX.

Conocido aliento es para el Catolico esta doctrina, pues le enseña como ha de salir victorioso, y aun le assegura la victoria, si se arma con fe segura. De q̃ os quexais q̃ no os fauorece Dios, si nunca peleais fiados en èl? Siniestramente informa el Capitan al soldado en la campaña, quando para acometer al enemigo propone razon mas q̃ esta: A vista de esquadrones idolatras, como puede el Catolico pelear con mucha fe? Y si para entrar en la batalla no procura ajustarse con Dios, y limpiar de culpas la cõciencia, como puede tener la fè viua? Abra los ojos el General Catolico, y procure, q̃ su exercito pelee primero con la culpa, q̃ con el enemigo visible; haziendo diligencias, para q̃ los soldados puedã pelear armados de viua fe; ajustando sus conciencias, para entrar sin la esclauitud del pecado en los empeños, para q̃ peleando en gracia, puedan alcançar el triunfo de la gloria:

Ad quam, &c.

(:!:)

CON-

CONQVISTA NONA.

Para el Domingo quarto despues de la Epiphanía.

Ascendente eo in nauiculam, secuti sunt eum Discipuli eius; & ecce motus magnus factus est in mari. Matth. 8. 23.

EXORTACION.

Comun accion, si lastimosa, no dexar de seguir á quien sube, porq̃ todas la hazen comun; lastimosa, porque raro es el que sube, sino es para caer; y seguir al que sube, para despeñarse, solo porq̃ sube, es desdichada accion, y digna de todo sentimiento. O y sube Christo en vna nauecilla, y sus Dicipulos le siguen. A solo Christo se puede seguir sin temor quando sube. No fue pequeño el q̃ tuuieron los Apostoles, viendo a su Maestro dormido, en ocasion, que alterando el mar sus olas, embraueciendo sus espumas, enojando sus raudales, amenazaua con salado sepulcro la vida de los Dicipulos, que casi muerta atendia cada qual auia de ser el suyo; tan cerca estaua de morir. O vida lastimosa! q̃ de combates padeces; todo te persigue, la tierra se te opone, los elementos, siendo tan diuersos, vnidos solicitan tu ruyna. El Sol con su potestad luminosa te affige el Verano; el yelo te desazona el Inbierno; el mar al fin te amenaza. O vida! y quien te desea, pues muriendose sola vna vez en la muerte, se muere cien mil vezes en la vida! Temieron los Dicipulos, y con razon temieron, porque aun poder embraueçido, quien no le puede temer? Temerosos se llegaron a despertar a Christo. O lo q̃ despierta vna pena! y q̃ de almas le ha llegado a Dios vna afliccion. Señor, le dizen, despertad, q̃ perecemos; y quan cierto es dormido Dios, perecer vn alma. Y quan pocos llegan a despertar a

Dios,

Dios, y mas si gustan de dormir en el lecho de la culpa. Despierta Christo, que a ruegos necessitados, nunca se haze mucho de rogar; y despierto reprehende de espacio su infidelidad, antes que quiete la tormenta. No hagais caso de lo q̃ atormenta el cuerpo: en lo que peligra el alma es en lo que aueis de reparar. Lebantòse Christo, pone vn precepto al mar, y de improuiso se quieta. No es mucho se lebante, q̃ para hazer obedecer a vn poderoso, todo el poder de Dios es menester. Admirase el mundo de su poder, viendole obedecido del mar, nunca mas justamente se admirò, que viendo a vn poderoso sugeto. Acabase con esta admiracion el milagro, y lo literal del Euangelio se acaba. Aue Maria.

COMBATE I.

Num. I. NO ay felicidad en esta vida, dixo el Petrarca, pues el que se presume dichoso, està temiendo no caer, el caido llora su miseria. No ay mas de dicha, y desgracia: si la vna engendra lagrimas, y la otra ocasiona temores, no ay felicidad, pues todos es dolor: *Felicem fieri credis? falleris.* Es engaño conocido presumir ha de auer en este mundo felicidad: todo es miserias, nada puede diuertir, todo aflige: No es dicha ser dichoso; ni ser desgraciado, desgracia. Mal dixe, quanto ay en esta vida es desgracia; la desgracia, porque lo es, la dicha, porq̃ lo puede ser. Pero dixe bié. No es desgracia ser desgraciado, mas ser dichoso lo es; porque puesta la inconstancia desta vida, ni el dichoso puede permanecer en su dicha, dize Boecio: *Stabili non erat ille gradu.* Ni el desgraciado en su desgracia: y tan posible es caer el dichoso, como subir el infeliz. Con que viene a ser, concluye el Petrarca, dicha la desgracia; porque puede ser dicha: desgracia la felicidad, porq̃ està cerca de ser desgracia; y assi aunque el dichoso, y el desdichado tienen que temer, si alguno se puede diuertir, es el desdichado, porque tiene esperança de no serlo.

Fran Petrar. dia 108.

DIFICVLTAD I.

Ascendẽte eo in nauiculam, secuti sunt eum Discipuli eius; & ecce motus magnus factus est in mari. *Vers.* 23.

La desgracia consiste en la dicha.

EN la nauicula sube Christo, acompañado de sus Discipulos: duerme fatigado, ò preuenido, quando el mar despliega sus olas, y horgulloso se enfurece, mostrando en amenazas su potestad, y en cercanas destruiciones

struiciones su imperio. Poco durable será Monarquia q̃ se vale de la fuerça, y se oluida de la piedad. Aligẽse los Apostoles en la naue, auiẽdo entrado contentos en ella: Persiguelos la fortuna, auiẽdo sido antes fauorable, y al fin à quien siguiò à Christo, para entrar en el mar, el mar sobradamẽte le persigue. No estrañeis la mudança, q̃ el seguir á Christo es dicha, y en el pielago vndoso desde mũdo las cosas estan tan encontradas, q̃ aun el seguir à Dios se ha de conuertir en desgracia: *Ecce motus magnus factus est in mari.*

III. Abrense los cielos sobre el Iordan, despidiẽdo exercitos de glorias: despliega el Padre los labios, y en diuinos acẽtos pronũcia la dulçura de estas vozes: Este es mi Hijo muy amado, en quien me agradè. Dibuxa el Espiritu S. la propriedad de su espiritu en forma de Paloma, y cariñoso se siẽta sobre la cabeça de Christo, declarando entre arrullos tiernos, q̃ es Dios. Vese como diuino el Bautista en la prosperidad mayor, q̃ cupo en humano pecho, bautizando al mismo Christo. Que tropel es este? Padre Eterno, Espiritu S. Cielos, Bautista: para quié viene a padecer, mucha gloria parece esta; cumpla el disinio del morir, y luego atropelle glorias, q̃ siendo vno de los fines de la Encarnacion su muerte, parece quita la esperança de q̃ ha de morir, quien viue tan glorioso. Glorias, y afrentas no estan biẽ auenidas, encontradas si q̃ estã. Si es verdad q̃ como se viue se muere, quien viue entre tanta gloria, parece dificil q̃ muera en mucha pena: Pene en vida para enseñarse a padecer en muerte, q̃ tendrà doblado el dolor al morir, quien auiendo de morir afrentado, passa la vida glorioso. Si el Padre le quiere dar a conocer por Hijo, sea assi; pero siendo Hijo mortal, escuse tan rumboso aparato. No carece no essa multitud de misterio: no os parezca demasiada, q̃ bien necessaria es toda. El ser reconocido Christo por Hijo de boca de el Eterno Padre, fue la mayor dicha q̃ pudo acaudalar; y aun q̃ fue dicha de Dios á Dios, por lo q̃ Christo tenia de hombre, fue dicha recibida en este mũdo. Desgajense pues essos cielos, despueblense essos Alcaçares, vease vna vez la tierra hecha celestial, oygase el Padre en su voz, vease el Espiritu Santo Paloma; abiendanse las puertas celestiales abiertas, y Iuã assista como diuino, siẽdo testigos todos del sucesso, q̃ siendo tamaña dicha la q̃ recibe Christo, por ser en este mũdo, està tan cerca de conuertirse en desgracia, q̃ para que no se conuierta ha menester afiançarse con quatro testigos q̃ la asseguren, y abonẽ:

Matt. 3. 10.

y se

y si como dixo Aristoteles en las cosas inciertas son necessarios ciertos, y abonados testigos: *Testimonijs certis in rebus incertis vtendum est*, es tan incierta la dicha de esta vida, ò por mejor dezir: Es tan cierto cõuertirse en desgracia, q̃ para assegurar à quié la recibe, es necessario el abono de dos personas diuinas, de vn cielo, y de vn Bautista, para q̃ con la fuerça de testigos tan seguros, se assegure, q̃ la dicha q̃ recibe Christo, aunque en este mũdo, siẽpre se quedarà en dicha, sin q̃ llegue a ser desgracia.

Aristot. Mag. moral. l. c. 6

IV. Rey de Reyes era Christo, y estuuo tan enojoso cõ esta dignidad, q̃ no la admitiò viuiendo. Ponenle en vna Cruz, y en ella el Titulo de Rey: *Rex Iudæorum*, y lebãtando al cielo la cabeça, le oculta. Llega el tiempo de morir, y baxa la cabeça, cõ q̃ a vn mismo tiẽpo entrega el espiritu al Padre, y descubre el honorifico titulo de Rey de Iudios: *Inclinato capite tradidit spiritum*: No entiẽdo esta diferẽcia. Christo viuo no quiere ser tenido por Rey, y muerto solicita q̃ vean su Regia potestad: la vida es impedimiẽto de sus mejoras; la muerte descubre sus grãdezas; al viuir quiere viuir despreciado; al morir honorificamẽte esclarecido: la muerte quiere q̃ se lleue la gloria, reseruãdo para la vida la infamia. O Señor! q̃ poco os debe la vida; q̃ quiere ser siendo la muerte, y la vida de vn Dios, q̃ la vida se lleue todo el desprecio, y la muerte todo el honor. Encubrid q̃ sois Rey al morir, pues al viuir lo aueis encubierto, q̃ si la vida no ha tenido Reyno, porq̃ la muerte le ha da tener? Reparad cõ todo en el caso. El Reyno es la primera dicha que tuuo el hõbre; pues Dios en primicias de su amor le hizo Rey luego que le criò: *Dominamini*. La muerte es la vltima desdicha à que fue condenado: dixo Lucano.

Matt. 27 37.

Ioan. 19. 30.

Genes. 1. 28.

Lucan.

Mors vltima pœna est
Nec metuenda viris.

Assi, q̃ el Reyno le lleua la primacia entre todas las dichas del hombre, y la muerte es su mayor desgracia; pues en desgracia de la dicha, no aya Reyno para la vida, y ayale para la muerte. Descubra inclinada la cabeça Christo, q̃ es Rey, q̃ si la mayor dicha es el serlo, y la mayor desgracia, morir, las dichas deste mundo son tan desgraciadas, q̃ su mayor dicha, ha ocasionado su mayor desgracia; pues si muere, el ser Rey le quita la vida, vn Reyno ha sido su homicida; y quãdo se pudo presumir con èl dichoso, le ha puesto en tan miserable estado. Descubra esse Reyno, para que manifieste la causa de su muerte, incline la cabeça al publicar la potestad Real, para q̃ desengañado el mundo, entienda, q̃ el

el subir a la dicha, es inclinarse à la desgracia.

V. O dichas del mundo! mejor dirè engaño de dichas, q̃ encõtradas estais con el parecer de los hombres, q̃ engañados los traeis. Ay cosa mas engañosa, q̃ ser mal, y parecer bien? Las dichas son assi, lisongean con el nombre, y atormentan con el hecho: son farsantes, q̃ representando gustos, dan penas. Que mucho padesca vn Rey, si vn Reyno es la mayor dicha deste mundo, y en ella cõsiste la desgracia. Que mas desdicha q̃ vn Reyno, dixo Emilio: *Regna terrena sunt suspecta, infida, cruenta incerta, serua, angusta, insaciabilia.* Son los Reinos de este mundo sospechosos; porq̃ vn Rey siendo agasajado de todos, ni sabe quiẽ le ama, ni quiẽ le aborrece. Infieles, pues el vassallo mas beneficiado, suele ser el mas atreuido: sangrientos; y es la causa, q̃ vn Reino ò se aumenta, ò se disminuye, y todo se hase con sangre. Inciertos, pues nos enseña la experiencia, q̃ es oy solo ruina lo q̃ fue ayer magestad. Seruideros, vn Rey es mas siruo q̃ el vassallo, sustentando el peso del gouierno, con obligacion de acudir a las necesidades de todos. Angostos, porq̃ el Reino mas dilatado se le haze estrecho a la magestad de vn Rey. Y al fin insaciables, pues apenas ay Principe q̃ se vea harto de Reinos. Esto es dicha! esto felicidad! sospecha, infidelidad, sangre incertidũbre, seruicio eo mũ del Reino, estrechez, insaciabilidad! Si no ay dificultad, en tener a tãta desgracia por dicha, dõde la puede auer? Si el Reino, siẽdo la mayor felicidad humana, se conuierte en tantas desgracias, las dichas mas pequeñas en que se conuertirán?

P. Æm. lib. 3.

DIFICVLTAD II.

Surgens, imperauit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna. *Vers.* 28.

La dicha consiste en la desgracia.

VI. Dificultad parece mayor esta q̃ la passada, pues siẽdo la desgracia quien destruye toda la dicha, lo hemos de hallar aora encõtrado, pues ha de ser quiẽ mas la assegure. La desgracia (dize Virgilio) como admite esperãça de subir, alegra, y se diuerte vn desdichado, con la esperança de mejor fortuna. *Forsan miseros meliora sequantur.* Virg. Æneid. 2. Alomenos los Dicipulos quãdo se mirã entre dichosos, y desgraciados; dichosos por seguir a Christo; desgraciados por el rigor de la tormenta, entre estas dos dificultades no se a qual de uẽ mas, à su dicha, ò à su desgracia, solo sè q̃ la dicha de seguir à Christo tuuo fin en la desgracia de la borrasca, y la desgracia de la borrasca, tuuo por efecto la se-

serenidad, y quietud del mar: *Surgens imperauit ventis, & mari, facta est trãquillitas magna* Yo biẽ dixera, dexando lo q̃ tienen de diuino estas acciones, q̃ en su desgracia consistio su dicha.

VIII. Comun aquello del mayor Patriarca, pero singular la exposicion de S. Zenon Obispo Veronense, quãdo a la primera obediencia de quitar la vida à su hijo, se siguió la segunda de no quitarsela sin mas informacion q̃ la de vnas vozes q̃ se articulauan en el aire. Vna y otra vez obedece, siẽdo los mãdatos encontrados. En vn obediente no ha de auer escrutinio, sino execucion en los preceptos. Buelue el rostro, vio el trueque q̃ Dios auia hecho, sacrifica el animal, y quedase con el hijo: *Vidit arietẽ quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* Entra aora S. Zenon, y desentrañando todo el caso dize: Veis essa mudança, pues no mandò al Patriarca el regozijo q̃ si contento se quedò con Isaac, le sacrificaua contento: *Nec mutatus est vultus eius cum esset victima commutata; cum tanta letitia arietẽ obtulit, cum quanta obtulerat & filium.* Quedòse con el hijo viuo, quando pudo tenerle por muerto, pero no con mas alegria, porq̃ la misma q̃ tuuo cõ la seguridad de su vida, tuuo en la certeza de su muerte. No lo entiendo. Alegrias en la perdida de lo q̃ se ama; gustos en el menoscabo de lo q̃ se estima? regozijos en la muerte? estraño modo gozo es. La muerte es toda horror, la perdida de lo que se ama, sentimiẽto; el menoscabo de lo q̃ se estima, dolor: Que mal se auiene lo horrible del morir, cõ el regosijo; el sentimiento, con el gusto; cõ el cõtento, el dolor. Que tiene Abrahã, q̃ estando con el cuchillo en la mano, no se aflige? q̃ conociendo la perdida de lo q̃ ama, no se enternece? Cõ alegria se ha de resoluer à la execucion de tan lastimoso hecho? Si, dize Zenõ: *Cum tanta letitia arietem obtulit, cũ quanta obtulerat & filium.* Porque Isaac era el vnigenito de Abrahan, en quien tenia librada su posteridad; y siendo assi, mandale Dios q̃ le quite la vida: No puede ser la desdicha mas crecida, pues sobre perder vn hijo, le mandan ser su homicida. O q̃ desdicha! obligar a vn hombre a q̃ dè aquien quiere bien la muerte. Ea, dize en lance tan apretado el Patriarca, ya sè lo q̃ son desdichas desta vida, vẽgan como quisieren, multipliquense las desuenturas, atropellense las desgracias, q̃ quanto mas crecido su numero, mas seguro estoy de llegar a ser feliz; alegre admito la muerte de Isaac, y regosijado la executò, q̃ si es accion encontrada el regozijo, y la muerte, siendo la mayor desdicha q̃ podia venirme la muer-

Gen. 22, 13.

S Zen. Ver. Epis. ser. 1. de Abrah.

te

te de vn hijo vnigenito, en quiẽ assegurauа mi descẽdencia, nũca mas dichoso, q̃ quando mas desgraciado: nunca mas cierta mi ventura, q̃ quando mas crecida mi desgracia; y assi estoy cõtento en los terminos de dar la muerte a vn hijo, porq̃ llego a conocer con certeza, que las felicidades desta vida consisten en las desgracias.

IX. Iuntòse el soberano Maestro en cõpañia del Colegio Apostolico, a quien auia cõbidado a vna cena, donde se diò èl mismo en vianda. Excesso vltimo de su amor: fauor primero de su gracia, y reseña conocida de su gloria. De gloria fue el combite: acabole Christo de hazer, para q̃ nunca se acabasse, sino q̃ el hõbre tuuiesse a vn Dios consigo; tan estrecho, aunq̃ glorioso, q̃ le pudiesse seruir de sustẽto al cuerpo, y de aliento espiritual al alma. Apenas concluyò la institucion de misterio tan grande, quando dize: *Nunc clarificatus est filius hominis.* Aora se acaba de clarificar el hijo del hõbre. Agora Señor es quando os clarificais? y los prodigios que ha obrado vuestra diestra? las marauillas q̃ vuestro poder, con admiracion del mũdo ha hecho? aquel quietar mares, sosegar vientos, mandar demonios imperioso, ser obedecido sin repugnancia de la muerte, todo esso no es grande? tan muerto està en la memoria de el hõbre, que es necessario nueuas marauillas, para q̃ se acuerden de las passadas? Por lo q̃ tienen de beneficio, puede ser, q̃ suele con facilidad oluidarse; pero vuestros enemigos bien en memoria tienen vuestras obras, no las dexarán oluidar, ellos las daran a conocer, q̃ la embidia, por tener q̃ censurar, hasta de lo bueno dize. Ellos dizen, q̃ sois prodigioso: *Multa signa facit.* Essos prodigios bastan para clarificaros: y el confessarlo vuestros enemigos, antes aumenta vuestra gloria, q̃ la desdora, como quãdo os despedis de vuestros amigos en la vltima cena, dezis *Nunc clarificatus est filius hominis?* Aora es quãdo el hijo del hõbre se clarifica? Fue conocimiẽto de su desgracia, dize Eutimio, reparad en el *nunc*: en q̃ ocasion dize Christo estas palabras? En ocasion q̃ vn discipulo aleue, mas ingrato, quanto mas fauorecido, saliò barbaro a la execucion de vn temerario desuio, y en saliẽdo, entonces dize q̃ està clarificado: *Cum ergo exisset dixit Iesus: Nũc clarificatus est filius hominis* Conociò Christo la resolucion de su discipulo, viose en la suerte mas infeliz, q̃ pudo ponerle el mundo; no solo entregado a sus enemigos, sino entregado por mano de vn amigo suyo, para q̃ en todo fuesse crecido el desastre. Assi q̃ Christo se mira en-

Ioan. 11. 47.

Ioan. 13. 31.

tre tantas desdichas? Aora si q̃ es ocasiõ de dezir, *clarificatus est filius hominis*, aora tiene el hijo del hõbre su clarificacion segura, y su gloria indubitada; porq̃ las desgracias desta vida ocasionan tantas felicidades, que por hallarse Christo en mayor desdicha, dize q̃ ya tiene toda su gloria. Eutimio assi: *Tanquam factum dicit, id quod futurum est, quia paulò post comprehendendus; & passurus est.* Tener toda su glorificacion Christo, para el tiempo de su resurrecion se libraua; esso auia de suceder despues, pero como si huuiera sucedido, assi lo dize; porq̃ aunq̃ no ha resucitado, ha de ser cõ ignominia prendido, y la dicha no aguarda tiempo para llegar, quando està de por medio la desgracia. Ya soy dichoso, dize, ya tengo mi clarificaciõ, ya toda mi gloria, porque estoy proximo a mi desgracia, y en ella consiste mi dicha. *Quia paulò post comprehendẽdus & passurus est* Alienta tanto vna desdicha a quien sabe conocerla, q̃ aun antes que llegue, solo con saber q̃ ha de venir se tiene por dichoso.

X. No suceder a vn hõbre desdicha, es la mayor q̃ puede sucederle. Los sucessos prosperos, como no sõ durables, no se puede tener por dicha el tenerlos, y quando se juzga felicidad el gozarlos, en su perdida se duplica el dolor, y viene a multiplicarse la pena, por auer posseido como dicha a la felicidad. Ay mas conocida desgracia? Por tener como dicha a la dicha, hazerse de mas quilates la afliciõ. Tener desgracias, es ventura; porq̃ de mas de exercitarse en ellas el valor, valen mucho para diuertir, pues tienen premisas de no ser. Demetrio, referido de Seneca, dixo: No puede ser dichoso, quien no llega a ser desdichado: *Nihil mihi videtur infelicius eo, cui nihil vnquã euenit aduersi.* No ay infelicidad como no tenerla; porq̃ no se sube a la cũbre de la dicha, subiendo feliz; baxando desdichado, se suele subir mejor; ni el valor se experimenta sino es en la desgracia, ni el animo se exercita. Vn valor sin experiencia no puede empeñarse en cosas arduas. Vn animo poco disciplinado, con facilidad se acobarda en las ocasiones de importancia. Que mas poca dicha, q̃ perder empeños de lucimiẽto, de valor, y de animo? Animese el q̃ se viere cõ encuentros de desdicha: alientese el q̃ se sintiere combatido de infelicidad q̃ segura tiene la dicha, quien llega à experimentar la desgracia.

Deme. apud Sen. lib. cur ben vir. mala fi. c. 3.

DIFICVLTAD III.

La dicha consiste en la desgracia, y la desgracia en la dicha.

LAs dos dificultades hemos de ver en solo vn lugar jũtas, XI

tas, procurando disponerlo de suerte, q̃ se vea como la dicha haze desgraciados, y la desgracia dichosos; y assi cõcluiremos cõ dificultades de dichas, y desgracias. En el Euangelio es facil de conocer. Dicha fue seguir a Christo los discipulos; a ella se sigue la desgracia del alboroto del mar. Desgracia fue la tormẽta, pero a ella se siguió la dicha del milagro, quietãdo Christo el mar: en aq̃lla dicha cõsistiò esta desgracia, y en esta desgracia, aquella dicha. Assi suele suceder.

XII. A la uida del Sol, se sigue casi luego su muerte; tan breue es la uida. Muere, y nace ẽ un dia solo, y si llueue en su nacimiento aljofar el Aurora, preuenciõ deue de ser, para hazer exequias à su muerte, q̃ uer morir lo poderoso casi al mismo nacer, es inescusable dolor: *Sol quotidie nascitur; eademq; die, qua nascitur, moritur.* No es empero su muerte tã desgraciada, q̃ muera con ella, antes cobra mas alientos su uida, quanto mas se repite su muerte; q̃ fuera mengua de una uida tã lucida, acabar sus rayos a manos del morir. Porq̃ muere, pues, el Sol? Si, para tornar a nacer, uiua siẽpre, goze una uida cõtinua, nazca de una uez, para uiuir siẽpre, sin peligros de morir. No es mejor gozar una uida, q̃ sea toda uida, q̃ perderla à manos de la muerte, para gozarla despues? Esso no, dize S. Zenon el de Verona, q̃ uiuiera muriendo el Sol, si uiuiera siempre uiuiendo: *Denique adimitur ei ortus, si ei aufertur occasus.* Si la uida del Sol es uida, se le quita la uida al Sol: no lo acabo de entender. La uida se quita con la uida? pues de que uiue? Si uiue de la uida, luego la uida es quien le dà la uida. Ea que no, dize el ilustrissimo Martir, no es la uida quien le dà la uida, la muerte es quien se la dá; pues si se la quitan, le quitan en consequencia el uiuir: *Adimitur ei ortus, si ei aufertur occasus* Braua antilogia! uiuir, y no uiuir de la uida; no uiuir, porque se uiue, y uiuir, porque se muere. Reparad en la inteligencia desta encontrada oposicion. La uida del Sol es toda di ha, porque es de lucimiento toda: No se uio mas dichosa uida, pues siendo uida de resplandores, mientras uiue, nunca padece achaques su lucir. La muerte es toda desgracia; pues desmayados los rayos del luminoso Planeta, aun señales no quedan de que uiuiò, todo es horror caliginoso donde se sepulta: De suerte, que el Sol uiue todo dichoso, y muere todo infeliz. ingenioso, pues, dize Zenon, q̃ el uiuir el Sol està en la muerte, y que si su uida fuera toda uida, no uiuiera, porque las desgracias de esta uida, consisten en las felicidades, y las felicidades

S. Zen. Episc. Ver. serm. de Resurrec.

licidades en las desgracias. Y assi viuiendo el Sol vida tan dichosa, era forçoso perecer a fuerça de tanta dicha; y muriẽdo muerte tan desgraciada, es cõsiguiente el tener vida dichosa. No viue el Sol; porq̃ viue, que como viue tã dichoso; solo porq̃ viue muere. No muere el Sol, porq̃ muere, q̃ como su muerte es tan desgraciada, solo porque muera viue. Viue de su desgracia, y muere de su dicha; viue, segũ esto, de su muerte, y muere solo de su vida.

XIII. Temed Catolicos quando os vieredes en altos puestos, q̃ ay en ellos muchas dificultades, porq̃ derriba el mundo quãdo lebanta. Asseguraos en vuestras desdichas, q̃ vn desdichado està cerca de subir. No se confie el santo en la dicha de serlo, q̃ mientras viue es muy posible caer: ni desconfie el pecador, viendose en el estado infeliz de su miseria, q̃ biẽ puede llegar a ser amigo de Dios. Tema el justo, y tema el pecador, tema el bueno, y tema el malo, dize el sapientissimo Idiota, teman todos toda fortuna, sea prospera, ò aduersa; pero teman mas la prospera; q̃ si la desdicha suele derribar à algunos, à muchos lebãta, empero la prospera, casi a todos derriba, y pone en estado infeliz, y miserable: *Quamuis omnis fortuna sit timenda, tamen magis timenda est prospera, quam aduersa; quia hæc quidem sæuiendo erudit, illa autem blandiendo seducit. Hæc illuminat hominẽ, illa excæcat; ista mentis oculos aperit, illa claudit.* La desdicha affige, perõ affigiẽdo enseña, la felicidad alaga, pero alagando engaña; esta ciega; aquella dà vista; la vna haze entẽdidos: ignorantes la otra. No pequeis de ignorancia fieles, sabed q̃ la fortuna prospera, agasajando derriba, y que la aduersa, derribando lebanta.

Idiot. lib. de Pacièt. c. 1.

COMBATE II.

Ipse verò dormiebat. *Vers.* 24.

Mas se acuerda el hombre del bien por el mal, que por el bien mismo.

XIV. REfiere el Euangelista San Marcos el mismo caso de nuestro Euãgelio, y dize S. Mateo, solo q̃ dormia Christo en la ocasion de la tormenta: *Ipse verò dormiebat.* Añade S. Marcos, q̃ estaua durmiendo en la popa de la naue a sueño descãsado sobre vna almohada: *Erat ipse in puppi super ceruical dormiens.* Victor Antioqueno repara en el sossiego cõ q̃ dormia Christo: No bastaua, Señor, dormir, sino dormir descuidado? no sabeis q̃ desmesurado el mar, se ha de embrauecer? bien q̃ a vos no os empecerà su orgullo, pero los discipulos quedan solos: aunq̃ estan en vuestra compañia, como os vẽ dormido, os juzgã descuidado; y no es justo dar essa ocasiõ de

Matt. 4. 38.

de pena, ni a q̃ se pueda hallar motiuo de descuydo en librar de los males q̃ amenazan a quiẽ affectuoso os sigue. Despertad, Señor, q̃ el mar bien vela en atemorizar à vuestros amigos. Duerma, sin embargo (dize Antioqueno) q̃ auiendo de hazer el milagro de la quietud de el mar, en beneficio de los Dicipulos, si estuuiera despierto, no tuuieran q̃ atemorizarse; por quẽta de su Maestro corria el reparo de la tormenta. Duerma, para q̃ el Dicipulo se aflija, y afligido le llame, porque assi no se oluide del fauor, q̃ el hombre es tal, q̃ se acuerda mas del bien q̃ le hazen por el mal, que por el bien mismo. Si ay el biẽ del fauor, aya el mal de la tristeza, para que la aflicion no dè lugar al oluido del milagro: *Vt miraculũ maius appareret, eiusdemq; memoria Apostolorum pectoribus diutius inhæreret. Propter hoc etiam somnum carpit*, dize Antioqueno.

Vict. Antioch. ad c. 4. Mar.

XV. Moyses reconocido amigo de Dios, de quiẽ fiaua sus secretos, con quien comunicaua sus resoluciones, aparecioselo la vez primera en aquella zarça, tan llena de prodigios, como de espinas, diuertido del comun exercio de pastor, atendiò, à q̃ la zarça aunq̃ ardia, no se quemaua. Mouido de la nouedad, sino deseoso de conocer el misterio, determinò irse àzia ella, quando Dios, cierto de su determinacion, le dize: No te llegues Moyses àzia los cãbrones, del calçate: *Nè apropies huc, solue calceamentum de pedibus tuis*: Detente Moyses, no te acerques mas. Dos cosas le mandan à Moyses, q̃ se descalce, y q̃ no se acerque. Que no se acerque, porque los misterios diuinos, son para el hombre incõprehensibles. Que se descalce, le mãdan, dize Teodoreto: *Vt cum tremore mandata eius accipiat*, para q̃ se atemorice de tanta Magestad, y temeroso reciba sus mandatos. Buena diligencia, q̃ el miedo reuerencial es deuido a las Magestades soberanas. Pero q̃ desaire es este, entre vna dicha tan grande, despues de auerle dado esfuerço para que se llegue àzia la zarça, mandarle q̃ se descalce, para q̃ se atemorice? Ya se le escurecẽ à Moyses con esso sus glorias, y el aliento valeroso, q̃ se empeçò a encender en su pecho, ya se apaga; en pauor se conuierte su resolucion animosa, y trocãdo el valor en miedo, el q̃ venia esforçado, se detiene medrosamente obediente. Detengase Moyses, pero no se descalce, q̃ quanto le acredita la obediencia, le deslora su temor. No tema quien tuuo tanto animo, ni sea cobarde en quien se halló tanto valor. Porq̃ no? (dize Teodoreto) descalcese, para q̃ tema: *Vt cum tremore mandata eius accipiat*. Anduuo muy preuenido

Exod. 3.5

Theod. in glo. q. 7. in Exod.

en este mandato Dios. El fauor q̃ hazia a Moyses era muy grãde, dexarse comunicarse de vn hombre, hazerle su Legado, enseñarle la çarça, q̃ misteriosamẽte ardia sin quemarse. Era grande todo este fauor, el acordarse del, era contingente; pues mandale q̃ se descalce, para q̃ se atemorise, porq̃ temeroso, en medio del beneficio, el mismo miedo q̃ tuuo al recebirle, le traiga a la memoria el fauor. Aqui ay el estar fauorecido Moyses, y el estar temeroso, aliento fue de su valor, resoluerse a llegar a la çarça; flaq̃za fue de su animo quedar con miedo: si estuuiera todo medroso, no se conociera el fauor de Dios: estando con el fauor, y sin el miedo, pierdese el reconocimiẽto suyo. Haga, pues, a dos visos essa acciõ, a miedo, y fauor, q̃ si peligra el recuerdo en el fauor, afiançada està su memoria en el miedo.

XVI. El estilo q̃ guardò Dios con las criaturas en lo principiante de su ser, siempre fue, como raro, marauilloso, iba formandolas a todas, y dãdo a cada qual su antiguedad; y llegando a poner en su sitio a la noche, y al dia, dà primero lugar a la noche, y despues se le dà al dia: *Gen. 1.2.* *Tenebræ erant super faciem abyssi*, dize el Sagrado Oraculo. Y despues: *Et facta est lux.* *Vers. 3.* Las tinieblas pone antes q̃ la luz, la noche primero q̃ el dia. Los primeros paños en q̃ se embolviò el mundo, recien nacido, fuerõ la escuridad, y las tinieblas, y sacando Dios de lo mas obscuro q̃ tenian (para mayor demostracion de su poder, pudo ser assi) la claridad de la luz, concluye el Sagrado Texto, diziendo: *Factumq; est vespere, & mane dies vnus.* *Vers. 5* Hizose vn dia de la mañana, y la tarde. Que jũta tan delazonada es essa, de lo lucido de vna luz, con lo obscuro de vnas tinieblas? no le bastara por agrauio el auer antepuesto a lo galante de sus resplãdores, lo erizado de vna lobreguez, sin dexarla cargada con el perpetuo censo de su cõpañia? Que mal principio de lucimiẽto, escuridad. Que premisas puede auer, de q̃ ha de ser permanente en el lucir, resplandor q̃ ha tenido su origen en lobreguez? antes parece esse parto annuncio de su tẽprana muerte, q̃ seguridad de su vida, pues aquel principiar lugubre, parece preuenir lutos a su acabar; no proceda de estirpe tan deslucido criatura de tãto lucimiento; y ya q̃ sea forçoso proceder de esse linage, no sea tan junta su habitacion; diuidanse, y haga morada aparte cada vno, por fuerça ha de estar siẽpre la noche, y el dia juntos? Si, dize S. Basilio el Grande, hagase vn junta de entrambos, no se aparten, esten siempre succesiuamente vnidos, de suerte, q̃ el

el vltimo instante del vno, sea el primero del otro; y esto solo, porque nunca se puedan separar: *Et tempus diei, ac noctis connectens.* Tanto importa essa compañia, que assi se hazen diligẽcias para que sea perpetua? Si, importa mucho. Muere la luz con la noche, escurecese con la escuridad su resplandor, deslucese su lucimiento cõ la sobreguez. Assi, q̃ essa vezindad haze la escuridad a la luz; pues desele a sus radiantes rayos, por compañera forçosa vna noche, para que en esse achaque vẽga a conocer la grandeza de su ser, q̃ pudiera suceder si se viera toda luz, si se mirara solamente resplandor, que viendose absoluta señora, se le oluidarà la excelencia que le dieron, mas excelente q̃ a las demas criaturas; y assi juntese con la escuridad, para q̃ en essa falta venga a tener en la memoria el lucimiento que se le dio.

S. Basil. Mag ho. 2. Exam.

XVII. No fue pequeño el fauor q̃ hizo el Espiritu S. en baxar sobre el Colegio Apostolico, aun. q̃ fue deuido. Dios no promete como hombre, y assi no era posible dexarse de cumplir su promesa, aunque no el cumplirla el modo de su cumplimiento estraño: *Et apparuerunt illis dispertitæ linguæ tanquam ignis.* Hecho lenguas de fuego bajò el soberano espiritu sobre el Apostolico rebaño. Para què es tanto lucimiento? Quan biẽ lauian de ser Maestros del mũdo; pues bien estan lucidos, q̃ desdoran mucho las tinieblas a la luz, y luz q̃ ha de alumbrar a muchos, no ha de tener rastro de escuridad. Y el fuego? Es para abrasarles los coraçones, q̃ quien presume de superior, sin abrasarse en amor de los subditos, tiene muy poco de Dios. Luego fauor fue del espiritu diuino, dar a cada vno de los Discipulos luz para lucir, y fuego para amar; es assi, pero mi rezelo se asombra ẽ medio de tãtos fauores. Sea norabuena lucido vn Apostol, q̃ es tã grandemẽte santo; pero essa luz cõ q̃ luce, estãdo tan cerca porq̃ ha de ser en fuego? *tãquã ignis.* Faltaua otra luz mas moderada? otro resplãdor mas apacible? para abrasar vn coraçon de amor, basta la luz del Espiritu S. la lũbre biẽ se puede escusar, q̃ sobrado ardor tiene vn espiritu todo diuino, para encẽder amorosos alẽtos en vn coraçõ humano. Bien assi, pero no es esse el misterio. Dos efectos tiene el fuego (dize Teodoreto) abrasa, y luce, ilumina, y quema, ilustra, y cõsume: *Geminæ sunt vires ignis videlicet comburendi, & illuminandi* Theod. in Psal. 96. Segun esto buena es la disposicion: quando el Espiritu S. haze al Colegio Apostolico fauor tã indecible, como darse a si mismo esse fauor sea en fuego luego, *tanquam ignis*, que si el fue-

Act. 2.

go luce, y abrasa, quedarán los Dicipulos recibida essa merced, lucidos, y abrasados, con q̃ estarán contentos, y dolorosos: cõtentos por el lucir, dolorosos, por arder: y assi sea el fauor en fuego, porq̃ duela, si regozija; para q̃ con essa ingeniosa industria, con vna misma accion fauorezca, y assegure, q̃ el hõbre tiene tan poca memoria de los beneficios, q̃ se le oluidará por beneficios, y se le acordará por penosos. Abrase vn fauor, si luce, que para tenerle en la memoria, mas fuerça ha de tener lo abrasado, q̃ lo lucido. Queme vn bien, sino ha de ser oluidado; atormente vn fauor, si ha de ser reconocido, q̃ en el descuido de vn hõbre, mas recuerdos ha de solicitar por lo que quema q̃ no por lo q̃ ilumina.

XVIII. Que dulcissimo combate, donde la municion q̃ en sus tiros se echa, es fauor, y merced; assi combate Dios al alma, con beneficios: pero es preuencion suya, repartir los bienes q̃ haze, combatiendo a vnos con vnos, y con otros a otros. Salióle mal en el primer hombre el juntarlos; de alli se enseñò a diuidirlos. Que fauores no le hizo a Adan? Pero fueron todos fauores, no tenian achaque, y assi se le oluidò del dueño de ellos, y se segò tanto con el colmo de tanto bien, q̃ se boluiò contra su hazedor, siendo a sus mãdatos inobediente. Desde entõces reparte Dios los fauores, à vno dè riqueza, à otro salud, à otro ingenio, à otro dominio, pero con esta circunstancia; al q̃ haze señor le dá el peso del gouierno; al q̃ es ingenioso, el achaque de la embidia; al q̃ dà salud, quita la riqueza; al rico, priua de la salud, para q̃ vno en la enfermedad, otro en la pobreza, aquel en la embidia, y essotro en el cuidado del gouierno, todos tẽgan quiẽ les traiga a la memoria los fauores q̃ Dios les haze.

COMBATE III.

Et accesserunt ad eum Discipuli eius. *Vers.* 25.

Para que el alma busque mas ansiosa a Dios, ha de dudar si le tiene.

XIX. LLegaronse cuydadosos à Christo los Apostoles viendo que el mar se embrauecia: *Et accesserunt ad eum Discipuli eius.* No es mala essa diligencia. Desde donde se llegan? No estauan cõ Christo? Si pero llegan se mas a èl, porq̃ le ven dormido: *Ipse vero dormiebat.* De suerte, q̃ estando con Christo, se llegan mas a su Magestad, porq̃ está durmiẽdo. Que sueño es esse, que assi obliga a los Dicipulos, a q̃ se lleguen mas a Dios? De preuẽcion juzgo que es. Duerme Christo, porq̃ los Dicipulos no se assegure-

guren en q̃ le tienen, sino q̃ le busquen como si estuuiera ausente. Descuidase en las apariẽcias de dormido, estando despierto siempre para remedio de cuitas, porq̃ el Dicipulo despierte, y atienda, q̃ no tiene tan seguro à Dios, como parece, pues aunq̃ le tiene, le tiene dormido, y vn Dios dormido no se tiene con seguridad, sino con duda; pues quanto puede asegurar el tener, pone de duda el dormir. No es mucho, pues, q̃ el Dicipulo ansioso se llegue a Christo, aunq̃ le tiene: *Et accesserunt ad eum Discipuli eius.* Que la duda de si le tiene, o no Dios, no acobarda à vn alma, antes la alienta, para buscarle mas feruorosa.

XX. Nunca el ingenio se cansa en sulcar mar tan profundo como el de los Serafines de Isaias, pielago es de misterios aquella vision, donde el talento siempre halla en q̃ nauegar. Estauan cõ Dios los ardiẽres espiritus (dize el Profeta, y estando con èl, cubrian, y bolauan: *Seraphim stabãt super illud &c. Duabus velabant & duabus volabant.* En lo mistico põdero, hagan la persona del alma, deleosa de alcançar conocimiento de perfecciones de Dios. Quien està cõ Dios buela? poco satisfecho dene de estar en su compañia, quien no està quando la tiene quieta. A donde buela el Serafin se cubre à Dios? A Dios. Pues porq̃ buela? Deleoso de verle (dize mi Bernardo) estiende las alas el Serafin, para llegarse a él, por gozarle de mas cerca: *Stant extendentes se, & intendentes in eum in quem prospicere concupiscũt.* Desean ver a Dios, y venle; pretenden estar con èl, y asistenle; buelan a buscar lo q̃ tienen, y tienen a lo mismo q̃ buelan. Pues porq̃ el Serafin ardiente buela? Solo buela porq̃ cubre. Este es el misterio. Cubre el Serafin à Dios: *duabus velabant*, y buela por esso el Serafin, *duabus volabant*; porq̃ asistir a vn Dios cubierto, mas tiene de sospecha, q̃ de seguridad. Contingente està el tener, quando no se vè lo q̃ se tiene. Dios cubierto, Dios dudoso es; pues bolemos a Dios, dize el Serafin, *duabus volabant.* Que si el cubrirle pone en contingencia el tenerle, esso ha de seruir de bolar a el mas feruoroso, no de q̃ el ardor se apague desconfiado. Buele el Serafin a lo mismo q̃ tiene; llegue a lo mismo que goza, y solicite lo propio que possee, q̃ aunq̃ sea a vn Serafin, le pone tantas ansias de llegarse mas à Dios, el poder tener duda en si le tiene, que asistiendo a su compañia, como sino asistiera, assi haziendo diligencias, le busca.

S. Bern. ser. 3. de verb. Isa.

Isai. 6. 1.

Cercano à aquella celestial partida nuestro giã Padre el Profeta Elias, quando Salamandra

de

de vna fragua de rayos, el fuego le guardò cortes essenciones de Diuino: En esta ocasion, iba en compañia su discipulo Eliseo, dize q̃ le dexe mientras se llega a Bethel, q̃ tenia orden de Dios para ir allà. Atiende el discipulo al mandato, y no juzga conueniencia en ausentarse de su Maestro; y assi con animo valeroso le dize: Viue el Señor q̃ no os tengo de dexar. Llegan à Bethel jũtos, y otra vez, le propone q̃ le dexe ir a Iericò. Ratifica el juramento Eliseo, y propone no dexarle. Llegan despues à Iericò, y esfuerça mas Elias, que le dexe caminar solo hasta el Iordan: *Sede hic, quia Dñs*
4. Reg. 2. 6. *misit me vsque ad Iordanem.* No os canseis diuino Padre, q̃ no os tengo de dexar: *Vivit Dñs, quia non derelinquam te.* Braua fineza, no querer ausentarse porfiado, ni dexar à su Maestro despedido. Que controuersia es esta entre Maestro, y Discipulo? Si Elias quiere irse solo, apartese de Eliseo; y si gusta q̃ le siga, porq̃ dize, q̃ le dexe? Dexar, y seguir no puede ser en vna misma accion. Como puede dexar quien sigue? o como puede seguir quié dexa? Que no le dexe, y q̃ Eliseo le siga, es lo q̃ Elias pretende. Esta es su pretension? Pues para conseguirla, diga claramente, q̃ le siga, que facilmente le seguirà. No le diga q̃ le dexe, q̃ dà a entender poco gusto en q̃ le siga. No lo entendeis, puesto que assi discurris. Que quiere dezir Elias? Interpretase *Deus Dñs*, Dios, Señor, esso quiere dezir Elias, *Deus*, Dios. Pues bien trazado, quando Elias quiere que vaya en su cõpañia Eliseo, no le reuele essa voluntad, antes se la oculte. Muestresele desdeñoso, despidale, para q̃ despidiendole, y dexandole ir en su compañia, dexe en duda el gusto de seguirle, q̃ si Elias quiere dezir Dios, obrò como Dios Elias: no declare à Eliseo el gusto q̃ tiene en q̃ le siga, para que le siga mas animoso; q̃ el no saber vn alma con certeza si sigue à Dios conforme a su gusto, el estar dudosa si se carea a èl segun su voluntad, no solo no la entibia, sino q̃ aviua tanto el deseo de seguirle, que mientras halla mas materia de duda, se halla con mas alientos de perseuerar, y con mas valor para permanecer en la assistencia de vn Dios a quien puede temer contingente.

XXII. Solo estaua Christo S. N. despues de aquella Oracion q̃ tuuo en el monte: assi ha de ser el orar, lo publico, antes lo desdora. Vio a sus Discipulos en medio del mar, y al viento, que les era contrario. Dicho se està, ser Discipulos de Christo, y ser perseguidos, todo es vno. Desde que era quando vino su Magestad, ciudadano de las aguas,

iba

iba pisando liquidos cristales, obedecia a su Dios con apacibilidad el mas furioso elemento; y reconocido a su Hazedor, le sustenta su mobilidad, siendo camino seguro lo deleznable. Assi obedece quiẽ se halla menos obligado. El hombre antes resiste, que obedece. Azia la nauecilla combatida era su viage; pero siendo tan de su cõdicion socorrer peligros, y remediar males, obra fuera de lo que acostumbra, pues dize el Euangelista, que se queria passar adelante, dexando a los Apostoles solos, que ellos le juzgaron fantasma, y que el temblor les obligo a dar vozes: *Venit ad eos ambulans supra mare: & volebat præterire eos, At illi vt viderunt eum ambulantem supra mare, putauerunt phantasma esse, & exclamauerunt.* Vozes, fantasma, y desamparo, son quien me haze nouedad. Desamparar a los suyos, y querer los dexar viendolos en peligros, nouedad es en Dios. No darse à conocer, y pudiendo remediar, aumentar el miedo, en vez de socorrerle, dando lugar a que juzguẽ fantasma a quien es verdaderamente Christo, desuanlo parece en èl. Dar vozes los Apostoles quando mas medrosos, es impropio, que el miedo antes quita el aliento que le dà. Que combatido se hallo en esta ocasion el Apostol, pues a vn mismo tiempo le baten miedos, desamparos, y tormenta. Quando se vio vn Dios que desampare? vn Christo que se disfrace en fantasticas apariencias? vn miedo que dè fuerças al valor, quando las quita? Quitaos de ai, dize Agustino, q̃ no entendeis las metafisicas de Dios. No auian llamado a Christo en aquel peligro los Discipulos, pareciendoles, que tenian seguro su fauor, ò descuydados. Lamentable caso! Que pierda vn Dios por seguro, y que llegue a ser por muy cierto, oluidado. Que remedio, para que se acuerde de Dios, y para que a vozes le inuoque, quien le oluida; quiza porque juzga que le tiene? Bien pensado del cuydado atento de Dios. Hagase Dios dudoso, el q̃ es Dios verdadero, parezca fantasma, el que es Christo, haga que se quiere ausentar, el q̃ solo viene à assistir y de essa suerte, si por presumirse Dios seguro, ocasionaua descuidados, por assegurarse dudoso, causarà ansiosos deseos, y vendrà a ser inuocado por contingente, el q̃ por muy cierto no lo auia sido: *Quomodo ergo* (dize Agustino) *eos volebat præterire, quos pauentes ita confirmat nisi quia illa voluntas præterundi ad eliciendum illum clamorem volebat.* Queria Christo que le inuocassen, que se valiessen de su patrocinio, y que diligenciassen su amparo; ellos

Marc. 6. 48. 49.

S. Aug in allud. hunc loc.

ellos no lo hazian, si confiados, no entendidos Pues para q̃ inuoque a vn Dios, quien no lo haze, por parecerle le tiene, põgasele materia de duda en vn fauor, q̃ es seguro. Venga Dios à hazerle merced, como quiẽ se quiere ausentar, y parezca diferente del q̃ viene, que la misma cõtingencia despertará tanto a los Apostoles, q̃ soliciten alcançar por dudoso el fauor del mismo à quiẽ oluidauã por seguro.

XXIII. Lo dudoso no aflige el animo, si, le alienta, dize Virgilio, acobardase quien no le tiene en vna cosa no segura, pero en la duda, se esfuerça el valor. Los mas alientos engẽdra el dudar; y el ser contingentes los empeños, anima a emprenderlos con resolucion. No ay dificultad a q̃ no se atreua vn aliẽto; ni imposible, que se lo parezca a vn valor: solo lo ambiguo se lo facilita, y el no saber con certeza lo que puede suceder, esso solo es lo q̃ deshaze el temor. Oid à Virgilio, que en estos versos entendido lo cantò:

Atque animum nunc huc celerem, nunc diuidit illuc?
In partesque rapit varias perque omnia versat.

Vaguea dudoso el animo, pero no cobarde; por todo atropella, pero no desualido; trastorna imposibles, pero valiẽte; aspira a lo arduo, por lo irascible; buelue se contra las dificultades, pero combatiendolas bizarro. Es la ocasion q̃ lo esforçado se alimenta de dudas; y assi mientras mas halla, mas atreuido se empeña. Mirad como puede enflaquecer lo dudoso, tiẽdo prouocacion conocida del valor la misma duda.

Culpa es del Catolico, q̃ te- XXII niendo resplandores de fe, no vea a sus luzes, lo que sin ellas enseña vn Gentil. No se halle en ti esto culpable. Quando te hallares perplexo, sin saber si agradas, o no, no te aflijas, q̃ no has de querer tu saber los secretos q̃ Dios sabe. No es desprecio de tus deseos, ni pequeña estimacion de tu virtud, q̃ ignores en la opinion q̃ Dios la tiene: Antes porque te resueluas a seruirle con mas feruor, no quiere que sepas lo que tienes en su Mageſtad. Procura seruirle de veras, y agradaràs, aunq̃ lo ignores, q̃ el saber si se agrada, poco importa para la perfecciõ.

COMBATE IV.

Domine, salua nos. *Verſ.* 25.

No ay muerte como el temor.

MOuiase el vaso en q̃ los XX Dicipulos nauegauã, presumianse casi anegados, y llamã a su Maestro, pidiẽdole reparo: *Dñe salua nos.* O cobardes, q̃ presto pedis remedio, estando con Christo,

Christo, q̃ peligro puede auer? Ha topado en algun escollo la naue? o q̃ combates sentis, que afligidos os hallais. Si huuiera llegado la muerte, q̃ mas pudierades sentir? No ha llegado no; pero no haze falta, quando ha llegado el temor. Estauan medrosos los Discipulos, essos cõbates padecian de miedo; bien han menester, pues, el remedio, solicitenle, *Dñe salua nos* q̃ si estã combatidos de temores, muertos estan, pero viuos q̃ el temor es muerte viua; y assi quien teme para morir, no ha menester mas morir, que temer.

XXVI. Ya sabeis la muerte q̃ hizo aq̃l primero fratricida del mũdo, atropellò las leyes de la naturaleza, destrõcò los terminos de la gracia; y como si fuera el ser fauorecido de Dios delito, pierde Abel por serlo la vida. O lo q̃ zozobra vna embidia! q̃ poco disimula su passion. Murio el inocẽte hermano, y Dios viene por juez del caso. En delitos graues, no ha de auer remission, luego se han de castigar. Empieza a hazer la auerigu acion, y como auia pocos testigos, toma la cõfession al reo: *Vbi est Abel frater tuus?* Negò à la primera pregunta, y castigale Dios sin embargo. Mal entẽdido anduuo, sobre culpado, perjuro: mas clemencia solicita vna culpa confessada, que vn delito conuencido. Entre otras cosas q̃ contenia la sentencia a q̃ fue condenado, fue vna, destierro preciso de su patria: *Vagus, & profugus eris super terram.* Andaras huido de tu patria, ausentarasse lexos de tu tierra. Los Setenta leyeron: *Suspirans, seu gemens, & tremens.* Huido andaras de los tuyos, pero no seguro, siempre si temeroso, con lagrimas en los ojos, testigos de tu indomita resolucion. En el coraçon cõ suspiros, berdugos, q̃ en lo mas sẽsible castiguen tu atreuimiẽto. Oye la sentencia Cain y en vez de admitirla obediente, por ver si con la sumission podia librarse algo de culpado; imposibilitando en la clemencia misma clemencias, dize: *Maior est iniquitas mea, quam vt veniam merear.* No puede auer perdon para tamaño delito como el mio. S. Pagn. leyò bien à mi proposito: *Maior est punitio mea quam vt feram.* No puedo llenar essa sentencia, mas quiero morir, no me condeneis a mas, q̃ las leyes solo determinan q̃ muera quiẽ matò, yo di la muerte à mi hermano condenad a muerte a mi: *Omnis igitur qui inuenerit me occidet me.* Esso no, dize Dios, no aueis de morir, vino os aueis de quedar: *nequaquam ita fiet.* Como es esso q̃ dezis, Señor? Ha dado la muerte a vn justo, y le dexais con la vida? Como se han de guardar vuestros mandatos, siendo vos mismo en sus executiones remisso?

Gen. 4. 9.

Vers. 12. Septuag.

Vers. 13.

Sãct. Pagnin.

Vers. 14.

Vers. 15.

misso? Si el Principe quebranta la Ley, como la ha de guardar el vassallo? Dize la Ley: Quien hiere, ha de ser herido, y quien mata, ha de ser muerto. Y vos, siendo el Legislador, no atendeis a la obseruancia de essas Leyes, sino q̃ dexais con vida a quien se la quitò a vn Santo: bien q̃ viue padeciendo, ausente de su tierra, entre lloroso, y afligido, pero al fin viue. Que importa q viua, si viue solo para padecer mayores dolores, q̃ si muriera: Viua, que fuera piedad condenarle a muerte, q̃ el morir, aunq̃ es el mas crecido de los dolores, tiene mucho de piadoso, pues quanto acreciẽta de padecer, disminuye de sentir; porq̃ priuando de la vida, quita toda la ocasion de sentimiẽto. Viua, pues Cain, q̃ si viue *gemẽs, & tremens*: si viue para padecer miedos, y temores, que mayor muerte, q̃ la vida? Viua siempre temiendo, q̃ quando no es el morir castigo suficiente para la muerte de vn hermano tan justo; por mayor se le concede la vida para q̃ viuiendo temeroso, padezca mas q̃ muerto, y muriendo despues, experimẽte los tormentos de los delitos q̃ cometiò en vida.

XXVII Impaciente el mar sufria el peso de aquel inobediente Profeta, sobre ser fauorecido; ingratitud, y atreuimiento, pesada carga es. Ser ingratos, siendo fauorecidos, cosa es corriente: Pero atreuerse à no obedecer à Dios, siendo mandado, es adelantada determinacion. Iba se por otro camino, y el mar mas obediente, en bramidos descubre su inobediẽcia: hasta el mar habla, para descubrir vna falta. Echaronle en las olas, deuido castigo a su descuydo, pues duerme con vna culpa, y sossiega con vna inobediencia. Empezaua à fluctuar entre las olas del impaciente elemẽto, quando encontrandole vna ballena, de ambrienta, ò de preuenida, aunq̃ viuo, se le tragò sin melindre: *Et præparauit Dñs piscem grandem, vt deglutiret Ionam.* Ion. 2. S. Basilio el de Seleucia llega a este punto, y ponderandole, tan elegante, como acertado, dize assi: *Illi co Ionas in viuo sepulchro ferebatur, nantem habitans carcerem in pactũ lethi gurgitibus sedem hab tans, commune mortuorum receptaculum non viuorum, habitans aluum mortis matrem.* S. Bas. Sel. orat. 11. Echaron al Profeta en el mar, y no quiriendo admitirle, le depositan en vn viuo sepulcro, en vna carcel nauegãte, habitauan sus mas vndosas cabernas, y el mar, preuenido, auia concertado con la muerte, que no le quitasse la vida. Viuia pero habitaua en el lugar de los muertos. No admiro la elegancia de tanto ingenio, pero no entiendo su pensar. Viuia Ionas en vn sepulcro, en vna carcel nauc-

nauegante, en lo mas profundo del mar, habitaua en el lugar de los muertos, y era concierto, q̃ estuuiesse viuo. Ay combates mas encótrados? Quando se vió vn viuo, q̃ estuuiesse muerto, ò vn muerto, que estuuiesse viuo? Pactos haze ya la muerte, y ampliando su jurisdició, no solo tiene vassallos, q̃ mueren, sino vassallos q̃ viuen. Viuo Ionas y subdito de la muerte? muerto, y sin perder la vida? No os parezca el caso imposible, q̃ el mismo Basilio delicadamente pensó como resoluerle. Mãdò Dios al Profeta fuesse a predicar à Niniue, amenazandola con su furor, por abominable. Conocia su clemencia, y temió obedecer a su mandato, juzgando, q̃ en la execucion auia de mostrar misericordia, no rigor, con q̃, à su parecer, quedaua desacreditado; y assi medroso huye, y cobardemẽte temeroso se ausenta de Dios, porque le presume sufrido. Ea pues, esẽ en los sepulcros, habite con los muertos; no por esta muerte, sino porq̃ viue temeroso? Medroso viue Ionas? pues contalde con los difuntos, que no ha menester morir para morir, quien viue temiendo. Sepultado està no por falta de la vida, sino por sobra del temor: Viuo muere, porque temeroso viue: El temor quita la jurisdicion a la muerte; y estando con todos en opinion de cobarde, es para atormentar tan valiente, que se las gana al mismo morir. Oid à Basilio: *Propheta Ionas clementiam, licet coniectam sentiens, & misericordiæ in peccantes administer esse recusat; & imperantis quidem metuens, imperata vero facere minus audens aditionem molitur extrahere, & fuga nititur imperium excussisse.* Si huye temeroso, que mucho viua sepultado? Si el miedo le acobarda, que mucho lo passe como difunto? Que mucho, al fin, que quien huye con pauor, passe como muerto la vida. *S Ba. Sel. orat eadẽ paul. ante.*

Cansado de lo dilatado de vn camino, afligido con la cõtinuaciõ de sus males, el esfuerço inuẽcible de nuestro Elias, se dexa vencer de vna fatiga. No ay valor aquien vna pena no rinda. Fatigado se sieta a la sombra de vn arbol, en la desnuda tierra. Sientase, y viendose cõbatido de excessos de dolor, puestas las ansias en el cielo, los deseos en Dios; y lebantado cõ la oracion de la tierra, desengañado de lo q̃ tiene de muerte la vida; y reconocido de lo q̃ ay de vida en la muerte humilde, y confiado se resuelue a buscar desta suerte mas infatigable vida, en lo penoso de su ocaso *Sufficit mihi Dñe, tolle animam meam.* Y he visto harto en esta muerte, Señor, dadme en la muerte mejor vida. Viuir para padecer, no es viuir; XXVIIJ. 3. Reg. 19 4.

tir; la vida me es enojosa, parece me toda cariño la muerte; yo si os parece, q̃ suficientemente he viuido. Teneos Profeta Santo, q̃ os ha hecho la vida, q̃ tan mal estais con el viuir? y en la muerte, q̃ hallais de conueniencia, q̃ assi la solicitais? quien jamas hallò gusto en la pena, cõsuelo en la soledad, alibio en la prision? todo esso tiene la muerte. Como es posible hallar cõsuelo para los males en el mismo mal? y como puede hallar abrigo la pena de la vida, en el dolor de la muerte? Viuid gran P. q̃ la muerte antes aumenta dolores, q̃ los disminuye: y si os parece sabroso el morir, bié facil teneis el remedio, bolueos a Iezabel Reina, sobre idolatra, enojosamente sentida del valor de vuestro braço: bolueos a ella, q̃ bien de grado os dará la muerte; no entiẽdo vuestra peticion: huis de vna muger, porq̃ os quiere quitar la vida, y pedis a Dios con ansias, os de la muerte: *Tolle animam meam.* Entẽded el misterio, dize Rabano, el temor le obliga a huir de la muerte, y por el temor la solicita: *Timore percussus de manu mulieris mortem fugit, de manu Dei mortem petit.* No la acabo de percibir. Temeroso huye Elias de lo mismo q̃ temeroso solicita? Si, es la ocasiõ aquesta. Elias era vn Profeta alentado, de valerosa resolucion, sabia quitar la vida à tãto Profeta falso, probando el filo de su azero en el cuello idolatra: auia llegado su esfuerço à cerrar las puertas del cielo, solo con vna voz: no auia experimentado su valor el miedo, y assi huye medroso de la muerte; porq̃ como el temor no auia llegado a su pecho, temiò mas la pena del morir, q̃ no el dolor de temer. Despues q̃ experimẽtò miedos, y q̃ tuuo noticia de temores, pide cõ ansias la muerte: *tolle animam meam*, diziendo en essa peticion: Señor quando hui de aquella sacrilega Reina, amenazauame solo la muerte, no el miedo, porq̃ entonces era recien nacido en mi el temor, y assi, aunq̃ me afligia, como era de pocos dias, aũ no tuuo fuerça para q̃ experimentasse su poder: demas, de q̃ como para mi era tan desusado el temer, no temia entonces al temor, sino a la muerte: aora que me hallo menos peligroso en el morir, y mas combatido del temer, reconozco q̃ no ay muerte como el temor; mas me ha quitado de vida el miedo, que me quitàra el cuchillo si llegara a la gargãta: temeroso estoy, y estoy viuo, y si llego a sentir q̃ viuo, solo es en q̃ siento q̃ padezco. Muera yo, que si en el q̃ muere està la vida perdida: en el que teme, es el morir ganancia, pues con el viuir, pierde el temor; y perdido en esse desfalleci-

Rabb vt in glo. hic.

llecimiento el temor, es conocida ganancia el morir, pues se gana el no temer, quando se pierde el viuir.

XXIX. O que combate tan afligidos el del miedo, pues quita mas q̃ la vida, si puede quitarse mas. Procurad fieles armaros cõ temor, para escusar el dolor q̃ causa el combate del temer. Temor del mundo es quien ocasiona este padecer; temor de Dios es quien quita este penar. Que se le dà al q̃ teme à Dios del mũdo. Temed, pues à Dios, q̃ assi no padecereis las penas q̃ tienẽ los q̃ temen cosas del mundo.

COMBATE V.

Perimus. *Vers.* 25.

No se ha de hazer gloria, de los medios para alcançarla.

XXX. GRande tribulacion la de los Apostoles: Señor, q̃ perecemos, dizen. Si estando con Dios se aflige el alma, ausente q̃ serà? *Perimus.* Braua compassiõ, ver quexarse al alma tan lastimosamẽte. No os entiendo, Señor, quieroos hazer vna pregũta: Porq̃ afligis en este mundo tan sobradamente, q̃ aun el seguro de vuestra cõpañia no vale para librarse de vna tribulaciõ? Responde elegãte el Idiota: *Occulto tuo iudicio in hac vita tribulatione percutis, ne vita pro termino, & peregrinatio pro patria diligatur.* Gran dezir. El hombre es amigo de gloria, sufre mal vna dilaciõ Industrioso, pues, anda Dios, embie en esta vida trabajos, q̃ si fuera todo gusto, tuuieran la tierra por cielo los hombres, por la patria la peregrinacion; y siẽdo quanto ay en esta vida medio solo para llegar a la gloria, trocando las suertes, hizieran gloria de los medios, y patria de lo q̃ solo era camino para llegar a su possession. Assi, pues, padezcã hasta los mas justos, aflijãse, y à vozes publiquẽ su tribulacion, *Perimus*, para q̃ se desengañen, q̃ si ay en esta vida gusto, no es cũplido, pues se mezcla con pesar, y assi no puede ser patria, q̃ si tiene algo de ella, es solo por ser medio para alcançar la gloria verdadera.

Ruper. lib. de Pat. c. 6.

Cercano Christo a su muerte, XXXI. reparte, Principe soberano, alhajas de Diuinidad ẽtre el Apostolico Colegio, promete ẽbiarles al Espiritu Santo, q̃ los aliente, y purifique. Gran Señor! q̃ no se oluida en el ausẽcia del subdito. Todo, empero, el gusto que pudiera tener el Colegio cõ las preseas q̃ su Maestro les dexaua, solo porq̃ los dexa, se escurecio todo, y vino a cõuertirse en llãto el gusto, viẽdo q̃ aquellos fauores le cõprauan con la pẽsion de su ausencia: *Ego veritatem dico vobis: expedit vobis vt ego vadam.* Mi ausencia Discipulos, es necessaria, y sobre necessaria, conueniente, à vosotros os im- Ioan. 16.

porta. No propongais Señor estas palabras, q̃ afligis coraçones Apostolicos con ellas; parece dudoso lo q̃ dezis: La ausencia de vn Dios quãdo pudo ser cõueniente al alma? sin Dios que ha de hazer, quando viue de tenerle? Si se le ausenta, quedarà muerta. La muerte del alma, en el ausencia de Dios cõsiste. Como proponeis en vuestra ausencia conueniencias, dexando cõ ella al alma sin vida, porq̃ la dexais sin vos? El Colegio queda sin vuestra presencia: luego muerto, y si tiene algo de vida, es para sentir q̃ os ausentais; no os ausenteis, assistid al cõsuelo de los vuestros, q̃ no juzgan en esse ausentaros conueniencia. Si la ay, dize Christo: *Expedit vobis vt ego vadam.* En q̃ està esso q̃ el ausẽcia de Christo tiene de cõueniẽte. Declaròlo el Abad Celense con viueza. Estauan enamorados de Christo los Apostoles, gozosos le assistian, y contentos le gozauan; no echauan menos al cielo, porq̃ le tenian en la tierra, y como tratauan tã de ordinario con Dios, no teniã ansias de la gloria, porq̃ ellos la tenian en gozarle. Esso passa? Pues conueniente es el ausencia de Christo, dize el Abad, ausentese, q̃ esso de gozar à Dios tan de assiento, es gozar sin tiempo a Dios, no se ha de gozar de aquella Magestad en la tierra, como se ha de gozar en el cielo. En el cielo viene esse gozo bien, essa quietud ajustada, q̃ assi se goza de Dios allâ, acà se ha de gozar muy de passo; porq̃ el gozarle en esta vida, es solo medio para gozarle en la otra. Y querer hazer gloria permanente de lo que solo es medio transitorio para alcançarla, no es a proposito; y assi, ausentese Christo, q̃ assi conuiene; porq̃ estando ausente, se haga gloria de la gloria, y no del transito por donde se camina, para ir à ella. Oid al Celense ya: *O gaudiũ, quod præcoquas vuas, præimmatura maturitate maneiam comedis! Quare dictum est Apostolis expedit vobis, vt ego vadam: Cur, nisi vt nunquam gradum sustinerent, donec ad illum peruenirent?* Gozos de esta vida, aunq̃ sean de Dios, son azedos, porq̃ son gozos en agraz. Ausentese Christo, para q̃ se sazonen, q̃ no es justo se ponga en lo azedo el gusto, porque no es posible ser cũplido, si se quiere gustar sin sazon. *Pet. Abb. Cell. lib. 1 de expos. Mos. Tol. in expos. enor.*

XXXII

Oid este ingenio otra vez. Manda Dios a Moyses, q̃ diga de su parte a los hijos de Israel, le hagan vn Santuario que sea vna viua semejança del Tabernaculo, q̃ su Magestad le ha de enseñar: *Facient q; mihi Sanctuariũ iuxta omnem similitudinem Tabernaculi quod ostendam tibi.* Hareisme vn Santuario, similitud del Tabernaculo, expressa imagẽ suya. Dadme à entender Señor esso q̃ dezis. Exo. 25.

dezis, El Sãtuario ha de ser imagen del Tabernaculo? y porq̃ no al cõtrario: el Tabernaculo ser de Santuario imagẽ? Santuario, y Tabernaculo, no es todo vna misma cosa? No ay ẽtre los dos esta diferencia; el Grammatico la sabe. Tabernaculo es el Templo; Santuario es como custodia donde mas inmediatamẽte assiste Dios. Luego si el Santuario es donde assiste Dios mas inmediato, hagase à imitacion del Santuario el Tabernaculo, supuesto q̃ viene a ser mas noble, por ser assiento de Dios, y trono mas inmediato suyo. Esso no. A quiẽ representa el Tabernaculo? A la gloria. La interlineal en aquel *Tabernaculi*, añade: *Patriæ cælestis.* El Tabernaculo significa la gloria, pues por el mismo caso dize Pedro Celense, q̃ Dios assiste mas inmediato en el Sãtuario: esse Santuario q̃ es trono suyo, sea solo semejança del Tabernaculo, porq̃ solo sea semejãça de la gloria, q̃ assistiẽdo Dios magestuosamente glorioso en el Sãtuario, le fuera facil al hõbre tenerle por gloria ẽ la verdad, cõ q̃ viniera a pretẽder, gozar la gloria en la tierra, siendo la tierra camino solo para llegar a la gloria: y assi sea el Santuario gloria en la semejãça solamẽte, *iuxta similitudinem:* porq̃ si el hõbre quisiere gozar de essa gloria, la goze como a imagen, q̃ dà señas cuidẽtes de gloria, no como à gloria q̃ lo es: *Angeli habent veritatẽ* (dize Pedro Celense) *tu habes similitudinem. Si credis te habere similitudinem, nondũ veritatem, à similitudine peruenies ad veritatem.* Los Angeles tienen gloria de verdad en el cielo, el hõbre la tiene de semejãça ẽ la tierra, depositada en el Sãtuario: Alli se goza vn Dios Eterno, aqui solo tẽporal. El gozarle tẽporal en el Sãtuario, es para llegarle a gozar Eterno en el cielo. Si el hõbre quiere hazer de la similitud verdad, de lo temporal, eterno, perderàlo todo junto. Pero si goza de la gloria temporal, como de similitud en quien se representa la eterna, tendrà la eterna segura, pues trata a la gloria eterna como à eterna, y como tẽporal a la tẽporal. *Pet Cell. li. 1. Excredis pos myst. Mosayc. Tabern.*

Interlin.

xxxiij.

Al Iordan viene Christo, a q̃ el Bautista le bautize. Nueuo modo de humildad, rendirse el Señor al vassallo. Llega a las margenes del caudaloso rio; y atendiẽdo el Precursor a sus intẽtos, reconocido se humilla, y procura escusar su execuciõ, juzgandose incapaz de ministerio tan grande. A vn humilde todo lucimiento le parece mucho, lo mucho, no le puede leuar su humildad. Empero, Christo cõstante en su determinaciõ, le obliga con estas razones a que le bautize: *Sine modo, sic enim decet nos implere omnẽ iustitiam.* Aora es tiempo de bautizarme, assi he- *Matth 3. 15.*

mos de cũplir toda justicia. Que justicia ha de cũplir la justicia misma? (dize Pantaleon. Diacono.) Que enseñança para el mũdo dõde se estudia como la justicia se puede derogar, no como se puede cũplir. Que es lo q̃ le falta de obseruancia â vna tã cumplida justicia? Entended el misterio. Escusa bautizar a Christo el Bautista, y reconociendo a su Dios, no se resuelue à admitir tamaño beneficio. De no bautizar à Christo el Bautista, por reconocerle Dios, seguiasele en reconocimiẽtos de su diuinidad, Imperial potestad, y grãde gloria. Ea pues, bautizele Iuan, sugetese Christo, no admita en publico reconocimiẽtos gloriosos, q̃ siendo el sugetarse en el bautismo medio determinado por todo el Cõsistorio de la Sãtissima Trinidad, para que Christo alcançasse mas gloria en el cielo Si tuuiera essa gloria en la tierra, era hazer gloria de los medios, para alcançarla; y assi, admitir aquel aplauso glorioso parecia injusticia, porq̃ al medio, le subia à ser gloria, y a la gloria baxaua a ser medio: *Omitte nunc* (dize Pantaleonto) *mansuetudinis mihi nunc non glorificationis tempus est humano viuendi more, non Imperiali potestate.* Aora Iuan estamos en el camino, no en la gloria; en la sugecion, no en el Imperio; aora se pretẽde, no se alcança. Hazer gloria del camino; de la jornada termino; Imperio de la sugeciõ, no es justo, q̃ es trocar las naturalezas a las cosas. Si hemos de cũplir toda justicia, ha de ser guardãdo à cada vno su inmunidad: No se ha de hazer cielo de la tierra, ni de la tierra cielo, q̃ si esso es en declarado fauor de la tierra, es en agrauio conocido del cielo: Y hazer à vnos fauores, haziẽdo à otros agrauios, es aueriguada injusticia. Si hemos de cumplir lo justo, ha de ser cõ el bautismo, no con la potestad Imperial; lo demas es qnitar lo q̃ es suyo à cada vno: A la gloria, quitarle el ser gloria, y quitar ser medio al medio.

Pãt Diacon de lumid. San.

Pusose el Real Profeta Dauid a contemplar la Magestad diuina, y viendo la potestad, q̃ en todo ostenta, la obediẽcia q̃ le rinde toda criatura, el lucimiento con q̃ se sirue en la tierra, y el aparato con q̃ se luce en el cielo, dixo: Señor, vos sois mi Dios: *Dixi Dño. Deus meus es tu.* Grã fineza tener à Dios por su Dios. Como fineza? Cõfessar lo q̃ se deue, mas q̃ fineza, es obligaciõ. Tener a Dios por su Dios es preciso: luego serà deuda el cõfessarlo. Pagar lo q̃ se deue, es buena correspõdencia: La fineza, tiene su lugar en lo gracioso, no ẽ lo deuido. Siẽdo deuda cõfessar Dauid á Dios, por su Dios, el hazerlo, serà paga, no fineza. Fineza es, aũq̃ deuida, porq̃ Dios, aun-

XXXIX.

Ps. 15. 2.

aun q̃ es Dios de todos, no todos pueden dezir, Dios es mi Dios. Como no? Ay creatura q̃ no pueda dezirlo? Si la ay, dize el Idiota entendido, porque ay muchos q̃ se lo dizen à la criatura, y assi no se lo pueden dezir al Criador: *Dicit igitur auarus pecuniæ, Deus meus es tu, quia etiam sibi desint honor, & sanitas, & virtus, & amici, modo pecuniam habeat, cõtentus est. Et si habet illa bona, quæ diximus, & pecunia desit putat se esse infelicẽ. Gulosus item crapulæ & incontinens libidini, & ambitiosus imperio siue gloriæ dicit Deus meus es tu.* El dinero es solo para comprar cõ ello la gloria, y el auaro haze gloria del dinero, y le dize, q̃ es su Dios, *Deus meus es tu.* El glotõ, tiene a su vientre por su Dios, y por su gloria al comer, siẽdo lo vno, y lo otro para cõseruar la vida; porq̃ viuiendo, se pueda caminar à Dios. El deshonesto, haze a la hermosura agena su Dios, siendo lo hermoso para alabar a quien lo hizo. El ambicioso tiene por su Dios al puesto, siẽdo la dignidad para ser en ella sustituto de Dios, y puesto por donde se alcança el cielo. Que lastima! q̃ no puedã dezir todos cõ Dauid, *Deus meus es tu*, Señor, vois sois mi Dios, sino q̃ vnos lo dizen al dinero, otros à su viẽtre, vnos a la hermosura, al Puesto, y Dignidad otros. Y siendo las cosas q̃ dà en esta vida Dios, solo para alcãçar la otra, truecan las suertes, y hazen bienauenturança de lo que solo ayuda para cõducir a ella.

Idiot. anot. in Psal. 15.

Acabese este Combate con vnas palabras de Seneca. Que se gozen las cosas de esta vida, no es mucho, para esso son, con esse fin se fabricarõ, no es culpable, q̃ vse el hombre de lo que fue criado para él. En q̃ està el error? (pregunta Seneca) *Quid est ergo in quo erratur?* Si es licito gozar del dinero, si honrarse cõ el puesto es decente, si el comer es necessario, en q̃ cõsiste el error, vsando de ello? Respõde el Filosofo: *Cum omnes beatam vitã optent, quod instrumenta eius pro ipsa habent, & illam dum petunt, fugiunt.* En q̃ presumis, q̃ el yerro consiste? No en desear la bienauenturança, sino en la falta inteligencia de la creacion, pues siendo las criaturas hechas en forma de escala, para subir a la bienauenturança por ellas, hazen los hõbres de la escala, gloria, y causa principal de el instrumẽto. En lo Catolico haze mucha fuerça la razõ Quiere Dios llevar vn alma por el camino de la riq̃za al cielo, q̃ dé limosna gusta, q̃ sea caritatiuo desea; veis aì vn escalon de la escala: empieza a subir el rico, hallasse bien en èl, y dize: No quiero dar limosna, ni quiero passar de aqui, porq̃ no quiero mas gloria, que mi hazienda. O ciego, y lo que yerras! pues hazes gloria del in-

XXXV.

Sen. lib. 1 Ep. Epist. 44.

strumento. Dispone Dios q̃ suba el otro a la gloria por el mãdo; q̃ gouierne biẽ ordena. Veis ai otro escalon. Llega el ambicioso a subirle, y saboreado cõ el mando dize: Aqui me quiero estar, no quiero mas cielo q̃ el dominio. Que detatencion tan poco cuerda, hazer del instrumento cielo; esto es lo q̃ haze perder la bienauenturança: *Et illam dum petunt fugiunt.* Por esto huye el cielo agrauiado, y se siente de quien assi le solicita, quitãdole à èl el ser en las propriedades de cielo, y poniendolas en lo q̃ solo dirige à èl.

xxxvj. Atended, fieles, a este Combate, q̃ presumo es tan ordinario, q̃ pocos ay q̃ no sean vencidos dél; buscad con feruores la bienauẽturança, pero buscadla en si, no en el instrumento; vsad de las cosas como son, no hagais gloria de lo q̃ no lo es, ni lo quiteis a quiẽ lo tiene el serlo; vsad del cielo como de cielo; y vsad de la tierra, como de tierra, que con esso tendreis seguro el cielo.

VICTORIA.

Et suscitauerunt eum. *Vers.* 25. Tunc surgens, imperauit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna. *Vers.* 26.

Vn Principe dormido no puede ser victorioso.

xxxvij. NO es para dormidos la Campaña, ni la Milicia, para descuydados. El enemigo busca ocasion infatigado, el q̃ se quiere defẽder, como se puede dormir? *Vigilate quia aduersarius vester diabolus tanquam leo rugiens circuit, quærens quem deuoret.* De la espiritual campaña habla Pedro. Filosofemos lo de la de acà. Por el bramido se conoce el leon, y por el leon el enemigo. Velad, q̃ el enemigo brama: Parece q̃ se podia dormir, porq̃ siendo el ruydo tanto, despertar el q̃ duerme, no es dificultoso. Velad, digo, q̃ no sabeis quando ha de venir, no os coja desarmados. Si para el enemigo ruydoso, se ha de velar, para el callado, como se podrà dormir? Si vn Principe tuuiera quien hiziesse oficio de leon en los destrozos, y de cordero en las apariencias; q̃ en las diligencias fuesse amigo, y en las executiones, aduersario, q̃ remedio? *Vigilate*, y velar; y si estuuiere dormido, despierte, q̃ ay corderos, q̃ son leones, y leones, que parecen corderos. Como puede dormir vn Principe en campaña? Echemos a lo mejor el sucesso Sale victorioso, luego ha de ser vigilante. La victoria q̃ no se conserua, no lo es. El vencido, ausentase para reformarse; el victorioso, quedase en la Plaça, para defenderse. Como se cõserua vna victoria? Como se alcança? Alcançase cõ vigilancia, y se conserua con e-

1. Pet. 5. 8.

lla-

lla. Oid el cõsejo q̃ dà àvn Principe, q̃ està en campaña el Idiota: *Sed quum vicisti, geras te quasi mox pugnaturus, vt in pugna semper victoriæ, & in victoria semper sis memor pugnæ.* Es assi, q̃ trata de lo q̃ en la Campaña Espiritual deue hazer el soldado de Christo; pero es regla segura, que puede obseruar el Principe Catolico. Quando vences, haz cuenta q̃ has de boluer luego à pelear, para q̃ quãdo pelees, te animes con el recuerdo de q̃ has de vẽcer; y quando vencieres, no te descuydes, que has de boluer à pelear, con el gusto de q̃ has vẽcido. Vn Principe q̃ ha de estar siempre en cẽtinela, como puede estar dormido, si quie e estar victorioso? Veamos aorà el Euangelio.

Idiot Regit Christian cõple. Reg. 8.

XXVIIJ.

Despertad, Señor, dizen los Apostoles à Christo, viendole dormido, q̃ el mar con exercitos de espuma, nos combate: sus bramidos, trompetas destẽpladas desta azul campaña nos desanima: Las olas, soldados deste monstruo horrible, nos uencen. No durmais, teniendo enemigos los uuestros, que su destrozo, en uuestro daño redunda. Despertad, que no ha de dormir un Principe, aunque sea natural Señor, teniendo à su lado un Potentado poderoso, que en viendole dormido, luego se lebanta: *Et suscitauerunt eum.* Despierta Christo, lebantase, conoce el atreuimiento del mar, y ponele luego al punto un precepto; y obedeciendo, se quieta. Quan bien! A una Monarquia lebantada, de improuiso traerla à sugecion, sin ocasionar con la dilacion al traydor fortificaciones: *Tunc surgens imperauit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna.* Pondero el *Tunc*, despiertanle, lebantase, ponese en armas contra el mar, y uencele luego: *Imperauit ventis, & mari, & facta est tranquillitas.* Despierto se lebanta Christo, despierto pelea; pero quando duerme, ni uence, ni pelea. Importa que estè durmiendo Christo, ò despierto, para uencer? No es Rey, que duerma, ò que no duerma, no tiene alli el exercito de sus discipulos, q̃ le defienda? Pues un Principe, q̃ tiene exercitos, que import q̃ estè dormido? no ha de tener un moderado sossiego? Pero q̃ importa que tenga exercitos, si el mar, que es sobre quien duerme, y descansa, le agrada para dormirle; y en sintiendole dormido, se altera? Como ha de salir victorioso un Principe que està dormido, no pudiẽdo estar confiado? *Et suscitauerunt eũ.* Despertad, Señor, que quien os sossiega, es quien os uende: *Tunc surgens.* Despierte Christo y serà victorioso, que mientras duerme, aunque tenga exercitos, no lo ha de ser.

xxxix. En campaña estauan el exercito de los Filisteos, y el de Saul. Era Capitan General de aquellos Goliath, Principe de toda aq̃lla milicia, fortificado quanto animoso: donde el riesgo es euidẽte, no se ha de remitir todo al valor, es prudencia ir preuenido. Era en aspecto espantoso, admirable en la estatura, robusto en la disposicion, y de armas, q̃ son lucimiẽtos del valor fortificado. A vista de tanto assombro valiente, se vio Dauid animoso, aunq̃ solo enseñado a entrar en batalla con leones, no disciplinado en Artes militantes, con aliento descollado se determinò a conquistar aquel impossible fiero: y despreciando sus desafios, no haziendo caso de sus desuanecidos aliẽtos, sale con el a campaña. Tres ponderaciones hemos de hallar en este hecho. La primera, antes de entrar con èl Filisteo en la conquista, se promete Dauid la victoria: *Percutiam te, & auferam caput tuum à te.* Sobrado parece tu esfuerço; pero se verà presto a mis manos rendido Brauo desahogo! Esse dezir, es seguridad, ò arrogancia? no, q̃ no dize bien con la valentia; antes aplacado el aliento con la lengua, suele faltar en la ocasion; porq̃ coraçon, y boca, pocas vezes se hallan juntos. Seguridad menos, en fuerças desiguales, si la industria puede dar esperança, estã por lo menos en duda la victoria, donde lo mas del vencimiẽto es dudoso, como puede ser lo victorioso seguro? Mucho empeño es ir victorioso à la cãpaña porq̃ si es el sucesso siniestro, es el vencimiento duplicado, quedando lo valiente vẽcido, y desairado lo vanaglorioso. Pero q̃ os cansais en discurrir, q̃ fue seguridad de la victoria, prometerse antes de pelear el vencer? Aliẽtos de soldado animauan à Dauid, dize S. Basilio el de Seleucia, pero con presagios claros de Rey; y assi blasona de victorioso, quando se mira à vista del enemigo: *Tunc militantem suum producit in medium gratia, vere Regem factis declarans.* Soldado era solamente Dauid, pero en los hechos ya era verdadero Rey, *Vere Regem factis declarans.* Que ha hecho Dauid, q̃ ya parece verdadero Rey? No lo veis? con tiempo se preuiene, para ir à campaña, junta exercito lucido; la gente son cinco piedras, pero de ellas ha hecho entre otras muchas eleccion: *Elegit sibi quinq; limpidissimos lapides de torrente.* Eligiò para pelear cinco piedras, redõdas, lisas, limpissimas. Redondas, q̃ vayan sin repugnancia donde las quisieren lleuar. Lisas, si à vn Rey no se le habla con lisura, y claridad, como es possible hazer preuẽciones cuerdas? Limpissimas: El q̃ tiene el puesto, si le quita al soldado

S. Basil. Sel. orat. 15.

Vers. 40

dado el sueldo, no es limpissimo, y el soldado sin comer, como ha de poder pelear? Assi, q̃ essa disposiciõ tiene para entrar en campaña Dauid, pues Rey es: *Vere Regem factis declarans. Auferam caput tuum à te.* Que Principe tan preuenido, no es possible dexar de estar despierto. Despierto està, las diligencias lo declaran, vna acertada eleccion lo publica: pues en ella se halla vna obediencia sin repugnancia, vn desengaño cõ lisura, y vna limpissima fidelidad. Rey q̃ escoge assi los ministros de sus Exercitos, no duerme, los ojos tiene desplegados en centinela viue. Diga, pues, q̃ es victorioso antes q̃ toquen à rebato, q̃ si estar vn Rey dormido dà indicios de ser vencido antes de pelear, disponer con ojos abiertos sus exercitos, le assegura tantas victorias, que antes de pelear, puede blasonar de victorioso.

XL. Segunda ponderacion. Cinco son las piedras q̃ elige Dauid para pelear cõtra el Filisteo; y al llegar a la refriega gasta solamente vna: *Tulitque vnum lapidem.* Cinco piedras cõtra vn poder, q̃ estremeciẽdo con su voz, tra vn rendimiento en su vista, y vna victoria en su aliento? Tã poco exercito contra tanta preuencion, no sé q̃ sea razon de estado prudente. El poder sin poder, no es possible resistirse. Desmaya mucho a vn Exercito, verse demasiadamente desigual. Quando es la diferencia poca, no se haze tanto reparo, q̃ algo se ha de fiar de el esfuerço, pero en desigualdad considerable, si se prouoca lo bizarro, lo visoño se amedrẽta. Crezca esse Exercito, no se priue Dauid de las armas. Si vn Rey le està poniendo en su vestido su aliento, y en sus armas su ossadia, salga assi, q̃ vn aliento real no descaece, aunq̃ sea subido el riesgo: armado de essa suerte serà la preuencion de los dos cãpos igual. Pero poca gente, y de essa, pelear con solo vn Soldado? si fue para enseñar, q̃ siempre ha de auer Exercito de guarda, para conseruar la victoria, ò para no dar lugar al vencimiẽto, es el consejo prudente. Presumo q̃ tiene la diligẽcia otro viso: Quitese las armas Dauid, y aunque lleua Exercito de mas monta, pelee solo cõ vn tercio, saque solo vna piedra: *Tulitque vnum lapidem.* Poco haze essa desigualdad, porq̃ vn Principe q̃ dispone los ojos abiertos su cãpaña, con poca gente le basta, para salir cõ la victoria. La multitud de vn Exercito suele, mas q̃ facilitar, impedir. El tener en los puestos quien puntual a los Reales seruicios, disponga entendido la gente, y la ordene cõ atencion cuydadosa haze de vn exercito muchos; nũca hizo falta la gẽte, quando sobrò el buẽ

Ps. 49.

acier-

acierto en disponerla, y ordenarla. Alexandro el Grãde acometiò en el Asia â las innumerables tropas de Dario, y cõ limitado exercito se venciò. Iulio Cesar, siendo Proconsul, sugetò al Imperio Romano la multitud de barbaras naciones, q̃ desde las riberas del Rin, y Mar Oceano, hastá el Mediterraneo se encierran, no con multitud de gẽte, sino con poca, disciplinada, y bien dispuesta. En nuestras edades Hernan Cortes, cõ menos de mil infantes Españoles, y ochenta cauallos, prendia dẽtro de su ciudad al Rey Mõtezuma, y solo con buena orden sugetó el Imperio Mexicano. Dauid, pues, aduertido, de poca gente haze mucha, y forma de solo vn soldado biẽ dispuesto vn exercito, y alcança con el lo q̃ suelẽ perder otros, por mala disposicion con muchos; q̃ estando vn Rey despierto para poder elegir, y disponer, lo dispone de tal suerte, q̃ cõ poca gẽte de cãpaña, salga en su fauor la victoria.

xxxxj. Tercera ponderacion. A la frente apunta Dauid el primer tiro, y derriba con èl al Filisteo:

Vers. 49. *Percussit Philisthæum in fronte* Heridas de cabeça malas son. Como han de estar los pies, si la cabeça està dañada? No fue desacertado el intento. De dolores de cabeça nacen los desastrados sucessos à todo el cuerpo del exercito. Estraño q̃ no tirasse al coraçon. Vn buẽ Principe tiene en su coraçõ à su exercito, y el golpe q̃ recibiera, fuera para destruirle todo. Reconozcole entendido, en q̃ no tirasse al lado, porq̃ siendo el achaque de q̃ adolescen ordinariamẽte los Principes, dolor de costado *Dolentes à latere*, dixo mi S. Ber. Bernardo, tratãdo de como fue la caida de Adan, por el lado de Eua; fiẽdo este su comun achaque, tirarle la muerte, fuera curarle la enfermedad. A la cabeça, pues, tira industrioso, y de la cabeça dà con la piedra en la frente. Siendo cabeça todo: porq̃ mas alli q̃ en otra parte? El cerebro donde assiste el juyzio, y el seso tiene su assiento, es la herida mas peligrosa; el juyzio le quiere dexar con libertad, y sin lesion alguna el seso? Parece no acertada determinaciõ, porq̃ si el juyzio està libre, y el seso sin achaque, podrà el gigante, aunq̃ estè herido, disponer con facilidad su vengança. Es assi, pero Dauid apunta aduertido, y dà el golpe venturoso; porq̃ la frente es la parte mas vezina de los ojos, y dandole en ella con la piedra, era forçoso turbarse la vista; estremeciendose los ojos con el golpe, o titubeando, salpicados los parpados con las gotas de la sangre, que de la herida brotauan. No importa, pues, que estè el gigante armado, ni que el juyzio se le

le quede viuo: tirele a la frente, que si esse golpe, por la cercana vezindad, puede turbarle la vista, aunque le quede el juyzio libre, para intentar la vengança, serà de Dauid la victoria, q̃ vn Principe q̃ pelea cõ turbacion en la vista, aunq̃ con mucho esfuerço pelee, y cõ armas ventajosas conquiste, mientras la vista no se aclara, escusando la vezindad, q̃ la turba, por mas diligencias que haga, y por mas juyzio q̃ tenga, no ha de tener sucesso bueno, ni se ha de ver victorioso.

xxxij. Criò Dios a Adan en el campo Damasceno, llevòle luego al Paraiso, hizole Rey de todo lo criado, dandole poder, para que mandasse, y dispusiesse sobre todas las criaturas del mũdo, a quien se las dio desde luego por vassallos: *Dominamini piscibus maris & volatilibus cæli, & vniuersis animantibus, quæ mouentur super terram.* Gen. 1. 28. Pero fue tan desdichado, que en breue perdio, por estar ciego, su Reyno, aunque abriò despues de auerle perdido los ojos: *Et aperti sunt oculi amborum.* Gen. 3. 7 Quitase e Dios, echale fuera del, y da ele a vn Cherubin, a quien haze Rey de aquella amena Monarquia, poniendole vna espada en la mano, para que pueda defenderla: *Eiecitque Adam, & collocauit ante Paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium, atque versatilem, ad custodiendam viam ligni vitæ.* Vers 24. El fuego, y la espada, armas ajustadas son para la defensa; pero el braço q̃ la tiene, no parece q̃ lo essa vn Serafin juzgàra mas apropositо, para gouernarla, porq̃ es todo amor, y el amor, todo poder: *Fortis est, vt mors dilectio*, dixo el Sabio. Cant. 8. 6.

Omnia vincit amor.

Dixo Virgilio. Aun poder ha menester essa espada. El Cherubin, por ser todo sciẽcia, es bueno para Maestro de Vniuersidades, no para Maestro de Armas. El Serafin, siendo por lo q̃ tiene de amor, todo poder, es bueno para defender Reynos. Desele, pues, el Reyno del paraiso a vn Serafin, q̃ tiene esfuerço para poderle conseruar: no se le quite por esso al Cherubin; q̃ poco importa a vn Reyno el poder, si le falta sabiduria para entender como se deue esse poder gouernar, es assi: Quiẽ es mejor para Rey, vn Serafin, q̃ es todo poder, ò vn Cherubin, q̃ es todo ciencia? es mejor el Cherubin: quan acertado anduuo Dios en hazerle Rey del paraiso: *collocauit ante paradisum voluptatis Cherubim.* El Serafin aunq̃ es bueno para rey, por lo que tiene de poderoso, no lo es, por ser todo enamorado. El amor tiene vna falta, con q̃ desluce todo el poder, la qual declarò Ouidio assi, Virg. Ec. 10. Ouid. Ep. 1. Heroi.

Quid deceat non videt vllus amans.

El

El amor es todo poder, mas aunq̃ tiene ojos para ver, nunca ve lo que le està bien, para esso tienes ojos, porq̃ nunca mira lo conueniente, ni endereza la vista a lo necessario. Assi, pues no sea rey el Serafin, que auiendo quitado Dios à Adan el reyno del Paraiso, por no tener ojos para ver lo cõueniente, si en su lugar quisiera otro, q̃ tuuiera el mismo achaque, quedauase el reyno en peligro de boluer a perderse; põga a vn Cherubin, q̃ sino puede ser maestro de armas, podrià serlo de desengaños, por lo que tiene de entendido: y vn rey delẽgañado, como obra abiertos los ojos sabrà defender, aunq̃ con menos poder, con buena disposicion su reyno, y salir de qualquier enemigo, q̃ se le quiera oponer victorioso.

xxxiij. Gran cosa es vn Principe delẽgañado, para el acierto de sus disinios; ò quãto le importa tener quien le hable con resolucion de Santo, y cõ claridad de amigo! Los Principes son Deidades del mundo, y aunq̃ tienen tanto de soberanos, como essa sobrania no passa los limites de humana, ella misma los enagena de lo q̃ passa en el mũdo. O Principes! q̃ viuis como Deidades, essentos de los sucessos q̃ en la vida acõtecen a los hombres, no podeis tener de ellos experiencia, porq̃ goza essas exempciones la Magestad; pero podeis tener conocimiento: este viene de la lealtad de los vassallos; sino son fieles, y desean el buen acierto de su Principe, con facilidad le engañan; porq̃ la sangre real de nadie puede presumir vileza, y mas siẽdo bien agradecido. No culpeis a vn Principe quãdo le vieredes afecto, q̃ no puede estar en èl todo el peso del gouierno; pero en nada le assegureis victorioso, mientras no le vieredes delengañado. Por si fuere en algunas partes necessario el desengaño q̃ Gildas, sapientissimo varon, dio en aquella desolacion tan vniuersal del reyno de Bretaña, pondrè aqui algunas razones de lo q̃ dize en difusos periodos, el qual lastimado de ver vna Monarquia, primera gala del mundo, hecha lastimoso ocaso: lẽtido de ver vn reyno, q̃ al son de sus beligeras trõpetas se tendian las mas presumidas naciones, sin reputaciõ, doloroso de ver despreciado lo q̃ era venerado de todos, a lo menos por temido: triste, lloroso, y afligido empieza de esta suerte el desengaño: *Iudices habet Britannia, sed impios; sæpe prædantes, & concutientes innocẽtes vindicantes & protegentes sed reos, & latrones; quam plurimas coniuges habentes sed scortantes, crebro iurantes, & periurantes vouentes & continuo prope modum mentientes, belligerantes,*

tes, sed ciuilia, & iniusta bella agentes, &c. Sepan todas las naciones del mundo la causa de la desolacion del poderoso Reyno de Bretaña, para que en èl se desengañen, y sepan las ocasiones, porque se assuelan los Reynos. Iuezes tiene, pero impios, crueles, que solo atienden a aumentar sus Erarios, enflaqueciendo las Republicas; no quierẽ a los reos para enmendarlos de sus vicios, sino para aprouecharse de sus haziendas. Ministros ay, pero adulteran los Oficios, haziendo vẽtas publicas de la justicia, por lo qual no es estimada, ni temida; pues el delinquẽte que tiene hazienda, nunca tiene culpa, y el inocente, que es pobre, siempre està lleno de delitos. Gente tiene de guerra, mas no pelean justificadamente, porque en el camino destrozan los lugares, y en el campo. Oficiales tiene, que gouiernen los exercitos, pero à los soldados les quitan el sustento q̃ les dà su Rey cuidadoso, y el dinero q̃ les paga agradecido. Los Templos estàn con puntualidad adornados, pero con profanas acciones destruydos. Reina la lasciuia, pues en publico se haze gala de deshonestidad; en secreto no ay lengua que lo pueda dezir. Hazienda tiene, pero se vale della, para la locura, no para la necessidad. Quanto miran al Reyno mas apretado, tanto menos caso hazen del peligro. Quieren remediar sus desordenes, y no tienen constancia en remediarlas. Hazen para poner termino a sus males, y empiezan por los pequeños, dexando en su fuerça, y vigor a los mayores. Y al fin quãdo muestra Dios mas la espada del rigor, tienen menos miedo a su poder, y le ofenden cõ mas soltura. O desdichado Reino! o lastimosa Monarchia! o Bretaña Bretaña, gloria en otros tiempos del mundo, ya tan desconocida de lo que fuiste, que solo eres admiracion del passagero que te mira! Ruego a Dios, que en ninguna parte sea necessario este desengaño; y si lo fuere, le pido que aproueche para bien de las Republicas, para sossiego de los Reynos, para quietud de las almas, para seguridad de las conciencias, para mayor hõra de Dios, para que le acertemos a seruir libres de las inquietudes del mundo, porque siruiendole de veras, le tengamos por nuestro, ẽ esta vida por gracia, y en la otra por gloria.

Ad quam, &c.

(:!:)

CON-

CONQVISTA DECIMA.

Para el Domingo quinto despues de la Epiphania.

Cùm autem creuisset herba, & fructum fecisset, tunc apparuerunt, & zizania. Matthei 13. 26.

EXORTACION.

GRande lastima, que sea la desdicha siempre para lo bueno! nunca se vio lo perfecto sin calumnia, ni a lo santo valio la inmunidad de la virtud, para verse exemto de emulos, y perseguido de contrarios. Oid el Euangelio, y en experiencia conocereis la doctrina. Salio vn hombre a sembrar vna heredad suya (escuchad la parabola, q̃ es vn dibuxo del Reino de los cielos) sembrò al fin, echó buena semilla, assi se coge buen fruto, lo demas es engaño. Ausentòse, dexando criados que la guardassen, si de confiado, imprudencia, si de satisfecho, atencion; quanto tiene de desacierto vna confiança no experimentada, tiene de prudencia la seguridad, auiendo conocimiento suficiente de la satisfacion: mas no pongamos achaques en lo que es todo misterio. Durmieronse los criados; poco aduertido sueño, siendo siempre lo peligroso lo bueno. Llegò en esta ocasion vn enemigo deste preuenido labrador; quien se librarà, viuiendo, de tenerlos? y como nunca duerme el que lo es, atento vio el el descuido con q̃ guardauan la heredad, y atreuido siembra sobre el trigo zizaña; braua miseria la de lo perfecto, que no pueda con ello auer descuido. Ausentòse, castigo es del mal intencionado: como puede quien siembra zizaña viuir entre las gentes? Si el mal no tuuiera de malo mas de no poder parecer en publico, por esso solo no se auia de cometer. Creciò el trigo, sin embargo de la mala compañia; mucho fue, aunque

que lo explendido de la luz antes luce con las tinieblas, que se apaga. Llegòse el tiempo del fruto, y conocióse la zizaña; no ay fiarse en el secreto, ni juzgar que no vè vn dormido, que al fin, al fin el trigo se conoce por trigo, y por zizaña la zizaña. Conocieron los criados el caso; que marauilla, si nada ay q̃ les oculte. Manifestaronlo al Padre de Familias, si el dezirlo no fue nouedad, lo fue no dezirlo fuera. Que os parece Señor? le dizen, buena semilla conuertida en zizania; sino es imposible, es dificultoso; es aísi, el sueño tuuo la culpa, con enemigos, nadie se descuide. Solicitan quitar la zizaña, y no le parece al soberano Padre conueniente. Crezca les dize, no se malogre el trigo, por quererle limpiar: q̃ de almas deue de auer, que en el mismo purificarse, se empeoran, y salen de vna confesion menos compungidas, quando se confiessan para arrancar la zizaña, por no quererla arrancar bien. Crezcan juntos, por si acaso la conuierte en trigo el trigo; tanto puede el exemplo de vn virtuoso, que a la misma malicia suele hazer buena. Crezcan, para que en el fruto se conozcan, y conocidas se juzguen, que sin conocimiento perfecto, el juizio, no puede ser abonado. Mandaré consumir a la zizaña en el fuego, por el mal fruto, y por el bueno entraré el trigo en mi casa, con que se acabò el caso del Euangelio. Aue Maria.

COMBATE I.

Cum autem creuisset herba, & fructum fecisset, tunc apparuerunt & zizania. *Vers.* 26.

En este mundo todo es hipocresía.

Num. I. MIserable termino el desta vida: corto saber el desta jornada, pues aũ no se sabe como se viue. Viue todo hõbre en este mundo, viue el bueno, viue el malo; pero tan confusa, y mezclada essa vida, que a vezes se tiene por bueno el malo, y se juzga por malo el bueno; braua miseria! q̃ el bien, y el mal ayan de estar en contingencia. Veis aqui aora el intento deducido. Luego es hipocrita el bien; luego es hipocrita el mal; pues el mal no es tenido por mal, ni es conocido el bien por bien: *Quisquis appetit videri quod non est, hypocrita est*, dixo S. Agustin. Todo dizfraz es hipocresía, porque es llano, no querer ser tenido por lo que es quien se disfraça, sino por lo que parece solo: luego parece hipocresía el bien, pues no repara en ser juzgado por mal, y viene à ser hipocresía el mal, pues quiere ser tenido por bien. *Aug. trat. de sermo. Dñi in monte.*

Entre-

II. Entremos en el Euangelio. Sembrò neguilla el enemigo en vna tierra recien sembrada de trigo, y aduierte el Sagrado Coronista, q̃ no se conociò la neguilla hasta que vino à lleuar fruto: *Cum autem creuisset herba, & fructum fecisset, tunc apparuerunt, & zizania.* Creciò el trigo, y la neguilla creciô; pero tan parecidos, que solo el fruto los pudo destinguir, q̃ fue lo que en otra ocasion dixo Christo: *A fructibus eorum cognoscetis eos.* Mat. 7. 16. Desuerte, que antes de lleuar fruto el trigo parecia neguilla, y la neguilla parecia trigo. No es mucho, porque esta tierra significa el mundo, la zizaña, y el trigo, los buenos, y malos que le pueblan: El lleuar fruto, denota el tiempo de la muerte, que alli se dà a cada vno el premio, ò castigo, segun el fruto que ha lleuado. Pues no dificulteis, en q̃ antes de morir, sean tenidos los vnos por los otros, q̃ en este mundo la zizaña, y el trigo, todo es hipocresia. Miẽtras se viue, ni las cosas son lo que parecen, ni parecen lo que son, todas son hipocresia; el Santo por ser Santo, y por ser pecador, el pecador; todos encubren lo q̃ son, y vienen à reduzirse las acciones humanas à dos generos de hipocresia, vna santa, que oculta virtudes, otra pecadora, q̃ esconde vicios.

III. Quando ayunaredes, (dize Christo a los suyos) no seais como los hypocritas tristes, que hazen en el rostro ceño, para q̃ parezca a quien le mirare, hambriento: *Cùm ieiunatis, nolite fieri sicut hypocritæ tristes.* Mat. 6. 16. Ayunad, pero no os prueis de aderezar el rostro: No comais, pero cõponed la cabeça: *Cùm ieiunas, vnge caput tuum, & faciem tuam laua.* Vnct. Tres cosas propone Christo, q̃ ayunen, q̃ se adereçen, y q̃ no sean hipocritas. Opuesto parece el mandato: si ayunan, porq̃ se aderezan? Y si se aderezan ayunando, como pueden dexar de ser hipocritas? Ser hipocrita, y no serlo, es implicacion, la hipocresia, en parecer diferẽte de lo q̃ es vna cosa consiste. Luego si vna alma está afligida, por estar mortificada, y se adereza como si estuuiera alegre, hipocrita es, pues parece lo que no es, y es aquello que no parece. No ayunar, y entristecer el rostro como que se ayuna, opuesto es al ayunar, y aderezar el rostro como que se come. Vna misma es, segun el Filosofo, la razon de los contrarios: *Contrariorum eadem est ratio.* Luego si es hipocresia lo vno, serà lo tambien lo otro. Assi es dize Chrysologo, y aun por serlo, quiza lo aconseja Christo: *Vult celare ieiunium habitu prudentis.* S. Petr. Chrysol. 7. No dize Christo que no sea hipocrita el virtuoso, sino q̃ no lo sea triste *sicut hypocritæ tristes.* No parezca

tezca mortificacion vuestra abstinencia, ni vuestro ayuno tenga visos de serlo. Disfrace el alegria essa afliccion, y vistase de comida esse ayuno, para q̃ desmienta el trage con esso, lo que la persona padece, que si en el mundo ay pecadores, q̃ para tener mas ocasion de serlo; se hazen hipocritas de vicios, cubriendolos con virtudes aparentes; en mi casa quiero q̃ los Santos, para que lo puedan ser mas a su satisfacion, sean hipocritas de virtudes, ocultando las que tienen de los ojos de los hombres. Y si los hipocritas del mũdo, estando alegres, se afligen, para parecer al mundo afligidos, los de mi casa han de ser hipocritas alegres, que teniendo afligida la carne, para dar mas vida al espiritu, no han de parecer en el rostro afligidos, sino alegres, porque puedan afligirse interiormente con mayor seguridad. Vienen luego a ser todos hipocritas; pero con diferẽcia. Vnos tristes para ocultar su alegria, otros alegres, y regozijados; siendo essa diligencia, solo para esconder su mortificacion.

IV. Puso Dios guarda en el Paraysо despues de la expulsion de Adan, lastimosa, si deuida à su inobediencia. No ay lastima como ver remision en la justicia; y aunque su execucion lastima, diuierte ver executado lo justo. Ausentôse Adan mas obediẽte, quizà por mas desdichado. Sale por la puerta del deleitoso sitio, y pone Dios en sus murallas vn Cherubin, q̃ entendido; y cuydadoso le guarde: *Collocauit ante Paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladiũ atque versatilem, ad custodiendam viam ligni vitæ.* Quedòse el Cherubin, y fuesse Adan, este cargado de miseria, aquel de dicha; vno con la azada en la mano, para cultiuar la tierra; otro con vna espada de fuego, para guardar el Paraiso. Era de tal calidad esta espada, que parecia espada, y no lo parecia; el fuego parecia espada, parecia fuego: Los resplandores de las llamas, vnas vezes haziã visos à llamas, otras los hazian à azero; porq̃ las llamas eran solo aparentes, como siente Teodoreto: *Non igitur gladius ille flammeus naturaliter igneus erat, sed visu talis*: y assi se mudauan de modo, que a la vista le parecia que via a las vezes fuego, y a las vezes via espada: Por lo qual leyeron los Setenta: *Et flammeam rompheam, quæ vertitur.* Dexemos la caida de Adan aora, y vamos al Cherubin. Que guarda el paraiso, no lo espanto, preuencion cuerda fue. Todo esse aliento ha menester vn Reyno, para defenderse de vn Rey, a quien se ha quitado su possession: pero que siendo la espada el instrumento con que ha de prohibir entrar en el Paraiso,

Genes. 3. 24.

Theod. q. 4 in. Genes.

Septuag.

raiso, sea espada dudosa, vnas vezes pareciendo espada, y otras aludiendo à fuego, es mucho de notar. La llama alũbra, la espada atemoriza. Quien viere à vn Cherubin puesto a la entrada del Paraiso, con vna espada q̃ atemoriza, y alumbra, ni sabrà si està puesto alli por guia, ò si està por amenaza. Lo mismo q̃ consuela, acobarda, y llega â ser materia de duda, lo q̃ afrige, y lo q̃ alegra. Todo ha de ser en vn Cherubin dudoso? Sin saber si guarda ò guia, sepase con certeza, quando es espada la espada, y quando el fuego fuego. Es dificil esse conocimiento tan claro. El Cherubin estaua en humana forma, como siente Oleastro. Assi, q̃ hombre parecia el Cherubin? pues no me espanta essa duda; no se sepa si es llama la llama, ò si la llama es azero: estè esso indeterminado, y confuso, q̃ assistiendo en humano traxe en el mũdo, aunq̃ sea vn Cherubin, ha de viuir en el disfraçado hipocrita a lo perfecto; sin q̃ se conozca claramente su intencion; antes pareciendo vnas vezes vno, otras otro; vnas azero, otras llama, vnas apacibilidad, otras rigor; q̃ si en el cielo es desusada esta costumbre, en la tierra es ordinaria; pues aca baxo, nada parece lo q̃ es, y todo es diuerso de aquello que parece.

Oleas. hic

Y. Manda Dios à Moyses, q̃ vaya por su Embaxador al Rey Faraon y viendose con cargo de tanta importancia, procura escusarse, juzgandose insuficiẽte. Seràlo sin duda, q̃ los q̃ no se juzgan aptos para los puestos, essos son mas a proposito para ellos. Vese obligado à obedecer; y pidiẽdole à Dios los despachos de la Legacia, le dize: Señor, con q̃ orden tengo de ponerme delãte de el Rey Faraon? Quien tengo de dezir que me embia? q̃ papeles tengo de exhibir? *Ego sũ qui sum*, le dize Dios. Yo soy el que soy, essos son los despachos q̃ has de dar: El q̃ es me embia por Embaxador à este Reino: *Qui est, misit me ad vos.* Procura escusar el cargo, juzgando no le auian de dar credito con aquellas letras a solas. Y dandole nueuos papeles Dios, le dize: Que tienes en essa mano? Vna vara Señor, le respõde. Manda q̃ la arroge en la tierra, y apenas toca en el suelo, quãdo oluidando su antiguo ser, se conuirtiò toda en culebra, *Versa est in colubrũ.* Atemorizase Moyses, huye temeroso de su fiereza, y dizele Dios: No temas, y para q̃ se te quite el miedo toma con la mano la serpiente. Tornò à tomarla, y boluiose en vara, *Versaque est in virgam.* Adelanta Dios las señales. Mãdale meter la mano en el pecho. Metela, y al salir sacòla llena de lepra, *protulit leprosam.* Buelue a meter en

Ex. 3. 14

Ex. 4. 3.

Vers. 4.

Vers. 6.

en el pecho essa mano, le dize. Hizelo, y al salir estaua sana, libre de la lepra, y semejante a la
Vers. 6. otra carne, *erat similis carni reliqua.* Mandale, vltimamẽte, q̃ saq̃ agua del rio q̃ là eche sobre la tierra, y obedeciendo, conoce q̃ se conuierte en sangre: *Quidquid*
Vers. 9. *hauseris de fluuio, vertetur in sanguinem.* Ya es tiempo que llegue la ponderacion. Que variedades son estas, Señor? se os oluida q̃ sois Dios inmutable? como os mostrais tan amigo de la mutabilidad? No parece ay cosa estable en lo q̃ dezis, todo es diferente, es assi verdad; pero no toca a Dios esso, sino a lo q̃ en el mundo passa. Pudo Moyses temer la embaxada, por auer de ir a vn Reyno donde Faraon era el todo poderoso, y pudo sospechar algũ estrago de su persona; y desengañale Dios, diziendo: Moyses, no temas, sabe q̃ es hipocresia quanto ay en el mũdo. La vara q̃ trae el Iuez, puede ser q̃ sea serpiente, quando parece vara, y q̃ en vez de hazer justicia, trate solo de tragar a los hombres, ó tragarse el dinero q̃ les quita: y el Iuez q̃ parece serpiente, y vibora, quizá será solamente vara, q̃ solo trata de hazer justicia; y assi el traer la vara en la mano, es hipocresia, pues vnas vezes parece vara, y es serpiente, otras parece serpiente y es vara. Las obras significadas en las manos, â vezes parecẽ semejantes al coraçon; pero si vn poco se escudriña, se halla lepra. Otras parece lepra, y miradas atentamente, son semejantes al coraçon; y assi todas las obras desta vida son hipocritas, pues vnas vezes parecẽ malas, y son buenas; otras parecẽ buenes, y son malas. Los hombres significados en las aguas, vnas vezes parecen claros en sus intentos, fieles en sus promessas, seguros en sus amistades, y si los apartan vn poco del rio, esto es, si los alejã vn poco de su interès, fenece la correspondencia, y suele cõuertirse en ira sangrienta lo q̃ se juzgaua verdadera amistad. Yo, al fin Moyses, soy solo el q̃ soy, *ego sum qui sum*, por q̃ soy lo q̃ parezco, y parezco lo q̃ soy: lo demas q̃ ay fuera de mi en el mundo, es hipocrita, mudable, inconstante, aparẽte, y assi no temas: vè de mi parte à Faraon, q̃ puede ser halles mansedumbre, donde temiste rigor; y donde mal tratamiento, buena acogida.

VI. Atiende Catholico mio a la doctrina que este combate te enseña, verás quan verdadera la hallas, sino es que ya la has experimentada. Ignoras que todo es apariencia? Sabes que en especial en estos siglos quanto se vsa son combates de apariencias, y con esso quieren rendir voluntades, y cumplir precisas obligaciones? No aduiertes quanto se gasta de

lengua, y quan poco se llega a la obra? Ya todo es dezir, no passa la amistad mayor del agrado comun; todo es fantastico, aparente, quanto en estos tiempos se vsa, porque no serán hipocritas, quando todo es diferente de lo que se dize, y opuesto a lo que se haze? Ya no ay hazer, todo es dezir, no ay en quien fiar, en cosas que no se sabe lo que son; no ha de poner vn prudente la confiança, en Dios si que es quien es, y q̃ no sabe mudarse, ni en èl cabe trasformacion: assegurasse en èl la confiança, para q̃ con esso se põga en parte segura el confiar.

COMBATE II.

Dñe, non ne bonum semen seminasti in agro tuo. Vnde ergo habet zizania? *Vers.* 27.

Confiança, y desconfiança tienen igual peligro.

VII. ADmiranse los criados de este misterioso Labrador del successo de la neguilla, y con admiracion, le hazen esta pregunta. *Dñe, nonne bonum semen seminasti in agro tuo? Vnde ergo habet zizania?* Señor, no echaste buena semilla en tu tierra? de donde le vino la zizaña? Poco atẽtos hazen esta pregũta; porq̃ no se acuerdã de su sueño; durmieronse, y de esso le vino al trigo la zizaña. Nadie, por justo q̃ sea, se duerma, ni confie en su virtud; y por muy pecador, nadie desconfie de su culpa, porque en el mejor trigo se siembra zizaña, y estando ambas semillas tan juntas, el trigo se puede cõuertir en neguilla, y la neguilla puede passar à ser trigo: el pecador puede ser santo, y el santo ser pecador, y assi, ni confie vno en su virtud, ni otro desconfie de su culpa.

VIII. Pecò Dauid, y sentido de auer perdido la amistad de Dios, por vn deleite tan breue, lloró siempre. O deleites del mundo! breues al gusto, y dilatados al pesar. Deseoso de su reparo, y satisfecho de la cõdicion de Dios, le dize dulce confiado: *Miserere mei Deus, secundum magnam misericordiam tuam.* Clemencia, Señor, clemencia ya conozco que pequé, baste el reconocimiento de mi culpa, para el dissimulo de mi yerro, grande es. Ingratitud despues de tantos beneficios, no puede ser pequeño delito, pero vuestra misericordia es mayor. El titulo deste Psalmo indicia diferente estado del q̃ tenia Dauid quando le hizo. El titulo dize assi: *Psalmus Dauid cũ venit ad eum Nathan Propheta, quando intrauit ad Bethsabee* Psalmo q̃ compuso Dauid quando Nathan Profeta vino à èl, amenazandole de parte de Dios por el pecado del adulterio. No parece el titulo ajustado. Esse delito no se perdonò ya? Si, aun- *Psal. 50.*

aunque tan grande, fue mas crecido el dolor, y con este no ay culpa q̃ no se remita. Segun esta liberalidad q̃ vsò Dios tá magnifico con Dauid, Hymno de alabanças auia de componer, y cantarle a su biẽhechor aplausos, con gratitudes auia de lisõgear à Dios, no con miserias, q̃ tener memoria solo de las culpas, teniendo certeza de q̃ estã perdonadas, òes poner duda en el perdon, ò representarse culpado, por no saber ser agradecido. Pero bien, dize Chrisost. bien haze Dauid en rezelarse de su culpa, sin embargo de saber q̃ ya està perdonada, no se oluide de ser reconocido por estar ya cõ certeza su delito derogado, y assi cante, mezclando entre gratitudines, miserias, *Miserere mei Deus.* Que es villania anticipar el agradecimiento, para oluidar despues el beneficio: Cãte su miseria, para q̃ de essa suerte a vn mismo tiẽpo se muestre agradecido, y culpado, q̃ si todo se diera a la contemplacion de la culpa, estaua a peligro la descõfiança, viendola de todas maneras grãde; si se oluidara de ella, y atendiera solo a ser agradecido, viẽdose tan presto como delinquẽte perdonado, peligrara en boluer cõ facilidad a caer, confiando mucho del perdon. Todo es peligros, pecar, õfiando mucho del perdõ, despues de auer pecado, desconfiar del remedio, juzgando grande la culpa. Es pues, agradezca el perdon, pero no se oluide del pecado, cante vn Psalmo, q̃ venga bien a vn Dauid justo y a vn Dauid pecador, para q̃, ni como justo confie en la facilidad del perdon, ni como pecador desespere de lo posible del remedio, sino q̃ tẽplando la confiança de la remissiõ, con la vista de la culpa, y la desconfiança de la culpa, cõ las atenciones de la remission, se hallen dos peligros iguales remediados; vno de quien cõfia demasiado, otro de quien demasiado desespera. Veislo aqui aora en Chrisost. *Iustus per negligentiam cadit. & peccator cum desperauerit perijt. Vtergo neque ille in ruina permaneat, neque ille in lapsibus decidat, vtriq; parti est vtilis decantatio Psalmi.* El justo cae demasiadamente confiado; el pecador desesperado suele perecer. Para remediar essos dos daños, repare el justo en que puede ser pecador, y el pecador, atienda à q̃ puede ser justo, y assi el Psalmo està bien compuesto porq̃ à todos aprouecha, al pecador, para que no desespere, al justo, para que mal no confie. *Chry ho. 1. in Ps. 50.*

IX. En agasajos de piedad, si en pronosticos de desdicha, llegò aq̃lla mager, ya fuerte, y varonil, si ante tan facilmente inconstante. Essos trueques sabe hazer la gracia, haziẽdo mura-

lla fuerte de la misma instabilidad Murmura el Dicipulo inaduertido, quizà por no verse aprouechado, porq̃ a vn animo codicioso, nada le parece bien, sino lo q̃ le trae alguna vtilidad. Censura las acciones ajustadas, y apartase luego de la cõpañia de Christo, para ir a tratar cõ los Principes de los Sacerdotes su entrega: *Tunc abijt vnus de duodecim.* Entonces saliò vno de los doze Discipulos à entregar a su Maestro. Ponderando Chrysostomo aquel *Tunc*, dize: *Nõ enim simpliciter abijt, sed addidit, & tunc.* No dixo absolutamente el Euangelista, saliò el Discipulo, sino q̃ añadiò, Entonces. A q̃ haze esso relacion? A que vn poco antes que saliesse Iudas à entregar a Christo, entrò Madalena a vngirle: *Quid igitur tunc est: Ante traditionis horam accessit meretrix.* Quien es Iudas? Vn Discipulo de Christo, escogido para piedra fundamental de su Iglesia. Y Madalena? Vna publica pecadora. Para que, pues, essa aduertencia? Entonces ha de salir vn Discipulo à ofender, quando Madalena entra a seruir? No fuera mejor diuidir essas acciones de suerte, q̃ en vna ocasion entrasse Madalena, y en otra saliesse el Discipulo? Esso, ó es quitar la jurisdicion al gusto, ó no dar licencia a que llegue el pesar. En las ofensas de Discipulo, no se escuse el vno, ni en los agasajos de Madalena el otro; y siendo a vn mismo tiẽpo, puede quexarse el gusto, y se puede sentir el pesar: Pues diuirtiendose lo vno con lo otro, ni se puede sentir bien del dolor, ni satisfacer el alegria. Pero fue Preuenida diligencia del Euangelista la mezcla de essas dos acciones: Sale vn santo escogido por Dios para su amigo, para ser pecador, quando el que ha sido pecador, entra para ser mas santo; para dar a entender cõ este ausentarse de Christo Iudas, y con este acercarse à el Madalena, que peligran igualmente, la confiança en la virtud, y la desconfiança en el vicio, pues vemos, q̃ el mas santo puede ser pecador, y el mas pecador puede llegar a ser santo: *Non ergo, videndo meretricem de tua liberatione desperes; sed & Iudam cogitando non debes esse securus. Vtrumque enim periculosum est & confidentia, & desperatio.* Nadie se assegure en la santidad, ni desconfie en la culpa, ponga los ojos en vn santo caido, y en vna pecadora lebãtada; assi conocerà, como ẽ ambas ocasiones ay riesgo: *Vtrũque periculosum est, & confidẽtia, & desperatio.* Desesperar en la miseria de la culpa, confiar en lo perfecto de la virtud, igualmente daña. Assi pues entre Madalena à seruir à Christo, quando se aparta Iudas de su compañia para ofenderle: veanse en vna misma

Mat. 16. 14.

Chry. ho. de prodit. Iuda.

ma ocasion vn pecador hecho santo, y vn santo conuertido en pecador, para que conociendo la igualdad con que peligran, la confiança, y la desconfiança, ni se confie en la santidad, ni se desespere de la culpa.

X. Seis alas tenian aquellos Serafines de Isaias, *sex ale vni, & sex ale alteri.* S. Buenauētura entiēde en estos Serafines los fieles, en las alas las virtudes, y dize: q̄ entre otras, seis son las q̄ han de tener con eminēcia, significada en las seis alas del Serafin, que son: *Confessio, satisfactio, carnis munditia, puritas mentis, dilectio proximi, dilectio Dei.* Confession, satisfacion, limpieza de carne, pureza de entendimiēto, amor de Dios, y amor del proximo. Esto supuesto, bolauan cō vnas alas los Serafines, y cubrian con otras a Dios. La quietud no estraño, auiendo llegado à Dios vn alma; ni el desassosiego, admiro: estan algunas tan mal pagadas de si, q̄ aun estando con Dios, les parece no le merecen; y assi hazen mas diligencia para merecerle mas. Que vn alma estando con Dios este quieta, y desassosegada, bullicioſa, y detenida, essos es en lo q̄ reparo. Si estos Serafines son los fieles, si estas alas las virtudes, para q̄ quietas, y desassosegadas? virtudes quietas sin obrar, y virtudes inquietas obrādo, para q̄ son? Mas ò diligencia ingeniosa! Estar vn alma en presencia de Dios con las virtudes quietas, sin obrar cō ellas algo, es demasiada la confiança. Estar siempre con las virtudes bullicioſa, y desassosegada, sin atreuerse à tener vn poco de quietud, para contemplar en aquella Magestad, es poco confiar. No sube a la quietud de la contemplacion, quien no dexa el bullicio; ni puede llegar a lo feruoroso del seruir, quiē no ha llegado a la quietud del cōtemplar; desuerte, q̄ la quietud por demasiadamente cōfiada; la inquietud, por no atreuerse a confiar, padecen euidente riesgo, la vna de no merecer, y la otra de no gozar; que remedio para la seguridad de quien estā à pique de perder lo merecido, ò de no gozar lo grangeado? *duabus uolabant, & duabus velabant* Buele el alma con las alas de la perfeccion, siruiendole de vna pluma cada virtud, pero de tal suerte, q̄ bolando virtuosa, se estè virtuosa queda; que si el continuo buelo puede impedir el gozar de Dios cō quietud, y la continua quietud esta en contingencia de no aumētar el merecer juntandose la vna con la otra, ni la inquietud tendrà peligros de descōfiança, ni el sossiego de mucho cōfiar.

S. Bonau. in fin. to. 2. lib de sex alis Seraph.

XI. Ingenioso es el hombre que espera desconfiando, porque es hijo de vna humildad ingenio-

sa el prudente desconfiado: entendido es el q̃ quando desconfia espera, q̃ no ha de ser tan desconfiada la desconfiança, q̃ no le queden alientos a quien desconfia, para esperar: espere quiẽ desconfia, desconfie quien espera, para q̃ de essa suerte, el esperar sea acertado, y el desconfiar tambien. Oid à Seneca, q̃ suyo es el sentimiento. *Si sapis alterum alteri misceas, nec speraueris sine desperatione, nec desperaueris sine spe* Esperar sin desconfiança, es demasiada presuncion: desconfiar sin esperança, es desesperacion conocida; de suerte, q̃ assi el desconfiar a solas, como tambiẽ el esperar, tienen sus peligros conocidos, vno de desesperar, y otro de demasiado presumir. Espere, pues, dize Seneca, y biẽ; espere el entẽdido quando desconfia, y desconfie quando espera, que si ay en ambas partes peligro, juntandolas, tendran vna con la otra aliuio.

Sen lib. 1 Ep. Epist. 103.

XII. Ordinarios son estos dos cõbates, de confiados, y descõfiados ay muchos exercitos en el mundo: son los tiros de confiar, y descõfiar muy ordinarios, assi en los que viuen segun las leyes del mundo, como en los que se procuran ajustar a las de Dios. El riesgo de estos combates, es conocido: el remedio es, IX. que no espere el Santo a solas, ni desespere el pecador. Quando desconfia este por su culpa, espere en Dios, por su misericordia; y quando el justo confiare, desconfie de si, y confie solo en la bondad de Dios, para que con esso, ni el confiar pueda dañar al vno, ni al otro el desconfiar.

COMBATE III.

Non: ne forte colligentes zizania, eradicetis cum eis simul & triticum. *Vers.* 29.

Por fauorecer Dios à vn justo, fauorecerà à vn pecador.

XIII. PAreciò conueniente a los criados quitar la zizaña, piden licencia, y no se la dan: Nõ: *ne forte colligentes zizania, eradicetis cum eis simul & triticum.* Dexad estar la neguilla, no sea que arranqueis el trigo, por arrancarla. Que dezis, Señor? La neguilla ha de estar con el trigo? Si, porq̃ si se arranca, no se arranque el trigo con ella, que solo el peligro de malograrse vn justo, le haze à Dios fauorecer a vn pecador.

XIV. No se contentò aquel impio Rey con vsurparle á Dios la adoracion, sino con executar rigores en quien no se la daua como a diuino. O ambicion humana! que hasta el mismo Dios quieres inferior a ti. Mandò, porque no se la dieron, entrar en el horno à aquellos tres niños,

ños, varones ya en la resistencia, y perfectos en el valor. Ardia el fuego, pero antes agasajaua, que abrasaua al inocente. Lucia, no quemaua: alumbraua, no consumia; tales trueques sabe hazer lo mas indomito, con vna inocencia perseguida. Perseguidos se vieron, pero no abrasados, y si abrasados con mas amor de Dios, no con mas fuego. O fuego! y quã justificadamẽte procedes, pues lisongeas inocentes, y sabes cõsumir culpados. No es esto lo admirable. Llegò Nabucodonosor al horno, y hallò hecho palacio Real la carcel, seguridad del suplicio, contento de los lances del pesar, vida de los terminos de muerte, y lo que mas es, a Dios entre el inocẽte rebaño: *Video quatuor viros solutos, & species quarti similis filio Dei.* Que es esto, Señor, dize Chrisost. no acabo de entender vuestra cõdicion, de vn Rey sacrilego os dexais ver? no es vuestro enemigo, y soberuio os quiere igualar en la adoracion? porque le aueis de igualar a vna inocencia? que esse gremio santo os vea, q̃ experimente vuestro fauor en el peligro, deuido es a la estimacion que haze de vuestro nombre. Vn pecador ha de gozar los beneficios q̃ vn santo? y ha de llegar culpado vn Rey, a la dicha, q̃ vn inocente? Si, dize Chrisost. entendido; porq̃ se libre la inocencia, se dexa Dios ver de la malicia; pudiera irritarse mas el Rey tirano, viẽdo inobediente al fuego, y juzgar diligencia supersticiosa, lo q̃ solo era solicitud de Dios, como en otros santos se ha experimentado, que a mayores marauillas inuentauan los tiranos tormẽtos mas exquisitos, con q̃ el fauor de la libertad del fuego, se les conuertia en mayor daño, pues podiã perder la vida en otro genero de tormẽto. Que remedio, para que este fauor no se deshaga? Dexese ver Dios de vn sacrilego Rey, porq̃ viendole, no ponga duda en que es el dueño de aquellas marauillas, y el autor de aquellos prodigios, q̃ si el dexarse ver Dios, es el fauor q̃ puede hazer su Mageſtad mas crecido, por conseruar el beneficio q̃ ha hecho a vn inocẽte, se dexarà ver de vn Rey sacrilego, y pecador. Dize la boca de oro assi: *Adest tibi amica maiestas, vt innocentia liberetur. Patitur se Deus cum pueris in supplicio numerari, & potest Dominum videre sacrilegus.* Ver vn sacrilego a Dios, es fauor, y es seguridad: para el sacrilego fauor, para el inocente seguridad; y aunque es assi, no se haze la seguridad por el fauor, sino al contrario, el fauor por la seguridad: no es esse fauor merecido, pero hazele Dios siempre cõ cuidado, para que se conozca, q̃ estima

Dan. 3. 92.

Chry. ho. de trib. puer.

de

de tal suerte a los suyos, q̃ solo por no diminuirles los bienes, haze a los pecadores beneficios.

XV. El Rey Profeta tratando de la humanissima condicion de nuestro Dios, atendiendo à quan sin exceptuar a nadie se comunica vniuersalmente, sin q̃ ninguno dexe de tener en sus resplandecientes resplãdores parte: llegando a indiuiduar lo q̃ en tanta magestad tiene el justo, y lo q̃ tiene el pecador, lo declara desta suerte: *oculi Dñi super iustos. Vultus autem Dñi super facientes mala.* En la distribucion de la Magestad diuina, los justos se lleuan los ojos; y el rostro, los pecadores. Bien dispuesto, porq̃ los ojos son lo mas lucido del rostro, y aunq̃ en el de Dios no ay esse achaque, porq̃ todo es lucimiento: fue declarar en esse estilo, como lo mas de Dios es para el justo: el pecador no tiene en èl tanta parte. Estè bien; empecemos aora nuestra duda. Los ojos de Dios sõ del justo, y el rostro del pecador. Desden es esse aueriguado. Los ojos de Dios buenos son, pero para el justo poco: dar los ojos, y negar el rostro, es desaire, no fineza: aunq̃ vn alma pueda mirarse en los ojos de Dios, si le quitan el rostro, no queda satisfecha, por q̃ le falta la vista de su hermosura, y priuar al justo de belleza tan diuina, es conocido disfauor: q̃ à vn pecador le quiten los ojos, y le dẽ solo el semblãte, es muy justo, q̃ los ojos de Dios son del justo, y no se le hã de quitar, para darselos al pecador. Este es conocido inconueniẽte, pero imposible diuision. Los ojos, y el rostro siẽpre andan jũtos, los ojos siguẽ al rostro, y el rostro sigue a los ojos, de suerte q̃ no puede estar lo vno sin lo otro: luego quando Dios mira al justo, quita el rostro al pecador; y quando buelue el rostro al pecador, quita los ojos al justo, porq̃ ojos, y rostro siẽpre andan jũtos, y donde và lo vno, và lo otro. Es assi. Quitar, pues, el rostro al pecador, no desdize; priuar de los ojos al justo, es disfauor. Como ha de ser esto? q̃ vn justo queda desfauorecido siẽpre: si Dios le mira, le quita el rostro; si mira al pecador, le quita los ojos; como se ha de cõponer aquesto? Desta suerte. Si los ojos de Dios son del justo, *oculi Dñi super iustos.* y el rostro es del pecador: *Vultus autẽ Dñi super faciẽtes mala.* Es llano no querer el justo dar sus ojos al pecador, ni el pecador dar el rostro, q̃ es lo q̃ le cabe de Dios al justo. cõ lo qual el justo se viene a quedar sin el rostro, y sin los ojos el pecador. El remedio para no priuar a vn justo del rostro de Dios està biẽ claro; no priuar al pecador de los ojos; y aunq̃ mirar Dios cõ los suyos, es beneficio: fauorezca Dios al peca-

Psal. 33. 16. 17.

pecador con los ojos, que son propios del justo, por fauorecer al justo con el rostro, q̃ es propio del pecador: y pues rostro, y ojos son inseparables; si mira al justo, sea con el rostro, y los ojos; y si se buelue al pecador, tambien, que si pudo hallar aquella diuision, la diuersidad de meritos, el caudaloso affecto que Dios tiene a los justos, lo sabe disponer de suerte, que por fauorecer de todas maneras al justo, se resoluerà á fauorecer al pecador.

XVI. Peca Adan obligado, y fauorecido; de ingratitud, è inobediencia se compone su culpa. No es pequeño realce del delito, ingratitud sobre obligaciõ. Olvidó a su Dios, agradado de los alagos de vna muger: ofendiòle, y viendose Dios ofendido, por atajar mayores daños, viene luego juez à executar castigos, en quien poco antes auia depositado fauores. Que dolor! ver en tan breue deslucida vna hechura en quiẽ se remitò Dios tanto. Conuencele del delito, y empieça à castigarle. Entre otros castigos, vno fue echar su maldicion a la tierra, *Maledicta terra in opere tuo.* Que es esso, Señor, a la tierra maldecis? porque delito? ella no os ha ofendido, obediẽte ha sido à vuestras determinaciones, pues lleuò fruto a la primera palabra q̃ oyò vuestra: como sin tener la malicia de la culpa, le aplicais lo riguroso de la pena? padezca Adan, pues peco, y quede essenta la tierra por obediente: parece q̃ trocais las suertes; el culpado se queda libre, y el inocente castigado; echad essa maldicion à Adan, que mas parece beneficio, que pena, el quitarsela. Fauorecer a vn culpado, es remission, no castigo. Porque se ha de viciar assi la justicia, siendo el delito tan graue? Gran pensar en este pũto el de Barcesa. Verdad es, dize, q̃ Dios no quiso echarle la maldicion, y q̃ fue especial beneficio no echarsela, empero no fue por el tan crecido fauor; sino porque como era padre vniuersal del mundo, aunque pecador, tenia en si muchos hõbres, si mortales, santos, y especiales amigos de Dios, como eran, entre otros. Profetas, y Apostoles. Assi, pues no sea maldito Adan, aunq̃ lo merece su culpa, aduirtiendo, que para quitarle la maldicion, no atiende Dios a lo que tiene de culpado, sino a lo que dèl ha de proceder perfecto. Dos cosas mira Dios en Adan, la culpa, y la descendencia; la culpa, obligale a la maldicion; la sucesion al beneficio, y assi fauorezcale Dios, q̃ su condicion es tal, q̃ si le mira padre de justos, por fauorecerlos, fauorecerà à vn inobediente: *Quia ex Adamo* (dize Barcesa) *nascituri erant multi mortales*

Gen. 3. 17.

Mos Bar. coment. de Parad. c. 28.

tales probi iustique vt profeta; atque Apostoli ne per illum hi quoque execrabiles, atque detestabiles haberẽtur.
Si mal dize Dios à Adan, maldize en él à muchos justos, sino, parece remiso en la execucion de la justicia, de suerte, q̃ por vna parte peligra lo justo, por otra lo fauorable. Ea pues, dize Dios, no quiero maldecir a Adan, q̃ sino dexo de mirar en èl la culpa, miro tambien su descendencia, y pues soy dueño independente, quiero dispensar en essa pena, aunque sea en fauor de vn pecador, porque no tengan en ella mis amigos parte, no sea maldito el padre de vn santo, aunq̃ lo merezca por su delito, q̃ por fauorecer a vn justo, a la misma culpa sabrà Dios fauorecer.

XVII. Para todos es fauorable este cõbate, para justos, y para pecadores, aunq̃ a los pecadores les viene el biẽ por los justos. Bien aya Dios, que assi sabe acudir a sus amigos, que no solo los fauorece por si, sino q̃ a sus enemigos fauorece por ellos. Si el enemigo se beneficia solo por las atenciones q̃ se deuen a la amistad de vn escogido; para èl claro està que seran mas crecidos los fauores. Procure el Catolico cõbates de tanta dicha, q̃ si por solo vn respeto sabe dar à quien no lo merece dichas, mejor sabrà aumentarlas à quien se precia de su amistad.

COMBATE IV.

Sinite vtraque crescere. *Vers.* 30.

Es tan peligrosa vna mala compañia q̃ hasta el mismo Dios la escusa.

CRezcan juntos. Peligrosa XVIII.
junta de neguilla, y trigo, de justos, y pecadores: quàn peligroso es viuir vn bueno con mala compañia! solo el mãdarlo Dios puede assegurar à vn alma. Preuenido anda ẽ expressar essa permissiõ de la vida comun entre el trigo, y la zizaña; *Sinite vtraq; crescere*, q̃ menos que con vna disposicion diuina, no pueden viuir juntos sin peligro la malicia, y la bondad. XIX.

Sana Christo vn leproso, sin mas diligencia q̃ tocarle: *Tetigit eum dicens: Volo mundare.* Sana otro N. P. Eliseo, y àda en sanarle tan corto, q̃ aun no se determina a ver al enfermo, sino q̃ a su discipulo lo remite, embiandole con vn recado, en q̃ le dize vaya al Iordan, y q̃ se laue en èl siete vezes: *Vade, & lauare septies in Iordane, & recipiet sanitatem caro tua, atq; mundaberis.* Reparó Christo en la diferencia: Christo toca al leproso, y no le toca Eliseo; Christo vè, y habla al enfermo para darle salud; Eliseo, aũque se la dà, no le habla, ni le vè. Que diferencia es esta? vno toca, otro no toca; vno vè, y no vè otro; Eliseo sana sin tocar, y Christo sana tocando? mas vir-

4. Reg. 5. 10.

tud

tud parece tiene Eliseo, q̃ Christo. No aueis visto al mas relũbrante Planeta, quando lo lobrego de la noche tiene escura à la tierra, q̃ para ilustrarla con sus luzes, no le implica la distãcia, antes quanto mas anda, mas se ausenta de la tierra, y no la ilumina menos, para q̃ entiẽda, q̃ su presencia no haze falta para ilustrar, do le sobra el lucir? Y no reparais en vna lucecilla q̃ menguante de resplandores, para poder gozar de sus rayos, es necessario llegarse mui cerca a ella, siẽdo la careſtia de su luz, en el ausencia, mẽgua de su virtud? Pues assi Christo, y Eliseo, el vno parece Sol, q̃ no se apaga en la ausẽcia, sino q̃ aulente desata su virtud, y sin tocar, quita lepra: Christo, si luz toda diuina, parece q̃ està en menguante; pues es menester la cercania, para gozar de sus luzes, y sana lepra tocando. La suerte biẽ se conoce estar trocada, pues el Sol parece luz, y la luz parece Sol. No lo entendeis, dize Chrisostomo que el Sol haze como Sol, y obra como luz la luz. Atended a los rayos del Sol, y vereis quan sin mancilla tocan lo mas inmundo de la tierra, y la dexan illustrada, siendo testigo de su pureza, no contaminarse sus luzes en tan inmũdo cõtagio. Pues assi Christo, para q̃ se conozca Sol diuino, toca a vn leproso, y tocandole, le sana, sin q̃ por esso pueda empecerle lo asqueroso de la lepra. Eliseo, luz cõ virtud mas limitada, no se atreue a tocar lo inmundo, por no quedar cõtaminado. Christo es Dios, biẽ se conoce, pues puede llegarse a vn leproso tã cerca, sin q̃ la lepra se le pegue. Eliseo es hombre, y aunq̃ tan santo, no se resuelue, aũ a mirar vn leproso, tanto es el peligro de vna mala cõpañia, q̃ solo Dios puede determinarse à tenerla sin el peligro de ser inficionado: *Eliseus quidẽ* (dize Chrisost.) *mũdauit leprosum, & Christus mundauit leprosum. Ne ergo dicerent Iudæi, quid magnum fecit Christus? Hoc fecit, quod fecerat Eliseus. Sed ille quidem tangere ausus non fuit leprosum, ne contaminaretur: ille autem tetigit, & mundauit.* Igual fue la accion de Christo, y Eliseo, ambos sanan lepra, pero cõ esta diferencia, q̃ Christo sana como Dios, tocando sin rezelo, Eliseo se rezela como hõbre perfecto, y assi no toca, aunq̃ sana, q̃ esto de acõpañarse lo puro cõ lo inmũdo, sin rezelar riesgos, solo Dios es quien lo puede hazer. *Chry ho. 17. de Cananea*

XX. Mueue vna question Pedro Celẽse sobre aquellas palabras q̃ dixo Christo tratando del Angel primero: *Ille homicida erat ab initio, & in veritate non stetit.* No tuuo consistencia Luzbel, no estuuo en la verdad, desde el principio fue homicida. La question es esta. Puesto q̃ fue homicida *Ioan. 8. 44.*

cida tan luego, y pecador, tan recien nacido, huuo alguna distancia entre la creació del Angel, y su caida? Trae diuersas opiniones, q̃ tienen su lugar en la Catedra, no puedo, sin embargo, dexar de põderar la q̃ èl sigue: *Aliqui* (dize el Abad) *etiam fuisse moram dicunt inter creationẽ, & lapsum, & quod in illa breuitate temporis, omnes boni erant; non per vsum liberi arbitrij, sed per creationis beneficium.* Crio Dios al Angel, pero no luego cayò, distancia huuo, aunq̃ breue, de vn instante, ó operació, entre la creació, y la caida, y en essa dilació todos los Angeles eran buenos, assi los q̃ se quedarõ como los q̃ miserablemẽte cayeron; pero esta bondad q̃ tenia el espiritu recien criado, no nacia del vso del libre aluedrio sin gracia, sino del beneficio de la creació: criò los Dios à todos buenos, en gracia habitual, porq̃ la primera vez q̃ el pinzel de la diuinidad dibujò aliẽtos de espiritus, perfectissimos auian de ser. Esta es la opinion, ella supuesta, pregunto: Si los Angeles eran tan buenos, si remedos de la diuinidad, de donde les vino su desdicha? el mundo estaua por criar; de lo criado, solo auia criaturas capaces de razon, Angeles, de lo increado Dios; Dios por su misma esẽcia es santo, el Angel es bueno; por el beneficio de la creacion; pues dõde todo es bondad, como cupo la malicia? q̃ resquicio huuo para que entrassen cõbates de culpas cõ tanto valor, q̃ venciessen Angeles, estando tan fortificados cõ murallas de perfeccion? Quan bien lo aduirtiò el Celẽse. Dos cosas tenian los Angeles, naturaleza, y voluntad, la naturaleza era buena, la voluntad saliò mala; viuian juntos en vn sugeto voluntad, y naturaleza, es verdad, q̃ la naturaleza era buena, pero mal acõpañada. Ea pues, caigan en la culpa, y caigan tãbien del cielo, q̃ siendo incontrastable la muralla de la Angelica naturaleza tuuo tanto poder el cõbate de vna mala cõpañia, q̃ la vino à derribar: *Hæc verior est sentẽtia* (prosigue èl Celense) *quia naturam Angelorũ bonam fecit Deus, nec naturam sed voluntatem malam puniendam fuisse credendum est; nisi, quia & propter voluntatem malam, bona aliquando punitur natura.* No ay resistencia para el poder de vna mala cõpañia, quando la naturaleza de vn Angel no tuuo valor para librarse dèl, siendo de tantos quilates, y en todo tan perfecta, solo por vn mal lado se inficiona, y viene à padecer como mala, no porque le falta la bõdad natural, sino porq̃ està con vna mala compañia.

Pet. Cell. lib. 1. exp. Mos. reb.

Chry. ho. 17. de Cananea

XX.

Ioan. 8.

Estaua el Serafico linage assistiendo a la magestad de Dios, exercicio antiguo suyo, aunque en

XXI.

Isai. 5.

en la noticia del hõbre moderno pues en esta ocasion se estreñò su conocimiẽto. Viò desde el trono, en dõde fauorecido assistia a Isaias, oyò sus q̃xas lastimosas, y cõpadecido de sus cuitas, por lo q̃ tiene de amãte; toma con vnas tenazas vn asqua de vn brasero, q̃ estaua en el altar, y purifica cõ ella los labios al Profeta: *Volauit ad me, vnus de Seraphim, & in manu eius calculus, quẽ forcipe tulerat de altari, & tetigit os meũ.* Toco los labios à Isaias, pero cõ el asqua; el asqua estaua en las tenazas, las tenazas en la mano, de suerte, q̃ ẽtre los labios del Profeta, y las manos del Serafin mediauã las tenazas, y el asqua. O q̃ Serafin tan medroso! el asqua le atemoriza; no tiene porq̃ temer, q̃ no se le abrasarà la mano; el fuego al fuego no ofende, q̃ mas incẽdio q̃ el suyo? toque cõ su mano al Profeta, q̃ el ardor del fuego no es mas q̃ el de vn Serafin: toquele, q̃ si llegarle cõ el asqua, es para abrasarle, q̃ mas asqua q̃ su mano? ella sola le abrasarà, es, como se dize, la verdad, porq̃ el Serafin es vn ardẽtissimo incendio. Mas, ò preuenida diligẽcia, el no tocarle! estaua el profeta dãdo voces, y diziẽdo: Yo tẽgo los labios impuros, no por mi sino por la cõpañia de ũ pueblo, q̃ los tiene sucios, porq̃ no cuida de limpiarselos: *Vir pollutus labijs ego sũ & in medio populi pollutã labia habẽtis ego habito.* Assi dize el Serafin: Labios sin pureza tiene Isaias porq̃ trata con vn pueblo q̃ tiene labios sin ella? pues no quiero tocar los suyos, q̃ si à vn Profeta daña vna mala cõpañia, tãbien podrà alcãçar algo de esse cõtagio à vn Serafin, no quiero tocar inmediatamẽte labios impuros, q̃ si mi mano es ardor, y el fuego cõsume lo q̃ toca, es peligroso tocar lo q̃ no està puro. Ni el asqua toma el Serafin ẽ las manos, no de puro temeroso, sino de puro rezelado, porq̃ llegãdo tan cerca de los labios à buelta del asqua, era contingẽte llegar cõ la mano à ellos; todo es pureza el Serafin, y rezela atẽto llegarse a los labios de vn Profeta, solo porq̃ oye dezir q̃ tienẽ mãcha. Tanta es la fuerça de vna mala cõpañia, q̃ à vn Serafin le haze titubear, y no se acaba de resoluer à tocar lo q̃ es inmundo.

Isai. 6. 6.

Isai. 5.

Quiere Dios hazer Profeta à Ieremias, notificale su dicha, dale noticia de quan acertada ha sido su elecciõ, pues antes de hazerla, le conoce, porq̃ le ha examinado su atẽcion, y aprobado su prudencia. Diò à entender el soberano Principe cõ estilos humanos lo q̃ el hombre deue hazer viendose en dignidad, para elegir sugetos idoneos, y aptos para exercer el ministerio à que son elegidos. Escusase el Profeta de serlo. Grã principio de subir, no querer el puesto. Al fin le

XXII.

asse-

assegura Dios sus rezelos, y para hazerlo, el mismo le toca cõ su diuina mano los labios: *Misit* Ierem. 1. 9. *Dñs manum suam, & tetigit os meũ.* La misma diligencia hizo con Isaias, sino para elegirle nuevamente en Profeta, para embiarle alomenos à diuersas naciones de su parte; pero en vez de tocarle cõ sus manos los labios, como lo hizo con Ieremias, lo remite a diligencias de vn Serafin: *Volauit ad me vnus de Seraphim,* Isai. 6, 7. *& in manu eius calculus, quem forcipe tulerat de altari & tetigit os meũ.* La dificultad ya està euidente. En vna parte toca Dios, y en otra parte no toca; porq̃ es essa diferẽcia? Los Profetas sõ iguales, amigos de Dios, escogidos de su mano; la mano de Dios, vna, inmutable, eẽta de todo riesgo. Llegue, pues, de vna suerte a los dos Profetas, no se escuse, ni los fauores sean diferẽtes siendo los meritos iguales: el ministerio para q̃ son elegidos, es vno, los labios, hã de ser instrumentos de su obediẽcia, en ambas partes son cõ igualdad necessarias razones, y razones q̃ sean de Dios todas. Pues siendo assi, como Dios estiẽde la mano para tocar labios a vn Profeta, y remite a vn Serafin, q̃ toque los de otro? No veis la diferencia? Los labios de Ieremias estauan puros, y limpios, no tenian mancilla, de inocencia era su falta, pues lo poco q̃ teniã de verboso, los pocos años lo hazian: *Ecce nescio loqui quia puer ego* Vers 6. *sum.* Los de Isaias estauã sin pureza, y cõ mancha: *Vir pollutus la-* Isai. 6. *bijs ego sum.* Ea, pues, dize Dios, sepa el hõbre lo q̃ peligra en vna mala cõpañia, pues aun yo me escuso de tenerla. Con Ieremias me acõpaño, cõ Isaias, me escuso, y aunq̃ son Profetas entrãbos, para ſũtarme con ellos, no miro a la Profecia, sino a la limpieza, lo limpio me lleua tras si las manos, y el afecto; de si me aparta lo inmundo, q̃ mi mano, aunq̃ por lo q̃ tiene de diuina, està essenta del cõtagio, podra significar al hõbre el peligro, rehuso llegar adõde le puede auer.

Peligro conocido, y daño muy XXIII. euidẽte es, el de vna compañia no ajustada, nadie en ella puede tener seguridad, y assi para no multiplicar desaciertos, el medio mas acertado es, q̃ el bueno trate conel bueno, y q̃ trate cõ el malo el malo. Assi Seneca hablando con Lucilo: *Hoc est salu-* Senec. *tare, non conuersari cum dissimilibus,* Ep. Epist. *& diuersa cupientibus.* La dissimili- 31. tud de las costũbres no es aproposito para hazer comun estancia, los diuersos deseos no son para vnidos, impidẽ por lo menos la virtud, sino la estragan. Toman de la virtud el trabajo, y tienen de la malicia con quiẽ se juntan el castigo: vna virtud mal acompañada, todo júto lo tiene, porq̃ el ser bueno, cuesta

tormento,

tormento, y cuesta el ser malo castigo; y assi tiene lo penoso de la virtud, y lo trabajoso del vicio, de la virtud, el afan con q̃ se alcança, del vicio, la pena con que se castiga.

XXIV. Quan dañosos combates son los q̃ haze el mal al bien, y mas sino los resiste. El daño no està en ser combatido, sino en ser auassallado. El mal quando persigue al bien, si se muestra constante, le causa lucimientos, los deslores sõ para èl, pues se queda con el atreuimiẽto, y queda rechazado, antes q̃ glorioso. Pero ay del bueno, q̃ viendose cõbatido con malos lados los agasaja, no los sacude, los lisongea, no los repudia, los agrada, no los despide, amistad quiere con ellos, de su cõpañia gusta, y assi puede tener por cierta su perdida, porq̃ no ay donde mas se estrague la bondad, q̃ con la compañia de la malicia.

COMBATE V.

Vsque ad messem. *Vers.* 30.

Males q̃ tienen fin, no han de sentirse.

XXV. EL sentimiento mayor de vn bueno, es estar mal acõpañado, aprieta mas el dolor a quien le sabe sentir, quãto mas inescusable le es la compañia, y estando lado à lado, como sucede a la neguilla, y al trigo, sin poder este escusar la vista de aquella, antes habitando en vna misma tierra, es el mas crecido mal q̃ à vn justo le puede acaecer, en esta afliccion solo le queda vn consuelo, q̃ essa junta no es perpetua, sino q̃ viene a tener fin, *vsque ad messem.* En llegando al tiempo de su sazon el trigo, se quedarà solo, y le quitaràn la carga de su pesada compañia. Mucho alibia à vna desdicha la noticia de q̃ se ha de acabar.

XXVI. Del Sol primer regente del dia, trataua San Zenon Obispo de Verona, y Martir, quando en lisonja del valor con q̃ camina tan ossado a su muerte, siendo el mismo homicida de sus rayos, quizà porque no se diga, q̃ tanto Señor fenece a otras manos q̃ a las suyas, dixo assi elegante, y entendido: *Nec tamen instantis finis sorte terretur, suos vt repigret cursus: vt horas, ac momenta producat: vt saltem paulo diutius diei sui demoretur in vita.* Nace el Sol, y apenas abre los ojos, quando vè su sepulcro, mirase mortal al nacer, y viendo, que si camina, es su muerte, no se atemoriza con el horror del morir, ni por esso se detiene en su curso; antes repite su esplendor luciente, siendo su mouimiento indicio de las horas con q̃ el tiẽpo se distingue, solicita su ocaso, no pretende alargar la vida, por dilatar los paços al morir. El fenecerse en tan obscura noche, no le aflige, le alienta, y hallan-

S. Zen. Epis. ser. de Resur.

do las priessas de escurecerse, en las diligencias del lucir, sin descaecer, procura siẽpre bizarro lucimientos. Gran dezir de Zenon! El Sol solicita su muerte? el mismo se và à morir? el sepulcro de la noche no le assombra? la sombra palida, q̃ sirue de luto a sus luzes, no haze titubear sus resplãdores? singular valor: morirse lo lucido, y no sentirlo, cõcluirse lo grande, y no llorarlo. No estreñeis esse animo (dize el Profeta Rey) q̃ aunq̃ tiene mucho de aliento salir a la campaña de esse pauellon azul en desafio con la muerte, el no temerla, mas es conocimiento, q̃ valor: *Sol cognouit occasum suum.*

Ps. 103. Conoce el Sol su muerte, sabe q̃ no es perpetua, q̃ se acaba cada dia, y q̃ el morir, se buelue a conuertir en nacer. Assi, q̃ esse conocimiento tiene? pues que mucho q̃ no la tema, y q̃ gallardo haga donayre del morir, solicitando con sus passos su muerte, si las sombras q̃ le sepultã, se acaban, y su muerte tiene fin? Muerte q̃ ha de conuertirse en vida, porq̃ ha de sentirse, sombras q̃ han de boluerse en resplandores no han de afligir, camine el Sol a su Ocaso, sin detenerse en el Oriente, pues sabe, q̃ su Ocaso se acaba, y que si sus luzes mueren con la noche, muere la noche con sus luzes.

Oidme otra vez el ingenio de-

X. viij. ste Padre. Retirase Christo nuestro bien a la soledad, quando la multitud populosa de Ierusalen tremolaua el Estandarte de su Passiõ, fuesse à vn huerto distante de lo comũ, ò fuesse preuencion para despedirse de la vida esse retiro, ò diligẽcia, por prepararse, para llegar a la muerte. Ponese en oracion, y atendiendo al cõbate q̃ a su vida le amenazaua tan proximo, y los tiros tan fuertes con q̃ la auian de batir en el breue termino q̃ le quedaua lastimado, y afligido, desahoga con estas razones el pecho: *Tristis est anima mea vsq; ad mortem.* Matt. 26. 34. Afligido estoy hasta morir, triste me hallo hasta la muerte. No es mucho entre las imaginaciones de vna muerte tan penosa este sentimiento, deuido es. No detengamos en esso el discurso, q̃ morir vna inocente magestad, hasta el mismo Dios lo siente. Oygamos, para hazer el reparo, la exposicion q̃ dá S. Zenon à estas palabras: *Tristis est anima mea. Quod dictum,* dize Zenon *non tam timentis, quã exultantis ac docentis.* S. Zen. Ver. ser. de Resur. Trocò las razones Christo, y dixo: Que estaua triste, por dezir q̃ estaua alegre; maestro es, q̃ a la vista de tanto dolor, enseña aficiones, no disgustos, alegrias, no tristezas: Triste estoy, dize, y es dezir, estoy alegre, *exultantis.* El ingenio aflige exposicion tan singular, pues parece se opone a la misma letra del Texto, y assi gime

el

el ingenio para salir deste exponer con viueza. Tristeza q̃ alegra quien la viò? Alegria q̃ entristece, donde assiste? Que se aflija Christo cõbatido de males, pidelo la ocasiõ: q̃ essa afliccion le sirua de alegria, la razon lo estraña: alegrarse con la tristeza, es accion singular: regozijarse en la aflicion, es poco vsado: Como es posible, nacer el alegria de lo mismo q̃ es su muerte? Afligir el mal, es comũ: entristecer la desdicha, es ordinario: pero hallar en el mismo mal materia de gusto, y en la tristeza, motiuo de alegria, siendo la enfermedad medicina de si mismo, y quitãdo el achaque al achaque es nunca vista nouedad, sino es en las calenturas de amor, donde el padecer suele ser aliuio de quien ama. En Christo biẽ lo pudieramos aplicar por este camino, pues sus penas nacen todas de amor; pero otro norte es el q̃ sigo. Alegrase Christo en la tristeza, diuiertese en la afliccion, consuelase entre la memoria de las penas q̃ tan presto ha de padecer, porq̃ sabe q̃ todo ha de tener fin; y desdichas q̃ se acaban, antes son materia de gusto, q̃ de tristeza. Atormentaua à Christo en el huerto la imaginacion de sus males, pero acordauase, q̃ en la Cruz auian de tener termino, y quedar estancados, sin q̃ pudiessẽ passar de alli, como el mismo lo declarò, diziẽdo: *Cõsummatũ est.* Males, pues, q̃ se consumen, y acaban, si entristecẽ por lo q̃ tienẽ de males, alegrã por lo q̃ tienẽ de caducos. Triste està Christo, pero es alegre su tristeza, q̃ si lo natural no escusa el sentimiẽto en los males, el auer de perecer, y concluir, los haze passar cõ titulo de bienes: bueno es el fin de los males, pues en èl se acabã: no ay mal, si tiene fin: si el mal se acaba, no es mal. Alegrese Christo, regozigese en medio de la tristeza, y descõsuelo de los exercicios de males, q̃ ya à ojos vistos le empieçan a batir, porq̃ esse principio es perecedero, y ha de tener fin cõ breuedad, y assi alegrese, pues es materia conocida de biẽ, el mal, q̃ tiene conocido fin. *Ioan.* 19. 30.

Llegando el Angel à explicar el misterio q̃ ocultaua aquella muger q̃ en el libro de las Reuelationes del diuino Bẽjamin, venia sentada sobre vna fiera, q̃ tenia siete cabeças, dize: Las cabeças significan siete Reyes, de los quales los cinco ya passaron, el vno reina aora, el otro reinarà en los tiempos postrimeros; pero aduierte el Angel deste vltimo, q̃ durara poco tiẽpo su Reyno: *Quinque ceciderunt; vnus est, & alius nondum venit: & cum venerit, oportet illum breue tempus manere.* Explican las plumas de los Interpretes sagrados con diuersidad estas palabras, XXIIX *Apoc.* 17. 10.

labras, vnos, declarando estos Reyes de vna manera, otros de otra. Pero dexando la inteligẽcia de los seis primeros Reyes: Lo q̃ haze à nuestro intento es solo el septimo, y vltimo Rey, acerca de lo qual es el comun sentir, q̃ es el Antecristo, Rey q̃ se ha de lebantar en las vltimas edades del mundo, gouernarà con tirania, sin atencion alguna, y con insaciable fiereza. Aora reparo en la poca perseuerancia deste Reino: *Oportet illum breue tempus manere.* Conuiene q̃ sea breue este Reyno, que se acabe presto esta monarquia, q̃ no sea durable este gouierno. Que de gouiernos ay en el mũdo deste jaez, ya parece q̃ se cũple la profecia del Angel. El Reino del Antecristo presto dexara de ser, *breue tempus*, breue serà lo q̃ dure. Que conueniẽcia ay en essa breuedad? dure dilatados espacios, q̃ parece en vano la fabrica de vna Monarquia, para ser poco durable. Mucho es empeñarse en el edificio de vn nueuo Reino; pero auer de ser para poco esse cuidado, es mucho mas. Hizo Dios la dilatada republica de la tierra, pero casi eterna su duracion: *Terra autẽ in aternũ stat.* Eccl. 1. 4. Dure vn Reino à proporciõ, sino tã eterno, cõ espacio mas dilatado; y sino ha de durar, no se fabrique, no aya corona, q̃ tan luego se malogre. Pero ayala, dice con eminencia Ruperto, aya vn gouierno tiranico, pero en él aya breuedad, porq̃ el hõbre en dos enfermedades, tiene peligro, la vna es de flaqueza, y de soberuia es la otra; la soberuia le haze altiuo, y la flaqueza cobarde: vna le haze temeroso; otra le haze temerario: q̃ remedio para sanar achaques q̃ le sõ al hõbre tan nociuos? Este dize el Abad, proponga Dios vn Reino tirano, pero assegurale breue. *Oportet illũ breue tempus manere*, para q̃ cõ esso la tirania aplaque la soberuia, y la breuedad consuele la flaqueza, q̃ si esta se atemoriza en los males grãdes, y aq̃lla se aplaca, sea breue tãta desdicha como trae consigo vn tiranico poder, porq̃ si modera la soberuia con el rigor, diuierta la pena, q̃ la flaqueza ocasiona, cõ la breuedad; q̃ para quien padece el mal de vna tirania, no ay diuersiõ, como saber q̃ ha de durar poco tiẽpo; dure poco, q̃ assi no se tẽdrà por mal, si por cõsuelo, q̃ los males, por grãdes q̃ sean, miẽtras pueden acabarse, al entendido le cõsuelan, no le atemorizan. Oid a Ruperto: *Hic quasi superbi, & infirmi sumus, misericordia Dñi cum socia veritate, & terret nos de magnitudine aduersitatis & respuet de breuitate temporis.* Ruper. lib. 1 in Apoc. Aduersidades ha de auer grandes, y breues; grãdes para el reparo de la soberuia, breues para el aliuio de la poquedad: poco es el mal, aunque sea mucho,

cho, quando es breue; diuiertelo grande de la desdicha, el saber su cortedad: no ay mal que cause dolor, si trae la brevedad consigo; mal que tiene fin, no puede ser largo, y assi no deue sentirse, porque la limitacion de las desdichas, priua de los sentimientos que ocasionan.

Tan facil le es à vn animo desengañado lleuar los desastres, y sufrir las aduersidades, quando sabe q̃ son temporales, q̃ el serlo le haze lleuarlos cõ tal entereza, como sino fueran males: lo temporal por malo q̃ sea, no le aflige; lo eterno es solo quiẽ le dà cuidado: el mal permanente es el q̃ tiene por mal, el transitorio no le siente, mas q̃ si fuera bien. Diferente es el animo vicioso, dixo Seneca, q̃ no solo tiene por mal al mal verdadero, sino al q̃ tiene especie de bien, y siẽdo el mayor bien q̃ puede tener el mal durar poco, solo repara en q̃ es mal, no en su breue duracion: *Malus animus omnia in malũ vertit, etiam quæ in speciẽ optimi venerunt.* Para el malo no ay bien, todo es mal, porq̃ bueno, y malo, todo lo haze malo, y el mal q̃ por tener fin, tiene respetos de bien, tambiẽ le reduce a mal. Brauo dolor! q̃ pudiẽdo hazer de todo biẽ, del bien, porq̃ lo es en si, del mal, porq̃ si es cõ fin, y termino, tiene especie conocida de biẽ; cõuierta ũ vicioso en mal, hasta el bien mismo.

Ben. lib. 1 Epist. 6.

No sea el Catolico tan estragado, q̃ todo combate de mal le parezca mal: ajustele a la seguridad, de que solo lo es el q̃ dà combates eternos: los demas combates q̃ el mal ofrece, por malos q̃ sean, solo tienẽ el nõbre de males. Si dexa de ser vna desdicha, como puede serlo? pues nadie puede ignorar, q̃ lo que se acaba, no es, y lo q̃ tiene ser no se acaba. Luego si se acaba el mal, no tiene ser, y solo el q̃ no se acaba, serà mal. Acabe ya el Catolico de conocer esto, y entienda, q̃ los males con q̃ Dios le cõbate en esta vida, tienen especie de bienes, pues son males de passo, q̃ no tienen estancia, q̃ no son, y si son de alguna penalidad, es para disponer Dios a las almas, para q̃ se hagã capaces de eternos bienes. XXX.

VICTORIA.

Non. *Vers.* 29.

En la cãpaña espiritual dõde se merece quando se pelea el pelear es vẽcer.

TEnia puesto en campaña su exercito de rubios granos, en quiẽ se representan los soldados justos, vn labrador diuino, puso cẽtinelas, y en vez de guardar el campo, durmierõse: el enemigo diò vn assalto cõ la gente q̃ tenia de guerra, aunq̃ mucha, de mala calidad toda. XXXI.

Aduirtioſe el daño, y las cẽtinelas dizen: Señor, permitidnos combatir à eſta gẽte, no quede ſoldado q̃ no muera, ſalga de raiz eſſa mala ſemilla de nueſtro exercito. Oyòlo el ſoberano Labrador, pero no ſe lo permite, *Non*, No ſe arranque, eſten jũtos los exercitos de trigo, y neguilla. En la milicia eſſe eſtilo no es corriẽte: dos campos enemigos han de viuir juntos? vna cãpaña es de mucha coſta, los Reinos ſe aſſuelan con eſſo, las ciudades ſe acaban, los lugares ſe enecen; porq̃ vna guerra conſume las vidas, acaba con las hõras, y concluye con las haziendas; como quereis q̃ exercitos tan enemigos eſtèn tan deſpacio juntos? No ſe diuidan, no, *Non*, eſtèn juntos, y ſiempre peleando, q̃ ſiendo eſta campaña eſpiritual, en donde juſtos, y pecadores, repreſẽtados en la neguilla, y el trigo, eſtan en vna guerra continua, aì ſe pelea tan miſteriosamente, q̃ mereciendo vnos, quãdo deſmerecen otros, el demerito haze vencidos, y el merecer victoriosos; peleen, q̃ no ſe les dilata la victoria, porq̃ la conquiſta ſe dilate, que eſſe pelear, como es lo mismo q̃ merecer, caſi es lo miſmo que triunfar.

XXXII Lebanta Chriſto S. N. ſu Eſtandarte Real para hazer gente a los treinta años de ſuedad, florido tiempo para la campaña, quando tiene mayor feruor el eſfuerço: No buſcó mucha gente, pero procurò la velicoſa, ſufrida en los fracaſos, y reſueltaen las ocaſiones. Haze vn exercito de doze valeroſos ſoldados, y ſubiendo con ellos à cõquiſtar à Ieruſalen, y en ella â todo el mundo. Apenas viò el Capitan diuino las fortificationes de la ciudad, las atalayas mas deſcolladas, y las murallas q̃ la hermoſeauan, y defendian, quãdo exhortando a ſus ſoldados, porq̃ no deſcaeciеſſen en vna faccion tan importante, aſsi les haze relacion de la batalla: *Ecce aſcendimus Ieroſolymam, & filius hominis tradetur Principibus Sacerdotum, & Scribis & condemnabunt eũ morte, & tradent eum gentibus ad illudendum & flagellandum, & crucifigendum, & tertia die reſurget.* Matt. 20. 19. Ea valientes ſoldados, ya eſtamos à viſta del enemigo, Ieruſalẽ es el pueſto en donde ſe ha de dar la batalla; pocos ſomos, pero en ſobrando el valor, no ay exercito pequeño; el motiuo es, vẽcer al demonio, y a la culpa, enemigos ſon valientes, pero no ay q̃ deſcaecer, yo tengo de ſer quien eſtrene con el enemigo el azero; no os eſtremezca la diſpoſicion de pelear, aduertid como ha de ſer. Ieruſalen ſerà depoſito de mi tragedia, por nacion me han de entregar a los Principes de los Sacerdotes, y Eſcriua; llouera en mi ex-

ordi-

ordinarios combates de açotes, desprecios, mofas, y por vltimo, me acometerá cõ el de la Cruz, en donde creciendo los tiros, à fuerça de tanto padecer, quedarè en medio de la campaña, aũq̃ no rẽdido, muerto: pero aduertid, q̃ estos tragicos sucessos han de fallecer en mi muerte, y se han de acabar juntamente con mi vida, trocandose al tercero dia el destrozo, en eterna firmeza, el abatimiento, en altura, el desprecio, en estimacion, y en resurrecion gloriosa, lo afrẽtoso del morir, *tertia die resurget*. La exhortacion està bien hecha, la cõquista es acertada pero sin tiẽpo la victoria. Esse resucitar, es vẽcer; y assegurarse resucitado, es tenerse por triunfante; Pues como blasona de victorioso, quiẽ no ha hecho mas de ofrecerse a la batalla? apenas ha visto el campo, y ya le tiene por suyo? No es primero q̃ vẽcer, el pelear? Luego es concerniente tratar aora de pelear, y despues de la batalla, se puede hazer mẽcion del vencer. Ea diz Basilio el de Seleucia, q̃ Christo S. N. habla como versado en la espiritual Milicia. En esta campaña, aunq̃ se pelea con armas de carne, tienen mucho de espiritu los q̃ conquistan: vn demonio se procura vencer, vn alma se intenta restaurar, Christo auia de pelear con el alma, aunq̃ auia de recibir los golpes en el cuerpo; los doze soldados auian de pelear assi; pero como poco exercitados en la espiritual Milicia, si hiziera narracion de los cõbates a solas, juzgaranse luego vencidos, y assi pelearàn en la campaña medrosos. Pues biẽ trazado, propongales los combates el Capitã Diuino, pero entre ellos, assegurales la victoria, porq̃ si el golpe enemigo afligiere al Soldado por visoño, estando mas disciplinado, le alegre el saber, q̃ en esta campaña, como el pelear es merecer, en el mismo pelear, tiene mas de victorioso, quien tiene mas de conquistado: *Si passionem doletis* (dize S. Basilio) *dolori medeatur resurrectio si Crucem horretis ob victoriam latamini.* Si os afligen los cõbates de el morir, sabed q̃ esse morir, es resucitar: Si os assõbran los golpes de la Cruz, sabed q̃ son golpes, cuyos ecos estan repitiendo victoria: No os aflija esse pelear, q̃ si se padece peleando, peleando se merece, y en campañas del espiritu, dõde se merece quando se pelea; que mas vencer que pelear? *S. Bas. Se. orat. 31.*

La pluma de mi Bernardo ha de dar à este pensar alicto. Tratando Christo de si mismo, dize: q̃ es camino, verdad, y vida: *Ego sum via & veritas, & vita.* Entra mi Doctor, y dando vida a la inteligencia destas palabras, las glossa Melifluo desta suerte: *Via in exemplo, veritas in promisso, vita* xxxiij. *Ioan. 14. 6.* *S. Ber. se. 2 de Asc.*

in pramio. Es Christo camino en el exemplo, por ser dechado por donde el Catolico se ha de gouernar. Es en el cumplir, verdad, porq̃ no puede padecer engaño en el prometer, y como promete con sabiduria infinita, cumple cõ infalible certeza. Es tambien vida, porq̃ los seruicios q̃ le haze el alma quando viue vida temporal, se los galardona con eterna. Esta es la explicacion de Bernardo, y esta la dificultad. Ser camino lo q̃ es termino; jornada cumplida lo que es viage; y lo q̃ es trabajo, descãso, no es muy facil de ajustar. Ajustase el discurso mas templado, viendo q̃ el termino haze oficio de termino, y de camino el camino, q̃ en vno se descansa, y q̃ se trabaja en otro: pero auer de hallar vn camino termino, y vn trabajo descanso, sin q̃ a la penalidad se le priue de q̃ aflija, ni al descanso de q̃ alime, es duro de persuadir. No parece mui facil, pero veislo aqui ajustado. Christo es camino en el exemplo; el q̃ dexò para q̃ el alma le siguiesse, fue el de los combates espirituales, no atendiendo a los estragos q̃ el cuerpo padecia en ellos: *Christus passus est pro nobis vobis relinquens exẽplum, vt sequamini vestigia eius.* dixo S. Pedro. Assi q̃ esse fue el exemplo q̃ dexò Christo, para que el alma le siga, que pelee, aunq̃ a costa de penas por bienes del espiritu, q̃ no rehuse ningun cõbate, aunq̃ sea a precio de muchos dolores, por ganar intereses para el alma: pues aduertido discurre Bernardo, proponiendo, que es premio el mismo, que es exemplo, que es el mismo que termino camino: *Via in exemplo, & vita in pramio*: que si el premio es de quien vence, el q̃ pelea a imitacion de Christo, pelea con tal destreza, que adquiriendo meritos en los combates, alcança tan luego victorias, que lo mismo que es combatir, esso llega a ser vencer: y si el premio se dà a los victoriosos, sea premio del vencimiento, el mismo que es exemplo de la pelea, porque siendo esse pelear, vencer, el mismo que prouoca a la conquista, esse ha de ser premio de la victoria.

1. Pet. 2. 19.

Llegò a las puertas de su Esposa el Esposo, pide le franquee la entrada, proponela necessidades, solicitala con finezas, vnas, que la obliguen como a enternecida, otras, que la enternezcan como a enamorada. Escusase a los principios recatada, no desdeñosa; pero viendo la porfia, abre; y quando presumiò hallarle, hallò desengaños de su ausencia. Quan presto se conoce vna desdicha! quan sin dilacion se manifiesta vn pesar! Turbòse con la impensada aficion; que mucho, viendo vn contento presumido, conuerti-

Cant. 5. 6.

do

do en vn pesar declarado? Fue por las calles buscando al dueño de su aluedrio; pero assaltando las murallas de su belleza, las centinelas q̃ guardauan los muros de la Ciudad, sin guardar la inmunidad q̃ se deue a lo bello, con vno, y otro combate, procuraron deslucirlo. Salio desta refriega herida la Esposa, y despojada. Declara ella propria assi el sucesso: *Inuenerunt me custodes, qui circumeunt ciuitatẽ: percusserunt me, & vulnerauerunt me, tulerunt pallium meum mihi custodes murorum.* Ausentòle mi Esposo, busquele, hallaronme las guardas, maltratarõme. Teneos Esposa santa, q̃ quanto dais a conocer vuestra fineza, descubris de vuestro Esposo el desden. Assi Esposo santo desamparais vuestra Esposa? de noche consentis que ande sola por la ciudad? no veis que tiene muchos enemigos la belleza? Quiẽ tiene pensamientos tan diuinos, ha de premiar a su Esposa en peligros tã humanos? Salid, Señor, al encuentro, y a acompañalde; y ya q̃ quando os buscaua, la dexais en manos de sus enemigos, pues han de combatirla, salga de essos combates victoriosa, que siendo todo poderoso, no suena bien, que le falte a vuestra Esposa el socorro, quando las ansias de hallaros, la ponen en semejantes aprietos. Quan bien ajustais el discurrir, con el modo de obrar del Esposo, dize Iusto Orgelitano; dexa preuenido a tu Esposa, no descuydado, en las manos de sus enemigos la pone, para q̃ sea victoriosa, no para q̃ llegue a ser vencida: mirala pelear, y no la socorre, no por falta de afecto, sino de necessidad: no ha menester ayuda vn victorioso; a vn exercito triunfante, no le haze falta el valor; la Esposa pelea, por no perder a su Esposo, conquista por solo hallarlo, quien por buscar a Dios pelea, merece en el pelear, luego vence peleando; pues no la socorra el Esposo, ni la ayude, dexela en las manos de sus enemigos, q̃ si alli se vè pelear, tãbien se mira vẽcer; y si quiẽ vẽce no ha menester ayuda, no la socorra quãdo la mira en el cõbate, q̃ nẽdo el pelear suyo vẽcer, la desdorara su fauor, pudiendose lleuar el Esposo los parabienes de vna victoria, q̃ en solo la cõquista auia alcançado la Esposa. Oid a Orgelitano; *In hoc quasi declinauit atq; transiuit, cũ me persequẽtibus tradidit, & iniquis; & vt in meũ corpus desæuirent, ipse permisit. Promissiones eius audiens æstuaui desiderio, quãdo beatos esse qui persecutionẽ patiũtur propter iustitiã, quæ mã ipsorũ est Regnũ cælorũ, eodẽ promittente cognoui.* En las manos me dexò de mis contrarios, mas no permitió q̃ me venciessẽ, antes porque los vẽciesse, me de-

Cant. 5. 6. 7.

Iust. Org. ad c. 5. Cant.

xò en ellas. Deshaziase mi alma en los gustos de victoriosa, quã tomas me miraua combatida; porq̃ como padeciendo estos combates, merecia la bienauẽturança en solo padecerlos, y pelear fuerte para resistirlos, me juzgaua victoriosa, y me presumia bienauenturada.

xxxv. El soldado de Christo, dize el sapiẽtiss. Idiota, haze dos cosas quando en la campaña espiritual saca el azero, pelea, y vẽce, cõbate y alcança, conquista como quien pretende ser victorioso, y lo es como quien ya ha conquistado: *Cum pugnas, pugnas quasi vincendo.* Pelea soldado Catolico, pero no cobarde, embiste, pero no abatido, conquista, pero sin rezelo, q̃ son tan misteriosos los combates del espiritu, que el vencer consiste en ellos. Pelea como quien vence, porque esse pelear es merecer, y assi es vencer el pelear.

Idiot. reg. 8.

xxxvj. En las campañas del siglo tãbien ay quien tenga este aliento. Aquel inclito Heroe, portẽtoso en sus hazañas, admirable en sus valerosas resoluciones, prudẽte en la execucion de sus animosos intẽtos, gloria de nuestra España, y lustre de todo el mundo, Diego Garcia de Paredes digo, cõ cuya sangre, como propia, pudiera, en vez de tinta, escriuir estos breues periodos de sus hazañas, sin q̃ la embidia pudiesse notarme de apassionado, por ser lo heroyco del sugeto tan conocido. Este, pues, nunca dignamente alabado varon, en la toma de Fosora, sita en la Vmbria, en vn collado del Apenino, llegò de Roma a tiempo q̃ los Españoles dentro de la villa peleauan, aunq̃ esforçados, casi vencidos, por ser pocos mas de doze, contra el tumulto popular, y guarniciones con q̃ tenian pertrechadas las murallas, sin otra gente de campaña, de q̃ estaua bien fortificada la plaça. Conociò mi Paredes el peligro, y animando a su valor el mismo riesgo, gallardamente ossado, baxò del bruto q̃ desde Roma auia sido Atlante de vno de los mayores esfuerços q̃ conocieron los siglos, y entrandose por toda vna cãpaña, se opuso a la tempestad de golpes de los enemigos, y se metio entre ellos, encendiendo a su imitacion el animo de los suyos, cõ estas razones: *Ea amigos, no os consintais vencer de vuestros vencidos, pues sois Españoles no sois solamente victoriosos, sino la misma victoria, Garcia de Paredes soy, seguidme* O inuictissimo Heroe! como te resuelues tan valiente en tan euidentes peligros? no atemoriza à tu valor la vista de vna campaña entera? no desalienta tu animo tanto enemigo jũto? no regula tu prudẽcia, por la desigualdad, el peligro? pero vn animo valeroso, q̃ se resuelue a con-

D. Tho. Tamayo de Varg. en su Relacion.

conquistar como vencedor, no es posible tener miedo. Pelea-na Diego Garcia de Paredes a vso de los soldados de espiritu, y assi su pelear, era vencer, como en esta ocasion se conociò, pues siẽdo la desigualdad tanta, en breue la dexò vencida. Pero que mucho si España engendra soldados, q̃ en las conquistas no solamente son *Victoriosos, sino la misma victoria.*

xxxvij. Quien duda que tendrà la espiritual campaña heroes q̃ venzan solo con pelear, y q̃ entren en las batallas triunfando, si vemos quan alentados los tiene la del mũdo. Esfuercese el soldado de Christo, y pues tiene la victoria tan cercana, no escuse los lances de conquistar: cõquiste, que assi vence: combata, que assi se corona de gracia, que es prenda de gloria.

Ad quam, &c.

(:!:)

CONQVISTA
ONZE.

Para el Domingo sexto despues de la Epiphania.

Simile est Regnum cælorum grano sinapis. Matthæi 13. vers. 31.

EXORTACION.

SAlio, acaso, Christo de casa, y como en Dios no le ay sin misterio, fue tanta la gente que se llegò a su Magestad, que se determinò a enseñarles su palabra diuina, motiuo que le traxo al mundo, y assi ni dexa de solicitar ocasiones para enseñarla, por el bien de las almas, ni las pierde quando las halla. Quã hallado està Dios con el alma, quando la pretende assi. Predicò, y fue todo el sermon de Parabolas, presumo q̃ para sazonar los oyentes, porque oyendole gustosos, los pudiesse sacar bien enseñados. La variedad ya se sabe que diuierte, y no es desdoro de

vn

vn Maestro adornar la verdadera doctrina con sutileza de conceptos, y pulir los cõceptos con hermosura de razones, q̃ vna verdad seca suele ofender los oidos mas sufridos; y por lo menos si se pule para dezirse, como adornada diuierte, y como verdad enseña. Dos fueron las Parabolas q̃ predicò, si las mas pequeñas en las razones, las mas subidas en los misterios. La primera dize desta suerte: El Reyno de los cielos es semejante al grano de mostaza. Mas parece esta similitud oposicion, q̃ paridad, vno tan grande, tan pequeño otro, como es posible hallar igualdad en cosas tan diferentes? pero el camino mas seguro para lo grande, lo pequeño es. Ignora como ha de ser pequeño, quien nunca supo ser grande, y la grandeza en la sazon de lo humilde consiste. Crece el granillo sepultado, hasta ser ciudad de auecillas, q̃ en armonico lenguage la pueblan, y la diuierten: agasajada se mira vna humildad, y grande; seguro de lucimientos pretende, quien como humilde solicita: cielo es en la similitud, quien sabe deshazerse en la tierra. De la lebadura es la Parabola segunda, a quien dize ser el cielo semejante. Tambien estrañara la similitud, siendo corruptiua, como dixo el Apostol: *Nescitis quia modicum fermentum totam massam corrumpit?* Desazones en el cielo, corrupciones en la gloria, como puede ser? Mas và tratando de los medios para alcançarla, azedia, penitẽcia, mortificacion, corrupcion de vicios son los caminos del cielo, q̃ cõ ser de tanto gusto, solo con penas se alcança. Preuencion deue de ser cõtra el desden humano, q̃ nunca estima lo facil; y la facilidad solo sirue para facilitar el desprecio. Hablaua aqui Christo, pero en Parabolas. Genios ay q̃ se hallan mas faciles en lo dificil. En Christo no era la ocasiõ esta de hablar ordinariamẽte en estilo Parabolico, sino assegurar la verdad de sus Profetas, con el cumplimiento de lo q̃ dixeron: Con q̃ està todo el cõtexto literal dicho, Aue Maria.

1. Cor. 5. 6.

COMBATE I.

Simile est Regnum cælorum grano sinapis. *Vers.* 31.

El maior lucimiento de la virtud consiste en gustar del disgusto.

Num. 1. NVnca fue la dicha tan dichosa, q̃ en solo dicha consistiesse, ni tan desgraciada la desgracia, q̃ de solo desgracia se formasse; antes lo juzgo tan diuerso, q̃ ni la dicha consiste en la dicha, ni la desgracia en la desgracia; pues ay desgracias q̃ parecen dichas, y dichas q̃ parecen desgracias. Admitese vna desgracia como dicha, y engendra alegrias, y gozos. Recibese vna dicha como desgracia y tie-

pe

ne por efectos lagrimas, y suspiros. Que es esto? a dichas, corresponden lagrimas, y a desgracias gusto? Si q̃ no consisten en dicha las dichas, ni en desgracia las desgracias, pues vemos q̃ vnas hazen oficio de otras, y se hallan lagrimas, donde se auia de hallar gusto, encontrandose con el gusto, dõde auia de auer lagrimas. Gusto q̃ engendra lagrimas, es gusto sin sazon; pero lagrimas q̃ engendren gusto, es bondad, porq̃ esso es gustar del disgusto; y siendo las lagrimas pena, gustar de la pena, es perfeccion, es verdad, y aun es el mayor lucimiento de la virtud.

II. Crece el grano de mostaza, siendo similitud del Reyno celestial: vese poblado de auecillas, sirueles de aluergue. Siendo tãpequeño el grano, como crece tanto la rama? Atended a la causa de sus aumentos. Primero le sepultan, q̃ crezca, pero viendose entre los desprecios de la tierra en vez de sentir sus vltrages, sale a ser hermoso adorno de la misma q̃ le affige. Crezca, pues, y sea teme ante al cielo quien assi gusta de la affliccion, q̃ el gusto en los disgustos, haze a lo caduco celestial.

III. Manda Dios a Abrahan, que le sacrifique su hijo. Y gozoso el Patriarcha, de q̃ conociesse el mundo el amor q̃ le tenia, bien pudieron ser dos cosas, el precepto, y la obediẽcia, pero ninguna primero, pues fue principio de obedecer, la vltima palabra de mandar. Lleua à Isaac al holocausto, y sin atender a su innocencia, desnuda la tajante cuchilla, q̃ auia de ser instrumẽto de su obediencia; y alçando el braço, en apoyo de el mayor amor q̃ ha conocido el mũdo, quando iba a executar el golpe, le detiene a vozes vn Angel: Tened el braço Abrahan (pronuncian) q̃ no lo dezia por tãto, no quiteis la vida al innocẽte hijo: *Quia fecisti hanc rem* (dize luego en nombre de Dios) *& non pepercisti filio tuo vnigenito propter me: Benedicam tibi, & multiplicabo semen tuum sicut stellas cæli, & velut arena, quæ est in littore maris.* Que modo de prometer es esse, Señor? si Isaac aun se goza de la vida, y quando Abrahan quiere quitarsela, embiais vn Angel en su defensa, como dais por razõ de hazerle tan colmados fauores, la q̃ dierades, si se la huuiera quitado? Si quãdo estaua el Patriarca el braço leuantado, dexarades executar el golpe, y perdiera Isaac la vida a manos de su mismo Padre, bien, q̃ dixerades. *Quia fecisti hanc rem.* Pero no auiendolo hecho q̃ cosa es la q̃ ha hecho Abrahan, por la qual le haceis tan colmados fauores? Yo os lo dirè, dize S. Zenon el de Verona: Era Isaac el querido de Abrahan, el vnigenito de su casa, el galanteo de su vejez, man- *Gen. 22. 16. 17.*

mandale Dios, que le quite la vida, y sin repugnar tan cruel sentencia, và luego obediente a quitarsela: *O qui seruum Dñi, ita se esse meminerat, vt patrem se esse nesciret. Quid est pater? Ecce sub oculis iacet filius vinculis astrictus. Vbi sunt lachryma? Vbi dolor, qui in humanis sensibus versari cõsueuit?* Que es esto gran Patriarca? assi dais a vn hijo tan querido la muerte? parece q̃ os oluidais de humano, pues sin atender a las paternas leyes, no os acordais que sois padre: no veis a vuestro hijo tan cercano a la muerte, que es lo que viue mas, vn no acabar del morir, que vn gozar lo que le falta de vida? donde estan los arroyos de cristal, que por las blancas canas auian de precipitarse orgullosos, en significacion de vuestro sentimiento? *In tantis filij casibus* (aduierte Zenon) *lætatur, & gaudet: & se Dñm promeruisse triumphat. Accepit iam præmia, quæ meretur.* En vez de lastimosas demõstraciones, de afligidos sentimientos, de dolorosos suspiros, se halla tan animoso el animo del Patriarcha, que en vn instante se conuierte la pena en alegria, el sentimiento en gusto, el dolor de padre, en gozosa obediencia, y và a executar la muerte de vn hijo tan querido, con el gusto que si fuera a darle vida. Assi, pues *Accepit iam præmia, quæ meretur.* Quien supo lleuar la mayor pena, como si fuera la mayor gloria, y gustando de el mismo disgusto, en lugar de tener sentimientos, por la muerte de vn hijo tan querido, oluidando el ser padre para el dolor, muestra tanto gusto en la obediẽcia, no es mucho ande Dios tan adelantado en premiarsela', que siendo alegrarse del disgusto, el mayor lucimiento de vna virtud, siendo el alegria de vn disgusto tan crecido, tanta, no es mucho que tan adelantado reciba el galardon.

S. Zeno. Ver. Ep. ser. 1. de Abrah.

En el Tabor se hallò Christo, glorioso se trãsfigura, su rostro resplandeciendo como Sol de mas diuinos resplandores, se ostenta, su vestido, sin hurtar albores a la nieue, los auentaja: el Espiritu Santo disfraçado en vna nube, se aparece, el Padre en lo melifluo de su voz se percibe. En otro monte se hallò; ò como gime el afecto para declarar el como! El nombre solo lo diga, Monte Caluario: porq̃ ponerse de espacio a significar las penas, los oprobios, las afrẽtas, los desprecios que padecio Christo en èl, si es posible en el ingenio, es en la voluntad costoso. Ya aueis visto a Christo en el Tabor bañado de glorias, y en el Caluario, de penas; reparad aora, en q̃ alli se descuelga entre resplandores diuinos la voz de el Padre, q̃ a la suficiencia de las glorias, añade el credito IV.

dito de su palabra, para que le
Mat. 17. tengan por su Hijo, *Hic est Filius*
5. *meus dilectus* Aqui, ni la necesi-
dad de socorro, ni las vozes la-
stimosas del Hijo en la Cruz
mueuen la piedad de el Padre,
para q̃ incline a sus gritos des-
consolados el oydo, y assi se
quexa de dexado: *Vt quid dereli-*
Mat. 27. *quisti me* Que encuẽtro es este?
46. hasta el Padre combate cõ de-
semparos a Christo? Quando
vuestro Hijo ni parece huma-
no, ni os llama, le acreditais de
Diuino, y quando està tan des-
preciado lo Diuino, y tan vl-
trajado lo q̃ tiene de humano,
no ois sus vozes, ni respondeis
a sus gritos? No, porq̃ son gri-
tos muy sentidos. Trataua de
sus penas Christo en el Tabor:
Loquebantur de excessu. En el Cal-
uario as padecia; aqui parecen
penas las penas, pues todo quã-
to ay es aparato de sentir. El
Sol se escurece, las Estrellas se
afligen, las piedras se encuen-
tran, el velo del Templo se ras-
ga los sepulcros se abren, y el
Orbe todo se estremece. Al i,
las penas parecen glorias. el Sol
le muestra mas resplandeciente,
la tiene mas candida, el regozi-
jo mayor, el dozel de la nube
mas lucido. O lo que và de
monte a monte! Penas en en-
trambos montes, en vno, como
penas, en otro, como glorias.
Assi, que de essa suerte diferen-
cian en essos montes las penas,
pues aunq̃ parezca mas neces-
sario el credito de la filiacion
en el Caluario, que en el Tabor,
diga el Padre, q̃ Christo es su
Hijo en el Tabor, y no lo diga
en el Caluario, q̃ siendo el ma-
yor credito de vna perfeccion,
ajustarse a lleuar gustosa las pe-
nas q̃ Dios la embia, haziendo
gloria del mismo padecer, y gu-
sto del proprio penar. Mostrar
penas en las penas, y padecer
en ellas como quien padece, y
no como quien goza, es desmen-
tir algo de perfeccion, sino
en la verdad, en la apariencia a
lo menos; y no tener conformi-
dad, aunq̃ sea solo en la apari-
encia, es tanto deslouor de la
virtud, como lucimiento̅ el te-
nerla. Alli pues q̃ gustando de
las penas, tiene Christo todo su
lucimiento junto, llamese Hijo:
Hic est Filius meus dilectus. Aqui no,
porq̃ muestra pesas, siendo essa
diligencia, no por defecto de
Christo, sino porq̃ sepa el alma,
q̃ siendo el llegar a ser Hijo de
Dios su mayor grandeza, se al-
canza solo gustando de las pe-
nas q̃ Dios la embia. No adquie
re Christo el titulo de Hijo en el
Caluario, no porq̃ no lo es, si-
no porq̃ no lo parece, quié pa-
deciendo por gusto del Padre,
muestra tanto sentimiento en
el padecer: en el Tabor si, q̃ po-
ne en vn andar las penas cõ las
glorias, y como si fuera dicha,
muestra tãto gusto en el penar.

O Ca-

V. O Catolicos mios, y quan fructuoso combate! de trabajos es, de dolores se compone, pero faciles de lleuar: si se compone el alma con gustar de padecer, haziendo conueniencia con las penas, tolerables son, no penosas. Que cosa mas dulce de sufrir, q̃ vn combate de aflicciones, si agradan quando se tienen? Tenga el alma cuenta de ajustarse con el gusto de Dios en los trauajos que le embia, q̃ assi grangeará sus fauores, y tendrá aliuio en padecerlos.

COMBATE II.

Fit arbor, ita vt voluctes cæli veniant, & habitent in ramis eius. *Vers.* 32.

A vista de Christo muerto, todo dolor se facilita.

VI. CRece este grano misterioso tanto, que las aues del cielo se vienen a recoger en èl: *Fit arbor, ita vt volucres cæli veniant, & habitent in ramis eius.* Este grano de mostaza es Christo muerto, dize S. Gregorio el Grande, la tierra donde se siembra es el sepulcro, de alli renace a vida mas durable, crecen sus ramas en su Resurreccion: *Ipse quidem est granum sinapis, in orto sepultura plantatus, arbor magna surrexit.* Las aues que pueblan estas ramas diuinas, son los Apostoles, dize S. Hilario: *Sed iam in ramis arboris cæli volucres inhabitant, Apostolos scilicet ex Christi virtute protensos.* Hazeme dificultad, que tan sin rezelo se lleguen a las ramas de este arbol. Si es Christo, llegarse a sus ramas, en la opinion del mundo, es delito: Pues como los Apostoles cierran los ojos al peligro? El mundo no sufre essa cercania, antes castiga barbaro, lo que auia de venerar reuerente. Bueno es esso; que importa que castigue el mundo? Ha de rehusar vn Apostol el padecer, si està en las ramas de Christo, que ha padecido y muerto? Auiendo padecido Christo, el padecer es muy facil; auiendo muerto, no es dificultoso el morir: Lleguese a essas ramas, aunque le cueste la vida. Que facil se le harà el dolor, si desde ellas mira a vn misterioso grano de mostaza deshecho a poder de penas, à Christo puesto en vn sepulcro a fuerça de dolores.

S. Hil. Cath.

S. Greg. Mag. in Cath.

VII. No se que causa pudo detener a Christo, siendo amigo de Lazaro, y sabiendo lo peligroso de sus achaques, seria de puro amigo la detencion. Assi lo sabe Dios ser, quando menos lo parece. El mundo tiene amigos, que lo son menos quando lo parecen mas. Ya le conoce su condicion, no ay q̃ estrañar la vna, como ni que admirar la otra. Murio, la vida tuuo la culpa;

pa, murio, la culpa fue la ocasiõ; murio, como quien dormia; assi muere el justo siempre. *Lazarus amicus noster dormit.* Nuestro amigo Lazaro duerme, dize a sus Discipulos Christo: oyeronlo, y haziendo nouedad de que admirarse, lo q̃ es en todos tan comun como el sueño; les enseña aduertido, como no han entendido su proposicion, pues la juzgauan del sueño natural, y èl la dezia para declarar su muerte, *Lazarus mortuus est.* Acuerdome q̃ el Apostol S. Pablo para declarar la muerte de los justos no la dà nombre de muerte, sino de sueño, y con esse titulo, sin mas explicacion, declara q̃ han muerto: *Qui dormierunt per Iesum.* Que nouedad es esta? tiene mas credito q̃ Dios vn hombre? sabe explicarse mejor? ò como se entiende sin explicacion Pablo, y Christo ha menester para ser entendido explicarse? que cosa es, q̃ diziendo Christo, q̃ Lazaro duerme, sea necessario, declarar, que aquel sueño es la muerte? y diziendo Pablo q̃ duerme vn justo, no sea necessaria mas declaracion para entender que ya es verdaderamente muerto? Yo os dirè en q̃ està la diuersidad, dize S. Basilio el de Seleucia: Quando Lazaro muriò, Christo era viuo, quando habla el Apostol, era Christo muerto: este es todo el misterio. Morir antes de Christo, es morir, la muerte es toda assombro, espanto, y sentimiento; pero muriendo Christo dexò tan sabrosa a la muerte, que mirando aquella magestad muerta, para auer de morir, el morir es tan sabroso, que assi se muere, como si se durmiera: *Non tam mortui sunt* (dize Basilio) *de pacta namque cruce somnus mors est ante crucem formidabilis, & post crucem despicabilis.* En pudiendo mirar à Christo en la Cruz, la muerte no es muerte, el morir es padecer, y no se muere sino es padeciẽdo; pero mirando à Christo puesto en vna Cruz, es el morir apetecible, no temeroso, es gustoso el padecer, no afligido: no es mucho q̃ Christo necesite de explicar q̃ Lazaro es muerto, *Lazarus mortuus est.* Que muerte, q̃ pena antes de auerla dulçorado Dios, es tan desabrida, y en todo viene à ser tan muerte, q̃ aunque Christo diga q̃ es sueño, *dormit*, no ha de ser entendido, hasta q̃ mas declarado, diga, q̃ trata del morir, *mortuus est.* El Apostol no, que habla despues de Christo muerto; y assi, para q̃ se conozca la muerte de los justos, no diga q̃ mueren, sino q̃ duermen; q̃ descansa quien llega a morir, mirando q̃ ha muerto Dios, *Qui dormierunt per Iesum.*

Ioan 11. 11.

Vers. 4.

2. Thes. 4. l. c.

S. Basil. Seleuc. or. 32.

Temeroso de las amenazas de vna muger, cansado de las fatigas de vn camino, pidiò à

VIII.

Dios cõ encarecidos ruegos la muerte mi gran Padre el Profeta Elias: no queria el Profeta morir por morir, sino por no morir mas prolijo. Ay vidas tan afligidas, q̃ se escoge por menor muerte q̃ ellas la muerte, por no viuir muriendo cada instãte. Durmiose entre estas imaginaciones, y vn Angel poniendole vn poco de pan, y vn vaso de agua a su lado, le despierta. Despierta el Profeta, y boluiendo los ojos vio el pan, y el agua: *Respexit, & ecce ad caput suum subcinericius panis, & vas aquæ.* Comiò del pan, y dize el Texto sagrado, q̃ cobrò con èl tal aliento q̃ anduuo quarenta dias, y quarẽta noches sin comer otra cosa: *Et ambulauit in fortitudine cibi illius, quadraginta diebus, & quadraginta noctibus.* No es marauilla si era figura del Sacramento del Altar, segun nuestro Incognito, sobre el *Cibauit eos &c. Hoc cibo spiritualiter refectus est antiquus ille Pater noster Elias*, prueua de q̃ fue nuestro. Hagamos el reparo aora. Estraña mudança, desear Elias la muerte, solo por no padecer, y comer de aquel pan, y cansarse tanto con las penas, q̃ no se cõtenta con caminar quarẽta dias con sus noches a pie, sino q̃ añade el ayuno a vn trabajo tan penoso. Descubramos el misterio leyendo à Santes Pagnino, q̃ adonde nuestra vulgata dize: *Ecce ad caput suũ subcinericius panis*, leyò èl: *Ecce ad caput suum panis inter prunas coctus.* Despertò Elias, y boluiẽdo la cabeça viò jũto à ella vn poco de pan, cocido entre vnas brasas. O misterio! Que mucho q̃ con esta vista se determinasse à padecer? Quiẽ es este pan? Christo, *Ego sum panis viuus* Y las asq̃uas? son por lo abrasantes simbolo de las penas. Luego pan cocido entre brasas serà Christo, anegado en pielagos de penas? Es assi. Pues con esso està declarado el misterio. Quiere Elias morir, por no padecer; es necessario q̃ viua, y q̃ padezca: como ha de ser esto? q̃ ni quiere Elias viuir, ni se halla con alientos para padecer? Es muy facil reduzirle a penar, põganle delãte de los ojos vn poco de pan, q̃ represente à Dios hecho hombre, entre vnas brasas cocido, q̃ represẽten sus penas, y despierten à Elias, para q̃ como Profeta le mire: *Respexit*, q̃ tiene tanta fuerça vn Dios, que como humano ha padecido, puesto delante de los ojos, para mouer á vn alma à padecer, y para hazerla facil en el penar, q̃ viendole Elias, aunq̃ solo en su imagen, con profetico espiritu, el q̃ antes escusaua las penas, las a de buscar; el q̃ pedia la muerte por no padecer, desee la vida, por tener mas ocasiones de hazerlo; y al fin Elias, q̃ tan menoscabado se hallaua de fuerças, se mire tan trocado, q̃ se le haga

3. Reg. 19 5.

Vers. 8.

Sanct. Pagni.

Ioan. 6. 41.

haga facil el viuir, aunq̃ sea solo para passar el trabajo del caminar, sin el ayuda del comer.

Tan lleno de virtudes, como de años estaua Simeon esperando el cumplimiento de vna palabra q̃ el Espiritu Santo le auia dado. Quan prudente espera quien està assi. El hombre parece se desobliga à cumplir con el propio prometer. Solo Dios promete cierto. Tuuo en sus manos à Christo, viole, y viendo cumplido su deseo, exclama desta suerte, amoroso; y enternecido: *Nunc dimittis seruum tuũ Dñe, secundum verbum tuum in pace*: *quia viderunt oculi mei salutare tuum.* Ya, Señor, ha trocado la suerte mi deseo, antes me era cariñosa la vida, ya afligida; antes tenia el empeño de vna persona diuina, q̃ me conseruaua en el viuir; aora pretendo empeñar à otra, para q̃ me conceda la muerte: morir quiero Señor, no quiero vida; muera yo, y sea como fuere, ningun genero de muerte escuso, todo dolor apetezco. Teneos cariñoso amante, q̃ enternece vuestro dezir, la muerte es el mayor rigor, pues como se desea? la pena mas crecida como se apetece? No se puede morir sin padecer, y siendo tan ineuitable antes de morir, el penar, no se desdeña, antes se busca. Buscar las penas, q̃ estrañesa! solicitar los dolores, q̃ nouedad! q̃ desuiado, apetecer el morir! Muerte, dolor, padecer, es lo q̃ pide Simeon, dize S. Eligio Nouiomense, sulcar essos mares intenta, nauegar essos pielagos pretende. Porq̃ tan sin miedo, en edad tan fatigada? ansias à tanto padecer? desdenes al rigor del morir? Esta es la razon, dize Eligio: Tenia en sus manos Simeõ à Christo, mirauale, reuelóselo como auia de morir, y lo q̃ auia de padecer, profetizòlo a su Madre: *Tuam ipsius animam pertransibit gladius.* Assi, que està mirando à Christo mortal? que le tiene en sus manos, sabiẽdo q̃ ha de padecer? pues no es mucho q̃ se le hagan tan faciles las penas, que assi solicite los dolores, y q̃ siendo los de la muerte tan crecidos, se entre por sus puertas a buscarlos, q̃ à vista de vn Dios q̃ ha de morir, no puede sufrir la vida vn justo: mirando à vn Dios q̃ ha de padecer, no puede contenerse en el penar; tienelo por regalo, la muerte, por vida, el dolor, por gusto. Busque la muerte Simeon sin las ansias q̃ ocasiona el morir, antes deseoso de padecer; q̃ quien està mirando á Dios, ya por lo que tiene de hõbre passible, no ay dolor q̃ no llegue a apetecer: *Nec iam metuo mortẽ* (dize Eligio) *quia viderunt oculi cordis & corporis mei salutare tuũ eundem Iesum, qui saluũ faciet me & populũ suum à peccatis eorum, & graue mortis conteret*

Luc. 2. 29. 30.

Vers. 35.

S. Eligio Noui Epi. hom. 2.

dominium. Muera yo dize el jouen anciano, valeroso desafio a la muerte, salga con las armas q̃ quisiere, no temo penas, no siẽto el morir, poco me importa, padecer es mi consuelo, no sè viuir ya: *Quia viderunt oculi cordis, & corporis mei salutare tuum*, porq̃ viendo a Dios en trage mortal, el morir no se ha de sentir, antes se ha de pretender.

Viuir sin combates de penas, no es posible, morir sin dolores, tampoco, porq̃ la vida es toda de miserias, y la mayor de todas, es la muerte. Donde todo es miserable, quien se podrà eximir de padecer? que se ha de procurar, supuesto q̃ son forçosas las penas? escusar lo q̃ se pudiere el sentirlas. Es razon de estado prudente, ya q̃ el mal es infalible, hazerle con la buena diligencia tolerable. Como facilitarse en el penar, la doctrina de este combate lo enseña: Mirese a Christo puesto en la Cruz, cõtemplese miserable, repárese en todo afligido, y se verà, como dà ansias de padecer, y como se haze facil lo que se padece.

COMBATE III.

Simile est Regnum cælorum fermento, *Vers.* 33.

Vaculpa, aunq̃ falte de la voluntad, no ha de faltar de la memoria.

SEmejãte es el Reyno de los Cielos a la lebadura: *Simile est Regnum calorum fermento.* Explicando Agustino esto, dize: La lebadura es el amor: *Per fermentum dicit dilectionem.* Supuesto q̃ sea amor, juzgo lo es con propriedad contrito, la contricion es dolor de la culpa, porq̃ se ama de veras a Dios; desuerte, q̃ vn animo contrito componese de amor, y de dolor. La lebadura, es amor, y juntamente es azeda, y desabrida. Luego si es amor, como siente Agustino, es amor contrito, pues se juntan en ella, sazon q̃ causa el amor, y desabrimiento q̃ ocasiona la pena. Bien assi. Amor, y dolor es la lebadura, de sazon, y gusto. Reparad en su condicion, aunq̃ llega a dar sazon a la masa, no se le oluida lo azedo, sino q̃ se tiene tan en la memoria la azedia, como sino se la huuiera dado: sazona azeda, y quedase despues de auer sazonado con azedia. O symbolo de vn verdadero penitente! La culpa quitase de la voluntad con lo azedo de la penitencia; pero despues de auerla sazonado al gusto de Dios, ha de dexar en la memoria la culpa, cõ la misma azedia q̃ sino se huuiera perdonado. Aug. in Cat.

XII. Con dezir Dios, q̃ es semejante a la lebadura el Reyno de los Cielos, no querria se le sacrificase antiguamẽte. Ni miel, ni lebadura, dize, no gusto q̃ me sacrifiqueis: *Nec quidquam fermẽti, ac mellis adolebitur in sacrificio* Dñs. Lauit. II.

Dño La leuadura no se porq̃, siendo similitud del cielo. En otra ocasion se verà. Auerigue-mos aora, porq̃ no gusta Dios q̃ entre en sus sacrificios la miel: *Nec quidquam mellis adolebitur in sacrificio Dño.* No es la miel de mi gusto, no me la sacrifiquẽ. Tanto desden, Señor, porq̃ hazeis essa exclusion de la miel en vuestros sacrificios? sazonada es, y dulce, fabrica de vna abegilla simple, con trabajo se busca. Ya os parece amargo lo dulce, y ociosidad la ocupacion? Como estays tan opuesto a lo apacible, y tan sin cariño con lo afanoso? La miel despreciais, en donde se hallan juntos afan, simplicidad, y dulçura? Si, dize Teodoreto, porque el abeja, aunque simplecilla y tierna, busca cuydadosa la flor, y poco atenta, no repara en sentarse en lugares impuros, y asquerosos, de alli la saca, y con la misma inmundicia que tiene, fabrica de ella la miel, sin purificarla primero; pues no es mucho no la quiera Dios, porque no es de su gusto junta de dulçura, y de impureza: *Apis in locis impuris sedet, & vndecumque conficiendi mellis occasiones coacernat.* Bien dicho. Pensaua yo (empero) fundado en estas palabras otra cosa. Sale el abegilla à ser despojo del viento (parto breue de la naturaleza, milagro conocido de la industria) diuertida, y oluidada de la florecilla la atencion, a quien en amorosas caricias primero galantea; despues corta el cogollejo mas hermoso, q̃ el Abril produce, desata; en siendo flor la apetece, sin q̃ lo amargo impida su apetito, ni lo dulce le aumente, solo repara en la flor, y enamorada de su hermosura, donde la halla la coge, para llenarla consigo, ò sea de asco, ó de pureza, el lugar donde la encuentra. Llega a su casa diligẽte, empieça à trabajar oficiosa, fabrica la miel de la florecilla; pero es tan ingeniosa su industria, y con tanto primor conuierte en dulce lo amargo, y en pureza, lo asquerosso, que de lo amargo de la flor no queda señal, ni de lo asquerosso rastro, antes assi lo purifica, y dulçora, q̃ todo es dulçura lo amargo. y todo pureza lo inmundo. Ea, pues, dize Dios, no se me ofrezca la miel en sacrificio: *Nec quidquam mellis adolebitur in sacrificio Dño*, que si lo afanoso con q̃ se fabrica, me agrada, me desazona el verla tan dulce, auiendo sido en sus principios tan desabrida: miel q̃ en viendose dulce, se oluida de q̃ fue amarga; y q̃ siendo en su origen asco, en llegando à ser pureza, no se acuerda de lo q̃ fue no la quiero, que si me parece bien, q̃ se destruya lo amargo, disgusto q̃ tan del todo se oluide.

Theod. q. 1. in Leuit.

XIII. Alma; que auiendo sido pecadora, llega por la penitencia a lo dulce de la gracia, y q̃ auiendo sido toda asco, en viendose pura, se oluida que tuuo amargura de culpas, è inmundicia de pecados, le es muy desagradable a Dios, no se le ofrezca en sacrificio alma desta calidad, porque no la admitirà, q̃ sino puede sufrir ver culpas en la voluntad, tampoco verlas fuera de la memoria.

XIV. Alientos de espiritu feruoroso tenia el Profeta Rey, herbia el pecho en amor. Tanto fuego q̃ auia de hazer, sino deshazer lo pecador, y fortificar lo penitente. Deshecha en pedaços el alma, se le salia por los ojos gota à gota: Tanto puede vna penitencia verdadera. Duplicaua lagrimas, reyteraua suspiros, cada noche los renueua, y como si estuuiera reciente la culpa, assi solloza: *Lauabo per singulas noctes lectum meum.* Mi lecho es deposito de lagrimas, no es aliuio de fatigas, no le tengo para que mis ojos gozen del sueño regalado, sino para que exalen vivas centellas de vn coraçon afligido, cada noche lloran, mis parpados no se enjugan. En duda me pongo estas lagrimas, Profeta Santo; porq̃ las derramais? Porque tan continuo os afligis? Si por vuestra culpa, ya se perdonò. Vna culpa perdonada, haze impressiones tantas? Lagrimas sin culpa, no las derrameis, que esso es ser penitente sin pecado, y doloroso sin ofensa. Si se pecara cada dia, està bien, que se llorara cada noche; pero si se perdonò el delito, y no se pecara, para que son los lamentos? La Medicina no haze falta, quando falta la enfermedad. Las lagrimas son medicina de la culpa, pues como se aplica la medicina, sin que lo pida el achaque? O que diligencia tan extraordinaria, estar sano el enfermo, y aplicarle medicamentos para la salud! No os espanteis (dize S. Basilio el de Seleucia) que si es verdad q̃ la voluntad quedò sana de la enfermedad de la culpa, no lo quedò la memoria; y como esta quedò con el achaque, llora, y se aflige, no porque padezca la enfermedad de la culpa, sino porq̃ tiene el achaque de el recuerdo. Sobre sano aplica remedios el Real Profeta Dauid, porque aunque sanò con vn dolor de coraçon, la herida que la culpa auia hecho en la voluntad, quedòse en la memoria la herida; y acordarse vn Profeta, que la tuuo, aunque la vea sana, le haze tanta fuerça, para tenerlo, que sobre sana la cura, y sobre buena, la remedia. Llora como si corriera la herida sangre, solloza como si se empeçara la enfermedad, y siempre haze diligencias afligidas, para recobrar la misma salud

Psl. 6. 7.

lud que tiene. San Basilio assi: *Doctus Dauid, & accepta per confessionem gratia non quieuit, sed quod penitentiæ stadium capessiuerat, mordicus tenuit. Medicamentum ne quidem post curationem abiecit, at flens per omnem vitam clamabat intentus in cælum: Lauabo per singulas noctes lectum meum.* Ingenioso anda Dauid en retener en la memoria la culpa. Tiene la voluntad sin pecado, pero tiene en la memoria que pecò; no desprecia el medicamento que le dio salud, ni se oluida de las lagrimas, que fueron las que le quitaron la enfermedad, antes llora cada dia, ò agradecido, ò temeroso. O lo que haze acordarse de vna culpa, quanto vale à vn alma la noticia de q̃ pecò! O como importa tanto q̃ falte de la voluntad el pecado, como q̃ no falte de la memoria! Pues si alli se destruye la culpa, aqui se edifica la virtud.

S Basil Sel. or. 17.

XV. Entre alagueñas razones, blasonaua de fauorecida la Esposa, y no desdeñando lo bello, antes preciada de lo hermoso, dezia: Hermosa soy, aunque negra: *Nigra sum, sed formosa.* Chrysostomo explica con esta eloquencia aquesto: *Si qua hic peccatis anima denigrata est, ne timeat, tantummodo pœnitentiam agat, & dicat: Nigra sum ego, & decora.* Lo negro significa la culpa, y la hermosura la gracia. Si alguna alma cayere en la miseria del pecado, no tema, haga penitencia, y diga: Negra soy, y soy hermosa. Quanto tiene este dezir de eloquencia, tiene de dificultad. La penitencia verdadera, quita la culpa, ò no? Si la quita, vn alma penitente no puede dezir, que es negra, *Nigra sum.* Sino la quita, no puede dezir q̃ es hermosa, *Sum decora.* Como ha de ser hermoso vn pecador? ó como puede ser vn penitente feo? La hermosura de la penitencia, quita lo feo de la culpa, como lo feo de la culpa, quita lo hermoso a la penitencia; ò puede ser vn pecador penitente, y culpado, ò no puede ser hermoso, y negro. El encuentro es considerable, busquemosla solucion. Mueue esta question el Teologo. La gracia, y el pecado pueden estar juntos? Dificultad harto ventilada en la escuela. No es possible essa junta, dize el sentir mas verdadero, y comun. La gracia habitual haze hijos de Dios, del demonio la culpa: vna haze justos, injustos otra: vna innocentes, y otra culpados: aquella, al fin, haze herederos de la gloria, esta reos de la pena. Es imposible que vn alma à vn mismo tiempo sea hija de Dios, y del demonio, injusta, y justa, innocente, y culpada; heredera de la gloria, y rea de la pena. Luego es imposible que la gracia habitual, y el pecado habiten jun-

Cant. 1. 4

Chrys. hom. de Tart.

tos. Es ajustado el fundamento, mas con la licencia del pulpito, y con el arrimo de Chrysostomo he pensado esto. No solo no implica, que la gracia, y el pecado esten juntos, sino q para que aya gracia, es menester que aya culpa, porque si falta la culpa, es facil faltar la gracia; pero ha de ser con esta distincion essa junta, que la gracia ha de estar en la voluntad, y en la memoria, la culpa: ha de entrarse en la voluntad la gracia, para que expela la culpa; y la culpa en la memoria, para que conserue la gracia. Brauo caso! que siendo la gracia el mayor enemigo de la culpa, se conserue con la memoria de la culpa, la gracia; pues quanto mas se acuerda vn justo, que fue pecador, tanto mas se duele de auerlo sido; y quanto mas siente auer lo sido, mas asegura el no serlo. Ingenioso, pues, dize Chrysostomo, que vn alma para ser verdaderamente penitente, ha de dezir, soy negra, y soy hermosa: *Nigra sum ego, & decora.* Negra, por la memoria de la culpa, hermosa, por la posses ō de la gracia, sin que implique esta hermandad de gracia, y culpa, de ser hermoso lo negro, y de ser negro lo hermoso, antes ajudandose lo vno a lo otro, con tal industria, que la memoria de la fealdad, aumente mas la hermosura.

Esponja de los pecados llamò Chrysostomo a las lagrimas: *Spongia peccatorum tuorum lachrymæ sunt.* La esponja tiene esta propriedad, limpia el agua, aunque sea inmunda, pero recogela en si purifica la inmundicia, pero de tal suerte, que se queda con ella misma. Los pecados son agua turbia, y asquerosa, las lagrimas son la esponja con q̄ se ha de limpiar lo soez de esse alco, pero atiende a que hagan su oficio bien, que limpiandolo de la voluntad, se quede la memoria con lo que limpia, porque assi no se le oluide al alma, que tuuo culpa de purificarse, para que con esso no la buelua a tener. XVI. Chrys. in Ps. 50.

COMBATE IV.

Quod acceptum mulier abscondit in farinæ satis tribus. *Vers.* 33.

El coraçon es ambicioso de gustos.

Mirad vna muger, que esconde la lebadura, para q̄ le fazone, y esse es el cielo: *Quod acceptum mulier abscondit in farinæ satis tribus.* Agustino, prosiguiendo la explicacion desta Parabola, entiende en la lebadura el amor, en aquel *satis tribus*, los tres grados de amar, con el coraçon, con el alma, y con el entendimiento: *Per fermentum dicit dilectionem, eo quod fermescere facit,* XVII. Aug. in Ca.

facit, & excitat; in farina autem satis nihil intelligimus tria illa in homine ex toto corde, ex tota anima & ex tota mente. Es el amor perfecto cielo, quanto goza es interior *corde anima, & mente.* Coraçon, alma, entendimiento, todo es oculto, porque no puede estar en los ojos, en la boca, ò en otros sentidos exteriores? No lo veis? El amor de Dios como es todo cielo, es todo gusto, es gloria; pues no estrañeis que sea todo interior en donde assiste, que si anda el coraçon de por medio, el es tan ambicioso de gustos, q̃ se los quitarà a los sentidos exteriores, solo por gozarlos solo; y ya q̃ no pueda alçarse con todo lo alegre; si comunica algo, es à lo interior, por tener mas cerca el placer.

XVIII. Satisfecho aquel gran Sacerdote Zacarias de los fauores q̃ suele Dios hazer a quien de veras le pide, y mas si se ajusta a su gusto en la peticion no cessò de pedirle vn hijo, hasta q̃ vió vn Angel, q̃ de su parte le le prometia: *Vxor tua Elisabeth pariet tibi filium.* Braua felicidad! hallarse tan cierta la promessa de vn hijo tan deseado, q̃ vn Angel la assegure. Y bien que se siguio a tanta dicha? Que Zacarias enviendo al Angel, empeçò a turbarse; en oyendole, a poner dudas, y en hablando, a dezir, q̃ no creia sus promessas: *Vnde hoc sciam? Ego enim sum senex, & vxor mea processit in dielus suis.* O gran Sacerdote, y que de combates teneis con la vista de vn Angel! De que os turbais? Porque os afligis dudoso? I os ojos no ven vn Angel? pues como se turban? Los oidos no oyen la seguridad de vna promessa diuina? pues como no la creen? La boca no habla con vn espiritu soberano? pues como le pide satisfacion, sin assegurarse en sus palabras? O que desconocimiento, sobre poca cortesia! En vn ciudadano de el cielo se ha de poner dolo? puede dezir lo que no siente vn pecho bien nacido? Si la verdad es el mayor credito de vna nobleza, vn Legado de tan ilustre prosapia, porq̃ auia de faltar a essa obligacion? Detenga Zacarias la lẽgua, y no ponga dudas en las verdades q̃ oye, antes se assegure en ellas, pues la promessa tiene de seguridad vn Dios que la quiere hazer, y vn Angel que la viene a dezir. Ea (dize Chrysologo) q̃ si cree Zacarias, y si duda, pero desta suerte, con el coraçon cree y por esso duda con la lengua. Porq̃ cree, duda? Si. Ardia el coraçon de zelos luego q̃ sintiò q̃ los ojos via a vn Angel, q̃ los ojos le oian, y q̃ la boca le hablaua; y viendo q̃ todos gozauan tãta dicha, sin poder lo sufrir, tratò luego de quitarsela. Que remedio, para priuarlos de el gusto, y hazerse el due-

Luc. 13

Gen. 18.

ño

ño de todo? Fue muy conforme à su deseo. Quando los ojos ven vn Angel, haga el coraçon que se turben, *Zacharias turbatus est videns.* Quando los oidos oyen vna promessa diuina, dè lugar a que la dificulten. *Vnde hoc sciam?* Quando la boca habla, mandele, que ponga imposibles en su cumplimiento: *Ego sum senex*, y de essa suerte los ojos no tendran gusto en ver al Angel, antes si miedo, y temores, pues se turban: los oidos en oirle, menos, pues no le creen: la boca quedarà muda, en castigo de lo que dixo: *Ecce eris tacens.* Y quedando la boca muda, los ojos turbados, y los oidos incredulos, vendrà el coraçon a ser solo el dueño del gusto que causa la promesa de vn tan grande hijo. Aora Chrisologo: *Zacharias qui in ipso tempore placationis offendit, qui dum credit dubitat, dicente Angelo; quia non credidisti verbis meis: dum postulata promeretur, incurrit, condemnatur, munera ipsa cum suscipit: qui vocem, cum vocem percipit, tunc amittit.* S. Pet. Chris. ser. 88. Tan grande traicista es el coraçon para robar gustos, que assegurado del Angel, creelo que dize, pero haze que lo duden las potencias, *Dum credit dubitat*, para que ofendiendo, en vez de ser agradecidas, ya con la turbacion, ya cõ el castigo, ninguna goze cosas tan celestiales, porque assi èl solo tenga el gusto que auian de tener todas.

XII. Cansado deuia de estar el Patriarca Iacob, quando sin mas aliño, que la desnuda tierra, y vna piedra por almohada, dio alientos a la naturaleza con el sueño, forçoso alibio del hombre, y testigo ineuitable de su miseria, pues le auisa que es sueño la vida mas lucida, *Dormiuit in eodem loco.* Gen. 28. Durmiò, y dormido, vio que la gloria, ò embidiosa de la tierra, porque le tenia, ò deseosa de gozarle, se baxaua toda al suelo, que sus luzes le cercauan, que Angeles baxauan a assistirle por vna escala, y que el mismo Dios, puesto en la cima della, le consolaua prudente, le asseguraua su ajuda poderoso, y le prometia fauores liberal: *Viditque in somnis scalam Vos stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum: Angelos quoque Dei ascendentes, & descendentes per eam, & Dominum innixum scalæ.* Como todo fauor es a los justos deuido, por extraordinario que sea, en el prudente no causa admiracion, no està en la merced mi reparo, sino en el modo de recibirla Iacob: *Viditq; in somnis scalam.* Entre sueños goza de la gloria. Notable confusion causa ver a vn hombre con tantos fauores dormido. De que sirven las dichas, sino se pueden gozar? Vn dormido, ni goza, ni conoce; El fauor es grande, mas por hazerse a vn dormi-

dormido, pierde mucho de serlo, y viene a tener de limitado, lo que podia tener de crecido. Pero no culpemos al dueño de el fauor, sino de quien le recibe al sosiego. Tanto dormir, en ocasion de tanto gozar, parece que es hazer poco caudal de beneficios tamaños; el crugido suaue de vnos cielos, que se abren; el estruendo apacible de vnos Angeles que baxan, y suben; las vozes de vn Dios, que tan omnipotente pronuncia; la dureza de vna piedra, que tan desabrida sustenta, la aspereza de vna tierra, que sirue de lecho tan poco preuenida; y al fin, el plantar a la cabecera de Iacob vna escala, que llega desde la tierra hasta el cielo, nada desto es suficiente para despertar a vn hombre dormido con tan poca comodidad, sino que se està durmiendo, quando despierto pudiera estar todo glorioso, gozando de tantas dichas, y alegrandose en la vista de tales glorias? Reparad en el dueño de essa accion. Essa aparatosa dicha, donde pudiera tener Iacob tanto gozo, le sucediò despues de vna deuotissima oracion: *Post multam, & deuotam orationem*, dize el sapientissimo Lira hic. Lira: Preuinose el Patriarca para el sueño con vna difusa, y deuota oracion; dormiò despues de auer orado; mas como auia estado el coraçon en la oracion tan atento, sintiò algo de fauor, porque la conocio afectuosa; y assi dexando dormir a los ojos, se quedò velando èl diligencia facil suya, velar entre los descuidos de los ojos, como en la Esposa la hizo: *Ego dormio & cor meum vigilat.* Cant. No estrañeis ya ver a Iacob tan dormido, q̃ el ruido de tantas tropas celestiales no le puedan despertar, que es tan robador de gustos el coraçon, que en sintiendo los fauores, quanto èl estaua mas despierto para poder los gozar, hazia que estuuiesse con mas profundo sueño Iacob, para que los sentidos exteriores no los gozassen, porque estando priuados de sus naturales acciones, se dirigiesse a èl el gusto de toda la dicha, gozando lo que auian de gozar todos los sentidos, si estuuieran como èl despiertos.

XX. Quitò la vida al gremio de Profetas falsos mi zeloso Padre; que no harán los zelos bien nacidos? Tuuo el zelo de Dios por agrauio aquella sacrilega Reyna Iezabel, buscò a Elias, para q̃ pagasse tantas vidas, con la suya. Temiò entendido; huyò prudente. Huir los riesgos conocidos, mas prudencia es, que aguardarlos. Aluergòse en vna cueua, fabrica de la naturaleza, oye en ella vna voz, que le dize: *Quid hic agis Elias?* Elias 3. Reg. 19 que haces en tan despoblados 10. lugares? en tan incultos caminos,

nos, y en tan poco aliñosas po-
Vers. 10. blaciones? *Zelo zelatus sum (respon-*
de) pro Dño Deo exercituum. Zelos, Señor, de vuestra honra me obligan à estos viages. Sale obediente a la puerta de la cueua, y vè vna conmocion tan fuerte, q̃ podia mouer montes y trastornar valles: *& non in commotione Dñs* No venia Dios en ella. Vio despues vn fuego, y cõ serlo Dios, tampoco venia en él. *Et nõ in igne Dñs.* Oyò despues vna vocecilla tierna, que dulce enamorana; vn airecillo manso, que deleitaua apacible; vna marea suaue, que entretenia gustosa: *Sibilus auræ tenuis.* Sintio que venia en la liquida pureza de aquel aire Dios, y cubrese el rostro con la capa: *Operuit vultum suum pallio.* El reparo llega ya.
Vers. 13. Que valor es este, Soberano Padre? a la vista de vn Dios desfallecé quien ha estado en lo demas tan valeroso? Acobarda vn airecillo manso, mas que vn torbellino? vna marea, mas q̃ vn fuego? Lo aspero, y delabrido os halla mas resistente; que lo apacible? lo dulce tiene en vos mas dominio? lo delicado os vence? no tiene fuerças vuestro valor, para poder ver lo sutil? No es esso, a lo que presumo, diligencia de la fuerça, sino solicitud de la maña. Reparad en la razon fundada en vnas palabras de Bernardo. Quatro afectos, dize Melifluo, tiene el coraçon, que son, amor, miedo, gozo, tristeza: *Attende solerter, quid diligas, quid metuas, vnde gaudeas, aut contristeris. Totum enim cor in his quatuor affectionibus est.* Aora reparad. El viento era delabrido, demasiadamente embrauecido el fuego, el ayre de todas maneras apacible. Lo desazonado, entristece, lo enfurecido, atemoriza, y lo apacible, deleyta. En esta diuersidad de afectos, se hallaua el coraçon, quando preuiniendo sentimientos, ò siendo profeta de gustos, dize de esta suerte: El torbellino aflige, el fuego atemoriza, el airecillo manso diuierte. Ea pues, diuidan se essas acciones, los ojos vean la commocion, la vista goze de el fuego; pero al passar vn aire que deleyta, yo lo dispondrè desuerte, q̃ Elias se cubra el rostro, y que con la capa se alcancen a tapar los oidos, para q̃ ni puedan oir aquestos, ni aquellos puedan mirar; y no pudiendo ser visto lo deleytable, ni oido lo gustoso, serà todo el deleyte para mi. Aire que deleita, para mi solo le quiero, lo demàs lo comunico: enamorado estoy de essa marea, porque dulçora el gusto, no le vea nadie; lo afligido, gozenlo los ojos; lo gustoso, yo solo lo he de gozar; no comunico gustos, si doy parte de pesares: voto à dueño quiero ser de placeres: los gozos del espiritu tengo de robar a los sentidos

S. Bern. ser. 2. in Cant.

tidos de la carne, y assi cubriase Elias, q̃ assi no podrá gozar, y cõ esso gozarè todo lo apacible, y seré señor de todo lo gustoso.

XXI. En los gustos del espiritu, no culpo la condicion que el coraçon tiene, porq̃ todo lo espiritual, mejor esta en èl, q̃ en los ojos. Para q̃ es menester que se le vea a vn varon perfecto; en el rostro los gozos espirituales q̃ tiene, y las mercedes q̃ Dios le haze? entendido anda el coraçon en robarse las, gozelas èl, que assi estaràn mas seguras, que si las dexa en los sentidos exteriores, como estan en publico, corre mucho peligro el conseruarlas.

COMBATE V.

Mulier. *Vers.* 33.

El estudio de letras sagradas, haziẽda sabios, haze penitentes.

XXII. POco ha que diximos, como era la lebadura amor contrito: Amor, porque lo dize Agustino: *Per fermentum dicit dilectionem.* Contrito, por lo q̃ tiene de azeda, y desabrida, de suerte, que en essa junta se denota la verdadera penitencia. Prosiguiendo el mismo Santo la explicacion, dize: Esta muger es la sabiduria: *Mulierem sapientiam dicit.* La sabiduria se alcança con el estudio. Hagamos junta de todo. Estudio, Sabiduria, Penitencia; buenos juezes ay en este Concilio, ellos sacaran al alma libre de la culpa, porq̃ el estudio de letras Sagradas, da su voto en fauor de la sabiduria, la sabiduria, en fauor de la penitencia; la penitencia dà la sentencia en fauor de la gracia, y en contra de la culpa. Sean, pues, semejantes al Reyno de los cielos vna lebadura, y vna muger; esta, q̃ signifique la sabiduria; aquella, la penitencia, porque alcançandose el saber por estudiar, se entienda, que el estudio de letras Sagradas, es ocupacion tan heroica, que no solo haziendo sabios, haze penitentes, sino que parece vn cielo, quien estudia en vna Biblia.

XXIII. Viose el Euangelico Profeta Isaias en presencia de el mismo Dios, quando le viò tan magestuoso, como grande, en aquel trono, remedo de su Magestad, y claro indicio de su Gloria. Hallòse en tanta dicha, y sin poderse contener, empieça a dar lastimosas vozes, si confessandose culpado, haziendose publico penitente. *Va mihi quia tacui, quia vir pollutus labijs ego sum.* Pecador soy, labios tengo sin pureza, ay de mi! ay de mi! Que demonstracion es essa de pecador, Profeta santo? Ay es de penitente? en la gloria ni ay penitencia, ni culpa, ya llega a ella el alma

Isai. 6. 5.

alma purificada, q̃ alli no se ha de purificar. Si teneis labios impuros, porq̃ no aueis hecho penitencia? y sin ella: como os resolueis à poneros en estancias tan agenas de imperfeccion? Alli no se sufren defectos, sino afectos: no se permiten dolores, sino gozos: no ay lugar de ayes, sino de Aleluyas, q̃ si todo el cielo se alegra, viendo a vn pecador penitente, essa alegria es efecto de la penitencia, no penitencia: en el cielo tienen los penitentes gozos, no pesares, porq̃ alli reciben el premio de la penitencia, no la hazen. Pues como Isaias, bañado de glorias, à vista de vn Dios, que ostenta tantas Magestades, y de vnos Serafines, q̃ le siruen puros, se confiessa impuro, y maculado, haziendose entre lastimosas vozes penitente? Oid à Geronimo, q̃ de alli saquè desta penitencia la ocasion: *Deinde etiam hoc adijciendum, quod non tam Propheta dicendus sit, quàm Euangelista. Ita enim vniuersa Christi Ecclesiæque mysteria ad liquidum prosecutus est, vt non putes eum de futuro vaticinari, sed de præteritis historiam texere.* Isaias era doctissimo, gastaua la vida en estudiar letras sagradas, y assi vino a ser tan sabio, que mas parecia Euangelista, q̃ referia elegante la historia sucedida, que Profeta q̃ enseñado del diuino Espiritu enseñaua maestro, lo q̃ auia de suceder.

S. Hier. in præfat. ad Isai.

Assi que tan docto era Isaias, q̃ gastaua en el estudio de letras sagradas el viuir; pues no os admireis q̃ estando en tanta gloria sumergido, y à vista de la Magestad de Dios, sin resolucrse à gozar de tanta dicha, se determine à quexarse, haziendo penitencia, que vn estudioso de letras diuinas, al passo que las entiende mejor, de tal suerte haze penitencia de sus defectos, por minimos q̃ sean, que viendose en ocasion de poder estar glorioso, solo trata de hazerse penitente; *Væ mihi.* Ay de mi, dize, entre aquella Magestad glorioſa; ay de mi, grita arrepentido, q̃ tengo en los labios mácha, en la gloria estoy, pero como la sabiduria sagrada me enseña la pureza que se requiere para estar en ella, no trato de gozar, solo me quiero arrepentir. Tan propio es desta sabiduria hazer verdaderos penitentes, q̃ si fuera posible, a los q̃ estan en la gloria, los obligara à que hizessen penitencia.

XXII

Moyses, eminentissimo orador, viendose en presencia de todo el pueblo de Israel, les hizo esta elegante oracion: O celestiales esferas, dize, à cuya disposicion està sujeto el gouierno del vniuerso, à vosotras combido para mi platica y exorto, para q̃ escucheis mi sermon, oid me atentas lo que hablo. Prosigue luego: *Concrescat vt pluuia do-*

Deut. 32.

ctrina

ctrina mea, fiat vt ros eloquium meum, quasi imber super herbam & quasi stilla super gramina. Mi doctrina adquirida à precio de fatigas tenga buen logro, crezca, y aumentese como la lluuia, q̃ siẽdo parte de las preñadas nubes, se dilata tanto, q̃ apenas ay parte en la tierra en donde no tenga juridicion: mi eloquencia, se diuulgue por todas las naciones del mundo, mi facundia se haga noticiosa; y como el rocio, llanto breue del Aurora, se deshaze à vista del luminoso Planeta, y corre hasta llegar a las entrañas de la tierra, con q̃ la fructifique, assi mis razones corran, y fecunden a quiẽ las oyre, como el agua q̃ riega la yerua, con q̃ de marchita, la pone lozana, y hermosa: como las gotas en q̃ las nubes se deshazen, se diuiden sobre la grama, q̃ siendo yerua tan agreste, la hazen produzir tan abũdante, assi mi oracion fructifique en mis oyentes. Estraña cõparacion de agua, y sabiduria. Por vna parte propone Moyses doctrina, eloquencia, facũdia; por otra, agua, lluuia gotas, rocio. Falta para la sabiduria otra similitud? La constancia parece mas propia, el sabio siempre està con entereza, ni lo prospero, ni lo aduerso lo altera. La facilidad del agua, no es propria de la sabiduria, porq̃ la mudança, antes indicia ignorantes, q̃ prudentes; por cuya ocasion la Luna, q̃ predomina en el mar, fue por su mobilidad simbolo de la ignorancia, como la entereza, significa en el Sol de la Sabiduria: *Homo factus in sapiẽtia manet sicut Sol, nam stultus sicut Luna mutatur.* Moyses, como siendo tan entendido, hermana la sabiduria con el agua, y no con el Sol? Quan elegante Philon Carpacio lo desata. Iunta al agua con la Sabiduria, y no al Sol, porq̃ este asegura permanencia, aquella, indicia mudança, y aunq̃ lo mudable es tan opuesto a lo sabio, como proprio, lo permanente, para hazer la Sabiduria permanecentes, el modo es, hazer mudables. La lluuia significa mudança, pero tambiẽ penitencia. Esta es mudable, pues su misterio es, mudar en justos los pecadores; deshazese la nube, y con sus gotas haze a vna tierra esteril, fecunda: deshazese vn coraçon penitente por las nubes de los ojos, y haze de vn infecundo pecador, vn Santo fructuoso. El Sol, en sentencia del Ecclesiastico, significa la sabiduria, el agua, la penitencia, la doctrina, es para saber; el saber se adquiere con estudiar; pues bien traçado: Quando Moyses dà doctrina, para que estudien Sabiduria sagrada, aunque se significa en el Sol, hermanela primero con el agua; que si el Sol haze constantes, y el

Eccl. 27. 12.

y el agua haze penitentes, juntela primero con el agua, ipor q̃ el primer efecto que la doctrina sagrada haze quando se estudia, es hazer llorosos, y penitentes: *Hæc potio* (dize Carpacio) *illis salutaris inest, qui diuinis rebus intenti, ita mente ac lingua sacras litteras sugunt; indeque dolorificas pœnitentias salutares peccatorum medicinas assumunt.* Aunque es efecto de la sabiduria, la entereza, no es esso lo primero que causa, sino la penitencia, el llanto. En haziendo el estudio vn sabio, le haze luego penitente, despues constante; primero le muda de pecador a justo, le haze lloroso, para hazerle arrepentido, en teniendole deshecho en lagrimas como agua: el mismo estudiar cosas de Dios, como le haze conoceerle mas, le haze Sol mas perseuerante en la virtud.

Phil. Carpac. ad c. 3. Cant.

XXV. El saber suele ser deleitoso, el estudiar, apacible, ni sè q̃ para vn bien entendido aya mas holgança que vn libro, quando en èl halla amigo sin melindres, maestro sin embaraços, y passante sin ocupaciones: Que holgura mayor que ver desde vna silla quanto ay en todo el mundo? Siendo esto verdad, le pareciò al Ecclesiastes dificultoso, pues auiendose puesto desde el Real Solio a contéplar quanto los rayos del Sol, hechos lucido manto del mundo, cubrian. Dize: El mucho saber, es mucha indignacion; y el añadir ciencia, es añadir trabajo: *In multa sapientia, multa indignatio & qui addit scientiam, addit & laborem.* Notable proposicion. La sabiduria, y mas si es modesta, antes engendra amigos, que contrarios, antes amigables correspondencias, q̃ despegadas comunicaciones; la indignacion, es causa de la ira, y efecto de la enemistad, passa entre aduersarios, no entre amigos. El trabajo es para quiẽ le presume trabajoso, no para quien le tiene por entretenido. El sabio gusta de saber, luego tiene por entretenimiento el estudiar. Pues si el estudio es entretenido, y el saber es amigable, como puede originarse la indignacion del agrado, y de la gustosa diuersion el afan, siendo el mucho saber, ocasion para engendrar amigos, como lo puede ser de indignaciones? y haziendose cõ gusto el estudio, para aumentar sabiduria, como puede añadir el saber afanes? Desta suerte, dize Salonio, estudia el entendido en las diuinas letras; incitase a querer mas a Dios, conociendo por ellas, quan digno es de ser amado; mas como se halla entre los laços de su miseria, no puede bolar a Dios como quisiera. Que mucho pues, que el estudiar, siendo de tanto gusto; engendre desabrimientos? y que

Ec. 1.18

y que el saber, siendo causa de amigos, origine indignaciones? siendo la sabiduria mayor, mayor trabajo, pues por ella conoce el estudioso, q̃ siendo Dios objeto digno de todo amor, el modo para amarle, es indignarse contra si; hazerse enemigo de si proprio, añadiendo a mas saber, mas penar, para q̃ deshaziendo con afanes penitentes los laços q̃ ocasionan las culpas, libres de su prision, puedan caminar a Dios, y llegarse mas al cielo. Aora Salonio; *Quanto quisque plus in sapientia proficit, tanto magis sibi irascitur de malis operibus, quæ gessit, & contristatur, & dolet super peccatis suis; ideoque addit & laborẽ, quia quanto amplius cælestia, & æterna cognoscit, tanto magis dolendo, & flendo laborat, vt errorum laqueos euadere possit, & liberari valeat de huius sæculi miseria.* Quanto mas se estudia, mas se sabe; quanto mas sabe vn sabio, mas se indigna contra si, porq̃ le parece peor su culpa; quanto le parece Dios mejor; y assi à mas saber, añade mas trabajo, haziendo penitencias mayores, porque sabe que assi se grangea Dios, y se remite la culpa.

Sal. Vienens. Epist. hu.

XXVI. Fingian los antiguos diuersos dioses entre ellos, ponian à Minerua, a quiẽ venerauan por diosa de la sabiduria, llegando à inuestigar su nacimiento, fingen ser hija de Neptuno, dios de las aguas, y de la laguna Tritona. Las aguas engendran a la sabiduria, quizà fue la ficcion para declarar los sudores que cuesta el saber, y los afanes del estudiar, pues à vezes se alcança vna dificultad con gotas del coraçon: ellos dizen, q̃ las aguas engendran el saber, y dizen biẽ en este sentido. Yo hablando de la Sabiduria Sagrada, digo: Que ella es quien engendra las aguas; della nacen los sollosos, los suspiros, y las lagrimas, q̃ en demostraciones penitentes, remite el coraçon a los ojos, pidiendo las dexe salir, para desahogo de sus bien nacidos pesares, y para dar lugar à otras que se quedan engendrando en el pecho, siendo sus padres, dolores de penitencia, y arrepentimientos de culpa.

No es sabio el q̃ se tiene por tal (dixo el Petrarca) mas argumento de sabiduria es dar indicios de ignorar, q̃ no de saber. La ignorancia es apoyo de la sabiduria, y entonces se sabe algo, quando q̃ no se sabe, se sabe. Como puede ser docto el presumido, si el presumir es el saber? El sabio, antes se estrecha q̃ se desahaga, ni se atreue a tomar licencia para vna diuersiõ; porq̃ todo su saber, le emplea en contemplar lo q̃ le falta; y assi sin gloriarse de lo que sabe, suspira por lo q̃ no tiene: *Sapiens enim quantum est; quod sibi desit intelligit, non gloriatur itaque sed suspirat.* XXVII

Fr. Petr. dial. 12. de Sap.

pirat. Suspira el sabio, y no se puede alegrar. Quan ajustado viene a quiẽ tiene Diuinas Letras este dezir. Como se ha de alegrar vn estudioso, si por mas q̃ sepa, sabe claramente q̃ es pecador, y no sabe si es arrepẽtido? Sabe q̃ ay mucho que gozar de Dios, y no si lo gozarà. Estudie el q̃ tuuiere cõbates de culpas, letras sagradas, principalmente el q̃ tuuiere profession para ellas. Estudie en los diuinos cartapacios, que ellos son tan eficaces para hazer verdaderos penitentes, que à pocas liciones, de discipulos de culpas, sabran hazer maestros de penitencias.

VICTORIA.

Hæc omnia locutus est Iesus in parabolis ad turbas; & sine parabolis non loquebatur eis, v. 34.

En el pulpito, castillo de la militante Iglesia la elegancia, y sutileza son los tiros mas eficaces para rendir almas.

xxviij. PRedicaua Christo S. N. en parabolas, y muchas vezes enseñaua cõ ellas: *Hæc omnia locutus est Iesus in parabolis ad turbas: & sine parabolis non loquebatur eis.* Como siẽdo su fin rẽdir almas, las cõbate con doctrina, donde se juntan elegancia sutileza? El estilo parabolico encierra todo, concepto sutil, breue periodo, parentesis à tento, lẽguage sentencioso, y conciso, sean los tiros de essa doctrina mas claros para q̃ entẽdidos sugeten. Quitaos de aì, dize Victor Antioch. antes esse estilo enseña por entendido, y assi vàce mas eficaz: quando Christo conquista almas, en parabolas predica, para q̃ halle todo ingenio pasto; en la viueza, el mas grande; en la eloquencia, el menor: Ilustra su sermon con hermosura de razones, y con viueza de conceptos, para dezir al Orador Euangelico, q̃ en el pulpito, castillo de su militante Iglesia, enseñan con eficacia el concepto pulido, y la razon aderezada, pues vn buen dicho haze por lo menos mas atento al oyente, y cõ la atencion se imprime en la memoria la doctrina, y assi es mas facil de executar. Oídlo de pluma de Antiocheno: *Docet autem per ænigmata & parabolas primo quidem propter Scribas, & Phariseos, qui multitudini admixti erant. Mox, vero, quo sermonem illustriorem, apertioremque reddat: postremo autem, quo res per parabolas, & similitudines sensibus quodammodo subijciens, cognitu, obseruatuque necessaria auditorum memoriæ, altius imprimat.* Vict. Antio. ad c. 1. Marc.

XXIX. Los desdoros q̃ tenia la tierra recien nacida, son bien notorios, los primeros passos que diò, fueron vacios; en desaliño fue criada, y se hallò con su ser

tan

tan à sola, que à algunos les pareciò no le tenia: *Terra autem erat*
Gen. 1. 2. *inanis, & vacua*, dize el Texto sagrado. Otros leyeron: *Terra autem erat nihil.* Nada era la tierra. Implicacion en terminos parece: la nada no es, y es la tierra, luego no puede ser nada. Ser, y no ser, manifiesta implicacion indica, pues, el ser arguye fisica, y real entidad; el no ser, carencia, y priuacion de ser. La tierra, pues, sino es, como es? Lo mas tiene de misterio essa version, dize Hugo Victorino, tenia la tierra substancia, pero no tenia accidentes; tenia ser, pero deslucido: faltauanle los arboles, que eran toda su belleza. Assi, que tan deslucida estaua? pues digase que la tierra, es, y no es; que es, porq̃ tiene ser substancial; que no es, porq̃ le falta el adorno, que el ser lucido, es tan grande parte del ser, que en faltando el lucimiẽto, parece falta la substancia *Vt*
Hug. Vict. *quanta foret* (dize Hugo) *inter esse, & pulchrum esse distantia discerneret* Bien puede vn Capitan de la milicia de Christo ir al pulpito armado desta suerte, profundo en el discurrir, metafisico en el pentar; pero si le falta la suauidad en disponer los tiros de la doctrina Euangelica, el adorno en el componerla, y la dulçura en persuadirla, *Erat nihil*, aunq̃ todos los tiros sean de substancia, ella sola no rendirá al oyente, porq̃ no es quiẽ le rinde lo profundo si se tira sin lo elegante. Elegancia, y profundidad son los tiros que rinden. Substancia, y accidentes ha menester la doctrina, que sin ellos, serà de tan poco fruto como sino fuera, porque falta el lucimiento, quando sobra la substancia.

Assistian a la soberania de Dios, q̃ magestuosa estaua en vn trono de gloria veinte y quatro ancianos, y quatro animales, aplaudian oluidados de su natural rustico tanta grãdeza, duplicauan alternatiuamẽte el nõbre de Sãto. Despues de tãto aplauso, deuido al Señor de aquella gloria, dize el Euãgelista Iuan, q̃ reparando atẽto en la mano derecha del q̃ se ostẽtaua en el trono poderoso, viò q̃ en ella tenia vn libro, q̃ estaua escrito por dẽtro, y por defuera: *Vidi in dex-* XXX. *Apoc. 5.* *tera sedentis supra thronum, librum scriptum intus, & foris.* La declaracion de lo q̃ este libro contenia, es lo q̃ diuide las plumas de los Interpretes Sagrados, vnos diziẽdo vno, otros otro. E Abad Ioachin, a quien sigo, dize. Que este libro era el Testamẽto Viejo; la nouedad es, q̃ estè escrito dentro, y fuera, *Intus, & foris.* Escusado cuidado, y diligencia perdida parece. Para q̃ es tanto escriuir? Lo q̃ tiene el libro dẽtro se lleua toda la atencion, alli se aplica el cuidado, y se

deposita el afan; los desuelos de el ingenio alli se estampan, y los haze el bronze inmortales: Escriuase, pues, dentro el libro, y no se escriua de fuera, q̃ parece esse desuelo ocioso. No lo es, dize Ioachin, porque la sagrada Escritura es vn libro de donde todo Capitan de Christo toma las armas q̃ ha menester para conquistar las almas desde el pulpito, y llegarselas à Dios: de alli no solo se han de tomar armas para vencer al docto sino tambien al ignorante: pues bien trazado; Essas armas, q̃ son las diuinas razones, esten por todas partes escritas, porq̃ a todos pueda aprouechar los tiros de essa doctrina: halle en ellos materia para rendirse el docto, y el ignorante; este en lo escrito por defuera; aquel en lo por de dẽtro; por defuera, en lo hermoso del dezir, en lo eloquente del hablar; por de dẽtro, en lo profundo del pensar, en la sutileza del discurrir, y sepa vn Predicador quando explica vn lugar de Escritura, q̃ ha de ser *intus & foris* mezclando lo ingenioso cõ lo eloquente, lo misterioso con lo lucido, lo prouechoso cõ lo deleitable, q̃ si en essa cõquista su intento principal es guiar almas por el camino de la virtud, para enseñarlas à ser perfectas, es menester deleytar los cuerpos con la hermosura de la doctrina. Oid al Abad. *Foris enim loquitur paruulis, intus viris Foris loquitur instituendo corpora intus animas informando in fide* Para todos es la sagrada Escritura, para el niño, y para el hombre, para el pequeño, y para el grande, para el alma, y para el cuerpo. Adornese, pues, vn lugar suyo, y cõpongase por todas partes; repartase la atencion, poniendola en lo vtil sin oluido de lo deleitable, para q̃ compuesta, y adornada de essa suerte, quando llegue à dispararse desde el castillo de la militante Iglesia, pueda vencer à todo genero de almas, Abba Ioach hic

Quæ est ista, quæ ascendit de deserto delicijs affluens? Quien es esta, dize el Esposo, en quien cõpiten deleites, y belleza? nouedad le parece lo comũ: lo bello, y lo deleitable, pocas vezes se diuidẽ: no se vicia, empero, aqui por lo bizarro, el deleite, porq̃ el deleite es del espiritu, la bizarria del alma. Toda es copia de deleites esta q̃ sube del desierto: Quiẽ es el deposito de tãto bello? el aluergue de tanto gusto? Resp̃de à estos ecos S. Greg. el Grande, diziẽdo, la Iglesia, q̃ subiẽdò cõ la contẽplacion desde el mũdo a lo mas lebãtado del cielo, no se le haze nouedad el gusto, porq̃ està abũdante del, y copiosa de deleites. Dos cosas halla en q̃ detenerse el discurso, subida, y deleite; subir para deleitarse ẽ subiẽdo, no es mucho, q̃ el estar ẽ alto siẽpre deleita; llenara subir XXXI. Cant. 8.

subir tantos gustos, no parece muy posible; el subir es dificultoso, cuesta mucho hasta llegar a lo alto, y assi las diligencias para llegar, aunque deleitan, fatigan: luego ya q̃ la Iglesia sube gustosa, no serà el gusto tan cũplido como el Esposo denota, *delicijs affluens*, sino templado el cuidadoso afan que el subir cuesta. No es assi, dize Gregorio, la Iglesia gustosa sube, mas es quando tiene Oradores q̃ conquistan en ella almas, con razones eloquentes, estos la hazen subir gustosa, la palabra diuina la lebanta a contemplaciones soberanas, la eloquencia con q̃ se predica, la deleita; no tiene la Iglesia mas deleite, que verse con vn predicador abundoso, pues la eleua el oyr vn tiro sutil, y la deleita el ver combatir con facundia en el hablar, despues del trabajo que se passa al subir, suele llegar el tiempo del gozar, pero la Iglesia viendose con vn orador, que combate a sus fieles elegante, no aguarda essa dilacion, luego goza, y luego sube, gozando, sube, y subiendo, goza, porq̃ en la doctrina que en ella se predica, para rendir almas, halla tiros de sutileza, que la hazen eleuar, y de elegancia, que la hazen diuertir. Gregorio glosa assi: *Sancta Ecclesia, nisi Verbum Dei delicijs affluret, de deserto vitæ præsentis ascendere ad superiora non posset. Delicijs ergo affluit, & ascendit; quia dum misticis intelligentijs pascitur, ad superna quotidie contemplando subleuatur.* Si faltara elegancia en la palabra diuina, faltara en la Iglesia gusto, y sino tuuiera quien la escudriñara sutil, no pudiera subir a la contemplacion de los misterios soberanos. Iuntese, pues, para su satisfacion en vn Orador Euangelico, sutileza, y elegancia, que ellos saben tendir con tal primor; que no solo quedarán los fieles hijos de la Iglesia rendidos, sino que gustosos con este genero de doctrina, subiran con la Iglesia su Madre en espiritu, a la contemplació de los misterios de Dios.

S. Greg. Mag li. 26. Mor. c. 10.

La lengua del justo es plata escogida, dize el Sabio: *Argentum electum lingua iusti.* La plata, dize Pedro Bercorio, es el metal mas sonoro de todos, claro, y puro: *Nullum autem aliud metallum dulcius resonat, quam argentum, est metallum album, & sonorum, clarum, purum.* Mas siendo metal tan apacible de sonido, tan sonoro, y dulce, no aficiona, ni deleita como plata solamente, sino como labrada, y pulida. Mirad vn poco de plata bronca, vereis quan poco se lleua el cuidado de los ojos, aunque se lleue el del deseo; ni las atenciones del oydo, no suena bien, aunque la toquen; ni entretiene la vista mientras le falta la labor, porq̃ aunq̃ es plata, lo tosco la haze

xxxij. *Pro.* 10. 20.

Pet Berc. *in reduc. mor. li.* 11 *c.* 30.

desapacible, y deslucida. Quan acertado el Sabio apropia la similitud de la lengua, y la plata, dize Hugo Cardenal, pero es de aduertir, que no dize ser solo plata la lengua del justo, sino escogida, labrada, tersa, limpia, *Argentum electum.* Nunca suena la lengua del justo sin ingenio, ni pronuncia sin discrecion; primero lima lo que ha de dezir, que lo diga mezcla con lo discreto, lo eloquente; pule, y cõpone la razon, para sacarla de la boca, porque pretende, que el tiro de sus palabras sea al ayre: y para que sea aprouechado, el medio mas eficaz es, que sean los tiros de las razones plateadas, por la pureza del conceptuar, y sonoros por la dulçura del dezir. Oid al eminentisimo Cardenal: *Argentum electum lingua iusti, nitens, & suauiter sonans vt argentum electum: & probata, & examinata in fornace discretionis antequam loquatur; cum argento eloquẽtiæ misce aurum discretionis; vt prius veniant verba ad animam, quam ad linguam.* En el pulpito el predicador que se precia de ajustado, para que suene bien su doctrina, ha de tener sonoro el eco, dulce, puro, y claro: esto es, no hablar sin pensarle, ni predicar sin digerirlo; plata labrada ha de ser el sermon, que primero que pronuncie con la lengua el lugar de Escritura, le labre con el ingenio. Discreto ha de ser en el hablar, no comun, para q̃ suene dulce lo que habla: y al fin, su pensar de plata, por la liquida pureza del concepto, para que apuntando con essos tiros al alma, la vença sin dificultad.

Hug Car din. hic.

Sea Catolico Orador, este tu modo de conquistar almas; cuidado cuesta, y con desuelo se alcança, empero, por su aprouechamiento, todo trabajo es preciso. Ajustate à juntar en tu Euangelica oracion, claridad, elegancia, y sutileza; sutileza, para que venças entendidos; elegancia, para que sugetes al buen gusto; claridad, para que te entienda el mas rustico, y assi le puedas sugetar. Que si con estos tiros combates, cumpliràs con tu obligacion, que es rendir almas á Dios, sugetandolas al camino de la gracia, para que vayan seguras a la gloria. xxxiij.

Ad quam, &c.

(:!:)

CON-

CONQVISTA

DOZE.

Para el Domingo de la Septuageſsima.

Conuentione autem facta cum operarijs ex denario diurno, miſit eos in vineam ſuam. Matth. 20. 2.

EXORTACION.

Vidadoſo tenemos oy à Dios, madrugador, y ſolicito; deſuelos de Dios, ellos vendran à ſer para bien del hombre. El deſeo de que no ſe malogre vna viña, que le ha de coſtar la vida, le inquieta: madruga Sol diuino, dexaſe atràs el Planeta material, confieſſaſe perezoſo, y tardio, quando ve otro Sol, que menos ſoñoliento deſata luzes, y deshaze Auroras. Todo cuidado ſe confieſſa menos, ſaliendo en publico ſolicitudes de Dios. Saliò a la plaça, buſcò obreros, y hallòlos; nada ſe niega al deſuelo, la pereza nada hallò. Pudiera cultiuar por ſi eſta viña, y à poco trabajo ſuyo, pero hallàraſe ſolo, y es tan prodigo de ſus bienes que ſolicita a quien darſelos. Conciertaſe con el obrero, aſſegurale la paga, y remitele al trabajo: empeño es del valor, ſaber que ſi ſe exercita ha de tener ſeguro el premio; que deſmaya mucho à vn vaſſallo, ver oluidadas ſus facciones, y poco lucidos ſus ſeruicios. Segunda, y tercera vez ſale; embia ocioſos a la viña, pudo ſer por quitarlos de la plaça, que es perjudicial à vna Republica el ocio. Saliò à buſcar quien trabajaſſe otra vez, y con ſer à tiempo que caſi lo era, dexar el trabajo, hallò en la plaça ocioſos; irremediable vicio, pues por mas diligencias que ſe hazen, nunca falta quien ſe exercite en èl; tarde era, y con todo los embia. Es vn genero de trabajo el deſta vida, que depende mas del afecto, q del efecto, y aſsi ſiempre ſe llega à tiempo de gana, ſi ſe llega. Que eſtais aqui ocioſos todo el dia? les dize; quando ellos aſsi ſe diſculpan: Nadie nos ha llamado al trabajo. Nunca falta a vn pecador diſculpa por mas que ſu culpa le condene. A ſu viña los embia a trabajar, deſuelaſe en que

al hombre no falte lo necessario:el natural mas indomito no puede formar de su prouidencia quexa. Concluyòse el dia:que desengaño! Nadie presuma que no se ha de acabar, porque se dilate, que el viuir mas, si haze la vida mas larga, no la haze mas segura. Mandò a su mayordomo pagasse el cuidado del obrero, pero que la primera paga la empeçasse por la vltima fatiga. En el dispendio de los gajes diuinos, para dar mayor caudal no se atiende a que vn alma sea la vltima en el venir, sino a que sea la primera en el merecer. Gloria es trabajar con quien assi paga; mas siruio de pena al primero, ver al vltimo primero premiado, sin que se le adelantasse el jornal, auiendo sido tan desigual el trabajo. Mal fundada quexa, quando en el pretendiente falta merito, sentirse de que le exceda en el puesto, quien le auentaja en merecerle, no es justificada accion. Mormurò el criado descomedido de la justa distribucion de su dueño: ineuitable pension de señores, ser mormurados de criados por mas ajustados que procedan; forçoso enemigo vn criado, implacable, solo el cariño le domestica, y en daños irreparables, es prudencia hazerlos menores, a costa de qualquier industria. Amigo llama al que se le opone, quizà por hazerle amigo: es entendido proceder del agrado, conuertir en amistad el despego. Con todo le satisfaze assi su quexa: No te hago injuria, quando te cumplo la promesa; adelantarse mi liberalidad al otro no es culpa, antes bien fundada razon, q̃ el Principe quando premia seruicios, se muestre con el afectuoso mas beneuolo. Nadie se fie en la primacia, ni se descuide con el primer puesto, pues vemos oy puesto en el primer lugar al vltimo. Assi son muchos los llamados, y los escogidos pocos: y assi se acaba lo literal del Euangelio. Aue Maria.

COMBATE I.

Conuentione autem facta cum operarijs ex denario diurno, misit eos in vineam suam. *Vers. 2.*

Dios no quiere dar como liberal, sino como obligado, porque la obligacion aumente su liberalidad.

Num. I. ESte Padre de familias es Dios, la viña, su Iglesia, los obreros en la antigua ley los Profetas, en la de gracia los Predicadores: lo comũ deue de ser esto, y es explicacion de S. Gregorio el Grande. Que haga cõcierto con los obreros, y quiera obligarse a pagarlos, siendo interes de ellos el seruirle, y liberalidad suya dexarse seruir, es el reparo: *Conuentione autem facta cũ operarijs ex denario diurno, misit eos in vineam suam.* Para que Senhor

S. Greg. Mag. in Ca.

essa

essa obligacion? Esso es perdida de vuestra grandeza, y desdoro de vuestra liberalidad, porque quando se deue lo que se dà, el dar es paga, no liberalidad; y con la obligacion, se pierde la grandeza de el que dà; pues no se puede dezir, que dà por gusto, tanto como por necessidad: y assi, en lo q̃ dais, no diremos que sois liberal, ni grande; sino que os desempeñais de lo que deueis. Assi lo parece, porq̃ siendo Dios liberal en todo lo que dà, pues da solo porque quiere; quiso obligarse en las dadiuas de el hombre, por no dexarle de dar. Bien pudiera Dios dar sin obligacion: pero que dandose libre, pudiera no dar, y assi de puro liberal, se obliga, porque el empeño de su palabra le obligue siempre a dar, con que viene a ser liberal en la obligaciõ, pues dà quando se obliga, y se obliga, solo por dar.

II. *Ego sum Alpha* dize de si mismo Dios: Yo soy Alpha. Esta es
p. 1.8. vna letra del Alfabeto Griego, dize Hugo Cardenal, que es lo
Hug. Car. mismo que pedir: *Alpha interpretatur petere.* El nombre de Dios, se origina de dar, *Deus à dando dicitur.* Deuerte, que dando a Dios nombre de Dios, se le dà nombre de liberal: llamandole *Alpha*, se le dà titulo de pedir, *petere*, dando à entender, que se ha de pedir à Dios. A la verdad ajustados son los nõbres, porq̃ a solo Dios se puede pedir, y Dios solo es el q̃ puede dar. Estos dos nombres, si son ajustados, son opuestos. Liberal es quien dà sin obligaciõ; la suplica obliga: vn animo obligado no puede ser propiamẽte magnifico, porq̃ liberal excluye lo precisso. El dar con libertad, es proprio de la liberalidad; no siendo libre el don, no puede ser gracioso, faltando libertad, y gracia, no puede ser gracia el dar: luego no puede ser liberal quien es pedido, pues cõpra biẽ costoso, quiẽ compra la dadiua con ruegos. Assi, a lo menos, me lo enseño Seneca: *Non tulit gratis, qui cum rogasset, accepit. Nulla res carius constat, quam quæ precibus empta est.* Siendo esso assi, opuestos son estos dos nombres, *Alpha*, y *Deus*, pues haze el vno a Dios liberal, *Deus à dando*, y el otro le quita el serlo, dando a costa de pedir, *Alpha, interpretatur; petere* El encuentro es manifiesto, mas la condicion de Dios lo facilita. Dar, se ha de llamar, y juntamente pedir, q̃ por acrecentar las dadiuas, no quiere tener en hazerlas libertad, antes quiere sea precisso lo voluntario. Pidale el hombre, porq̃ sea forçoso darle: A precio de vna sumission vende sus bienes, por no dexar de comunicarlos, como liberal puede quitar del biẽ; como obligado, es forçoso hazerle cumplido: liberal se obli-

Sen lib. 2 de ben. c. 1.

ga,

ga, y obligado es liberal, porque es obligacion libre la suya, y vna libertad obligada, aumenta los beneficios, pues dà lo gracioso, y luego dà lo precisso. Parece ay emulacion entre la libertad, y la justicia, la vna, correspondiendo obligada; la otra, aumentando dadiuas graciosa. Desele a Dios nombre de pedir, *Alpha*, y desele nombre de dar, *Deus*, sin que por dexarse pedir pierda el nombre de magnifico, que Dios es tal, que por aumentar el dar, se dexarà obligar con el pedir.

III. Criò Dios al hombre, recopilò en èl la perfeccion de todas las criaturas, y le hizo su Vicedios, para q̃ emulando lo diuino, tuuiesse dominio sobre todas: apenas le vio con tanta mageſtad, y con poder tan soberano, quando parece se le disminuye, poniendo vn precepto a quiẽ auia puesto en tanta dignidad: *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas.* Gen. 2. 17. No es conueniente Adan, aunque hechura mia, q̃ parezcais en todo Dios, reserueſe algo para mi, el arbol de la sciencia del biẽ, y del mal os està bien no probarle, assi os lo mando, no llegueis a èl, que os costarà la vida. Brauo desdoro de tantas finezas! Que os haze, Señor, esse arbol, que no se le franqueais a quien aueis dado tanto? A tanto dar, disminuye esse quitar corto, solo esso parece suficiente para apocar vuestras dadiuas; sentimiento mueſtra en el dar, quien dando mucho, quita poco; no quiteis esse arbolillo, que pareceis miserable. Es assi; dize. S. Basilio el de Seleucia, pues por ser muy liberal, haze Dios a su liberalidad miseria, y anonada lo q̃ dà, por quedar con nueuos empeños. Auia dado al primer hombre tanto, que parece agotò alli su liberalidad, pero quedò como corrido de verse en todo magnifico, y en nada hallarse obligado. Que remedio para el desahogo de vn Señor, que casi no puede dar mas como liberal, por auerlo dado todo? Põgale vn precepto a Adà: *De ligno scientiæ boni, & mali ne comedas.* Para q̃ dexandose obligar su liberalidad en la obediencia, le aumente por obligado los bienes que le auia dado por magnifico. Oid a Basilio: *Quo in pretio sit legislator, obseruatione legis probata perspectum tuum habeam animum, vt amoris tui vim in pretio habeam.* S. Bas. Sel. in

IV. Galan se mostrò Christo con vna muger bizarra en la hermosura, y desembuelta en las costumbres. A solas la habla, y en el campo la solicita. A muger de tales circunstancias solo Dios la puede acariciar sin peligro. Pidiola el galan diuino, antiguamente se vsaua esto, ya se vsa lo contrario; y si fuera en

estos

estos siglos, solo con pedir, se podia dar Christo por despedido: *Da mihi bibere.* Parece, Señor, que teneis poco de galan, pues entrais pidiendo; no ha de ser esse el estilo: si quereis cautiuar essa alma, dad, y prometed, que lo vno obliga, y aficiona lo otro: dadiuas rinden voluntades, y promessas parecen bien: ablandanse murallas dando, quanto mas se aplacaran aluedrios: esso es estilo de el mundo, y cosa corriente en èl. Assi es verdad, que el hombre dà, pero es para tener mas ocasion de pedir. Dios estila lo cõtrario, si pide, es solo para tener mas ocasion de dar: No sabe el hombre dar sin interès; Dios haze intereses del pedir, para no poder negar. Pide Dios limosna de rico, era esta muger pobre de bienes espirituales, quiere enriquecerla dellos, y para obligarse la pide, *Da mihi*, que si el darla sin pedir, fuera liberalidad, quiere necesitarse a dar, porque le dan, para que el dar parezca, ò agradecimiento, ò paga; y para que no se le escuse, y se humilla tanto Christo, que quando la pide, parece la muger Dios de Dios, y Christo solo parece muger; pues siendo propria accion de Dios el dar, y el pedir del alma, trocandose misteriosamẽte las acciones, Christo parece alma en el pedir, y el alma parece Christo de Christo, pues el mismo Christo la pide; cõ lo qual viene Dios a andar tan liberal, quando se adeuda de poderoso que dando al alma aires de diuina, en el pedirle, en lo mismo que le dà quando le pide, se dexa obligar, para darla mas.

V.

San Pablo, maestro del mundo, lo dixo tratando de si delgadamente: *Reposita est mihi corona iustitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die iustus iudex.* Iusto llama a Dios quando le premia, y corona de justicia a la gloria. Reparad, que no parece que la gloria es de Dios, si es accion el darla de justicia. Iusticia que es? *Est constans, & perpetua voluntas ius suum cuique tribuendi*, dixo Vlpiano. Es vna perpetua voluntad de dar lo q̃ es suyo a cada vno, y lo que de derecho le toca. Luego si Dios dà a Pablo la gloria como justo, essa gloria no parece suya, sino de Pablo; el darla cuya es, mas parece restitucion, que dadiua. Tanto se empobrece Dios, de puro liberal, que con ser el solo dueño de la gloria, se desapropria tanto della, digamoslo assi, que quando llega a darla al hombre en premio, no parece que dà cosa de suyo, sino que restituye lo ageno.

2. ad Tim. 4.

Vlpi. apud Les. lib. 2. de iusti. & in c. 1. n. 2.

VI.

Dificulta el Theologo, si en Dios cabe rigurosa obligacion de justicia, y si el dar la gloria a los santos, le obliga por razon de

de su justicia, ò de su fidelidad. Por fiel dizen vnos, no por justo, que a Dios solo le obligò el ser quien es, y su palabra le empeña, y assi no cumpliendola, llamarase infiel, no injusto; porque respeto del hõbre, en Dios no ay obligacion de justicia, y assi quitando á vn Santo la gloria que merecia, no hazia contra su justicia, sino contra su fidelidad. No es mala para mi intento la opinion, pues siendo Dios independente en sus acciones, las quiso sugetar tanto, por ser liberal con el hombre, que llegasse a aparecer infiel, sino daua. La doctrina del Angel Doctor, lo declarà mas al viuo: esplica las palabras de Pablo: *Reposita est mihi corona iustitiæ*, y esplicalas assi: *Dicendum, quod est ibi gratia quantum ad radicem merendi, iustitia, quantum ad actum, qui procedit ex voluntate, vel corona, quæ datur ex iustitia: quia datur iustis secundum opera iusta.* Aquella primera gracia con q̃ el alma obra, ora sea excitante, ò justificante, essa es pura gracia; esto entiẽdo en aquel *quantum ad radicem merendi*; porq̃ sin ella no se puede merecer, y assi se llama raiz del merito. Pero en quanto a las acciones santas, que executa el justo, supuesto el pacto, ya no ay gracia, todo es justicia, no solo fuera Dios infiel, quitando à vn Santo la gloria, sino injusto; porque no menos le obligan las buenas obras que haze el hombre, que su fidelidad misma; tanto se adeuda Dios de puro poderoso, que siendo pura liberalidad el obligarse, vna vez obligado, queda tan necessitado a cumplir, que no parece señor de aquello que dà, ni parece es suya la gloria, si no que la tiene como en deposito, para darla a quien la merece.

S. Tho in 2. ad Tim. 4. lect. 2.

VII. Esta es la declaracion de nuestra Parabola. Gracia fue, y pura gracia, salir este soberano Padre tan de mañana à buscar obreros para su viña: *Primo mane*, antes que el hombre llegasse a poder merecer, esse es el *gratia quantum ad radicem merendi*. Conuinose con el, *ex denario diurno*. Origenes entendiò por este dia toda la vida, a quien llama vn dia solo, ò por la breuedad, ò aludiendo a lo de Christo: *Me oportet operari opera eius, qui misit me, donec dies est*. El precio en q̃ se conuino, fue la gloria, dize Remigio: llegò el tiempo de la muerte, que es el de recibir el premio, pago segun el trabajo. *Redde illis mercedem*. Paga llama a la gloria, que es lo q̃ dixo Tomas: *Quia datur iustis secundum opera iusta*. O bondad! que tanto se llegue a obligar lo inmenso de tu poder, que por no poder dexar de dar, llegue a darse titulo de paga, lo que fue accion de pura liberalidad.

Orig. in Cath.

Ioa. 9.

S. Remig. in Cat.

Inge-

VIII. Ingeniosa es el alma que sabe conquistar la liberalidad de Dios, combatiendola con seruicios, para que obligada à ellos, corresponda con fauores: siempre desea Dios verse combatido desta suerte, para verse obligado del hombre, por no dexarle de fauorecer. No se escuse ningun Catolico de estos combates, que le son tan saludables siempre, obligue à Dios con seruicios, trabajando en su viña, q̃ es su Iglesia, con la frequencia de los Sacramentos, con el cuidado de adquirir virtudes, que seguro tiene el retorno.

COMBATE II.

Quid hic statis tota die otiosi? *Vers. 6.*

El mal de la culpa, aunque se padezca, no se siente sin el bien de la gracia.

IX. SAliò otra vez el cuidadoso Padre, hallò en la plaça gente ociosa, y dizeles: *Quid hic statis tota die otiosi?* Estos ociosos son los pecadores, dize Chrysostomo: *Otiosi sunt peccatores.* Admiracion causa esso: Vn pecador ha de estar todo el dia en la plaça? no tiene empacho de su culpa? a la plaça le saca, y todo el dia? Si, no por el poco empacho, sino por el poco dolor, no siente vn pecador el mal de su culpa aunque le padezca, sin el bien de la gracia; y como estos estauan sin este bien, aunque padecian aquel mal; no lo sentian, y assi no se juzgauan enfermos, y por esso salen en publico sin empacho, porque padecen sin sentimiento.

Las señales de mi culpa, dize en nombre del pecador Dauid, X. se empodrecieron, corrompióse el cardenal que hizo en mi el golpe de mi delito, olia mal mi desacierto; mi achaque passaua a terminos de pestilencia; y siendo las señales de mi culpa tantas, ignorante dissimulaua, y poco entendido, no preuenia remedio a mal tanto: *Putruerunt: & corrupta sunt cicatrices meæ, à facie insipientiæ meæ.* Brauo caso! tener tan cerca la desdicha, y no intẽtar remediarla, estar tan de peligro el enfermo; y no acudir a la medicina. Como es posible esse descuido? el enfermo se muere sin llamar al medico? la herida se corrompe, y no se cura? quando està en creciente la calentura, està en mẽguante la solicitud, para detenerla? Como es posible descuido tan grande, en necessidad tan precisa? Atended a la calidad del achaque (dize Hugo Cardenal) de aì sacareis al descuido, disculpado. Era de culpa la enfermedad, y de pecado la dolencia. No es mucho, pues, *Psal. 37. 6.*

que

q̃ en tan peligroso adolecer aya en buscar remedio descuydo, porq̃ quanto mas enferma de esse achaque el pecador, tanto menos siente su enfermedad. Es achaque peligroso el de la culpa, porq̃ luego queda priuada de el juyzio, y con el freno, no siente el enfermo su mal, por mas a peligro q̃ le ponga. Ignorase esse dolor: *A facie insipientiæ meæ*, y como el dolor no se siẽte, no se conoce la enfermedad, y vn mal q̃ no se conoce, y vn dolor q̃ no se siente, que mucho q̃ no se procuren atajar? *Putruerunt à facie insipientiæ meæ.* (Dize aora el Eminentissimo Cardenal) *Propter insipientiam meam, scilicet, quia non sentiebam amaritudinem peccati, & dolorem vulnerum meorum.* Padecia la enfermedad, pero no sentia el dolor; y assi, aunq̃ tenia la llaga, no aplicaua medicina, porq̃ este genero de enfermedad, como no es doloroso, es desconocido; y assi muere el enfermo sin echarlo de ver: pudrese sin conocerlo; consumese sin sentirlo; y si el medico del cielo no le toca el pulso, aunq̃ tenga intercadencias, no se ha de conocer porque mas crezca essa calentura.

Hu. Car. hic.

XI. Vozes daua aquella muger afligida, en medio del concurso q̃ seguia a Christo; distilaua lagrimas el alma por los ojos; brotaua dolorosos suspiros el coraçon, culpando de corta a la lengua; pues siendo el motiuo de su pena tanto, reduce a dos palabras el dezirle: desahogase el coraçon por la lẽgua; y quando siẽdo mucho su penar es el dezir breue; suspira, quexandose de el poco aliuio q̃ con ella tiene: *Miserere mei Dñe, fili Dauid Filia mea malè à dæmonio vexatur.* Señor, mi hija està atormẽtada del demonio, tened misericordia de mi. Breue dezir, pero si en la breuedad halla el coraçon suspiros, halla creditos el ingenio, pues diziendo lo q̃ pretende, dezirlo en lucimtras razones, es todo su lucimiento. No es esse el mayor reparo, sino el q̃ hizo Chrysostomo: *Vide prudentiam, non dixit, miserere filiæ meæ, sed miserere mei.* Significa la miseria en la hija, y pide para si el remedio. Y esso es prudencia? Nouedad no es en quiẽ pide, solicitar primero para si, aunque la otra necesidad sea mas precisa. Mas siendo quien la padece tan propria, es mengua de quien pide, solicitar sus mejoras antes: quan vsado termino del siglo, poner las atenciones en el remedio propio, y quitarlas de la necessidad agena, el mas obligado solo propone la cuita del q̃ se le encomendò, y pone la eficacia en el prouecho q̃ se le puede seguir. Vna madre es agente de la salud de su hija, y pidiendo para si el remedio, para ella no

Mat. 15. 22.

Chrys. hõ. 17. de Cananæa.

le

le pide, solo propone al medico la enfermedad. No fue falta de volũtad, dize Chrysost. sino sobra de talento, *Vide prudentiam.* Necessitaua mucho de remedio su hija, y siendo tanta su necessidad, las diligencias, en buscarla eran ningunas: viala padecer, y aun no lo oìa quexar: atormẽtauala el demonio, y aun no se daua por atormentada: crecia la borrasca, y no procuraua librarse: estaua en casa el enemigo, y no le hazia resistẽcia, antes hallada en la tormenta; oluidada del dolor, sossegada en el peligro, descuida remedios, quãdo los riesgos se aumẽtan. Que remedio para el aliuio de vn mal q̃ con tanta malicia acaba? Que sin darse à conocer consume? Callar? No, q̃ se empeora el enfermo. Dezirle? Si, pero no puede, porq̃ le siente. Pues bien trazado, supuesto q̃ la madre tiene tanto poder sobre la hija llegue à pedir remedio para si, *Miserere mei*, porq̃ assi pueda remediarla, q̃ si ella està tan priuada de el sentido, que no sabe el mal que tiene, aunque le den à ella remedio, no le podrà aprouechar, y assi pidale la madre, q̃ pudiẽdo tanto con su hija, ella la librara de la enfermedad: *Vide prudentiam* (dize Chrysostomo) *non dixit, miserere filiæ meæ, sed miserere mei. Illa enim insensibili passione tenetur, nescit quid habeat, non sentit dolorem, velatum cor habet, nequissimo spiritu obducente.* Tiene dolor de coraçon, y assi aunque padece, no siente, no conoce, que està enferma, de donde le viene, no poder salir del achaque: el remedio yo se le tengo de dar, para que pueda quedar libre de lo que padece.

O fieles! que viuo retrato de vn pecador, a quien el demonio tiene sugeto, adolece, pero con mal de coraçon, la passion de la culpa le haze insensible: que peligroso mal, dize Ambrosio, que consume sin darse à conocer: *Periculosissimè ægrotat, qui se ægrotare ignorat.* Mal podrà dessasirse del mal, quien no sabe si le tiene. Como se ha de remediar peligro tanto? dando al enfermo el remedio? No, que no siente. Pues como ha de salir de culpado, quien por estarlo lo ignora? Llegue la gracia actual, madre comun de justos, y penitentes, q̃ ella tiene tanto poder, para hazer sensible à vn pecador, que al menor rayo de su bien, sentira el mal que padece, y reconociendose vn pecador por culpado, con facilidad buscarà remedio, para salir de su enfermedad. XII. S. Ambr.

Puso Dios su mano en la formacion del vniuerso, dio principio à este ostentoso edificio; y aduierte el Sagrado Coronista à pocos passos de su historia, q̃ el rostro del abysso estaua lleno de tinieblas: *Tenebræ erant su-* XIII. Gen. 1. 2.

per

per faciem abyssi No se conocia la tierra por tierra, ni por cielo, el cielo en sus principios, antes siendo las criaturas en quien estrenò Dios su mano, apenas salieron de ella, quando embargò su lustre la escuridad, y quedò con titulo de abysmo[s], lo q̃ poco antes auia sido despojo de vn poder Diuino. O lo que puede vn mal lado, pues assi desdora hechuras de Dios tan recientes! Para que se crian estas criaturas, sino han de conocerse? El abysmo es todo confusion, la escuridad antes ayuda a desconocer las cosas, q̃ a manifestarlas. El cielo, y la tierra estan ignorados, mientras estan cubiertos con la capa de la lobreguez, sin que se halle distincion, donde se puede percibir tanta. Para que es el empeño de la creacion, si apenas se han acabado de formar las criaturas, quando no parece auerlas criado? pues no se vè lo que se cria, ni se tiene noticia de lo que se formò. Formense de suerte, que se conozcan, que el conocimiento de el bien, es el mayor que puede hazer quien le haze. Es assi, dize Agustino, pero no veis ser imposible esse conocimiento, mientras estan en tinieblas? la obscuridad tiene la culpa de essa pequeña noticia; que importa aya criaturas, si lo escuro las embarga, y la escuridad tiene tal naturaleza, q̃ de todo quita la noticia, aunq̃ ella trate con todo. Quitadme con la luz la obscuridad, y se conocerán el cielo, y la tierra, porq̃ mientras estuuieren escuros, no se podrán conocer: *At quia* (dize Agustino) *non erat lux? Quæ si esset, vtique supereßet, & tanquam superfunderetur.* Llegue el rayo de la luz q̃ con ella se conocerán cielo, y tierra; pero si falta, q̃ falte su conocimiento, no es mucho, porq̃ el quitar la jurisdicion a lo obscuro, està tan vinculado a la luz, que sola ella lo puede hazer. Criense sus rayos lucidos, para que se conozcan las criaturas, que sin su resplandor, aun el cielo no se ha de conocer. El pecador bien puede auer sido cielo de virtud, mas si llegan a cubrirle las tinieblas de la culpa; si llega à ponerse en la jurisdicion de el abyso del peccado, aunque mas se mire, ni se ha de sentir herido, ni se ha de conocer achacoso, sino es con los resplandores de la luz, con que la gracia le llegare a alumbrar. *Aug. lib. de Gen. ad lit. c. 1.*

XIV

Es admirable el natural de vn animalejo, cuyo nombre no dize Seneca, aunque refiere su propiedad. Es pequeño, pero muerde con tal destreza al hõbre, q̃ siendo su herir de conocido peligro, de ninguna suerte se puede conocer la herida q̃ haze. Braua industria! ofender el animalejo atreuido, y disponerlo

nerlo desuerte, q̃ no se sienta la herida, ni se conozca la ofensa: *Minuta quædam, vt ait Phædon animalia, cum mordent, non sentiuntur: adeo tenuis illis fallens in periculum vis est.* Entẽdido es para el mal, bien le sabe disponer, ajustado anda el engaño, y aduertido en su execucion: pero quando para hazer mal faltò la industria? Hazele, al fin, pero atento, porq̃ si hiziera a las claras la herida, era forçoso conocerle por dueño de ella, con q̃ ponia à peligro su vida, pues era consiguiente, siẽdo conocido, q̃ pagasse con la muerte su atreuimiento.

XV. El pecado fieles, es animal grande, y pequeño; grãde, porq̃ es contra Dios; pequeño, porq̃ cõ vn pequè de coraçon es destruido. Llega à conquistar al alma, dale el golpe, y aunq̃ la dexa tan destruida, no lo siente. De miedo es esta preuencion, porque si el pecador sintiera el estrago q̃ haze en èl la culpa, la quitàra luego la vida con la penitẽcia: teme quando atrenido yete la joya mas preciada de Dios, y cobarde procura no le sienta la herida, porq̃ no le den con vn *peccaui* la muerte. Desengañate pecador, abre los ojos. pide à Dios luz, dile cõ Dauid: *Deus meus illumina tenebras meas.* Señor, pues sois mi Dios, ilustrad las tinieblas en q̃ me tiene mi culpa, con la luz de vuestra gracia, para que sintiendo con esse bien, el mal que me haze, le procure remediar.

Gen. lib 1 Ep. Epist. 54.

Psal. 17.

COMBATE III.

Cum serò autem factum esset. Vers. 8.

Empezarse à morir en lo mas sazonado de la vida, haze tragar sin disgusto la amargura de la muerte.

AL encubrir el rubio Planeta su crespa madexa de luzes, mandò llamar los obreros este soberano Padre: *Cum serò autem factũ esset.* Que tarde es esta? La decrepitud (dize S. Gregorio el Grande) tarde tan proxima a la noche de la muerte, q̃ casi es lo mismo la vna, q̃ la otra: *Mane nostrum pueritia est: hora tertia adolescẽtia intelligi potest. Sexta autem iuuentus est. Nona autem senectus intelligitur. Vndecima verò est ea ætas, quæ decrepita, vel veterana vocatur.* El salir tantas vezes, significa, q̃ en todas edades llama Dios al hombre. Lo primero, al amanecer, esto es en la edad mas tierna, q̃ es la puericia; en la adolescencia, q̃ es la hora de tercia. En la juuentud, significada en la de sexta; en la senectud, entẽdida por la de nona; en la decrepitud, declarada en la vndecima y vltima hora. Para que es tanta preuencion? desde la puericia se ha de empezar el trabajo sin perdonarle hasta la edad mas decrepita? Si. Madrugue el hõ-

XVI.

S. Greg. Mag. in Cath.

bre y desde niño empiece el afan, q̃ siendo el mayor trabajo el morir, auiendo de durar el de essa viña hasta la muerte, para q̃ se haga facil es necessario empezarse à morir en lo mas lazonado dela vida, porq̃ assi se trague sin disgusto la amargura de la muerte.

XVII. Aquel fugitiuo Profeta dormiendo entre las inquietudes del mar, despierto por los desasosiegos de los marineros, juez arbitro de su causa, condenado por si mismo echado en las aguas, solo por su parecer, fluctuaua entre las olas del inquieto elemento, quando tragandole vna ballena, le siruio su pecho de sepulcro: *Præparauit Dñs piscem grandem, vt deglutiret Ionam.* Ionæ 1.2. Brauo caso! arrojado en el mar, y en el vientre de vna fiera. Siẽpre se hazen del ojo las desdichas. No le lloreis, dize Teofilato, aunq̃ es tan graue su desgracia, q̃ esse pecho bruto le ha de seruir de albergue, y ha de hallar mas gusto en essos peligros, q̃ en las mayores seguridades, pues en vez de afligidos sentimientos, estarà en aquel breue embargo de la vida, con el gusto y sosiego q̃ si estuuiera en su casa: *Veluti pro domo vsus.* Theoph. Estraño dezir! En el cautiuerio puede auer gusto? A vista de la muerte sosiego? vn Profeta que està en vna viua carcel, ni libre de la muerte, ni seguro de la vida, puede hallar gusto, donde ni le da pena el morir, ni el viuir le satisface? Que poco sabe q̃ es fenecer quien halla gusto en las ocasiones de muerte. No lo entendeis dize Geron. antes el saber mucho de morir, es causa de no sentirlo, y el estar habituado à dolores, no dà lugar à q̃ aya sentimiẽto en ellos. Que quiere dezir *Ionas? Interpretatur dolens*, dize Geron. Ionas es lo mismo q̃ el doloroso, el afligido, el doliẽte; pues q̃ mucho q̃ en las mayores afliciones no se aflija? q̃ halle gusto en los mayores pesares, quiẽ estaua tan hecho à ellos, q̃ hasta el nõbre le tiene de afligido? *Ionas interpretatur dolẽs.* Era su comũ estilo dolerse, sustentaua la vida cõ penas; como las auia de padecer al morir? La muerte aflige a quien llega à ella viuo, por no auer tratado con ella jamàs: pero el q̃ por auer madrugado à morir, llega ya a la muerte casi muerto, como puede sẽtir q̃ llegue? Tenia Ionas el pecho lleno de aflicciones, en llegãdo el dolor mas crecido, no huuo lugar para q̃ entrasse. Desengañase el coraçõ, y eche fuera de si la costũbre de sẽtir, si gusta de tener en los grãdes males sentimiẽto q̃ coraçon q̃ està enseñado à penas, poco se altera con los mas crecidos dolores.

Al tiempo q̃ la embidia con aliẽtos mas crecidos publicaua guerras sangrientas contra el Prin-

Principe de la Iglesia, quando barbara le tenia condenado à muerte al nacer la primera Aurora; aquella noche, preambulo de su desgraciado fin, si periodo vltimo de su vida, la gastò en descuidos tantos, q̃ denodado duerme, y descuidado de morir, sosiega: *Cùm autem producturus esset eum Herodes, in ipsa nocte erat Petrus dormiens inter duos milites, vinctus catenis duabus.* Yerros le atormẽtan, y el descansa; muerte le amenaza, y el sosiega; soldados le guardan, y èl no huye: q̃ descuido tan notable! el dormir es descãsar, es sosiego de la vida el sueño: la muerte zozobra el animo mas quieto, y pone en cuidado el valor mas constante. En vn Pedro descuidos para morir? para derramar sangre oluidos? tan poca preuẽciõ ha menester la muerte? Tan sabrosa es, q̃ a la sazon del sueño quiere passarla? el trago mas amargo q̃ tiene el hombre en la vida, no es quãdo llega à beber la purga de la muerte? Pues como Pedro quiere tragarcõ suauidad essa pildora, bẽdo de suyo tan amarga? Quan entendido desata el caso Chrysost. Dexad dormir à Pedro, dize, q̃ esso q̃ tiene visos de descuido es valor, dexadle sosegar, q̃ esso q̃ parece descanso es aliẽto: assi se preuiene para morir, como sino huuiera de morir; tan sosegado espera lo amargo de la muerte, como si toda fuera sazon; cõtra ella lebanta exercitos, y los soldados q̃ assista son, sueño, sosiego, descanso, y solo con esso tiene por cierta la victoria. Victoria de la muerte, con gente tan poco preuenida? Si, dize Chrysost. auia viuido Pedro mucho tiempo en la carcel, el calaboço era su comun estancia, tumulo en quien estaua depositada su vida, vrna en quiẽ su vida passaua plaça de muerta. Assi, q̃ viuia como muerto en el sepulcro de vna carcel? q̃ estaua siempre ensayandose para morir en el ataud de vn calaboço? pues duerma al tiẽpo de la muerte, y a la sazon de vn dulce sueño, passe lo amargo q̃ causa el morir; q̃ quien ha hecho tantos ensayos de muerto, no puede tener en el morirse azedia. Chrysost. assi *Ita ordinarat aciem contra mortem. Faciebat hoc quod multis diebus illic mãserat.* Auia estado muchos dias en la carcel, auia ido tragãdo poco apoco la muerte, porq̃ en el calaboço solo trataua de morir, viase sepultado, y viue; como viuo trataua de morirse, como sepultado, se ajustaua a viuir en la habitacion de muerto. Sosiegue, pues, y duerma, y la suauidad, y el sueño sea exercito q̃ lebante Pedro, para defenderse de lo desazonado de el morir, que quien se enseña à morir, viuiendo, en la muerte bien se puede echar à dormir.

Act. 12. 6

Chry ho. 26 in Act.

XIX. El Sol, mayorazgo de la luz, nace el mismo dia que muere, muere el mismo dia q̃ nace, dize S. Zenon Obispo Veronẽse: *Sol quotidie nascitur; eademque die, qua nascitur, moritur.* Lo raro, ni es el nacer, ni el morir, porque es muy ordinario nacer para morir, y morir, porq̃ se nace: solo es lo difícil, q̃ viendo el Sol desde el Oriẽte su Ocaso, no se muera antes de morirse, de verse morir tan presto: *Nec tamen instantis finis sorte terretur.* Antes llega tan contento a su muerte, q̃ él mismo se và a su Ocaso, y muere tan sazonadamente gustoso, q̃ entre resplandores muere. Que muerte tã suaue es essa? En vez de lugubres ornatos, se sepulta entre resplandores el Sol? O q̃ poco sentir de muerte! bien pudiera quexarse la vida del poco caso de sus menoscabos, pues igualando al nacer, el morir, como si el morir fuera nacer: si le dan luzes la vida, tambien le dan luzes muerte. Pero no (dize Zenon) no es poco sentimiento del morir, el ser su muerte tan lucida, sino q̃ el Sol con sus resplandecientes ojos vè claramente su muerte en el instante q̃ empieza su nacimiento; y conociendo con euidencia, que si nace, es solo para morir, como haziendo gala de su muerte: si viue, no es tanto para viuir, como para buscar cõ lucidos passos su sepulcro, y como si viuiera de sus menguas, gasta la vida solo en buscarlas. *Fidelis semper, semper intrepidus, ad sepulchrum noctis cognata contendit.* La noche es caliginoso sepulcro de el Sol; mirale luego que nace; desde lo mas lozano de su jubentud le contempla: y en lugar de pretender, que sea durable tan resplandeciente vida, apenas la empieza à gozar quãdo empieza a tratar como la ha de perder; y caminando intrepido, y banaglorioso a su sepulcro, gasta toda su vida en dirigir los passos àzia la muerte. Que mucho, pues, que el luminoso Planeta no muera, quãdo muere, si ha gastado toda la vida en morir? Sea lucida su muerte; q̃ vida que solo trata de morirse, poco tiene que afligirse al morir. Como ha de dolerse en la perdida de sus luzes, vna luz, q̃ solo ha lucido para enseñarse, como las ha de perder? luzga, y resplandezca en la menguante de su luzir, sin tener mas luzes quando muere, que quando nace, siendo igualmente lucidos el morir, y el nacer, que empeçarse a morir en naciendo, haze resplandeciẽte el morir. Al perder los resplandores, aya resplandores, y despidase la vida con rayos, en señal del poco sẽtimiento de perderlos, que el mucho sentir de la muerte en la vida, facilita los dolores de la muerte en la muerte.

S. Zen. Vero. ser. de Resur.

Acon-

XX. Aconsejando Seneca a su amigo Lucilo, como auia de gastar la vida, para no sentir el llegar a la muerte, le dize: *Ideo mi Lucili, propera viuere: & singulos dies, singulas vitas puta. Qui hoc modo se aptauit, cui vita sua quotidie fuit tota, securus est.* Viuir viuiendo, desahogo es del viuir; pero del morir, peligro conocido. Si la vida fuera eterna, viuierase en ella viuiendo; pero estando obligado a pagar el censo perpetuo de la muerte, mejor es pagarle a plaços, q̃ aguardar a q̃ se cobre junta la deuda. Necessidad forçosa la muerte, ineuitable trago. Desdichas precisas, ò con industria se han de hazer menores ò cõ aliento sufridas. No ay valor q̃ pueda sufrir la muerte, sino es haziendola mas pequeña con la industria, la maña la puede hazer tolerable, la comunicació, diuisible; vna muerte diuidida en troços, pesa menos, puede se lleuar en muchas vezes; mas echar à cuestas de vna vez todo el peso del morir, q̃ ombros le han de poder sustẽtar? *Ideo mi Lucilli.* Por lo qual, Lucilo amigo, te doy este consejo de padre: viue cada dia, como si cada dia huuieras de morir: diuide en trozos à la muerte, presumete mortal quando amanece, no juzgues tu edad, ò sea decrepita, ò joben, en distãcia mas dilatada de lo q̃ cada instante le puede suceder; reduce, quãdo mucho, a la esfera de vn dia solo su duracion; sea tu mayor seguridad, no estar seguro; cada dia viuas de nueuo, con tal q̃ imagines q̃ aquel dia se te ha de acabar el q̃ viuas: viue assi, y veràs quan poco sientes la muerte, porque el que viue muriendose cada dia, seguro llega al puerto del morir.

Sen. li. 1. Ep. Epist. 101.

XXI. Cõstruya el fiel estas palabras, estampelas en el coraçon, no cõ el espiritu q̃ las dixo Seneca, sino a la luz de la Catolica filosofia, q̃ si con esse estilo las obra, y viue ajustandose a morir, juzgandose cada dia muerto, hallarà puerto dulce de saluacion, quãdo se vea en los riguroſos combates de la hora postrimera.

COMBATE IV.

Voca operarios, & redde illis mercedem incipiens à nouissimis vsq; ad primos, *V.* 8.

No està la mayor dificultad, en llegar vn alma a la cumbre de la perfeccion, sino en empeçar à subir.

XXII. EL trabajo se acabò: llamarõ a los obreros para el premio, y premiaron a los vltimos primero: *Voca operarios, & redde illis mercedem, incipiens à nouissimis vsq; ad primos.* Estos fueron la vltima hora a la viña, pues como se adelantaron tanto? Es el caso, q̃ empeçaron los vltimos à trabajar en la viña, y empeçarõ los

otros, aquellos cõ tibieza, estos con esfuerço. Crezcan, pues, y anentajense, q̃ si essa viña es la Iglesia, y esse trabajo es para alcãçar la virtud, si de veras se empeñaron, no es mucho se adelanten tanto en ella, q̃ para ser santissima vn alma, con empeçar de veras a ser santa, le basta, porq̃ no està la mayor dificultad en llegar vn alma a la cumbre de la perfecciõ, sino en empeçar feruorosa a subir.

XXIII. Anegada en pielagos de luzes està mi Esposa, dize el Esposo diuino, casi me deslũbran sus rayos, porq̃ no ay lucimiento q̃ no tenga; toda es lucir, toda abrasar: *Quæ est ista quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra vt luna, electa vt sol.* El Sol, ò pretendiente de su belleza, ò deseoso de aumentarla, le dà sus rayos, para que en ella se miren mas lucidos. La Luna, por verse vna vez à vista del Sol en creciente, le comunica sus resplandores. El Aurora, solicitãdo aumentos a sus luzes, las deposita en su pecho. Las fuentes de luz se agotã, y dan raudales de luzes à mi Esposa, por salir mas liquidos cristales. Estraña junta de luzes! Aurora, Luna, y Sol, solo el Sol es necessario, y es necessaria la Luna. El Aurora es escusada. Quien es Sol, y Luna, como puede ser Aurora? a copia mas lucida de rayos, deshazer las lucecillas pequeñas, y no dà lugar à q̃ se vean resplandores humildes la fragua de resplandores. Culpa comun de lo grãde, querer solo para si lo lucido. El Aurora es vna centella pobre, como ha de cãpear à vista de la riqueza de los lucimientos del Sol? èl solo es el q̃ luce, y quando mucho admite por compañera a la Luna. Las Estrellas, y el Aurora, obedientes, ò medrosas se retiran en saliendo el Sol en publico. Digase pues de la Esposa, q̃ solamẽte es Sol, y Luna: *Pulchra vt Luna electa, vt Sol*, y no digan, q̃ es Aurora, *Quasi Aurora*. Pues siendo Sol, ya no tiene mas q̃ ser, q̃ cõ serlo es Estrella, y es Aurora. Bien dicho, mas el Sol es de conocida nobleza, y assi de puro agradecido, dexa lucir al Aurora. No ay luz, q̃ à vista del Sol parezca, pero esta vez el Aurora con ser de luzes tan menguantes, luce en presencia del Sol: porq̃ se muestra tan cortès, q̃ la dexa lucir en su presencia? Filon Carpacio lo enseña: *Beatissima Sponsa, atque columba veluti Aurora ascendere dicitur, cum primo pac. ad à tenebris delictorũ ad lucis sanctitatem absessit.* En el Aurora estan significados los primeros passos q̃ tuuo de lucimiento la Esposa, aquel primer salir de las tinieblas de la culpa, y llegar a las luzes de la gracia, aquel primer empeño de la santidad, y desempeño del vicio. Assi, q̃ el

Cant. 6. 9.

Phil. Cãt. hos vers.

Aure-

Aurora es el principio q̃ tuuo de lucimiento la Esposa? pues no oculte el Sol sus luzes, antes detenga sus rayos, para que assi se puedan ver, (aunq̃ mas pequeños) sus resplandores; q̃ aunq̃ es verdad q̃ èl es, todo su lucimiẽto, para llegar la Esposa al golfo de esse lucir, no fue lo dificultoso llegar à ser Sol, sino empeçar à ser Aurora. Diuulguense essos rayos, sino por lo q̃ tienen de caudalosos, por lo q̃ tienen de primeros. Luzga siẽpre quien es principio de lucir, sin q̃ ofusque sus cẽtellas la copia mayor de luzes, q̃ si en las del Sol està representado el aumẽto de la virtud de la Esposa, y en el Aurora el principio, resplandezca, dando lugar à ello el Sol, diziendo, que el llegar la Esposa à esse estado, no tanto estuuo en ser Sol, quãto en auer sido Aurora; para q̃ se entienda, q̃ en los virtuosos, ayudados de la Diuina gracia, no es lo dificil llegar a ser santissimos, sino empeçar a ser santos.

XXIV. Humilde, y despreciado estaua Christo S. N. en la Cruz: obra empero como Principe diuino, pues no solo perdona enemigos, sino q̃ premia a los q̃ han sido culpados: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Premios ofrece, y Reinos dà. Tan poca estimaciõ hazeis, Señor, de vuestra gloria? desentẽdido os hazeis tan luego de vna culpa? facilidad parece demasiada, dar credito a la primera palabra de quien ha sido ladron toda su vida; viua esse hõbre para ser santo, si ha viuido para ser ladrõ; porq̃ ha de ser la virtud de menos calidad, q̃ el vicio? en el vicio se ha gastado vna vida entera, gastese otra vida en la virtud. La gloria no es gage de vna virtud consumada? pues como la dais a quien parece q̃ aun no ha acabado de consumir el pecado? Que bien lo dezis (dize Arnoldo Carnotense) sacando q̃ el ladron no estaua en la virtud consumado. La gloria premio es de toda perfecciõ, pero toda la tenia el ladrõ quando le dieron la gloria. Toda? pues en q̃ tiempo la alcançò? la conuersiõ fue casi instantanea, el darle la gloria, luego q̃ la conuersion: pues como pudo su virtud verse en estado tan sublime? No lo entendeis, dize Arnoldo, lo mayor de la virtud està en su origen: en su principio està el fin, sus creces sõ empeçar. Assi, pues disposiciõ cuerda ha sido el dar al ladron el Reyno, q̃ si para llegar al principio de la gloria, es necessario llegar al fin de la virtud, y auiẽdo tenido principios eficaces de virtuoso, en ellos llegò a los fines de perfecto, no aguardò à acabar para acabar, quien supo empeçar tambien; empeçò para acabar, y acabò empeçando, q̃ como el todo de

Luc. 23. 43.

la virtud cõsiste en empeçarla, como en vn instante se empieça, en vn instante se acaba. Escuchad à Arnoldo, y vereis la diuersidad de virtudes, q̃ dél empeçar la virtud se originaron: *Multa simul pietatis officia complectitur. Credit & timet, compungitur, & pœnitet, confitetur, & predicat, amat, confidit & orat.* Quereis ver quan dilatado estuuo en el pielago virtuoso este ladron? pues aduertid, q̃ en el principio de su cõuersion se hallaron en èl jũtos fe, temor, cõtricion, penitẽcia, cõfesion, predicació, amor, confiança, y oracion. Tanto aumento de virtud, es de quien acaba; el ladron aũ no ha acabado de empeçar, pues como acaba tan presto? Acaba assi porq̃ empieça. O principio de virtud! y quãto tienes de fin, pues vemos que el principio està en el fin, y el fin está en el principio.

Ar. Car. de Verb. Dñi tra. 2. verbo. 2.

XV. Doma vna desuẽtura mucho, el hijo Prodigo lo enseña, si antes cõ verdores de mozo, ya cõ sosiegos; amadrentado de miserias se sugeta, necessitado a oficios viles. Es grande maestra vna desdicha, hizole abrir los ojos; la felicidad los cierra, y assi cae tan facil vn dichoso; porq̃ como no vè, no sabe el modo con q̃ se conserua la dicha. Estaua fuera de si en la priuança; en si boluiò en la caida, cõsiderò su desacierto, y procurando remediarle, dize: La vida q̃ passo es de miseria, la q̃ puedo passar es de ventura; troquemos vidas, dexese lo indecente, y vamos a lo ajustado. En casa de mi padre se viue a lo perfecto, aqui a lo licenciolo; vida q̃ no se ajusta a la virtud, no es vida, la licencia en el vivir, solo la estraga: determino ir en casa de mi Padre, y dezirle: Padre, mi culpa reconozco, mi desmesura aduierto, no solo me confiesso culpado, sino atreuido. Pecar cõtra vn padre tan perfecto, desatencion es; pero cometer cara a cara la culpa, atreuimiento demasiado. Ya miro quã indigno fuy de llamarme hijo vuestro, admitidme en casa por criado: *Fac me sicut vnum de mercenarijs tuis.* Llega a los braços, y dizele: *Pater, peccaui in cælum, & coram te, iam non sum dignus vocari filius tuus.* Padre culpado me reconozco, ya te q̃ no merezco llamarme hijo vuestro. S. Eligio Noviomense entra aora. No es lo mismo, dize, lo q̃ haze este hijo, q̃ lo que propone; dos cosas propone, y solo vna haze; propone dezir a su padre, lque es indigno de llamarse hijo: *Non sum dignus vocari filius tuus.* Y q̃ le admita en casa por criado: *Fac me sicut vnum de mercenarijs tuis.* Mas en llegando a su padre, se olvida de que le admita por criado y solo dize lo de hijo: *Iam non sum dignus vocari filius tuus.* Que mudança es esta? Tanta humildad al venir

Luc. 15. 21.

y en

y en llegando, tanto oluido? quan presto se oluida de lo que fue, quien se vè en algo poco atento a lo que fue primero, de lo q̃ fue no se acuerda, y lo qne propuso oluida. Detened el passo, dize Eligio q̃ esse oluido, es aumento de virtud; en la casa de Dios ay essa diferencia, entre mercenario, y hijo; aquel es el que sirue cebado en el interès, esse, el que sirue obligado del amor; este es estado perfecto, aquel es de principiante. El primer passo de lo virtuoso, viene a ser lo interessado; el vltimo està en lo amante. Assi, q̃ ay essa diuersidad? pues oluide ser mercenario el Prodigo, y trate solo de ser hijo, q̃ auiendo empezado a titulo de mercenario la virtud, con esse principio ha de topar el aumento. Hijo presume ser el q̃ se viò mercenario; q̃ si vno dize complemẽto de virtud, y el otro dize, empeçarla; y el logro de la virtud està tan librado en lo primero, q̃ empeçando mercenario, luego pudo llamarse hijo: *Mox* (dize Eligio) *reuerti ad patrem uolens, de statu mercenarij cepit cogitare: postquàm verò occurrens pater amplexatus, & osculatus est eum, oblitus mercedem mercenarij, de hereditate cepit solicitus esse parentis* Acabò en hijo el Prodigo, porque empeçò mercenario; q̃ està tan cerca de llegar a lo vltimo de la perfeccion, quien llega al principio, que en llegando a empeçar, ya presume de perfecto.

Eligio hom. bo.

Nadie llega tarde a trabajar en la viña de la virtud, no se acobarde el descuidado, porque lo ha sido: antes con mayores alientos se resuelua a sulcar la senda virtuosa: no tema, determinese à empeçar, pero con resolucion de veras, empiece; que todo el caso de la virtud consiste en empeçarla. El que sube a la cumbre de la perfeccion, no sube tanto porq̃ sube, quanto porque empeçò a subir. Lo mas de la virtud consiste en el principio: dame vn virtuoso buen principiante, doitele en breue perfecto; porque si se empieça bien este camino, bien se acaba, y esse acabar bien, no cõsiste tanto en tener buen fin, como en auer tenido buen principio. Pensaua yo esto de mio, quando vi la vniformidad con que mueue Dios la pluma del mas ignorãte, y la de el mas entendido, pues leyendo a Hildeberto Cenomatẽse, ingenio tan conocido por lo breue, como admirado por lo conceptuoso, hallè q̃ alentando a vn alma a la virtud, le dize: *Incipe, sed quod te non pœniteat incepisse.* Quieres alma ser virtuosissima? pues empieça a ser virtuosa; cierra los ojos al inconueniente, no des lugar al rezelo, empieça, con tal que no te pese de auer empeçado, que si assi empieças, haz quenta q̃ tienes

XXVI.

Hild. Cenom. Ep. Epist. 41.

tienes el fin en el principio. Grã dezir: empieça, q̃ en esso cõsiste el acabar. Empieça, pues, por q̃ acabes, q̃ no puede acabar de ser virtuoso, quien nunca empieça el camino de la virtud.

COMBATE V.

Amice. *Vers.* 13.

El Iuez ha de vsar de la Iusticia con amor.

XXVII AL tiempo de la paga murmurauan del Padre de Familias los obreros, porq̃ igualana en el premio a los q̃ tan desiguales auian sido en el trabajo. Peligroso es el oficio de Superior, pues siempre tiene quexosos. Quiere dar a entender quan justificadamẽte procede, y dize a vno de los murmuradores, *Amice*, Amigo le llama; q̃ lenguage es esse? està mormurãdo vuestras acciones, y daisle titulo de amigo? No veis el misterio? Este Padre de Familias estaua premiãdo el trabajo desta gente: El premiar es acciõ de la justicia, como el castigar tambien; pues si es juez, aunq̃ se vea mormurado, no se altere, sino exercite con agasajo su oficio, *Amice*, que el juez siempre ha de vsar de la justicia con cariño, y con amor.

xxviij. Dos titulos dà el Texto sagrado a Dios quãdo nos le propone Criador de cielo, y tierra, q̃ sino tienen de oposiciõ, tienen de dificultad. El primero es de Criador; el segundo, de Dios: *Creauit Deus calum, & terram.* Denidos a tanto poder son essos nombres, pero admirados por la cõsonancia tan estraña q̃ hazen en sus puestos; primero le dan el nõbre de Criador, y luego le ponen el de Dios: *Creauit Deus.* Parece estar al rebès essos nombres, el de Dios es nombre q̃ significa la essẽcia, el de Criador, la operaciõ. El ser, mas antiguo es, q̃ el obrar, en sentencia del Filosofo: *Prius est esse, quã operari.* Luego lo primero q̃ ay en Dios es ser Dios: el ser Criador, despues. El ser Dios, como serà sin fin, es sin principio; el ser Criador, fue en tiempo: *In principio creauit.* Trocados, pues estan estos nombres, guardeseles su antiguedad a cada vno, pongase primero el nombre de Dios por mas antiguo, y despues el de Criador, por mas moderno, diga el Texto Sagrado, que Dios criò, *Deus creauit*, no al cõtrario, *Creauit Deus*, porq̃ con esso estè ajustado cada nõbre con el lugar q̃ le toca. Estense assi, dize Alcanio en su Glossa, q̃ ajustado està el estilo, porq̃ el titulo de Criador es titulo de amor, el de Dios es titulo de Iuez, y assi leyò el Hebreo en vez del *Deus*, *Elohim, Iudices.* No se mudẽ, pues essos nombres, estense quedos, antes el q̃ se ha de llamar Iuez, llamese

Gen. 1.

llameſe primero Amor, *Creauit Iudices*, para q̃ ſe entienda, q̃ lo primero q̃ en juez ſe ha de oir, ha de ſer el nombre de caritatiuo, y amoroſo: Llameſe amor el q̃ ſe ha de llamar juez, porq̃ el reo quando ſe vea ſugeto a ſu poder, lo primero q̃ oyga dezir del, ſea, q̃ ha de vſar de la juſticia cõ amor: *Supereſt* (dize Aſcanio) *vt dicamus Deum Elohim, hoc eſt, iudicem nuncupaſſe, cum mũdi effectionem narrat, vt ſimul amorẽ & timorem incuteret.* La juſticia de ſuyo es temida, mas el juez la ha de executar cariñoſo, para q̃ venga a ſer tambien amada: no menos ha de ſolicitar q̃ la amen, q̃ procurar q̃ la teman: temaſe, q̃ es juſto, pero ameſe, q̃ es cõueniente, porq̃ el reo q̃da guſtoſo, quando queda caſtigado, y ſe le haze lleuadero el rigor de la juſticia, quando la vè con caridad executada.

Aſcan. in ſua gloſſa mag.

XXIX. Paſſa adelante el Sagrado Texto, en conſequencia de la diſpoſicion q̃ tuuo Dios en la creacion de el mundo, y dize, q̃ al criar la luz, hablò, y dixo, Hagaſe la luz: *Dixitq; Deus: Fiat lux.* Aqui muda Dios del primer eſtilo con q̃ empeçò eſta fabrica, pues al principio, para criar el cielo, no dize el Texto que habla, ſino q̃ callando obra, ſin tener mas lengua para obrar, q̃ la obra miſma, *Creauit Deus.* Alli obra Dios, y dize: Aqui obra Dios, y calla. Para q̃ es eſſe ſilẽcio? ò porq̃ es eſſa palabra? ſi el cielo ſe cria ſin hablar, criaſe la luz tambien, q̃ ſi la palabra de Dios acredita lo q̃ haze, no es menos el credito que merece el cielo, q̃ el q̃ recibe la luz. Como, pues, al criarla, obra diziẽdo, *Dixitq, Deus*, y al criar el cielo, obra callando, *Creauit Deus caluũ?* Reparad en el miſterio. Dios cria la luz como Iuez, porq̃ la cria como Dios, y Dios, y juez todo es vno: *Deus Elohim Iudex.* Los juezes obran vnas coſas de gracia, y obrã otras de juſticia. El criar el cielo, en eſpecial, ſiẽdo la primera obra de la creaciõ, fue obra toda de gracia, por q̃ ſi le criò fue ſolo porq̃ quiſo: *Propter voluntatem tuam erant, & creata ſunt.* Y aunq̃ ſe pueda entender eſto de todas las criaturas, ſupueſta la obra de la creaciõ, el criar la luz, parece fue obra de juſticia, porq̃ ſin ella, fuera confuſion la creacion, pues no viendoſe nada de lo criado, fuera por demas auerlo hecho, eſtuuiera ſin ſu deuido lugar trocado, y confuſo, y el cõponerlo tocaua a la juſticia, cuyo oficio es, peſar las coſas, y dar a cada vno el pueſto q̃ merece, y el lugar que le es deuido. Las palabras, pues, para q̃ ſe hizieron? para q̃ fueſſen ſuſtitutas del alma, indices de la voluntad, y demonſtraciones claras de amor: *Verba inuenta ſunt, nõ quæ impedirent, ſed quæ indicarent voluntatem.* Cicer.

Gen. 1. 3.

Ap 4. 11.

tem. De suerte, q̃ las palabras son indicio de voluntad, pues bien trazado; si Dios cria el cielo, y la luz como juez: *Deus Iudex.* Hable para criar la luz, *dixit*, y calle al criar el cielo, *creauit*, porq̃ vn juez quando haze cosas de gracia, la misma accion graciosa està publicando el cariño, no importa q̃ no le diga; mas en las obras de justicia hable, q̃ si las palabras son señas de volũtad, y claros indicios de amor, quando obra vn juez como justo, es bien tenga palabras amoroso, q̃ no ha de ser quando administra justicia tan desabrido, q̃ no le vean la cara alegre, ni le oigan palabra sazonada.

XXX. Gastò Dios en la formacion del vniuerso cinco dias, disposicion vltima del saber, no atropellar lo importante, sino premeditarlo, para obrarlo cõ madurez. Ensayado en las demas criaturas, puso la vltima mano en el hombre al sexto dia, criatura en quien no luciò menos su saber, q̃ su omnipotẽcia, pues fue aliento del poder, hazer de vn poco de lodo vn hõbre, fue industria de la Sabiduria hazer a vn poco de barro imagen viua de Dios. Durmió Adã obediente a vna disposicion diuina, quitòle Dios vna costilla durmiendo; y haziendo de ella vna muger, se la dà por compañera, para alibio de sus bienes: *Immisit ergo Dñs Deus soporem in Adam;* Gen. 2. 2. *cumq; obdormisset, tulit vnam de costis eius, & repleuit carnem pro ea.* No fue este sueño todo natural, en extasis tocò, dizen comũmente las plumas de los Interpretes sagrados, en especial Bernardo, y Agustino: Reparo en la diligencia de Dios, en extasis pone a Adan, para sacar de su costilla à Eua, no estuuiera mejor en esse caso aduertido? estè en su acuerdo, para q̃ sepa como le dan essa muger. Si lo sabe, si la mira, pero cõ el alma, no cõ los ojos del cuerpo. Pues si lo ha de ver, para q̃ es menester q̃ estè en extasis? si fuera para q̃ ignorara el modo de sacar a Eua, era la diligencia aduertida, porq̃ el extasis quita la jurisdicion a los sentidos exteriores, mas auiendolo de ver con el alma, que importaua lo viera con los sentidos del cuerpo? Aueriguemos q̃ es extasis, de aí se sacarà la razon. Extasis (dize S. Buenauentura) es vna eleuacion gustosa q̃ haze el hombre interior de si sobre si mismo, hasta llegar a la fuente del amor divino: *Extasis est deserto exteriore homine, sui ipsius supra se voluptuosa quedam eleuatio ad super intellectiua lem diuini amoris fontem.* De suerte, q̃ el extasis empieza cõ gusto, y se consuma en amor. Para q̃, pues, quiere Dios a Adan tã enamorado, y gustoso, quãdo saca de la Eua? Yo lo dirè. Mirana quan en breue auia de hazerle

S. Bonau. tom. 2. opusc. de sep. gra. contem.

superior

superior suyo, y cõstituirle juez de sus acciones, *sub viri potestate eris.* Ea pues, preuenido anda Dios en poner a Adan en extasis, para auer de sacar de su costilla a Eua, q̃ si en él entran amor, y gusto, auiendo de ser superior de Eua Adan, saquensela estando entre amores gustoso, para enseñarle, q̃ en llegãdo a tener dominio sobre la muger q̃ le dan por compañera, ha de ser tan amoroso, y cõ tanta sazon ha de vsar del poder, q̃ antes sirua de gusto la sugecion, q̃ de pena; antes de deleite, que de desabrimiento.

XXXI. Amenaza Dios, por Ieremias, a su pueblo; y viendole proterbo, pronuncia contra èl sentencia. Quien no se enmiẽda amenazado, no ay q̃ aguardar q̃ se enmiende. Reparo en q̃ dize el Profeta, q̃ executarà Dios el castigo con ira de paloma: *Facta est terra eorum in desolationem à facie iræ columbæ.* Luego se viene a la consideracion el reparo. No pudo ser la destruiciõ mas grãde, pues se assuelan Reynos, y se quita vida a hombres: castigo tan grãde, mas furor ha menester; mejor fuera dezir, destruyòse la tierra, *à facie iræ potentis.* Es assombro vn poderoso enojado; destruya como poderoso quien destruye, q̃ airado lo podrá hazer facilmẽte, porque enojado vn poder, nadie le puede hazer resistencia. Està castigado rigurosamente el pueblo Iudaico, y tiene vna paloma (aunq̃ airada) aliento para executar tanto rigor, para derramar tanta sangre? No es valor esse dize S. Gregorio el Grande, sino prudencia; la paloma es mansa, y apacible, el castigo riguroso, y aspero: si toma vn juez para castigar ira de poder, es añadir rigor a rigor, y pena a pena; y le basta a vn castigado su desdicha, sin aumentarle mas el dolor. Castigue, pues, vn juez, pero con mansedumbre; y si para el castigo fuere conueniente q̃ le vean airado, essa ira sea de paloma: *iræ columbæ*, q̃ si es necessario valor para executar la justicia, es necessaria apacibilidad, para q̃ suauizando el castigo, no se haga de peor condicion el sufrirle. Oid a Greg. *Vt enim vim diuinæ districtionis imperturbabilem demonstraret, & iram dixit columbæ: quasi dicat, & districtum iudicium in concussus exerit, qui permanens mansuetus punit.* Dios juez castiga riguroso, pero està de parte de la culpa el rigor, q̃ assi merece el castigo, no de parte de el juez q̃ le executa, antes està tan imperturbable en su agrado, q̃ siendo su juizio tan estrecho, al poner por obra la sentẽtia, se muestra apacible, y manso, para enseñar a los juezes del mundo, q̃ castiguen con mansedumbre, y corrijan con amor.

Ierem. 25 33.

S. Greg. Mag vt in glossa hic.

Quan importante es en vn juez

juezilo apacible; la piedad quan necessaria; quan prouechosa la mansedumbre. Vn reo no se escusa de las manos de vn juez manso, antes pretende q̃ le castiguen; piedad es la q̃ corrige, el rigor antes enfurece: mas enmienda vn Ministro agradable en solo vn dia, q̃ vno riguroso en todo vn año; porq̃ el agrado, castigãdo, obliga; y el rigor, desobligando perdona: mas se gusta a vezes del castigo de vn apacible, q̃ de el perdon de vn rigoroso; porq̃ este perdona cõ desabrimiento, y aquel castiga cõ agrado. En esta materia oid a Ferrando Diacono, como acõseja a vn Principe la piedad: *Incurrit quispiam grauissimi facinoris culpam, meretur iudicialem sentire censuram, Tempera dux optimè impetum seueritatis & dum reo supplicia inferuntur, interioribus auribus pietas dicat: Noli esse iustus multum.* Templa Principe poderoso el impetu de tu seueridad en el castigo: atiẽde a la grauedad de la culpa, pero no te oluides de la flaqueza de quien la comete; siempre castigues obligado de la justicia, no prouocado del furor; el pecho se te deshaga en piedades, quando te veas obligado a embiar reos al suplicio: parezca mas piedad tu castigo, q̃ castigo: acuerdate del consejo de Salomon, Principe sapientissimo, y no quieras delinquir, por ser muy justo; la correcciõ no ha de ser enojo: el juez prudente, pretende la enmienda de la culpa, no la enemistad del culpado; para esso no se ha de mirar con oposicion al delinquente, sino enmendarle con amistad. Sè justo en el castigo, pero no muy justo, justo, para enmendar inquietos, no muy justo para cõsolar pusilanimes: castiga para sanar enfermos, y castiga pacifico, para enmẽdar à todos. Palabras son q̃ auian de tener los juezes en la memoria, y consejos q̃ auian de estar estampados en el alma.

Sea pues el juez justo, pero sea tambien misericordioso; no combata al misero paciente cõ tiros de rigor, mezclelos cõ algo de piedad; no sea el golpe en todo desapacible, tenga alguna cosa de agradable, acuerdese del cariño con q̃ este Padre de familias vsa de la justicia, aunq̃ se vè desobligado, *amice*, amigo ha de ser el culpado, para castigarle, como para premiarle tãbiẽ. Esto es vsar de la justicia a lo diuino, y castigar a vso de Dios. xxxiij.

VICTORIA

Vade. *Vers.* 14.

Para conquistar el ofensor el perdon del ofendido, ha de pelear de suerte, que no vea el agrauiado la ofensa.

DEl Padre de familias murmurauan los obreros, aunque xxxiv.

que procedia en sus acciones justificado, y reconociendose ofendido, por no quitarles la paga, dize a vno dellos: *Vade*, vete luego. Porq̃ Señor, le despedis? no le dexareis sosegar algo, y descãsar del afan de todo vn dia? No, dize el Soberano Padre; vayase luego, *Vade*. Porque tanto cuidado en q̃ se ausente? No lo veis? Viase este Padre diuino ofendido de los mismos a quien estaua pagando; murmurauan del, sin q̃ su proceder lo mereciesse, pero no les quiere quitar el trabajo, antes les quiere remitir la ofensa: pues aduertido anda en q̃ se ausente, *vade*, porq̃ auiendo de conquistar el perdon, quien ha ofendido, ha de pelear, sin q̃ vea la ofensa el agrauiado, q̃ ver el agrauio à los ojos y salir perdonado el agressor, no parece q̃ es posible.

xxv. David, Principe enamorado de sus vassallos, pide a Dios que se manifieste para fauorecer a su pueblo: *Qui sedes super Cherubim, manifestare.* Aude, dize Titelmano, a lo q̃ dixo Dios a Moyses, quando le mandò hazer el propiciatorio: *Inde præcipiam, & loquar ad te supra propitiatorium, ac de medio duorum Cherubim* Haz el propiciatorio, pon dos Cherubines q̃ yo assistirè alli, para q̃ me comuniques. Quando Dios fauorecia a su pueblo, tenia por cierto q̃ sentado en el Cherubin, manifestaua su poder, librãdole de sus enemigos y quãdo ellos hazian alguna ofensa à Dios, y Dios por esso los dexaua oprimidos en manos de sus cõtrarios, les parecia q̃ hazia del ausente, pues no se manifestaua en fauorecerlos: *Cum enim Deus* (dize Titelmano) *populum suũ derelinquebat in manus hostiũ, & duris afflictionibus subiacere patiebatur, quasi absens, propitiatorio derelicto, reputabatur.* Y assi pedir aora q̃ se manifieste en el Cherubin, es lo mismo q̃ pedirle manifieste su poder en el perdon de las ofensas de su pueblo. Supuesta esta explicacion, es de aduertir, q̃ algunos leyerõ cõ aquel *Cherubim* el *Seraphim*, desuerte, que diga: *Qui sedes super Cherubim, & Seraphim manifestare.* O Dios! q̃ te sientas sobre el Cherubin, y Serafin, manifiesta tu poder perdonando las ofensas de tu pueblo, tendido pide tu clemencia, abatido la conquista, reconocido la combate, fuertes tiros son para solicitar en tu piedad perdones, reconocimiẽtos humildemente rendidos, salga con la victoria del perdon, quien sabe cõquistarle assi. O q̃ mal entendeis las armas con q̃ en semejãtes ocasiones se han de cõquistar clemẽcias diuinas, no solamente no es acierto, sino zelo conocido, llegar vn pueblo ofensor à cõquistar perdones de vn Dios, aũ piadoso, ofendido, y sentado en vn trono, cuyo edificio con-

Titel. anno. ia Ps. 79.

Psal. 79. 3.

Exod. 25. 22.

consta de Cherubines, y Serafines: *Ergo errant* (dize Ger.) *qui solent in precibus dicere qui sedes super Cherubim, & Seraphim manifestare.* Yerran conocidamẽte los q̃ dizen, q̃ es buena ocasion para cõquistar el perdon de vn Dios ofendido, combatir su clemencia con sumissiones, estando sẽtado sobre vn Cherubin, y vn Serafin. Esse es error? pues quãdo Dios está mas para perdonar ofensas, q̃ quando está tan magestuosamẽte sentado? La magestad siempre anda junta con la clemencia, y desdice mucho de lo grande, lo vẽgatiuo, y mas quando el ofensor no se resiste, sino q̃ de humiliaciones armado, solicita piedades, y ẽ las piedades, perdones. Como vn Señor, q̃ siendo tan grande, y no pareciendo en el trono sobre q̃ se assienta pequeño, solo por estar sentado en Cherubines, y Serafines, no puede ser cõquistado para clemente, ni cõbatido para perdonador? La diuersidad de essos dos espiritus, es la causa. Que es Serafin? *Quod nos dicere possumus incendentes siue comburentes*, dize Geron. Amor, incendio: y Cherubin? *Plenitudo scientiæ*, ojos, entendimiento, vista: q̃ haze el amor? perdona agrauios. *Delicta non videt vis amoris*, dixo Crysologo. Y el entendimiento? los conoce. Pues biẽ dize Geronimo, error parece dezir, q̃ Dios ha de perdonar amãdo como Serafin, la ofensa que como Cherubin está conociẽdo; porq̃ vn agrauio que se está mirando con los ojos del entendimiento, está dificultoso de perdonar cõ la voluntad, q̃ aun el mismo Dios parece que se ha menesster oluidar de lo q̃ entiẽde, para perdonar lo q̃ emẽdio. Ver ofensas como Cherubin, y como Serafin perdonarlas, error parece, porq̃ los agrauios para perdonados de la voluntad, es necessario esten desconocidos del entendimiento.

S. Hier. l. 3. in Isaiam.

Hieron.

S. Pet. Crys. ser. 3.

De trono a trono hemos de passar. Vio a Dios Isaias en vn trono, tan ostentosamẽte grande, q̃ facilmente se pudo persuadir a q̃ fuesse Dios el dueño de tanto aparato, y para quien estuuiesse hecha tanta preuencion. Lo mas q̃ desta vision suele põderarse, son los Serafines, q̃ siẽdo dos, con seis alas cada vno, diuidian industriosamẽte su ocupacion. Dexemos el trono, y vamos al Serafin, y al Profeta. Quexauase de poco puro, de auer ofendido a Diòs, aunq̃ no en ofẽsas graues, mas a los ojos de quien pretende ajustar sus acciones, qualquier descuido es ofensa. El Serafin oyò sus vozes, y conociendo agrauios de Dios, aunq̃ limitados en ellas, dexando a Dios en el trono, baxa a borrar la ofensa del Profeta, purificando sus labios, y limpiandolos de sus delitos: *Vo-*

xxxvj

lauit

lauit ad me vnus de Seraphim Vno
Isa. 6. 6. fue el Serafin q̃ baxo à borrar las ofensas q̃ auia hecho a Dios el Profeta, y otro se quedò en el trono con Dios, *vnus de Seraphim*. Porq̃ no baxan los dos Serafines? Para hazer bien nunca ha de auer escusa; para purificar almas, no ha de auer ocupacion; hazer bien à vn Profeta, es deuido ministerio, porq̃ le ha de escusar vn Serafin? si fuera para castigarle, no estrañara esse retiro, q̃ en vn animo piadoso, es dificultosa la execucion de vn castigo; quedarase, en caso tal, la imitacion del otro sucesso, q̃ siendo tres los Angeles q̃ estuuieron en casa de Abrahan, para la execucion de aquel castigo q̃ hizo Dios en las Sodomiticas ciudades, se quedò vno y solo fueron los dos: *Veneruntque duo*
Gen. 19. 1. *Angeli Sodomam*. Pero si es para hazer bien, para q̃ se queda el vno? veamos si vale algo mi especulacion. Por lo mismo q̃ el vno buela al Profeta, se queda el otro con Dios. Confessauase ofensor Isaias, tenia escrito en los labios el agrauio q̃ auia hecho à Dios: *Vir pollutus labijs ego sum*; y pretendia con gemidos q̃ le perdonasse, conquistaua humilde su clemẽcia, peleaua afligido por salir con la victoria de perdonado; y al tiempo desta conquista, tenia Dios el rostro cubierto: *Duabus velabant faciem Dei*. El Serafin viendo al Profeta compungido, quiere fauorecerle, vè q̃ Dios està oyẽdo sus agrauios, y q̃ Isaias està pidiendo perdon, conoce se la ocasiõ a proposito, para conquistar clemencias, porq̃ aunq̃ oye agrauios, tiene cubierto el rostro Dios. Pues bien trazado; si el Serafin conoce en esso fauorable la ocasion, partan entre los dos los oficios; baxe el vno à purificar al Profeta, y el otro, quedese à cubrir à Dios, q̃ si baxaran entrambos, quedara Dios descubierto, y como viera las ofensas de Isaias, por traerlas escritas en los labios, era contingente alcançar dellas perdon; pues baxe vno, y quedese otro, q̃ si es menester vn Serafin, que buele à purificar, es menester otro para q̃ se quede à cubrir: cubra el Serafin à Dios, y assi tendrà cierto el perdon el Profeta, q̃ para conquistar la remisiõ de los agrauios cometidos, es tan necessario q̃ no vea el agrauiado la ofensa, que auiendo de salir en esta conquista victorioso, menos q̃ teniendo los ojos cubiertos el ofendido, no pudiera salir con la victoria de perdonado el ofensor.

Viene aquel Patriarca soberano à Maria desde el cielo, turbase la casta donzella de ver vn Angel, aunq̃ la promete ser Madre de Dios. Confortala, y declarandole la Cõcepcion del Verbo Diuino, le dize: *Spiritus* XXVII

Luc.1.13 *Sanctus super veniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* El Espiritu Santo ha de ser el Autor de essas dichas. Hizome nouedad, q̃ el Espiritu Santo fuesse por cuya obra se hizo la Encarnacion del Verbo Diuino, y no el Padre, siendo hijo suyo el Verbo: En otra parte lo hemos põderado: demos aora otra solucion. Conuino assi, q̃ el Verbo fuesse cõcebido hombre en las entrañas de Maria, por obra del Espiritu Santo, en la attribuciõ, y no del Padre, porq̃ la Encarnacion fue para perdonar agrauios, y ofensas, y tantas como el hombre auia hecho à Dios; el Hijo es todo sabiduria, el Padre todo poder: Pues no encarne el Verbo por obra de solo el Padre, q̃ siendo la obra de la Encarnacion, para conquistar vn Dios hombre à vn Dios riguroso, procurando conuertir sus rigores en piedades, para q̃ perdonasse ofendido los agrauios q̃ el hombre le auia hecho mal mirado, siendo el Hijo q̃ encarna sabiduria: si encarnara por obra de solo el Padre, q̃ es poder, juntarense para perdonar à vn ofensor, sabiduria de vn agrauio, y poder para vengarle; y assi pudiera ser, q̃ viendo la sabiduria la ofensa, no pudiera el poder contenerse en castigarla, porq̃ vn agrauio conocido, quãdo se puede vengar, es milagro q̃ no le vengue. Que remedio? Si el Hijo es sabiduria, no encarne por obra de solo el Padre, q̃ es poder, sino por la del Espiritu Santo, q̃ es amor; y de essa suerte, haziendo sombra a la sabiduria el amor, *obumbrabit*, no verà el agrauio; y cubierto el q̃ es todo conocimiento con la sombra del q̃ es diuino amor, no solo podrà perdonar ofensas, sino aplacar al Padre, para q̃ perdone al hombre todos los agrauios.

Mas cuidado suele costar la vengança, q̃ sentimiento la ofensa, y si es sin sabor lo vno, es peligroso lo otro; pues quanto tiene de cierto vn agrauio recibido, tiene de dudoso el modo como ha de llegar à ser vengado. Como se ataja tanta desdicha? El Petrarca dà remedio. Diuersiones de quiẽ ama, entre determinaciones de quiẽ aborrece, es vnico remedio para no aborrecer, y consiguientemẽte para perdonar: *In odio ergo cogitandus amor.* Quando se aborrece al ofensor, por estar mirando la ofensa, es forçoso q̃ el ofendido se incite a la vengança. Aborrecer cuesta trabajo, ser ofẽdido tambien: el vengarse es peligroso, pues para librarse de los trabajos q̃ se padecen, y de vn peligro q̃ amenaza: el modo es, pensar q̃ el agrauio es amistad, y de essa suerte vendrà à trocarse el aborrecimiento en amor: este es ciego, no puede ver las ofensas, xxviij

Petrarca Dial. de inimic.

ofensas, no viendolas, con facilidad se oluidan, y oluidadas, se perdonan. Cõsejo fue de Seneca, oluidar la injuria, para poderla perdonar: *Iniuriarum remedium est obliuio.* Auiendo memoria de la ofensa, dificultosamente se perdona, porq̃ la memoria es lo mismo q̃ la vista. El agrauio q̃ està en la memoria, tambien se vè con la imaginacion, como se mira con los ojos: el remedio es oluidar, q̃ assi se perdonan ofẽsas, y se remiten agrauios.

Sen. lib. 1 Ep. Ep. 29

XXIX. Marauillosissimo es este remedio, pues salen dos victoriosos, el ofendido, y el ofẽsor, vno siendo perdonado, otro concediendo el perdon. No es menor victoria lo vno q̃ lo otro, pues aun es mas generosidad de animo el perdonar, que recibir el perdon. Tome el Catolico esta doctrina de memoria, para que sabiendo como ha de solicitar el perdon, y como ha de perdonar, tenga el premio de los que perdonan enemigos, que es ser hijos de Dios: En esta vida por gracia, y por gloria en la otra.

Ad quam, &c.

(:)

CONQVISTA TREZE.

Para el Domingo de la Sexagesima.

Exijt qui seminat, seminare. Lucæ 8. vers. 5.

EXORTACION.

LA fama de las marauillas del Saluador le aclamaua prodigioso; los milagros se hazian conocido, y con esso el mundo le seguia, mouido de la nouedad, ò admirado de el prodigio. Seguir à Christo, siempre es ganancia, aunque sea curiosidad el seguirle, que estando a la luz, algun resplandor ha de alcançar. Predicò, viendose con tan grande auditorio; vnos predican porque los sigan, otros por verse seguidos,

y todo es virtud, como la intencion sea de aprouechar almas; assi dà principio a su espiritual conquista Christo: *Exijt qui seminat, seminare.* Saliò vn labrador à sembrar su semilla, logros se podia prometer lucidos, pues siendo esta semilla del q̃ siembra, y siendo el que siembra Dios, era forçoso ser buena. Sembrar bien, es coger bien; coger sin sembrar, dificultoso; sembrar mal, y coger bien, imposible. Sembrò en quatro partes de tierra, digo yo en las quatro partes del mundo, Oriente, Occidente, Aquilon, y Mediodia; no ay parte por remota q̃ sea a quien Dios no acuda con lo menesteroso para la salud eterna. Estrenose la semilla en vna tierra q̃ estaua junto al camino: peligrosa està la virtud a vista del passagero, la santidad publica, ò la roba la vanidad, ò la huella la soberuia. Perdiose, q̃ mucho, si vna virtud quando en publicidad es combatida, se juntan contra ella flaqueza propria, y solicitud agena. Sobre piedras sembrò en otra parte este labrador, no ignoràte del poco fruto, sino preuenido cõtra la humana malicia; pudiera dezir el cabiloso, como tengo de saluarme, sino me dan con que? y por mi no puedo? Sepa, pues, el coraçon mas de piedra, q̃ no le falta la gota de la inspiracion diuina, con q̃ si quiere puede ablandar su dureza. Naciò esta semilla, pero acabando, pues nace para acabar, y acaba en naciendo. Gran desdicha suele ser el tomar camino de virtud, y dexarle recien tomado! no por empeçarle, sino por dexarle tan luego. No tenia humor la piedra, assi se seca en naciendo el grano. Que de almas ay q̃ no tienen humor para ser santas, y todo se les và en deseos, porq̃ no tienen humor para obras. Cayò la tercera parte entre espinas; no suele ser mala compañera de la virtud la penitencia; mas ay quien no la haze de sazon, sino de fuerça; y en faltando la conformidad en el trabajo, no ayuda la virtud, antes la ahoga, no tiene mayor enemigo la perfeccion, q̃ la impaciencia. Cayò la vltima parte en la tierra buena: Valgame Dios, si auiamos de encontrar algo de prouecho! q̃ carestia ay de bondad! y de malicia q̃ sobra! de quatro partes es solo vna la buena; siempre es lo mejor lo menos. Naciò, y todo fue crecer, y llenar fruto: en vn justo nada ay q̃ echar a mal, todo es de prouecho. Daua vozes, diziendo esto Christo, razõ denia de tener, como soleis dezir: pues ver lo mucho q̃ se predica, y lo poco q̃ se aprouecha, al mismo Dios haze dar vozes de dolor. Declarò, Maestro soberano, a su Colegio de esta suerte la Parabola. La semilla es la diuina palabra; propria similitud, pues igualmente cae en todas partes la vna como la otra: siembrase en quatro generos de almas, en vnas apenas ha

nacido,

nacido, quãdo el demonio se la quita por quitar la ocasiõ de su salud: todo el biẽ nace de tener escrita en el alma la palabra de Dios. En otras se siẽbra, y recibenla gustosas, pero esse gusto es el q̃ trae consigo el oir la palabra, porq̃ es palabra de Dios, no el q̃ ellas tienen con ella, y assi no engendra rayzes, con que en la mayor necesidad la pierden. En faltando en la virtud la voluntad, bien la podeis dar por perdida. Lo tercero se siembra en gente q̃ oye, pero no atiende, porq̃ el oido le inclina a la palabra, y el cuidado a la solicitud de la tierra: no lleua esta gente fruto, Dios, y el mundo nunca hizieron buena juntà, porq̃ Dios no es amigo de coraçones diuididos. Naciò en lo vltimo la diuina palabra, porq̃ cayò en tierra fertil: Nadie eche culpa a la semilla, q̃ el no lleuar fruto està en la esterilidad de la tierra. La declaracion literal del Euangelio es esta. Aue Maria.

COMBATE I.

Exijt qui seminat, seminare. *Vers.* 5.

No desespera quien espera, porque es sustituto de la gloria la esperança, y assi es todo gloria, si imperfecta, el esperar.

1. PEregrino parece el sentimiento, casi los mas Padres tengo contra mi: Todo se les và â todos en significar el sentimiento de vna esperança, y no faltò quien dixò. Que siẽpre ocasionaua penas, porq̃ los bienes esperados, siempre parece q̃ se tardan, y los mãles llegan presto. Sirua por todos el Sabio: *Spes, que differtur, affligit animã* La proposicion es llana, tendrà su declaracion; aora parece me aparto della, pero es con el ingenio del mayor Basilio, el qual difiniendo la esperança, dize: *Spes est quæ gaudium cohabitatorem animæ efficit.* La esperança està tã cariñosa con el alma, q̃ lo primero q̃ haze es, engendrar vn gozo interior, q̃ se auezine con ella. De suerte q viuen jũtos en el alma, esperança, y gusto; veamos en el Euangelio lo demas. *Prou. 13. 12.* *S. Basil. Mag ser. de gr act.*

II. Saliò â sembrar vn labrador: *Exijt qui seminat, seminare.* Sẽbrò, y siendo la labor toda desuelo, no le siente. El oficio de labrador es, si de trabajo, de gusto; hallé la causa en el Apostol Sãtiago: *Ecce agricola expectat pretiosum fructum terræ.* Todo el sustẽto del labrador consiste en esperanças, y aunq̃ viue con trabajos, viue gustoso, porque viue esperando: y vida de esperança, quita la pena, porq̃ es vida de gusto y gusto, y esperança, como dize Basilio, es todo vno. Pues si llegamos a poner en cosas del espiritu el esperar, se ade- *Iacob 5. 7.*

lanta tanto el gusto, que llega a presunciones de gloria, sino en la verdad, en la sustitucion a lo menos. Oid al Petrarca, q̄ tratando de la esperança del bien perfecto, dize: *Hec spes leta, dulcis, verax, felix est, quaq; nec sperantem fallit nec confundit, sed ad optimum prouehit, animumque interim sperati boni anticipatione letificat.* La esperança que se emplea en bienes verdaderos, como son los del espiritu, es perfecta, y assi es dulce, verdadera, feliz, y antes que llegue el bien, le goza, porq̄ anticipa las dichas, y dà à gozar antes que se gozen las glorias: *Animumque interim sperati boni anticipatione letificat.* En la gloria ay perfeccion, dulçura, verdad, felicidad: Pues si todo esso dà anticipadamente la esperança, si imperfectamente, serà sustituto de la gloria el esperar, pues dà antes de la gloria, lo que dà la gloria despues; como puede desesperar quien espera, hallandose tanto de la gloria en esperar.

Petrarca Dial. 19.

III. Siempre he tenido gusto en buscar la causa, porque vn Santo no ha de saber si lo es? y porque siendo heredero de la gloria, no ha de tener noticia de su herencia; Sabe Dios el q̄ ha de gozar de la gloria, y el q̄ la ha de gozar no lo sabe con toda certeza: haze obras con q̄ merece el cielo, y las ignora; obra virtudes, que son el camino de la bienauenturança, y nunca alcança à saber de cierto si và derecho: *Sunt iusti, atque sapientes, & opera eorum in manu Dei, & tamen nescit homo, vtrum amore, an odio dignus sit*, dixo el Eclesiastes. Deuelase el justo, por alcançar la gloria, mortifica el espiritu, sugeta la carne, obedece, y obra, ajustase a la virtud, y dexa el vicio, y en vida tan perfecta, menos sabe de su seguridad, quanto mas viue. Que es esto? siendo el de la gloria camino tan lucido, se ha de caminar en èl à escuras? que cosa es que se vaya por vna senda de luzes, y que no sienta resplandores quien la pisa, parece lo q̄ es verdad implicacion, caminase con luz, y no se vé; caminase, y aunque se anda, no se sabe si se camina, porque essa luz no resplandece al caminante, y este saber no se le permite. Sepa vn alma, que tan a costa de fatigas camina por la senda de la virtud, que se và al cielo: todo ha de ser ignorancia, y desconocimiento este camino? todo andar à ciegas? Si, dize sabroso mi Bernardo. No sepa vn alma su dicha, porque la tenga, ignore si và a la gloria, porq̄ la goze desde luego. Como es esso? ser dichoso, por no saber su dicha? gozar la gloria, por ignorar que và à ella? Si, dize Bernardo, en saber vn alma que es heredera de la gloria ay inconueniente, porque

Eccl. 6. 1.

porque esso era gozarla en esta vida, y ella es sola para merecer la gloria, no para gozarla. En ignorarlo ay prouecho, pues viene a ser la gloria, por no sabida, esperada: y quando en el saber huuiera gloria, ay en el ignorar esperança. Ea pues, dize Bernardo, no sepa el alma que và a la gloria, aunque vaya derecha à ella, que si sabiendolo, empeçaua desde luego à tener gloria, ignorandolo, dà lugar para tener esperança, y la esperança sustituye tambien gages de gloria, que no le haze falta el tener noticia de su seguridad, porque si el conocimiento de tenerla, era empeçar à gozarla, la esperança sabe tambien sustituirla, que en el mismo esperar, tiene la gloria en la raiz, quien llega de veras à esperarla: *Certitudinem vtique non habemus* (dize Bernardo) *sed spei fiducia consolantur nos, ne dubitationis huius anxietate penitus cruciemur.* Quien duda desespera; pero quien espera, goza: no tiene euidente certeza de llegar á gozar de la gloria, por mas ajustada que viua vn alma santa, antes se aflige viendo la incertidumbre del premio, y la certeza del trabajo. Como ha de gozar algo de la gloria, y tener en essa duda algun consuelo? Ignore; porque ignorando, espere, que ay hallará todo su consuelo; que en ignorancias de gloria, solo la esperança puede dar aliuio.

B. Bern. ser. 1. in Septuag.

VI. Trata el Profeta Rey de la diuision del cuerpo, y alma; y viẽdo quan ajustada auia sido su vida, publica glorias del alma, diziendo: Veré siempre à Dios, no faltaré vn punto de su presencia; y assi contemplando mi dicha, no puedo dexar de estar alegre: *Propter hoc lætatum est cor meum.* Esta es la causa de mi alegria, y el motiuo de mi gusto, q̃ mi alma ha de estar siẽpre viendo a Dios: *Prouidebam Dñm in conspectu meo semper.* Llega despues, aduertido, à tratar de el cuerpo, y dize: *Caro mea requiescet in spe.* De mas de la dicha del alma, la tendrà tambien el cuerpo, pues descansarà esperando en el sepulcro. Trabajoso es esse: descãso, el sepulcro es deposito de miserias, y vltimo aluergue de desdichas: q̃ descanso puede tener vn cuerpo entre la misma afliccion? los gusanos le cõsumen, la tierra le deshaze, el oluido le amenaza: si se mira, es todo vn asco; si se contempla, vn horror; si se imagina, vn assombro: q̃ alibio puede tener vna carne q̃ habita en vn sepulcro viendose afligidamente consumida, y tristemente deshecha. Alli puede auer descanso? Si, y no muy pequeño; reparad en la ocasion. La perfeccion no solo consiste en el alma, sino tambiẽ en el cuerpo, ambos se ayu-

Psal. 15. 9.

dan en sus acciones, ni el cuerpo puede obrar sin el alma, ni el alma puede obrar sin el cuerpo, y como entran a medias en la execucion de las virtudes, en el premio entran à medias: ay empero esta diferencia, q̃ el alma luego q̃ se aparta del cuerpo recibe el premio q̃ le toca: el cuerpo aunq̃ ha sido compañero en el trabajo, quedase en la sepultura. Como se ha de componer esta desigualdad? Al alma dan luego el premio, y al cuerpo dexan en vn sepulcro? Porq̃ no ha de ser premiado el vno como el otro? si a vn tiempo cooperaron al merito, reciban el premio jũtos, y sean iguales en el gozar, los q̃ lo fueron en el merecer, q̃ parece desapropositado gouierno, dar premios separados a quien tuuo meritos vnidos. Es assi, dize el sapientissimo Idiota, empero a vn mismo tiempo se premian cuerpo, y alma, carne, y espiritu; el alma como mas noble, recibe premio en el cielo: la carne menos perfecta, tiene su premio en la tierra, el espiritu es premiado en el cielo con descanso, y gloria, la carne lo es en la tierra con descanso, y esperança, *Requiescet in spe*, y assi juntos se premian ambos, q̃ si su premio verdadero es gloria, si ay, gloria para el alma en el cielo, ay gloria para el cuerpo en la tierra. La gloria de el alma es gloria q̃ cõsiste en la gloria, la del cuerpo cõsiste en la esperança, alli ay descanso, aqui tambien; si alli se goza, aqui se espera: gloria, y esperança todo es gloria, vna q̃ dà gloria al alma, otra q̃ se la dà al cuerpo. Aora el doctissimo Idiota: *Quãuis ipsa non lætetur quasi acceptura statim post mortem statum suum, requiescet tamen in sepultura, cum hac spe, quod resurget in die iudicij cum anima sua immortali, & splendidissima.* No se alegra luego con el premio de la gloria la carne, como el espiritu se alegra, pero haziendo sustituta a la esperança de la gloria, le dan por premio esperança, y ella es tal, que en medio de vn sepulcro causa aliuio; y siendo habitacion toda de miserias, sabe suauizarlas tanto, q̃ en tanto q̃ llega el descanso q̃ ha de causarle la gloria del cielo: en medio de los aseos de vna sepultura, sabe darle essas quietudes, *Requiescet*, porq̃ se entienda, q̃ si la gloria es gloria del alma, lo es la esperança de el cuerpo.

Idio. anno. in Is. 15.

V.

De aquel Principe, que tiene renombre de libetal, dize Plutarco: Que en vna ocasiõ anduuo con la gente de campaña tã cumplido, q̃ les dio quanto tenia; diuidiò tesoros en el exercito; repartiò riquezas, y tantas, q̃ se quedó rico para hombre comun, pero para Rey muy pobre, seria, por lo menos biẽ seruido. Viẽdo vn amigo suyo lo generoso

roso de su pecho, y quan mal sufria, en materia de dar, mẽdigues, le dixo: Principe poderoso eres, en lo liberal mas que en lo rico, tu generosidad te empobrece, y acuitã; tu pecho te obliga a ser generoso, tu riqueza no lo sufre; porq̃ has quedado en essos desperdicios tan pobre, q̃ ya no tienes con que hazerlos. Repartiste entre la campaña tus bienes, y si pareces victorioso en la conquista de los animos, pareces en la pobreza vencido; q̃ si el dar auassalla voluntades, el no tener despide vassallos: q̃ mas desea el enemigo, q̃ verte sin riquezas? porq̃ estando pobre, no tẽgas caudal para sustẽtar exercitos. Ya q̃ has andado tan liberal, pregunto, Serenissimo Principe, q̃ has reseruado para ti? *Quid tibi nunc Rex super est?* Plat. in Alex. Respondiò Alexãdro: *Spes.* Mucho ha sido el desperdicio de mis riquezas, mas he reseruado para mi lo mas, pues me he quedado cõ mi esperança, y ella sola monta mas, q̃ todos los tesoros de el mundo. No me aflige la pobreza q̃ me significas, porq̃ mi esperança, no solo me pone en las manos tesoros, sino Reynos. Que falta me ha de hazer la riqueza, quando me sobra la esperança? Espere yo, q̃ no puedo ser pobre: Mas poderoso soy por lo q̃ tengo de esperança, q̃ por lo que tengo de hazienda, porq̃ essa se me puede acabar, pero la esperança no. No consiste mi poder en tener, sino en esperar; mientras espero no me llames pobre, q̃ la esperança es la mayor riqueza. Direis luego, q̃ desespere quien espera, siendo de tanta gloria el esperar.

Combate sabroso es este, pero aduierto, q̃ la esperança para que sea tan sabrosa como hemos experimentado, ha de ser puesta en Dios, y de cosas del cielo, q̃ sino, antes suele causar disgustos, q̃ ser ocasion de glorias. VI.

COMBATE II.

Semen suum. *Vers.* 1.

En esperar lo q̃ se posee aunq̃ imperfectamente y en poseer lo q̃ se espera, consiste vna gloria cumplida.

SI la esperãça tiene tanto de gloria, no tendrà menos la possession; pues la gloria que dá el esperar, es ordenada al poseer; pero en este pielago de gloria, ni la vna, ni la otra es cũplida, porq̃ la esperança se quita cõ la possession, y la possession cõ la esperança: Quien tiene, es cierto q̃ no espera; y quien espera, no tiene. La possession, y la esperança son glorias parciales, y assi es forçoso faltar la gloria de esperar, en quien posee, y la de poseer, en quien espera. Que remedio VII.

remedio para ſũtar eſtas glorias? Biẽ trazado, eſpereſe lo miſmo q̃ ſe tiene, aunque imperfectamente, y tengaſe lo miſmo, q̃ ſe eſpera, para q̃ cõ eſſa induſtria, en medio de la poſſeſsion halle lugar la eſperança, y en medio de la eſperãça ſe pueda hallar la poſſeſsion; y con eſſo vẽdrà a tenerſe en eſta vida toda la gloria cumplida, que ſe puede tener.

VIII. Veamos ſi eſte penſar ſe puede deducir del Euangelio. La ſemilla q̃ ſẽbrò eſte labrador, dize el Euangeliſta, q̃ era ſuya, *ſemen ſuum*. Sẽbrar lo ageno no es apropoſito en gente biẽ nacida. No reparo en eſſo, ſino en la ſemilla, *ſemen*. Que hazes labrador entendido? Sẽbrar: *Exijt* Iaco.5.7. *ſeminare*. Eſſe grano como le ſiẽbras? Cõ eſperança: *Ecce agricola expectat*. Pues no le tienes? Si, *ſemen ſuum*. Pues como eſperas lo q̃ tienes? ò como tienes lo q̃ eſperas? ſi eſperas tener eſſe grano, ya le tienes: ſi le tienes, como eſperas? Entended el ingenio deſte labrador: Tiene el grano, y por eſperarle mejorado en ſu fruto, ſiembrale; porq̃ ſi todo fuera tener, no huuiera guſto en eſperar, y ſiẽdo todo eſperar, faltàra el guſto de tener. Tẽga, pues, el grano, pero ſiẽbrele; lo vno para tener; lo otro, para eſperar, porq̃ cõ eſſe ingenio acumule el guſto quanto deſperdicia el grano, pues nada falta de alegria à quien eſpera teniẽdo, y llega a tener eſperando. IX.

Pareciòſelo aſsi a lo menos a S. Greg el Grãde. Quiere Chriſto ſignificar la gloria q̃ gozan los Angeles en el cielo, y dize: Que ſiẽpre eſtan viendo el roſtro de ſu Eterno Padre: *Sẽper vident faciẽ Patris mei*. S. Pedro tratando de la miſma gloria, dize: Que ſiẽpre los Angeles eſtan deſeando ver a Dios: *Spiritu ſancto miſſo de cælo, in quem deſiderant Angeli proſpicere*. Deſiguales parecen eſtos dos ſentimiẽtos; ver a Dios clara y diſtintamẽte, y deſearle ver como ſino le vieran. No es imposſible, dize S. Greg. el Grãde, concertando eſtos dos lugares, antes biẽ es lo q̃ ordinariamẽte ſucede en la gloria, q̃ los Angeles ven â Dios, como dize Chriſto, y jũtamente le deſean ver, como dize Pedro: *Deũ quippe Angeli & vident, & videre deſiderãt, & ſitiunt intueri, & intuentur*. Prodigioſo caſo! glorias, y deſeos, facilmente admitirè gloria en el deſear: pero como es gloria la gloria ſino lo es? ſi la gloria en tanto, es gloria en quãto ſe goza, y en tãto ſe goza, en quanto no ſe deſea, luego ſi llega a deſearſe, no es gloria, porq̃ no admite eſperanças lo q̃ ſe tiene. Si lo es dize Greg. antes porq̃ ſe deſea es gloria, q̃ le faltara de gloria, ſi le faltara el deſear: *Ne enim ſit in deſiderio anxietas, deſiderantes ſatiãtur; ne autẽ ſit in ſatietate tem*

Mat. 18. 10.

1. Pet. 1. 12.

S. Greg. Mag. li. 18 mor. c. 18.

tẽ fastidiũ, satiati desiderant. Deseã los Angeles, y juntamente tienẽ lo q̃ deseã, porq̃ lo q̃ tienẽ, y gozan està tã lexos de causar fastidio, q̃ antes ocasionarà ansia, y deseo de si, ò de su cõtinuaciõ. Grãde modo de gloria! para ser bienauẽturados gozar de Dios, y esperar gozarle; no les quiten a los Angeles el gusto del esperar, q̃ les quitarán la gloria; no les falte la possesiõ, q̃ les faltarà la dicha, gozẽ de Dios, y por q̃ esse gozo es incapaz de fastidio, gozẽ como quiẽ espera; esperen gozarle y porq̃ essa esperança no admite sentimiento, esperen como quien goza y cõ esso seràla gloria cumplida, dãdo gustos la esperança, y tambien la possesion.

X. Vamonos a S. Gregorio Niseno, q̃ nos declara ingenioso esta verdad. Enamorado Moyses de Dios, pedia q̃ le enseñasse su diuino rostro: *Ostende mihi faciem tuam.* Buena peticiõ es essa, ni el alma auia de pedir otra cosa à Dios: mas aunq̃ es buena, es escusada; siendo verdad, como el mismo Texto lo enseña, q̃ hablaua Moyses cõ Dios cara a cara, cõ la llaneza, y familiaridad q̃ vn amigo suele hablar cõ otro: *Loquebatur autẽ Dũs ad Moysen facie ad faciem.* Quando està mirando a Dios, dize, q̃ le enseñe su rostro. Demasiado desconocimiento es esse; no siente Moyses essa dicha? no se tiene por dichoso en essa gloria? claro està; pues si conoce q̃ la tiene, como la pide? No veis, dize S. Greg. Niseno, q̃ son trazas de Moyses, para aumẽtar el gusto de ver a Dios, no pide a su Magestad le enseñe su rostro, porq̃ no le goza, sino por esperar gozarle mejorado de calidad: *Adhuc tanquam pascens ac sitiens, tanquam eo carens, quo semper fruebatur, orat vt videat.* Gozaua Moyses de Dios, y por esse mismo caso hazia como quien no le goza, para gozarle de essa suerte mas. Valiẽte modo de aumẽtar el gusto, hazer como quiẽ pierde el gusto, para hazer q̃ sea mayor. Gozaua Moyses de Dios, no tenia ẽ esta vida mas q̃ desear. Que te medio para q̃ a vn abismo de gloria se le hallẽ nueuos aumẽtos? Hagase perdidiza essa dicha, y si por lo q̃ tiene de tenida, no puede dar mas gusto, por hallar lugar la esperãça ẽ esse ingenioso modo de perderla, vẽdrà a dar nueuos lucimientos al alegria.

Exod. 33. 13.

Exod. 33. 11.

S. Grego. Niss. li. de vita Moysi in mistica interpret.

XI. Vino vn Paraninfo soberano de parte de Dios a la Emperatriz del cielo, y tierra. Empieça à dezir la embaxada, y auiendole assegurado la plenitud de su gracia, le dize: *Dũs tecum.* Todo Dios està cõtigo Emperatriz diuina. Explicando esta palabra Agust. dize: Que quando el Angel la dixo, se obrò en la pureza de Maria la Encarnacion del Verbo Eterno, cõ q̃ quedò echa Madre

Luc. 1. 28

dre de Dios, y Dios hijo de Maria: *Dñs tecum, magis quam mecum, ipse enim in tuo est corde, in tuo sit vtero, adimplet mẽtem, adimplet vẽtrem* Supuesta esta opinion, entra mi dificultad. Si està hecho todo el caso de la Encarnaciõ, q̃ dificulta en la salutacion del Angel Maria? aquel sonrosear el rostro, y aumentarle, si puede ser, la hermosura, para q̃ es? el Angel, para q̃ la asségura de lo q̃ tiene con tanta seguridad? si ya es Madre de Dios, como la dispone para q̃ lo sea? Que es ver al Serafin Gabriel pretẽdiẽte de hazer Madre de Dios a Maria; las dichas q̃ la promete; las glorias q̃ la asségura; essa solicitud es sin sazon, siendo Madre de Dios, disponerla para q̃ lo sea, es disposicion sin tiẽpo. El discurso es ajustado, empero Gabriel obra, sobre amoroso, entendido: el amor pretẽde aumentar glorias a quien ama; el ingenio premedita como ajustar esse aumento; Gabriel es entẽdido como Angel, como Serafin ardiente, deshazese en amores de Maria, viendola Madre de su Dios; atiende al misterio de la Encarnacion, contempla al Verbo hecho Hombre, y hecha su Madre a Maria, repara, en q̃ siendo gloria tan grande, ser vna pura criatura Madre de su mismo Hazedor, fue tan repentina esta gloria, q̃ sin pensarlo la tiene. Tiene al fin noticia, por lo q̃ passa en el cielo, q̃ si es gloria posseer, es tambiẽ gloria esperar. Mira a Maria tã de improuiso dichosa, q̃ no ha tenido lugar de esperar la misma dicha q̃ tiene: De donde viene a ser, q̃ si tiene la gloria de vn bien posseido, no la dè esse bien esperado. Assi dize Gabriel, q̃ falta lo glorioso de esperar, a quiẽ sobra el posseer, pues quiero disponer a Maria, para q̃ admita la misma dicha q̃ tiene; y assi q̃ es ya Madre de Dios, quiero tratar q̃ lo sea con su beneplacito, porq̃ en la dilacion de essa cõferencia, tenga tiempo para llegar la esperança, q̃ siendo el ser Madre de Dios tanta gloria, no le ha de faltar la de auerla esperado. Espere Maria, q̃ en el discurso de mi platica darè lugar para ello, porq̃ de essa suerte, si tiene gloria en el tener, la tenga en el esperar.

S. Aug. in Cath. ad c. 1. Luc.

XXI.

Vio nuestro primer Padre el Profeta Elias vna flamante carroça de llamas, a quien guiauan vnos cauallos de fuego, y como bien industriado por Dios, se entra sin rezelo en ella. Empieçan a caminar los cauallos, y aduierte el Sagrado Texto, q̃ llenauan a Elias en la carroza a los cielos: *Ascendit Elias per turbinem in cælum.* Los setenta, en vez de aquel *in cælum*, leyeron, *Tanquam in cælum* Ambrosio fue del mismo parecer, pues leyò, *Quasi in cælum.* No fue el cielo Impireo donde

4. Reg. 2. 11. *Septuag.* *Ambros.*

donde guiaron los cauallos sino a vn sitio, q̃ sino es cielo, es como cielo: *Tanquam in cælum, quasi in cælum.* Aora hagamos la ponderacion. Como cielo es donde habita Elias? no es amigo de Dios? si, pues lleueſe al cielo, y si le ha meneſter en el mundo, dexele en la tierra; para q̃ es ponerle en vn sitio, que si tiene mucho para tierra, tiene para cielo poco? esso es, ni estar en vna parte, ni en otra. Assi es verdad, pero atẽded, q̃ no estãdo en ninguna de essas partes, viene a estar en ambas juntamente, pues està en vn lugar medio entre el cielo, y la tierra; y assi por vna parte està en la tierra, y està por otra en el cielo *quasi in cælum.* Porq̃ Elias ha de estar en esse sitio? viua dõde viue el comun del humano linage, y no se le hagan nueuas poblaciones; ha de tener, viuiẽdo, essenciones de bienauenturado, y peligros de caminante? gozar suauidades de cielo, conuersar con los espiritus celestiales, de quien viue en la gloria es. Auer de tratar en los tiempos postrimeros con el hõbre, y perder a manos de su rigor la vida, es de quien habita en la tierra. Como es essa junta? q̃ en ella parece Elias inmortal, y mortal glorioso, y passible, viador, y bienauenturado, y no se sufre ver en vna pura criatura calidades, q̃ solo se vieron en vn Dios hõbre. No và por esse lado el misterio. Mortal es Elias, empero Dios atendiẽdo al zelo q auia tenido de su honra, le quiso hazer de todas maneras dichoso, y por esso le pone en vna parte en q̃ pueda gozar alguna cosa de tierra, y alguna cosa de cielo. La tierra es sitio proprio de esperanças, el cielo, de possessions es; en el cielo es todo gozar, esperar todo en la tierra. Si Elias està todo en la tierra, gloria tendrà, aunq̃ imperfecta, pero solo de esperãça. Si està en el cielo todo, tendrá gloria perfecta, y consumada, pero de possession solamente. Pues biẽ pensado, hagasele vna habitacion a Elias, q̃ sea, *quasi in cælum*, que no sea toda cielo, y que toda no sea tierra, sino que sea como cielo, que toque de ambos extremos calidades, que supuesto q̃ en vna parte se goza, y q̃ en la otra se espera, estãdo Elias en medio de essas dos partes, gozarà algo de esperar, y gozarà algo de possser.

La doctrina deste combate no es tan extraordinaria, q̃ no la experimente el varon perfecto cada dia, pues auiendo de estar despegado de la tierra para ser perfectamente santo; y siendo forçoso estar en ella, por ser verdaderamente viador, suelen algunas almas viuir estando en la tierra, como en el cielo, teniendo allà sus tratos, y conuersa- XVI.

uersaciones. De dõde vino a dezir S. Pablo: Viuimos en la tierra, pero cõuersamos cõ los ciudadanos del cielo: *Nostra autem conuersatio in cælis est.* No pierda el alma tanta gloria, y pues se alcança cõ la verdadera virtud, y desasimiento de la tierra, procure viuir siendo santa, y desasida del mundo, q̃ assi vendrá a tener glorias de quiẽ espera en la tierra, y gustos de quien goza en el cielo.

Ad Phil. 3. 20.

COMBATE III.

Aliud cecidit supra petram: & natum aruit, quia non habebat humorẽ. *Vers. 6.*

El hombre no tiene humor para tener, ni para esperar.

XIV. NAciò esta semilla, pero secose luego, porq̃ la tierra donde se sembrò no tenia humor: *Natum aruit, quia nõ habebat humorem.* Sino le tiene, tengase consigo la semilla, si empieça a crecer, porq̃ no la conserua? Atended a la explicaciõ de Christo, y vereis la duda declarada. Esta piedra es vn genero de gẽte donde esta semilla, q̃ es la diuina palabra se siembra: *Nam qui supra petram, hi sunt, qui cum audierint cum gaudio suscipiunt verbũ.* El quedarse cõ la semilla, es tener; el aguardar despues de auer nacido a q̃ lleue fruto, esperar: No es mucho, pues, que nacida, por falta de humor se seque: *Natum aruit, quia non habebat humorem.* Que el hõbre es tan poco sufrido, q̃ ni tiene humor para esperar, ni para tener le tiene; y assi quando tiene la semilla de la diuina palabra, la despide de si, haziendo q̃ empiece a nacer, y nacida, dà lugar a q̃ se seque, por no esperar el tiempo del fruto; porq̃ su calidad, de suyo es de tal condicion, q̃ ni puede sufrir el esperar, ni tiene humor para tener.

Embidioso el demonio del valimiẽto en q̃ nuestros primeros padres estauan, intentò quitarle a Dios el logro de sus deseos, y el empleo de sus obras, estragando su echura, y sugetãdola a su juridicion. Caso lamẽtable, si comun, subir cõ riesgos de caer. Llegò a la execucion de sus intentos, y desentẽdidamente aduertido, se vale de la misma dicha q̃ tienen, para quitarles la dicha: fue esta traza para q̃ fuesse mas astuto el enredo, ô mas miserable la caida. Sereis como Dioses, les dize, siẽdo inobedientes a vuestro Dios: *Eritis sicut Dij.* Medio es bien opuesto para serlo, pero assi serà la burla mas crecida: bien puede ser entẽdida la serpiente, pero esta promesa mas parece q̃ tiene de malicia, q̃ de ingenio. Que pretende el demonio? Derribar al hombre, y quitandosele a Dios, XV.

Gen. 3.

suge-

sugetarle a si, y para obligar à q̃ se le sugete quien està en tã-
to puesto, q̃ le promete? El ser
Gen. 1. como Dios, *Eritis sicut Dij.* Pues
37. esso no lo tiene Adan? quien lo duda? Adan es como Dios, es imagen de Dios, traslado suyo: *Creauit Deus hominem ad imaginem suam*: Pues si Adan tiene el ser como Dios, porque ha de dexar vna possessiõ segura, por vna promesa incierta? Si el demonio le prometiera el ser Dios verdaderamente, *Eritis Dij*, aũ parece llenaua traza el engaño, q̃ vn ambicioso, por subir de la semejança a la verdad, de qualquiera cosa se cree; pero darle solo promesas de lo q̃ tiene possessiones, es propriamente quitarle, y assi vendrà a conocer con facilidad, q̃ la promesa no es para aumentarle lo q̃ tiene, sino para quitarselo: falacia q̃ trae escrito en el rostro el desengaño, no parece es entẽdida, es assi; pero tiene mucho de cabilosa, pues no se conoce, y se mira. No fue desentẽdida en todo la promesa de la serpiente, antes en ella juntò sobra de conocimiento, y de malicia, cuya razon me parece esta. De la promesa se origina la esperança del tener: la possessiõ auiala tomado ya el hombre de ser como Dios, gloriauase con ser imagen viua suya: *Creauit Deus hominem ad imaginẽ suam.* Assi dize el demonio, q̃ el hombre tiene ya possessiõ de ser imagẽ de Dios, pues quiero prometerle, q̃ llegarà, comiẽdo del arbol prohibido a ser como diuino, *Eritis sicut Dij*, para q̃ teniẽdo esperãça de lo q̃ tiene possessiõ, vẽga a perderlo todo jũto, q̃ el hõbre està cõpuesto de vn humor tan delicado, q̃ lo q̃ tiene le enfada, y lo q̃ espera, le aflige. Espere Adã, ya q̃ tiene, q̃ seguro tẽgo el derribarle, pues por no sufrir la dilaciõ de vna esperança, se resoluerà a vna inobediencia, y por cansarse de lo q̃ tiene en possession, llegarà a tener de lo q̃ tiene esperança, y cõ esso vẽdrà a perder lo q̃ tiene, y lo q̃ espera, porq̃ el hõbre es de natural tã estraño, q̃ ni tiene cõdicion para sufrir el tener, ni puede ajustarse al esperar.

XVI. Transfigurose Christo en presencia de aquellos tres Discipulos, testigos en sus mayores glorias, y compañeros en sus mas crecidas afrentas. Ven a Christo, q̃ transfigurado, està sumergido en raudales glorioso; oyen la voz del Padre, q̃ en suaues acentos pronuncia q̃ es su Hijo; y en medio de la suauidad de tanta gloria, atemorizados se afligen, o temerosos se cansan, y cayendo àzia la tierra los rostos, no gozã mas de la gloria: *Mat. 17. 6.* *Ceciderunt in faciẽ suã.* Braua desdicha! tener vn bien, y no saber cõseruarle. Que es esto Apostolico gremio? el gozo de tãta dicha se pierde tan facilmente? Assi se dexa

dexa vna gloria? q̃ importa a cometiesse el temor, presumiendo de quitarla, salieta el valor al encuentro, q̃ los alientos valerosos siempre sugetaron al medio: desfallecer en la dicha, acobardarse en la gloria, libiandad es demasiada, como no se goza tanto bien? como se pierde tãta gloria? Reparad con S. Basilio el de Seleucia, lo q̃ les costó el tenerla. Iba Christo en cõpañia de sus tres Discipulos àzia el monte, deuia de comunicar por el camino con ellos el caso de la Transfiguracion, porq̃ en llegando a la cima del Tabor, a Christo se le iba todo en orar, y en esperar a sus Discipulos, todo era impaciencias del deseo, solicitudes de la voluntad, desuelos de los ojos, y de la atencion cuidados: *Oculi vero*, (dize Basilio) *in spes suas expandebantur, & animus cum reuerẽtia visionis desiderium producebat Sic ipsis fueurum rei euentum spectantibus, rapidissimé Christus coram discipulis transfigu ratur.* Los ojos sin pestañear vn punto, esperauan por instantes el espectaculo glorioso, el animo reuerente, añadia a mas dilacion, mas deseos; esperauan assi desassoseg ados, y impacientes los Apostoles, quando repẽtinamente conuierte Christo en possession su esperança: *Rapidissimé Christus coram Discipulis transfiguratur* Vioſe el Discipulo en tal mudança confuso; si espera, se mira impaciente; si goza del caecido, vè que la esperança le causa desassoſiegos, y la possession temores, y por no verse temeroso, ni hallarse descaecido, ni se resuelue à esperar, ni se determina a tener: antes viendo possehido lo q̃ poco antes à esperado, se cubre el rostro, y le pone àzia la tierra: *Ceciderunt in faciem suam*: para q̃ con essa diligencia, ni tenga ya q̃ esperar, ni tenga ya q̃ tener; q̃ el hombre es de calidad tan ligera, q̃ pesando tan poco la possession de vna gloria, no tiene fuerças para poderla tener; y aligerando tanto a vna esperança, estar a vista de la possession, no tiene alientos para poderla sustentar.

S Basil. Sel. orat. 40.

XVII.

A las ansias repetidas de vn Profetà, padre del mayor hijo, inclina Dios sus oidos, y gustoso admite sus peticiones, auisale de la seguridad de sus intentos; y estando vn Serafin de parte de Dios notificandole estas seguridades, poco conocedor de sus dichas, duda lo mismo q̃ tiene, y tiene lo mismo q̃ duda: *Vnde hoc sciam? Ego enim sum senex, & vxor mea processit in diebus suis.* Luc. 1. Que duda tan impertinente es essa, Zacarias? no aueis pedido a Dios, con multiplicados desuelos, vn hijo? ha quedado suplica q̃ no aya interuenido en el caso? razon que no aya sido testigo de vuestro deseo? diligẽcia con q̃ vuestro afecto no se

aya

aya declarado? pues si las ansias han sido tan crecidas, y los afectos tan claros, ya q̃ está declarada en vuestro fauor la pretension, como la poneis en duda: *Vnde hoc sciã?* No os ofrece Dios vn hijo, pues q̃ dificultad? No veis cõ los ojos vn Angel? pues q̃ desconoceis? No oìs con los oidos vna promesa? pues q̃ dudais? q̃ ceguedad es, no ver lo mismo que se està viendo? y no dar credito a lo q̃ se oye? De flaqueza conocida es la duda, dize Chrysologo, no de poca seguridad, q̃ tenga la promesa. No se puede cõtener en el pedir el Sacerdote, sin cessar repite sus ruegos, al cielo embia continuadas oraciones; admitense allà, y concedense; despachase vn Angel q̃ lo auise, dizeselo à Zacarias, y pone dudas ẽ el cũplimiento de sus deseos. Que es esto? alli multiplica ruegos, y aqui no dà credito à verdades? alli se cõsume pidiendo, y aqui dificulta alcançando? Si, que su virtud, si merece lo q̃ pide, su flaqueza no puede passar por la certeza de lo q̃ alcança; pide con suspiros, porq̃ los deseos de tener vn hijo, le han puesto en tal estado, q̃ multiplica intercessiones, por no poder ya esperarlos; alcança lo q̃ pretẽde, y hallase embaraçado con la possession de lo q̃ alcança, y assi pone en ella duda quando tiene, afligese viẽdo q̃ esperãdo, no alcança, todo es poco sufrir, tener duda al recebir, y afliccio al esperar. No falte la sazon q̃ dà à este sentir, explicando este caso, Chrysol. *Petit calum, petit alta, scrutatur superna, mouet calum pulsat calum sed cũ calum mouerit, cali pondera non poterit sustinere.* Pida Zacarias al cielo, solicite su clemencia con lagrimas, duplique con oraciones continuas sus pretensiones, toquen al mismo cielo sus suspiros, q̃ si multiplica essos ruegos, por no poder sufrir el dolor de vna esperança, ya q̃ el cielo cõcediendo lo q̃ pide, le saque del esperar, no ha de tener esfuerço para poder gozar el posseer. *S. Petr. Chry. ser. 90.*

O insaciabilidad humana! q̃ todo combate sea de tener, sea de esperar te aflige, y te desazona: impaciente, q̃ esperando te precipitas, y posseyendo te cansas, perderàs lo q̃ possees, y no alcançaras lo q̃ intẽtas, porq̃ te falta la paciencia en la esperança, y te sobra el fastidio en la possession. XVIII.

COMBATE IV.

Vt videntes non videant, & audientes non intelligant.

Vers. 10.

Aunq̃ toda culpa merece castigo, es mas remissible, quando el pecador la executa tentado, que quando la comete afectuoso.

PReguntan à Christo S. N. los Discipulos la intelligẽcia XXI.

de esta parabola, dizeles: A vosotros si declararè, pero no a los demas, porq̃ son pecadores, antes los tengo de castigar, predicando en parabolas, para que oyẽdo no puedan oir, y mirando, no puedan ver: *Vt videntes non videant & audientes non intelligant.* Si tienen oidos, y oyen, no han de entender? No, dize Victor Antiocheno, y esso ha de ser castigo, porq̃ viniendo à oir a Christo para calumniar su doctrina, y despreciarla, vienen afectuosos, y no vienen tentados: *Quòd non audierint, ex eo proueniebat, quod illa, quæ dicebantur intelligere non vellent, sed publicè cõteptui ducerent. Atque ita continget illis, vt nunquam à peccatis absoluentur; verum saluti suæ de industria semper aduersentur.* Era culpa el venir al Sermon, porque el venir era solo para despreciar la doctrina; pero siendo tan graue essa culpa, la cometian de su grado: industria era suya el pecar, nadie les obligaua a venir; no se absuelua, pues, esse pecado: *Nunquam à peccatis absoluentur*, castiguese luego, que si toda culpa merece castigo, esto de pecar por afecto, y delinquir por industria, es lo que menos se perdona.

Vict. Antioch. ad 4. Mar.

XX. Pecan nuestros primeros padres, oyeron vna platica de señorio, parecioles bien: no es mucho creyessen, lo que agrada al gusto, aũque de boca de vna serpiente, no se desprecia, antes se aplaude. Tenia mucho Adan, pero no deuia de tener el deseo satisfecho, ay a quien el tener empobrece, y assi el mayor aumento de bienes, solo le sirue de mas ansias. Pecaron alfin por vn desordenado apetito, ó fuesse de mal contentos, ò de poco conocidos. Anastasio Sinaita viendo tanto poder abatido, y tanto lustre postrado, se pone à contemplar à Adan, y à Eua en aquel estado miserable, y discurriendo en sus culpas, dize: Aunque fue tan crecido el pecado de los primeros padres, con todo es capaz de perdon, porque el hombre como no comete culpa de que no se pueda arrepentir, no comete culpa, que no se le puede perdonar; pero aunque su delito es remissible, si alguna de las culpas de los primeros padres llegara a ser incapaz de perdon, auia de ser la de Adan, y no la de Eua. Parecer es que no ha de passar sin censura. La culpa de Adan auia de ser mas irremissible? en Adan se perdia todo el mundo, en Eua, nadie se perdia: quedaua destruido en Adan todo el mundo, porque à èl se le auia puesto el precepto, y en èl como en primer padre estaua todo el linage humano. Eua pecò solo para si; Adan por si, y por todos: Luego siendo el daño de Adan mayor, el reparo se auia de

de perdonar mas facil; menos importaua que se perdiesse vna muger, que todo el genero humano. Como, pues, dize Sinaita, que si alguna culpa auia de quedar sin remedio, no auia de ser la de Eua, y auia de ser la de Adan? Repara el Santo en la diferencia de las culpas, y de aí se deduce la razon. Eua pecò incitada de la serpiente, Adan solicitado de Eua; esta anduuo luchando con el demonio antes de caer; aquel cayò sin resistencia; Eua pecò despues de vna persuasiõ prolixa; Adan a la primera palabra. Sean pues estas culpas remisibles, porq̃ dellas se puede hazer penitencia; pero si auia de faltar para alguna el perdon, auia de ser para la de Adan, no porq̃ fue de mas calidad la perdida, sino porq̃ fue de mas afecto la culpa. Dexarse vencer del menor aliẽto, es gusto de verse vencido; no rendirse sin resistẽcia a la mayor fuerça, tiene algo de valor; mas fuerça tenia el demonio, para hazer caer à Eua, q̃ Eua para derribar à Adan, y siẽdo assi, la de menos fuerça, aunq̃ cae, se resiste primero al demonio, y el de mas aliento no solo cae al menor esfuerço, sino q̃ cae sin hazer resistẽcia: todo es caer, pero si alguna de las dos caidas admite disculpa, mas la tiene quiẽ muestra valor en el rendirse, q̃ quien cae por voluntad: *Mulieri quidem est ignoscẽdum* (dize Sinaita), *vt quæ fuerit superata à serpente: Adamo autem non est ignoscẽdum, vt qui fuerit superatus à muliere.* La muger es facil, el demonio esforçado, no resistir lo facil, mas tiene que de cobardia, de gusto; gustar de la caida, es quererla; caer gustando de la caida, es lo irreparable, q̃ caer con resistencias, mas faciles tiene las remisiones.

2. Anast. Si lib. 10 Exam.

De aqui sacarèmos la solucion de vna dificultad de todo ingenio ventilada. Recien criado el Angel peca; y peca recien criado el hombre; sus primeros rudimentos fuerõ ilicitos deseos, su primer estudio el pecar. Dieronles para q̃ no pecassen auxilios, pero bizieronse desentẽdidos, y delinquieron, presumiẽdo ser semejantes à Dios: *Similis ero Altissimo. Eritis sicut Dij.* La culpa fue bien parecida, y aunq̃ la pena eterna lo fue, no empero el castigo de la irreparabilidad. La caida del hõbre fue tẽporal, quando la del Angel eterna. La diuersidad se admira, quando se mira la culpa tan vna. Pecò Adan, pecò Luzbel, este en naciẽdo, tambiẽ aquel; soberuios fueron, y embiciosos, quisieron ser como Dios; si vno pecò en el cielo; en el Paraiso el otro: criaturas recientes, y beneficiadas, el motiuo del delito vno: El castigo, pues, para q̃ tan dissimil, como es lo tẽporal, y lo eterno? Entẽded el caso, dize Ruperto, aun-

Isai. 14: 14. *Gen.* 3. 5.

XXI.

aun que sean vnas las culpas, el modo de cometerlas fue diuerso. Es assi, q̃ el motiuo fue vno mismo, sobetuia, ambicion, deseo desordenado de ser à Dios semejante, altiuez; todo esto se hallò en el Angel, y en el hombre: pero aunq̃ fue vno el motiuo, el modo de cometer la culpa, fue diuerso. El Angel pecò, mouido del pecar: El hombre pecò inquietado: El Angel pecó en el cielo, donde todo era persuasiones de virtud: El hõbre en la tierra, donde todo era ineitationes a la culpa: Adan peeò enamorado de la muger: El Angel del pecado, porq̃ pecò enamorado de si, y esse amor fue su delito. Castiguense, pues, dize Ruperto, essas culpas; pero pues en el modo de cometerse fueron diuersas; sean lo en el de castigarse. El Angel, q̃ porque quiere peca, sin tener demonio q̃ le persuada, castiguese: el hõbre, q̃ si peca es tentado de vn demonio, y persuadido de vna muger, castiguese, pero sea esse castigo temporal, y sea lo aquel eterno, q̃ siendo verdad, merecer todo genero de culpa, justificadamente el castigo; si en alguna se puede dispensar, es en la q̃ el pecador executa tentado, no en la que comete carinoso. Oid à Ruperto: *Quia venit illis pes superbiæ, & de loco suo moti, sua sponte ceciderunt, & iniquitatem operati sunt, iam semel expulsi, non possint stare inconuertibiles apostatæ.* Ofendieron los Angeles, pero siendo el persuasiuo de su ofensa, la ofensa *sua sponte*, no mouidos de la persuasion agena ofendieron, sino obligados de la aficion propria, se determinaron a lebantarse con el cielo; caiga pues essa grandeza presumida; ofusquese essa belleza lebantada, y sea essa caida eterna: *Iam semel expulsi, non possint stare*, que si por lo que tiene de Serafin, pudiera mouer a lastima; por lo que tiene su culpa de afectuosa, cierra las puertas a toda conmiseracion: y assi la vna caida fue temporal, y la otra, perpetua, y sin remedio.

Ruper. li. 1. in Genes c. 9.

XXII.

Embia Dios el Profeta Natan a Dauid, para que le declare su culpa, y notifique sentencia de muerte por ella: *Misit ergo Dominus Nathan ad Dauid.* Dauid Rey, Natan hombre comun, conoce Dios quanto se acobarda vn pobre a vista de vna soberania, y dizele, segun San Basilio el de Seleucia: *Ne vereatis ô homo dignitatem Regiam.* No te acobardes reuerente a vista de la Magestad Real, ni pronuncies turbado los periodos que te he dicho, no te auergüences de corregir a vn Rey, que pecò, ni te parezcas que por serlo essa essento de castigo, q̃ si es justo guardar decoros a la dignidad, es necessario poner freno al apetito. No con-

2. Reg. 12. 1.

S. Bas. Sel. orat. 17.

cede

cede el cetro licencia para delinquir. Si el Rey se oluida para pecar, de serlo, no te acuerdes q̃ lo es, para corregirle, y castigarle; guardese la veneracion a lo q̃ tiene de Rey, y castiguese la miseria q̃ cometio como hombre; amenazale con el castigo, dale a entender la grauedad de su culpa. Teneos, Señor, que no tema le dezis, quando le mandais reprehender a vn Rey con desahogo, y notificarle castigos? ay cosa q̃ mas haga palpitar el coraçon, q̃ vna lengua, a quien le es forçoso pronunciar palabras q̃ puedan desazonar a vna magestad? Castigos para vn Rey, son de mucho desabrimiẽto. Hallarse vn Profeta donde ha de faltar a su obligacion, ò ha de notificar a vna corona sentencia rigurosa, es lance apretado, porq̃ por vna parte ha de cumplir el empeño, por otra ha de proceder contra vn Rey. Cumplir la obligacion, es preciso, hablar contra el gusto de vn Rey, para cumplirla, tambiẽ: luego el temor es inescusable, pues no solo dezir a Vna Magestad cara à cara su delito, sino traer contra èl sentencia, no es en donde menos se exercita el valor. Es assi, pero no tema Natan. Aprended de Basilio el porque: *Seruum meũ noui, noui bellatorem meum qui inimico terga non dedit, sed depralians vulneratus est.* Pecò Dauid, es verdad pero de modo q̃ admitiendo facil la penitencia, sea forçoso suspender la execucion del castigo de la culpa: cayò, pero peleando; en batalla entrò rostro à rostro cõ el demonio, por vna parte cõbatia con su miseria; por otra, con la hermosura, el demonio por si puso su esfuerço; Dauid en medio de tanto enemigo, procura defenderse esforçado, riñe, y pelea; dura la lucha, pudo quedar victorioso, pero si quedó vencido, fue a las estratagemas de vn demonio, a los alientos de vna hermosura, y a los combates de vna miseria, luego miseria fue quedar en la cãpaña, no afecto, no gustosos deseos en el caer, sino pequeños alientos en el resistir. Ea pues, dize Dios, llegue Natan, y promulgue contra de vn Rey castigos, sin q̃ en ello tenga temores, q̃ si la culpa es de essa calidad, serà forçoso el detenerlos, porque quien ofende en campaña, nõ tiene en el ofender mucho gusto, no ay mucho afecto a la culpa, quando se comete con resistencia: culpa q̃ es primero resistida, de ordinario no suele ser amada; y aunq̃ por esso no dexa de serlo, es mas posible el perdonarla No morirà Dauid, que si merece essa pena su delito, merece essa remission auerla cometido con resistencia.

S. Bas. Sel. orat. 17.

Al soldado q̃ sale en campaña, aunq̃ en los combates que- XXIII.

de vencido, no se le puede negar el aliento, quando es sin resistencia, es el quedarlo desaire, ya probò sus fuerças, ya se vió con su enemigo, y si vna vez q̃ dò rendido, otra saldrà victorioso. Esforçado es quien no huye el rostro al contrario, sino q̃ viendole venir a combatirle, le resiste, porq̃ aunq̃ quede herido, ya procurò la victoria: mas aliẽto suele cobrar el valor, viendose sugeto, que hallandose libre, porq̃ si la libertad le asegura, la sugecion le prouoca. Muchos animos ay descaecidos, hasta q̃ la necessidad los empeña. El verse rendido vn pecho generoso, le engendra nueuos alientos; no cõsume los antigos, mas suele aprouechar vn vencimiẽto, q̃ vna victoria, pues vn victorioso suele perder por confiado, y vn vencido por cuidadoso, suele vẽcer muchas veses. No supiera discurrir desta suerte, sino fuera mi maestro S. Basilio el de Seleucia: *Qui vulneratus, pugnator optimus est, & feriente eodem telo referire potest. Nam, & si vulneratus, victoriam persecutus est; ac tota licet acie corruisset, celerius surgere se, quam labi comprobabit.* El pecador q̃ es vẽcido del demonio en refriega, aũq̃ el serlo sea delito, es el ser conquistado esperança. Mucho se puede confiar de quien salió á pelear: quiẽ resiste la tentacion, no tiene cariño à consentirla: no es dificil

S Basil. Sel. ora. 17.

lebantarse vn pecador, quando ha sido el caer peleando; antes suele quedar el demonio, quãdo mas victorioso, vẽcido: pues hallarse vn alma sugeta a la culpa, auiendo sido la sugecion casi por fuerça, suele ser causa de q̃ se lebante el pecador cõ mas aliento. Pedro fue despues de la culpa mas santo, Pablo mas perfecto, y Dauid mas feruoroso: Mas suele perder en la victoria el demonio, q̃ el alma, pues si el demonio la alcãça vna vez, puede alcãçarla el alma muchas, porq̃, como no peca por afecto q̃ tenga a la culpa, sino por flaqueza q̃ tiene en la naturaleza, suele seruir el caer de preuẽció, para estar siempre constante.

No peque el Catolico, pues su profesion lo pide: pero si cayere, sea à fuerça de combates de miseria, no de afecto: salga en campaña con el enemigo comun, pelee como valeroso soldado, q̃ si peleando quedare vẽcido, serà mas facil de perdonar, q̃ si lo quedara de su volũtad, y de su grado pecara. XXIV.

COMBATE V.

Interrogabant autem eum Discipuli eius, quæ esset hæc parabola? *Vers. 9.*

Empachase el justo de su virtud.

ACabò su doctrina Euangelica Christo, y los Discipulos deseosos de entẽderla, pide- XXV.

piden les declare la parabola: *Interrogabant autem eum Discipuli eius, quæ esset hæc parabola?* No se ha de entender, dize el Venerable Beda, q̃ los Apostoles luego q̃ acabò Christo de predicar, hizieron en presencia de todos esta pregũta, sino despues estando solo: *Nemo tamen putet finita mox parabola Discipulos hoc interrogasse, sed vt Marcus ait: Cùm esset singularis.* Para q̃ aguardan à q̃ estè Christo solo? No lo veis? Preguntar à Christo, por tener buena inteligencia de la doctrina del cielo, es virtud: Si se hiziera la pregũta luego, era forçoso hazerla en publico, por estar junto el Auditorio, pues dilatese el preguntar, aunq̃ se suspenda el saber, q̃ los justos tienen tanto empacho de sus virtudes, que se corren de hazer en publico qualquier acto de perfeccion.

Beda in Cath.

XXVI. Las palabras son testigos de la voluntad, la lengua, interprete de el afecto; pero à Dios, q̃ conoce lo q̃ el coraçon mas oculta, ni le haze falta la lengua, ni necesita de testigos. Sabe Christo quan abrasado està en su amor el coraçon de Pedro, sin embargo del passado descuydo, conoce, q̃ si se entibiò algo, fue para boluer à encenderle mas fogoso, y desentendido de lo q̃ entiende le pregunta tres vezes, si le ama; a la tercera, gime Pedro, y se aflige: *Contristatus est Petrus.* Que es esto, Principe poderoso? Aora gemis? aora os entristeceis? bien que el desuelo de la vniuersal Iglesia os espera, y la carga de tanto gouierno no es mucho os haga cuidadoso; pero el seguro q̃ teneis en Christo le alibia: piedra sois, y fundamento mazizo; vna piedra entereza tiene para el gouierno, y sufrimiẽto para el trabajo; con esta seguridad la dignidad no embaraza, ni aflige la prelacia; auiendo en ella premisas del buen acierto, no ay q̃ escusar el trabajo: de esso os entristeceis? *contristatus est.* No es esso lo q̃ le aflige. La Prelacia, quanto es de peligrosa pretendida de los hõbres, es de segura dada immediatamente por Dios, no le aflige esso, sino la pension con q̃ se la dan: no se entristece porq̃ le han de dar el Pontificado, sino porque le cargan vna pension, q̃ no la puede llenar. Que carga es essa, que vn Principe de la Iglesia no se halla con alientos para poderla sufrir? Yo lo dirè. El amor es el todo de la santidad, por ninguna virtud se mide, como por èl; en tanto es vn alma mas santa, en quanto es mas amorosa. Aparecese Christo resucitado en medio del Colegio Apostolico, quiere hazer à Pedro Prelado de su Iglesia, y preguntale lo que tiene de amante: *Petre amas me?*

Ioan. 21. 17.

Responde vna vez, y otra q̃ si, y a la tercera se aflige: *Contristatus est Petrus.* Porq̃ a la tercera, no auiẽdo se afligido a las dos? Es el caso, q̃ la primera, y la segunda, aunq̃ respondio q̃ si, pudo presumirse eran principios de amar, ò deseos de querer, pero dezirlo tercera vez, era verificarse perfecto, asegurandose amoroso, quedaua con esso confirmada su virtud, porq̃ su amor quedaua sin duda, y la virtud se regula por amar. Aflijase, pues, Pedro, y gima: *Contristatus est Petrus*, q̃ los justos tienen tanto empacho de verse obligados a dezir en publico sus virtudes, q̃ en viendose necesitados a publicarlas, empachosos se afligẽ, y afligidos se auerguençan. No le haze a Pedro tanto peso el gouierno de tola la Iglesia, como auer de dezir solo vna palabra; porq̃ aquel es de trabajo, y esta cede en reputaciõ de virtuoso; el trabajo es para los Sãtos alegre; el auer de publicar sus virtudes, afligido: tanto se empachan los justos de sus aciertos, q̃ el ser tenidos por santos, es su mayor sentimiento.

XXVII Vienen aquellos tres Reyes guiados de vna Estrella, a buscar al Dios recien nacido. Si parece impropriedad poner en Dios cosas recientes, es sobra de poder, disponerlo desuerte, q̃ sin faltar a la eternidad el decoro, se hallen en lo eterno nouedades. Entraron en el Palacio de la Magestad q̃ buscauan, y hallaró en el al Niño, y à Maria: *Inuenerunt puerum cum Maria matre eius.* Mejor parece q̃ estuuieran en esta ocasion apartados Madre, y Hijo, q̃ juntos: los Reyes no venian por Maria, sino por Iesus, vieranle à el solo, pues él era el motiuo de su viage. Lo magestuoso, por si se haze venerable. Que necesidad tenia vn Rey q̃ es Dios, de mas, si està acompañado de si mismo? En las eternidades que gozò antes del mundo, su compañia sola le hazia grande; y quando determinò su poder ponerse en exercicio, criando Angeles à millares, de solo verle, sin mas aparato que el de su Magestad, sin mas lucimiento q̃ el de su grandeza, y sin mas compañia q̃ la suya, le reconocieron por Dios, y le veneraron humildes. No se le ha perdido nada à Iesus de lo diuino, por auerse hecho hõbre, si fue reconocido de Angeles quando Dios, viendole solo: aora q̃ es hombre Dios, auiendo precedido el presagio de la Estrella, y viendo q̃ detenidos sus lazos, estauan en magisterio mas q̃ humano, enseñando con lucidas lenguas, estar alli el recien nacido Dios, para reconocerle, y venerarle, no era necessario mas q̃ verle. Luego escusada es la assistencia de Maria, quando por si solo puede ser Matth. 11.

ser el Niño reconocido por Rey, y venerado por Dios. Estè, sin embargo de esse conocimiento facil, en compañia de su Madre, dize mi Bernardo, sino por lo q̃ tiene de necessidad, por lo que tiene de niñez. En lo niño se significa lo inocente; lo vergõçoso en la Virgen. Si entraran los Reyes, y hallando al Niño solo le adoraran, vierase la innocencia en ocasiones de lucimiento proprio sin empacho, porq̃ la edad tan tierna no le admite. Estè, pues, Maria acompañando à Iesus, que si este, por lo q̃ tiene de Niño, no puede tener empacho, y aquella por lo q̃ tiene de Virgen, es deposito de la verguença, en ocasion q̃ lo innocente ha de recibir veneraciones, no era posible faltarle lo vergonçoso, porq̃ es tan proprio de la innocencia, empacharse de verse venerada; q̃ si en los lances de sus veneraciones, le faltara lo vergõçoso, pusieran en opiniones lo innocẽte. El Dulce Doctor glossa assi: *Iam si desideratis supernis apparitionibus aliquid ad ædificationẽ morum audire, quod primo omniũ Christus appareat puer cum Virgine Matre, vt simplicitatem & verecundiam ante omnia quærendam nobis doceat esse. Nam & pueris simplicitas naturalis, & cognata virginibus verecundia est.* Hermosa junta de virginidad, y niñez, q̃ no siendo vergonçoso lo Niño, siendo adorado por perfecto; si lo que tiene de tierno, lo difficulta; lo q̃ tiene de innocente, lo estraña; y assi aya virginidad donde ay niñez, vna que diga mesura, si dize otra innocencia, q̃ auiendo de ser esta aplaudida, esse aplauso, sin verguença, no le pudiera admitir.

S. Bern. ser. 3 in Epi. Domini.

En compañia del Colegio Apostolico iba Christo S. N. à resucitar aquella niña recien difunta. Gran cosa es remediar los males, quando estan reciẽtes! Seguiale mucha gente, entre ella vna muger, cuya enfermedad por espacio de muchos años la perseguia porfiada, y la acompañaua desabrida. Deseosa de verse libre della, hazia diligencias ocultas, quizà porque no lo supiesse, q̃ ay compañias tan pegajosas, q̃ se les ha de ocultar el intento de dexarlas, porque no impidan el intento. Llegò à Christo, vnico remedio de toda dolencia, y en vez de manifestarle la suya, procura alcançar la salud, sin hazer al Medico relacion de su enfermedad. *Dicebat enim intra se: Si tetigero tantum vestimenta eius salua ero.* Dezia en su imaginacion: Si la dicha de tocarle no me falta, no hago caso de la enfermedad que me sobra; enuegecida es, pero a Medico tan diuino, no implica su curacion, tan cierta tengo la salud si le toco, como sin tocarle la enfermedad. xxviij. Matt. 9. 21.

dad. Estraña diligencia! al Medico no se le ha de ocultar el accidente, porq̃ sino se dà noticia de lo q̃ se padece, como se ha de curar el dolor? Esse conferit consigo el modo de su salud, es cuerdo, pero no a proposito, querer ser Medico el enfermo, es peligroso, porq̃ con la pasion del achaque, es muy possible no acertar la cura. Si pretende la salud, diga al Medico la enfermedad, porq̃ solicitar el reparo, y no dezir el peligro, es poner el remedio en contingẽcia. No le dize, dize Chrysologo, pero esse callar tiene misterio, creia esta muger que Christo era poderoso para sanarla, y tenia la fé tan viua, que en solo tocarle ponia la seguridad de su salud: *si tetigero tantum*. Su achaque era de suerte, q̃ no se podia pronunciar con la lengua, sin q̃ le saliessen colores al rostro, diziendole, si hazia su defecto publico, hazia noticiosa la virtud de su fè, pues calle lo inmundo, por callar lo virtuoso, q̃ si su enfermedad es de tal calidad, que no puede pronunciarse sin verguença, su virtud tiene tal condicion, que sin hazer sonrosear al rostro, no se pudiera publicar, y assi calle lo vno, por no dezir lo otro, q̃ los justos no se corren mas de sus aciertos, q̃ de sus faltas; por lo qual si vergonçosos dexan de publicar defectos, vergonçosos dexan de dezir virtudes: *Mulier (dize Chrisologo) verecundæ vulneris qualiter subueniret inuenit, vt fidem insinuare publico clamore non poterat.* El silencio vino bien para quitar el empacho, y para remediar el achaque, pues la virtud de la fè se puede tener en oculto; y assi fue industriosa traza creer para callar, y callar para escusar al rostro colores, no solo de lo defectuoso, sino tambien de lo perfecto, q̃ en las almas ajustadas, tá ajustada les viene la verguença para el bien, como para el mal. S. Pet. Chrys. ser. 35.

XXIX. En agasajos de cariño pinta el Esposo diuino las facciones de su Esposa, llega dezir en materia de su rostro el sentimiento; y dexando hiperboles, ingenuamente afirma lo que siente de su belleza: Son tus mexillas, Esposa mia, dize, hermosas como de tortola; *Pulchræ sunt genæ tuæ sicut turturis.* Estraña similitud! faltaua vn cielo con esse lustroso aparato, vn Sol con la dorada madexa de resplandores. Para q̃ es apropiar a la tortola similitudes de belleza? Ya sabeis su condicion, viue en agrado de su consorte, goza en su compañia la golosina del deseo, arrullos tiernos, lado apacible, agrados licitos, todo consiguiente al estado q̃ professa. Llega con la muerte el ausencia, vltima desdicha de la volũtad, y daño irreparable de la vida. Cant. 4. 9.

da. Vese la tortolilla viuda, que mucho, si se vio estimada, y se vè durar poco lo dichoso? gime ausente, y haziendo catedra de los arbolillos mas funestos, lee siempre liciones de tristeza; haze habitacion en los desiertos, puebla siempre lo solo, no puede sufrir lo acompañado, consigo sola viue, si se puede llamar vida la sola. De sentimiento dizen comunmente q̃ es este retiro; pero Iusto Orgelitano, a quien he tomado por Maestro en este punto, dà indicios de q̃ es empacho, lo que parece dolor. Vese el auecilla libre de la obligacion de Esposa, y es tan amiga de lo casto, que guarda castidad perpetua, porque vna vez deshecho el laço dulce, jamas buelue a conocer otro empeño: retirase, y siempre viue sola, no tanto dolorida, quanto empachosa de su determinacion, y corrida de su castidad, sin tener animo para q̃ la vean abstinente, ni para q̃ la comuniquen recatada. Dize, pues, el Esposo: *Pulchræ sunt genæ tuæ sicut turturis.* Mi Esposa es como la tortola, que teniendo lo bello en la castidad, tiene lo empachoso en el retiro, corresse de su acierto, y haziendo cortina de carmin a sus mexillas oculta con ellas lo casto, mas quiere q̃ se le vean en el rostro colores como de culpada, que en el alma virtudes como de perfecta, con el esmalte colorado procura cubrir el candor de su virginidad, porq̃ si la miraren a titulo de virtuosa, topen primero con el empacho, q̃ con la virtud; tanta es la estrechez que ay entre la verguença, y lo ajustado, q̃ no se saben diuidir. Oid a Orgelitano: *Castitatem comitem verecundiæ prædicauit. Dicitur enim genus turturum amisso corporali consortio solitarium incedere, nec carnalem copulam vltra requirere. Habet itaque Christi sponsa eximiam pulchritudinem, quando cum pudore retinet castitatem.* Ingeniosa es la similitud q̃ el Esposo haze de la tortola a la Esposa, siendo el recato de aquella, verguença de su castidad, porque la mayor hermosura de vn alma consiste en serlo, de tal modo, que siendo su hermosura de virtud, antes procure desuios como fea, q̃ presunciones como hermosa. *Iust. Org. ad hac verba.*

XXX. Lo compuesto deue ser el primer passo de la vida; la razon ha de venir con lo mesurado, y con lo vergonçoso se ha de industriar la adolescencia, no solo porque los verdores de aquella edad padecen el achaque del descuido, y porq̃ las diligencias juueniles se suelen apartar de lo prudente: sino porq̃ la edad mas jouen suele ser decorosa, y senil, en el obrar aduertido. No menos ha menester el empacho lo descompuesto, q̃ lo mirado; porque si quien se auer-

auerguença del mal, es menos malo, procurando no serlo escandaloso: el q̃ executa atento sus acciones, ha menester corterse della, para assegurarlas. Como sigue tanto la vanidad a lo bueno, mientras mas se auerguença el que la obra, se aumenta mas el bien, porque tiene menos peligro de desuanecido el que obra las acciones de virtud mas rezelado. Oid à Seneca, y vereis que siente en este punto: *Vbi se collegit, verecundiam, bonum in adolescente signum vix potuit excutere, adeo illi ex alio suffusus est rubor. Hic illum, quantum suspicor etiam cum se confirmauerit, & omnibus vitijs exuerit, sapientem quoque sequitur.* Dexemos la ponderacion de lo primero, para ocasion mas oportuna: vamos al vltimo periodo. Tener verguença de lo indecente, es comun, sino es q̃ llegue à ser demasiado el desahogo: tenerla en lo inculpable, si es singular, es conueniente: nunca lo vergonçoso se atreue à dexar al entendido, aunque el vicio le dexe. El empacho en qualquier estado, es prudencia, porque con el se haze el mal mas pequeño, y el bien se haze mas seguro; corterse de lo loable, es duplicar la alabança; pues quando se alaba el bien, tambien se pondera la verguença.

Sen lib. 1 Ep Epist. 11.

XXXI. Tome para si el alma que desea conseruar virtudes, y assegurar aciertos la doctrina deste combate: y quando se viere mejorada, no haga gala de mirarse libre de sus passiones, ni laque en publico el tenerlas sugetas; antes deldiga el auerlas ajustado en las colores del rostro, que lo assegure, que con esso las tendrà con seguridad.

VICTORIA.

Quod autem in spinas cecidit: hi sunt, qui audierunt, & à solicitudinibus, & diuitijs, & voluptatibus vitæ, euntes, suffocantur, & non referunt fructum.

Vers. 14.

Tierra muy deshonesta, no puede ser muy victoriosa.

XXXII. CHristo expone la parabola, solicitado de sus Discipulos; y auiendo enseñado la inteligencia de la primera, y segunda tierra, dize assi, llegando à declarar la tercera: *Quod autem in spinas cecidit: hi sunt qui audierunt, & à solicitudinibus & diuitijs & voluptatibus vitæ euntes, suffocantur, & non referunt fructum.* La tercera parte de tierra en donde se sembrò la diuina palabra, estaua llena de espinas, estas significan solicitudes de la tierra, riquezas del mundo, y deleites de la carne. Cayò aqui esta semilla, pero ahogòse, no

no lleuò fruto: *Suffocantur, non referunt fructum.* Pudieramos tratar de tres cosas, solicitudes, riquezas, deleites, materias bien latas todas. Tratarémos solo de la vltima, *Voluptatibus vitæ.* Deleites de la vida humana son los de la carne, y essos ahogan de tal suerte el valor que no le dexan lucir, *non referunt fructum.*

xxxiij. Poderosa parece Venus, y vencedora; vn animo enamorado, si se vè algo impedido, para no ver lo q̃ estima, suele intentar impossibles, y el amor haze a los animos mas cobardes, valerosos, y esforçados, dandoles poder para q̃ conquissen mundos. Assi se lo parecio a Seneca.

Turpis libido dominatur, potens Venere.

Seneca in Octau.

Luxuria victrix.

xxij. Vencedora llamò a la luxuria, y a Venus la intitula en las batallas poderosa. Errò esta vez Seneca, no me conformo cõ èl, antes le presumo engañado; pues no puede vẽcer vn valor, estando tan fuertemente cautiuo. Mejor la cantó otro Poeta.

Inde aspice late.

Ital. l. 15. bel. Pun.

Florentes quondam luxus quas verteris vrbes.

Quippe nec ira Deum tantum, nec tela, nec hostes

Quantum sola noces animis illapsa voluptas.

Que de floridas ciudades ha destruido vn deleite! que de Reinos han quedado por èl rẽdidos q̃ de Prouincias assoladas! y que de tierras consumidas! No ay enemigo que tanto ofenda a vn exercito, ni artilleria que assi le desbarate como el vicio deshonesto, si empieza a dilatarse por él: haze cobardes, descuidados, y flojos, ahoga los alientos de el cuerpo *suffocantur*, y priua de los del alma. Como peleará vn exercito cobarde? y si pelea, como ha de salir con el fruto de la victoria? *non referunt fructum*: pues hallarse en vn soldado cobardia, y desaliento, mas es ocasion para huir del combate, que para salir del victorioso.

No han de faltar sagrados Textos que nos enseñen esta verdad. La tierra tiene el segundo lugar entre las criaturas visibles; criòla Dios para campaña: en donde todo exercito marchasse, y para sitio en dõde toda conquista se hiziesse. Todo exercito, ò sea para conquistar Reynos del cielo, ò Monarquias del mundo, tiene su alojamiento ẽ la tierra: en ella se viue peleando, porque se hizo solo para pelear; y sobre la tierra no ay otra cosa sino soldados, compañias, gente de guerra, o sea alistada en la vandera de la espiritual, o de la corporal milicia, todo es soldados, todo pelear: y sobre la tierra no ay otra cosa sino guerra; como dixo aquel experimentado Principe: *Militia* xxxiv.

est

Iob. 7. 1. *est vita hominis super terram.* Miẽtras viuimos, peleamos, porque toda criatura racional, ò pretende cosas de la carne, ò del espiritu, deste mundo visible, ò del inuisible; y todo se alcança peleando, y riñendo; porq̃ nunca faltan cõtrarios, y assi no faltan batallas. De las q̃ ya entre el espiritu, y la carne, dixo el Apostol: *Caro enim concupiscit aduersus spiritũ, spiritus autem aduersus carnem.* De las del mundo, llenas estan las Historias, supuesto q̃ la tierra es sitio de conquista, y lugar para toda batalla. Lleguemonos a la ponderacion. Dize Moyses, q̃ la tierra en sus principios estaua vana, y vacia: *Terra autem erat inanis, & vacua.* Oleastro leyò, *Vanitas*, la tierra era vanidad. Sanctes Pagnino, *Solitudo*, era soledad. El Parafraste Caldeo, *Deserta*, desierta. Otros *Desolata*, assolada. Geronimo, y los Setenta, *Nihil*, nada era la tierra. Que tierra tan desdichada! las miserias se atropellan, porq̃ siendo tan dilatado su sitio, aun no le ay para q̃ quepa tanto miserable. Poblada està pero de desdichas, sus habitadores son, vanidad, desolacion, soledad, aniquilacion, desierto. O lamentable caso! para q̃ son los lamentos? si en perdidas tan vniuersales no se emplean, y en cuitas tan crecidas no se gastan; gima, y llore el coraçon, que en lastimas tan crecidas, su lugar tienen las lagrimas. Aflijase el discurso, y en desuelos continuados, procure inuestigar de raiz de tanta ruina la ocasiõ, por si acaso en tanto mal se puede hallar algun remedio. Detengamos, pues, el sentimiẽto, porque se dè lugar al discurso, q̃ los dolores bien nacidos, si dan lugar al alma, para q̃ sienta; el sentimiento no se le concede, para que discurra. Lleguemos a la ocasion, dexando embargada la pena. De donde le vino tanta desdicha a la tierra, q̃ a vn mismo tiempo se vea assolada, sola, desierta, y aniquilada? Reparad en la version de Oleastro, y vereis de donde le vino todo su mal, *Vanitas*, la tierra era vanidad. Y de esso le vino su desgracia? Si. Pues que quiere ser vanidad, q̃ tanto sabe destruir? Nuestro Incognito lo dize: *Sciendum est, quod vanitas siue vanus dicitur à Venus.* Vanidad es lo mismo q̃ Venus, y Venus, q̃ vanidad; y assi dezir Moyses, q̃ la tierra es vana, *inanis* es dezir, q̃ es deshonesta: dezir que toda es luxuria: porq̃ vano, y vanidad tienẽ su origen de Venus, y assi lo mismo es vno, q̃ otro. No podia tener tanta deshonestidad en sus principios la tierra porque no auia quien la habitasse. Aludio sin duda el Historiador sagrado a lo q̃ tan luego sucedio, ya en el caso de los gigantes, q̃ tuuo su fin en el dilubio;

Ad Gal. 5. 17.

Gen. 1. 2. Oleastro

Pagin. Paraph. Caldeo

Hieron. Septuag.

Incog. Ps. 1.

dilubio; ya en el de aquellas abrasadas ciudades. No estrañeis, pues, tanta miseria, ni busqueis de tanta ruina otra ocasion, q̄ tierra donde tan en breue se ha de ver tanta luxuria; y donde tan comun ha de ser la deshonestidad, aunq̄ ayan de ser gigantes los q̄ la habiten, solo por auer de ser deshonesta, se dà desde luego por assolada, y se tiene por perdida: *Terra erat vanitas, erat Venus.* Era la tierra deshonesta, q̄ mucho fuesse destruida, y que se mirasse desierta, *desolata, deserta solitudo, nihil*: afluelanse Reinos, aniquilanse Prouincias, despueblanse ciudades, y se hazen Monarquias de mucho lucimiento deshechas, sin poderse defender de sus enemigos, sin tener buen sucesso en las cāpañas, y esto solo, porq̄ *terra erat vanitas, erat Venus.* La tierra es deshonesta, y assi no puede llenar soldados de valor, para resistir las campañas enemigas; y no auiendo resistencia, no es posible que aya victoria.

Subiose Christo S. N. en la cima de vn monte, queria conquistar almas, y assi se puso en aquella eminencia: empieça a prometer a los que fueren valerosos soldados el premio. Alienta mucho la seguridad de recibirle, para llegar con valor a merecerle. Abriò su boca, y animando al exercito, les propone ocho bienauenturanças, q̄ han de adquirir, y el premio q̄ por ello han de alcançar. El motiuo de dificultar, dicenle Eadmundo Arçobispo Cantuariense, que haziendo en su espejo contraposicion de los siete pecados mortales, a siete destas bienauenturanças, en cōtraposicion de la luxuria, que es vno de los siete pecados, pone la paz, q̄ es vna de las ocho bienauenturanças: *Beati pacifici. Hoc est contra luxuriam.* La paz es la virtud que se opone a la luxuria: no parece apropositada la oposicion. Por lo q̄ tiene la paz de virtud, es verdad q̄ se opone a la luxuria, pero es vna oposicion general esta que ay entre toda virtud, y todo vicio, pero individuando vicios, y virtudes, parece, q̄ era mas proprio dezir: *Beati mundo corde Hoc est contra luxuriam.* La pureza es contra la luxuria, porque esta es toda sucia, y alquerosa: la pureza es limpieza, y purificacion: luego encuentro es mas legitimo el q̄ ay entre lo puro, y lo impuro, que entre lo impuro, y lo pacifico; y assi parece mas proprio dezir: la pureza es contra la luxuria, q̄ dezir, es contra la luxuria la paz. Pero no, dize Eadmundo, la paz es la q̄ es contra la luxuria, porq̄ tiene estas dos cosas, es enemiga de la guerra, y amiga de la victoria: amiga desta, porq̄ della fue se originase la paz. De dōde vino Alciato a discurrir

Matt. 5.

aquel

Alciato. aquel hermosissimo Emblema, a quien dio por titulo, *Ex bello pax*. Despues de la guerra, la victoria; despues de la victoria la paz. Es enemiga de la guerra, porq̃ la paz es quien totalmente la destruye. La luxuria es al contrario; enemiga de la victoria, y amiga de la guerra. Desta, porq̃ estan en continua pelea los deshonestos. De la victoria es enemiga, porq̃ aunque siempre pelean los lascivos, nunca vencen, y siempre quedàn vencidos. Assi, pues la oposicion es ingeniosa, porq̃ si la paz ama lo q̃ aborrece la luxuria, y la luxuria quiere lo q̃ aborrece la paz, es claro ser capitales enemigos, y consiguientemente cõtrarios. Luego si la paz deshaze las cãpañas, y la luxuria las puebla; si haze aquella victoriosos, quando haze aquesta vencidos: la paz es contra la luxuria, y assi para salir con la vitoria de lo pacifico, el medio es quitar la guerra de lo deshonesto. Vençanse los deshonestos, y quedaràn los Reynos pacificos, no aya deshonestidades, q̃ assi se alcançaràn victorias, y con ellas se conseguirán las paces, porq̃ en auiendolas, aunque es forçoso pelear, es imposible vẽcer: *Beatipacifici* (dize Edmundo) *Hoc est contra luxuriam, nam luxuriosus numquam potest habere pacem cordis, vel requiem mentis.* Los deshonestos, ni tienen paz, ni descanso, sino tienen paz, luego tendran guerra, si tanpoco tienen descanso, luego trabajo; si en la guerra ay siempre trabajo, serà todo vencimiento, porq̃ vencer es descanso, y trabajo ser vencido. Quien nunca descança, nunca vence, si el trabajo q̃ el deshonesto tiene en la guerra, es continuo, el ser vencido, lo serà tambien. Luego los deshonestos no pueden tener el descanso de victoriosos.

Bad. Arc. Cant. in Spec. Ec. c. 9.

Sabido es entre los medianamente estudiosos de humanas letras, como los antigos veneraban a Marte por dios de las batallas, atribuyendole todo buẽ suceso militar, quisiera averiguar la causa porq̃ a este dios le hizieron dueño de todos los esfuerços de campaña; y sino me engaño, puede ser esta la ocasiõ. El nacimiento deste dios, segun los Poetas le fingen, no fue por carnal copula, como el de otros dioses. Fingen que la Diosa Venus tomãdo vna yerua quedô preñada del, y le pariò solo con esso. Pues vn Dios, en cuya concepcion no huuo cosa deshonesta, no es mucho se tenga por Dios de las batallas, que la honestidad es muy poderosa para vencer. Passemos adelante, en el progresso de su vida, y veremos a vn Dios tan valeroso, facilissimamente vencido. Olvidose de sus principios Marte, y enamorôse de Venus, siendo muger

muger de Bulcano, el qual tuuo noticia de la adulterio: Era el mayor herrero que auia en el mũdo, y para vengarse de Marte, determinò hazer vna red de hierro tan sutil, y delicada, que apenas se podia percebir, y con mucha dificultad se llegaua a ver, con la qual le venciò, le tuuo preso, y cautiuo. Poco entẽdido fue Bulcano. A vn dios tã valiente quiere sugetar con vna red tan delicada: poca preuencion es essa para conquistar à vn dios, a cuya disposicion todo se rinde: Preuẽga exercitos, conuoque amigos, aliste partẽtes, q̃ en ocasion donde el honor padece, todo empeño es obligacion. Es assi, mas Bulcano anduuo en su determinaciõ entendido. Conocia à Marte por dios de las batallas, y tambien Capitan de las desembulturas; viale Capitan de todos los exercitos, y Maestro de todas las deshonestidades, miraũale siempre victorioso, pero de la lasciuia vencido. No busque, pues, Bulcano exercitos, ni cõuoque por soldados amigos, q̃ para vencer a vn deshonesto, aunque sea mui esforçado, vna redecilla delicada es suficiente.

xxvij. Puesto q̃ sea verdadera esta doctrina, de quien assi en humanas, como en diuinas letras pudieramos traer inumerables exemplos, temome no sea esta la causa de los casos siniestros q̃ à nuestra España la han seguido. No es poca preuencion de nuestro inuictissimo Monarca, quando conoce el mundo sus desuelos, y pondera sus atenciones. Pero que importa que vn Principe sea tan valeroso, que tiemble el mundo de su nombre, si fuese la desdicha tal, que quando se planta en la campaña, en defensa de sus vassallos, quedassen sus Reinos vencidos de la deshonestidad, y hechos esclauos de la lasciuia? si esto fuesse assi; no ay que esperar buenos successos, hasta q̃ à essos excessos se ponga termino. Temome no sea esta la causa de las desdichas q̃ en estos siglos suceden; tengo estos temores, porq̃ no es la primera vez q̃ España ha sido por el vicio deshonesto, maltratada, y vencida. Dexo Historias, q̃ pudiera traer en apoyo deste caso. Acreditelo como persona de mas autoridad Saluiano Obispo Massiliense, en el libro septimo del Gouierno de Dios, donde ponderando lo q̃ su Magestad siente la lasciuia, y lo q̃ ama la castidad, dize: *Dupliciter in illa S. Saluia. Hispanorum captiuitate ostendere lib. 7. de Deus voluit quantum, & odisset car- guber. nis libidinem & diligeret castitatem, Dei. cum & Vvandalos ob solam maxime pudicitiam illis superponeret, & Hispanos ob solam, vel maximè impudicitiam subiugaret.* Los Vvandalos, gente barbara, fuge-

raron, y vencieron a los Españoles, gente tan hermosamente lucida, y tan esforçadamente animosa. El valor, que nunca viò la cara al peligro, sin quedar siempte glorioso, se vio de vna barbara nacion oprimido. Direis porque? era mas copioso su exercito? era su señor mas preuenido? No estuuo en esso el caso, sino en que los Vvandalos eran continentes, y los Españoles lasciuos. Solo el vicio deshonesto pudo hazer vna nacion tan temida de el Orbe, vencida. O Españoles! atended a las razones de este Santo, y si os sintieredes cautiuos deste vicio, no presumais de vencedores, ni os parezca aueis de tener en campaña victoria, mientras no os quitaredes los grillos de la lasciuia. Pidamos à Dios la virtud de la continencia, para que agradandole con ella, nos dè en esta vida gracia, que es prendas de la glotia.

Ad quam, &c.

CONQVISTA CATORZE.

Para el Domingo de la Quinquagesima.

Ecce ascendimus Ierosolymam, &c. Luc. 18. vers. 31.

EXORTACION.

EL deseo de padecer, padece mucho quando se queda en deseos; antes alibia la pena a quien la apetece, que le aflige; porque su alibio es el dolor, y el penar es su consuelo. De no padecer padecia Christo Señor nuestro, tanto se inclinaua a la afliccion. Diuertia con palabras penas, repassaua por la boca agrauios, pronunciaua con los labios afrentas, por solo diuertir el no padecer, con dezirlo; y por entretener el no penar, con hablarlo. Es alibio del deseo la lengua, quando se mira el gusto sin lo que apetece, pues

pues por lo menos lo dize en tanto que no lo tiene. De proposito haze vn espacioso razonamiento de sus penas Christo al Apostolico Colegio, en donde propone los preludios de su muerte, y declara como han de ser los fines de su vida. Sabed les dize, q̃ subimos à Ierusalen, poblacion, si la mas aplaudida, no la menos desdichada, porque sus ciudadanos deslumbrados con la misma luz, han de intentar embidiosos, lo que han de executar atreuidos: satisfaràse alli mi deseo, porque no ha de auer linage de dolor que no padezca. Los oprobios seran sin medida, sin termino los desprecios, y los açotes casi sin numero. Serà con todo alibio desta borrasca, tener al tercero dia seguro el puerto, donde harán ventajas a las desdichas las glorias. Desentendidos cì n la platica los Apostoles: No es mucho, que tener premio seguro el que conquista, si es al esfuerço deuido, es en el exercicio ignorado. De solo ver à vn hombre ciego y pobre, le sana, ò dandose por obligado del nombre con que le apellida, ò zeloso de ver en otra profession los males. De obligacion sirue a vn pecho ilustre la memoria de sus progenitores, y a vno aficionado à dolores de impaciencia, el verlos en otra parte. Estaua el ciego en el camino haziendo de los oídos ojos, para saber quando passaua Christo, deposito de sus esperanças, y logro de sus venturas: entendida era la disposicion: auiendose de conuertir vn alma, no le hazen falta los ojos, si le sobran los oydos. Porfia entendido, quando dezis que es el porfiar ignorancia, y es assi en el estilo ingenioso; pero Dios dà sus bienes à porfiados, por el gusto de verlos pedir con fè viua, y con esperança segura. Mandò Iesus traer al ciego en su presencia; se le van los ojos tras vna desdicha: Preguntòle lo que queria, no ignorado su deseo; sino enseñando magnificencia; pues el bien se ha de hazer à gusto, que hazerle de otra suerte, suele ser mas comodidad de quien le haze, que aliuio de quien le recibe. Sanóle Christo, siguiò el ciego al Dueño de su salud, engrandeciendo su nombre, retorno debido; pues hazer el bien tan desinteressado, que no cueste si quiera vna esperança, de justicia merece todo agradecimiento. Hizose lugar nuestro Maestro soberano con milagro tan peregrino, y el mundo aclamaual e poderoso, y deshaziate en alabanças de Dios, que ha de ser el fin que tenga en sus acciones, el justo, y el que tiene el contexto literal de nuestro Euangelio. Aue Maria.

COMBATE I.

Ecce ascendimus Ierosolymam, &c. *Vers.* 31.

Ni quiere Dios a los suyos alegres en los bienes, ni tristes en los males.

Num. I. LA demasiada tristeza en los males, y el demasiado gusto en los bienes, son descredito de vn valeroso coraçon; igualmente desacreditan el valor, la tristeza en el mal, y la alegria en el bien, dixo Ciceron: *Vt nimis afflicti molestia, sic animi elati latitia iure iudicantur leues.* Si es pequeño el valor q̃ no puede resistir la tristeza en los males; no es grande el q̃ no puede detener el gusto en los bienes: todo es libiandad, mucha tristeza en el mal, mucha alegria en el bié: Que remedio? Seneca me lo enseñò ingeniosamente: Tener valor en la pena del mal, modestia en el gusto del bien, para q̃ ni el gusto sea crecido, ni la pena grande. *Et secunda gratè excipit modesteq; & aduersa cõstanter, ateq; fortiter.* Como se acredita el valor? con modestia en los bienes, y con sufrimiento en los males; q̃ si la mucha tristeza en el mal, y el demasiado gusto en el bien, a guyen libiandad en quien los tiene, siendo el gusto con modestia, y con sufrimiento la tristeza, serà acsedito; pues vendrà à estar vn coraçon, ni con tristeza en el mal, ni con alegria en el bien.

Cicer. li. 4. quæs. Tusc.

Sen. lib. 1 Ep. Epist. 98.

De la propositada junta parece la que haze Christo, pues en ocasion q̃ haze memoria de su muerte, la haze de su Resurreccion. *Ecce ascendimus Ierosolymam, & cõsummabuntur omnia qua scripta sunt per Prophetas de filio hominis. Tradetur enim gentibus, & illudetur, & flagellabitur, & conspuetur. Et postquam flagellauerint, occident eum: Et die tertia resurget.* La resurreccion es toda gloria, y toda pena la muerte; pena, y gloria estan quando diuididas, ajustadas, quando se hallan juntas, impropias. Parecelo assi; pero essa vnion es misteriosa. A la muerte es deuido el sentimiento. A la resurreccion se sigue el gusto. Si Christo hiziera relacion solo de su muerte, entristeciera se sumamente el Colegio Apostolico. Si la hiziera solo de la resurreccion, festejara tanta dicha a legre. En vna parte ay toda materia de alegria, y toda en la otra de tristeza: Pues junte Christo lo desgraciado del morir, con lo dichoso de resucitar: *Ecce ascendimus Ierosolymam &c. Tertia die resurget*; para q̃ estando lo vno à vista de lo otro la pena de la muerte, temple el gusto de la resurreccion, y el alegria de la resurreccion, modere la pena del morir, para que con essa diligencia, ni el Colegio Apostolico guste mucho de lo vno, ni sienta mucho lo otro.

II.

Tra-

III. Tratando el Euangelico Profeta Isaias de los floridos tiẽpos de la gracia, despues de auer significado en aquellos siglos abũdancias, y glorias, prosigue la Profecia, añadiendo estas palabras: *Et creabit Dñs super omnem locum montis Sion, & vbi inuocatus est, nubem per diem, & fumũ, & splẽdorem ignis flammantis in nocte.* En aquellas dichosissimas edades, donde el pimpollo mas reciente podrà lleuar sin embaraços, fruto, entre otras marauillas de q̃ gozarà el mundo, no serà la menos admirable que Dios, en demonstraciones de su omnipotẽcia, criarà sobre lo mas empinado del Monte de Sion, en el dia, nubes, en la noche resplandores. No parece esta diligencia de quien es Omnipotẽte, sino de quiẽ es poco aduertido. Pues trocar las cosas, y no dar à cada vna su lugar, arguye poca aduertẽcia: pero digamos, q̃ antes arguye mucho misterio: porq̃ esse trueque? Este dia ha de ser dia, ò noche? esta noche ha de ser noche, ò dia? si el dia ha de ser dia, como se le ponen sõbras de noche? y si la noche ha de ser noche, como le dã resplandores de dia? Buena mezcla es essa de resplandores, y sõbras, dize Hugo Cardenal, porq̃ este monte de Sion significa la Iglesia; los dias, los bienes, y las noches, los males. Menos lo entiendo: bien estoy con que esse monte sea la Iglesia, por lo encumbrado; essos dias los bienes, por lo lucido; essas noches, los males, por lo obscuro. Ajustada està la inteligencia de esse modo, pero estando representado en lo lucido, el bien, y el mal, en lo obscuro, poner lucimientos a la obscuridad, y obscuridades al lucimiento, es poner a los males bienes, y bienes a los males; y con essa traza, el mal pierde de mal, y pierde de bien el bien; y esso es improprio, porq̃ parece q̃ es querer, q̃ ni aya bienes, ni males, pues al bien le ponen sombras de mal, y al mal le dan resplandores de bien. No es esso lo q̃ quiere dezir Dios, dize el Eminentissimo Cardenal, su designio es, dar à entender, q̃ no aya gusto en el bien, y q̃ no aya pena en el mal: *Nubẽ per diẽ, id est, obumbrationẽ spiritus in prosperis, splendorem ignis flammantis in nocte: idest, consolationem.* Quiere Dios a los suyos consolados en los males, y no muy diuertidos en los bienes, y assi en su Iglesia, q̃ es el Monte de Sion, haze esta junta de bienes, y de males, de luzes, y de sombras, porq̃ el mal, junto con el bien, no parece mal; y el bien en cõpañia del mal, no parece biẽ. Si todo fuera luz, fuera todo gusto: si todo obscuridad, todo pesar, en vna parte peligraua el demasiado diuertimiento, en otra, el ser todo dolor. Assi, pues

Isai. 4. 5.

Hugo Car. Postill. in hunc loc.

dispongase de suerte, que ni el mal parezca mal, ni parezca bien el bien; y con esso, ni darà mucha tristeza lo vno, ni mucha pena lo otro, con q̃ vendran los bienes, y los males a recibirse conforme al gusto de Dios, sin demasiada alegria, y sin crecido pesar.

IV. Ausentòse Christo nuestro bien de sus discipulos: triste determinaciõ para quien tan tiernamente le amaua, hizo vna carroza de vna nube, y puesto en aq̃l trono, caminaua por los aires al cielo, passando elementos, y penetrando esferas sin estoruo, obraua al fin como Señor, y era obedecido como dueño. Los Discipulos assistian à este espectaculo, aunque tan glorioso para ellos, bien afligidos, mirauan tanta nouedad, y no se si diuertidos del ausencia dè Christo, si pagados de los lucientes rayos de su gloria; viendole subir con aquella magestad, tan atentos lo mirauan, que como si estuuieran ya en el cielo, solo mirauan al cielo

Act. 1. 1. desde la tierra: *Cumque intuerentur in cælum euntem illum.* Aparecieronse visiblemente dos hermosos Angeles, y reparando en la atencion con que los Apostoles mirauan subir á Christo

Vers. 11. glorioso, les dizen: *Quid statis aspicientes in cælum?* Que hazeis Apostolicos varones mirando essas glorias? que pretendeis mirando tan diuertidos essos cielos? Llega Chrisostomo aqui, y põderando este dezir de los Angeles, dize: *Protinus audiunt castigantium verba* Estas palabras que los Angeles pronuncian, son en contra del Colegio Apostolico, no en fauor, reprehension es este dezir, castigo es este pronunciar. Teneos, diuino Chrysostomo; los Angeles castigan aora a los Apostoles? esta mas es ocasion para q̃ los consuelen, que para que los castiguen, pues, la perdida de vn dueño tan amado, ni aun Angeles la pueden alibiar. No es a proposito sobre aflicciones por el ausencia de vn Dios, castigos, por mirarle subir a los cielos. Porque delitos se castigan? hazen otra cosa mas de mirarle glorioso? reparar en los cielos? atender a las glorias, y diuertirse en Christo? No es licito ocuparse en las glorias, y poner todas las atensiones en los cielos? pues que reprehension se puede dar a vna ocupacion tan loable, y a vna atencion tan atenta? si fueran las atenciones en la tierra, venia la reprehension ajustada, pero vn cielo, y vn Dios, empleo digno son de toda vn alma. Como se castiga lo loable, y se reprehende lo que merece aplauso? No es bueno, que Ouidio me diesse motiuo para la solucion del caso, el qual tratando de

Chry. ho. 2. in Act.

los

los afectos que él gozo causa, canta assi.

Ouid. 7. Metham. *Gaudia principium nostri sunt sæpe doloris.*

A vn contento se sigue vn pesar; a vna tristeza, vna alegria; a vn diuertimiento, vna afliccion, porque los gozos ordinariamente son principios de dolores; y assi el fin del gozar, fue ser principio de doler. Aora entendereis claramente a Chrysostomo. Miran los Apostoles muy diuertidos al cielo, y los Angeles muy atentos los reprehenden: *Quid statis aspicientes in cælum?* Porque culpa? No la veis? Mirando tan cuidadosos al cielo, era necessario el gusto con la diuersion de aquella gloria; y siendo el gusto, principio de pesar, quanto era mayor el alegria de gozarla, tanto auia de ser mas crecida la pena de perderla; reprehēdalos, pues, segun Chrysostomo: el Angel entendido: *Quid statis aspicientes in cælum?* Reprehendalos, porque assi no se detengan mucho en el gusto del bien, para que con esso no sientan tanto el mal de perderle: reprehēdalos, porque no aya mucho gozo en el gozo, que siendo todo gusto el gusto, y estando tan cerca del gusto el pesar, a peligro estan los Apostoles de sentirse mucho en las perdidas de lo que miran, y assi pierdan alguna cosa de gusto, porque pierdan algo del pesar, que de essa suerte quiere Dios a los suyos con poco gusto en los bienes, y con moderada pena en los males.

El modo que tenia el Angel que vieron aquellas piadosas mugeres que estauan en el sepulcro de Christo nuestro Señor aquella mañana, emula de la gloria, le reparò San Pedro Chrysologo con viueza. Estaua vestido de niene, segun San Mateo: *Vestimentum eius sicut nix.* Matt. 28. Segū el Euangelista S. Marcos, estaua cubierto con vna estola candida. *Coopertum stola candida.* Marc. 16 Haze este reparo sobre el vestido Chrysologo: *Quid facit vestis, vbi nulla est nuditas? quid indumentum, vbi tegendi necessitas non habetur?* Chrysol. serm. 77. El Angel es puro espiritu, por mas q̄ se cubra no es possible estar cubierto; para que es la preuencion del vestido? para que la diligencia de la estola? que necesidad tiene de cubrirle vn Angel? Pusome en la duda Chrysologo; es diferente, si ingenioſa su solucion. Ponderaua yo cuidadoso este caso, y viendo q̄ estas mugeres vian al Angel, y le vian cubierto, me parecio q̄ a vn mismo tiempo le vian y no le vian: *Coopertum stola candida.* Dudoso parece el fauor, no le podemos dexar de escudriñar. Esse apareçerse el Angel a las mugeres, es para q̄ esten alegres, ò para que esten tristes? si para q̄ esten alegres,

V.

descubrase el Angel, gozaran con esso mas de su belleza; si para que esten tristes, cubrase todo; no es mejor que se goze esse Angel, ó que no se goze, q̃ no gozarle en parte, y en parte perderle? esso es hazer los fauores desuerte, que no tenga lugar su estimacion; pues apenas se empieza à gozar el gusto con la golosina dela dicha, quãdo puede sentirse de que pierde lo que presumiò tan suyo; y auer empezado à engolosinar al gusto, para no darsele cumplido, solo es ocasion para q̃ se aumente el sentimiento. En el mũdo puede ser assi, pero Dios estila otra cosa: antes son estas diligẽcias trazas misteriosas suyas, porq̃ en esta vida, nn só ciertos los fauores. No ay seguridad en q̃ vn alma estè con gusto, ò en que esté cõ sequedad. Mientras se viue, tan cierta es la pena, como el aliento; la pena aflige, el aliuio alegra; Dios quiere a los suyos, ni muy afligidos en las penas, ni muy contentos en los alibios, porq̃ es libiandad de vn alma la demasiada alegria, como la demasiada tristeza; y Dios quiere al alma entera. Como se ha de remediar esto? q̃ no ajustarse al gusto de Dios, es euidente peligro; y si le ay, como se ha de disponer, para quitar la demasia de vn gusto, y de vn pesar, q̃ dañan por demasiados, y no se ajustan al gusto de Dios, por muy crecidos? parece aquesta la traza. Haganse los fauores, pero haganse cubiertos: *Coopertum stolla candida.* Vean estas mugeres al Angel por fauor, y por preuencion no le vean todo, q̃ puesto ser forçoso en esta vida, aun no ser los fauores de Dios siempre iguales, sino q̃ vna vez aya fauores, sequedades otra; vna trabajos, si otra gustos, no sean todos fauores los fauores, no sea q̃ el gusto se les acostumbre mucho, ni todo sequedades, porq̃ la pena no se acreciẽte en ellas. Cubrase esse Angel, q̃ si èl no tiene necessidad de cubrirse necessitan estas mugeres de verle cubierto. Cubrase que assi estaràn con templança, la pena de lo q̃ no se vé, de lo que se mira el gusto; ni aura con esso mucho gusto en el ver, y no aurà en el no ver mucho pesar.

VI. Combates de gustos, dificiles son de resistir; lo que se acomoda con el deseo, antes se admite, que se deshecha. Combates de pesar, como desazonados, suelen con facilidad ser resistidos. Vno y otro combate es muy possible, quando venga, todo ha de ser resistido, para que ni el gusto sea con aumentos, ni lo sea tampoco el pesar, sino que admitiendolos con tẽplança, se ajuste vn alma a recibir los males, y los bienes, conforme al gusto de Dios.

COM-

COMBATE II.

Tradetur enim gentibus, & illudetur, & flagellabitur, & conspuetur, *Vers* 32.

Los justos por lo q̃ tienen de amantes, no solo hazen lo que basta para serlo, sino lo que sobra.

VII. EN Ierusalen, dize Christo nuestro dueño, me entregarán para detmeturas mal miradas, aunq̃ humildemente sufridas; assi se han de multiplicar en Ierusalen mis penas: *Tradetur enim gentibus & illudetur & flagellabitur, & conspuetur.* Para q̃, Señor tanto padecer? menos penas bastan para cumplir con vuestra obligacion. Es assi verdad pero sabida cosa es, que la obra de nuestra redencion fue en particular de dos atributos, de la justicia, y del amor: de la justicia, porq̃ fue paga, y satisfacion rigurosa de todos los pecados de los hombres, segun la infinidad q̃ tienen, en quanto son ofensa hecha contra Dios; y la justicia quanto es de pũtual, es limitada, porq̃ es incapax de exceſſo, y assi, dentro de los limites de justicia, no puede dar mas, ni menos de lo q̃ deue. Segun esta razon, cumpliera Christo suficientissimamente con nuestra redencion en quanto obra de justicia, con la primera lagrima q̃ llorò en el pesebre. Pero fue juntamente obra de amor, y por ello hizo tal exceſſo a la justicia, como el que ay desde la primera lagrima, hasta las penas, q̃ por tan menudo refiere oy. Porque el amor q̃ los justos tienen à Dios por cuyo respeto se determinan á serlo, les haze tan mal cõtentadizos, que pudiendo estar satisfechos con lo que basta para cumplir con sus obligaciones, no se satisfacen, menos que haziendo tambien, lo que para cumplirlas sobra.

La junta con los enemigos de Dios, es desapiadada, no se puede ajustar vn alma justa a ella, huye de congregaciones donde Dios, antes se deshonra, q̃ se venera, escusa gauillas, dõde multiplican dioses, y aumentan ritos falsos, faltando a la obseruancia del culto verdadero. No quiero tener parte en essas juntas, dize David, ni hallarme en essos conciliabulos, que no ay dolor para vn alma perfecta, como ver a su Dios despreciado: gente q̃ sacrifica a dioses falsos, no es para comunicada, ni sus nombres tengo de pronunciar cõ mi lengua. Nõbrar los enemigos de Dios, aũque sea para detestarlos, si es en la lengua decente, en el oido es escandaloso: *Non congregabo conuenticula eorum de sanguinibus: nec memor ero nominum eorum per labia mea* Dos cosas propone el Profeta Rey, q̃ no ha de juntarse con idolatras, ni tener en sus

VIII.

Ps. 15. 4.

sus sacrificios parte, la primera; la segunda, q̃ no ha de pronunciar sus nombres: *Nec memor ero nominum eorum per labia mea.* No son necessarias para la virtud essas diligencias, q̃ si la vna es deuida, es permitida la otra: no hazer alianza cõ idolatras, es precepto: nombrarlos, parece falta de amor: el enemigo deuese amar por lo q̃ tiene de hombre por lo menos: luego si es deuido a lo natural el amor, el nõbrarle serà justo. A quien es deuida la voluntad no se ha de negar la lẽgua. Como se ha de cumplir con la obligacion del amor, si el silencio da indicios de aborrecer? La junta esta bien que se euite, la lengua poco importa q̃ pronuncie; permitido es tratar de la malicia, aunque el executarla no lo sea. No es necessario para ser santos, abstenerse de lo licito, irreprehẽsible se puede pronunciar lo honesto, como Dauid quando assegura la obseruancia de lo mandado: *Non congregabo conuenticula eorum de sanguinibus*; propone priuarse de lo permitido: *Nec memor ero nominum eorum per labia mea.* Ser licito nombrar al pecador, es constante, dize el Sapientissimo Idiota, no impedir lo justo a la virtud, tambiẽ; mas es de tal suerte perfecto Dauid, q̃ teniendo harto para serlo en el cumplimiento de lo q̃ se manda, no queda satisfecho, sino es priuandose de lo q̃ se permite. Guardar los preceptos, es de perfeccion ordinaria: adelantar consejos, es realce de virtud; basta para ser perfecto lo vno, y sobra para serlo lo otro: Pero en quien de veras ama, por ser Santo, mientras no junta con lo sobrado, lo bastante, de ningun modo està contẽto: entonces le parece camina a la perfeccion quando junta al caminar, el correr, q̃ si el andar es suficiente para llegar a la jornada, no lo es para la satisfacion de quien la camina amando, y assi aligera el andar, porq̃ ai tiene toda su satisfacion. Dize el Idiota aora: *Dixit autem quod non solum, non vult sacrificare idolis, sed nec nominare ea, quod tantum dici, & fieri potest, ostendens per hoc, quod non solum homo perfectus debet abstinere ab illicitis voluptatibus, sed etiam à licitis, vt magis totus feratur in celum.* Permitese en la virtud nombrar al culpado, aunq̃ no el hazerle compañia; pero Dauid ni quiere al idolatra en la lengua; ni en la compañia le quiere; q̃ aunque basta, para virtud, el dexarle, como camina al cielo amando, quiere aligerar el passo, y assi no se cõtenta cõ lo bastãte, para andar por el camino. *Idiot. in Psl. 15.*

IX. La mayor gloria de la virtud consiste en calificarla el mismo Dios: este es todo su lucimiẽto, y esse tuuo el Bautista, pues en muchas ocasiones, haziendo Chri-

Christo, noticioso al mundo de su vida, publicaua excelencias della, entre otras dixo en vna ocasion, q̃ Iuan estaua tan desasido de la tierra, q̃ viuia sin comer, y sin beber se sustentaua: Mat. 11. 18. *Venit enim Ioannes, neq; manducãs, neque bibens.* Añade mi Bernardo en la exposicion deste lugar: S. Bern. serm. in nat. S. Ioa. Bap. *Plane, nec vestiens. Sicut enim non est locusta cibus, nisi aliquorum forte irrationabilium animalium sic nec pilus camelli humanũ est indumẽtum.* No solamente passaua sin comer, y sin beber el Bautista, sino tambien sin vestir, porq̃ sino es comida humana vna lãgosta; no es humano vestido la piel de vn camello. Estraño caso, viuir vn hõbre tan fuera de los limites de humano, q̃ en el sustẽto, y vestido mas parezca irracional, que hombre. Que es esto Precursor diuino? Sois verdaderamẽte hõbre, ô presumis de Serafin? Si quereis viuir cõ estilo de Angel, subios al cielo, q̃ allà es tan espiritual la vida, q̃ se libra de la pẽsion del sustẽto, y no le haze falta el vestido. Empero, si viuis hõbre en la tierra, ajustaos a viuir cõ el sustẽto de hõbre. Quereis viuir en tierra cõ essenciones de cielo? No passareis en el mundo como lo passa vn Dios hõbre! Christo come, Christo bebe, Christo viste: Psal. 49. *Venit, filius hominis manducans & bibens.* Vistase Iuan, y coma, no se desdeñe de hazer lo q̃ haze Christo: Ha de presumir vn hõbre puro passar con menos q̃ vn hõbre Dios? El imitar a Christo es la vltima perfeccio; hazer lo que haze, la mayor virtud; querer adelantarse, toca en desuanecimiẽto imposible: no dexe de comer Iuã, pues no dexa de comer Christo: vistase, pues se viste: lo q̃ haze vn hõbre diuino, biẽ lo puede hazer vn hõbre humano. Verdad es esse dezir, pero si cupiera imperfeccio en tan espiritual modo de vida, no se auia de achacar a lo q̃ Iuan tiene de humano, sino a lo q̃ tiene de virtuoso: su virtud le quita la comida, no su naturaleza: su perfeccion le priua del vestido, no su humanidad: pues quando lo q̃ tiene de hombre està pidiendo lo vno, y lo otro, lo q̃ tiene de virtuoso se lo quita. El comer no quita la virtud, ni el vestir, la perfeccion, pues el mismo Christo viste, y come; pero Iuan a titulo de virtuoso enamorado, no se cõtenta con hazer lo q̃ no quita la virtud, sino con obrar lo q̃ la aumenta. Viua Christo comiendo, y bebiendo, q̃ si el imitarle es bastãte para vna virtud perficionada, la santidad de Iuan le tiene cõ tal impaciẽcia; y su amor con tan poco sufrimiento, q̃ poco satisfecho con hazer lo que le parece suficiente, no le dexa hasta que le vè obrar lo abundante: *Neque manducans, neq; bibens, plane nec vestiens.*

No

No ha de comer Ioan, aunque coma Christo; no ha de beber, aunq̃ beba, ni ha de vestir, aunq̃ vista, q̃ si el viuir Christo de essa suerte, no fue falta de poder, sino razon de congruencia, el viuir de estotra Ioan, fue impaciencia de su amor, y satisfaciõ de su santidad, q̃ no se contentan, mientras no ven sobras en las acciones de virtud.

X. Dios q̃ tan grande es? Tan grande como si mismo, dirà el menos entẽdido. Puede ser mayor? No, que fuera no ser Dios. Cabe en si segun todas sus perfecciones, y atributos? Si, pero tan ajustadamente, que ni està holgado, ni estrecho, porq̃ ni de la capacidad de Dios sobra nada, para lo que es tenerse à si mismo; ni tan poco Dios sobra algo a su capacidad, en quanto cõplemento della; y assi viene Dios a estar en si tan ajustado, q̃ ni le sobra, ni le falta de lo q̃ ha menester para ser perfectamente Dios, ni para estar dentro de si mismo: de dõde viene a ser, q̃ en si, y por si tenga todos sus bienes. Solo vna de sus perfecciones le trae tan inquieto, q̃ le haze salir fuera de si; y ni aun de essa suerte se quieta: cabe Dios ẽ si como acto purissimo, como infinito, como inmenso, como incomprehensible, pero como amante, de ninguna suerte cabe en si, dize el sapientissimo Idiota, oidle, y vereis con quanta elegancia lo declara: *O amor praeceps, amor flagrans, amor vehemẽs, amor te intra te cohibere nõ valens!* O amor de Dios quã precipitado eres, quan abrasado te ostentas, y quan vehemente te abrasas! O amor, q̃ sin poder reprimirte, te sales de ti, por no poder estar en ti mismo! El amor le trae a Dios tã desasosegado, q̃ le haze salir de si mismo; porq̃ como amãte, no solo tiene Dios lo q̃ le basta, para serlo, sino tambiẽ lo q̃ le sobra; y quãdo todos los demas atributos solo tienẽ lo suficiẽte para ser Dios, este del amor añade lo superabundante, a lo suficiẽte, porq̃ fuera del amor necessario, con q̃ Dios se ama à si mismo, q̃ es lo que precisamente ha menester para serlo, de tal suerte, q̃ sin ello no lo fuera, tiene otro amor libre, con el qual, libre, y graciosamẽte ama a las criaturas; y por el mismo caso q̃ es libre, y espõtaneo, sobra en Dios, por la terminacion, ò respecto de libre pues por esta parte pudiera no ser, sin q̃ por ello padeciera la diuinidad detrimẽto: desuerte q̃ si Dios, segun todas sus perfecciones, ni tiene mas, ni menos de lo q̃ ha menester para serlo, sino solo tiene de amante sobre sale, pues no solo tiene lo q̃ basta, sino lo q̃ sobra para ser Dios: tan impaciẽte es el amor, quando se junta cõ la virtud, q̃ aun al mismo Dios le haze

Idiot lib. 1. de amor. diu. ca. 4.

haze excessos, disponiẽdolo de suerte, q̃ en materia de amor, tenga lo superabundante, teniendo lo suficiente, con la necessidad indefectibile de ser.

XI. Por ver el prodigio mas raro que conocieron los siglos, por aplaudir el acto de mayor humiliacion q̃ imaginarõ las edades, preuenidos se abrẽ los cielos, liberales esplayan sobre la tierra sus rayos, y cuidadosos illuminan cõ las luzes de su gloria las aguas de vn rio, q̃ mereció verse, si en las manos de vn Bautista, sobre la cabeça de vn Dios. O prodigioso espectaculo! donde el Criador parece menos q̃ la criatura, aun q̃ esse deshazerse, fue medio para leuantarse mas, q̃ ser humilde lo grande, es diligencia entẽdida, pues con lo mismo q̃ se humilla, cõ esso se haze mayor. Festejaron aquella humiliacio̅ las glorias, tuuieron los cielos el abrirse en aquella ocasion por dicha; y porq̃ nada faltasse de gloria, se oyó la voz del Padre, y se viò el Espiritu Santo, q̃ hecho paloma, en la apariencia, se sentò sobre la cabeça de Christo en
Luc. 3. 22 la verdad: *Descendit Spiritus Sanctus corporali specie sicut columba in ipsum.* Entre tanto marauilloso, solo me ha dado q̃ pensar, que tomasse el Espiritu Santo alas de paloma, para venir sobre Christo. Alas en el los parece cosa impropria, ò estas alas son para subir, ò son para baxar; para subir, no, q̃ Dios no puede ser mas grande; ni para baxar, menos, que Dios es imposible ser menos de lo q̃ es: pues si para nada son necessarias, para q̃ las toma, q̃ parece estan en èl por demas? La verdad es essa: y es la causa, q̃ el Espiritu Santo es todo amor, y amor infinito, con quien el Padre, y el Hijo infinitamente se aman. Pues siendo este soberano Espiritu todo amor, no estrañeis q̃ diga, q̃ tiene por demas las alas, q̃ siendo assi, que todo lo q̃ tiene Dios en si es necessario, y por essa parte son escusadas las alas, pues no puede salir de si, y en si està por su mismo ser, sin ser necessaria otra cosa; si le tocais en el amor, de mas à mas de su ser, ha menester alas, no para estar en si, sino para salirle, q̃ si Dios se quieta en si como Dios, como amoroso, entõces està mas en si, quãdo no solo haze las diligencias q̃ bastã, para mostrarse enamorado, sino las q̃ sobran para darlo à conocer; y assi entõces està mas en si quãdo toma alas para hazer q̃ buele fuera de si mismo.

XII. Amar la virtud, es permitido, desear fauores diuinos para alcançarla, ajustado; satisfacerse con ella, inconueniente para passar adelante. No es muy virtuoso, el que siendolo, no aspira à mas virtud: sossegarse en la santidad, es riesgo conocido.

No

No se puede tener por ajustado el bien contento: la virtud, aunq̃ satisfaga al mundo, nunca contenta a quien la tiene, y assi siempre procura aumentarla, ô porque ella es tan amable, que siempre quiere mas quien empieça à conocerla, ò porque es tan entendida, que por conseruarse, no quiere dar seguridad, por no ocasionar descuidos. Todo me lo enseñò Dacriano en su Espejo: *Amant Dei dona gratiasque sedulo pro eis agunt, & tamen ab ipsis se veluti otiosos, & liberos conseruant, dũ in eis non quiescunt.* Ama vn alma perfecta los dones diuinos, y el mismo amarlos, haze pequeña qualquiera correspondencia, y assi procura aumentarla: dà gracias inessable, porque los dan; agradese con su possession, tratalos amigable, conserualos aduertida; y en medio del gozo de tenerlos, no queda con ellos satisfecha: *In eis non quiescunt.* En este mundo no quiera lo soberano vn alma enamorada; el no tener suele quietar, el gozar de asosiega: mas incita la virtud a sus aumentos, quando se tiene, que el deseo prouoca à tenerla quando no se goza, porq̃ mientras no se tiene, como no se trata, el llegar a tenerla, es satisfacion; pero como tenida, se comunica el tenerla, antes prouoca, que satisface.

Dacrian. Ab in spec. cul. monach.

XIII. Catolicos! y quan poco ay de virtud, pues tan pocas diligencias se hazen para aumentarla. Satisfacese el alma cõfessarse de año à año, siendo el pecar cada dia. El mas ajustado frequenta mas los Sacramẽtos; pero vase luego a los cuidados del siglo, pareciẽdole tiene harto de virtud con solo auer confessado. No reprueuo lo vno, pero reprehendo lo otro. Frequentar los Sacramẽtos es bueno, juzgar q̃ se puede entrar por el mundo, estando segura la virtud, en pielago tan ocasionado, es malo: Nunca ay harto para el contento de la santidad, aunq̃ para ser santos lo aya. La virtud, si es perfecta, no se satisface cõ vna virtud, sino con muchas: no solo con confessar, sino con dexar el mundo: no solo dexando el mundo, sino dexandose à si: no solo dexandose à si, sino oluidando sus afectos: assi viene la virtud à cobrar satisfacion, procurando siempre mas, y no contentandose con solo lo que tiene.

COMBATE III.

Postquam flagellauerint, occident eum, & die tertia resurget, *Vers.* 33.

Lo mas afligido de las penas, no es lo que dan à padecer, sino lo que dan à imaginar.

XIV. PEnsemos estas palabras de otra suerte. Ponese à referir Chri-

Christo sus penas, dize, q̃ ha de padecer desprecios, afrentas, açotes, muerte, y aun no ha acabado de referirlas, quando haze memoria de su resurreccion: *Postquam flagellauerint, occident eũ: & die tertia resurget.* El hazer essa mezcla de penas, y glorias, es cansancio de auerlas de padecer, ó deseo de llegar à gozar? No es esso, sino diuertir con la memoria del gozar la imaginacion del padecer. Occurriòle à Christo a la imaginacion el tropel de sus desdichas, la sangre q̃ auia de verter, los dolores que auia de sentir, y los vltrages cõ que le auian de tratar, y trata de la gloria de su resurreccion de sus penas, *die tertia resurget*: porq̃ fue tal el sentimiento q̃ tuuo, llegando à imaginar tantos dolores, q̃ fue conueniente aplacarle con la noticia de la resurrecion, para q̃ la pudiera lleuar. Mucho aflige el padecer, y mucho mas imaginar, pues la pena se puede sufrir por si, y sin ayuda no ay q̃ llegarla à imaginar.

XV. Aunq̃ hemos visto aquel sucesso de la Cananea con vnas palabras de Chrisost. en otra ocasion, le hemos de mirar à otro viso en esta. Quanto dolor cause vna pena grande, quan afligido ponga el coraçon mas animoso, y quan descaecido el animo mas presumido, no serà dificultoso de persuadir, siendo assi, q̃ pocos podran blasonar de no auerlo experimentado. En la Cananea no fue mucho el estrago q̃ hizo, quando vemos hombres de todo buen esfuerço postrados a la tirania de vn dolor, sin poder buscarle remedio; esta por lo menos le buscaua: grande era su afliccion, nacida de ver à vna hija suya sugeta à vn demonio, q̃ tiguroso la afligia, y porfiado la atormentaua: no era suyo el dolor, era de su hija; pero q̃ mas suyo, si los hijos son pedaços del coraçon. Viuia desasosegada con la pena, no era poco si viuia; buscaua cuidadosa remedio, pero no le hallaua: de tal calidad era el achaque. Vnas enfermedades ay q̃ no se remedian por falta de diligencia, otras, q̃ ni cõ ella llegan à remediarse, porque no aciertan a conocer el mal, ò porq̃ no acuden al medico que puede dar salud. Tuuo noticia esta muger, q̃ Christo S. N. curaua de todo achaque; buscole diligente, logròse su cuidado, el de buscar à Dios siempre se logra. Llegase à èl, y pide desta suerte remedio para la enfermedad de su hija: *Miserere mei Dñe fili Dauid, filia mea male à dæmonio vexatur.* Señor, hijo de Dauid, tened misericordia de mi, q̃ està mi hija enferma. Esse modo de pedir no le entiendo, està la enfermedad en su hija, y pide el remedio para si; no auia de ser desse modo, sino pedir el remedio

Mat. 15. 22.

dio para quien padecia el achaque, la hija es quiẽ tiene el mal, *filia mea male à dæmonio vexatur*. Si ella es quien le padece, sea ella la remediada, q̃ parece desconocimiento de donde està la enfermedad, pedir de essa suerte la medicina. Antes q̃ desconocimiento, fue prudencia esse modo de pedir, dize Chrysost. *Vide prudentiam, non dixit, miserere filiæ meæ sed miserere mei.* Pide el remedio para si la madre, estando la enfermedad en la hija. Y es prudente esse modo de pedir? Si, dize Chrysost. *Vide prudẽtiam* La mayor necessidad se ha de socorrer primero. No es ambicion pretender para el peligro mas crecido, dexando el remedio del menor para despues. Luego es prudencia pedir para si el remedio, y de la hija proponer la enfermedad? claro està, padecen juntamẽte hija, y madre, aquella los dolores q̃ le ocasionaua el mal, esta los q̃ la imaginacion le ofrecia. Llegaua la vna á imaginar, lo q̃ la otra llegaua a padecer; y assi sentia, imaginando la madre, lo que la hija padeciẽdo. Es pues, buscar prudente el remedio para si, y luego para su hija, porq̃ vn mal q̃ se padece, puede se sufrir, pero vno q̃ se imagina, no es possible q̃ se pueda llevar, y assi põgase primero el antidoto en la enfermedad mas necessitada, q̃ es razon de estado de la prudẽcia, remediar los males intolerables, antes q̃ los llevaderos.

Chry ho. 17. de Canan.

XVI. Auiendo de morir Christo S. N. quiso hazer la vltima de su muerte, el vltimo de sus excessos amorosos, y juntando a sus Discipulos en vna mesa, les dio su mismo cuerpo en vianda: fue la ocasion apropósito, porq̃ la noche de la tribulacion, solo cõ la presencia de vn Dios Sacramentado se aliuia. Comiòse à si mismo debaxo de especies de pan, y de vino, y siendo la comida tan grande, q̃ pudiera descuydar, no duerme, sino q̃ se và à vn huerto en cõpañia de tres Discipulos suyos, y se pone a solas en Oracion, para tratar cõ el Padre de sus penas, y remediar, si fuesse possible, sus dolores. O flaqueza de la naturaleza humana, q̃ aun estando vnida con la diuina, temes, y te afliges! Oiò en esta ocasion afectuoso; sudò gotas de sangre acongojado, y pide al Padre, si es possible, le escuse de su muerte: *Pater mi si possibile est, transeat à me calix iste.* Aquellas gotas de carmin encendido, aquesse pedir apassionado; y este rogar al Padre enternecido, ha dado q̃ pensar à muchos. Entre todos, quien mas diuinamente lo reparò fue con estas palabras San Basilio el de Seleucia: *Quid causæ est cur si euidens est victoria, recusetur passio?* La victoria q̃ Christo S. N. auia de alcãçar de la muerte

Matt. 26. 39.

Luc. 22. 34.

S. Basil. Sel. or. 32.

te en la Cruz, era cierta, ó no? No ser segura siendo Dios, es imposible; pues si la victoria es euidente, porq̃ reusa la conquista? Que importa q̃ aya combates de padecer, sino ay duda en el triunfar? Pelee Capitan tan valeroso, quien lleua sabido el buen sucesso de la campaña: no ay duda en el vencer, y ay desaliento en el pelear? Allá en el Caluario, mayor era el aliento de Christo, pues viendose entre vn pielago de penas cõ vna corona de punçantes espinas en la cabeça, como Principe fingido, puesto en vn palo, en cõpañia de dos ladrones, como si fuera malhechor; su cuerpo tan inhumanamente lastimado, q̃ no auia vena q̃ no brotasse sangre, ni parece en èl, q̃ no estuuiesse sentida; entre esta inmensidad de dolores, suficientemente poderosos, para priuar de mil vidas, aqui no se aflige tanto este Capitan diuino, sino q̃ pelea cõ denuedo, y tan esforçado recibe los combates numerosos de sus penas, q̃ el mismo pide al Padre, no q̃ le libre de padecer, sino que se sirua de perdonar a quien assi le maltrata. *Pater dimitte illis. Quid causæ est, cur si euidens est victoria, recusetur passio?* Si la victoria de Christo es tan euidente en vna parte, como en otra: porq̃ se escusa en el huerto, y no se escusa en el caluario? No veis la diferencia? en el caluario padece, lo q̃ en el huerto imagina; y es tanta la diferẽcia q̃ ay de vna pena imaginada, à vna pena padecida, q̃ al imaginar las fuerças se acaban, el coraçon se acobarda, el animo se enflaquece; y al padecer, no ay coraçon cobarde, ni animo sin fuerças. No estraño ya la diferencia, porq̃ en el huerto embistieron à Christo S. N. las penas todas a la imaginacion, en el caluario, a la verdad, y si a la verdad ay fuerças para padecer, al imaginar se acaban, q̃ mucho q̃ sudasse gotas de sangre, que se afligiesse, que se escusasse, si era posible, de morir, *Pater mi si possibile est?*

Luc. 24. 34.

XVII. Obediente el mayor Patriarca, iba a la execucion de vn mandato de Dios, sin dilacion se dispone, sin repugnancia se determina à sacrificar vn hijo, vnico aliento de su vejez. Pone la leña sobre los ombros del joven delicado; y al llegar a la cima del monte en dõde se auia de representar la tragedia, despues de las preuẽciones necessarias, ata las manecillas tiernas a su hijo, lebanta el braço para quitarle la vida. Y lebantando en este punto la consideracion S. Pedro Crisolog. trasformando las acciones, si entendiendo los afectos, declara el sucesso, diziẽdo: Veis al hijo, pues nada padece: veis al padre, pues el lo padece todo: *Patris erat passio ibi to*

Chrys se 10.

ta vbi filius immolabatur. El hijo era el q̃ se sacrificaua, y el padre el q̃ padecia. Estraño modo de glossar. El sacrificio puede hazerse sin dolor? Claro esta q̃ no, porq̃ el mandato era de sacrificio cruento, y en este, el penar es necessario; luego estarà la pena en donde estè el sacrificio. Isaac es quien lleua para ser sacrificado la leña; quien està en el holocausto; a quien aprietan con vna cinta las manos, y quiẽ ha de dar la vida. Abrahan es solo assistẽte à este expectaculo, y ministro deste sacrificio; de quando acà siente mas el ministro, q̃ el paciente? el q̃ es instrumẽto del martirio, q̃ el martir? el q̃ mata, q̃ el q̃ muere? quã importante fuera este sentimiẽto en el ministro, para templar alguna vez el rigor, y no castigar por tema. Diga Chrisologo, q̃ Abrahan ve padecer, no que padece, q̃ es mero executor del martirio; no q̃ es martir, q̃ mata, no q̃ muere. Pero bien dize, delicado discurre como siempre. Abrahan se lleua todo el padecer, porq̃ padece imaginatiuo lo q̃ el hijo sufre innocente: es assi, q̃ de parte de Isaac està el padecer, pero el imaginar està de parte de su padre: Isaac lleua el peso de la leña, pero Abrahan el de la imaginaciõ. Diga, pues, Chrisologo entẽdido, el padre es el q̃ padece, no el hijo: *Patris erat passio ibi tota vbi filius immolabatur.* El hijo lleua la leña, perõ el padre siente el peso: el hijo es el q̃ ha de morir, mas los dolores de la muerte passa el padre: diuidido està esse penar, las penas estan por Isaac, por Abrahan los sentimientos: padece Isaac sin dolores, Abrahan siente sin penas, y assi todo lo padece el padre; porq̃ vn padecer en la verdad, se deshaze tanto a vista de vn padecer en la imaginacion, que solo se tiene por pena, la que se imagina, y no se tiene por dolor, el q̃ se tiene.

XVIII. Pareciòle à aquel gran Filosofo Seneca, q̃ en los casos que sucedian a los hombres, se afligian mas con la opinion q̃ de ellos tenian, q̃ con la verdad de lo q̃ eran: *Plura sunt, quæ nos terrent, quam quæ premunt; & sæpius opinione quam re laboramus.* Mas cosas son las que nos atemorizan, q̃ las que nos atormentan; y assi padecemos mas por temores imaginados, q̃ por penas verdaderas; y la causa es, porq̃ el hombre no atiende tanto a la verdad de las cosas, quanto a la opinion en que las tiene; y como la opinion le atemoriza, lo mas afligido de sus penas, no es lo q̃ obliga à padecer, sino lo q̃ llega á imaginar. De donde viene à ser, prosigue Seneca, que el mayor trabajo q̃ tenemos en las desdichas, no es lo riguroso que traen consigo, sino la sospecha q̃ tenemos dellas: *Plerumque enim* *Sen. lib. 1 Ep. Epist. 13.*

suspi-

suspicionibus Laboramus. Nadie presuma tanto mal en el mal, como en la sospecha que se tiene dèl: no es él quien mas aflige, pues ay muchos males, aunque graues, q̃ sin resistencia se toleran. No viene de aì el mas crecido dolor, el caso, es, q̃ las sospechas nos afligen, y las imaginaciones nos hazen cobardes, q̃ el mal no es tan malo para padecido, como para imaginado.

XIX. Bien penosos son los combates q̃ la imaginacion ofrece, y mas para quien no tiene noticia de su obrar vehemente quiẽ no sabe quanto aflige mas lo q̃ se imagina que lo q̃ se padece, muy facil se rendirà à cõbates imaginatiuos. Procure el entendido conocer el natural de la imaginacion, para que assi viua con quietud, porq̃ mientras viuiere imaginando, no es posible viuir sin padecer.

COMBATE IV.

Die tertia resurget. *Vers.* 33.

Las penas, y la deidad son de parentesco tan estrecho, q̃ puede lucir lo passible à vista de lo diuino.

XX. REsucitarè al tercero dia, dize Christo nuestro bien: *Die tertia resurget*, auiendo dicho muy por menudo lo q̃ auia de padecer. El resucitar cõ virtud propria, es accion solo de Dios; pues como se pone en compañia del padecer de suerte q̃ en vna misma platica se oigã jũtos resucitar, y padecer? busquè à esta duda en otra parte solucion.

Lleua Christo nuestro bien à XXI. tres Discipulos a vn monte; pone se en oracion, transfigurase delante dellos, resplandece como Sol su rostro, blanquea como nieue su vestido, viste se el monte de aquellas luzes, y cõponese de aquellos reflexos. Y bien, para q̃ son tantos resplandores? No lo veis? Auia de recebir Christo la gloria de ser calificado por verdadero Hijo de Dios de boca de su mismo Padre: *Hic est filius meus.* Vistase, *Matt.* 17. 5. pues, de luzes, y adornese con resplandores, no quede piedra en el monte q̃ no presuma de lucida, q̃ para receber glorias de diuino, es menester q̃ aya mucho lucimiento en lo humano. Bien està, pero en el golfo de essas dichas, donde no solo el Padre califica à Christo por su Hijo, sino q̃ el Espiritu S. en los reboços de vna nube le assiste, le oigo hablar con Moyses y cõ mi Elias: *Apparuerunt illis Moyses,* *Vers.* *& Elias cum eo loquentes.* La platica q̃ en aquel golfo de dichas tenian, patece bien delas propositada, segun Chrisost. porq̃ era toda de penas, de dolores, de passion: *Loquebantur de passione,* trataua de lo q̃ auia de padecer. O valgame Dios, y q̃ desazõ es

e tal glorias que le acreditan de Dios y penas q̃ le califican por hõbre; q̃ diferente platica es la del Padre, q̃ la del Hijo; el Padre dize. Este q̃ mirais tan copioso de luzes, y tan abũdoso de fulgores, es mi amado Hijo: E Hijo dize: Yo, aunq̃ aqui me miran tan glorioso, en otro monte me han de ver despreciado; y lo q̃ aqui tengo de glorias, alli tengo de tener de penas; porque este gozar, se me ha de conuertir en padecer. Glorias en platicas de penas; penas entre los sabores de glorias, ò desazonan las glorias, ò no dan lugar a las penas. Ea, dize Chrysost. q̃ aunq̃ parece ser assi, bien careadas estan la platica del Hijo, cõ la platica del Padre, vno q̃ trata de glorias, quando otro trata de penas. Penas son de las que trata Christo en el Tabor, dize Chrysost. pero son penas de gloria: *Loquebantur de passione, id est, de gloria, quam completurus erat in Ierusalem.* Penas son, pero de tanto lucimiento, q̃ a vista de las glorias de Dios campean, y quãdo en el Tabor se desaguan los raudales de toda la diuinidad, pues el Padre, entre luzes de gloria, dize: Este es mi Hijo, el Hijo entre rayos refulgentes se transfigura, el Espiritu S. assiste en el rebozo de vna nube lucida en medio de los golfos glorioſos de vn Padre Eterno de vn Verbo hombre, y de vn Espiritu S. no se ofusca, ni desaparece la gloria del padecer, sino q̃ alli resplandece, y luce: *Loquebantur de gloria.*

Chry. ho. 67. in Matth.

Para q es el proponer glorias de resucitar: *Die tertia resurget*, quando ha dicho penas de morir? si es vno lucimiento, y obscuridad otro, no se podran ver las penas en presencia de las glorias. No importa esso, ajustada està la junta, q̃ las penas son casi del mismo linage, q̃ la diuinidad; y assi, a titulo de parentesco, no se oculta lo vno a lo otro, sino q̃ en presencia de la gloria del resucitar, puede salir en publico el padecer. XXII.

Tratando el Euangelico Profeta Isaias de el Verbo Eterno en casne humana: se pone muy de assiẽto a pintar sus propriedades, y condiciones, sin exceptuar alguna; antes dando clara noticia de todas, trata primero de las q̃ ha de tener en vida, y llegando a significar lo q̃ ha de passar en su muerte, dize: Que aunque serà ella de todas maneras ignominiosa, serà de todos modos glorioso su sepulcro: *Et erit sepulchrum eius gloriosum.* Serà su sepulcro tan glorioso, que deshaga las ignominias de la Cruz. San Geronimo glossa aquestas palabras de esta suerte: *Et est sensus, erit mors eius gloriosa, vt impleatur illud quod Saluator in Euãgelio deprecatur: Pater glorifica me gloria, quã habui, prius quam* XXIII. *Isa. 11. 10.* *S. Hier. ad c. 11. Isa.*

quam mundus esset apud te. Serà glorioso su sepulcro: esto es, en el sepulcro serà gloriosa su muerte para q̃ con esto se vea cumplido lo que Christo pidiò a su Padre eterno en aquella afectuosa oracion, diziendole: Padre, clarificame con la misma gloria, q̃ me clarificaste quando estaua en el inmenso pielago de tu pecho, antes que se criasse el mundo. Buena està la explicacion, hagamos aora el reparo. Que huuo en el sepulcro, que tanto tiene de gloria? Huuo el cuerpo de Christo muerto, vnido a la Diuinidad; pues no es mucho estuuiesse tan glorioso, supuesto q̃ dentro de si tenia a toda la Diuinidad. Es assi, pero la gloria del sepulcro de Christo, no solo le vino por tener en si a la Diuinidad, sino tambien por tener dentro de si el cuerpo de Christo muerto; su sepulcro serà glorioso, no solo porque en él estarà la gloria de la Diuinidad, sino porque assistirà en èl vn cuerpo, q̃ poco antes auia padecido: Verdad es, que aurà vn Dios, pero tambien aurà vn hõbre, aunq̃ difunto, difunto à poder de penas. El sepulcro no se hizo para lo q̃ Christo tiene de Dios, aunq̃ si para lo q̃ tiene de hombre: luego el ser glorioso su sepulcro, de suerte q̃ pueda hazer gloriosa a su muerte, no se toma por la parte q̃ le toca de diuino, sino por lo q̃ tiene de humano. Bien assi, q̃ aquel cadàuer Dios, por los señales que tiene de penas, viene à estar en el sepulcro tan glorioso, q̃ quãdo la gloria de la Diuinidad està vnida con él, no se atribuye su gloria a las de diuino, sino a los achaques q̃ padeciò como humano; porq̃ si la glotia con q̃ Christo pidiò a su Padre, q̃ le clarificasse, fue la gloria de su passion, en sentencia de Geronymo, y esta la pone en el mismo andar que la gloria de ser Dios, se ha de entender, que no solo no se desacredita la vna cõ la otra, sino q̃ campea tanto à vista de lo Dios lo passible q̃ si por estarlo Dios en el sepulcro se pudo llamar glorioso, no se valiò el Profeta para acreditar a Christo de glorioso, de lo Dios a vista de lo passible, sino de lo passible a vista de lo Dios, para q̃ se entiẽda, q̃ las glorias de ser Dios, y las glorias de padecer tienen vn parentesco tan cercano, q̃ entre las mismas glorias de la diuinidad, luce lo passible, sin que lo diuino lo estorue.

XXIV

Los Discipulos mal contentos con este mundo, por no ignorar los impedimentos q̃ podian tener en èl, para passar sin peligro al otro, preguntando à Christo, q̃ señales han de preceder al juizio vniuersal, por quien se venga en conocimiento de q̃ este visible globo fenece, porq̃ dia de tanta cuenta no

les coja desapercebidos. Satisface Christo difusamente a su pregunta: Entre las señales que pone, la mas proxima al riguroso dia, dize ser esta: *Sol obscurabitur & Luna non dabit lumen suum,* Matt. 24. 29. *& Stellæ cadent de cælo.* El Sol mayor Monarca de la luz, acabará entónces su gouierno, no boluerá à tomar la vara de resplandores para regir el vniuerso; desmelenada la madeja de sus luzes se conuertira en assõbro lugubre, lo q̃ auia sido agrado tan comun como lucido: la Luna, luciente farol del passegero afligido, como sustituta del Sol en sus luzes, le seguirá en la perdida de sus hermosos cãdores: las Estrellas, tachones de bruñida plata, con q̃ las celestiales esferas se pulian, parecerá se desauezindan del cielo, como que caen desacomodadas en la tierra, ó como q̃ en el aire se deshazen de sentimiento: nada ha de luzir, todo ha de perder su resplandor: la Luna, el Sol, y las Estrellas. Y porq̃ ha de ser el retiro de essos rayos? el poco lucir de essos resplandores? Chrysost. lo declarò delgadamente: *Tanta* Chry. ho. 1. de Cr. & latr. *enim lux ipsius luminis præclarescet, vt eius radijs lumina clara vincãtur.* La luz de la luz q̃ Christo S. N. traerà en su Magestuoso trono aquel dia, serà tan copiosa, q̃ escurecerà las mas resplandecientes luzes, y no darà lugar a q̃ se diuulguen los mas celestes faroles. Eficaz es la causa del retiro de essos lucientes Planetas. No pondero esso, sino q̃ auiendo significado Christo su obscuridad y diziendo Chrysostomo, ser el resplandor q̃ aquel dia ha de traer la causa, prosiga el Soberano Maestro, declarando, que entre el lucir sus magestuosos rayos, ha de lucir tambien la Cruz, y se ha de ver clara, y patente: *Tunc parebit signum filij hominis.* La Cruz se ha de ver descubierta. No lo entiendo, Si la luz de Christo S. N. es tan resplandeciente, q̃ no ay rayo q̃ no oculte, ni resplandor q̃ no arrincone; como la Cruz ha de lucir à vista de tanto resplandecer? Las Estrellas se ofuscan, el Sol, auergonçado se esconde, la Luna, medrosa no parece, y ha de salir la Cruz con pompa? no ay en Christo harto de luz, para ocultar aquellas luzes? No es esse el misterio dize con viueza Chrysost. sino q̃ la gloria q̃ trae consigo la Cruz, es gloria de Cruz, es gloria de padecer; y assi quando todo lo demas se escurece, y se oculta jũto a los resplandores de gloria q̃ trae Christo: glorias de Cruz, y de padecer a titulo de parientas, le salen al encuentro, y en su presencia lucen, y compiten los resplandores glorioſos de vna Cruz, con las glorias q̃ trae vn Christo, Oid à Chrysostom. *Vidisti gloriam signi, id est, Crucis,* Solis

Solis lumen reddetur obscurum, Luna non dabitur gratia, sed illud lumen, radiabit, & lucebit. Los rayos luminosos del Sol, podrán obscurecerse à vista del luciente esplendor de Christo: La Luna, encoger sus resplandores: las Estrellas, ò vergonçosas, ò timidas, no se atreueràn á desèbolver sus rayos; pero la Cruz, que trae cõsigo glorias de padecer, se verà resplandeciente, y sus glorias luciràn en presencia de las glorias de Dios: *Videbunt filiũ hominis. Parebit signum filij hominis.* Christo, y la Cruz han de lucir à vn mismo tiempo, Christo, por lo q̃ tiene de Dios; la Cruz, por lo q̃ tiene de padecer; Christo, por lo glorioso; y la Cruz, por lo passible.

XXV. Aquella vision de Moyses hemos de ponderar para el pũto: *Apparuitq; ei Dñs in flammâ ignis de medio rubi; & videbat quod rubus arderet, & non combureretur.* Exod. 3. 2. Estaua Dios en la çarça, y no se quemaua, aunq̃ ardia. Tan fatigados estan los ingenios en hazer ponderaciones sobre esto, q̃ no sè como hallar nouedades; con todo hemos de sulcar este pielago, con el arrimo de S. Gregorio el Grande. Estraño cariño! siendo los vezinos tan opuestos, guardarse tanta lealtad. El fuego quema, la çarça no se defiende, y no sale ofendida sin embargo. Tenia à Dios por suyo; como la podia maltratar su enemigo? Pelear llenando à Dios, es vẽcer, si falta, la victoria es desdichada, por q̃ no puede ser permanente: y vencer, para ser vencido, es la vltima desdicha, pues se aumẽta el sentimiento, quanto crece mas la perdida. Conquistan la çarça, y el fuego, y conuiertense en amistad los combates, partiẽdo entre los dos las victorias, y quedando entrambos con triunfos, tan corteses se dan los parabienes de sus victorias, que cõpiten con igualdad en la cortesia, como compitieron en el valor. El vno venera al otro; y como amigos viuen juntos, sin quitarse sus lucimientos. Que nouedad es esta? el fuego siendo de suyo tan actiuo, dà parte de su triunfo à vna çarça? Pelee valeroso, y eche el resto de su poder, q̃ el vencer no tiene duda: en fuerças desiguales no se han de admitir los partidos; y el admitirse, ò es conocido soborno, ò toca en pusilanimidad: cõ el enemigo reparte la victoria, y le dexa viuir en su compañia con lucimiento? quede por lo menos deslucido, ya que no queda sugeto, y confiesse, que es fauor el no deslucirle mas. Como fauor, no es sino aliẽto muy bizarro, q̃ si el fuego no vence a la çarça, y vencida la consume, no es porq̃ le faltan diligencias, sino porque la çarça se halla con valor para poderle resistir.

Quien es esta çarça q̃ tiene tanto valor? Quien esse fuego, que tan poco puede consumir? El fuego es la Deidad, dize S. Gregorio, y la Humanidad, la çarça; las espinas, los dolores, y todo junto vn Dios hombre, q̃ padece; esso es lo q̃ esta vision significa: *Quòd ex illo populo exiret, qui igne deitatis carnis nostræ dolores quasi rubi spinas susciperet.* Ya està el campo declarado. Pongase el fuego, y la çarça en campaña, q̃ si las fuerças parecẽ desiguales, ninguno ha de quedar vẽcido, lucidos si quedaràn; la çarça à de estar lucida, el fuego ha de lucir tambien, q̃ si este es simbolo de la diuinidad, y aquella lo es de padecer; si vno dize rayos diuinos, y otro pregona afanes humanos, no es mucho esten igualmente triunfantes, porq̃ lo passible, y lo diuino, tienen los lucimientos tan iguales, q̃ quando parece q̃ la gloria de ser Dios ha de deshazer a la del padecer, la conserua; y la çarça, que por estar llena de fuego, auia de estar abrasada, se mira tan lucida, q̃ la çarça parece çarça, y parece fuego el fuego; tanta es la hermandad de estas dos glorias, q̃ partiendo lucimientos, sin deslucirse à si, se hazen ver con igualdad lucidos.

S. Greg. Mag. li. 28. mor. c. 5.

XXVI. Dichoso combatir, que tan glorioso llega a vencer. Las penas, por crecidas q̃ sean, si se padecen por Dios, son de mucho valor: no se presuma el padecer despreciado, antes se haga del mucha estimacion, q̃ las penas hazen diuinos, y los vltrages, soberanos. No se deslize vn alma porque padece, antes està todo su lucimiento en padecer; y assi quando Dios la lleuare por esse camino, estimelo, sientase por muy dichosa, y tenga por fauor, el que sea su camino penar.

COMBATE V.

Iesus fili Dauid, miserere mei. *Vers.* 38.

De la nobleza nace la compassion. XXVII

AVnque entendido este ciego en el modo de procurar remedio para sus ojos, pues propone a Christo las obligaciones de la sangre, diziẽdole: *Fili Dauid.* Hijo sois de gran prosapia, de Real Sangre, de nobleza conocida, y luego le dize: *Miserere mei*, cõ padeceos, q̃ es degenerar de noble, delinquir en poco compassiuo. Entendido pretende su salud el auiuio lo miserable, auiendo hecho á lo bien nacido la salua, porq̃ la compassion es tan hija de la nobleza, q̃ para vera vn Señor misericordioso, basta acordarle, q̃ es de sangre ilustre.

XXVIII. Alabando el Profeta Rey a Dios, despues de auerle aplaudido por Rey de las eternidades,

des, por justo en sus determinaciones, poderoso en sus obras, admirable en su gloria, y en su suauidad abundoso, prosigue, diziendo. Todo esto es materia de alabança, porq̃ todo es grande. pero quien se llena la primacia, viene à ser la cõpasion: *Miserationes eius, super omnia opera eius.* Lo mas grande q̃ ay en Dios, es lo compasiuo. Brauo encarecimiento! Examinemosle, para q̃ salga mas acrisolada la verdad. En Dios ay algo menor? No, esso es llano, porq̃ todo quanto ay en Dios, es Dios: Pues si en Dios es todo igual, nada podrà ser mayor, claro esta, q̃ la mayoria dize relacion a alguna cosa inferior. Sino ay menos, es imposible auer mas, no auiendo menos, ni mas, la igualdad es necessaria: Luego si es Dios, quanto ay en Dios, quanto ay en Dios es igual: como Dauid adelanta la compasion a los demas atributos: *Miserationes eius super omnia opera eius?* Aduertida es esta preeminencia, dize Berengosio Abad. Indubitable es ser Dios, quanto ay en Dios, y por essa parte no tiene mas vn atributo, q̃ otro, pero apropiase a la cõpasion, la primacia, porq̃ le dà a conocer mas q̃ los otros atributos. Veis el dilatado espacio de essa celestial esfera? testigo es del poder de Dios. Contemplais lo prouido del vniuersal gouierno? atendeis a la hermosa disposicion del Orbe? reparais en la fabrica de Adan, resunta de los atributos de Dios, pues se miran alli todos ocupados, el consejo, en la determinacion cuerda de hazer: la Omnipotencia, en criarle: la Sabiduria, en formar de vn poco de poluo, vna viua imagẽ de Dios: la Iusticia, en elegirle entre todas las criaturas, dueño, y señor dellas: la Liberalidad, en franquearle tanto? pues aun q̃ todo esto es Dios, y obras suyas, no le dà tanto a conocer, como solo vn acto de compasion. Iusto es q̃ vn linage tan antiguo como el de la diuinidad, haga proezas, y q̃ se cuenten del facciones grandes, ha criado el mundo, ha fabricado los cielos, ha hecho a su semejança el hõbre: Gran cosa! pero es parto tan consiguiente a vn solar antiguo la compasion, q̃ ella sola es el hijo primogenito de la nobleza; por ella se conoce lo ilustre de vna prosapia, antes q̃ por otras facciones, q̃ puedan hazerla grande; y assi Dauid, auiẽdo hecho mencion de los atributos de Dios, por el mayor pone a lo compasiuo, porq̃ aun q̃ se originan de vn principio todos, siendo la diuinidad de tan antigua nobleza, era forçoso q̃ tuuiera el primer lugar la compasion: *Et merito quidẽ* (dize Berengosio) *misericordia Dñi*

Psal. 144. 9.

super

Berengos. Abbas in *super omne opus extollitur: per quam seruus liber efficitur, debilis erigitur, humilis exaltatur, infirmus sanatur, mare sedatur, possessus à damone liberatur.* Con razon se adelanta a los demas atributos la misericordia, porq̃ es en miserias su empleo, y su trato, en desuenturas, y assi sea la mayor calidad en la nobleza, quiẽ de esse modo sabe cõponer lastimas, y reducir à mejor estado desdichas.

XXIX. Dexò Christo el ser Dios en aprecio del hombre (dize S. Pablo) dexò el ser poderoso, y cõ los desprecios q̃ tuuo, se amenguò tanto, q̃ de parte de el hõbre tuuo diligencias suficientes, para destruir la Deidad, si fuera possible destruirla. *Semetipsum exinaniuit formam serui accipiens.* Perdiò Christo haziendose sieruo, para con los hombres lo magestuoso, lo omnipotente, y lo rico, pero entre estas perdidas tan considerables, no perdio lo noble de su prosapia, ni lo alto de su ascendencia, antes lo conseruò de tal suerte, q̃ en los mayores desprecios, donde podia estar desconocido por noble, q̃ fue en la Cruz, alli es tenido por Dios, y otros en diuersas ocasiones le llamã hijo de Dauid. Que misterio es esse? quando Christo S. N. està en el mundo tan abatido, que perdió toda la estimaciõ de los hombres, y en ella se le quitò a la magestad la reuerencia, a la omnipotencia, el temor, y a la riqueza, el aprecio, como nunca le faltò el conocimiento a lo noble? Ay nobleza sin magestad, sin hazienda? en la riqueza estriua todo. El mundo no conoce lo noble sin lo rico, ni diuisa la magestad, sin lo hazendoso; para èl no ay mas calidad q̃ tener. Pues si la causa de perder el credito lo magestuoso, y de no tenerle lo omnipotente, viene a ser lo necessitado, y por esso se mira abatido; auiendo la misma razon para el desprecio de lo noble, y para el oluido de lo lustroso; pues la necessidad lo deshaze, y no lo dexa conocer, como sobre sale tanto, que viene a ser entre el desprecio, y pobreza, lo noble conocido, y no viene a ser conocida la magestad? Quan dulce me saca del empeño mi Bernardo. Verdad es, que se deshizo à Christo la magestad, con la miseria, la omnipotencia, con el abatimiento, lo rico, con lo pobre; Es tambien assi, q̃ solo el tener sustenta en su ser, y estimacion a la nobleza, y magestad; de suerte, q̃ todo es oluido pobre, y todo conocimiento rico; pero el conocimiento de lo magestuoso, aunq̃ depende de la riqueza, el de lo noble, tanto depende della, quanto de lo con miserable. Anonadose Christo, mas aunq̃ se deshizo en el poder, haziendose pobre, y en la magestad, haziendose despreciado,

Ad Phili. 2.7.

no

no se amenguò en la bondad, y misericordia, antes tomando motiuo dello, a mas desprecios correspondia mas misericordioso, y a mas vltrages, mas compassiuo. No pierda, pues, su conocimiento lo noble, aunq̃ lo magestuoso lo pierda, vna cõpassiua nobleza no puede padecer el achaque de desconocida, aunque padezca el de despreciada. No haze tanto para el conocimiẽto de vna sangre ilustre lo magestuoso, como lo cõpassiuo: Bien podrà ocultarse vn pecho bien nacido, no dandose a conocer poderoso; pero si se exercita en la piedad, el conocimiento es necessario; porq̃ es tan propria de vn pecho noble, q̃ en viendola, no se puede dexar de conocer. Oid a mi Doctor. *Exinaniuit se formam serui accipiens; qui in forma Dei Patris aqualis erat, sed exinaniuit maiestate, & potentia, non bonitate, & misericordia.* En lo que Christo se deshizo, fue en la magestad, fue en el poder, y assi estuuo en opinion de necessitado, y miserable; pero como no se deshizo en la bondad, ni en la misericordia, fue tenido por noble, de sangre Real, y de prosapia diuina, y assi le tuuieron en la Cruz por Hijo de Dios, y en el discurso de su vidá, muchos le llamaron hijo de Dauid: tanto acredita la compassion à la nobleza, que en medio de los mayores desprecios no dexa de darla a conocer.

S. Bern. ser. 1. de Nat.

No se hallaua sola la Esposa diuina; amando, q̃ mucho; No estaua ausente a quien amaua, era Dios, como lo podia estar? hazia del ausẽte, quizà para ser mas estimado. No parecia, aunq̃ estaua al lado, con q̃ hazia padecer a su Esposa. Vn Dios q̃ se presume ausente, no es mucho haga padecer. Llamale cõ amorosas caricias, conuocale cõ delicadas razones, y cõbidale cõ breues, si entendidas palabras, para q̃ vayan a poblar los campos, y a hazer habitaciones en las villas. No era mal gusto el de la Esposa, si es q̃ la soledad dà mas licẽcia para gozar de vn Dios querido: *Veni dilecte mi, egrediamur in agrum, commoremur in villis.* A las villas quiere lleuar la Esposa aun Esposo Rey? En los campos quiere q̃ haga su habitacion vn Monarca? viua en las ciudades, y estè entre las gẽtes. Tal vez es diuersiõ del cuidado, y aliẽto de la fatiga la comunicaciõ mas peq̃ña; pero hazer assiẽto en lo torto, desazonado gusto es. No lo põderèmos tan a lo grosero, lleguèmonos mas al espiritu. El alma perfecta es la q̃ habla aqui, dize S. Amb. a quiẽ llama, es el Verbo diuino, lo q̃ le pide es, q̃ baxe del seno de su Eterno Padre al mũdo: *Quasi perfecta non pro se, sed pro alijs interuenit, vt de sinu Patris exeat,* Estraña peticion para quien dize que

Cant. 7. 11. XXX.

tiene

tiene voluntad. El amor siempre es pretendiente de las medras del amado, intẽtar quitarlas, no se sufre en las leyes del afecto. El Verbo está en el seno de su Eterno Padre lleno de magestad, y de gloria: tiene por morada los cielos, por asiento Cherubines, y Angeles por miníctros. La tierra es aluergue mas pequeño para lo diuino, y estancia mas limitada para lo Dios. Quererle traer a lo menos de lo mas, no parece q̃ es quererle. Si lo haze por gozar de lo q̃ estima, no lo estraño, q̃ el ausencia en el amor, es insufrible desdicha. Para esso mas facil es pedir q̃ la lleue consigo al cielo, pues es tan poderoso, q̃ lo puede hazer, q̃ no obligarle cõ suplicas de amor, a q̃ se baxe a la tierra. No es esse caso, dize S. Ambr. sino q̃ el alma conociẽdo las miserias q̃ auia en toda la naturaleza humana, viendola perdida por la culpa, puso en el Verbo los ojos con intento de obligarle a q̃ lo remediasse; hallòle Hijo de vn Padre Dios, puesto en solio de magestad, y discurre assi entendida: tanto grande en el cielo, y tanto miserable en la tierra: tanto q̃ remediar en el mundo, y el Verbo diuino tan quieto: mucho de Hijo de Dios, y viendo tanta materia de lastima, dilatar assi el cõ dolerse, mucho es. Ea, Señor, le dize enamorada, baxad al campo dilatado de la tierra, solo porq̃ estais en el cielo: poned termino a las cuitas, solo porq̃ sois bien nacido: baxad a remediar al hombre solo porq̃ sois Hijo de Dios, q̃ si por Hijo de tal Padre os es deuido esse puesto, por Hijo de tal Padre teneis obligacion a ser condolido. No ay cosa q̃ assi os pueda obligar a misericordia, como veros Hijo de tanto Padre, porq̃ lo piadoso, siempre nace con lo noble: vuestra nobleza os ha de mouer a piedad: vuestra magestad a compassion; y todo junto a q̃ seais hombre para curarle de las llagas q̃ tiene, para sanarle sus heridas; porq̃ como el compadecerse, es tã proprio de la nobleza, a titulo della se ha de pretender la cõpassion: *Egrediens currat viam, vt infirmos lucretur non in illo secreto patris solio, & in illa luce immoretur.* Estarse lo noble en su magestad, y lo soberano en assiento, justo es; pero pudiendo hazer diligencias compassiuas, ò no hazerlas, ò dilatarlas, como en ellas se gana tanto credito para lo noble, sin ellas pierde la reputacion. S. Amb. li. de Isaac & an. 68.

XXXI.

Grande obligacion tiene vna nobleza quando se mira cõbatida de miserias agenas, a compadecerse, y remediarlas. No hazer vn pecho noble lugar á vna desdicha, es no serlo, desecharla, accion indigna de vna sangre q̃ tiene presunciones de

buena:

buena: q̃ haze lo ilustre para hazerse conocido: si no buelue los ojos a la desuentura del proximo? comer mas? es de ignorantes, vestir mejor? es de desconocidos, tener mas hazienda? es ventura, saber gastarla? es prodigalidad. Pues como se ha de conocer vn noble? siendo siempre compassiuo. La compassiõ, es obra q̃ nace del animo; forjase de la sangre mas lucida q̃ tiene el coraçon; animase con lo esclarecido de vna prosapia; y assi la piedad es el mayor testigo q̃ tiene la nobleza en su abono.

VICTORIA.

Respice. *Vers.* 42.

El fin victorioso de la espiritual conquista, se conoce en el aliento con q̃ el soldado Catolico la empieza.

XXXII EL Sapientissimo Idiota, en aquellas reglas q̃ trae para enseñar al soldado de la milicia Christiana como ha de salir siempre victorioso de todo genero de encuentros, por cuidado q̃ tẽga en ellos el demonio, dize en la vltima regla: *Vt in tentationibus semper in principio occuras.* El soldado Catolico, q̃ no empieza animoso la espiritual cõquista, como puede tener fin dichoso en ella? La victoria, en el empezar la pelea se conoce; si el animo falta a los principios, como puede tener aliento en los fines? Mucho haze quien empieza a pelear cõ valor, porq̃ acaba de vẽcer, quãdo empieza a pelear: al principio es quãdo se conocen las victorias; y assi quando se empieza, se han de remediar los daños con q̃ el enemigo amenaza; que si la victoria arguye toda felicidad, empezando vn soldado dichoso, no puede acabar desgraciado. Quando el soldado Catolico sintiere el cõbate de la tentacion, no dilate el ponerse esforçado en campaña: empiece luego a resistir, tome sin dilacion las armas, para pelear, no de lugar a q̃ se apodere algo el enemigo, procure luego desecharle porq̃ saliendo valeroso à los principios, se pueda dezir, q̃ antes empieza a vencer, q̃ a pelear. Ingenioso discurre el Idiota, y es aquesta la ocasion. Si el fin afortunado de la victoria, consiste en el principio valeroso de la pelea, para dezir q̃ vençan la tentacion, no ha de dezir, q̃ vençan, sino q̃ empiecẽ luego con valor a pelear: peleen valerosos, q̃ esso es vẽcer afortunados; porq̃ el fin victorioso de la espiritual conquista, se conoce en el aliento con que el soldado Catolico la empieça.

Dichoso acaba el ciego su pretension, pues queda con vista. Conociòse achacoso de los ojos, no se hallaua con fuerças xxxiij.

para

para pelear contra su achaque: sintiò venir à Christo, y presumiendole poderoso, para ayudarle en su conquista sin dilatarlo vn punto, empieça, luego que le siente, a pelear, solicitando en lo clemẽte de su pecho, con animosos alientos su remedio. Y apenas empieza a pelear cõtra la falta de vista, quãdo, saliendo victorioso, la alcãça. *Respice*, le dize Christo S. N. no es pequeño lustre de vn negociante, solicitar el negocio desuerte q̃ venga a salir del cõ lucimiento. Buen fin tiene su deseo, pero q̃ mucho, tuuo buẽ principio. Empieza la pelea cõtra el no ver; y empieza llamãdo a Iesus, hijo de Dauid, y creyendo juntamente q̃ es Dios: segu-ro pelea quien assi empieza á pelear; bien se puede prometer la vista desde luego, empezando tan valerosamente armado a conquistarla. Armas de Fè pueden mucho, y empezar a pelear con ellas, es alcançar en el mismo empezar la conquista, la victoria, porque el fin dichoso de vna campaña, en el buen acierto del principio consiste.

xxxiv. El Profeta Ieremias tratando de la esclauitud q̃ el Pueblo de Dios tuuo en Babilonia, en sentido mas comun, despues de auer significado a los cautiuos, que pidiessen a Dios reparo para sus miserias, no con palabras que pronunciasse la lengua, sino con razones q̃ destilasse el coraçon con los ojos, haziendo dellos dos copiosas fuentes, para que sus lagrimas solicitassen mas facilmẽte clemencias, y para que hechos mudas lenguas los parpados, en cada gota que derramassen, pronunciassen vna palabra, q̃ atrauesasse el clemẽtissimo coraçon a Dios, para q̃ viendo su afligido penar, remediasse mas luego su dolor. Despues de este modo tan entendido de pedir, donde el alma mas sin sospecha muestra la verdad de lo que siente, dize vnas palabras, q̃ no padecen dificultad muy pequeña: *Lauda in nocte, in principio vigiliarum.* Alaba en la noche, en el principio de las vigilias: alabar en la noche de la aduersidad, aunque tiene poco de costumbre, tiene mucho de acierto. No vsar de la alabança solo para la dicha, es perfeccion; en la prosperidad suele ser interès alabar; en lo siniestro, el aplaudir es conocido amor. Passemos adelante, q̃ el misterio no está en esso, sino en lo q̃ se sigue. *In principio vigiliarum*, alaba en el principio de las vigilias. Que vigilias son estas, q̃ tan luego merecen el aplauso? Procopio Abad me lo enseña. Estas vigilias, dize, son quatro, y en ellas se significan las quatro edades de el hõbre, q̃ son, adolescencia, juuentud, edad

Thren. 3. 19.

edad perfecta, y senectud: *Quatuor vigilia, sunt quatuor etates adolescentia, iuuentus, virilis etas, & senectus.* La dificultad se aumenta con la misma exposicion. Si essas vigilias significan las edades, como dize el Profeta q̃ se alabẽ al principio? *Lauda in principio vigiliarum.* Si estas vigilias sõ las edades q̃ tiene en el discurso de su vida el hombre, y el desde que nace en la campaña deste mundo, empieza à ser soldado, porq̃ nace para viuir en vna vida q̃ es toda guerra, como dixo el Principe Paciente, dezir, q̃ le alaben en el principio, es dezir, q̃ en assentando plaça de soldado le alaben: q̃ en la adolescencia le aplaudan, y q̃ en tomando las armas en la mano le tenga por vencedor. Esto es improprio, porq̃ los elogios hizierõse para el fin, no para el principio; para lo cõsumado, no para lo principiante; para quien es ya victorioso, no para quien empieza à pelear para serlo; solo al acabar es deuido lo loable. Consultad al Ecclesiastico, y lo vereis: *Ante mortem ne laudes hominem quemquam.* Ningun soldado de la Milicia de Dios, se ha de alabar antes de morir, por esforçado q̃ sea. Las edades de la vida no son para alabadas, para despues della se hizo lo aplaudido, no para sus primeros passos; essa es anticipada diligẽcia, y consiguientemente peligrosa. El q̃ alaba sin tiempo, arriesga mucho: hazer Panegiricos sin sazon, es para quien los admite, desayre, y para quiẽ los haze, descredito. La variedad de la vida es grãde, y puede ser oy materia de alabança, lo q̃ de vituperio mañana: Luego improprio es alabar los soldados de la cãpaña espiritual al principio de la cõquista, auiendo de ser la alabança despues de auer salido del vltimo combate con victoria. Legitima es la razõ, pero atendiẽdo à q̃ el Profeta habla de los principios perfectos, tiene facil inteligẽcia su dezir. La edad primera es la de mas aliento; en el impetu primero, se suele mostrar mas el valor; los verdores de la vida, son los q̃ cõ mas gallardia se reueluen, y los q̃ con mas esfuerço se empeñan. Assi, q̃ essa bizarria de animo tiene quando es perfecto lo primero? Pues alabese el soldado en el principio: *Lauda in principio.* En los primeros acometimientos de la virtud se alabe, quando empiezan à nacer los feruores del espiritu; quando se empieza à mitigar la carne, entonces puede alabarse sin cẽsura, q̃ empezando feruoroso el soldado Catolico la cõquista de la virtud, ẽ esse modo de ẽpezar perfecto, se conoce el fin q̃ ha de tener victorioso; y si en los alientos de quiẽ empieza, se conoce el buen sucesso de quiẽ acaba,

Prou. Ab. Possil. hic.

11.

caba, alabese el principio, que si la alabança es deuida al fin con q̃ se acaba dichoso, pronosticandose essa dicha en el principio perfecto digno es de alabarse en él Soldado, quando le tiene valeroso; porq̃ esse valor con que empieza à pelear, assegura la dicha de el vencer.

Pretendiente de la amistad de su hermano iba Iacob: rezeloso le tenia el sucesso de la bendicion, pero no cobarde, pues se resuelue à conquistar el afecto de Esau, quãdo se juzgaua mas ageno de gracia. Quedôse despues de diuersas diligencias, solo, diuertia con las imaginaciones de su dicha la memoria; q̃ lo acordado, sino es de gusto, affligen tan demasiadamente, que no puede passar sin consuelo. Consolaua su afliccion, cõ esperãças de ser admitido de su hermano con cariño. No era el esperar desacordado, siendo pretendiente liberal, q̃ lo dadiuoso, solicita mucho, porq̃ es medio sazonado para todo. En estas suspẽsiones se hallaua el Patriarca, quando se viò, sin pensarlo, combatido de vn Angel, q̃ si tenia aspecto de hombre tenia los alientos de Dios: *Ecce vir luctabatur cum eo.* Continuòse por algun espacio la lucha, viendose esta vez el esforçado humano, con presunciones de Diuino. Tocòle el Angel, dexòle cojo, ó de pesaroso de verle tan alentado, ò lo q̃ mas es, de preuenido, para dexar seña de lucimiento tanto. Vè el Angel q̃ ni aun herido se sugeta; y porq̃ no se malogre su valor, le confiessa victorioso, y pide, como rendido le dexe: *Dimitte me.* Respõde, q̃ no le ha de dexar Iacob: *Non dimittam te.* Explicando Chrysostomo esta respuesta, dize: *Sẽtiens igitur iustus magnitudinem virtutis eius qui hæc sibi dixerat, dixit minime te dimittam.* Pide el Angel a Iacob q̃ le dexe: siente la grãdeza del Angel, lo mucho de su poder, y lo esforçado de su valor, y no le quiere dexar. Dexadme ponderar este pũto. Nadie se hizo mas valiente, por conocer en el cõtrario mas valor, antes suele acobardar esse conocimiẽto. Quãdo el esfuerço està en duda, animase vn coraçon, porq̃ la contingencia en el vencer, dà mas aliento en el pelear; pero siendo la distancia aueriguada, y presumiendo vn pecho de menos esforçado, cõfessando en el enemigo ventajas; el rendirse, es valor; el porfiar, temeridad: pues en riesgos conocidos, y en ventajas cõfessadas, sugetarse es la victoria. Siendo Iacob entendido, como se pone en contingencias de temerario? queriendo proseguir en la lucha, cõbidandole el mayor esfuerço con la paz. Cõ vn poderoso, no ay que resistirse, pues por bien q̃ se salga de sus manos,

Gen. 32. 24.

Chry. ho. 68. in Gen.

manos, nunca ha de faltar que sentir. El partido de lo grande, siépre ha de ser admitido, porque el hazerle, suele ser, ò lastima, ò aficion. Obedezca Iacob, dexe al Iouen cõ quien lucha, contenteſe con verſe rogado de vn Angel. Pero no (dize Chryſoſtomo) no le dexe, q̃ ſi el conocerle poderoſo, auia de ſolicitar ſu obediencia, eſſo mismo llega a eſtorbarla. Vioſe embeſtido el Patriarca de vn Angel; ſintiò a los primeros encuẽtros ſu poder: hallóſe con fuerça para reſiſtir; y aunq̃ ſe miraua deſquadernada la pierna, no el valor, pues porfia con entereza en la lucha, como ſino tuuiera el acha que en la pierna. Aſsi, que con tantos aliẽtos empieza a luchar el Patriarca, que ſiendo vn Angel, aunque en trage humano, quien le combate, ſe opone a ſu poder ſu valentia, y ſin embargo de auerle puesto cojo, ſacando de la miſma flaqueza mas eſ fuerço, a mas poder, ſe halla cõ mas reſiſtencia? pues eſforçado, proſigue, y entendido, no obedece: que auiendo empeçado la lucha tan dichoſo, no puede ſer en la victoria deſgraciado; no dexe al Angel; que no puede dexar de tener el campo por ſuyo, quien ha entrado con tan buen pie en la refriega: proſiga haſta llegar al fin de la victoria, dandole aliento contra el eſforço de vn Angel, el auer empezado bien la lucha; que fuera mengua de vn valor, auiendo empezado tan animoſo, no proſeguir aſſegurado: porque lo glorioſo del fin, tiene tanta ſeguridad en lo acertado del principio, que en viendoſe Iacob con principios de alentado, tuuo por cierto el mirarſe victorioſo.

Dexèmos el empeño de eſta campaña, con vnas palabras q̃ eſcriuiò la pluma de Ambroſio. El entendido no ha meneſter aguardar al fin de las acciones, para ſaberle, porque es el principio, indice de todo fin; deſueleſe el ignorante, aguardando a lo que ſucede en los empeños de importancia, para ſaber como han ſido: que à menos coſta que eſſo, el que es entendido lo ſabe, librandoſe del cuidado, y no padeciendo el dolor del eſperar, pues lo q̃ à fuerça del tiempo alcança el vno, à fuerça del diſcurrir, penetra el otro. Mira el poco atẽto el fin, para mirarle: y el aduertido, a la primera licion le comprehẽde, porque lo primero, es preſagio claro de lo vltimo; y quien ſabe conocer los rudimẽtos de vna accion, en ellos halla el fin que ha de tener: *Eſt etiam principium bonorum operum, finis optimus*, dize, no menos entendido, que breue Ambroſio: Con ſeguridad acaba, quien con perfeccion empieza: No deſcaeza xxxvj.

S. Ambr. lib 1. Examer. c. 4.

quien se vè al principiar con ventura, q̃ no parece possible tener desastrados fines, auiendo tenido principios venturosos.

xxxvij. O tu soldado Catolico, qualquiera que seas! como te precies de conquistar en la espiritual campaña, alistado en la vãdera del Capitan Iesu Christo, recibe con aliento los combates que en esse campo se te ofrecieren, y con esfuerço las dificultades, para que assi tengas los fines dichosos, que en esta campaña tienen los soldados que pelean con valor, que son coronas de gloria eterna; y si quisieres saber el fin que has de tener en el vencer, mira al principio como te empeñas en pelear. Si empiezas con aliento el camino virtuoso, tente por dichoso desde luego, con tal que esso no te desuanezca, sino que te haga mas reconocido, no mas descuidado. La vida es principio de la muerte; si quieres saber como has de morir, que es donde se dà la palma de la victoria: mira como viues, que es donde se trata de la pelea. Viuir à lo delicioso, y assegurarte morir mortificado, es ignorancia, que si el fin se pronostica en el principio; de vna mala vida, vna mala muerte se puede tener: si empiezas feruoroso puedes proseguir sin rezelo pero sino tuuiste principio de virtud, que no se frustrasse luego que fin te puedes prometer? Disponte para empezar bien esta batalla, ello es forçoso pelear, para llegar à vencer. Pues es forçosa la conquista, empieçala con esfuerço, porque assi llegues a la victoria, aduirtiendo, que para vencer, no te has de fiar en tus fuerças, sino en las de Christo Señor Nuestro Capitan diuino, que es el que rige las armas de toda esta espiritual milicia, y debaxo de cuya proteccion se alcançan las victorias, como dixo el Apostol: *Deo autem gratias qui dedit nobis victoriam per Dominum nostrum Iesum Christum.* 1. Cor. 15 57. Que si assi conquistas, si assi peleas, assi vences, y assi triunfas, empezando à gozar en esta vida premios de gracia que tienen su fin sin fin en la gloria, *Ad quam, &c.*

(:?:)

FIN.

Sub correctione Sanctæ Matris Ecclesiæ.

APLICA-

APLICACION
DE LOS COMBATES
DE ESTA CAMPAÑA A LAS FERIAS mayores de Quaresma.

La C. significa Conquista, y la N. numero.

CENIZA.

COMBATE I.

Puluis es. Ya eres poluo: parece errado dezir. Serás poluo, parece mas proprio. Esto es de quien ha de morir, aquello, de quien es ya muerto. Pero bien dize, ya eres poluo, porque la Iglesia, para que no se sienta el morir, quiere que se traten los viuos como muertos, y assi los dize, trataos como muertos, viuos, *Puluis es*, porque assi no sintais quando llegue la muerte, el morir. *Empeçarse à morir en lo mas sazonado de la vida, haze tragar sin disgusto la amargura de la muerte*, conquista 12. num. 16.

COMBATE II.

Cum ieiunatis, nolite fieri sicut hypocritæ tristes Matth. 6. 16. *En este mundo, todo es hipocresia*, conquista 10. num. 1.

COMBATE III.

Tristes. Aunque es penalidad el ayuno, y causa dolores la mortificacion, ni lo vno, ni

lo otro ha de causar tristeza, ni sentimiento, porque todo se acaba, y *Males que tienen fin, no han de sentirse*, conq. 10. n. 25.

COMBATE IV.

Faciem tuam laua. Desazon causa el ayuno, desabrimiento la mortificacion; pero en medio de essa azedia, pide Christo rostos regozijados, y alegres. *Faciem tuam laua.* Assi se conoce lo acrisolado de la virtud, viendola gustosa en la pena, y alegre en las ocasiones de sinsabor. *El mayor lucimiento de la virtud, consiste en gustar del disgusto*, conquista 11. num. 1.

ENEMIGOS.

COMBATE I.

Diligite inimicos vestros, bene facite his, qui oderunt vos: & orate pro persequentibus, & calumnianti-bus vos. Matth. 5. 44. Tres cosas, dize Christo, que se hagan con los enemigos y todas son interiores. Dezis, que no se puede amar al enemigo. sin hablarle; si puede. Dios no manda que se hable, si de ello se ha de seguir daño. Bien se puede amar sin dezir; sin pronunciar, se puede orar; y sin hablar, hazer bien: antes se mejora assi el querer. *El amor ha de ser callado*, conquista 5. num. 10.

COMBATE II.

Diligite. Iusto es quien ama à su enemigo, pues es hijo de Dios: quien es enemigo del justo, es pecador, y con todo manda Dios que se ame, *Diligite.* Por fauorecer Dios al justo, con que sea hijo de Dios: *Vt sitis filij patris vestri*, fauorece al pecador, con que sea amado del justo. *Por fauorecer Dios a vn justo, fauorecerà a vn pecador*, conquista 10. num. 13.

COMBATE III.

Diligite. El Iuez, aunque castigue la culpa, no ha de mirar como a enemigo al delinquente, sino castigarle con agrado, como si fuera amigo. *El Iuez ha de vsar de la justicia con amor*, conquista 12. num. 27.

VICTORIA

Diligite. Pintauan los antigos, vendados los ojos al amor. No puede ver vn ciego, y para amar a vn enemigo, no verle es el medio mejor. El que ofende, ha de procurar, que no sea vista

vista su ofensa, porque assi llegue à ser amado, quien pudiera ser aborrecido. *Para conquistar el ofensor el perdon del ofendido, ha de pelear de suerte que no vea el agraviado la ofensa*, conquista 12. numero 34.

DOMINGO I.

COMBATE I.

Tunc Iesus ductus est in desertum à spiritu, vt tentaretur à diabolo, Matt. 41. Pondera el *Tunc*, despues de la felicidad del Iordan, và a la tentacion del desierto. *La desgracia consiste en la dicha*, c. 9. num. 1. & 2.

COMBATE II.

Angeli accesserunt, & ministrabant ei. Los Angeles le sirven despues de auer sido tentado, *La dicha consiste en la desgracia*, c. 9. num. 9.

COMBATE III.

Tunc Iesus ductus est in desertum. Angeli accesserunt. Despues de la dicha del Iordan và a la tentacion del desierto, y despues de la tentacion del desierto Angeles le sirven. *La dicha consiste en la desgracia, y en la desgracia la dicha*, c. 9. num. 11.

COMBATE IV.

Angeli accesserunt. Llegaron a seruir a Christo los Angeles en el desierto, no fuera mejor le sirvieran en poblado? No que fue premio de la victoria el seruirle, y el vencer fue virtud, y los justos se corren de sus lucimiẽtos, y assi como empachoso Christo los retira, y oculta de los ojos humanos. *Empachase el justo de su virtud*, conquista 13. num. 25.

VICTORIA

Vence Christo al demonio, que mucho, si aunque no necessita de fé, haze como que pelea con las armas: *In omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Rabano lo explica assi: *Procedere autem Verbum de ore Dei dicitur, cum voluntatem suam per scripturarum testimonia reuelat*, in Cathen. D. Thom. La palabra que procede de la boca de Dios, es la que reuela por sus escrituras, dize Christo, quien cree la palabra diuina, y con la fe de su verdad pelea, vence. *Quien pelea con armas de fé no ha menester las del poder para salir victorioso*, conquista 8. num. 32.

MIERCOLES II.

COMBATE I.

Volumus à te signum videre, Matth. 12. 38. Acaban de ver a Christo sanar vn endemoniado, y pidenle señales. Piden impacientes lo mismo q̃ tienen, y tienen lo mismo q̃ piden, pues estando viendo señales desean

sos, piden vedlas. Quan mal sufrido es el hombre! *Ni tiene humor para tener, ni para esperar*, conquista 13.n.14.

COMBATE II.

Sicut enim fuit Ionas in ventre ceti tribus diebus, & tribus noctibus, sic erit filius hominis in corde terræ. Quiere que hagan penitencia, por esso les dize à de morir; la penitencia es dolor, para hazerseles tolerable, se les propone mortal, acertado anda, porque. *A vista de Christo muerto, todo dolor se facilita*, c.11.n.6.

COMBATE III.

Condemnabunt eam. Condenarán à estos los Niniuitas; porq̃? Si pecaron aquellos, y estos pecan, aquellos porque no se cõdenaron? estos porque se han de condenar? Aquellos pecaron tentados, estos afectuosos, *Volumus*, no es mucho se saluen vnos, y se condenen otros: *Aunque to la culpa merece castigo, es mas remissible quando el pecador la executa tentado, que quando la comete afectuoso*, conq.13.n.19.

COMBATE IV.

Surgent in iudicio cum generatione ista, & condemnabunt eam. Auiendo juizio, no es mucho aya condenacion, que siendo Dios el que preside en él, no puede dexar de condenar culpados; porque alli esta obrando como Dios, y *En Dios todo es rigor, quando obra como Dios, y no como padre y señor*, conq.1.n.11.

VIERNES II.

COMBATE I.

Erat autem quidam homo ibi triginta & octo annos habens in infirmitate sua, Ioan. 5.5. *Gran cosa es padecer, porque se ama, y no porque se merece*, conquista 2. num. 21.

COMBATE II.

Triginta & octo annos. Mucho padeceria en tanto tiempo, es simbolo del pecador, y aunque padece no siente, y assi se està tan de espacio. *El mal de la culpa, aunque se padezca, no se siente sin la luz de la gracia*, conq. 12. num. 9.

COMBATE III.

Vis sanus fieri? Viole, compadecioseles luego de su mal, sanole; que mucho, era noble; era hijo de Dauid. *De la nobleza nace la compassion*, conq. 14.n.27.

COMBATE IV.

Ecce sanus factus es: iam noli peccare, ne deterius tibi aliquid contingat. No se ha de oluidar vn pecador que lo fue, porque se vea sano del achaque de la culpa. *La culpa, aunque falte de la voluntad, no ha de faltar de la memoria*, conq. 11. n. 11.

DO-

DOMINGO II.

COMBATE I.

Faciamus hic tria tabernacula. tibi vnum, Moysi vnum, & Elia vnum, Matt. 17. 4. *Confunde Dios tanto la virtud con la Deidad, que es facil tener à vno por otro,* c.3.n.1.

COMBATE II.

Nubes lucida obumbrauit eos. Puede ocultar Dios sus glorias perdonando, pero no castigando, conquista 1. num. 16.

COMBATE III.

Faciamus hic tria tabernacula. Fue ignorante esta peticion dize San Lucas: *Nesciens quid diceret,* cap. 9. vers. 33. Ignorancia es pedir estar en la gloria? Si; q̄ la del Tabor era gloria transeunte, medio solo para alcançar la permanente, y querer hazer gloria permanente de la transeunte es ignorācia. *No se ha de hazer gloria de los medios para alcançarla,* conq. 9. n. 30.

VICTORIA.

Vioſe Christo Victorioso en el Tabor, derrama luzes, y desperdicia Auroras, aclama el Padre su victoria llamandole hijo: *Hic est Filius meus:* al aparato deste triunfo, assisten hombres, y Dios; el padre q̄ aclama, Moyses, Elias, y los Discipulos. Acertada junta para que no sea sospechosa la victoria. *Entonces se puede tener por victoriosa la virtud quando Dios, y hombres, juzgan e, su favor,* conq.6.n.31.

MIERCOLES III.

COMBATE I.

Ecce ascendimus Ierosolymam: Matth. 20. vers. 18. *Ni quiere Dios a los suyos alegres en los bienes, ni tristes en los males,* conquista 14. num. 1.

MIERCOLES II.

Die tertia resurget. Las penas, y la Deidad, son de parentesco tan estrecho que puede lucir lo passible, à vista de lo diuino, conq.14.n.20.

COMBATE III.

Non est meum dare vobis sed quibus paratum est à Patre meo Aunque eran parientes de Christo, no eran a proposito para estar en aquellos puestos, pq esso no los pone, si los superiores aunque los pretendientes fueran amigos, no siendo à proposito, dixeran: *Non est meum dare vobis,* estuuieran bien gobernadas las Republicas. *El oficio se ha de dar a la capacidad, no à la persona,* conquista 7.num.25.

VICTORIA

Ecce ascendimus Ierosolymam, tertia die resurget. En la Campaña espiritual donde se merece quando se pelea, el pelear es vencer, c. 10. n. 31.

VIERNES III.

COMBATE I.

Peregrè profectus est. Matth. 21. Era este hombre que planta la viña, Dios, estos a quien se la dio eran malos, y ausentase dellos. *Es tan peligrosa vna mala compañia, que hasta el mismo Dios la escusa*, c. 10; n. 18.

COMBATE II.

Misit ad eos Filium suum. ' *Auferetur à vobis Regnum Dei.* Esto es rigor, quitarles el Reino, aquello piedad, embiarles su Hijo para darsele, y lo vltimo que se les propone es el rigor. No fuera mejor la piedad para que estuuiera mas fresca en la memoria? no. Antes sea por esso lo vltimo que proponga el rigor, porque si huuieren de oluidar algo de Dios, sea de la piedad. *Auiendo de oluidar el hombre a Dios, menos malo es oluidarle misericordioso, que justo*, c. 1. n. 21.

COMBATE III.

Misit ad eos filium suum. Auferetur à vobis Regnum Dei. Esto es pena, quitarles el Reino, aquello gloria, embiarles su Hijo para darsele, y para reducirlos a la verdad; como oluidado de la gloria que podian esperar, les propone como medio mas eficaz à lo vltimo la pena q̃ pueden temer? Quan bien! siendo assi que, *pueden mas penas temidas, que glorias esperadas, para reducir almas*, conquista 1. n. 1.

COMBATE IV.

Auferetur à vobis Regnum Dei, & dabitur genti. Las gentes parecen los malos, los idolatras, los Iudios pareeen los buenos, los fauorecidos de Dios, y a los que parecen malos, les promete el Reino, a los que parecen buenos se les quita: nadie confie en sus meritos, ni desconfie de sus culpas. *Confiança, y desconfiança tienen igual peligro*, conquista 10. num. 7.

DOMINGO III.

COMBATE I.

Erat Iesus eijciens Daemonium, Lucæ 11. Pondera el *Erat*, del mismo vocablo vsa San Iuan 1. c. para significarle diuino *In principio erat Verbum*, que aqui San Lucas para proponerle liberal. En Dios el ser liberal, y el ser Dios, todo es vno, y assi con vna misma palabra se significa: *Erat Verbum, erat Iesus. La liberalidad*

Edad es vna con lo diuino, conq. 2. num. 16.

COMBATE II.

Locutus est mutus. Padecia este hombre, pero perdiase en èl el padecer, por esso le sana Christo. *Es de grande estima el penar, y suele quitarlo Dios, porque no se desprecie*, c. 2. comb. 3. num. 11.

COMBATE III.

Admirata sunt turba. En publico haze el fauor, nadie puede dudar dèl, pues se admiran todos de verle. *No dexa duda en sus beneficios Dios*, c. 7. n. 13.

VICTORIA.

Si està limpia el alma, *Scopis mundatam*, como queda vencida, *fiunt nouissima hominis illius peiora prioribus.* Pelea para salir de la culpa, pero quedase en la ocasion de pecar, limpiase en la confession del pecado, pero quedase con las raizes, como la nabaja, limpia el pelo, y dexa dentro la raiz: *Sicut nouacula acuta fecisti dolum*, Psalm. 51. no es mucho embistiendola despues el demonio, quede en vez de victoriosa rendida; *Sino se pelea sin la ocasion de la culpa, no se puede salir con la victoria de la gracia*, c. 5. n. 30.

MIERCOLES IV.

COMBATE I.

Audite, Matth. 15. Porque no les dize, *Respicite*, ò *Palpate?* Quieres enseñar doctrina que creyessen por diuina, assi no pide mas de el oido. *Si ai oidos en la fé, los demas sentidos sobran*, conquista 7. num. 8.

COMBATE II.

Adhuc, & vos sine intellectu estis? Reprehende Christo à los Apostoles en la persona de Pedro, dize San Remigio in Cathena: *Quia is persona caterorum hoc dixerat: idcirco simul cum alijs à Domino reprehenditur.* La culpa no fue muy grande, con todo no la dexa passar Christo sin reprehension, eran Apostoles que mucho. *No ay culpa con que mas se prouoque Dios al castigo, que con la de vn virtuoso*, conquista 4. num. 1.

COMBATE III.

Adhuc & vos sine intellectu estis? Aun teneis imperfectiones? Es possible, parece que se admira, eran ya los Apostoles de edad, en especial Pedro con quien en persona de todos hablaua Christo, y reprehendele porq̃ siendo ya anciano no acaba de ser perfecto: *Siempre ay obligacion a ser santos, pero mas en la senectud*, conquista 5. num. 17.

VIC-

VICTORIA

De corde exeunt cogitationes malæ, adulteria, fornicationes, &c. Hæc sunt quæ coinquinant hominem. Cora-on deshonesto, ni puede dar aliento al alma ni al cuerpo, para q̃ salga con victoria: *Tierra muy deshonesta, no puede ser muy victoriosa* conq. 13. n. 32.

VIERNES IV.

COMBATE I.

Sedebat sic, supra fontem, Ioan. 4. Pondera el *sic*, fatigado como venia se sienta en el brocal del poço, auiale menester la Samaritana assi, y assi le halla. *Como ha menester vn alma a Dios, assi le halla*, c. 6. n. 20.

COMBATE II.

Da mihi bibere. Dios no quiere dar como liberal, sino como obligado, porque la obligacion aumente su liberalidad, conq. 12. n. 1.

COMBATE III.

Da mihi hanc aquam. Si se tiene vn bien del espiritu, aunque se ignore, satisface tanto, que ni da lugar a esperarle, ni à que se eche menos el tenerle, conquista 2. n. 6.

COMBATE IV.

Venite, & videte hominem, qui dixit mihi, omnia quæcumque feci. Dexò el pecar, empeço a ser santa, y luego fue Apostola, predicando en la ciudad, y conuirtiendose muchos cõ su predicacion. Grande presteza de santidad, llegar en tan breue a tanta virtud. *No està la mayor dificultad en llegar vn alma à la cumbre de la perfeccion, sino en empeçar à subir*, conquista. 12. n. 12.

DOMINGO IV.

COMBATE I.

Sequebatur eum multitudo magna Ioan. 6. Seguian a Christo dexando sus casas, su sustento, y quietud, q̃ mucho dexassen su comodidad, si teniã otra mayor, q̃ era esperar en Christo? puestas en èl las esperanças, le seguian; gloria es esperar assi. *No desespera quien espera, porque es sustituto de la gloria la esperança, y assi es todo gloria si imperfecta el esperar*, c. 13. n. 1.

COMBATE II.

Distribuit discumbentibus. Distribuyò los dos peces, y cinco panes entre la multitud que le seguia, y aunque era poco comian, y aumentauase de suerte, que de lo mismo q̃ esperauan comer comian: y assi en el mismo pan hallauan materia de esperar, y de posseer; de posseer porq̃ lo tenian, de esperar porque esperaban se auia de aumẽtar, assi da Dios los gustos cumplidos. *En esperar lo que se posee aunque imperfetamente. y en posseer lo que se espera, consiste vna gloria cumplida*, conquista 13. n. 7.

COM-

COMBATE III.

Colligite que superauerunt fragmenta. Cojen las sobras que fueron doze canastas, y cada vno de los Apostoles llena vna en los ombros, lleuenlas porque el peso les haga acordar del milagro: *Mas se acuerda el hombre del bien, por el mal que por el bien mismo*, conquista 9. numer. 14.

VICTORIA.

Quinque panes hordeaceos. Pan de zebada ha de ser el sustento de los que os siguen? Sea de trigo para que les dè mas vigor, pero sea de cenada, en quien por la aspereza se representa la mortificacion, para que en enflaqueciendo la carne tenga mas aliento el espiritu. *Las victorias del espiritu, se alcançan con debilidades de carne*, conquista 3. num. 29.

MIERCOLES V.

COMBATE I.

Expuit in terram, & fecit lutum ex sputo, Ioan. 9. Todos ven al ciego, y la masa q̃ haze Christo para saluarle, pudiera curarle à solas, y gusta que todos le vean enfermo, para que quando le miren sano, luzca mas la misericordia del que le sanó; *Quiere Dios que se descubra lo miserable, para que campee lo misericordioso*, conquista 7. n. 18.

COMBATE II.

Abijt, & venit. Fue, y laboselo, no le mandò Christo q̃ boluiesse, pero como ya tenia algo de Dios, no podia estarse allá, sino que impaciente le busca: *Buscar à Dios, nace de tenerle*, conquista 6. num. 14.

COMBATE III.

Ille homo qui dicitur Iesus. No se olvida de quien le favorecio porque se vè favorecido, antes agradecido confiessa ser Iesus el dueño de su salud. *El beneficio alcançado, ha de ser el mismo que pretendido*, conquista 8. n. 8.

VICTORIA.

Ego sum. Representa este ciego al pecador, entonces este queda con vista, con victoria de sus culpas, quando se reconoce, y humilde dize: *Ego sum*, yo soy el que fuy ciego, yo el que pequè. *Vence el pecador à la culpa, reconociendo ser vencido de ella*, conquista 4. num. 29.

VIERNES V.

COMBATE I.

Mansit in eodem loco duobus diebus, Ioan. 11. Detienese, no cõcede luego q̃ le piden las hermanas; para que se conozca su virtud es esta dilacion. *Dilata Dios la peticion, para que se conozca el merito de quien pide*, conquista 7. num. 1.

COM.

COMBATE II.

Iesus ergo vt vidit eam plorantem No se contenta la voluntad con lo que ha de gozar, en las perdidas de lo que ama, c. 6. n. 8.

COMBATE III.

Auia dicho Matta que creia: *Ego credidi*, como dize, *quatri duanus enim est*: auia lo dicho, y como el creer es virtud, no se debia de acordar, assi ha de ser para ser santos, serlo, y no acordarse que lo son, *El alma ha de ser santa sin saber que lo es*, conq. 3. num. 14.

COMBATE IV.

Lazare veni foras. La vida publica suele ser credito de la vida, c. 5. num. 24.

DOMINGO V.

COMBATE I.

Si quis sermonem meum seruauerit, mortem non videbit in aternum. Ioan. 8. Promete la vida eterna a quien obseruare sus mandatos, por aumentar el gusto promete: *Promete Dios para dar, por dar dos gustos al alma*, conq. 8. num. 14.

COMBATE II.

Abraham Pater vester exultauit, vt videret diem meum: vidit, & gauisus est: la esperança, quando se junta con la fè, mas parece posesion, que esperança, conq. 8. num. 19.

COMBATE III.

Ascondit se. Quisieronle apedrear, y fuese. Auia esta su misericordia sufrida en tantos desacatos, vio que vsauan mal de su sufrimiento, y ausentase, *Abscondit se. La misericordia por despreciada se ausentò de la tierra, dexando por sustituta suya a la justicia*, conq. 1. num. 6.

VICTORIA.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Quiere Christo entrar en la conquista de su pasion, y Capitan valeroso pone su vida à examen publico, sin temores de ser vencido. Quien empieça tan valiente la conquista, como es posible a salir con la vitoria? *El fin vitorioso de la espiritual conquista se conoce en el aliento con que el soldado Catolico la empieça*, conq. 14. num. 32.

MIERCOLES VI.

COMBATE I.

Hyems erat. Et ambulabat Iesus in templo, in porticu Salomonis, Ioan. 10. El templo significa la gloria, el imbierno la pena, andar en imbierno è los portales del templo, es dezir, que para entrar en la gloria, el camino es la pena. No pudiera darle la gloria sin la pena? No. *Quitara Dios el sabor à la gloria, si la diera sin padecer*, conq. 2. num. 1.

COM-

COMBATE II.

Quousque animam nostram tollis? Si tu es Christus, dic nobis palam? Del dudar les nacio las ansias del saber: *Para buscar vn alma a Dios ha de dudar si le tiene*, conquista 9. num. 19.

COMBATE III.

Oues meæ vocem meam audiunt, &c. & non peribunt in æternum, Teodoreto explica esto assi: *sed quomodo videmus Iudam periisse? Quia non permansit vsque ad finem. Christus autem de perseuerantibus hoc dixit*, in Cath. D. Thom. Que importa parezcan ouejas en el buscar, sino buscan con perseuerancia, essas aunque busquen no dexaran de perecer: *Sino es con perseuerancia, poco estima Dios que el alma le busque*, conquista 3. num. 7.

COMBATE IV.

Mostraua Christo su poder haziendo obras admirables, dezia que era Dios hijo de Dios; *Ego, & Pater vnum sumus*, no para aemorizar à los hombres, sino para que creyessen en èl, y le conociessen por Dios, y conocido le amassen, *Vt cognoscatis, & credatis: quia in me est Pater, & Ego in Patre. Si haze Dios ostentacion de su poder, no es porque le teman, sino para que le amen*, conquista 8. numer. 25.

VIERNES VI.

COMBATE I.

Quid facimus: quia hic homo multa signa facit. Quisieran auer quitado la vida a Christo, sienten que haga milagros, no sienten condenarle à muerte; sino que no aya muerto, no se afligen porque hazen vn decreto de que muera Dios, sino porque no le acaban de quitar la opinion con que viue. Que lastima! Que aya quiẽ cometiendo vna culpa tan atroz no sea lo que mas sienta el cometerla? *Suele sentir mas el pecador no cometer la culpa a su gusto, que cometerla*, conquista 3. num. 24.

COMBATE II.

Venient Romani, & tollent nostrum locum, & gentem, temen, y por no sufrir el miedo, se resuelven a la mas escandalosa maldad, que fue condenar á Christo a muerte. Por huir del miedo condenan a muerte a Dios. *No ay muerte como el temor*, conquista 9. num. 25.

COMBATE III.

Iesus ergo iam non in palam ambulabat apud Iudæos. Condenado Christo à muerte, no andaba en presencia de los Iudios

dios, quiza por no ponerlos en ocasion de que executassen su decreto, es condicion de Dios, *Quitar al hombre las ocasiones de pecar*, conq. 6. num. 26.

COMBATE IV.

Abijt in regionem iuxta desertum. Ausentose, viendo su agrauio, y que tan injustamente le condenauan a muerte; anduuo cuerdo. *Huir el agrauio es prudencia, porque la ofensa, mejor es para presumida, que para vista*, conq. 4. num. 24.

IVEVES SANTO.

COMBATE I.

In finem dilexit eos: Ioan. 13. Que es amar hasta el fin? Hazer por el amado, no solo lo que basta, sino lo que sobra. Pudo Christo redimir al hombre con la primera gota de sangre que derramò, y no se contenta hasta que la derrama toda en la Cruz. Esto es amar hasta el fin, querer tanto al hombre Christo, que para saluarle, no solo haga lo que es suficiente, sino lo superabundante. *Los justos por lo que tienen de amantes, no solo hazen lo que basta para serlo, sino lo que sobra*, conq. 14. n. 7.

COMBATE II.

Scicns quia omnia dedit ei Pater in manus, & quia à Deo exiuit, & ad Deum vadit. Pusose a pensar en que era Dios omnipotente: para que es esse pensamiento? Auia pensado antes en que era hombre mortal: *Sciens quia venit hora eius*, en la multitud de penas, y dolores, y luego pone-se a pensar en que es Dios, porque la imaginacion de su passion le affligia tanto, que fue cõueniente acordarse era Dios, para que aplacando la imaginacion de sus penas, con la de que era diuino, pudiesse lleuarlas. *Lo mas afligido de las penas, no es lo que dan a padecer, sino lo que dan a imaginar*, conq. 14. n. 14.

COMBATE III.

Surgit à Cana. La vltima de las tres que tuuo esta noche, se sacramenta, auia de morir entre desprecios el dia seguiente, que mucho se sacramente entre glorias esta noche. *Es cosa tan diuina el padecer, que para llegar à las penas con la veneracion que merecen, es menester passar primero por glorias*, conq. 4. num. 18.

COMBATE IV.

Vocatis me magister, & Domine, & bene dicitis. Porque dizen bien en llamarle Maestro? Porque ama, *Cum dilexisset*; y Maestro que enseña amando, buen Maestro es. *En la escuela de Dios, mas aprende*

aprende quien estudia con la voluntad, que con el entendimiento, conquista 8. num. 1.

VICTORIA

Pensò en que era Dios: *Sciens quia à Deo exiuit*, y leuantase, *surgit*; pensò en que era hombre: *Sciens quia venit hora eius*, y laua los pies a los Discipulos: *cepit lauare pedes*. Christo ha de pelear el dia siguiente, y lleuar el estandarte de la Cruz sobre sus ombros, saliendo con él en publico por la campaña de Ierusalen. El leuantarse es de quien vence. El humillarse tanto, de quien es vencido. Presagios son de lo que ha de suceder en el campo, quedar vencido en la Cruz, y vencer. Esta batalla que auia de tener Christo, era por cosa espiritual, *y en la conquista espiritual el vencer, y el quedar vencido todo es victoria*, conquista 2, numer. 28.

MAÑANA DE Pascua.

COMBATE I.

Surrexit. Marc. 16. Resucita Christo, luego se ha de aparecer a las mugeres, luego le han de ver los hombres, no querrà tener essa gloria sin ellos? *Ni ay gloria para el hombre sin Dios, ni Dios la quiere sin el hombre*, conquista 4. num. 6.

COMBATE II.

A los Apostoles embia el Angel las mugeres, *Ite, dicite Discipulis eius, & Petro*, para que estien juntos, porque vnos de otros admiten la fè de la resurrection, y assi la imiten. *Si los santos solo ven las virtudes agenas, como han de aumentar las propias?* conquista 5. num. 5.

VICTORIA.

Surrexit. Resucitò, salio victorioso de sus enemigos; y quien resucitò? Lo humano. Porque? Porque fue lo que cõquistò por el hombre. *En la conquista que es para el hombre, tiene su victoria Dios*, conq. 7. n. 32.

LVNES DE Pascua.

COMBATE I.

Incipiens à Moyse, & omnibus Prophetis interpretabatur illis in omnibus Scripturis, qua de ipso erant, Luc. 24. Eran incredulos, querian fuessen penitentes por esso los interpreta la Escritura sagrada, para que la entiendan, y la estudien. *El estudio de letras sagradas, haziendo sabios, haze penitentes*, conq. 11. n. 22.

COM.

COMBATE II.

Et ipse finxit longius ire. Asegura Dios la memoria de vn fauor, dexando en el que desear, conquista 6. num. 1.

VIERNES III.

Nonne cor nostrum ardens erat in nobis. El coraçon por llenarse todo el gusto de tener à Christo resucitado presente, no dio lugar à que los ojos le conociesen. *El coraçon es ambicioso de* [illegible]. conq. 11. num. 17.

COMBATE IV.

Nonne cor nostrum ardens erat in nobis. Ardia el coraçon; propios de principiantes en el amar son los feruores, estos discipulos ya eran antiguos amantes de Christo, con todo no oluidan los ardores con que le empeçaron à amar. *Para llegar vn alma al fin del amor, no ha de oluidar el principio del amar,* conquista 4. num. 11.

INDICE DE ESCRITVRA.

La C. significa conquista, la N. numero.

Genesis.

CAp. 1. In principio creauit Deus cælum, & terram, c. 5. n. 31. c. 7. n. 14. c. 7. n. 28. c. 12. num. 28.

Erat inanis, & vacua, c. 6. n. 35. c. 7. n. 23. c. 1. n. 29. c. 13. n. 34.

Tenebræ erant super faciem abyssi, c. 9. n 16. c. 12. n. 12.

Dixitque Deus, fiat lux. c. 7. n. 5. c. 8. n. 25. c. 12. n. 29.

Facta est lux, c. 9. n. 16.

Vidit Deus lucem quod esset bona, c. 5. n. 26.

Factum est vespere, & mane dies vnus, c. 9. n. 16.

Creauit Deus hominem ad imaginem suam, c. 13. n. 15.

Dominamini, conq. 9. n. 4.

C. 2. Morte morieris, c. 1. n. 3

De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas, c. 12. n. 3

Vt operetur, c. 2. n. 6.

Cumque obdormisset, tulit vnam de costis eius, c. 6. n. 29. c. 12. n. 30.

Hoc nunc os ex ossibus meis, c. 2. n. 9.

C. 3. In sudore vultus tui vesceris pane, c. 1. n. 12.

Eritis sicut Dij, c. 4. n. 3. c. 13. n. 15. c. eadem n. 21.

Fecit quoq; Dñs Deus Adæ, & vxori eius, tunicas pelliceas, & induit eos, c. 5. n. 33.

Ecce Adam quasi vnus, ex nobis factus est sciens, c. 8. n. 3.

Maledicta terra in opere tuo, c. 10. n. 16.

Collocauit ante paradisum voluptatis Cherubim, c. 8. n. 4. c. 9. n. 42. c. 10. n. 4.

C. 4. Vagus, & profugus eris super terram, c. 9. n 26.

Maior est iniquitas mea quã vt veniam merear, ibid.

C. 15. Credidit Abraham Deo, c. 8. n. 21.

C. 22. Obtulit holocaustum pro filio, c. 9. n. 8.

Multiplicabo semen tuum sicut stellas cæli, conq. 11. n. 3.

C. 28. Dormiuit in eodem loco, c. 11. n. 19.

C. 23. Dimitte me, c. 7. n. 3. c. 14. n. 35.

Non dimittam te, ibid.

Et luctabatur cũ eo, c. 8. n. 17

Nequaquam, inquit, Iacob appellabitur nomen tuum, sed Israel, c. 7. n. 27.

C. 4. Dormi mecum, conq: 4. n. 26.

C. 48. Extendens manum dexteram posuit super caput Ephraim minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse, c. 8. n. 11.

Exodus.

C. 3. Apparuitque ei Dñs in flamma ignis, c. 6. n. 23.

Videbat quod rubus arderet, & non combureretur, cõq. 14. n. 25.

Ne appropinques huc, c. 9. n. 15.

Ego sum qui sum. Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Iacob. Hoc nomen mihi est in æternum, c. 7. n. 31.

Versa est in colubrum, versa est in virgam, c. 10. n. 5.

C. 25. Facientque mihi sanctuarium iuxta omnem similitudinem tabernaculi, quod ostendi tibi, c. 9. n. 32.

Loquar ad te supra propitiatorium, ac de medio Cherubim, c. 12. n. 35.

Cherub vnus sit in latere vno, & alter in altero, c. 2. n. 31.

C. 32. Dimitte me, vt irascatur furor meus contra eos, c. 7. n. 4.

C. 33. Ostende mihi faciem tuam, c. 13. n. 10.

C. 34. Ignorabat quod cornuta esset facies sua. Videntes autem Aaron, & filij Israel cornutam Moysi faciem, c. 3. n. 21.

Leuiticus.

C. 2. Nec quidquam fermenti, aut mellis adolebitur in sacrificio Dño, c. 11. n. 12.

Numeri.

C. 12. Erat enim Moyses vir mitissimus, c. 7. n. 26.

Deuteronomium.

C. 32. Ascende in montem istum Abarim, & morere in mõte c. 1. n. 14.

Sicut Aquila prouocans pullos suos, & super eos volitans, c. 6. n. 7.

Concrescat vt pluuia doctrina mea, fluat vt ros eloquium meum, c. 11. n. 24.

C. 34. Mortuus est ibi, &c. Iubente Dño, c. 1. n. 14.

Iosue.

C. 1. Sicut fui cum Moyse, ita ero tecum, c. 6. n. 23.

C. 5. Vidit virum stantem cõtra se, euaginatum tenentem gladium, c. 6. n. 2, c. 7. n. 26.

C. 10. Sol contra Gabaon ne moueatur, c. 1. n. 17.

1. Reg.

C. 17. Et deposuit ea, c. 3. n. 3.

Auferam caput tuum à te, c. 9. n. 39.

Elegit sibi quinq; limpidissimos lapides de torrente, ibid.

Tulit vnũ lapidem, ibi. n. 40.

Percutiat Philistæum in fronte, ibid. n. 41.

C. 24. Propitius sit mihi Dñs, ne faciam hanc rem Domino meo, c. 2. n. 30.

2. Regum.

C. 12. Misit Dñs Nathan ad Dauid, c. 13. n. 22.

3. Regum.

C. 13. Et exaruit manus eius quam extenderat contra eum, c. 8. n. 35.

C. 19. Tolle animam meam, c. 9. n. 28.

Ecce ad caput suum subcinericius panis, c. 11, n. 8.

Operuit vultum suũ palliõ, c. 11. n. 20.

4. Re.

4. Regum.

C.2. Rem difficilem postulasti, c.5.n.13.

Si videris me quando tollar à te erit tibi quod petisti, c. 6. n.5.c.8.n.15.

Leuauit pallium Eliæ quod ceciderat ei, c.6.n.33.

Ascendit Elias per turbinem in cælum, c.8.n.4.c.13.n.12.

Viuit Dñs quia non derelinquam te, c.9.n.21,

C.5. Vade, & lauare septies in Iordane, c.10,n.19.c.4 n,30,

Iob.

C 1 Scidit vestimenta sua, & tonso capite corruens in terram adorauit, c,4,n.35,

C 7 Militia est vita hominis super terram, c,2,n,2, c,2, n,31,

C 9 Etiam si simplex fuero hoc ipsũ ignorauit anima mea, c,3,n,15,

C 38 Vbi eras quando ponebam fundamenta terræ? Cum me laudarent simul astra matutina, & iubilarent omnes Filij Dei, c.5,n,2,

Liber Psalmorum.

Ps.6. Lauabo per singulas noctes lectum meum, c, 11, n,14,

Lachrymis meis stratum meum rigabo, c,4,n,33,

Ps. 15 Dixi Dño, Deus meus es tu, c.9,n,34.

Caro mea requiescet in spe, c,13,n,4.

Non congregabo cõuenticula eorum de sanguinibus, c.14.n 8

Ps,16 Satiabor cum apparuerit gloria tua, c.2,n,2,

Ps, 21, Clamabo per diem, & non exaudies, & nocte, & non ad insipientiam mihi, c,7,n,6,

Ps.23 Eleuamini portæ æternales, & introibit Rex gloriæ? Quis est iste Rex gloriæ? c,7,n,33.

Ps,29, Quæ vtilitas in sanguine meo dum descendo in corruptionem, c,4,n.9,

Ps,32, Misericordia Dñi, plena est terra, c,1,n,9,

Ps, 33, Oculi Dñi super iustos, vultus autem Dñi super facientes mala, c,10,n,15,

Ps, 35, Dñe in cælo misericordia tua, c,1,n,9,

Corruptæ sũt cicatrices meæ à facie insipiẽtiæ meæ, c,12,n,10

Ps,50, Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam, c,10,n,8,

Libera me de sanguinibus: & exultabit lingua mea iustitiam tuam, c,8,n,12,

Ps,61, Semel locutus est Deus, c,5, n,11.

Dñe, memorabor iustitiæ tuæ solius, c,1,n,25,

Vsq; in senectã, & seniũ Deus ne derelinquas me, c.5.n.19.

Ps,79, Qui sedes super Cherubim manifestare, c,12,n,3,

Ps,81. Ego dixi dij estis, c,6,n,27

Ps. 88. Vbi sunt misericordiæ tuæ antiquæ Dñe? c,1,n,9,

Ps,89. Lætati sumus pro diebus quibus nos humiliasti, c,2,n,3,

Ps, 103, Omnia in sapientia fecisti, c, 6, n, 22,

Potabunt omnes bestiæ agri, expectabunt onagri in siti sua, c.6.n.14.c.7.n.29.

Sol cognonit occasum suũ, c.10 n.26.

Ps.115. Omnia quæcumq; voluit fecit, c.8. n.2.

Ps. 118. Iudicia tua adiuuabunt me, c.1.n.4.

Ps. 144. Prope est Dominus omnibus inuocantibus eum: omnibus inuocantibus eum in veritate, c.5.n.34.

Miserationes eius super omnia opera eius, c.14.n.28.

Prouerb.

C. 10. Argentum electum lingua iusti, c.11.n.32.

Ecclesiastes.

C.1. Terra autem in æternum stat, c.10.n.28.

In multa sapientia multa indignatio, & qui addit sapientiam addit & laborem, conq.11 num. 25.

C. 9. Sunt iusti, atque sapientes, & opera eorum in manu Dei, & tamen nescit homo vtrum amore an odio dignus sit, conq. 13. n. 3.

Canticum Canticorum.

C.1. Nigra sum, sed formosa, c.11 n 5.

Pu c ræ sunt genæ tuæ sicut turturis, conq. 13. num.29.

C.2. Ordinauit in me charitatem, c.2.n.24.

Stipate me malis, quia amore langueo, ibi.

Respiciens per fenestras, prospiciens per cancellos, conquist. 6. n.4.

C.3. Num quem diligit anima mea vidistis? c.6. n.15.

C.4. In vno oculorum tuorum, c. 5. n.3.

C.5. Oculi eius sicut columbæ super riuulos aquarum, c. 3.n. 17.

Comæ eius sicut elate palmarum, nigræ quasi coruus, c. 3. n.31.

Ego dormio, & cor meum vigilat, c.4.n.14.c.7.n.11.

Inuenerunt me custodes, qui circumeunt ciuitatem, percusserunt me, c.10.n.34.

C. 6. Quæ est ista quæ progreditur quasi aurora consurgens, pulchra vt Luna, electa vt Sol, c.12. n.23.

C.7. Egrediamur in campũ, c.14. n. 30.

C.8. Lampades eius lampades ignis, atque flammarum, conq. 4. n. 15.

Quæ est ista quæ ascendit de deserto delicijs affluens, conq. 11. n.31.

Ecclesiasticus.

C.1. Omnis sapientia à Dño Deo est, c.11.n.27.

C.11. Ante mortem ne laudes

laudes hominem quemquam, c.14.n.34.

C,27. Homo sanctus in sapientia manet sicut Sol: nam stultus vt Luna mutatur, c.11.n.34.

C.40. Vinum lætificat cor, c.5.n.14.

Surrexit Elias Propheta quasi ignis, & verbum ipsius quasi facula ardebat, c.3.n.10.c.8.n.4.

Isaias.

C,4, Nubem per diem, & fumum, & splendorem ignis flammantis in nocte, c.14, n,3

C,6, Vidi Dñm sedentem super solium excelsum, & eleuatum, c,3, n,3

Seraphim stabant super illud: sex alæ vni, & sex alæ alteri: duabus velabāt faciem eius, duabus velabant pedes eius, & duabus volabant, c,3. n,3, c, 4, n,12, c,6.n,10, c,8, n,27, c,9, n, 20, c, 10, n, 10,

Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus labijs ego sum, c, 4, n, 4, c,7, n.21, c,10, n,21, c,11, n,23

Volauit ad me vnus de Seraphim, & in manu eius calculus quem forci petulerat de altari, & tetigit os meum, c, 4, n, 4. c,10, n,21, c,12, n,36,

C, 11, Egredietur virga de radice Iesse, & flos de radice eius ascendet, c,1, n,7,

Erit sepulchrum eius gloriosum, c,14, n,23,

C, 14, In cælum conscendam, c,4, n,3,

Similis ero Altissimo, c, 13, n, 22,

C, 21, Si quæritis, quærite, conuertimini, venite, c,3, n,8,

Ieremias.

C,21, Ecce nescio loqui, misit Dñs manum suam, & tetigit os meum, c,7, n,21, c,10, n,22,

C, 25, Facta est terra eorum in desolationem à facie iræ columbæ, c,8, n,23, c,12, n,31,

Threnos.

C,2, Lauda in nocte, in principio vigiliarum c,14, n,34,

Ezechiel.

C,2, Vocem alarum animalium percutientium alteram ad alteram, c,5, n,7,

Daniel.

C,3, Video quatuor viros solutos, & species quarti similis Filio Dei, c,10, n,14,

Ioel.

C,1, Audite hoc senes, auribus percipite omnes habitores terræ, c,5, n,21,

Ionas.

C,1, Tollite me, & mittite in mare, & cessabit mare à vobis, c,4, n,34.

C, 2, Præparauit Dñs piscem grandem, vt deglutiret Ionam, c,9, n,27, c,12, n,17,

Nouum Testamentum.

Matthæus.

C, 1, Ioseph autem vir eius,

cum esset iustus, & nollet eam traducere: voluit occulte dimittere eam, c. .n.8.

C.2. Inuenerunt puerum cũ Maria matre eius, c.13. n,27.

C.3. Vidit Spiritum descendentem sicut columbam, & venientem super l:, c.6.n 21.

Sine modo, sic enim decet nos implere omnem iustitiam, c.9.n.33.

C.4. Cum ieiunasset quadraginta diebus, & quadraginta noctibus postea esurijt, c.6.n.28

C.5. Sic luceat lux vestra coram hominibus vt videant opera vestra bona, c. .n.20.

Beati qui esuriunt, & sitiunt iustitiam, c.6.n.16.

Beati qui persecutionem patiuntur propter iustitiam, conq. 8.num.23.

Beati pacifici, c.13.n.35.

C.8. Tetigit eum: c.10.n.19.

C.9. Dicebat enim intra se: Si tetigero tantum vestimenta eius salua ero, c.13.n.28.

C.11. Ipse est Elias, conq. 3. num. 14.

Mittens duos de discipulis, suis, c.5.n.20.

Venit enim Ioannes, neque manducans, neque bibens, c. 14. num.9.

C.14. Contristatus est Rex propter iuramentum, c.3. n.25.

C.15. Miserere mei Dñe fili Dauid: filia mea male à dæmonio vexatur, conq. 12. n. 11. conq. 14. num. 15.

C.16. Beatus est Simon. Absit à te Domine, c.4.n.2.

Cum ieiunaris nolite fieri sicut hypocritæ tristes, c.10. n 3

C.17. Nubes lucida obumbrauit eos, c.1. n.18.

Faciamus hic tria tabernacula? conq.3.n.5.

Transfiguratus est ante eos. Neminem viderunt nisi solum Iesum, c. .n 8.

Transfiguratus est ante eos, c.4.n.19.

Hic est filius meus dilectus, c.11 n.4.

Ceciderunt in faciem suam, c.13. n.16.

Apparuerunt illis Moyses, & Elias cum eo loquentes, conq. 14. n.21.

C.18. Semper vident faciem patris mei, c.13.n.9.

C.20. Dic vt sedeant hi duo filij mei vnus ad dexteram tuã, & vnus ad sinistram in Regno tuo, c.2.n.26.

Tradent eum gentibus ad illudendum, & flagellandum, & crucifigendum, & tertia die resurget c.10.n.32.

C.24. Quoniam abundauit iniquitas refrigescet charitas multorum, c.6.n.21.

Parebit signum filij hominis, c.14.n.24.

C.25. Ne forte non sufficiat nobis, & vobis, c.3.n, 9.

C.26. Et venit ad Discipulos suos, & venit iterum, tristis est anima mea, conq. 4.num.7.

Assump-

Assumpto Petro, & duobus filijs Zebedæi, c.4.n.20.
Pater mi, si possibile est transeat á me calix iste, c.6.n.11. & 14 num. 16.
Tunc abijt vnus de duodecim, c.10.n.9.
Tristis est anima mea, c. 10. num. 27.
C.27. Deus Deus meus, c.1. n.13. Peccaui, tradens sanguinem iustum, c.3.n.26.
Rex Iudæorum, c.9.n.4.
C.28 Accesserunt, & tenuerunt pedes eius, c.3.n.9.
Vestimentum eius sicut nix, c. 14, n.5. *Marcus.*
C. 1. Impletum est tempus, & appropinquauit Regnũ Dei, conq 4.n.18.
Vidit cælos apertos, & spiritum tanquam columbam descendentem, & manentem in ipso, c.9.n.3.
C.6. Venit ad eos ambulans supra mare, & volebat præterire eos, c.9.n.22.
C.14. Cæpit pauere, & tædere, conq.5.n.14.
Audistis blasphemiã? c.1.n.19
C. 15. Vt quid dereliquisti me? c.7. n.35.
Descendat nunc de cruce, vt videamus, & credamus, c.8.n.34
C.16. Cooperti sũ stolla candida, c.14.n.5. *Lucas.*
C.1. Ego sum Gabriel. Ecce eris tacens, c.1.n.3.
Multos filiorum Israel conuertet, c.1.n.20.
Spiritus Sanctus superueniet in te, c.8.n.28. c.12.n.37.
Vnde hoc sciam? c.11, n,18, c,13. n.17.
Dñs tecum, c.14.n.11.
C.2. Nunc dimittis seruum tuum Dñe. Tuam ipsius animam pertransibit gladius, c.11. n.10.
C.3. Genimina viperarum, quis ostendit vobis fugere à vẽtura ira? c.1,n,23.
C.8. Tetigit me aliquis? c.3.n.15
C.9. Dicebãt excessũ eius, c.1.n.18
Nesciẽs, quid diceret, c.3. n.5.
C. 11. Petite, & dabitur vobis, c,7,n,5.
C.12. Lucernæ ardentes in manibus vestris, c.3.n.20.
Si venerit in secũda vigilia, & si in tertia vigilia venerit, & ita inuenerit, beati sunt serui illi, c.5. n,22.
C,15, Non sum dignus vocari filius tuus fac me sicut vnum de mercenarijs tuis, c, 12, n,25.
C.22. Cum tetigisset auriculam eius sanauit eum, c.2.n.13.
Apparuit autẽ illi Angelus de cælo confortans eum, c,4,n,7,
Egressus foras Petrus flenit amare, c, 4,n,22.
Factus est sudor eius, sicut guttæ sanguinis decurrentis in terram, c, 5,n,14.
C,23, Obscuratus est Sol, c,1,n,7
Et nos quidẽ iuste, nam digna factis recipimus, c,2,n,26.
Domine memento mei, ibi.
Pater dimitte illis, c,4,n,9.
Hodie mecum eris in Paradiso, c, 12, n, 24.

C.24 Ipse se fingit longius ire, c.6.n.3.

Ioannes.

C.4. Da mihi hanc aquam, c.2.n.7. Da mihi bibere, c.12.n.4.

C.5. Patet omne iudicium dedit filio, c.1.n.19.

Erat autem quidam homo ibi, c.2.n.23.

C.6. Ego sum panis viuus, c.2.n.19.

Abijt Iesus trans mare Galilææ, c.4.n.27.

Vnde ememus panes, c.7.n.19

C.8. Abraham pater vester exultauit vt videret diem meum, c.8.n.22.

Ille homicida erat ab initio, c.10.n.20.

C.11. Lazare veni foras, c.5.n.25. Vt vidit eam plorantem, c.6.n.13.

Statim prodijt qui fuerat mortuus ligatus pedes, c.7.n.10

Lazarus amicus noster dormit, c.11.n.7.

C.12. Nunc iudicium est mundi, c.1.n.8.

C.13. Nunc clarificatus est filius hominis, c.9.n.9.

C.14. Ad eum veniemus, c.6.n.17.

Ille vos docebit omnia, & suggeret vobis omnia quæcumque dixero vobis, c.8.n.6.

Ego sum via, & veritas, & vita, c.10.n.33

C.15. Ille testimonium perhibebit, c.15. de me, & vos testimoniũ perhibebitis, c.6.n.34

C.16. Ille me clarificabit: quia de meo accipiet, c.4.n.16.

Expedit vobis, vt ego vadam, c.9.n.31.

C.19. Vnus militum lancea latus eius aperuit, c.5.n.12.

Inclinato capite tradidit spiritum, c.9. n.4.

Consumatum est, c.10.n.27.

C.20. Noli me tãgere, c.13.n.9

Mulier, quid ploras? c.4.n.13

Quia tulerunt Dñm meum c.7. n.9. Noli me tangere, ibi.

Accipite Spiritum Sanctum: quorum remiseritis peccata remittuntur eis, c.4.n.21.

C.21. Simon Ioannis, diligis me? c.6.n.32.

Contristatus est Petrus, c.13.n.26. *Acta* 1.n.4.

C.1. Hic Iesus qui assumptus est à vobis sic veniet, c.1.n.24.

Quid statis aspicientes in cælum? c.14. n.4.

C.2. Apparuerunt illis dispertitæ linguæ tãquam ignis, c.6. n.21. c.9.n.17.

C.7. Ecce video cælos apertos, c.2. n.12. Obdormiuit in Domino, ibid.

C.9. Erat ibi tribus diebus, non videns, c.3,n,32

Circunfulsit eum lux de cælo, c,4,n,22

Ostendam illi, quanta oporteat eum pro nomine meo pati, ibid.

Circunfulsit eum lux de cælo, Salue, Salue, c.7.n.16.

C.12. Angelus Dñi astitit. Erat

Erat Petrus dormiens vinctus catenis duabus, c.2.n.12.

In ipsa nocte erat Petrus dormiens, c.12.n.18.

Epist. Pauli Ad Romanos.

C.5. Commendat autem charitatem suam Deus: quoniam cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est, c. 8. n.26.

C. 10. Corde enim creditur ad iustitiam: ore autem confessio fit ad salutem, c.7.n.11.

C. 12. Vnum corpus sumus in Christo, singuli autem alter alterius membra, c.7.n.30.

C. 13. Sicut in die honeste ambulemus, c.5.n.27.

Ad Corinthios 1.

C. 1. Gratia vobis, & pax à Deo Patre nostro, & Domino Iesu Christo, c.2.n.18.

C.11. Hoc est Corpus meũ: Hic Calix Nouum Testamentũ est in meo sanguine, c.2.n.19.

Dominus Iesus in qua nocte tradebatur accepit panem, c.4.n.21.

C. 12. Diuisiones gratiarum sunt c.5.n.6.

Ad Philippenses.

C.2. Semetipsum exinaniuit, c.14.n.29.

C. 4. Gaudete in Domino semper: iterum dico, gaudete, c.8.n.16.

Ad Thessalonicenses, 1.

C. 4. Qui cormierunt per Iesum, c.11.n.8.

Ad Timotheum 1.

C.6. Lucem inhabitat inaccessibilem, c.8. n.5.

Ad Timotheum 2.

C.4. Reposita est mihi corona iustitiæ, c.12.n.5.

Ad Hebræos.

C.1. omnes sunt administratorij spiritus, in ministerium missi, propter eos qui hæreditatem capiunt salutis, c.2.n.31.

C. 11. Est autem fides sperandarum substantia rerum, c. 8. n.20.

C.12. Deus noster ignis consumens est, c.6.n.21.

Iacobi Epistola.

C. 1. Consideravit enim se, & abijt, & statim oblitus est qualis fuerit, c.1.n.24.

C. 5. Ecce agricula spectat pretiosum fructum terræ, conq. 13,n,2.

Petri 1.

C.1. In quem desiderant Angeli prospicere, c.18 n.9.

C 2. Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum vt sequamini vestigia eius, conq.10.n.33.

C.5, Vigilate: quia aduersarius vester diabolus tanquam

leo rugiens circuit quærens quem deuoret, c,9, n.37.

Ioannis 1.

C, 4, Deus charitas est, c,6, n, 22,

Apocalypsis.

C 1 Ego sum Alpha, c, 12, n, 2

C 4 Vidi, & ecce ostium apertum in cælo, c, 1, n, 28,

Ecce sedes posita erat in cælo, ibid.

Et iris erat in circuitu sedis, c,3,n,4,

Plena oculis ante, & retro, c. 8. n, 10,

C 5 Vidi in dextera sedentis supra thronum, librum scriptum intus, & foris, c, 11, n, 30.

C 6 Exiuit vincens vt vinceret, c, 2, n, 32,

C 12 Et mulier fugit in solitudinem, c, 4, n, 25,

C 17 Quinque ceciderunt: Vnus est, & alius nondum venit, & cum venerit, oportet illum breue tempus manere, c, 10, num, 28,

INDICE COMVN.

La C. significa Conquista, y la N. numero.

Adan.

ES amenaçado para que sea reconocido, c.1.n.3. Porq̃ padece tanto fuera del Paraiso, c.1.n.12. Mandanle que trabaje en el sitio ameno porque guste mas de estar ẽ èl, c.2.n.6. Es tan presto penitente como culpado, c.5. n.33. Porque le durmio Dios para sacar dèl a Eua, c.6.n.29. Quando obedece, sabe, c.8.n.3. Siendo él quien peeò porque se maldize la tierra? c.10 n.16. Porq̃ le quita Dios solo vn arbol c. 12. n. 3. Qual culpa era mas remisible, la suya, o la de Eua? c. 13.n.20.

Alexandro.

Solo con su esperança se juzgaua poderoso, c.13. n.5.

Angeles.

Proponen a Christo Iuez despues de auerle ocultado la nube, porque no se oluide que lo es, c.1.n.24. Porque quita el Angel de las prisiones à Pedro dexando Christo en las piedras à Esteuan? c.2.n.12. Para ellos el estar en la tierra, y en el Cielo todo es cielo, c.2. n. 31. Admiranse de ver criar à Dios, c.5.n. 2. No se les ha dado el nombre

bre de Dios como al hombre, c.6.n.27. Vn mal lado los echò del cielo, c.10. num.20. Ven à Dios, y le desean ver, c.13. n.9. Porque vieron al Angel cubierto las mugeres en el sepulcro, c.14, n.5. Fue irremediable su culpa, por ser perfeta su naturaleza, c.4.n.3.

Alma.

Estando herida de amor està en gran puesto, c.2.n.24. A la perfeta suele Dios castigar luego que se descuida, c.4.n.4. La que duerme, y vela juntamente, es señal que ama con perfeccion, c,4. n.14. Sin tener a Dios no puede buscarle, c.6.n.15. No la quietan los dones de Dios en esta vida, antes la desasosiegan, c.14. n.12.

Amor.

Es grande el que llega al fin sin oluidar los feruores del principio, c.4.n.13. Sin lengua se declara mejor, c.5. n.5. En la escuela de Dios, quien ama mas, sabe mas, c.8. n.2. Nunca vè lo conueniente, c.9.n.42.

Agrauios.

Huirlos es prudencia, c.4.n.25. c,12,n.37. *Aguila.*

Estraño modo de enseñar à bolar sus hijos, c.6.n.6.

Agradecimiento.

Blasonar despues de beneficiado, de agradecido, es mucho lucimiento, c.8.n.12.

Agua.

Porque se junta con la sabiduria, siendo simbolo desta el Sol, y predominando en aquella la Luna? c.11.n.24.

Apostoles.

Compañeros del Espiritu santo en la calificacion de la virtud de Christo, c.6.n.34.

Animo.

Cõ lo dudoso se alièta, c.9.n.23

Ausencia.

Aunque sea breue, no puede passar por ella la voluntad, c.6. n.10. Como puede la de Christo ser conueniente a vn alma? c.9. n.31. Haze Christo que se ausenta por assegurarse presente, conq.6. n.3

Aueja.

Siendo hechura suya la miel, y ella inocente, porque no la queria Dios en sacrificio? c.11.n.12

Beneficio

No parece que es Dios beneficio que no parece, c.7.n.15. Sino trae consigo algo de comodidad, no lo es, c.7.n.17. Ha de ser vno pretendido, y alcançado, c.8. n.9. Es justo se le quiten, a quien porque le tiene, le oluida, c.8.n.11.

Bienes, Bien.

Los del mundo en teniendose, como se conocẽ no se estiman, los de Dios al contrario, quando se tienen se desean, porque se conocen, c.6. nu.18. Estar el bien cerca, y dar esperança, de darle, es para aumentar el gusto de tenerle, c.8,n.16. Bien, y mal todo es hipocresia, c.10. nu.1.

Bienes,

Bienes, y males, porque los junta Dios en esta vida? c.14. n.3. No está el mal en tener los bienes téporales, sino en vsar mal de ellos, c. 9.n.35.

Bienauenturança.

Ayla en la tierra, y en que se diferencia de la del cielo, c.6.n.16

Capacidad.

A ella se ha de dar el oficio, c.7. n.28.

Cain.

Su mayor castigo fue temer, no morir, c.9.n.26.

Campaña.

No es para dormidos, c.9.n.37 En la espiritual el pelear es vẽcer, c.10. n. 32.

Carne.

Tiene algo de gloria en la sepultura, c.13.n.4.

Cherubin

El que guardaua el Paraiso por estar en humana forma, vnas vezes parecia vno, otras otro, conq.10.n.4

Christo.

Porque no entregò el espiritu, quando dize, *Deus, Deus*, sino quando dize *Pater?* c. 1. n. 13. Mas Dios parece, quando se muestra juez, que quando misericordioso, c.1.n.19. Si se tiene aun q̃ se ignorare, quieta, y sossiega al alma, c.2.n.7. Tanto vence quando vence, como quando parece vencido, c.2.n. 32. Porque empieça su predicacion por gloria, empeçádo Iuan por pena, c.4.num 18. vistese de gloria para tratar de la pena, ibi. n.19. Sacramẽtòse antes de morir, por disponerse cõ gloria para padecer, c.4. n.21. Ausentase por no verse ofendido, c.4.n.27 Teniendo en la vida penas, y en la muerte glorias, porq̃ pide al Padre le escuse el morir? c.6.n. 11. No quiere q̃ le toque Madalena por aumentarse su fè, c. 7.n.9. Hazese dudoso por causar mas ansias de buscarle, c.9.n. 22. Como es camino, verdad, y vida, c.10.n.33. Porq̃ en el Tabor es calificado por Hijo, y no en el Caluario? c.11.n.4. Viendole muerto, el morir es sueño, c.11.n.7. Porq̃ no pide al Padre en la cruz, le escuse el padecer, como lo pide en el Huerto? c. 14.n.16.

Cruz.

Escureciendose el Sol, y las Estrellas el dia del juizio, à vista de la magestad q̃ ha de traer Christo, ella no, sino q̃ lucirà a vista de aquella gloria, c.14. n. 24. Es la gloria de quien la lleua con amor, c.2.n.26.

Cielo.

Aunque sea vn cielo, no le acredita Dios mientras viue escondido, c.5 n.26. Para assegurar à Christo dichoso, se abrio en el Iordan, c.9.n.3.

Confession.

Hase de descubrir en ella la miseria, para q̃ campee mas la misericordia, c.7.n.22.

Conquista

En la espiritual el vencer, y el quedar vẽcido, todo es vencer, c.2.n. 30. Aunq̃ la huuo entre

la zarza de Moises, y el fuego, ninguno quedò vencido, c.14. n.25. En la que se empieça con lucimiento, nunca se ha de descaecer, c.14.n.25.

Confiança.

En esta vida no la puede auer, c.10.n.9. Es entendido el que confia desesperando, y desespera confiando, c.10.n.11. Cõfiar mucho, y confiar poco, todo es peligroso, c.10.n.10.

Compañia.

La mala, aun a los Angeles daña, c.10.n.20. Vn Serafin la teme, ibid.n.21. El mismo Dios la escusa, ibid.n.22.

Consejeros.

Han de proueer los oficios, segun la sed de quien los pretende, c.7.n.29. Si quieren hazer pies de la cabeça, y cabeça de los pies lo destruyen todo, ibi. n.30. No han de atender a la sangre, para poner en el puesto, sino al caudal, ibi, n.27.

Coraçon.

Haze sin dezir, por esso significa la fineza del amor, c.5.n.14. Todos los gustos quiere para sí c.11.n.18. Es ladron de placeres, c.11.n.19.

Compassion.

Si en Dios pudiera auer algo mayor, ella lo fuera, c.14.n.28.

Culpa.

Sujetarse reconocido a ella, es vencella, c.4.n.32. Despues de perdonada se ha de agradecer, y contemplar, c.10.n.8. Estar mucho en la memoria, haze q̃ no esté en la voluntad, c.11.n.14. Sin la luz de la gracia, como no se conoce, no se siẽte, c.12.n.13.

Dauid.

Porque se quitò las armas para pelear, siendo el enemigo tan valiente? c.3.n.30.

Diego Garcia de Paredes.

Peleaua venciendo, c.10.n.36.

Demonio.

Por quitar la fè del mũdo, queria q̃ baxasse Christo de la cruz c.8.n.34. Promete al hombre lo mismo q̃ tiene por quitarselo, c.13.n.15.

Desgracia.

En ella se ha de tener alegria, c. 9.n.8. En teniendola, se tiene la dicha segura, ibid.n.9.

Dicha.

Para asegurarla en esta vida, es necessario salgã fiadores cielos, hombres, y Dios, c.9.n.3. En ella consiste la desgracia, ibi.n.4. Es traza ingeniosa hazer como q̃ se pierde, para hazer q̃ sea mayor, c.13.n.10.

Dios.

Quitara el sabor a la gloria, si la dicta sin padecer, c.2.n.2. A vezes fauorece a los justos tanto, que duda si son diuinos quien los mira, c.3.n.3. Quiere que le busquen mas, y mas, c.3.nu.8. No quiere q̃ le toquen para dexarle, sino que le tengan para detenerle, ibi.nu.9. Diuide las virtudes para q̃ se junten en el alma, c.5.num.6. Sino responde quãdo le llaman, es porq̃ le llaman en mentira, c.5.n.35. Haze

q̃

q̃ se ve, y que no se ve, para que no se oluide el verle, c.6.nu.4. No tiene mas de vn modo de assistir al alma; q̃ es el de su necessidad, c.6. n.23. Aunq̃ gusta de conceder lo que le piden, la dilata, porq̃ se conozca el merito de quien pide, c.7.n.4. Parece tuuo mas lucimiento cõ criar á la tierra esteril, q̃ con criarla, c.7.n 23. En el nombre q̃ es para el hombre, pone su mayor vitoria, c.7.n. 34. No puede cõsigo, dar a entender q̃ puede, sin dar a entender que ama, c.8.n. 27. Dexòse ver de Nabucodonosor, siendo Rey sacrilego, y porq̃? c. 10.n.14. Suele dexar al alma viendola perseguida, c.10. n.34. Llamase dar, y pedir, c. 2. n.2. Pide para dar, ibi.n. 8. Como amoroso, no se solo tiene lo que le basta, sino lo que le sobra para ser Dios, c.14.n.10.

Duda.

Por no dexarla Dios en sus beneficios, al mas enemigo los aumẽta, c.7.n.16. El poder tenerla en si se tiene Dios, aumenta las ansias de buscarle, c 9.n.20.

N. Primer Padre Elias.

Muestra su amor en hazer bien sin dezirlo, c.5. n. 13. Haze en dudar los fauores por allegarlos en la memoria, c. 6. n.5. Es primer Capitan de toda la milicia religiosa, c.6.n.23. Dio á Eliseo su capa por vandera, dexando en ella por armas los tres votos substãciales de Religion, ibi. Porq̃ es visible la capa, se la dexa a Eliseo, ibid. Parece supo mas para entrar en el Paraiso, q̃ para q̃ no entrasse en el Cherubin, c.8.n.4. Promete el espiritu por dar dos gustos á Eliseo, c.8. n.15. Teme mas al temor q̃ a la muerte, c.9. n. 28. Deseando la muerte, como se le ha de obligar a viuir, y padecer? c.11. n.8. Porq̃ se cubre el rostro al passar el airecillo manso, y no el torbellino fuerte? c.11.n.20. Porq̃ en esta vida tenga toda la gloria q̃ puede, le puso Dios en vn sitio donde tenga ocasion de esperar, y de poseer, c.13.n.12.

N. P. Eliseo.

Porque no toca al leproso para sanarle? c 10.n.19.

Empache.

Para à Dios por tenerle, por no dexar de manifestar la virtud de los suyos; c.7.n.2.

Espada.

Puesta en vn braço sin esfuerço, pierde a quien la tiene, y desacredita a quié la dio, c.7.n.26

Esperança.

Si se junta cõ la fe es possessiõ, c.8.n.21. Esperar creyendo, es possecr, no esperar, ibid.n.22. No es de esperar esperar, antes es gloria aunq̃ imperfeta, c.13.n.3

Espiritu Santo.

Por lo que tiene de amor recibe el ser Dios, como si no le huuiera recibido, c.4.n. Procediendo de vn Padre, q̃ habla y de vn Hijo, q̃ es palabra, procede

de à lo mudo, c.5.n.11. Porque baxò en Christo paloma, y en los Dicipulos lenguas? c. 6. n. 21. En su espiracion llenase todas las atenciones de la voluntad del Padre, c.6.n, 21. Attribuyesele mas gracia para enseñar q̃ a Christo, c.8.n.6. No siendo Padre de Christo, porque se dize ser concebido por obra suya, c.8. n. 28. Attribuyendose al Padre el poder, porque se le attribuye el vencer al Espiritu Santo? c.8.n.3. Baxa sobre los Apostoles fuego, porq̃ abrasa y luce, c.9. n. 17. De impaciente toma alas de paloma, conq.14. num. 11.

Estudio.

El de letras sagradas haze penitentes, y doctos, c.11. nu. 23. Quiẽ mas estudia en ellas, mas llora, c.11.n.25.

Exercito.

No ha menester tanto ser copioso, como bien disciplinado, conq.9.n.40.

Fè.

Sin pies anda, y sin ojos mira c.7.n.10. Es grosseria suya pedir informe a los ojos, ibi.num.11. Dizese de lo que se haze, ib. n. 12. Da ser a la esperança, c.8.n. 20. Por quitarla del mũdo queria el demonio q̃ baxasse Christo de la Cruz, c.8. n.34.

Fenix.

Aunque viue mucho, acaba la vida como la empieça, conq. 4. num. 35.

Gabriel.

Fia mas de las penas, q̃ de las glorias, para hazer Fieles, c.1.n. 2. dispone a Maria para que sea Madre de Dios, despues de auer encarnado el Verbo en su Pureza, c.13. n.11.

Gloria.

Aumentase en el cielo, quanto mas se aumentò la pena en la tierra, c.2. n. . Para quien ama no ay gloria como la pena passada con el amado, c.6.n. 1. No se vale Christo de lo Dios, tanto como de lo hombre para entrar en ella c.7 n.31. Pierdense muchos por querer hazer gloria de los medios para alcãçarle, c.9. n.32. No parece es de Dios quando la dà al justo. c.12. n.5.

Gouierno

En el que es tirano, solo puede diuertir, saber que se ha de acabar, c.10.n.28.

Gustos.

Tenerlos en las penas, adelanta premios c.11.n.3. De ordinario son principio de dolores, c.14. n.4.

Hipocresia.

El santo, y el pecador son hipocritas, aunque con diferencia, c.10.n.3.

Hombre.

Mas digno es de reprehension porque oluida a Dios juez que misericordioso, c.1. n.2. Porq̃ le crió Dios en la tierra, si le crió para el cielo? c.2. n.2. No quiere Dios gloria sin èl. c.4. nu. 9. Hasele dado nombre de Dios, y no

y no al Angel, c.6.n.27. A titulo de q̃ ha peleado por el hombre, pretende la gloria Dios, c.7. n. 33. Acuerdate mas del bien por el mal, que por el bien mismo, c.9.n. 15. ni puede sufrir el esperar ni el tener, c.13. n. 16. Quando se le da lo q̃ desea, tiene duda, y quando no se lo dan impaciencia, c.13 n.17.

Humanidad.

A la de Christo se le da la gloria de auer vencido, porque peleò por el hombre, c.7.n.33.

Iglesia.

Tener Predicadores eloquẽtes, y profundos, la eleua, y diuierte, c.11.n.31.

Injuria.

Sino se oluida dificultosamente, se perdona, c.12.n. 38.

Inocencia.

Empachase de verse venerada, c.13.n.27.

Imaginacion

Aflige mas que la verdad, c.14. n. 15. no se tiene por mal el q̃ se tiene, sino el que se imagina, ibi. n. 17. *S. Ioseph.*

Quando siente a su Esposa preñada, a q̃ lo ignora, se alla mas que afligido, alegre, c.2.n.8.

S Iuan Baptista.

Pareciera Dios, si como conuirtio à muchos, conuirtiera à todos, c.2. n.20. Aun q̃ siempre fue Santo, procurò serlo mas quando fue el fin de sus dias, c.5.n.20. *Iuezes.*

Lo primero que se ha de oir de ellos es el nõbre de carisatiuos c.12.n.28. Quando obran como justos, han de tener palabras amorosas, ibi.n.29. Su ira ha de ser de paloma, ibi.n.31. Como ha de castigar culpados, ibid. n. 32. Son hipocritas, pues nunca son lo que parecen, ni parecen lo que son, c.10.n.5.

Iudas.

Queria ser traidor honrado, c. 3.n.26.

Iuizio.

Su memoria es mas poderosa q̃ la del premio, para hazer santos c.1.n.4. Acordarse dèl haze victoriosos antes que acaben de conquistar, c.1.n.28.

Iustos.

Tienen miedo de entregar el alma à Dios como Dios, c.1. n.14. Conocese q̃ lo son, quando no solo no comunican con los pecadores, sino que no los nombran, c.14.n.8.

Lançada.

Porque se la dieron à Christo en el costado despues de muerto? c.5.n.12.

Lengua.

La del Predicador ha de ser plata labrada, c.11.n.32.

Liberalidad.

Por ser mas liberal, se dio Christo Sacramentado, y diuidido, c.2.n.19. Es lo mismo ser liberal q̃ ser Dios, ibid.n.17. Adeudase Dios de pobre poderoso por solo ser liberal, conq. re. num. 6.

Lumbre de gloria.
Porque es lumbre lo que ocupa el entendimiento del bienauenturado? c.8. n.5.

Luz,
Deslumbra los ojos, por esso quiere Christo la lleuen los suyos en las manos, c.3 n.20. Habla Dios para hazerla, y no para hazer el cielo, ni la tierra, c.7 n.15 Hermanala con tinieblas, porq̃ no se oluide de quien la hizo tan lucida, c.9.n.16.

Maestros de spiritu,
Mas importa q̃ tengan buena voluntad, q̃ buen entendimiẽto, c.8.n.7.

Males.
Algunos se sujetan, sujetandose primero a ellos, c.4. nu.35. No son tan malos para padecidos, como para imaginados, conq. 14. num. 18.

Marte.
Siendo Dios de las batallas, fue vencido con vna red delicada, conq. 13.n.36.

Martires.
En el prometerles el Reyno del cielo, se le dan, c.8. n. 23.

Milagros.
Multiplicalos Dios para assegurar vnos con otros, c.7.n.14.

Minerua.
Diosa de la sabiduria, hija de Neptuno, y de la laguna Tritona c.11.n.26.

Miseria.
Quanto mas se descubre, tanto mas campea la misericordia, c. 7. num.21.

Misericordia.
Ya se marchitò, c.1.n.7. Quando mas quiere lucir, se descubre mas la justicia, ibid, n.8. Ausentôse de la tierra, ibid.n.9.

Mocedad.
En ella se han de solicitar con mas eficacia auxilios diuinos, para no caer, c.5.n.19.

Muerte.
Aflige a quien llega sin auerse muerto a ella, c.12.n.17. Facilitase con la costumbre, ib.n.18. Mejor es pagar a plazos el censo del morir, q̃ pagar junta la deuda, ib.n.20.

Necessidad.
Conforme la tiene el alma, assi halla à Dios, c.6, n 24.

Nobleza.
Si es compassiua siempre es venerada, c.14.n.29. Para obligar a compassion, no ay medio como acordar la nobleza, ib.n.30

Obediencia.
Para saber de Dios, no ay otro estudio como obedecer, c.8, n.3

Ocasion.
Aunque sea vn cielo, no ha de tener lucimiẽtos, si primero no quita la ocasion donde ay peligros, c.5.n.31. Es lo mismo que caer, ibi, n.35. Quita Dios la ocasion de pecar. c.6.n.28.

Ofensa.
Por no parecer vn hombre que la haze, puede parecer cobarde, c.4.n.26. Ser vista, y ser perdonada, es casi imposible, c 12. num. 35.

Oficio.

Quitasele la essencia en dandosele alincapaz, c.7.n.31. Aũ cielo sino es capaz, no se le ha de dar el oficio que pretende, c.7. n.27.

Ojos.

Son del gusto de Dios, porque viendo a todos, no se ven à si mismos c.5. nu.3. Los de Dios son del justo y el rostro del pecador, c.10.n.15.

Pablo.

Quedó ciego despues de rendido, para enseñarle con q̃ armas auia de pelear para vencer, c.3. n.32. Porq̃ siendo pecador, empieça su conuersion por gloria, y no por pena? c.4.n.22.

Padecer.

Porq̃ no se malogre en Malco, le sana Christo la oreja, c.2.n.13 Es gran cosa padecer por amor, c.2.n.23.

Paz.

Para q̃ la aya en vn Reino, es necessario q̃ no aya luxuria, c. 13.n.35.

Pedro.

En el Tabor fue ignorante, pero no imprudente, c.3.n.5. Conocese su mucha virtud, en la mucha reprehension de sus faltas, c.4.n.2. Hazele dezir Christo su amor, para q̃ su virtud sea calificada de hombres, c.6. nu. 32. Auerguençase de la virtud, c.13.n.26.

Pecado.

Y gracia, pueden estar en vn alma pero no en vna potencia, c. 11.n.15. Es animal q̃ hiere, sin q̃ se sienta la herida, c.12. nu.14. Porque se castigo el de Angel con mas rigor que el del hombre? c.13.n.21. El que se comete con resistencia, mas facilmẽte se perdona, q̃ el que se comete sin ella, ibi n.22.

Pecador.

Suele afligirse mas por no cometer la culpa à su gusto, q̃ por cometerla, c.3.n.25. Quãdo pelea con la culpa, quanto mas se humilla mas vẽce, c.4.n.30. No puede dezir, Dios es mi Dios, c. 9.n.34. Por mucho poder que traiga cõtra él la culpa, solo cõ rendirse la vence, c.4.n.34. Viue escondido, c.5. n.25. Como no siẽte el estrago q̃ haze en èl la culpa, no procura remediarla, c.12,n.11.

Pedir.

Da lugar a q̃ le pidan Dios, por dar à conocer à quien pide, c. 7.n.5. No es ignorancia pedir à Dios, aunque no dé, ibid.n.6.

Peligros.

Igualmente los tienen el justo, y el pecador, c.10.n.8.

Penas.

Por la gloria se ha de ir á ellas, c.4.n.20. Las q̃ se acaban, antes han de causar alegria, q̃ pena. c. 10.nu.27. Deseanse quando se mira q̃ Christo ha de padecer, c. 11.n.9 Son parientas de la diuinidad, c.14. n.21. A vista de lo Dios lucen, ibi.n.22.

Perseuerancia.

Parece duda Christo como tocãdole sin ella, perseuere la virtud de auerle tocado. c.3.n.11. Poco à poco lima Dios se llegue à él,

èl, sino es con ella, ibid. n. 9.

Prelados.

Han de tener ojos antes, y despues, y porque, c. 8. n. 10.

Poder.

Para ser amados, no para ser temidos se ha de mostrar, c. 8. n. 26.

Predicador.

Para rendir almas ha de ser eloquente, y sutil, c. 11. n. 30.

Principio.

Si es perfecto en èl, se puede alabar, c. 14. n. 34.

Priuado.

No se le ha de dar el puesto por que lo es, sino porque sea capaz para èl, c. 7. n. 26.

Promesa.

Hazela Dios para aumentar el gusto de la dadiua, c. 8. n. 17.

Rey.

Quando parece hombre en el llorar las culpas, entonces es Rey en las virtudes, c. 4. n. 33. El q̃ elige cõ ojos abiertos sus exercitos, antes de pelear puede asegurarse el vencer, c. 9. n. 39. El q̃ no tiene ojos, no puede tener victorias, c. 9. n. 41. Porq̃ es mejor para Rey vn Cherubin, q̃ vn Serafin? ibid. n. 42. Importale mucho tener quiẽ con resolucion santa le desengañe ibi. n. 43.

Reynos.

Aumentanse cõ poder, y amor, c. 8. n. 30. Quan trabajosos son, c. 9. n. 5. Inclinó Christo la cabeça al morir, para dezir q̃ vn Reino auia sido su homicida, c. 9. n. 4. Porq̃ se destruyen, c. 9. n. 43. Los deshonestos no pueden ser pacificos, c. 13. n. 35.

Reprehension.

Viuir en publico, sin poder ser reprehendido, es credito del viuir c. 5. n. 28.

Sangre.

No se ha de proueer en ella el oficio, sino en la capacidad del sugeto, c. 7. n. 27.

Santos.

Tan parecidos à Dios q̃ es facil tenerlos por èl, c. 3. n. 4. Quanto mas se desconocen, mas son estimados del mundo, c. 3. n. 19. Han de tener luzes en las manos porq̃ no puedan ver sus aciertos, c. 3. n. 20. y 21. Son cabellos de Christo, para estar en su cabeça hanse de presumir pecadores, c. 3. n. 31. Han de viuir jũtos para aumentar el serlo, c. 5. n. 7. Viuen en publico, c. 5. n. 25. Los que son amantes hazen lo suficiente, y lo superabundante para serlo, c. 14. n. 9.

Serafines.

Por ser todos amor, buelan, y estan quietos, c. 4. n. 12. No se atreuen a tocar los labios de Isaias, c. 10. n. 21.

Señores

En viẽdolos cõpassiuos, se conoce ser de ilustre sangre, c. 14. n. 50.

Sermones

Han de tener sustancia, y accidentes, c. 11. n. 29.

Soberuia.

Es lo q̃ se ha de temer mas en la virtud, c. 3. 17.

Sol.

Porque se escurecio en la campaña de Ierusalen, y resplandecia mas ẽ la de Iericó? c. 1. n. 17.

Muere

Muere de su vida, y viue de su muerte, c.9.q.12. camina alegre al morir porq̃ sabe q̃ su muerte tiene fin, c. 10. n.26. Hazelele facil la muerte, porq̃ esta acostumbrado a morir, c.12.n.19.

Soldado.

El espiritual ha de pelear, como quien vence, c.10.n.35.

Tabor.

Porq̃ se escurecio é̃ èl la gloria, despues de auer hablado Christo y no antes? c.1.n.18. Acabase en él la gloria para Dios, porq̃ se acaba para el hõbre, c,4.n.8.

Temor.

Anda junto con la esperança, c.8.n.24. Mas se ha de temer la prosperidad, q̃ la aduersidad, c. 9 n.13 Viue muerto, quien viue temeroso, c.9.n.27.

Tentacion.

Aunque al fin se consienta, es bueno resistirla, c.13.n.23.

Tierra.

No se ha de hazer de ella cielo, c.9.n.33.

Trinidad.

Siendo indiuisa, porq̃ dize Christo que vendra con el Padre en vn alma justa, y no dize q̃ vendrà à ella el Espiritu Sancto? c.6.n.17.

Venus.

Es causa de q̃ no aya victorias, y q̃ se assuelen Reinos, c.13.n. 34.

Verguença.

A la de tener el gusto de sus aciertos, como si fueran faltas, c. 13.n.29. Con ella se ha de empeçar la vida, y nunca se ha de dexar, ib n.30.

Verbo Diuino.

Lleuase en su generacion todas las atenciones del entendimiẽto del Padre, y porq̃, c 6. n. 32.

Victoria.

Quien pelea con armas de fè, siẽpre la alcança, c.8.n.35. Quiẽ vence, ha de hazer cuenta q̃ ha de boluer luego à pelear, para conseruar el vencer, c.9. nu.37. Pronosticase en el principio de la c. c. 14.n.34.

Vida.

Hase de viuir de suerte q̃ todos lo puedan ver, c.5.n.27.

Viejos.

Han de ser cielos de virtud, c. 5 n.21. Suponese han de ser Santos ibid.n. 22.

Virtud.

Hase de ignorar para conseruarse, c. 3.n.18. Aunque es toda Sol, tiene propriedades de sombra, c.5.n.8. En todo tiempo se puede estudiar, c.5.n.17. Sino es para el mundo, aunq̃ lo sea, es, y no es, c. 6. n. 35. La mayor dificultad està en empeçarla bien, c.12.n.23. No se puede dar a conocer sin sacar colores al rostro, c.13.n. 8.

Voluntad.

Ha de hazer oficio de entendimiento, y el entendimiento de voluntad, para que la virtud no peligre, c.3. n.15. En lo diuino quien estudia con ella, sabe mas que guien estudia con el entendimiento, c 8.n.1.& 2.

LAVS DEO.

VNIVERSIDAD DE NAVARRA

Sala R
Gab.
Est.
Tab. 13
N.º 8